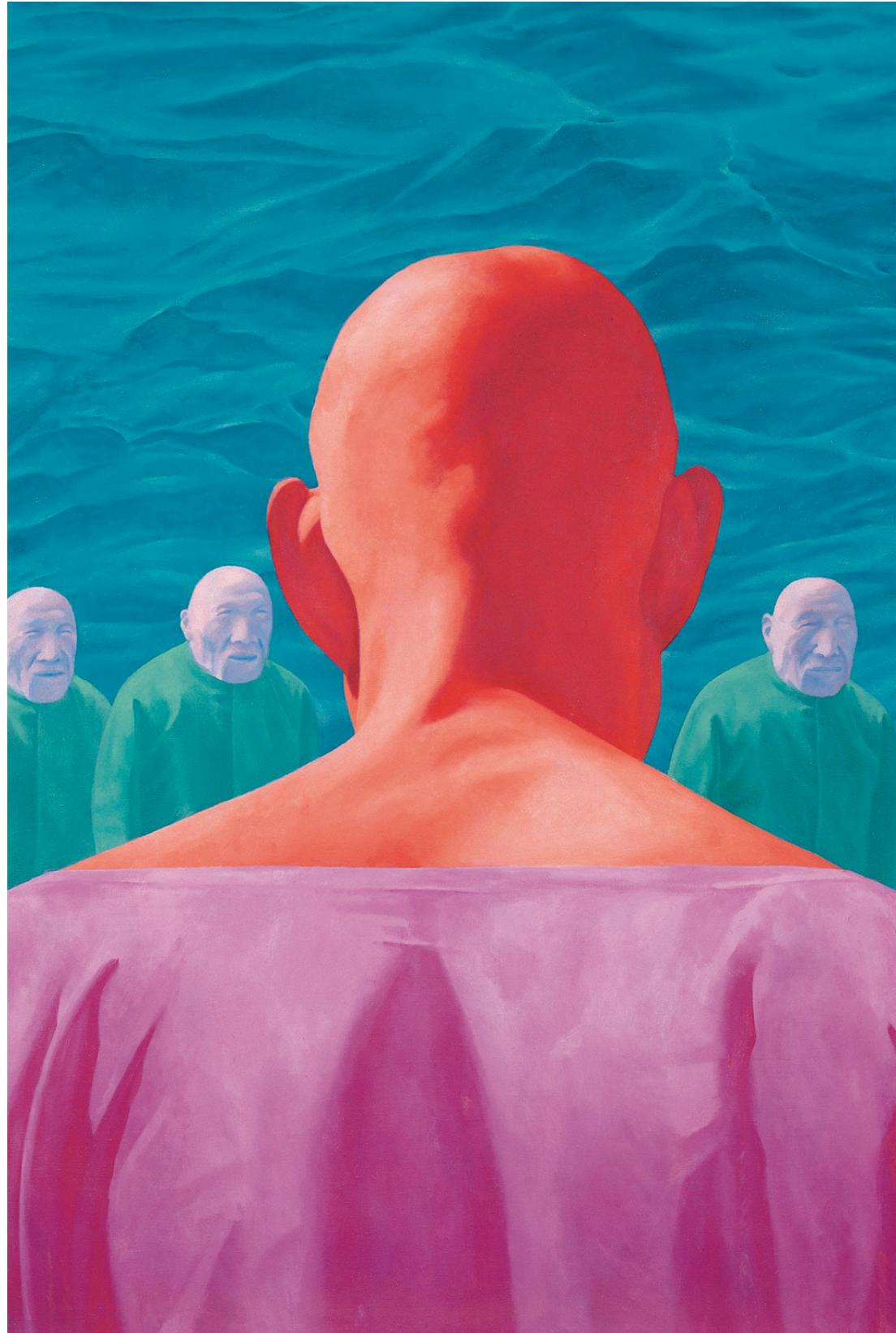


FÓRUM

L I N G U Í S T I C O



UNIVESIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Ubaldo Cesar Balthazar

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnoldo Debatin Neto

VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Sandra Quarezmin

SUB-CHEFE | Mauri Furlan

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

COORDENADOR | Atilio Butturi Junior

VICE-CORDENADORA | Cristine Gorski Severo

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Lingüística

CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/index> Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
 Universidade Federal de Santa Catarina. v. 17, n. 1 (2020)
 Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
 em Lingüística, 2019 –

Trimestral
 Irregular 1998-2007;
 Resumo em português, espanhol e inglês
 A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
 pISSN 1516-8698
 eISSN 1984-8412

1. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
 Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
 Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

CAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br>

DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>

Diadorim - <http://diadorim.ibict.br>

Dialnet - <https://dialnet.unirioja.es>

DOAJ - <https://doaj.org>

EBSCO - <http://www.ebsco.com>

Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net>

Latindex - <http://www.latindex.org>

Sumários.org - <http://www.sumarios.org>

Redib: <https://www.redib.org>

F ó R U M L I N G U Í S T ! C O

VOLUME 17 | NÚMERO 1 | JAN./ MAR. 2020

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 17 | n.1 | p. 4328-4571 | jan./ mar.2020.

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Edair Maria Gorski . UFSC, Florianópolis, BR | Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR | Leandra Cristina de Oliveira . UFSC, Florianópolis, BR | Maria Inez Probst Lucena . UFSC, Florianópolis, BR | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Agata Lechner. UFSC, Florianópolis, BR | Aline Aline Francieli Thessing. UFSC, Florianópolis, BR | Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR | Anderson Jair Goulart. UFFS, Erechim, BR | Camila de Almeida Lara. UFSC, Florianópolis, BR | Cláudia Garibotti Bechler. UFSC, Florianópolis, BR | Domingos Soares. UFSC, Florianópolis, BR | Eric Duarte Ferreira . UFFS, Chapecó, BR | Gabriel Neves Flaquer. UFSC, Florianópolis, BR | Lygia Barbachan Schmitz. UFSC, Florianópolis, BR| Priscila de Souza UFSC, Florianópolis, BR | Suziane da Silva Mossmann- UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva** . UFPR, Curitiba, BR | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till** . UFPR, Curitiba, BR | Ana Demeurt . University of Cape Town, África do Sul | **Angela Bustos Kleiman** . UNICAMP, Campinas, BR | Ani Carla Marchesan . UFFS, Chapecó, BR | **Benedito Gomes Bezerra** . UFP, Recife, BR | Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz, GER | **Bento Carlos Dias da Silva** . UNESP, Araraquara, BR | Charles Briggs . UC Berkeley, EUA | **Christina Abreu Gomes** . UFRJ, Rio de Janeiro, BR | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha** . UFPE, Recife, BR | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato** . UNICAMP, Campinas, BR | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza** . UFSM, Santa Maria, BR | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen** . UNISUL, Tubarão, BR | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho** . UFPI, Terezina, BR | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser**, Universität Konstanz, GER | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura** . UFSC, Florianópolis, BR | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **Jerry Lee**, University of California at Irvine, EUA | João Carlos Cattelan . UNIOESTE, Cascavel, BR | **João Wanderley Gerald** . UNICAMP, Campinas, BR | José Luís da Câmara Leme . Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT | **Leonor Scliar Cabral** . UFSC, Florianópolis, BR | Letícia Fraga . UEPG, Ponta Grossa, BR | **Lilian Cristine Hübner** . PUCRS, Porto Alegre, BR | Lucília Maria Sousa Romão . USP, Ribeirão Preto, BR | **Luiz Francisco Dias** . UFMG, Belo Horizonte, BR | Lurdes Castro Moutinho . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | **Marci Fileti Martins** . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | Marco Jacquemet. University of San Francisco, EUA | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka** – PUCSP, São Paulo, BR | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio**, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, PT | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão** . UFJF, Juiz de Fora, BR | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira** – UFF, Niterói, BR | **Marígia Ana de Moura Aguiar** . UNICAP, Recife, BR | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti** . UFSC, Florianópolis, BR | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz** . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX | Nívea Rohling da Silva. UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel** . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX | Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni**, Universidade Estadual da Pensylvania, EUA | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff** . UPF, Passo Fundo, BR | **Tommaso Milani**, University of Gothenburg, Suécia | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão** . UFG, Goiânia, BR | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Fang Lijun, 'Untitled / Sem título' (1995), oil on canvas
Fang Lijun – China

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN
Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / Presentación / Presentation	4339
 ATILIO BUTTURI JUNIOR	
 ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE	
 EMERGÊNCIA DE DAR PRA/DE NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA AUXILIARIZAÇÃO MODAL DEÔNTICA Emergencia de dar pra/de en el dominio funcional de la auxiliarización modal deóntica Emergency of dar pra/de in the functional domain of deontic modal auxiliarization	 4342

EDAIR MARIA GÖRSKI

-
- A VERIFICAÇÃO SEMÂNTICA DE ESPECIFICAÇÃO DE TRAJETÓRIA PARA VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONADO – OS TESTES DE A DJUNÇÃO E DE PARÁFRASE |**
La verificación semántica de especificación de trayectoria para verbos de movimiento dirigido – pruebas de adjunción y de paráfrasis | Semantic verification of path specification for directed motion verbs – adjunction and paraphrases tests

4357

MORGANA FABIOLA CAMBRUSSI E TALITA VERIDIANA HACK POLL

-
- ASPECTOS DA DIMENSÃO DISCURSIVA DA MEMÓRIA NOSTÁLGICA: UMA ANÁLISE DE EDITORIAIS DA REVISTA FERROVIA |**
Aspectos de la dimensión discursiva de la memoria nostálgica: un análisis de editoriales de la revista Ferrovia |
Aspects of the discursive dimension of nostalgic memory: an analysis of revista ferrovia editorials

4376

ALANA DESTRI E ANSELMO LIMA

-
- O DISCURSO DE AMOR EM CANÇÕES: AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DA DOR E DA SAUDADE |**
El discurso de amor en canciones: las formaciones discursivas de la dolor y de la nostalgia |
The discourse of love in songs: discursive formations of pain and nostalgia

4389

ADELINO PEREIRA DOS SANTOS

-
- A CONSTRUÇÃO DO HUMOR PELA POLIFONIA E INTERTEXTUALIDADE NO VÍDEO “É PAU, É PEDRA” |**
La construcción del humor a través de la polifonía y intertextualidad en el video “É pau, é pedra” |
The construction of humor through polyphony and intertextuality in the video “É pau, é pedra”

4398

FERNANDA TROMBINI RAHMEN CASSIM E BRUNO FRANCESCHINI

A POBREZA E SUAS FACES EM RETRATO NAS NOTÍCIAS: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA E CRÍTICO-DISCURSIVA | *La pobreza y sus caras en retratos en las noticias: un abordaje diacrónico y crítico-discursivo* | Poverty and its faces in portraiture on the news: a diachronic and critical-discursive approach

4414

FÁBIO FERNANDO LIMA

TRADUÇÃO / TRADUCCIÓN / TRANSLATION

ESTILÍSTICA DE CORPUS: UMA PONTE ENTRE OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS | *Corpus stylistics: bridging the gap between linguistic and literary studies*

4430

MICHAELA MAHLBERG | TRADUÇÃO DE RAPHAEL MARCO OLIVEIRA CARNEIRO E ARIEL NOVODVORSKI

DOSSIÊ / DOSIER / DOSSIER

APRESENTAÇÃO / PRESENTACIÓN / PRESENTATION

4453

ADAIR BONINI

ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE

- LOS RECORDATORIOS DE LOS DESAPARECIDOS DURANTE LA ÚLTIMA DICTADURA ARGENTINA (1976-1983): ANÁLISIS CRÍTICO DEL GÉNERO | Os recordatórios dos desaparecidos durante a última ditadura Argentina (1976-1983): análise crítica do gênero | The reminder of the missing people during the last Argentine dictatorship (1976-1983): critical analysis of the genre**

4456

GRACIELA MAZUR GEINSES

- O PROGRAMA ELEITORAL EM UM PLEBISCITO DE DIVISÃO DO ESTADO DO PARÁ E O USO DO DISCURSO PATRIÓTICO PARA A CONSTRUÇÃO SIMBOLICA DO TERRITÓRIO E DOS AGENTES ENVOLVIDOS | El programa electoral en un plebiscito/referendo de división del estado de Pará y el uso del discurso patriótico para la construcción simbólica del territorio y de los grupos de interés involucrados | The electoral program in Pará state division plebiscite and the use of patriotic discourse for the symbolic construction of the territory and agents involved**

4474

CARLOS BORGES JUNIOR

A(RE)CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES NA SESSÃO DE GRUPO SOCIOEDUCATIVO La (re) construcción de la masculinidad en la sesión del grupo socioeducativo The (re)construction of masculinity at the socio-educational group session	4492
--	------

VANESSA ARLESIA DE SOUZA FERRETTI

A PUBLICIDADE DA JOHNNIE WALKER E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ASCULINAS NA MODERNIDADE TARDIA La publicidad de Johnnie Walker y la construcción de identidades masculinas en la modernidad tardía Johnnie Walker's advertising and the construction of male identities in late modernity	4517
---	------

ANA PAULA FLORES

LA ALFABETIZACIÓN DIGITAL EN EL “ESCRITORIO FAMILIA” DEL PROGRAMA CONECTAR IGUALDAD: ENTRE EL MANUAL DE LA NETBOOK Y EL GOBIERNO DE LA FAMILIA Alfabetização digital na “área de trabalho da família” do programa Conectar Igualdad: entre o manual do netbook e a governança da família Digital literacy in the “family desktop” of Conectar Igualdad program: between the netbook user manual and the family’s governance	4540
--	------

MAITE MARTÍNEZ ROMAGOSA

FIRMÁ ESTA PETICIÓN: DISCURSOS A FAVOR Y EN CONTRA DEL VOTO EXTERIOR PARA URUGUAYOS EN CHANGE.ORG Assine este abaixo-assinado: discursos a favor e contra o voto estrangeiro para os uruguaios em change.org Sign this petition: for and against discourses on external voting for Uruguayans on change.org	4556
--	------

NOELIA CARRANCIO PASILIO

FÓRUM LINGÜÍSTICO

APRESENTAÇÃO

VOLUME 17, NÚMERO 1, JAN./MAR. 2020

A primeira edição da *Fórum Linguístico* de 2020 (*FL*, v. 17, n. 1, jan./mar. 2020) finalmente está on-line e conta com treze textos (doze artigos e uma tradução), divididos entre aqueles que são de temática livre e os que compõem o *Dossiê Análise crítica de gêneros do discurso*, organizado pelo pesquisador Adair Bonini, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesta apresentação, restrinjo-me aos sete textos que perfazem a primeira parte; os demais têm apresentação feita pelo professor Bonini (p. 4453-4455). Início, pois, com a primeira parte, que tem como primeiro artigo o trabalho da pesquisadora **Edair Maria Görski**, da Universidade Federal de Santa Catarina. Intitulado **Emergência de *dar pra/de* no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica**, o escrito parte do funcionalismo e dos conceitos de gramaticalização, domínio funcional e modalidade para investigar dados de fala do projeto Varsul, sustentando a hipótese de que *dar pra/de* podem ser situados numa interface entre gramaticalização e variação.

O segundo dos artigos desta **Fórum Linguístico, A verificação semântica de especificação de trajetória para verbos de movimento direcionado – os testes de adjunção e de paráfrase**, é de autoria de **Morgana Fabíola Cambrussi e Talita Veridiana Hack Poll**, pesquisadoras da Universidade Federal da Fronteira Sul. No texto, as autoras tomam por objeto os verbos de movimento direcionado do PB e aplicam a eles testes de adjunção e paráfrase. Tendo como ponto de partida a semântica lexical e cognitiva, o problema levantado por elas é o de “[...] identificar como se podem precisar os verbos que lexicalizam movimento direcionado por uma trajetória, mas não determinam a direção em que o movimento se desenvolve.” (p. 4358, grifos das autoras).

Terceito artigo da presente edição da **Fórum, Aspectos da dimensão discursiva da memória nostálgica: uma análise de editoriais da revista Ferrovia** está entre os textos que, neste número, tomam os estudos discursivos como ponto de partida. Escrito por **Alana Destri e Anselmo Lima**, pesquisadores da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (e aqui nas versões em PB e em inglês), o escrito toma como *corpus* de análise editoriais da revista *Ferrovia* publicados entre 1935 e 2017. Sob a égide do Círculo de Bakhtin e da discussão sobre os discursos e a memória, Destri & Lima voltam-se para a nostalgia, entendida como fenômeno sínico e ideológico.

Adelino Pereira dos Santos, pesquisador da Universidade do Estado da Bahia, é o autor do quarto artigo da primeira edição da **Fórum Linguístico de 2020 (v. 17, n. 1), O discurso de amor em canções: as formações discursivas da dor e da saudade**. Santos inscreve-se na tradição da Análise do Discurso Francesa e no trabalho de Eni Orlandi e investiga a fórmula “Eu te amo” em canções brasileiras e norte-americanas, buscando inventariar os efeitos de sentido e a relação entre enunciados e formações discursivas.

Indo adiante e ainda no campo do discurso, o quinto dos artigos desta **Fórum** é **A construção do humor pela polifonia e intertextualidade no vídeo “É pau, é pedra”**, escrito pelos pesquisadores **Fernanda Trombini Rahmen Cassim** (docente da rede particular) e **Bruno Franceschini** (Universidade Federal de Goiás | Regional Catalão). O artigo ampara-se na problematização sobre a heterogeneidade e a polifonia discursivas para analisar um vídeo do canal Porta dos Fundos, no qual a heteronormatividade é colocada em xeque a partir de vários efeitos produzidos pelo humor, marcados na materialidade linguístico-visual.

O último dos artigos da primeira parte da **Fórum Linguístico, A pobreza e suas faces em retrato nas notícias: uma abordagem diacrônica e crítico-discursiva**, do pesquisador **Fábio Fernando Lima**, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, desde a Análise Crítica dos Discursos, analisa jornais paulistas do séculos XIX, XX e XXI e a produção de desigualdades em relação a grupos socialmente vulneráveis, marcadas por práticas discursivas de persuasão e controle.

A primeira parte da **Fórum** é encerrada com **Tradução** (realizada por **Raphael Marco Oliveira Carneiro e Ariel Novodvorski**, da Universidade Federal de Uberlândia) do capítulo **Estilística de *corpus*: uma ponte entre os estudos linguísticos e literários**, escrito pela pesquisadora **Michaela Mahlberg** (Universidade de Birmingham) e publicado originalmente no livro *Text, Discourse and Corpora: Theory and Analysis* (2007), organizado por Michael Hoey, Michaela Mahlberg, Michael Stubbs e Wolfgang Teubert.

Textos da primeira parte apresentados, gostaria de remeter leitores e leitoras – a quem agradeço pelo apoio contínuo – à apresentação do *Dossiê*, que já mencionei. Depois disso, gostaria de fazer os agradecimentos: ao professor Bonini, organizador do *Dossiê*, ao grupo de pareceristas *ad hoc* da edição, aos revisores e revisoras da revista, aos editores e ao Conselho Editorial, aos diagramadores e aos artistas gráficos. Além dessas colaborações, a *Fórum* não seria possível sem o apoio do Setor de Periódicos da Biblioteca Universitária da UFSC e sem o Programa de Pós-Graduação em Linguística e o PROEX-CAPES.

Espero que por mais um ano possamos, aqui da *Fórum*, dar a ver o que de mais interessante se produz nos estudos sobre a linguagem. Boa leitura!

ATILIO BUTTURI JUNIOR

Editor-chefe

EMERGÊNCIA DE *DAR PRA/DE* NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA AUXILIARIZAÇÃO MODAL DEÔNTICA

EMERGENCIA DE *DAR PRA/DE* EN EL DOMINIO FUNCIONAL DE LA AUXILIARIZACIÓN
MODAL DEÔNTICA

EMERGENCY OF *DAR PRA/DE* IN THE FUNCTIONAL DOMAIN OF DEONTIC MODAL
AUXILIARIZATION

Edair Maria Górski*

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O objetivo deste trabalho é buscar evidenciar, sincronicamente, o uso de *dar pra/de* como um “modal emergente” (KRUG, 2001) no domínio funcional da auxiliarização deôntica. Numa abordagem funcionalista da língua, são mobilizadas as noções: i) de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), considerando os princípios de camadas e de divergência (HOPPER, 1991) e o conceito de domínio funcional (GIVÓN, 1984, 2002); e ii) de modalidade (BYBEE *et al.*, 1994; GIVÓN, 2001, 2005). Na descrição do funcionamento de *dar pra/de* INF, são consideradas tanto as alterações na configuração sintática da construção com reflexos no estatuto categorial do item, como o valor modal envolvido (possibilidade raiz, habilidade, manipulação). Dados de fala (Projeto VARSUL) sustentam a hipótese de surgimento de um “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993) modal deôntico, bem como de variação com *poder* nesse domínio funcional, situando-se o fenômeno na interface gramaticalização-variação (POPLACK, 2011; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização. Domínio funcional. Variação. Modalidade deôntica; Auxiliarização.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es buscar evidenciar, sincrónicamente, el uso de *dar para/de* como un “modal emergente” (KRUG, 2001) en el dominio funcional de la auxiliarización deóntica. En un enfoque funcionalista de la lengua, se moviliza: i) la noción de gramaticalización (HOPPER, TRAUGOTT, 1993), considerando los principios de capas y de divergencia (HOPPER, 1991), y el concepto de dominio funcional (GIVÓN, 1984, 2002); y ii) en la noción de modalidad (BYBEE *et al.*, 1994, GIVÓN, 2001, 2005). En la descripción del funcionamiento de *dar para/de* INF, se consideran tanto las alteraciones en la configuración sintáctica de la construcción con reflejos en el estatuto categorial del ítem, como el valor modal involucrado (posibilidad raíz, habilidad, manipulación). Los datos de habla (Proyecto VARSUL) sostienen la hipótesis del surgimiento de un “casi-auxiliar”

* Doutora em Linguística pela UFRJ. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. E-mail: edagorski@hotmail.com. Agradeço aos pareceristas anônimos a leitura atenta do texto e as sugestões. Eventuais falhas são de minha responsabilidade.

(HEINE, 1993) modal deónico, así como de una variación con *poder* en ese dominio funcional, situándose el fenómeno en la interfaz grammaticalización-variación (POPLACK, 2011; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

PALABRAS CLAVE: Gramaticalización. Dominio funcional. Variación. Modalidad deónica. Auxiliarización.

ABSTRACT: We aim, in this work, to show, in synchronicity, the use of *dar pra/de* as an "emergent modal" (KRUG, 2001) in the functional domain of deontic auxiliarization. We follow a functionalist approach to language, based on: i) the notion of grammaticalization (HOPPER, TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT; DASHER, 2005), considering the principles of layers and divergence (HOPPER, 1991) and the concept of functional domain (GIVÓN, 1981, 1984, 2002); and ii) the notion of modality (BYBEE *et al.*, 1994; GIVÓN, 2001, 2005). In the description of the functioning of the construction *dar pra/de* INF, we consider both the changes in the syntactic configuration of the construction with reflexes in the categorical status of the item, and the modal value involved (root possibility, ability, manipulation). Speech data (VARSUL Project) support the hypothesis of the emergence of a "quasi-auxiliary" (HEINE, 1993) modal, as well as of variation with *poder* (*can*) in this functional domain, which places the phenomenon at the grammaticalization-variation interface (POPLACK, 2011; GÖRSKI, TAVARES, 2017).

KEYWORDS: Grammaticalization. Functional domain. Variation. Deontic modality. Auxiliarization.

1 INTRODUÇÃO

Que o verbo 'dar' é altamente polissêmico é fato facilmente constatado no português, como se pode verificar em diferentes registros dicionarizados. Entre as acepções apresentadas no dicionário *Houaiss* (2001, p. 909), por exemplo, além daquelas típicas de predicador, com valor lexical de transferência de posse, e de outras como verbo-supporte, ou verbo leve (como *dar um abraço* = 'abraçar'), encontram-se as seguintes:

16 *t.i.* ser suficiente para; chegar (*este montante não dá para a casa*) [...]

20 *t.i. bit.* **d.** de começar a (*deu de chorar que não parava*) [...]

d. para 1 demonstrar qualidade ou características para ser (*essa menina dá para modista*)

d. para 2 mostrar reiterada tendência para (*agora deu para ficar deprimida*) [...]

d. para 3 sentir um impulso de, começar a (*de repente, deu para rir sem motivo*)

* nas acp. 2 e 3 funciona como verbo auxiliar.

Observe-se que: i) nas acepções **16** e **20 d. para 1**, o contexto é de modalidade; já em **20 d. de; d. para 2; d. para 3**, o valor não é de modalidade e sim de aspectualidade; ii) o referido dicionário registra o funcionamento de *dar* como auxiliar apenas nos casos de valor aspectual.

No campo da modalidade, o dicionário *Priberam* apresenta também a acepção de possibilidade:

41. Conseguir ou ser possível (ex.: *sei que prometemos, mas não deu para ir*). [Verbo impessoal]

Neste trabalho, interessam as ocorrências da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade tais como as seguintes, que são tipos de construções com as quais nos deparamos na fala cotidiana:

(1) Na época *dava pra comprar* brinquedo, né? Hoje não dá mais (FLP 9)¹

(2) Fica cheia de turista argentino, aí as praias lotam. *Não dá nem pra gente andar direito*. (FLP JD)

¹ O código identifica o informante: no caso, FLP = Florianópolis; 9 = número do informante.

- (3) Tem um monte de coisa na cozinha que *dá pra fazer*, né? (FLP 1)
- (4) Quando [a fruta] estava madura, a gente apanhava, quando não estava, o cidadão dizia: "Olha, *não dá de apanhar*, tal". (FLP 13)
- (5) A gente ia almoçar no grupo, né? Praticamente almoçava porque *a gente dava pra repetir*, né? (FLP 18)

Os valores semânticos em (1) a (5) giram em torno do eixo da possibilidade ('ser possível' espraiando-se para 'poder'), mas, enquanto as quatro primeiras ocorrencias assemelham-se sintaticamente àquela registrada no *Piberam*, em que não há um sujeito explícito para *dar pra/de*, (5) apresenta um comportamento gramatical distinto, em que *a gente* antecede o verbo funcionando como sujeito de *dar pra/de*. Como analisar esses tipos de ocorrências?

Em uma análise formal, Pires de Oliveira (2001) propõe a existência de duas formas semânticas para a expressão *dar para/de*: uma modal = 'ser possível' (aplicável a ocorrências como as de (1) a (4); e outra aspectual = 'começar' (aplicável a (5), particularmente devido à configuração morfossintática da construção que estaria assinalando o início da reiteração de um evento). Diferentemente do que sugere a autora, a análise aqui proposta é de que se trata de cinco contextos de modalidade, sendo que em (5) *dar pra* atua como um auxiliar modal emergente (e não como aspectual).

Em uma análise na ótica da gramaticalização, Coelho e Silva (2014)² afirmam que *dar pra*, em construções como (1), é uma forma gramatical que funciona como auxiliar marcador de modalidade epistêmica. As autoras (2014, p. 24) ilustram com a seguinte ocorrência:

- (6) "Não se podia dizer que fosse de mau modo, mas *dava pra ver* que era má vontade [...]"

Em (6), a presença de 'poder' na oração principal, já instaura um contexto de modalidade no enunciado, mas, a meu ver, trata-se de modalidade deôntica, e não epistêmica como propõem as autoras; e 'dar' funciona como verbo de modalidade e não como auxiliar modal (cf. discutido adiante).

Além disso, Silva (2018) considera que há variação entre as preposições 'pra' e 'de' apenas nas construções em que 'dar' tem valor aspectual, não se verificando tal alternância em construções com valor modal. Os dados da amostra analisada neste trabalho, contudo, mostram que a preposição 'de' também ocorre em contextos de modalidade (como em (4)).

Feita essa breve contextualização acerca de diferentes olhares sobre o fenômeno, a proposta deste artigo é discutir o funcionamento da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade, evidenciando, sincronicamente, o uso de *dar pra/de* como um "modal emergente" (KRUG, 2001), caso em que a preposição comporta-se como partícula integrante do verbo. As hipóteses que norteiam a discussão são as seguintes: i) em contextos de modalidade, há construções em que a expressão *dar pra/de* funciona como um "quasi-auxiliar" (HEINE, 1993), deslocando seu estatuto categorial rumo a um comportamento mais gramaticalizado; ii) nessa subcategoria de verbos modais, *dar pra/de* passa a competir com 'poder', no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica. Na análise dos dados são considerados fatores de natureza morfossintática (tipo de configuração sintática, sujeito de 'dar' e de INF, tipo de preposição) e semântico-pragmática (valor modal), procurando-se descrever os contextos sintático-semântico-pragmáticos de emergência de *dar pra/de* como quasi-auxiliar modal.

A amostra examinada é oriunda de entrevistas sociolinguísticas do Projeto VARSUL³. A abordagem da gramaticalização é feita em perspectiva sincrônica, levando em conta o contexto semântico-pragmático e morfossintático e considerando deslizamentos funcionais captados na fluidez de padrões da língua em uso (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

² Coelho e Silva (2014) fazem uma análise diacrônica do verbo 'dar', interessadas, basicamente, em seu uso aspectual. Numa trajetória de gramaticalização da construção, elas propõem que auxiliar aspectual é o último estágio e que essa função tem sua origem no uso de 'dar' como verbo leve; ao passo que auxiliar modal é o penúltimo estágio, originando-se no uso de 'dar' como predicador. Silva (2018) atesta, em amostra extraída do sítio *Corpus do Português* que construções como (6) já aparecem no século XIX.

³ Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL). A amostra examinada foi extraída de entrevistas gravadas nas décadas de 1990 e 2000.

Para levar a cabo essa proposta, o artigo está organizado em seções que tratam de: apresentação dos pressupostos teóricos acionados; emergência da construção *dar pra/de* INF como quasi-auxiliar modal; competição no domínio funcional da auxiliarização modal deônica, em que a expressão *dar pra/de* pode concorrer com *poder*; e considerações finais.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na abordagem funcionalista assumida neste trabalho, em função da natureza do objeto investigado são mobilizadas noções de grammaticalização e princípios atuantes nesse processo, de domínio funcional, de variação linguística e de modalidade. Tais conceitos são brevemente expostos a seguir.

A grammaticalização é entendida como uma mudança linguística que se dá através de regularização gradual, pela qual um item ou construção frequentemente utilizado em contextos comunicativos particulares adquire função grammatical, podendo, uma vez grammaticalizado, continuar a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Como motivações para a mudança, consideram-se aspectos semântico-pragmáticos presentes na negociação de sentidos na interação falante-ouvinte, lugar de inferências e implicaturas (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Dois dos princípios propostos por Hopper (1991) como subjacentes à emergência de formas gramaticais interessam a esta discussão: o de camadas ou estratificação (*layring*) e o de divergência. O princípio de estratificação prevê que, quando novas camadas emergem dentro de um domínio funcional, as camadas antigas do domínio não são necessariamente descartadas, podendo coexistir interagindo com as novas camadas. Desse princípio, destacam-se dois aspectos: a noção de domínio funcional e de coexistência de camadas.

Por domínio funcional entende-se, grosso modo, uma “função comunicativa” (GIVÓN, 1981; 2002). Os planos articulados da semântica proposicional e da pragmática discursiva – que são codificados grammaticalmente – podem ser subdivididos em domínios funcionais, os quais se distribuem num *continuum*, sendo inter-relacionados de forma escalar, num espaço cognitivo multidimensional (GIVÓN, 1984). Os domínios funcionais podem ser descritos com a metáfora da lente: a depender do ângulo de visão, o campo pode ser captado de forma mais abrangente ou mais focada. Exemplificando: na literatura funcionalista, TAM costuma ser visto como um domínio funcional complexo que recobre três outros domínios que atuam articuladamente – tempo, aspecto e modalidade –, manifestando-se como diferentes categorias/funções⁴ imbricadas. A modalidade, por sua vez, recobre outros domínios – deônica e epistêmico. Ajustando o foco na modalidade deônica, vários valores coexistem a serviço de funções como obrigação, volição, manipulação (cf. retomado adiante). Nesse sentido, um domínio pode se configurar num escopo funcional gradiente: macrofunção > funções > subfunções, podendo ser visto como um fenômeno superordenado (GÖRSKI *et al.*, 2003), cujos limites nem sempre são nítidos (GÖRSKI; TAVARES, 2017). Em qualquer instância de um domínio de modalidade, por exemplo, podemos ter diferentes matizes modais que transitam e se sobrepõem, sendo codificados por meio de diferentes mecanismos que envolvem elementos do léxico conceptual, da informação proposicional e do discurso multiproposicional (GIVÓN, 2001, 2005).

A possibilidade de coexistência de camadas num dado domínio decorre da dinâmica da língua, em que os itens, em processo gradual de mudança, se deslocam de um domínio para outro, em movimentos ininterruptos de inovação – seja por expansão polissêmica (multifuncionalidade), seja por mudanças categoriais – que se realizam num *continuum*. Nesse caso, é possível acompanhar a emergência e o percurso de mudança de forma(s) que atravessa(m) diferentes domínios funcionais (foco dos estudos de grammaticalização) e/ou identificar formas coocorrentes para uma mesma função no interior de um dado domínio (foco dos estudos variacionistas). Na interface grammaticalização-variação, Poplack (2011) ressalta que a estratificação envolve apenas os

⁴ Os termos *tempo*, *aspecto* e *modalidade* remetem tanto à noção de categoria – contraparte de natureza grammatical/estrutural –, como à noção de domínio funcional – contraparte de natureza cognitivo-pragmática que integra os planos da semântica proposicional e da coerência discursiva.

casos de variação em que são identificadas formas variantes que surgiram como resultado de diferentes processos de gramaticalização e que coocorrem num mesmo domínio funcional como camadas que vão concorrer no desempenho de um mesmo trabalho linguístico (TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

O segundo princípio apontado – da divergência – prevê que, quando uma entidade sofre gramaticalização, a forma lexical original permanece como um elemento autônomo e sofre as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns, de sorte que se tem formas com uma etimologia comum, mas funcionalidade diferente (HOPPER, 1991). Uma aplicação dos princípios de estratificação e de divergência será vista ao longo do texto.

Uma vez expostas as concepções teóricas mais gerais que ancoram este trabalho, me atenho, a seguir, ao domínio a que pertence o fenômeno aqui investigado: a modalidade.

Numa perspectiva cognitivo-comunicativa, modalidade é uma categoria/função que codifica a atitude do falante em relação ao conteúdo veiculado pela proposição, envolvendo dois tipos de julgamento: epistêmico, relativo ao grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição; e deôntico ou avaliativo, concernente a valores de desejo, intenção, habilidade, obrigação, entre outros. Considera-se o papel do contexto na *performance on-line, locus* onde a língua emerge e muda, onde as formas constantemente se ajustam a novas funções. Ambas as modalidades (epistêmica e deôntica) admitem matizes e graduação (GIVÓN, 2001, 2002, 2005). O tipo de modalidade que interessa à temática deste artigo é a deôntica.

Há autores, como Bybee *et al.* (1994), que distinguem, no âmbito do que se referiu acima como deôntico, dois subtipos: modalidade orientada para o agente – definida como aquela que “[...] reporta a existência de condições internas e externas atuantes sobre um agente com relação à realização da ação expressa no predicado principal” (BYBEE *et al.*, 1994, p. 177); e modalidade orientada para o falante – compreendida como aquela que “[...] não reporta a existência de condições sobre o agente, mas permite ao falante impor tais condições a outrem” (BYBEE *et al.*, 1994, p. 179). De acordo com os autores, o primeiro tipo recobre as seguintes noções: obrigação, necessidade, desejo, habilidade e possibilidade raiz (*root*); e o segundo tipo abrange valores como imperativo, optativo, hortativo, de aconselhamento, permissivo – todos associados à atitude do falante em relação a outra(s) pessoa(s).

Neste trabalho, assumo que a modalidade deôntica envolve o que Bybee *et al.* (1994) definem como modalidade orientada para o agente e modalidade orientada para o falante, incluindo as respectivas especificações de valores. Nesse sentido, os valores da modalidade deôntica considerados são os seguintes, acompanhados de exemplos prototípicos:

- a. Obrigação: reporta a existência de *condições morais* ou *sociais externas* compelindo um agente a completar a ação do predicado (*dever, ter que*);
- b. Necessidade: reporta a existência de *condições físicas* compelindo o agente (*precisar*);
- c. Desejo: reporta a existência de *condições volitivas internas* no agente concernentes à ação do predicado (*desejar, querer*);
- d. Habilidade/capacidade: reporta a existência de *condições internas* habilitando o agente a realizar a ação do predicado (*poder, conseguir*);
- e. Possibilidade raiz (*root*): reporta a existência de *condições internas, físicas* ou *sociais* para a realização da ação; generalização da habilidade (*poder*);
- f. Manipulação: permissão/pedido/pedido/proibição: reporta a existência de *condições externas* – atos de fala diretivos, em diferentes graus.

Note-se que, a depender do contexto, os valores modais de um mesmo item podem se modificar (GIVÓN, 2001):

- (6) Se não veio, *pode* estar doente (é provável que: epistêmico)
- (7) Ele *pode* levantar esse peso (é capaz de, tem habilidade para: deôntico)
- (8) Se ele comeu tudo, *pode* brincar (tem permissão para: deôntico)

Além disso, podem ocorrer situações de fusão (*merger*), nos termos de Coates (1995), em que o ouvinte pode processar simultaneamente mais de um significado. A autora considera fusão contextos que mesclam valores deôntico e epistêmico como no caso de ‘poder’ (*may*), que pode expressar possibilidade raiz e possibilidade epistêmica, como em:⁵

(9) “[...] o pólen pode ser tirado dos estames de uma rosa e transferido para o estigma de outra”⁶ (COATES, 1995, p. 62, tradução minha)

Em (9), emergem dois significados:

- (9a) ‘é possível ao pólen ser tirado’ (possibilidade raiz)
- (9b) ‘é possível que o pólen seja tirado...’ (possibilidade epistêmica)

Neste trabalho, ocorrências que eventualmente poderiam ser caracterizadas como fusão (possibilidade raiz/epistêmica) são consideradas como possibilidade raiz, uma vez que o interesse central do artigo não é discutir a sobreposição de modalidades, e sim as alterações morfossintáticas que têm reflexos no estatuto categorial de *dar pra/de* INF. Ademais, conforme será pontuado adiante, como os valores associados à modalidade orientada para o agente e orientada para o falante envolvem condições internas e externas levando à realização da ação (BYBEE *et al.*, 1994), torna-se difícil, muitas vezes, distinguir, por exemplo, habilidade/capacidade de possibilidade raiz, já que esta corresponde a uma generalização da habilidade envolvendo condições internas, físicas ou sociais.

Cabe ainda definir o que se entende por “quasi-auxiliar”. Nos termos de Heine (1993, p. 15), trata-se de verbos que, na maioria dos usos, se comportam como verbos plenos, mas quando governam verbos não finitos (infinitivo, gerúndio, particípio) tendem a assumir uma função gramatical.⁷ Nesse sentido, são caracterizados como uma categoria intermediária entre verbos plenos e auxiliares – noção que converge com o que Krug (2001) chama de “modais emergentes”. Para os efeitos deste trabalho, considero que *dar pra/de* se encontra em processo de auxiliarização, constituindo, junto a um verbo no infinitivo, uma perífrase/locução verbal com valor modal, que recebe marcação de tempo-modo e número-pessoa. Sua contraparte “completamente modal” é ‘poder’.

3 A EMERGÊNCIA DE *DAR PRA/DE* COMO “QUASI-AUXILIAR” MODAL

Retomemos as cinco ocorrências inicialmente apresentadas. Em todas, há contexto de modalidade, em que *dar pra* pode ser parafraseado por *ser possível* ou *poder*, com valores semânticos de possibilidade raiz, ou de habilidade, ou ainda de manipulação (podendo haver sobreposição de valores), conforme se observa abaixo.

- (1) Na época *dava pra comprar brinquedo*, né? Hoje não *dá* mais (FLP 9)
 - (1a) Na época *era possível comprar brinquedo*, né? Hoje não é mais.
- (2) Fica cheia de turista argentino, aí as praias lotam. *Não dá nem pra gente andar direito*. (FLP J D)
 - (2a) [...] *Não é possível nem a gente andar direito*.
- (3) Tem um monte de coisa na cozinha que *dá pra fazer*, né? (FLP 1)
 - (3a) Tem um monte de coisa na cozinha que *é possível fazer*, né?

⁵ Segundo Coates (1995), diacronicamente, usos deônticos com escopo amplo se desenvolvem antes de significados epistêmicos se tornarem semanticizados.

⁶ No original: “[...] the pollen *may* be taken from the stamens of one rose and transferred to the stigma of another”.

⁷ Segundo Palmer (1983 apud Heine 1993), os “quasi-auxiliares” são “semi-modais” – como *be able to*, *have (got) to*, *be going to*, do inglês – que diferem das respectivas contrapartes “completamente modais” – *can*, *must*, *will*.

(3b) Tem um monte de coisa na cozinha que *pode fazer/ser feito*, né?

(4) Quando [a fruta] estava madura, a gente apanhava, quando não estava, o cidadão dizia: “Olha, *não dá de apanhar, tal*”. (FLP 13)

(4a) [...] “Olha, *não é possível apanhar, tal*”.

(4b) [...] “Olha, *não pode apanhar/ser apanhada, tal*”.

(5) A gente ia almoçar no grupo, né? Praticamente almoçava porque *a gente dava pra repetir*, né? (FLP 18)

(5a) [...] Praticamente almoçava porque *a gente podia repetir*, né?

Quanto à configuração sintática, em (1), *pra comprar brinquedo* é analisado como oração subjetiva, o que fica claro na forma alternativa (1a)⁸. O fato de INF sujeito ser introduzido por preposição é antigo: “A construção de preposições com o infinitivo tornou-se tão familiar, que, em português, e em outras línguas românicas [...], chegam a antepôr-se a infinitivos que exercitam as funções de sujeito [...]” (DIAS, 1970 [1918], p. 217-219; grifo acrescido).⁹ O valor de modalidade de *dar pra* em (1) é de possibilidade raiz (há condições sociais externas para a realização da ação). Observe-se que o contexto é de modalidade, mas *dar pra* não tem estatuto gramatical de auxiliar modal.

Givón (1993, p. 186) faz uma distinção entre “verbos de modalidade” (como *want*, ‘querer’) e “modais verdadeiros” (como *can*, ‘poder’), que é pertinente evocar aqui. No inglês, há uma distinção morfossintática: os verbos de modalidade retêm o *to* (*She wants to rest*, ‘Ela quer descansar’) e introduzem um complemento oracional, ao passo que os modais não (*She can rest*, ‘Ela pode descansar’)¹⁰. Embora em português tal diferenciação morfossintática não exista, a distinção entre verbos de modalidade e modais é oportuna em relação ao fenômeno sob análise, de sorte que em (1) podemos considerar *dar pra* como verbo de modalidade, com base principalmente em critério semântico.

Em (2), *pra gente andar direito* também funciona como sujeito oracional de ‘dar’. O fator diferenciador em relação a (1) é a realização explícita do sujeito de INF (*a gente*). De fato, a ideia de indeterminação do agente da ação está presente em (1) e (2), com a diferença de que em (2) o sujeito indeterminado está expresso na forma de *a gente*. O valor de modalidade de *dar pra* em (2) pode ser interpretado como negação de possibilidade raiz (não há condições externas e internas para a realização da ação), mesclando traços de habilidade/capacidade associados à ideia de ‘conseguir’. Nessa ocorrência, *dar pra* também é visto como verbo de modalidade.

Em (3), o estatuto sintático de *pra fazer* é considerado ambíguo, ou híbrido, devido a uma possível topicalização do complemento de ‘fazer’ (*um monte de coisa*), que é retomado pelo relativo *que*. Na interpretação (3a), pode-se atribuir uma análise sintática similar a (1), em que (*pra*) INF funciona como sujeito oracional de ‘dar/ser possível’; na interpretação (3b), pode-se pensar tanto na existência de um sujeito indeterminado não preenchido (*dá pra se (algum) fazer/ se pode fazer*, como na possibilidade de o relativo estar funcionando como sujeito de uma construção passiva *pode ser feito* – neste último caso, se o antecedente fosse *muitas coisas*, o verbo ‘poder’ concordaria no plural).

Que implicações tem essa dupla leitura? Retomando (3), na primeira análise, o sujeito de ‘dar’ é (*pra*) *fazer X* e na segunda, o sujeito de ‘dar’ seria o relativo, ou mesmo um indeterminado não preenchido, o que teria reflexos sobre o estatuto gramatical da construção: *dá pra fazer* = duas orações, ou *dá pra fazer* = locução, respectivamente. No primeiro caso, *dar pra* funcionaria como

⁸ Note-se que, diferentemente da análise proposta aqui, na acepção de *dar* extraída do dicionário *Priberam* (cf. Introdução), em construção desse tipo *dar* é considerado verbo imprecisoal.

⁹ Uma discussão mais detalhada sobre o estatuto sintático de construções com INF preposicionado, bem como sobre o uso alternado das preposições *para/prá* e de nessas construções com INF pode ser conferida em Górski (2000, 2008).

¹⁰ Além da presença da preposição e da introdução de complemento oracional, os verbos de modalidade, segundo Givón (1993) também apresentam sujeito correferencial ao da oração subordinada.

verbo de modalidade; no segundo caso, como auxiliar modal. Construções com estatuto gramatical ambíguo/híbrido são previstas, numa abordagem funcionalista da língua, como estágios de processos de mudança. Construções com valores modais sobrepostos também são previstas, conforme já sinalizado. A modalidade em (3) poderia ser interpretada como um caso de fusão semelhante a (9): (3a) com valor de possibilidade raiz e (3b) com valor de possibilidade epistêmica. Na análise realizada neste artigo, contudo, optou-se por considerar o valor modal de *dar pra* em (3) como de possibilidade raiz (há condições internas e externas para a realização da ação).¹¹

Em (4), há novamente a possibilidade de dois tipos de paráphrase. Em (4a), o sujeito de ‘dar’ é oracional, expresso por (*de*) INF; em (4b), o sujeito de ‘dar’ poderia ser visto como indeterminado, ou como *a fruta* (complemento de INF deslocado), em interpretação passiva. Outro diferencial em (4) é o fato de INF ser preposicionado por *de* e não por *pra*. A exemplo de outros dados analisados, parece haver um movimento de topicalização envolvido, com reflexos na estrutura sintática da oração, o que faz com que o sujeito de ‘dar’ receba uma interpretação híbrida: em (4a), há duas orações e a segunda funciona como sujeito da primeira; em (4b), haveria uma única oração, em que a construção *dar de* INF funcionaria como uma locução verbal. Na leitura (4a), *dar de* funciona como verbo de modalidade; em (4b), como verbo modal. O valor de modalidade de *dar pra* em (4) mescla manipulação (proibição) com possibilidade raiz (não há condições externas para a realização da ação), ambos os valores circunscritos à modalidade deôntica.

Já em (5), a eventual ambiguidade sintática se desfaz com a codificação de *a gente* como sujeito de *dava pra repetir*. Construções desse tipo provavelmente derivem, por um processo de topicalização por alcance, de algo como *dava pra gente repetir*, estabelecendo-se claramente uma correferencialidade entre os sujeitos de ‘dar’ e ‘repetir’ – característica de uma locução verbal (GÖRSKI, 2008). Note-se que em (3), de acordo com a interpretação dada, também ocorre topicalização, porém do objeto do verbo infinitivo (*um monte de coisa*), que é alcance do sujeito do primeiro verbo. O valor modal de *dar pra* em (5) é de possibilidade raiz (há condições físicas e sociais para a realização da ação).

Ocorrências desses tipos, associadas a usos em construções relativamente bem estabelecidas como as três abaixo, permitem considerar que *dar pra/de* está emergindo como um “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993), dentro da classe dos verbos modais, podendo vir a se regularizar pela força da recorrência de uso, mudando seu estatuto categorial rumo a um comportamento mais gramaticalizado¹².

- (10) Ele nos *deu a carta pra todos nós ler* (FLP 12)
- (11) O pai *dava liberdade pra gente sair* (FLP 4)
- (12) O que eu ganho *dá pra nós comer, dá pra nós viver* (FLP 3)

Em (10), ‘dar’ é um verbo pleno, funcionando como predicador com significado de ‘oferecer’; o estatuto sintático da oração introduzida pela preposição *pra* é adverbial (finalidade). Em (11), ‘dar’ está funcionando como verbo suporte (*dava liberdade*) e a oração introduzida por *pra* é completiva nominal. Em (12), funcionando como verbo principal, ‘dar’ significa ‘ser suficiente’ (contexto de modalidade), e a oração subordinada é objetiva indireta. Note-se, porém, que nos dois últimos casos a combinação de orações é sintaticamente híbrida, possivelmente em virtude de correferencialidade entre constituintes contíguos: em (11) e (12), *pra gente/pra nós* podem ser também interpretados como complemento verbal indireto do verbo da oração matriz e *gente/nós*, por sua vez, como sujeito do verbo da oração subordinada expresso por INF. Já em (10), há um objeto indireto explícito (*nos*) proclítico ao verbo, de modo que *pra todos nós* é inequivocamente uma oração adverbial. Os dados analisados evidenciam a atuação do princípio da divergência (HOPPER, 1991).

¹¹ Ressalve-se que uma leitura existencial também poderia ser feita em relação a (3), em que *um monte de coisa* seria complemento de ‘ter’ e *que dá pra fazer* seria uma oração adjetiva restritiva, caso em que não haveria topicalização.

¹² Contextos sintático-semânticos como (10), com verbo predicador pleno, selecionando argumentos e acrescido de uma noção de finalidade na forma *pra [...] INF*, podem ter atuado como gatilho para expansão de funções da construção *dar pra/de* INF. Não é, contudo, intenção deste artigo propor uma trajetória de mudança que envolva as diferentes funções da referida construção.

A diferenciação no estatuto categorial do verbo (pleno > (quasi)-auxiliar) é acompanhada de outras mudanças correlacionadas. A configuração sintática que envolve as duas formas verbais de cada construção nesse processo já foi discutida acima. Com relação à preposição *pra*, verifica-se que nos três últimos exemplos há traços superpostos: em (10) de dativo e de finalidade; em (11) e (12) entra também o traço de complementizador. Em (1) e (2), por sua vez, há predomínio do traço de complementizador na subjetiva, com diminuição gradativa dessa função em (3) e (4), rumo a partícula agregada ao auxiliar, uma espécie de clítico, em (5). Assim, concomitantemente ao esmaecimento semântico de *pra* e mudança no seu estatuto categorial, também se verificam nos dados analisados: (i) a integração semântico-sintática da construção introduzida por esse item à matriz; (ii) a gradual abstratização de ‘dar’, culminando com a passagem de estatuto de verbo lexical pleno para quasi-auxiliar modal (GÖRSKI, 2000).

Esse movimento encontra respaldo teórico na abordagem de Hopper e Traugott (1993), acerca do processo de combinação de orações na perspectiva da gramaticalização. Os autores tripartem a sentença complexa em parataxe, hipotaxe e subordinação, tipos distribuídos num *continuum* que reflete o percurso da mudança linguística na combinação de orações. Nesse sentido, é possível aventar que os dados exemplificados – não necessariamente na ordem em que foram apresentados – ilustram uma escala de combinação de orações que envolvem *dar pra INF*, como mostra o Quadro 1.

Hipotaxe >	Subordinação >	Auxiliarização
[ADV]	[CN/OI > SUJ]	
(10)	(11)/(12) (1) a (4)	(5)

Quadro 1: Distribuição das ocorrências considerando a combinação de orações

Fonte: produzido pela autora

Na combinação de orações, a última instância reflete o grau maior de integração e gramaticalização em que duas orações se transformam em uma: o INF da segunda oração passa a assumir traços de verbo principal de locução e o verbo da primeira perde seu estatuto pleno tornando-se “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993).

Numa busca pela construção *dar pra/de INF* em 36 entrevistas da amostra Varsul/ Florianópolis, foram encontradas 115 ocorrências das quais 106 (94%) são de contexto de modalidade deôntica e apenas nove (6%) correspondem a dados como (10) e (11), sendo a maioria dessas com verbo-suporte. As tabelas a seguir exibem resultados relativos aos contextos de modalidade.

Valores	N	Freq.
Possibilidade raiz	85	80%
Habilidade/capacidade	18	17%
Obrigação/manipulação	03	03%
Total	106	100%

Tabela 1: Frequência da construção *dar pra/de INF* em contextos de modalidade deôntica

Fonte: produzida pela autora

Ilustram esses valores as seguintes ocorrências, entre outras: possibilidade raiz (1); habilidade/capacidade (16); obrigação/manipulação (4).

Como indicam os resultados expostos na Tabela 1, prepondera largamente o valor modal de possibilidade raiz, que envolve uma generalização da habilidade. A maioria dessas ocorrências equivale à ideia de ‘ser possível’, ‘poder’, estando incluídas aí também algumas com a ideia de ‘ser suficiente’. Os dados com valor de habilidade/ capacidade carregam mais fortemente a ideia de

‘conseguir’ (condições internas para execução da ação). As ocorrências mais escassas foram com valor de obrigação e manipulação. Volto a ressaltar que, em parte das ocorrências, a modalidade se expressa com valores sobrepostos, como em (16) e (4), em que habilidade e obrigação se fundem com possibilidade raiz, mesclando condições internas e externas para a execução da ação. Nesses casos, foi considerado o traço mais saliente.

Nos contextos de modalidade, o tipo sintático de construção *dar pra/de* INF mais produtivo é o que foi denominado de ordem canônica, como mostra a Tabela 2.

Configuração sintática	N	Freq.
Ordem canônica	86	81%
Topical. de compl. de INF	14	13%
Topical. de suj. de INF	06	06%

Tabela 2: Frequência de construções *dar pra/de* INF, considerando a configuração sintática

Fonte: produzida pela autora

Exemplificando as configurações sintáticas: ordem canônica (1); topicalização de complemento de INF (3); topicalização de sujeito de INF (5). Também são consideradas como resultantes de um movimento de topicalização do sujeito de INF (GÖRSKI, 2008) as ocorrências (15), (16) e (17). Dados desse tipo correspondem à última etapa da escala representada no Quadro 01.

A estruturação sintática da oração que contém a construção *dar pra/de* INF está diretamente relacionada ao constituinte que funciona como sujeito do verbo ‘dar’, resultado que se observa na Tabela 3.

Sujeito de ‘dar’	N	Freq.
<i>Pra/de</i> INF	86	81%
Não correferencial ao Suj. de INF	05	05%
Ambíguo	09	09%
Correferencial ao Suj. de INF	06	06%

Tabela 3: Frequência das construções *dar pra/de* INF, considerando o sujeito de ‘dar’

Fonte: produzido pela autora

São ilustrativos desses diferentes tipos de sujeito os seguintes dados: sujeito *pra/de* INF (1) e (2); sujeito não correferencial (12); sujeito ambíguo (3) e (4); e sujeito correferencial (5).

Por fim, a distribuição das preposições ‘pra’ e ‘de’ nos contextos de modalidade com a construção *dar pra/de* INF mostra a alta incidência de ‘pra’, mas também evidencia que a preposição ‘de’ como em (4) e (15) é forma concorrente nesse contexto.

Preposição	N	Freq
Pra	87	82%
De	19	18%

Tabela 4: Frequência das preposições ‘pra’ e ‘de’ em construções *dar pra/de* INF em contextos de modalidade

Fonte: produzido pela autora

Esse resultado aponta que, nos dados de fala da amostra analisada, as preposições ocorrem alternadamente, evidenciando seu uso variável em contextos de modalidade. Como já pontuado anteriormente, tal resultado diverge do obtido por Silva (2018), que encontrou, em sua análise diacrônica, *dar de* INF apenas com valor aspectual.

A alta recorrência de uso da construção *dar pra/de* INF em contexto de modalidade provavelmente tenha propiciado a emergência de um quasi-auxiliar dentro da classe dos modais, prevendo-se a expansão crescente desse uso para contextos com novos valores modais. Dentre as 106 ocorrências encontradas nesse tipo de contexto, seis correspondem a *dar pra/de* quasi-auxiliar – dados analisados, sintaticamente, como resultantes de topicalização do sujeito de INF, apresentando, então, correferencialidade entre os sujeitos de ‘dar’ e de INF, uma das propriedades das locuções verbais. A seguir, esse tipo de ocorrência é examinada mais detalhadamente.

4 COMPETIÇÃO NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA AUXILIARIZAÇÃO MODAL DEÔNTICA

Se *dar pra/de*, no domínio funcional da modalidade deôntica, está passando por uma mudança categorial, de verbo pleno a (quasi)-auxiliar, é esperado que venha a coexistir e competir com outra(s) forma(s) que atua(m) como camada(s) nesse domínio. Nesse caso, o candidato prototípico é ‘poder’. A ocorrência abaixo é exemplar no sentido de evidenciar um contexto em que os itens *dou pra* e *posso* parecem comportar-se como variantes de uma mesma variável (LABOV, 2008 [1972]) ou, em termos funcionalistas, como camadas de um mesmo domínio (HOPPER, 1991), configurando uma situação de interface gramaticalização-variação (POPLACK, 2011; TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

(13) É. Não me prejudicou mas eu tenho impressão que seguinte: que aquilo não favoreceu muito pra mim hoje. Porque *eu* [não dá]- *não dou pra me permitir esse tipo de educação para os meus filhos*. Porque é uma educação rude, e eu não *posso* hoje. Porque se eu permitir esse tipo de educação para os meus filhos hoje, eu vou me tornar uma pessoa ignorante, vão me chamar de ignorante, né? Ou ignorante ou um cara, assim, antigo, né? esse negócio todo aí. Então *não posso permitir esse tipo de educação*. (FLP 18)

Em (13), o informante está discorrendo sobre tipos de educação antiga e atual, comparando a educação que ele recebeu com a que os filhos recebem. Avaliando o tipo antigo como rude, ele não quer passar por ignorante ou antiquado se permitir o mesmo tipo de educação para os filhos. O contexto deôntico mescla possibilidade raiz (há condições externas motivando a realização da ação) com negação da permissão. O par de construções não *dou pra me permitir* e *não posso permitir* são praticamente intercambiáveis, com a única diferença de que a primeira apresenta o complemento de ‘permitir’ (*me*) explícito.

O contexto propício à variação também se faz presente na ocorrência a seguir.

(14) Eu gosto do Alex, meu primo [...] eu não sei se ele gosta de mim, se ele não gosta, mas o namoro pra mim, eu gosto dele, ele gostando de mim, *dava de a gente namorar*. Não é porque a gente é primo que *não pode*. (FLP, FJ)

Diferentemente de (13), contudo, em que o sujeito *eu* aparece marcado na desinência verbal (*dou*), em (14) o sujeito *a gente* está anteposto a INF, num tipo de construção que possivelmente precede a construção com topicalização que resulta em locução verbal, em que *dar de* se comportaria como quasi-auxiliar. A intercambialidade, nesse caso, fica comprometida, embora o contexto seja de modalidade deôntica.

Vejam-se outras ocorrências:

(15) Acontece que ontem ainda escutei na televisão que o salário mínimo fica o mesmo: uns três e quatrocentos e poucos que está. Agora, eu acho que *um pobre assalariado*, vamos ter pena, seu Collor, *não dá de viver. Não pode viver assim*. Achava que ele podia olhar mais um pouco com as pessoas que dependem do salário mínimo. (FLP 7)

(16) Até, no caso, Balneário Camboriú é- a cidade é turística e a praia que tem ali que é o cartão postal é uma sujeira completa, né? Eu não entro naquela água nem que me paguem. Já não- Se eu vou pra Camboriú (hes) tomar banho ali eu não tomo. É marrom. *A gente dá pra ver na cara que é marrom.* Não sei como que vive lotado aquilo, *não dá pra entender.* (FLP JL)

(17) Eles dão por causa do colégio, fica ruim. Quando é meio-dia aqui é maior trabalho pra a gente sair. Que é um monte de carros, *os guris pequenos não dá mais pra brincar* porque já dão a volta bem lá no fim da nossa rua, daí já é ruim, né? Muito perigoso, é muito carro, muito movimento. (FLP JJ)

Em (15), (16) e (17), o valor modal de habilidade/capacidade ('conseguir') se mescla com possibilidade raiz (há condições externas e/ou internas para a (não) realização da ação). Nas três ocorrências, o sujeito de 'dar' é correferencial ao de INF: *um pobre assalariado [...] não dá de viver. Não pode viver; A gente dá pra ver; os guris pequenos não dá mais pra brincar.* Note-se que em (15) o informante alterna 'dar de' com 'poder', num típico caso de variação.

Nos dados precedentes, à exceção de (17), em que o sujeito está no plural e o verbo aparece morfologicamente não marcado, existe um sujeito expresso em clara relação de concordância com 'dar', garantindo a interpretação da construção *dar pra/de* INF como uma locução em: *eu não dou pra/posso me permitir* (13); *um pobre assalariado [...] não dá de/pode viver* (15); *a gente dá pra/pode ver* (16). E ainda: *a gente dava pra/podia repetir* (5). Observe-se que 'dar' tem sujeito P1, P3, P4 e P6¹³ e pode aparecer em tempo verbal diferente do presente (*dava*) – um indicativo de expansão de contexto gramatical.

Há vários dados, no entanto, que se apresentam ambíguos, em construções denominadas de híbridas (cf. (3) e (4)). Examinemos, ainda, a ocorrência a seguir.

(18) Ainda mais respirar esse ar todo poluído, não tem como. Daí *a gente* passa assim, daí *a gente* se sente mal, \emptyset tem que fazer nebulização por causa desse ar. É grosso, *a gente* respira uma coisa grossa, é uma coisa que fica engasgada, *não dá de respirar direito*. Tem que ser um ambiente assim bem puro como as praias. É bom porque *a gente* tira toda a carga negativa. *A gente* fica pura de novo, parece que *a gente* nasce de novo. (FLP J A1)

O dado (18) apresenta uma particularidade interessante: a recorrência de *a gente* como sujeito (explícito ou apagado) numa cadeia tópica sugere, num primeiro momento, que esse pronome seria o sujeito de *dá* em "*a gente* respira uma coisa grossa, é uma coisa que fica engasgada, [a gente] *não dá de respirar direito*". No entanto, não fica descartada uma análise em que *de respirar direito* seja visto como sujeito de 'dar'.¹⁴ Numa abordagem funcionalista voltada à gramaticalização, dados como (3), (4) e (15) são cruciais, pois representam um estágio em que o estatuto gramatical se mostra com sobreposição de funções em decorrência do *continuum* do processo de mudança. Na interface gramaticalização-variação, ocorrências desse tipo são consideradas e categorizadas como tendo estatuto sintaticamente ambíguo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foi discutido o funcionamento da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade, buscando evidenciar, sincronicamente, – em amostra de fala do final do século XX e início do século XXI – o uso de *dar pra/de* como um "modal emergente" (KRUG, 2001) situando-se na categoria "quasi-auxiliar" (HEINE, 1993), num processo inicial de gramaticalização: verbo de modalidade > verbo modal. Nessa nova categoria, *dar pra/de* passa a coocorrer com 'poder' na expressão do domínio funcional da auxiliarização modal deônica, numa interface gramaticalização-variação. A menção a um processo inicial de gramaticalização deve ser entendida a partir do recorte da amostra analisada: construção *dar pra/de* INF em contextos de

¹³ P1, P3, P4 e P6 equivalem, respectivamente, às pessoas do discurso: 1^a pess. do sing., 3^a pess. do sing., 1^a pess. do plural (*a gente*) e 3^a pess. do pl.

¹⁴ Casos como (15), juntamente com aqueles já vistos como ambíguos ou híbridos, não são considerados numa análise variacionista propriamente dita, uma vez que só interessariam as ocorrências cuja categorização fosse discreta e inequívoca.

modalidade. Diferentemente, se considerarmos o verbo ‘dar’ em geral, a partir de seu uso predicator como verbo pleno com significado de transferência de posse, naturalmente o percurso diacrônico de mudança ganha outro traçado, como mostram os estudos de Coelho e Silva (2014) e Silva (2018), já referidos, que situam o surgimento da construção em contexto de modalidade, como em (6), já no século XIX.

A análise dos dados contemplou fatores de natureza morfossintática e semântico-pragmática, mostrando que a trajetória rumo a um comportamento mais gramatical envolve um conjunto de mudanças graduais e correlacionadas: na (re)configuração semântico-sintática do enunciado que contém a construção *dar pra/de* INF, permeada de sobreposições de que resultam categorias híbridas; na gradual abstratização de *dar* (verbo lexical > quasi-auxiliar); e no funcionamento da preposição *pra/de* (complementizador > partícula agregada ao auxiliar). Entre as características que permitem atribuir a *dar pra/de* o estatuto de quasi-auxiliar modal estão a marcação número pessoal e modo-temporal.

Os dados analisados suscitaram novas hipóteses quanto à emergência de um quasi-auxiliar modal e quanto a camadas coocorrentes no domínio funcional. No primeiro caso (emergência de um quasi-auxiliar modal): i) a alta frequência de uso da construção *dar pra/de* INF em contexto de modalidade pode ter propiciado o surgimento de um novo modal dentro da classe dos modais, projetando-se uma expansão crescente de novos valores; ii) construções que apresentam sujeito expresso de INF podem ter se constituído em gatilho para um movimento de topicalização que desloca o sujeito para o escopo de *dar pra/de*, de modo que *dar* passa a ter, em vez de sujeito oracional prepositionado posposto (*pra/de* INF), um sujeito nominal/pronominal anteposto. No segundo caso (camadas coocorrentes): *dar pra/de* pode vir a ter seu uso intensificado como variante de ‘poder’, fortalecendo, assim, seu novo estatuto categorial. São questões que ficam em aberto para investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. London: The University of Chicago Press, 1994.
- COATES, J. The expression of root and epistemic possibility in English. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN S. (ed.). *Modality in grammar and discourse*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995. p. 56-66.
- COELHO, S. M.; SILVA, S. E. de P. O *continuum* de gramaticalização do verbo dar: de predicator a auxiliar. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 23-40, 2. sem. 2014.
- DIAS, A. E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1970 [1918].
- GIVÓN, T. *Bio-linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- GIVÓN, T. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- GIVÓN, T. *English grammar: a functional-based introduction*. v. I. Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction.* v. I-II. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. Typology and functional domains. *Studies in Language*, Amsterdam: John Benjamins, v.5, n.2, p. 163-193, 1981.

GÖRSKI, E. M. Combinação de orações: gramaticalização de fenômenos co-ocorrentes. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 19-33, set. 2000.

GÖRSKI, E. M. Reflexos da topicalização sobre o estatuto gramatical da oração. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (org.). Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 169-185.

GÖRSKI *et al.* Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 106-122.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1993.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRUG, M. Frequency, iconicity, categorization: evidence from emerging modals. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Philadelphia: J. Benjamins, 2001. p. 309-335.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

PIRES DE OLIVEIRA, R. A expressão ‘dar para (de) INF’ em PB: uma análise formal. In: XLIX SEMINÁRIO DO GEL, 2001, Marília/SP. *Anais...* Marília: GEL, 2001, p. 01-07. [CD-Rom]

POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, H.; HEINE, B. (ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da língua portuguesa*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 01 maio 2019.

SILVA, S. E. de P. *A construção verbal V1 dar + preposição + V2 Infinitivo: um estudo na interface sociolinguística e gramaticalização.* 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. The development of modal verbs. In: TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005. p. 105-151.

VARSUL. *Projeto Variação linguística na Região Sul do Brasil*. Disponível em: <http://varsul.org.br/>. Acesso em: 01 agosto 2018.



Recebido em 07/05/2019. Aceito em 13/06/2019.

A VERIFICAÇÃO SEMÂNTICA DE ESPECIFICAÇÃO DE TRAJETÓRIA PARA VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONADO – OS TESTES DE ADJUNÇÃO E DE PARÁFRASE

LA VERIFICACIÓN SEMÁNTICA DE ESPECIFICACIÓN DE TRAYECTORIA PARA VERBOS
DE MOVIMIENTO DIRIGIDO – PRUEBAS DE ADJUNCIÓN Y DE PARÁFRASIS

SEMANTIC VERIFICATION OF PATH SPECIFICATION FOR DIRECTED MOTION VERBS –
ADJUNCTION AND PARAPHRASES TESTS

Morgana Fabiola Cambrussi *
Universidade Federal da Fronteira Sul

Talita Veridiana Hack Poll **
Universidade Federal da Fronteira Sul

RESUMO: Este trabalho discute dois testes de verificação do conteúdo lexicalizado por verbos de movimento do português do Brasil. A classe verbal investigada foi definida a partir da identificação de raiz de movimento, seguida de trajetória especificada ou

*Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL).
Contato: morgana@uffs.edu.br.

** Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). E-mail: talitaveridiana@hotmail.com. A autora agradece à CAPES pelo suporte financeiro.

não especificada. O referencial teórico que sustenta esta pesquisa se alicerça nos estudos de classes verbais produzidos pela teoria lexical, em especial pela semântica lexical, além de estar ancorado em pressupostos da semântica cognitiva, como a estrutura de predicados e os primitivos semânticos (movimento, causação, estado, direção, trajetória e outros). Nosso objetivo é apresentar a paráfrase e a adjunção como recursos linguísticos que podem atuar como teste de verificação para definirmos, entre os verbos de movimento do PB que possuem trajetória como parte de sua estrutura semântica, quais especificam a direção da trajetória e quais não possuem uma trajetória lexicalmente definida. Nossos resultados indicaram que os testes de adjunção e de paráfrase são suficientes para o estabelecimento distintivo das duas subclasses verbais: verbos do tipo de *subir* (com direção de movimento específica) e verbos do tipo de *atravessar* (com direção de movimento inespecífica).

PALAVRAS-CHAVE: Verbos de movimento. Verbos de movimento direcionado. Verbos de trajetória. Classes verbais. Lexicalização.

RESUMEN: Este trabajo discute dos pruebas de verificación del contenido lexicalizado por verbos de movimiento del portugués de Brasil. La clase verbal investigada se ha definido a partir de la identificación de raíz de movimiento, seguida de trayectoria especificada o no especificada. El marco teórico de esta investigación está basado en los estudios de clases verbales producidos por la teoría léxica, en especial por la semántica léxica. Además, se basa también en los presupuestos de la semántica cognitiva, como la estructura de predicados y los primitivos semánticos (movimiento, causa, estado, dirección, trayectoria y otros). Nuestro objetivo es presentar la paráfrasis y la adjunción como recursos lingüísticos que pueden actuar como prueba de verificación para definir, entre los verbos de movimiento del PB que poseen trayectoria como parte de su estructura semántica, cuáles especifican la dirección de la trayectoria y cuáles no poseen una trayectoria lexicalmente definida. Los resultados han indicado que las pruebas de adjunción y de paráfrasis son suficientes para el establecimiento distintivo de las dos subclases verbales: verbos del tipo *subir* (con dirección de movimiento específica) y verbos del tipo *cruzar* (con dirección de movimiento inespecífica).

PALABRAS CLAVE: Verbos de movimiento. Verbos de movimiento dirigido. Verbos de trayectoria. Clases verbales. Lexicalización.

ABSTRACT: This paper discusses the verification of lexicalized content based on the evaluation of motion verbs in Portuguese (PT-BR). As part of the framework of analysis the verbal class investigated, was defined based on the identification of its motion verb root and its specified and unspecified path. The theoretical framework that supports this investigation is grounded on the study of verbal classes produced by lexical theory, particularly by lexical semantics; it is also grounded on the theoretical assumptions of cognitive semantics, the structure of predicates and semantic primitives (motion, causation, state, direction, path and others). We aim at presenting paraphrases and adjunctions as linguistic resources that might be used as a verification test particularly to verify whether motion verbs in PT-BR present a lexically defined and non-defined direction as part of their structure. Our results indicate that adjunction and paraphrases tests are reliable for determining how distinctive the two verb classes are: verb-type like *subir* (defined direction of motion) and verb-type like *atravessar* (non-defined direction of motion).

KEYWORDS: Motion verbs. Directed motion verbs. Path verbs. Verb classes. Lexicalization.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo acerca dos verbos de movimento direcionado do português brasileiro. Nosso objetivo é realizar a aplicação de dois testes linguísticos, de adjunção e de paráfrase, para verificar se, por meio desses testes, seria possível produzir uma generalização semântica clara e distintiva entre os verbos de movimento com trajetória que especificam a direção do movimento e aqueles que não a especificam.

Nosso problema de pesquisa é *identificar como se podem precisar os verbos que lexicalizam movimento direcionado por uma trajetória, mas não determinam a direção em que o movimento se desenvolve*. O estudo parte da semântica de verbos como *atravessar*, que parecem denotar uma direção inespecífica de movimento, em especial se comparados a outros verbos de movimento direcionado, a exemplo de *subir*, que denotam um evento de movimento com direção lexicalizada (ir para cima).

Antes de passarmos à verificação do comportamento linguístico dessa classe de verbos, entretanto, é necessário que apresentemos algumas questões que giram em torno da definição de movimento, deslocamento e direção. Um dos pontos que costuma emergir no estudo do comportamento linguístico dos verbos de movimento é a tarefa de diferenciar, de modo satisfatório, verbos de movimento com e sem deslocamento. Acredita-se que essa seja uma distinção válida porque, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, movimento e deslocamento não são propriedades semânticas que se sobrepõem irrestritamente. Como discute Ciama (2017), sempre que tivermos deslocamento lexicalizado, teremos também movimento (*entrar, subir, cruzar*), mas há casos em que se expressa movimento sem deslocamento (*tremor, agachar, abanar*, verbos de modo de movimento). Como resultado da realização de um evento de deslocamento, a autora considera que precisamos ter uma mudança de localização espacial, ou seja, uma mudança de lugar, entendida como “[...] a travessia de um limite ou a passagem de um lugar para outro” (CIAMA, 2017, p. 38).¹

Nem toda expressão de um evento de movimento que resulta em deslocamento físico de uma entidade está lexicalmente marcada. Há casos em que a mudança de localização espacial se define pela confluência de valores lexicais e sintagmáticos, em que elementos que compõem a sentença contribuem para a ideia de deslocamento. Nesse caso, é possível dizermos que *pular* é um verbo de movimento sem deslocamento, ao passo que a combinação sintagmática *pular da cozinha até o sofá da sala* expressa movimento e deslocamento.

De acordo com o que estamos entendendo neste trabalho, verbos de movimento direcionado são aqueles que lexicalizam tanto a ideia de movimento quanto a de deslocamento de uma entidade no espaço. Portanto, verbos como *atravessar, passar, subir, cruzar* fazem parte do grupo que desejamos investigar porque não dependem *a priori* da combinação sintagmática para expressar movimento direcionado, pelo contrário, como têm movimento direcionado lexicalmente marcado, esses verbos dependeriam de combinações sintagmáticas específicas para cancelar essa informação semântica, a exemplo de *passar pela adolescência*, que implica o estado de viver uma fase da vida e significa algo muito distinto de *passar pela cerca*.

Ao apontar para diferenças no modo linguístico de expressar deslocamento (pela via lexical ou pela via sentencial), Ciama (2017) separa a expressão de deslocamento em duas classificações. Uma delas aconteceria de forma intrínseca (que é o que vamos entender como lexicalizada) e seria denotada por uma classe de verbos cuja estrutura semântica permitiria a expressão de mudança de localização física. A outra aconteceria de forma extrínseca e corresponderia aos casos em que a expressão de deslocamento ocorre por meio da interação sintagmática resultante da combinação de elementos na sentença (o que entenderemos por composicionalidade).

Na próxima seção, será discutida a estrutura semântica dos verbos de movimento direcionado e, com isso, pretendemos detalhar a classe verbal que está no cerne de nossa investigação, além de apresentar o contexto de investigação desses verbos dentro do quadro maior da semântica léxico-cognitiva, desde a abordagem de Talmy para os eventos de movimento, inscrita no plano teórico mais geral do trabalho do autor, que visava à descrição do modo como a linguagem estrutura o espaço. Certamente, uma das principais contribuições desse trabalho foi a determinação dos primitivos semânticos esquemáticos da categoria de Espaço (BATOREO, 2000). Para Talmy (1985, 2000), como veremos, o esquema imagético de um evento de movimento com deslocamento envolve três categorias principais: Figura (*Figure*), Fundo (*Ground*) e Trajetória (*Path*)², como funções semânticas que representam simbolicamente o evento de movimento.

Em seguida, este texto apresenta a subclasse dos verbos de movimento direcionado com trajetória não definida do português brasileiro com base na classificação feita por Poll (no prelo). São selecionados dez dos 71 verbos classificados pela autora (*atravessar, cambar, cortar, cruzar, curvar, dobrar, driblar, transpor, ultrapassar e varar*) para que seja discutido o funcionamento linguístico desses verbos, tanto no que diz respeito à estrutura semântica quanto no que diz respeito ao seu conteúdo semântico.

¹ Silva Júnior (2015, p. 30) adota a noção de *translação* para indicar *movimento ao longo de uma trajetória* e assume que “Verbos de translação, portanto, são aqueles que, ao fazer um movimento, criam concomitantemente uma mudança de lugar.”

² Ainda *Modo e Causa*, como subeventos.

Além de questões de significação que tenham relevância para a nossa análise, também ilustramos ocorrências desses predicadores verbais em que denotam movimento direcionado com direção inespecífica.

Finalmente, apresentamos a seção 3, em que os testes de adjunção e de paráfrase são realizados com os dez verbos atestados. A contribuição deixada pela análise desta seção, a principal do trabalho, é a possibilidade de verificarmos, por meio do teste de adjunção, quando sintagmas direcionais podem ser combinados com verbos de movimento direcionado sem gerar redundância ou anomalia semântica e, com isso, evidenciar que de fato a direção lexicalizada pelo predicator verbal era inespecífica. Já a paráfrase pareceu ser um recurso eficiente na verificação semântica dos elementos de significado essenciais para serem recobertos nos testes com verbos de movimento direcionado – o que possibilitou, inclusive, a identificação de propriedades semânticas adicionais que estavam fora do nosso escopo de estudo, como a de modo de movimento.

2 VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONADO – QUESTÕES DE LEXICALIZAÇÃO

Ao investigar padrões de lexicalização em diferentes línguas, Talmy iniciou sua proposta tipológica que classifica as línguas românicas como línguas com *frame* no verbo. Isso implica dizer que essas línguas lexicalizam, na raiz verbal, movimento e trajetória de forma amalgama. Em seus estudos, o autor não se refere ao português especificamente, entretanto, podemos nos valer da referência geral às línguas românicas para afirmar que, na definição talmiana, o português brasileiro estaria entre as “Línguas que caracteristicamente mapeiam o núcleo de um esquema [eventivo] no próprio verbo [...]”³ (TALMY, 2000, p. 222). Para nosso estudo, não é central discutirmos essa classificação⁴, apenas nos valeremos dos elementos semânticos que o autor definiu como sendo aqueles essenciais à caracterização de macro eventos como unidades cognitivas que incidem sobre a organização linguística ou, como preferimos dizer, que incidem sobre o comportamento gramatical.

Esses elementos são primitivos semânticos que podem tanto ser codificados na raiz verbal quanto ser expressos na sentença por um sintagma independente do verbo e constituem uma lista de elementos recorrentes que caracterizam os diferentes tipos de eventos. Para descrever os eventos de movimento com os quais trabalharemos neste artigo, são relevantes os primitivos (TALMY, 2000): *Modo* (um subevento ou ação secundária que se manifesta durante a realização de uma ação principal), *Figura* (objeto saliente no evento, sobre o qual recai o foco do movimento ou da localização), *Fundo* (objeto de referência em um evento de movimento, a partir do qual a localização e o movimento da *Figura* se definem) e *Trajetória* (conjuntos de possibilidades de trajetória ou de localização que podem ser ocupados por uma *Figura* durante a realização de um evento de movimento).

De todos esses primitivos semânticos, aquele que mais nos auxiliará a compreender a semântica de predicadores como *subir*, *atravessar*, *cruzar* e outros que estamos chamando de verbos de movimento direcionado é o elemento *Trajetória*. A incorporação do elemento *Trajetória* pela raiz verbal é uma das características marcantes assumidas por Talmy (1985, 2000) para classificação das línguas românicas, como já vimos. O autor considera, por exemplo, que até há casos de verbos do inglês que incorporam o elemento *Trajetória* à sua raiz, como *enter* ('entrar'), *descend* ('descer') e *return* ('retornar'), entretanto, esses verbos seriam empréstimos linguísticos oriundos de línguas românicas com as quais o inglês teria entrado em contato e para as quais esse tipo de incorporação semântica (lexicalização de *Trajetória*) pode ser considerado um tipo natural (TALMY, 1985).

Pelos padrões de lexicalização talmianos, em uma sentença como *João subiu a Serra do Corvo Branco*, o verbo *subir* incorpora importantes informações semânticas já em sua raiz. Sabemos, por exemplo, que se trata de um verbo de movimento, que envolve deslocamento por uma trajetória; esse movimento é direcionado para cima. Todas essas informações não são expressas linguisticamente por meio de constituintes independentes, mas estão lexicalmente marcadas na semântica do próprio verbo: *Movimento* e *Trajetória* são, portanto, elementos incorporados à raiz de *subir*. Em termos de primitivo semântico, à maneira definida por Talmy (1985, 2000), *João* é a *Figura* e a *Serra do Corvo Branco* é o *Fundo* a partir do qual a *Figura* se localiza; o

³ Tradução livre. No original: “Languages that characteristically map the core schema into the verb [...]” (TALMY, 2000, p. 222).

⁴ Para um estudo que questiona alguns aspectos dessa classificação e levanta a possibilidade de a lexicalização de modo de movimento no português brasileiro não ser periférica ou excepcional (característica de línguas com *frame* no satélite, como o inglês), consultar Santos Filho (2016, 2018).

percurso compreendido entre a base e o topo da Serra do Corvo Branco equivale à *Trajetória*. Já o primitivo *Modo*, em contraste com os elementos lexicalizados, só poderia fazer parte deste evento de movimento se expresso por um constituinte independente, como em *João subiu a Serra do Corvo Branco pedalando*.

Esse esquema para descrição do conteúdo lexicalizado por verbos de movimento com trajetória contempla importantes (mas talvez não suficientes) elementos do evento de movimento; ainda há indícios de elementos semânticos que também parecem ser lexicalizados por um grupo de verbos de movimento e que não estão recobertos nessa descrição. Quando o movimento por uma *Trajetória* é direcionado, parece-nos relevante dizer se se trata de uma direção específica ou inespecífica.

Como visto, *subir* expressa um evento de movimento em que a *Figura* move-se para cima; *atravessar*, diferentemente, envolve um evento de movimento com deslocamento, ou seja, com *Trajetória* lexicalizada, porém, a direção em que a *Figura* se desloca é inespecífica. Por isso, argumentamos que a sentença (i) *João atravessou a rua* é mais vaga que (ii) *João subiu a rua*: no caso de (i), o evento de movimento é direcionado, mas a direção é inespecífica, ou seja, não se sabe para qual lado a *Figura* se moveu; no caso de (ii), além de ser direcionado, o deslocamento envolvido no evento de movimento ocorre em uma direção predeterminada e ambas as informações são lexicalizadas pelo verbo. Ainda, para que (i) pudesse se equivaler a (ii) em termos de especificação semântica, seria necessário compensar a diferença informacional por meio de um constituinte independente, como em (iii) *João atravessou a rua para o lado da Igreja*.

Ao evidenciarmos que a especificação da direção do movimento pode ocorrer, em sentenças com o verbo *atravessar*, por meio da composição com sintagmas direcionais, estamos equivalendo a expressão linguística desse aspecto de significado à maneira como Talmy (1985, 2000) afirma que ocorre a expressão do primitivo *Modo* de movimento em línguas com *frame* no verbo. Dito de outra forma, assim como *Modo* pode ser lexicalizado na raiz do verbo (*A bateria desfilou pela avenida*) ou ser expresso por um constituinte independente na sentença (*A bateria percorreu a avenida desfilando*), a direção específica de um evento de movimento que envolve deslocamento por uma *Trajetória* também pode ser lexicalizada pelo verbo junto com a *Trajetória* (*A bateria subiu a avenida*) ou pode ser expressa separadamente, nos casos em que a *Trajetória* está lexicalizada, mas a direção do movimento se mantém inespecífica na raiz do verbo (*A bateria cruzou a avenida no sentido centro*).

Há, na proposta de tratamento dos verbos de movimento de Jackendoff (1990), certo enriquecimento em relação às funções semânticas primitivas. Para verbos de movimento direcionado, que lexicalizam *Trajetória*, o autor considera que uma função adicional é incorporada à semântica do verbo, que expressaria em sua estrutura léxico-conceptual uma fusão entre *Lugar* e *Trajetória*. Esse enriquecimento pode ser ilustrado com o caso de *entrar*, verbo que incorpora na raiz as informações de “para dentro de”. Note-se que a preposição *para* liga-se à expressão linguística de *Trajetória*, enquanto *dentro de* liga-se à expressão linguística de *Lugar*. Nesse sentido, mesmo sua “[...] versão intransitiva, *João entrou*, não significa apenas ‘João atravessou alguma trajetória’, mas também ‘João entrou em alguma coisa’. Isso quer dizer que o significado de *para dentro de* se sobressai mesmo quando o segundo argumento do verbo está implícito” (JACKENDOFF, 1990, p. 46, grifos no original)⁵.

Além da fusão entre *Lugar* e *Trajetória*, Jackendoff (1990) também prevê a possibilidade de verbos de movimento direcionado ocorrerem com um *Route-phrase*, que vamos chamar de sintagma direcional. Como apontou o autor, ainda que o verbo já lexicalize *Trajetória*, pode-se ter uma combinação sentencial em que um sintagma preposicionado adicione informação direcional, como em *Bill entered the room through the window/along the west side* ('Bill entrou na sala pela janela/pelo lado oeste'). É interessante evidenciarmos com esse exemplo de Jackendoff que o sintagma direcional (ou *Route-phrase*) não redonda em termos de informação semântica com o conteúdo lexicalizado pelo verbo *enter* ('entrar'). Pela raiz do verbo está expressa a direção do deslocamento, definida como *para dentro*, a ela o sintagma direcional adiciona a informação de *por onde* (via janela, via lado oeste).

⁵ Tradução livre. No original: “[...] intransitive version, *John entered*, means not just ‘John traversed some path’ but ‘John went into something’. That is, the sense of *into* appears even when the second argument is implicit” (JACKENDOFF, 1990, p. 46).

Verbos de movimento direcionado, portanto, lexicalizam a *Trajetória* do deslocamento que denotam (informação intrínseca ao verbo), mas também podem, recursivamente, compor com sintagmas direcionais que adicionem especificações do trajeto de deslocamento (informação extrínseca) contido no evento de movimento. Em linhas gerais, o efeito dessa combinação seria uma semântica verbal enriquecida pela composicionalidade. Se isso é possível com verbos como *entrar*, que já especificam a direção, também deve ser possível com verbos que denotam deslocamento em uma direção inespecífica, como *atravessar*. Nossa hipótese é a de que sintagmas direcionais podem ser suplementos de especificação semântica para a já lexicalizada função *Trajetória*. Essa especificação tem base gramatical, uma vez que deriva, inicialmente, de elementos preposicionais que introduzem o sintagma (preposições e locuções, como *em*, *para*, *de*, *até*, *via*, *no sentido x*, *em direção a y*).

Vem desde Levin (1993) a ideia de que o comportamento gramatical de um item lexical, em especial de verbos, no que tange à realização argumental, por exemplo, é em grande medida influenciado pela semântica da palavra, ou seja, pelo seu significado. A autora chega a considerar que o significado de um verbo é a chave para a compreensão de seu comportamento linguístico (como a participação em processos de alternância, a configuração argumental, as diáteses e a organização em classes de predicadores com similaridades quanto a essas realizações). Nessa mesma esteira, Grimshaw (2005) apresenta uma abordagem do léxico que valoriza a estrutura semântica por trás da organização dos conhecimentos lexical e gramatical. Segundo ela, a estrutura semântica de predicadores verbais “[...] determina a expressão sintática dos argumentos de um predicado” (GRIMSHAW, 2005, p. 76)⁶ em função, principalmente, de componentes de significado que possuem *vida gramatical*.

Pretendemos assumir esse viés teórico de tratamento do léxico, considerando que a estrutura semântica dos verbos de movimento direcionado que não especificam a direção de movimento vai ser distinta da estrutura semântica de outros verbos de movimento que também lexicalizam *Trajetória*, porém, possuem especificação de direção do deslocamento denotado. Com isso, pretendemos argumentar que diferenças de comportamento gramatical, em relação ao teste de adjunção proposto, e de comportamento semântico, em relação ao teste de paráfrase, são lexicalmente motivadas e podem nos apontar como verbos de movimento bastante similares (*subir/entrar* vs. *atravessar/cruzar*, por exemplo) lexicalizam informações distintas.

Rappaport-Hovav e Levin (2010), ao discutirem a distribuição complementar entre verbos de modo (*correr*) e verbos de resultado (*limpar*), apontam que predicadores verbais como *cruzar* e *atravessar*, ainda que lexicalizem trajetória orientada por um eixo, não especificam a direção do movimento realizado ao longo dessa trajetória. Assim como as autoras, consideramos que o fato de esses verbos denotarem um eixo para o deslocamento por um trajeto (transversal, por exemplo, em *João cruzou a avenida*) não é condição suficiente para termos a direção do movimento especificada, pois a própria denotação de eixo pode ser interpretada não como *Trajetória*, mas como *Modo*, como veremos na seção 3. Antes disso, na seção seguinte, vamos caracterizar melhor quais são os verbos do português brasileiro que estamos considerando verbos de movimento direcionado com trajetória não definida.

3 A SUBCLASSE DOS VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONADO COM TRAJETÓRIA NÃO DEFINIDA

No cenário brasileiro e europeu, poucos estudos foram desenvolvidos especificamente sobre a classe dos verbos de movimento direcionado do português. Parece ser o caso de que a categoria de modo de movimento tem despertado um interesse maior de pesquisadores (SANTOS FILHO, 2016; SANTOS FILHO; MOURA, 2016; LEAL; OLIVEIRA, 2008, para citar alguns), o que acaba acarretando um tratamento periférico para os verbos de movimento direcionado. Entre esses verbos, o subgrupo que não especifica a direção do movimento, então, tem certamente ainda menos proeminência entre os estudos linguísticos.

Em investigação recente, o trabalho de Poll (no prelo) identificou 432 verbos de movimento direcionado para o português brasileiro. Destes, a autora mapeou 71 (16,45%) que não especificam a direção do movimento, ou seja, são verbos do tipo de *atravessar*, em que o movimento denotado é desenvolvido em uma direção, contudo, essa direção não está lexicalmente definida. Esses verbos se distinguem de outros de movimento que incluem trajetória lexicalizada com a direção do movimento especificada, a exemplo de *subir* (ir para cima) e *entrar* (ir para dentro), como já discutimos. No Quadro 1, pode-se conferir a lista completa:

⁶ Tradução livre. No original: “[...] determines the syntactic expression of the arguments of a predicate” (GRIMSHAW, 2005, p. 76).

acamboar, acurvar, afastar, angular, apartar, atravessar, averter, azangar, bandear, cabecear, cambar, confluir, cortar, cruzar, curvar, desatravessar, descentralizar, decentrar, descruzar, desnortear, despassar, desviar, discorrer, distanciar, dobrar, driblar, encruzar, encruzilhar, engambitar, entrecruzar, espripiar, fastar, fender, fluir, franquear, inambular, obliquar, partir, passar, pertransir, pervagar, podar, quebrar, rasgar, recravar, recurvar, ricochetar, ricochetear, romper, sulcar, tombar, tornejar, tranar, trançar, transcender, transcorrer, transcursar, transfixar, transgredir, transir, transitar, transnadar, transpassar, transpor, traspassar, travessar, trespassar, ultrapassar, vadear, varar, vazar.

Quadro 1: Verbos de movimento direcionado do PB cuja direção do movimento não é lexicalmente definida

Fonte: Poll (no prelo)

No Quadro 1, reproduzimos a subclasse dos verbos de movimento identificada por Poll (no prelo)⁷ como o conjunto de predicadores verbais do PB que, embora lexicalizem movimento direcionado (ou seja, são verbos de trajetória), não possuem predeterminação lexical da direção desse movimento. Esses verbos teriam uma especificação semântica mais aberta, o que possibilitaria serem empregados em contextos nos quais a direção do movimento é irrelevante ou mesmo desconhecida pelo falante, conforme argumentaremos à frente.

Para aplicação dos testes que estamos propondo neste trabalho, selecionamos dez dos verbos de movimento direcionado que não especificam a direção do movimento relacionados no Quadro 1. O procedimento de escolha foi guiado pela identificação, entre esses verbos, de traços de conteúdo semântico que fossem notadamente avaliados, na sua dicionarização, como locomoção física de uma entidade (*ir, passar, atravessar*), envolvendo mudança de localização espacial como resultado do deslocamento por uma trajetória. Estamos chamando essa restrição de conteúdo semântico de *acepção planificada* de deslocamento físico entre dois pontos, destacada na coluna do meio do Quadro 2. Adotamos a terminologia *acepção planificada* porque intencionamos deixar claro que, independentemente da gama de contextos de uso desses verbos, nosso estudo estará centrado exclusivamente na acepção considerada estratégica para o fenômeno investigado (conferir nota 9, sobre *ultrapassar*).

Verbo	Conteúdo Semântico – acepção planificada de deslocamento físico entre dois pontos	Potenciais sinônimos relacionados
atravessar	Ir de um lado a outro, através ou por cima.	transpor, traspassar, cruzar
Cambar	Ir para outra direção; mudar de rumo; passar de um lado para outro.	curvar
Cortar	Avançar para dentro de algum lugar.	cruzar, atravessar, transpor
Cruzar	Ir para direções diversas; percorrer em diversos sentidos; encontrar-se, vindo de direções opostas; passar através de algo.	atravessar, transpor, ultrapassar
Curvar	Ir em curva.	dobrar, arquear.
Dobrar	Mudar a direção, virar; passar além de, circundando.	curvar, virar
Driblar	Esp. De posse da bola, ultrapassar o adversário com finta, por meio de movimentos com pés ou mãos.	passar; ultrapassar, fintar.

⁷ A autora produziu um levantamento dos *verbos de trajetória* do português brasileiro a partir de uma triagem dos itens verbais catalogados pelo Dicionário Aurélio em sua versão mais completa e atual para o ano de 2017.

Transpor	Ir ou passar além de; galgar; deixar para trás.	ultrapassar, atravessar
ultrapassar ⁸	Passar para o outro lado; exceder limites; passar além de algo.	transpor, passar, cruzar
Varar	Ir de um lado a outro; passar além de algum lugar.	atravessar, traspassar, transpor.

Quadro 2: Seleção a partir de traços de deslocamento físico em verbos de movimento direcionado do PB cuja direção do movimento não é lexicalmente definida

Fonte: Baseado em Poll (no prelo), Dicionário de Sinônimos (2018) e Michaelis (2018)

Esse recorte pelo conteúdo semântico dos verbos nos possibilita assegurar que estamos trabalhando com dez itens lexicais que são verbos de movimento direcionado. Já quanto à especificação ou não-especificação da direção do movimento, pretendemos que os testes aqui propostos sejam efetivos como procedimento de identificação desse traço semântico no grupo analisado, permitindo-nos fazer predições acerca de sua estrutura lexical. Além disso, no Quadro 2, a última coluna também relaciona possíveis sinônimos (apontados em uma perspectiva gradativa da sinonímia, a depender do contexto sentencial) que podem ajudar a identificar o tipo de significado focalizado.

O verbo *cruzar*, por exemplo, atende aos critérios de seleção que esboçamos por indicar, em sentenças como *João cruzou a pista*, o deslocamento físico de uma *Figura* (*João*) por uma *Trajetória* que vai de um ponto *x* na pista para um ponto *y*, ou seja, implica mudança de localização espacial dessa entidade como efeito do desenvolvimento da ação de *ir de um ponto a outro da pista*. Esse mesmo deslocamento poderia ser descrito pelos verbos *atravessar* ou *transpor*, apontados, portanto, como sinônimos potenciais.

Já verbos como *descruzar*, por exemplo, não foram selecionados neste momento por serem resultado de um processo morfológico cuja regra oferece como produto um novo item lexical semanticamente distinto da palavra-base em função do acúmulo de valor do morfema e não em função de uma semântica própria da nova palavra: a diferença entre *cruzar* e *descruzar* centra-se na ideia de reversão de processo, morfológicamente herdada de *des-* + forma verbal – o mesmo efeito ocorre com verbos de outras classes, como *desfazer*, *desarrumar*, *desmarcar*, que não são verbos de movimento, mas de mudança de estado.

Os exemplos⁹ que passaremos a discutir atestam o emprego dos dez verbos destacados no Quadro 2 em ocorrências que parecem ser ilustrativas de um comportamento linguístico em que: (i) estes verbos podem ser usados para descrever cenas em que um participante se move no espaço, por uma trajetória; (ii) mas sem direção de movimento definida; (iii) nem lexicalmente nem composicionalmente na sentença; (iv) provavelmente porque a direção desse movimento é irrelevante e pode ou não ser recuperada pelo falante.

Inicialmente, podemos destacar, em um primeiro bloco de análise, o comportamento semântico de *atravessar*, *cruzar*, *cortar* e *varar*, os quais são verbos de movimento direcionado com valor semântico que implica a passagem de uma *Figura* por uma área predefinida, mas sem determinar a direção tomada pela entidade durante a travessia:

- (1) Com apenas 24 anos de idade, [Philippe] Petit **atravessou** oito vezes as inacabadas torres [gêmeas do World Trade Center] a 411,48 metros (aproximadamente 1,350 pés) acima do solo. Petit levou seis anos planejando e,

⁸ Notadamente, o verbo *ultrapassar* também possui significado de *ir à frente de*. Nesse caso, o verbo se mantém como de movimento, mas passa a ter a direção de seu movimento estabelecida: *de algum ponto atrás (ou ao lado) para um ponto à frente*. Contudo, não é este significado do verbo que estamos analisando aqui, mas aquele em que *ultrapassar* indica *romper um limite* (contenção limitrofe), em qualquer direção que seja (como em *O rebanho ultrapassou o limite das propriedades*, em que não se sabe a direção tomada pela *Figura* ao realizar o movimento de ultrapassar, se de A para B ou se de B para A). Essa dupla leitura semântica do verbo nos coloca a questão intrigante de que, a depender da acepção focalizada, *ultrapassar* ora especifica direção do movimento ora não a específica.

⁹ Para os propósitos deste trabalho, é suficiente atestar a ocorrência, conforme a significação que estamos enfocando, dos verbos analisados. Não nos interessa discutir neste momento frequência de uso ou mesmo outras questões relativas ao comportamento linguístico do falante. Em função disso, detivemo-nos apenas na localização, via sistemas de busca (predominantemente via Google), de pelo menos um emprego em português brasileiro dos verbos do Quadro 2 em que a direção do movimento não estivesse especificada. Essa busca pode ser descrita como produzida em *corpora* aberto.

durante este tempo, aprendeu tudo que podia sobre os edifícios. Sua acrobacia saiu em manchetes pelo mundo inteiro. (WIKIPEDIA, 2018).

(2) O ex-cinegrafista Valdir Coelho, hoje com 48 anos, tinha verdadeira paixão pela moto TT 125 que usava para ir trabalhar. No dia 20 de dezembro de 93, no final do expediente, ele **cruzou** a Rua Roncador com a Avenida Serra da Graciosa, no Jardim Bandeirantes (zona oeste), avançando a preferencial. A infração poderia não ter causado maiores estragos se um Chevette não estivesse passando por ali naquele exato momento, também em alta velocidade. (VÍTIMAS..., 2018).

(3) Max Verstappen estava furioso após perder o pódio em Austin, quando os comissários entenderam que ele **cortou** a pista em uma última manobra sobre Kimi Raikkonen. Ele até chegou a sugerir que só Garry Connelly o punisse regularmente. (NOBLE, 2018).

(4) Quando ouvimos os disparos corremos para a mata. Horas depois, alguns garimpeiros voltaram, enquanto outros ainda **vararam** a mata para escapar das balas. Só tínhamos visto isto em filme. Aqueles helicópteros sobrevoando a mata e de dentro homens metralhando para baixo, igual ataques no Vietnã, lembrou o garimpeiro conhecido por Leonardo. (AGENTES... 2018).

O trecho (1) ilustra o uso de *atravessar* com foco no movimento com deslocamento sem direção definida. Nota-se que, neste excerto, a ênfase está na passagem de um a outro ponto, repetida oito vezes, sem definição específica da direção do movimento. Embora o movimento de *atravessar* tenha sido realizado pela *Figura Philippe Petit* sempre de uma torre a outra, não interessa definir se o movimento direcionado seguia de A para B ou de B para A. Esse exemplo de uso de *atravessar* pode esclarecer o que estamos chamando de verbo de movimento direcionado cuja direção do movimento não é predeterminada (talvez nem mesmo relevante).

Outro exemplo pode ser observado em (2), com o verbo *cruzar*. Nesse caso, a *Figura* se desloca até o ponto de um entroncamento em que a direção do movimento de *cruzar as vias* é indefinida: a *Figura* tanto pode ter se deslocado sobre a via preferencial (Rua Roncador) seguindo pela via paralela (Avenida Serra da Graciosa) no sentido centro-bairro quanto no sentido bairro-centro. Mais uma vez, observamos que o movimento é direcionado, mas a direção do movimento não está especificada.

O verbo *cortar*, talvez o menos regular como verbo de movimento¹⁰, aparece em usos como (3), em que a *Figura* *percorre a pista* em um deslocamento diagonal, com um modo de realização do movimento lexicalizado, mas sem que se especifique, dentre as duas possibilidades de *corte da pista*, em que direção o movimento direcionado foi realizado. Similarmente, (4) apresenta um trecho de texto em que o verbo *varar* também recebe leitura de verbo de movimento direcionado, muito aproximado a *atravessar*, com essa acepção planificada, ou seja, é proeminente em (4) a ideia de que o movimento segue uma trajetória até o final da área de deslocamento (a mata), independentemente de qual direção a *Figura* tomou para realizar o movimento.

Um segundo bloco pode ser estabelecido pelo comportamento semântico de *cambar*, *curvar* e *dobrar*; estes são verbos de movimento direcionado que implicam a tomada de certo modo de movimento (um novo elemento semântico) na continuidade do movimento, interferindo também na *Trajetória*, ou melhor, no sentido do percurso pelo qual a *Figura* se desloca (em ruptura com uma linha reta do movimento), mas sem determinar a direção tomada para esse novo sentido:

(5) Segundo palavras do Torben, quando ele **cambou** para a boia (lembrem-se que ele vinha pela esquerda da raia, a barlavento dos outros barcos) ele achou que estivesse atrás da linha do movistar. Lógico que foi um erro. Quando ele chegou à boia, ele tentou fazer uma manobra sensacional, que era entrar num espaço inexistente e sair triunfante em segundo (BR1, 2018).

¹⁰ Em termos canônicos, *cortar* é um verbo causativo, que indica uma afetação (mudança de estado) para a entidade que sofre a ação, o paciente. Em *João cortou o bolo*, a entidade o *bolo* é paciente porque é afetada pela ação de cortar, desencadeada por *João*, agente com volição e controle sobre a realização do evento.

(6) [a testemunha declarou que] vinha de moto e logo que **curvou** a rua, avistou o acusado a uns dez metros e assim percebeu o acusado dispensando a coisa que constatava ser o entorpecente. (ESPÍRITO SANTO, 2018).

(7) Na verdade, quando ele [o assaltante] **dobrou** a rua de bicicleta a polícia encostou, eu só tive tempo de perceber que era polícia, porque eu achei que era outro assalto. Eu não tinha notado, estava muito nervosa. Aí veio o carro e a gente não perdeu ele de vista nunca. (RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Observamos que os verbos grifados nos trechos (5), (6) e (7) comportam o significado de *virar para alguma direção*, qualquer que seja. Em (5), o emprego de *cambar* ocorre em um contexto em que a *Figura* em deslocamento (Ele/Torben) pode ter tomado o sentido à direita ou à esquerda, rumo à outra entidade estática que marca o fim da trajetória (a boia). Em (6), o verbo *curvar* também é empregado para descrever um movimento que acontece de modo curvo, com deslocamento direcionado (curva-se para algum dos lados da via), sem especificação da direção tomada pela *Figura* (a testemunha), mas, diferentemente de (5), em (6) não há uma segunda entidade estática que seja assumida como referência para a trajetória, uma vez que o final da trajetória, assim como sua direção, é indeterminado. Ainda, (7) representa um uso de *dobrar* bastante assemelhado ao uso de *curvar* em (6), pois também temos dois pontos de indeterminação semântica: (a) quanto à direção para a qual a *Figura* em deslocamento manteve o curso do movimento e (b) quanto ao final da trajetória percorrida durante o movimento de *dobrar*.

Por fim, conseguimos delinear um terceiro bloco para os verbos de movimento direcionado que não determinam a direção do movimento que denotam. Nesse conjunto, se assemelham em termos de comportamento semântico os verbos *driblar*, *transpor* e *ultrapassar*. Esses três predicadores representam verbos de movimento direcionado cujo significado implica que uma *Figura* tome uma posição além de um limite (em relação de anterioridade/posterioridade com outra entidade ou em relação de contenção limítrofe), mas sem determinar a direção tomada para que se defina a nova posição espacial:

(8) A reconstituição do lance na memória de Carbajal começa com certo exagero. "Ele [Pelé] **driblou** seis dos nossos jogadores [seleção mexicana] e chutou no canto direito do meu gol", recorda. Enquanto narra, acompanha o lance no YouTube. (LIMA, 2018).

(9) Aqui a espécie [primavera arbustiva], geralmente cultivada como trepadeira, em cercas e grades, foi podada para servir de barreira verde. Plantada a pleno sol, tem crescimento vigoroso e inflorescência comum entre o outono e o inverno. Como tem poucos espinhos, é possível utilizá-la sem podas, na forma arbustiva, para o uso defensivo. Apesar das folhas pequenas, é muito ramificada e mais difícil de **transpor**. (LAUTON, 2018).

(10) Já anteontem, logo pela manhã, uma carreta bitrem **ultrapassou** a mureta que divide as pistas da rodovia e causou lentidão de três quilômetros no sentido Rio e um no sentido São Paulo. (ENGAVETAMENTO, 2018).

O trecho (8) está indicando uma cena de movimento em que *driblar* denota o movimento da *Figura* (Pelé) quando ela passa por outra(s) entidade(s) e se desloca pela trajetória, seguindo uma direção que pode ser à frente, mas não precisa necessariamente representar uma posição adiante. Pode-se driblar para quaisquer dos lados ou mesmo para trás, indicando que, embora haja uma direção do movimento, ela não está predeterminada e pode, inclusive, na cena descrita em (8), ter ocorrido de diferentes formas, a cada drible.

O exemplo de uso de *transpor*, em (9), indica a indeterminação da direção do movimento por não especificar um dos sentidos possíveis em que a barreira para o movimento se aplica. Na verdade, para qualquer entidade, é difícil que se consiga transpor a barreira verde, seja direcionando o movimento do lado A para o lado B ou do lado B para o lado A da cerca. Circunstância semelhante está registrada em (10), por *ultrapassar*. A direção do movimento é indeterminada em relação ao lado para o qual a *Figura* (carreta bitrem) segue, ficando apenas registrada a transposição de uma barreira limítrofe.

É interessante destacarmos, talvez por ser pouco intuitivo, que parece haver certa relutância para a leitura semântica de *ultrapassar* em (10) não como *ir à frente de algo*, mas como *ir através de algo*. Nesse segundo caso, o movimento não representa necessariamente movimentar-se para uma posição à frente de outra entidade, como acontece em *Hamilton ultrapassou Hulkenberg na terceira curva*. De modo distinto, em (10) temos o foco do significado recaindo sobre a ação de passar através de algo (cerca, mureta, barreira) e não sobre passar para a frente de algo.

Por fim, podemos sistematizar a discussão que conduzimos de acordo com o Quadro 3¹¹, abaixo, que resume as três possibilidades de denotação dos verbos de movimento direcionado que não determinam direção.

Verbos	Denotação	Exemplo
atravessar, cruzar, cortar, varar	Passagem de uma <i>Figura</i> por uma área predefinida, sem determinar a direção tomada por ela durante a travessia.	João cruzou o Eco Parque em vinte minutos.
cambar, curvar, dobrar	Inclinação de uma <i>Figura</i> na continuidade do movimento, sem determinar a direção tomada no novo sentido.	João dobrou a esquina em alta velocidade.
driblar, transpor, ultrapassar	Deslocamento de uma <i>Figura</i> para além de um limite ou através dele, sem determinar a direção tomada pelo movimento.	João ultrapassou a cerca verde de arbustos.

Quadro 3: Síntese da possibilidades de denotação dos verbos analisados

Fonte: As autoras

Nesta seção, apresentamos a subclasse dos verbos de movimento direcionado que não determinam a direção do movimento definida por Poll (no prelo) e atestamos ocorrências desses verbos no português brasileiro. Foi possível, além de discutir a indeterminação desses predicadores verbais em relação à direção do movimento (irrelevante para as ocorrências ilustradas de (1) a (10)), destacar três eixos semânticos que compõem sua denotação e podem servir de parâmetro para a organização do conteúdo semântico desses verbos. Na seção seguinte, o foco será a estrutura semântica desses verbos e a aplicação de testes que incidam mais diretamente sobre seu comportamento gramatical.

4 TESTES SEMÂNTICOS PARA VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONADO – A PARÁFRASE E A ADJUNÇÃO

Nesta seção, vamos realizar dois testes distintos com os dez verbos que estamos analisando (*atravessar, cambar, cortar, cruzar, curvar, dobrar, driblar, transpor, ultrapassar* e *varar*). Os testes aplicados possuem os propósitos de: (a) explicitar que informações de trajetória estão sendo lexicalizadas pelos verbos de movimento direcionado e como diferenças de lexicalização poderiam nos orientar para a distinção entre os predicadores que denotam movimento por uma trajetória no PB; (b) evidenciar se há ou não há alteração de significado (perda semântica ou acréscimo) quando a paráfrase dos nossos exemplos alterna a presença e a ausência de sintagma direcional. Se houver mudança semântica, por razões lógicas, entenderemos que não houve paráfrase.

Primeiramente – para evidenciar se a direção do movimento é mesmo inespecífica para os verbos de movimento direcionado que estamos tratando como predicadores que, embora denotem uma direção para o movimento, não a predefinem –, vamos submeter às sentenças a inserção de sintagmas direcionais em relação de antônima inversa, ou seja, o *sintagma direcional A* apontará para uma direção considerada contrária àquela para a qual aponta o *sintagma direcional B*. Nossa expectativa é a de que verbos que

¹¹ Essa distinção estabelecida no Quadro 3 será ainda mais relevante à frente, na análise que proporemos na seção 3, por representar também uma separação em termos de propriedades semânticas mobilizadas pelos agrupamentos de verbos apresentados no Quadro 3.

lexicalizam um movimento direcionado sem que sua semântica determine as possibilidades de direção não ofereçam qualquer restrição linguística para ocorrer em construções com quaisquer desses sintagmas.

Depois, para verificarmos o quanto a especificação de direção do movimento direcionado é demandada pela estrutura semântica do item lexical, vamos realizar paráfrases com o verbo *percorrer* ou com o verbo *passar*¹², em duas circunstâncias: com e sem sintagma direcional; este sintagma será escolhido entre os dois utilizados na antónimia inversa do primeiro teste. Definimos que *percorrer* e *passar* são verbos adequados para paráfrases nesse contexto porque recobrem os significados de *ir por uma trajetória*, denotando claramente deslocamento físico de uma entidade entre dois pontos (ou seja, a denotação básica de um verbo de movimento, acrescida da ideia de trajetória), sem que precisemos utilizar o próprio verbo *ir* – o que nos resguarda de uma possível sobreposição entre o verbo e o operador primitivo IR.

Para que possamos estabelecer um contraste com a semântica dos verbos de movimento direcionado com direção do movimento também lexicalizada, iniciaremos nossa discussão aplicando esses testes ao verbo *subir* que, como já mostramos, é um predicador que lexicaliza ambas as informações (movimento direcionado e direção).

(11) Philippe Petit subiu oito vezes a torre A do World Trade Center.

- (a) **Sintagma direcional A:** ??Philippe Petit subiu **para cima** oito vezes a torre A do World Trade Center.
- (b) **Sintagma direcional B:** #Philippe Petit subiu **para baixo** oito vezes a torre A do World Trade Center.
- (c) **Paráphrase com *percorrer*:** ??Philippe Petit **percorreu** oito vezes a torre A do World Trade Center.
- (d) **Paráphrase com *percorrer* + sintagma direcional:** Philippe Petit **percorreu para cima/#para baixo** oito vezes a torre A do World Trade Center.

Na realização do primeiro teste, (11a) evidencia que o valor semântico do sintagma preposicional redonda na sentença, ou seja, existe uma sobreposição de valores verificada entre a orientação do movimento no espaço advinda do próprio verbo *subir* e o reforço dessa orientação, que decorre da adjunção, por composicionalidade. Essa redundância semântica está expressa na sentença pela notação “??”. Avaliamos que a sentença não chega a ser mal formada pelo fato de que se podem verificar, por parte dos falantes, usos como *entrar para dentro*, *subir para cima*, *sair para fora* e outros. Nesse cenário, acreditamos ser mais prudente pontuarmos um estranhamento semântico para construções como (11a) e não propriamente uma falta de semanticalidade.

De modo contrário, ainda no teste de adjunção, (11b) sim parece conter um problema de semanticalidade. A anomalia de formação semântica está indicada pelo sinal de sustenido (#) e decorre do fato de não haver confluência entre a informação semântica lexicalizada por *subir* e aquela expressa pelo sintagma direcional adjunto. Como os valores semânticos de direção do movimento são inversamente relacionados, o resultado é uma sentença contraditória. Com o teste de adjunção, portanto, podemos demonstrar que *subir* lexicaliza movimento direcionado com direção do movimento predeterminada.

Já o teste de paráphrase nos indica que (11c) é insuficiente como paráphrase de (11), enquanto (11d) é suficientemente equivalente quando considerado o primeiro adjunto, mas anômala quando considerado o segundo. Em termos de implicação, podemos considerar que há acarretamento mútuo entre (11) e (11d – 1º adjunto), mas acarretamento simples de (11) para (11c). Se é verdade que Philippe Petit subiu oito vezes a torre A do World Trade Center ((11)), então é verdade que Philippe Petit percorreu oito vezes a torre A do World Trade Center ((11c)). Entretanto, da verdade de (11c) não podemos derivar a verdade de (11), porque é possível que Philippe Petit tenha percorrido a torre em algum andar específico, por exemplo, transversal e não longitudinalmente. A conclusão que tiramos do segundo teste, portanto, é a de que *percorrer para cima* é uma possibilidade de paráphrase para *subir*, mas *percorrer* não o é.

As generalizações que assumiremos a partir da aplicação dos testes com *subir* podem ser assim elaboradas:

¹² Os testes serão feitos com um verbo ou com outro, não com ambos. A escolha será feita por proximidade semântica entre *percorrer* ou *passar* em comparação com o verbo testado.

- **Teste de adjunção:** verbos de movimento direcionado que determinam lexicalmente a direção do movimento oferecem restrição semântica para a expressão linguística dessa direção por meio de um sintagma direcional e, ainda, não toleram composição com sintagmas direcionais cujo valor seja distinto daquele lexicalizado pelo verbo, resultando em anomalia semântica.
- **Teste de paráphrase:** *percorrer/passar* não é paráphrase para verbos de movimento direcionado com direção específica; *percorrer/passar para/na direção x* é uma paráphrase bem formada para verbos de movimento direcionado que determinam lexicalmente a direção do movimento, desde que a direção expressa por *x* seja a mesma lexicalizada pelo verbo.

Os resultados da aplicação desses mesmos testes a verbos de movimento direcionado que, diferentemente de *subir*, não lexicalizam a direção do movimento, são notadamente distintos. Vejamos inicialmente os resultados com *atravessar, cruzar, cortar* e *varar*.

(12) Philippe Petit atravessou oito vezes as torres gêmeas do World Trade Center.

- Sintagma direcional A:** Philippe Petit atravessou **para o leste** oito vezes as torres gêmeas do World Trade Center.
- Sintagma direcional B:** Philippe Petit atravessou **para o oeste** oito vezes as torres gêmeas do World Trade Center.
- Paráphrase com percorrer:** Philippe Petit **percorreu** oito vezes [a distância entre] as torres gêmeas do World Trade Center.
- Paráphrase com percorrer + sintagma direcional:** ??Philippe Petit **percorreu** oito vezes **para o leste/para o oeste** [a distância entre] as torres gêmeas do World Trade Center.

(13) O motociclista cruzou a Rua Roncador com a Avenida Serra da Graciosa, avançando a preferencial.

- Sintagma direcional A:** O motociclista cruzou **no sentido bairro-centro** a Rua Roncador com a Avenida Serra da Graciosa, avançando a preferencial.
- Sintagma direcional B:** O motociclista cruzou **no sentido centro-bairro** a Rua Roncador com a Avenida Serra da Graciosa, avançando a preferencial.
- Paráphrase com percorrer:** ??O motociclista **percorreu** [o trecho entre] a Rua Roncador com a Avenida Serra da Graciosa, avançando a preferencial.
- Paráphrase com percorrer + sintagma direcional:** ??O motociclista **percorreu** [o trecho entre] a Rua Roncador com a Avenida Serra da Graciosa **no sentido bairro-centro/ no sentido centro-bairro**, avançando a preferencial.

(14) Max Verstappen cortou a pista em uma última manobra sobre Kimi Raikkonen.

- Sintagma direcional A:** Max Verstappen cortou a pista **à direita** em uma última manobra sobre Kimi Raikkonen.
- Sintagma direcional B:** Max Verstappen cortou a pista **à esquerda** em uma última manobra sobre Kimi Raikkonen.
- Paráphrase com percorrer:** ??Max Verstappen **percorreu** a pista em uma última manobra sobre Kimi Raikkonen.
- Paráphrase com percorrer + sintagma direcional:** ??Max Verstappen **percorreu** a pista **à direita/à esquerda** em uma última manobra sobre Kimi Raikkonen.

(15) Garimpeiros vararam a mata para escapar das balas.

- Sintagma direcional A:** Garimpeiros vararam a mata **no sentido norte** para escapar das balas.
- Sintagma direcional B:** Garimpeiros vararam a mata **no sentido sul** para escapar das balas.

- (c) **Paráfrase com *percorrer*:** ??Garimpeiros **percorreram** a mata para escapar das balas.
- (d) **Paráfrase com *percorrer* + sintagma direcional:** ??Garimpeiros **percorreram** a mata **no sentido norte/no sentido sul** para escapar das balas.

No que diz respeito ao teste de adjunção, as sentenças de (12) a (15) revelam que suas contrapartes em (a) e em (b) em nada redundam ou entram em contradição com relação ao acréscimo semântico de informação sobre a trajetória do movimento denotado pelo verbo de movimento direcionado. Uma vez que *atravessar*, *cruzar*, *cortar* e *varar* parecem constituir sentenças semanticamente bem formadas com quaisquer dos sintagmas com que foram combinados nos testes de adjunção, mesmo que a relação de (a) para (b) seja de antônima inversa entre os sintagmas direcionais, temos elementos para acreditar que, de fato, é lexicalmente inespecífica a direção do movimento na trajetória denotada por esses verbos.

Essa mesma regularidade não pode ser descrita para o teste de paráfrase. Nota-se que, na **paráfrase com *percorrer*** em (c), (12c) parece ser uma paráfrase satisfatória para (12), já que em ambas está mantida a natureza inespecífica da direção assumida pela *Figura Philippe Petit* ao realizar o movimento e, ainda, ambas podem ser usadas para se descrever uma mesma situação no mundo – o que é uma das condições para que constituam paráfrase uma da outra. Entretanto, (13c), (14c) e (15c) não têm o mesmo resultado. Nesses casos, avaliamos que os resultados diferiram não em função do movimento direcionado, que está no foco de nossa análise, mas em função do modo de movimento, que parece ser um elemento adicional na semântica de *cruzar*, *cortar* e *varar*, em comparação com *atravessar*. *Cruzar* e *cortar* implicam um movimento feito em uma direção qualquer (inespecífica, como vimos pelo teste de adjunção), mas de modo diagonal – transversalmente. *Varar*, por sua vez, também não implica direção específica, mas se aplica a casos em que o movimento é feito de modo completo, através do elemento locativo. Como as sentenças de (13c), (14c) e (15c) não capturaram essa expressão de modo de movimento, não podem ser consideradas paráfrases para os exemplos com *cruzar*, *cortar* e *varar*.

A segunda parte do teste de paráfrase, com ***percorrer* + sintagma direcional**, revela que (12d), (13d), (14d) e (15d), em que se determina uma direção específica para o movimento pela trajetória, não são sentenças que possam ser consideradas paráfrases para (12), (13), (14) e (15), respectivamente. Vejamos o que acontece com o verbo *atravessar* e, de maneira análoga, estende-se para *cruzar*, *cortar* e *varar*: não temos acarretamento mútuo entre (12) e (12d), uma vez que, se afirmamos que Philippe Petit atravessou oito vezes as torres gêmeas do World Trade Center, não assumimos qualquer compromisso com a verdade de o equilibrista ter realizado a travessia para leste ou para oeste; contudo, há acarretamento de (12d) para (12), pois se ele fez a travessia em quaisquer das direções, então, ele a fez. Para que (12d) pudesse ser considerada paráfrase de (12), seria necessário identificar acarretamento mútuo entre elas.

Adicionalmente, ainda há o fato já apontado de *cruzar*, *cortar* e *varar* acumularem modo de movimento e movimento direcionado com direção inespecífica. As sentenças com ***percorrer* + sintagma direcional**, expressas em (d), também são semanticamente limitadas quanto à expressão do modo de movimento e, portanto, reúnem duas razões para serem avaliadas como impossibilidades de paráfrase para (13), (14) e (15). Agora vejamos como os testes são realizados com *cambar*, *cortar* e *dobrar*.

(16) O velejador cambou para a boia.

- (a) **Sintagma direcional A:** O velejador cambou para a boia **à direita**.
- (b) **Sintagma direcional B:** O velejador cambou para a boia **à esquerda**.
- (c) **Paráfrase com *percorrer*:** ??O velejador **percorreu** [o percurso] para a boia.
- (d) **Paráfrase com *percorrer* + sintagma direcional:** ??O velejador **percorreu** [o percurso] para a boia **à direita/à esquerda**.

(17) O motociclista curvou a rua.

- (a) **Sintagma direcional A:** O motociclista curvou a rua **à direita**.

- (b) **Sintagma direcional B:** O motociclista curvou a rua à esquerda.
- (c) **Paráfrase com *percorrer*:** ??O motociclista **percorreu** a rua.
- (d) **Paráfrase com *percorrer* + sintagma direcional:** ??O motociclista **percorreu** a rua à direita/à esquerda.

(18) O assaltante dobrou a rua de bicicleta.

- (a) **Sintagma direcional A:** O assaltante dobrou a rua de bicicleta à direita.
- (b) **Sintagma direcional B:** O assaltante dobrou a rua de bicicleta à esquerda.
- (c) **Paráfrase com *percorrer*:** ??O assaltante **percorreu** a rua de bicicleta.
- (d) **Paráfrase com *percorrer* + sintagma direcional:** ??O assaltante **percorreu** a rua de bicicleta à direita/à esquerda.

A aplicação em (16), (17) e (18) demonstra, novamente, que o teste de adjunção se mantém regular quanto aos resultados para os verbos testados. Nesses exemplos com *cambar*, *cortar* e *dobrar*, também não há redundância semântica em relação à informação direcional, nem conflito com a interpretação do adjunto que foi acrescido. Na verdade, esses exemplos de (a) e (b) assumem, composicionalmente, a direção expressa pelo sintagma direcional, independente de qual das duas opções esteja em análise (à direita/à esquerda).

Outro ponto que se repete é a não verificação de paráfrase com *percorrer*, nem com *percorrer* + **sintagma direcional**. Nesse caso, como ocorreu com *cruzar*, *cortar* e *varar*, consideramos que a impossibilidade de paráfrase reside no fato de que *cambar*, *cortar* e *dobrar* lexicalizam um modo de movimento que não é capturado pelas sentenças em (16c), (17c) e (18c) e em (16d), (17d) e (18d) – o que, por si só, já as invalida como possíveis paráfrases para (16), (17) e (18), respectivamente. Por fim, vejamos os testes aplicados a *driblar*, *transpor* e *ultrapassar*.

(19) Pelé driblou o jogador da seleção mexicana.

- (a) **Sintagma direcional A:** Pelé driblou o jogador da seleção mexicana pela direita.
- (b) **Sintagma direcional B:** Pelé driblou o jogador da seleção mexicana pela esquerda.
- (c) **Paráfrase com *passar*:** ??Pelé **passou** o jogador da seleção mexicana.
- (d) **Paráfrase com *passar* + sintagma direcional:** ??Pelé **passou** o jogador da seleção mexicana pela direita/pela esquerda.

(20) É difícil alguém transpor a cerca de primavera arbustiva.

- (a) **Sintagma direcional A:** É difícil alguém transpor **para dentro** a cerca de primavera arbustiva.
- (b) **Sintagma direcional B:** É difícil alguém transpor **para fora** a cerca de primavera arbustiva.
- (c) **Paráfrase com *passar*:** É difícil alguém **passar** a cerca de primavera arbustiva.
- (d) **Paráfrase com *passar* + sintagma direcional:** ??É difícil alguém **passar para dentro/para fora** a cerca de primavera arbustiva.

(21) A carreta ultrapassou a mureta que divide as pistas da rodovia.

- (a) **Sintagma direcional A:** A carreta ultrapassou **no sentido leste** a mureta que divide as pistas da rodovia.
- (b) **Sintagma direcional B:** A carreta ultrapassou **no sentido oeste** a mureta que divide as pistas da rodovia.
- (c) **Paráfrase com *passar*:** A carreta **passou** a mureta que divide as pistas da rodovia.
- (d) **Paráfrase com *passar* + sintagma direcional:** ??A carreta **passou no sentido leste/no sentido oeste** a mureta que divide as pistas da rodovia.

Neste último bloco de análise, podemos constatar que o teste de adjunção se manteve regular, quer dizer, para os três verbos testados em (19), (20) e em (21), não houve incompatibilidade para ocorrência com quaisquer dos sintagmas direcionais, tampouco redundância semântica. Isso nos encaminha para a consideração final de que, pelos dez verbos a que aplicamos o teste de adjunção, este parece ter sido um bom procedimento para explicitarmos que há uma subclasse dos verbos de movimento direcionado que não especifica a direção do movimento que denotam, ainda que haja uma direção para o cumprimento da trajetória de deslocamento.

Quanto ao teste de paráfrase, observa-se que a escolha, neste último caso, foi por *passar* (nas sentenças em (c)) e por *passar + sintagma direacional* (nas sentenças em (d)). Em (19c) ainda verificamos a interferência da propriedade semântica de modo de movimento (expressa cumulativamente pelo verbo *driblar*), o que não permite a leitura de (19c) como possível paráfrase para (19) – *driblar* significa passar de determinado modo, *fazendo finta*, e não apenas passar com ou sem direção definida.

Diferentemente, os verbos *transpor* e *ultrapassar* em (20) e em (21) não lexicalizam modo de movimento, apenas a direção inespecífica e, com isso, parecem ser usos para os quais as sentenças em (20c) e em (21c) constituem paráfrases bem formadas, uma vez que há acarretamento mútuo entre os pares (20-20c) e (21-21c). Já a sentença em (d) de cada bloco, assim como ocorreu com os demais verbos já testados, não pode ser aceita como paráfrase para (19), (20) e (21): em todos os casos, a contraparte em (d) especifica uma direção para o movimento, o que cria o contexto semântico de acarretamento unilateral, impróprio para a paráfrase, uma vez que (d) passa a conter mais informação semântica do que o que se expressa em (19), (20) e em (21); além disso, (19d) não contém a leitura de modo de movimento, lexicalmente expresso por *driblar*.

Após finalizarmos os testes de adjunção e de paráfrase com *atravessar*, *cambar*, *cortar*, *cruzar*, *curvar*, *dobrar*, *driblar*, *transpor*, *ultrapassar* e *varar*, podemos assumir as generalizações:

- **Teste de adjunção:** verbos de movimento direcionado que indeterminam a direção do movimento não oferecem restrição semântica para a expressão linguística dessa direção por meio de um sintagma direacional, independentemente do tipo de direção; não redundam e nem oferecem limitação semântica para composição com sintagmas direcionais.
- **Teste de paráfrase:** *percorrer/passar* é paráfrase bem formada para verbos de movimento direcionado que indeterminam a direção do movimento, desde que não haja outras propriedades semânticas concorrendo com a natureza inespecífica de direção da trajetória denotada por esses verbos, como a propriedade de modo de movimento; *percorrer/passar para/na direção x* não é paráfrase para o grupo de verbos de movimento direcionado que indeterminam a direção do movimento – ainda que esses verbos não lexicalizem, de forma cumulativa, modo de movimento.

Na aplicação dos testes com *subir*, no início desta seção, as generalizações que delimitamos são inversas a estas. Verbos do tipo de *subir* ou redundam informação semântica quando combinados com sintagma direacional ou refutam a composição, por anomalia semântica – de onde tiramos a evidência de que esses verbos lexicalizam não apenas a ideia de movimento direcionado, mas também a determinação de direção desse movimento. Por outro lado, verbos do tipo de *atravessar*, além de aceitarem composição com sintagma direacional, sem restrição ou redundância semântica, só tomam como paráfrases verbos que mantenham a denotação inespecífica quanto à direção de movimento – de onde tiramos a evidência de que esses verbos lexicalizam exclusivamente a ideia de movimento direcionado, sem predeterminar a direção desse movimento.

5 CONCLUSÕES

Os testes que propomos indicam, portanto, que é possível dividirmos a classe dos verbos de movimento direcionado do português brasileiro em dois grupos, um deles em que se encontram verbos do tipo de *subir*, com direção de movimento lexicalizada, e outro em que se encontram verbos do tipo de *atravessar*, que não lexicalizam a direção do movimento de deslocamento por uma trajetória, ainda que denotem movimento e *Trajetória*.

A análise foi, inicialmente, aplicada a dez verbos do português brasileiro, selecionados entre um grupo bem mais expressivo identificado por Poll (no prelo). Para ampliar o alcance das generalizações que propomos, seria interessante que os testes fossem aplicados a um grupo maior de verbos e, com isso, que se pudesse verificar a consistência dos resultados em análises mais extensivas. Ainda que tenhamos trabalhado com uma parcela, em torno de 14% do subgrupo identificado para o português brasileiro, já podemos verificar que os testes são mecanismos pertinentes para evidenciar os componentes semânticos lexicalizados por esses verbos. Além disso, informações adicionais puderam ser identificadas.

Uma delas, que sistematizamos no Quadro 3, diz respeito à separação desses verbos em pelo menos três blocos: (a) movimento de passagem de uma *Figura* por uma área predefinida, mas com direção inespecífica; (b) alteração de modo de movimento (um novo elemento semântico) na continuidade do deslocamento, redefinindo-se o sentido do percurso pelo qual a *Figura* se desloca, mas sem determinar a direção tomada para esse novo sentido; (c) movimento em que a *Figura* passa a uma posição além de um limite (em relação de anterioridade/posterioridade com outra entidade ou em relação de contenção limítrofe), sem especificação da direção tomada para que se defina a nova posição espacial.

Por fim, verificamos que sintagmas direcionais (*Route-phrase*) podem ser tomados como suplementos de especificação semântica de direção para os verbos de movimento com *Trajetória* que não tenham essa especificação lexicalizada. Com isso, nossa hipótese se confirma a partir não apenas do enriquecimento semântico que se pode observar nos casos de composicionalidade de verbos do tipo de *atravessar* com sintagmas direcionais, mas também pela redundância semântica que resultou dessa mesma combinação com verbos do tipo de *subir*, que têm a direção do deslocamento pela *Trajetória* lexicalmente marcada. Essa redundância não apareceu como resultado da aplicação do teste de adjunção em nenhum dos dez casos avaliados, o que, mais uma vez, corrobora nossa análise desses verbos como de lexicalização irrestrita quanto à direção do movimento que denotam.

REFERÊNCIAS

AGENTES do IBAMA espalham terror. Disponível em: <http://www.blogdopeninha.com.br/2014/05/agentes-do-ibama-espalham-terror.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

BATORÉO, H. J. *Expressão do espaço no português europeu*. Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6196>. Acesso em: 3 set. 2018.

BR1 o que aconteceu? Disponível em: <http://nautica.ind.br/forum/viewtopic.php?f=5&t=2188>. Acesso em: 17 set. 2018.

CIAMA, A. Verbos de movimento em português: critérios semânticos de delimitação. *Studia UBB Philologia*, LXII, 4, p. 35-52, 2017. Disponível em: <http://www.diacronia.ro/ro/indexing/details/A27798/pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS. Projeto Dicio. *Dicionário de Sinônimos Online*. Resp. Empresa 7Graus. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/sobre.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

ENGAVETAMENTO na Dutra fere dez; uma mulher fica em estado grave. Disponível em: <https://diariodovale.com.br/tempo-real/engavetamento-na-via-dutra-deixa-cinco-feridos/>. Acesso em: 17 set. 2018.

ESPÍRITO SANTO. Tribunal de Justiça. Disponível em:
<https://sistemas.tjes.jus.br/ediario/index.php/component/ediario/?view=contents&layout=fulltext&data=20170803&idorgao=347>. Acesso em: 17 set. 2018.

GRIMSHAW, J. *Words and Structure*. Stanford-CA: CSLI Publications, 2005.

JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

LAUTON, Thais. 11 espécies de cerca-viva para sua casa. Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/noticia/2016/02/especies-de-cerca-vivas.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

LEAL, A.; OLIVEIRA, F. Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais. Textos Seleccionados. Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, XXIII edição, 2008, Lisboa, APL. *Textos Seleccionados...* Lisboa: APL, 2008, p. 287-298. Disponível em: https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/21-Leal_Oliveira.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LIMA, Marcos Paulo. Carbajal: “Ele driblou seis e fez o gol”. Disponível em: https://www.df.superesportes.com.br/app/1,371/2010/10/21/noticia_pele_70_anos,168141/carbajal-ele-driblou-seis-e-fez-o-gol.shtml. Acesso em: 17 set. 2018.

MICHAELIS. *Dicionário de Português Brasileiro*. Editora Melhoramentos. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 17 set. 2018.

NOBLE, Jonathan. *Verstappen diz que xingamento a comissário não foi por mal*. Disponível em: <https://br.motorsport.com/f1/news/verstappen-diz-que-xingamento-a-comissario-nao-foi-por-mal-970070/1647085/>. Acesso em: 17 set. 2018.

POLL, T. V. H. *Comportamento sintático-semântico dos verbos de movimento direcionado que não especificam direção*. No prelo.

RAPPAPORT-HOVAV, M.; LEVIN, B. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: RAPPAPORT-HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. (org.). *Lexical Semantics, Syntax and Event Structure*. Nova York: Oxford University Press, 2010. p. 21-39.

RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Justiça. Disponível em: <https://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/21508146/apelacao-crime-acr-70046895215-rs-tjrs/inteiro-teor-21508147>. Acesso em: 17 set. 2018.

SANTOS FILHO, Dorival Gonçalves. Verbos de modo de movimento no português brasileiro: uma classe reduzida? In: ENCONTRO REDE SUL LETRAS, 4., 2016, Palhoça. *Anais...* Palhoça: Unisul, 2016. p. 321-332.

SANTOS FILHO, D. G.; MOURA, H. M. M. Padrões de lexicalização no português brasileiro. *Revista Signo*, v. 41, p. 114-126, 2016.

SANTOS FILHO, D. G. *A expressão do modo de movimento no português brasileiro*. 2018. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SILVA JÚNIOR, I. R da. *Verbos de movimento e sua representação na estrutura léxico conceptual*. 2015. 176f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158387>. Acesso em: 3 set. 2018.

TALMY, L. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Grammatical Categories and the Lexicon. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 57-149.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. VÍTIMAS de acidentes enfrentam as sequelas. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/vitimas-de-acidentes-enfrentam-as-sequelas-285007.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

WIKIPEDIA. *Philippe Petit*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Philippe_Petit. Acesso em: 17 set. 2018.



Recebido em 19/10/2018. Aceito em 02/01/2018.

ASPECTOS DA DIMENSÃO DISCURSIVA DA MEMÓRIA NOSTÁLGICA: UMA ANÁLISE DE EDITORIAIS DA REVISTA FERROVIA¹

ASPECTOS DE LA DIMENSIÓN DISCURSIVA DE LA MEMORIA NOSTÁLGICA: UN ANÁLISIS
DE EDITORIALES DE LA REVISTA FERROVIA

ASPECTS OF THE DISCURSIVE DIMENSION OF NOSTALGIC MEMORY: AN ANALYSIS OF
REVISTA FERROVIA EDITORIALS

Alana Destri**

Anselmo Lima***

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO: O presente artigo focou-se no estudo da manifestação da nostalgia no discurso e na delimitação de aspectos subjetivos desta enquanto fenômeno sínico e ideológico. O estudo discursivo desse fenômeno, pelo viés teórico do Círculo de Bakhtin, firma-se no fato de que a nostalgia, universal e contundente, não pode ser compartilhada e tampouco vivida se não através de signos e, consequentemente, de enunciados. Para tanto, fez-se uso de um *corpus* de pesquisa notoriamente nostálgico que conta com 106 editoriais da *Revista Ferrovia* publicados entre 1935 e 2017. Dentre todos, três tiveram sua análise em detalhe a fim de ressaltar o

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no VII CÍRCULO - Rodas de Conversa Bakhtiniana (2018).

** Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: alanadestri@outlook.com.

*** Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: selmolima@hotmail.com.

vínculo do enunciado nostálgico com o tempo histórico em que se vive. A síntese disto gera um poderoso efeito catártico que se perpetua nas esferas da atividade humana como instrumento para suportar um presente de agruras.

PALAVRAS-CHAVE: Memória nostálgica. Signo ideológico. Sociedade.

RESUMEN: El presente artículo se centró en el estudio de la manifestación de la nostalgia en el discurso y en la delimitación de aspectos subjetivos de la misma como fenómeno signico e ideológico. El estudio discursivo de este fenómeno, desde el punto de vista teórico del Círculo de Bakhtin, se afianza en el hecho de que la nostalgia, universal y contundente, no puede ser compartida y tampoco vivida si no lo es a través de signos y, consecuentemente, de enunciados. Para estos fines, se hizo uso de un *corpus* de investigación notoriamente nostálgico que cuenta con 106 editoriales de la *Revista Ferrovia* publicados entre 1935 y 2017. De entre todos, tres tuvieron su análisis en detalle a fin de resaltar el vínculo del enunciado nostálgico con el tiempo histórico en que se vive. La síntesis de esto genera un poderoso efecto catártico que se perpetúa en las esferas de la actividad humana como instrumento para soportar un presente de penurias/amarguras.

PALABRAS CLAVE: Memoria nostálgica. Signo ideológico. Sociedad.

ABSTRACT: The present work focused on the study of nostalgia manifestation in the discourse and on the delimitation of subjective aspects of it as a sign and an ideological phenomenon. The discursive study, by Bakhtin's Circle theory, establishes itself in the fact that nostalgia, universal and meaningful, cannot be shared nor lived but through signs and, consequently, utterances. In order to develop this research, a noticeable nostalgic *corpus* was used: 106 editorials of *Revista Ferrovia* published between 1935 and 2017. Among all of them, three had their analysis in detail in order to emphasize the link of nostalgic utterance and historical time in which the enunciator lives. The synthesis of this generates a powerful cathartic effect that perpetuates itself in the spheres of human activity as an instrument to bear a present of hardship.

KEYWORDS: Nostalgic memory. Ideological sign. Society.

1 INTRODUÇÃO

Nostalgia está em voga. *Design vintage*, fotos instantâneas estilo Polaroid, retomada de grandes franquias, *remakes* de filmes do século passado. O mercado faz crescentemente uso do conjunto estético do passado, pois – evidentemente – vende. Em um momento pós-moderno de mudanças constantes, e por vezes caóticas, o passado mostra-se fonte de estabilidade, um oásis em meio a um grande terreno de areias movediças. Nostalgia é uma solução: talvez fantasiosa, mas com efeito claro e contundente na individualidade e no social. Naturalmente, nostalgia vende porque é comprada – no mais amplo sentido da palavra.

Um notável exemplo de manifestação linguístico-discursiva da nostalgia enquanto reflexo político-social pode ser observado no Saudosismo português. O sentimento, em caráter nacionalista, inundou de tal forma a vida lusófona que saudade passou a ser tida como traço típico da nação. Como reflexo, observa-se a mesma característica nas produções literárias no início do século XX, perpetuando-se historicamente como movimento literário. Hoje, de forma global, experimenta-se um terreno cada vez mais fértil para a rememoração nostálgica. Portanto, é de se esperar que a nostalgia permeie de forma crescente os discursos nas mais diversas esferas da comunicação humana – não apenas na literatura. Compreender este fenômeno e, sobretudo, saber identificar como se é exposto a ele, é uma forte ferramenta de autoconhecimento que viabiliza os caminhos para a concepção de quem se é em meio a sociedade em que se vive.

Justificado seu valor como tema de pesquisa, ressalta-se que o presente texto compõe a dissertação apresentada em 2018 ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), sob o título de “Aspectos da dimensão linguístico-discursiva da memória nostálgica: uma análise de editoriais da *Revista Ferrovia*. ” Este recorte em específico tem como objetivo aprofundar-se sobre a manifestação da nostalgia no discurso e traçar aspectos subjetivos da mesma enquanto fenômeno signico e ideológico.

Para tanto, fez-se uso de um *corpus* de pesquisa que conta com 106 editoriais da *Revista Ferrovia* publicados entre 1935 e 2017 e, aqui, enfocam-se três edições: 2, 62 e 172. A Revista Ferrovia foi e continua a ser veiculada pela Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí - AEEFSJ com a finalidade de promover discussões e divulgar matérias sobre a ferrovia. É direcionada a leitores que atuam na comunidade ferroviária, governantes, bem como integrantes de empresas públicas e privadas. Este *corpus* foi selecionado para o estudo sobre nostalgia, pois a classe ferroviária, coletivo responsável pela revista, admite-se nostálgica e imprime de forma marcante a nostalgia em seu discurso. Rememora-se com frequência a já ida era dourada da ferrovia, na qual tal sistema funicular possuía o monopólio dos transportes no Brasil. Monopólio este que fora frustrado, entre outras coisas, por interesse e influência estadunidense sobre investimentos na malha rodoviária brasileira (MATOS, 1990).

Tendo isso em vista, o conceito de nostalgia e os conhecimentos a ela atrelados foram majoritariamente baseados nos estudos de Constantine Sedikides et al (2008), os de memória e sociedade no de Ecléa Bosi (2003) e os de retrotopia no de Zygmunt Bauman (2017). No campo da Linguística e Socioideologia, a pesquisa apresenta de forma central embasamento teórico em Mikhail Bakhtin (2016), e Valentin Volóshinov (2017). De Vygotsky (1999), aproveita-se o conceito da catarse e, por fim, representando a esfera do desenvolvimento humano, têm-se Anselmo Lima (2015) com o conceito de atividade reguladora.

Os apresentados arcabouços teóricos foram mobilizados, então, para que as análises fossem possíveis. Estas foram feitas buscando compreender como as informações obtidas articulam-se a ponto de formar um todo significativo com relação à manifestação do fenômeno da nostalgia no discurso e possíveis desdobramentos.

2 SIGNO IDEOLÓGICO, MEMÓRIA E SOCIEDADE

Nostalgia é anseio por algo do passado. O anseio pode ser por determinados eventos, pessoas, perspectivas. Além disso, nostalgia é uma experiência universal que se manifesta durante toda a duração da vida, independentemente da idade, gênero, classe social ou etnia (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004). É, inclusive, um sentimento que estreita os laços sociais. Um grupo que partilha de uma mesma rememoração nostálgica acaba por se sentir mais amado e protegido, com níveis menores de ansiedade e evasão, reportando possuir uma melhor competência interpessoal. A nostalgia, de forma individual ou compartilhada, auxilia a construção do sentido da vida, o que ajuda a pessoa a lidar com os conflitos existenciais do presente (SEDIKIDES *et al.*, 2008). Nesta nova mentalidade contemporânea, vale muito mais investir em retornar a um passado nebuloso, mas valoroso por sua suposta estabilidade e confiabilidade, do que nutrir esperanças em políticas de melhoria que guiariam o mundo para um futuro incerto. O futuro é mirado entre expectativa de fracasso e medo (BAUMAN, 2017).

Logo, é uma constante certas classes produzirem memória coletiva que “[...] se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe” (BOSI, 2003, p. 18). Segundo a autora, quando há a construção social da memória dentro de um determinado grupo, este tem “[...] a tendência de criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos, verdadeiros ‘universos de discurso’, ‘universos de significado’, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos” (BOSI, 1994, p. 27). Ao fazer isso, os indivíduos fazem uso da ideologia, estereótipos e mitos para construir e fixar a própria imagem para a história. Deste modo, não há a memória “pura” de um fato, mas sim, uma memória complexa e permeada de ideologia. Assim é possível, no trabalho de pesquisa nesta área, reconstruir os comportamentos e sensibilidades de uma época se o pesquisador estiver atento ao subentendido, ao implícito dos discursos (BOSI, 2003).

Os discursos em situação real de comunicação são compostos de enunciados individuais, únicos e irrepetíveis. Isso pois reflete a individualidade do enunciador, seu estilo próprio de compor os enunciados. Junto disso, é único e irrepetível, pois o tratamento temático dado ao objeto nunca será dado de mesma forma, mesmo em situações idênticas de comunicação social (VOLÓCHINOV, 2017).

Os enunciados, por sua vez, são compostos de signos linguísticos. Para Volóchinov, o signo é ideológico, ou seja, é uma realidade que remete a outra realidade. Neste processo, o signo como realidade material reflete e refrata uma realidade que vai além dele (VOLÓCHINOV, 2017). A ideologia está em todos os campos da sociedade e cada campo interpreta e significa a realidade de forma

distinta. No entanto, seja via símbolos, leis, peças artísticas etc, todos os fenômenos ideológicos têm em comum o caráter sínico. Isso porque a compreensão de um signo só se faz em relação ao outro e esse processo de compreensão ideológica é ininterrupto e baseado na interação social. É social mesmo na qualidade de signo interior porque a consciência individual só passa a existir quando se tem inserido nela material ideológico, signos. E, concomitantemente, o signo só se desenvolve no processo de interação entre, pelo menos, dois indivíduos socialmente organizados (VOLÓCHINOV, 2017).

Tendo em vista a onipresença do signo em toda e qualquer esfera da comunicação social, é de se esperar que a palavra seja o signo que mais sensivelmente transpareça às mudanças sociais. A palavra é um indicador dessas mudanças, pois é nela que se acumulam pouco a pouco as mudanças que podem vir a se tornar um novo produto ideológico. Para a compreensão desses signos, Volóchinov reitera que a psicologia social não deve ser vista como algo interior. Deve ser conceituada como uma troca material de palavras, gestos, ações que permeiam exteriormente as relações interpessoais (VOLÓCHINOV, 2017).

Com isso, formado por signos, o enunciado é conceituado como elo ou correia: “[o]s enunciados e seus tipos [...] são correias na transmissão entre história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016). Ou seja, eles refletem em si as mudanças da sociedade e “[c]ada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016). Em situação real de comunicação, os enunciados se repetem e se recriam em uma cadeia ininterrupta, considerando os enunciados anteriores e prevendo os posteriores (BAKHTIN, 2016).

As formas relativamente estáveis de enunciado Bakhtin dá o nome de gêneros do discurso. Os gêneros discursivos são constituídos por quatro elementos coesos e inseparáveis, são eles: conteúdo temático, estilo, estrutura composicional e relação interlocutiva (BAKHTIN, 2016). O *conteúdo temático* centra-se principalmente nos sentidos que se constroem em interações dialógicas entre indivíduos sobre determinado objeto de discurso. Logo, o enunciado está sempre endereçado a alguém, tendo um objetivo específico (SOBRAL, 2009). Com o *estilo* há a avaliação e adaptação dos modos de enunciar devido ao processo de modificação individual dado ao gênero para melhor se adequar à situação real de enunciação. A *estrutura composicional*, por sua vez, trata-se de todo o material gramatical e de convenção ligado à estrutura do gênero. Por fim, a *relação interlocutiva* está intimamente ligada à situação do enunciador e modifica-se frente àquele com quem se dialoga. Leva-se em consideração a relação social específica entre os sujeitos em diálogo, a percepção que um tem do outro, a relação de ambos com a temática do enunciado etc. Naturalmente, tal relação modifica-se de acordo com objeto sobre o qual se enuncia. (SOBRAL, 2009).

De acordo com isso, Lima (2015) discorre sobre o desenvolvimento da afetividade, emoções e sentimentos humanos. Lima explicita que a atividade do ser humano *per se* é fonte inesgotável de contradições. De forma contínua, o indivíduo busca significar estas contradições e oscila entre dois pontos diametralmente opostos. Neste fenômeno, cunhado pelo autor como *atividade reguladora* (LIMA, 2015), o ser oscila em sua atividade até que, devido a repetições em circunstâncias relativamente estáveis, a oscilação passa a diminuir de amplitude até chegar em um ponto de amplitude mínima no qual acontece um “curto-circuito”. Com isso, ambas as formas de atividade combinam-se e originam uma terceira, diferente das duas anteriores. Ao chegar a este ponto, o indivíduo experimenta o efeito catártico, efeito este responsável pela liberação de energia psíquica acumulada, algo prazeroso de se ter (LIMA, 2015). Com isso, por meio da atividade reguladora, o indivíduo busca ir além de si mesmo, crescer em competência – seja ela qual for.

Vygotsky também disserta a respeito do efeito catártico sobre o social e o biológico do ser humano – mas através da arte. O sentimento, para o autor, é descarga de energia psíquica viva, reação orgânica geral em resposta a um afeto. No caso da apreciação de uma obra de arte, a descarga é tão maior quanto a comoção que ela promove. A base operacional do sentimento cotidiano e do provocado pela arte é a mesma, no entanto, diferenciam-se no que se refere à manifestação externa e intensidade do elemento fantasioso. É na unidade de sentimento e fantasia que se baseia a arte. Por ser a fantasia momento central da reação emocional da peça artística, quando se sente a partir desta a emoção, o sentimento processa-se no córtex cerebral e, muito comumente, não deflagra ação a partir disto, diferentemente do sentimento cotidiano (VYGOTSKY, 1999).

Na arte, as emoções provocadas pela temática, pelo conteúdo, estão sempre em antagonismo com as emoções provocadas pela forma com a qual estão dispostas. Com isso, em suma, Vygotsky (1999, p. 270) afirma que “a lei da reação estética é uma só: encerra em si

a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra a destruição no ponto culminante, como uma espécie de um curto-circuito". Isto se relaciona com a atual pesquisa porque a nostalgia não só é um sentimento, mas também porque liga-se diretamente ao catártico. Ademais, tanto a catarse provinda da nostalgia quanto a provinda de uma reação estética qualquer está intrinsecamente ligada com as demais reações do ser humano. A vida encontra-se, assim, na arte.

3 DESENVOLVIMENTO

A partir dos conceitos basilares discorridos anteriormente, comprehende-se que a comunicação não ocorre no vazio, por meio de um estéril código linguístico. Toda interação dialógica reflete e refrata o momento social e histórico no qual o se produziu. O enunciado é único e irrepetível e assim também são os enunciados-*corpus* nostálgicos desta pesquisa. Todos foram estudados, cada um é elo em uma corrente complexa de outros enunciados, continuamente respondendo a enunciados anteriores e prevendo posteriores. Desta forma, pode ser observado que tanto os editoriais quanto a nostalgia sentida pelos ferroviários se repete e se recria ao longo dos anos.

Para evidenciar, portanto, o caráter vivo da manifestação da nostalgia e sua contundência no contexto do coletivo social e no desenvolvimento humano deste, esta sessão comenta e relaciona três editoriais nostálgicos da *Revista Ferrovia*. Escolheu-se, portanto, o primeiro editorial nostálgico de todos: "Uma das causas do deficit[sic] nas ferrovias", de 1967, número 2, escrito por José Sartoris Netto (Anexo A); o editorial que se localiza no meio da linha do tempo de editoriais, "Hierarquia", de 1978, número 62, escrito por José Ferreira (Anexo B); e, por fim, o último dos editoriais nostálgicos do *corpus*, "Palavra da Presidente", 2017, número 172, escrito por Maria Lina Benini (Anexo C).

Déficit. O editorial número 2 inicia uma longa tradição de editoriais com esta palavra como conteúdo temático central. Assim como 32% dos editoriais (DESTRI, 2018), este traz a adversidade à tona. Netto retrata o momento histórico em que a ferrovia já se encontra em segundo plano em relação ao monopólio dos transportes do Brasil. A ferrovia de Netto é uma ferrovia já deficitária, que cada vez perde mais espaço para as rodovias. Sendo assim, o autor nostálgicamente lembra dos tempos dourados, mas afirma que os tempos mudaram e que a mentalidade e hierarquia dentro do sistema deveria se adequar. A grande questão, segundo ele, é a diminuição da procura de frete e uma administração que não dá a importância que este serviço merece. O editorialista inicia o editorial ativando o leitor mnemonicamente, sensibilizando-o:

Vivem saudosos em nossa memória <<os bons tempos>> do monopólio dos transportes ferroviários em nosso país. Naquêles[sic] tempos, por não existirem as boas rodovias e serem precários de conforto e capacidade de carga dos veículos, as ferrovias eram procuradas e até imploradas para a obtenção de uma passagem ou vagão para o despacho de mercadorias [...] (FERREIRA, 1978, p. 5).

Enquanto destaca os bons tempos, contrasta em mesma medida o presente – claramente diferente, quase irreconhecível. Utiliza a primeira pessoa do plural, como a maioria dos editoriais, a fim de se colocar no mesmo grupo social que o leitor, mostrar que compartilha da mesma situação difícil que ele. Em contraste com o padrão da relação interlocutiva dos editoriais – a relação ferroviário/ferroviário – por tratar de problemas que poderiam ser amenizados pelo alto escalão de engenheiros, o autor assume a posição de engenheiro para conversar com outros engenheiros, ou seja, a relação interlocutiva deste editorial centra-se na relação engenheiro/engenheiro. Mais à frente no texto, a nostalgia continua:

E as mercadorias para serem transportadas?
Ah! estas. <<nos bons tempos>>, estavam a cargo dos clientes das ferrovias que as procuravam para <<conseguir>> o seu transporte.
Porém os tempos foram mudando [...]. Hoje, nas ferrovias, vivemos ainda a mesma mentalidade e aquela mesma hierarquia, porém em outros tempos (FERREIRA, 1978, p. 5).

Há a repetição do contraste claro entre "os bons tempos" e os "outros tempos", os tempos que "foram mudando". O autor suspira em palavras ao anteceder sua descrição do passado com a expressão "Ah!". A mudança claramente não foi boa e o passado é

lembra com carinho. Ao final do texto o futuro é trazido, reivindicando a “redenção do sistema ferroviário”. Evocando a teoria de Benveniste, o tempo crônico é “[...] o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos” (BENVENISTE, 2016, p.71). Nesta perspectiva, o tempo é a sucessão de grupos de acontecimentos amarrados em pontos de referência em uma escala convencionada conhecida por todos. Logo, no *corpus*, o tempo crônico é apresentado compreendido como uma sequência de fatos que não favoreceram a classe ferroviária.

Cada indivíduo é um observador do tempo crônico no que tange à possibilidade de percorrer essa linha de acontecimentos ocorridos do presente para o passado e do passado para o presente. No entanto, “[...] é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo” (BENVENISTE, 2016, p. 74). É onde o editorialista tem a total liberdade de transitar indiscriminadamente entre passado e futuro. Sendo assim, o tempo linguístico se define e se organiza em função do discurso. O centro da linha temporal é gerado no momento da enunciação e novos centros são gerados a cada resposta dada ou a cada novo editorial. Este, ao definir o hoje de 1967 como “outros tempos”, transita em uma linha de ida e volta para o passado dos “bons tempos” mais de uma vez. Ao enunciar, e só por que enunciou, o editorialista viveu verdadeiramente o seu passado de novo. Há um passeio pela história coletiva: a nostalgia aparente no primeiro parágrafo se desfaz com a descrição do presente, retorna no corpo de texto e está inclusive no apelo final para que haja alguma tomada de decisão referente à fretagem.

No momento da enunciação desse enunciado, os ferroviários já parecem ter deixado a ideia utópica de retomar o monopólio do transporte. Em editoriais prontamente seguintes, é evidente que o que desejam no momento é voltar a trabalhar em uma classe que não é maltratada, que não opera com orçamento curto e políticas deficitárias. Em regra, desistiram até mesmo de um futuro sem déficit – mas clamam um futuro em que o déficit não seja visto como prejuízo, mas, sim, investimento. No presente em que vivem, querem o melhor para si – algo que se opõe ao melhor para a indústria rodoviária. Vê-se aqui, portanto, claramente a valoração dada pelos ferroviários para a ferrovia em detrimento da valoração dada por outros setores a ela.

Sessenta editoriais depois, tem-se o texto que segmenta em duas partes o *corpus* de editoriais nostálgicos. Este, inclusive, é o último editorial nostálgico antes da busca pela “modernização” da revista, a qual alterou a formatação do texto de retangular para triangular. “Hierarquia” de José Ferreira tem o conteúdo temático de mudança estrutural. Versa sobre o espírito de simplificação de cargos que tem sido adotado pela empresa e em como essa manobra administrativa parece ser falha quando perdem-se as hierarquias na hora das decisões que levarão a empresa para o futuro. Observe-se:

É preciso que o PCC que foi criado com tanto esforço e boas intenções, continue se modificando, (como aliás foi a intenção de seus criadores), com a arte e a criatividade que sabemos que não faltarão aos ferroviários, procurando-se um caminho onde se possa estabelecer para as nossas ferrovias “Escala Hierárquica”, condizente com os dias “cibernéticos” de hoje, mas que cumpra também as funções de “Escala Hierárquica” dos anos de ouro da Ferrovia (NETTO, 1967, p. 5).

Ele fala na primeira pessoa do plural ao utilizar “nossas ferrovias”, o que atrai para si a posição de engenheiro perante o leitor que provavelmente também é ferroviário, mas que, sobretudo, compartilha da posição de engenheiro. Inclusive, utiliza a abreviação PCC sem introduzi-la, tomando como garantida a compreensão dessa palavra em um coletivo que partilha de uma mesma esfera semântica que o autor. Tal atitude solidifica o tom social dessa comunicação até então trimestral como uma ferramenta de sobrevivência do grupo. Dizer que a ferrovia teve seus anos dourados é confirmar a ideia de que ela tem legitimidade em requerer e conseguir o prestígio novamente. Neste processo, citando Bosi (2003), o indivíduo renova-se para o presente, recebe forças para continuar. Neste caso, a memória é decisiva na existência do indivíduo ferroviário e de seu coletivo pois permite fazer a relação do *nós* do presente com o *nós* do passado e, concomitantemente, interfere no curso das significações da esfera ferroviária.

O centro da linha temporal está “nos dias ‘cibernéticos’ de hoje” e ele transita para um passado anterior ao da segunda publicação. Ou seja, por mais que 1967 seja passado no momento desta enunciação, o ponto no passado para o qual ambos voltam é o mesmo: “os bons tempos”, “os tempos de ouro da Ferrovia”. Desta vez a nostalgia fora posicionada no final do discurso a fim de solidificar seus argumentos apresentados e motivar o leitor.

O terceiro editorial comentado é o último número publicado e, também, é o último do *corpus* de editoriais nostálgicos. O de número 172 tem caráter profundamente nostálgico e é detentor de quase todos os padrões de manifestação nostálgica encontrados em análise completa do *corpus* (DESTRI, 2018).

Este número é o quinto após um período de hiato entre 2010 a 2015. Em comemoração aos oitenta anos de publicação, a revista retorna apresentando um editorial voltado para os conteúdos da revista, não tão argumentativo quanto os anteriores. Mesmo assim, a editorialista não deixa de transparecer a nostalgia própria e coletiva do setor ferroviário. A revista, publicada em ano comemorativo de 150 anos da primeira estrada de ferro paulista – São Paulo Railway – é repleta de conteúdo saudoso, festeja seu passado histórico. Assim também é o editorial: rememora a criação, o desenvolvimento e a infeliz queda da ferrovia brasileira. Comenta o presente de 2017 instaurando-o como centro axiológico do enunciado e termina com um olhar positivo sobre o futuro. Para retratar seu conteúdo nostálgico, tem-se o trecho a seguir:

A “Ingleza” – ou também “SPR” - se destacou também por ser a estrada férrea mais rentável do Brasil, da América Latina e de todas as outras abaixo da linha do Equador [...] um verdadeiro contraste com o atual cenário ferroviário brasileiro, depois de erradicada boa parte das linhas férreas existentes à época da edição histórica da revista. Se os tempos encantados da tração a vapor e das máquinas fixas do maior sistema funicular construído no mundo são hoje nostalgia, nada apaga a realidade que seus quase 140 km de trilhos catapultaram São Paulo à condição de estado mais desenvolvido da nação e, portanto, nada tão apropriado como chamá-lo de “Locomotiva do Brasil”. (BENINI, 2017, p. 3)

A valoração do autor aos objetos do discurso – o passado e o presente – é nítida como em todos os demais editoriais com manifestação de nostalgia. O passado é sempre apresentado de forma positiva: “rentável”, “tempos encantados”, “Locomotiva do Brasil”. Em contrapartida, o atual cenário é apresentado em contraste: a ferrovia não é mais rentável, os tempos não são mais encantados, ela não participa em peso do progresso brasileiro.

Outros padrões gerais de editoriais nostálgicos que podem ser observados neste editorial é que, assim como 55% dos demais discursos, o elemento nostalgia é colocado ao final com função de motivar o leitor ferroviário na luta pela melhoria da esfera. Ademais, a relação interlocutiva gerada foi a de ferroviário/ferroviário assim como 47% dos editoriais.

Benini, como editorialista e presidente, coloca-se como membro de um coletivo ferroviário não-seleto, ou seja, não direciona o comentário para o grupo de ferroviários engenheiros ou de alta hierarquia. Mas sim, coloca-se simplesmente como ferroviária comunicando assim que a história de glória da ferrovia pertence a todos, sejam eles grandes engenheiros, maquinistas ou zeladores.

A rememoração nos coletivos e, neste caso, o ferroviário, é ferramenta primordial de manutenção da classe e a nostalgia corrobora na construção de sua identidade e motivações. Por outro lado, observa-se que o passado que Benini relata é um passado que ela não viveu. E por mais que tivesse vivido, as memórias são complexamente permeadas de ideologia (BOSI, 2003). E, observando o histórico de editoriais nostálgicos, quanto mais a situação se dificulta, quanto mais o passado parece longínquo, mais a memória nostálgica se fortalece e, com as diversas retomadas mnemônicas, é possível de ser modificada bioquimicamente no cérebro. Isso porque as memórias obedecem às alterações moleculares sinápticas. E, tratando de forma sucinta, a evocação é *modulada* por neurotransmissores entre as sinapses, de acordo com os fatores emocionais do ser no momento da rememoração (IZQUIERDO *et al.*, 2013).

Não se emociona com a nostalgia apenas aquele que sente a perda de deslocamento. A nostalgia é também, de forma profunda, um romance do nostálgico com sua própria fantasia do passado. Sendo assim, tal romance só consegue sobreviver em uma relação de longa distância, pois quando se tenta sobrepor a fantasia nostálgica atual com o passado realmente ocorrido não há correspondência exata (BOYM, 2007). Trocam-se presidentes, mudam-se os colegas, morrem-se os veteranos. Quando não há mais ninguém que viveu em tempo físico o passado crônico que tanto rememoram linguisticamente, a memória não morre. A nostalgia permanece como componente, como traço característico do coletivo. Como Bauman reitera (2017), o presente incerto da virada do século não inspira confiança. Vale muito mais investir no olhar para um passado certo do que apostar na instabilidade do futuro.

Vale mais porque a nostalgia é catártica. A atividade reguladora de LIMA (2015) está inclusive no fato de as pessoas rememorarem nostalgicamente. Aqui o indivíduo oscila entre viver no passado – algo impossível – e viver no presente – algo insuportável. O curto-circuito se dá no meio termo entre os dois elementos: a nostalgia. A síntese está no viver no presente buscando motivação no passado. Neste ponto ela é responsável pelo efeito catártico, prazeroso de se rememorar.

A nostalgia como fonte de catarse observa-se não só nos editoriais, mas na própria ato de publicação do periódico. Na primeira edição de 1935 não se sentia o gosto amargo do déficit que fez o coletivo retomar a revista em 1967 – revista essa que renasceu nostalgica. Publicar foi uma resposta ao afeto do fracasso empresarial, uma forma de manipular um instrumento que pudesse ajudá-los a ir além deles mesmos, a superar os desafios que o presente apresentava.

Em sua estrutura, memória nostalgica também goza de um embate dicotômico que se finda em catarse. A memória como conteúdo é superada pela narrativa semi-biográfica. Ou seja, a narrativa contada para si mesmo, ao se rememorar, não representa o objeto da nostalgia como tal – é parte verdade, parte criação. O resultado é um prazer catártico semelhante ao artístico: a destruição do conteúdo pela forma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi aprofundar-se sobre a manifestação da nostalgia no discurso e traçar aspectos subjetivos desta enquanto fenômeno sínico e ideológico. Para alcançá-lo, utilizou-se um *corpus* de editoriais nostálgicos da *Revista Ferrovia*, elencaram-se os conceitos necessários para o embasamento teórico, bem como investigou-se o contexto histórico e de produção dos editoriais. Juntamente a essas etapas da pesquisa, fez-se uma análise sobre os editoriais contidos nas edições número 2, 62 e 172. Tal análise desvelou o laço estreito entre a nostalgia e o tempo histórico em que é vivida. Permeado de ideologia, o fenômeno de rememorar nostalgicamente atinge todas as esferas de atividade humana e é cultivado, comunicado e perpetuado com traços característicos de cada classe.

Busca-se na nostalgia a experiência da fronteira nem sempre nítida do que *era* e do que *é*. Assim, foram analisados três editoriais distintos representando três momentos diferentes da história da ferrovia. Observou-se uma intensificação da nostalgia conforme o tempo se passava. A nostalgia foi evocada em resposta a afetos na existência do grupo social e, segundo Sedikides *et al.*, esta é uma força humana fundamental, parte importante da vida cotidiana, que serve como promotora de positividade, autoestima, ligações sociais e alívio das agruras do existir (2008). Por ser parte memória e parte narrativa autoral, pode-se dizer que a manifestação da nostalgia se assemelha à função da arte. Por mais que tal sentimento possa influenciar a arte e o mercado, ela não é matéria em museus, não é selecionada ou analisada por críticos, não se classifica em barroca ou surrealista. No entanto, as memórias são degustadas nostalgicamente com o mesmo fervor com o qual se observa um grande quadro ou se aprecia uma boa narrativa. A nostalgia é ao mesmo tempo verdade e criação, um traço humano universal que culmina em um prazeroso efeito catártico.

Mas como alguém se entrega ao sentimento da nostalgia se este é em partes fantasia ou até mesmo delírio? O grande atrativo desse sentimento é, justamente, que a nostalgia não é de todo invenção e nem de todo factual. Além disso, a parte fantástica é dificilmente notada, visto que o passado não é acessível diretamente. Pode-se recordar a partir de vídeos, imagens, diários, mas indubitavelmente a forma mais comum de se recordar uma memória nostalgica é confiando apenas no armazenamento químico das próprias memórias.

Reforça-se aqui que a memória não é exatamente confiável, pois existe a crença de que “se gravam” memórias como qualquer sistema de armazenamento digital. A memória evanesce e, principalmente, altera-se. É comum que o nostálgico não tenha consciência do quanto alterada pode estar aquela memória doce do passado. A memória alterada parece tão verdadeira na memória quanto a memória original, confundem-se as fronteiras. De qualquer forma, quando se há a necessidade de rememorar nostalgicamente frente ao presente caótico, o que se procura é estabilidade. É preferível acreditar que aquilo que lhe dá segurança não seja fruto de alterações químicas em sucessão. Na sociedade do “cada um por si” e do “posso apenas confiar em mim mesmo” não poder confiar

nas próprias lembranças é assustador. E, como em um ciclo, para aliviar-se das agruras de um presente volúvel e buscar razões para continuar nele, busca-se novamente o colo quente, aconchegante e catártico da nostalgia.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. P. 09-70.
- BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENINI, M. L. Palavra da presidente. [Editorial]. *Revista Ferrovia*, n. 172, p. 3, 2017.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOYD, S. Nostalgia and its Discontents. *Hedgehog Review*, Charlottesville – EUA, University of Virginia, n. IX. p. 7-18, 2007.
- DESTRI, A. *Aspectos da dimensão linguístico-discursiva da memória nostálgica: uma análise de editoriais da Revista Ferrovia*. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Geração de Ensino e Pesquisa, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2018.
- FERREIRA, J. Hierarquia. [Editorial]. *Revista Ferrovia*, n. 62, p. 5, 1978.
- IZQUIERDO, I. et al. Memória: tipos e mecanismos – achados recentes. *Revista USP*, São Paulo, n. 98, p. 9-16, 28 ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i98p9-16>. Acesso em: 31 maio 2019.
- LIMA, A. Desenvolvimento da afetividade, das emoções e dos sentimentos humanos no (e fora do) trabalho: uma questão de saúde coletiva e segurança pública. *Saúde Soc*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 869-876, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n3/0104-1290-sausoc-24-03-00869.pdf>. Acesso em: 31 maio 2019.
- MATOS, O. N. de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- NETTO, J. S. Uma das causas do deficit nas ferrovias. [Editorial]. *Revista Ferrovia*, n.2, p.5, ago. 1967.
- SEDIKIDES, C et al. Nostalgia: Past, Present, and Future. *Current Directions in Psychological Science*, Washington – EUA, vol. 7, n. 5, p. 304-307, 2008. Disponível em: http://www.wildschut.me/Tim_Wildschut/home_files/Sedikides,%20Wildschut,%20Arndt,%20%26%20Routledge,%202008,%20CDir.pdf. Acesso em: 13 ago. 2018.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; BADEN, D. Nostalgia: Conceptual Issues and Existential Functions. In: GREENBERG, J.; KOOLE, S. L.; PYSZCZYNSKI, T. A. (org.). *Handbook of Experimental Existential Psychology*. New York - EUA: Guilford Publications, 2004. p. 200-215. Disponível em: <http://studylib.net/doc/8267824/nostalgia--university-of-southampton>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



Recebido em 25/01/2019. Aceito em 05/06/2019.

ANEXO A – “Uma das causas do deficit[sic] nas ferrovias”, editorial da edição número 2, 1967.

COMENTÁRIO

UMA DAS CAUSAS DO DEFICIT NAS FERROVIAS

Vivem saudosos em nossa memória «os bons tempos» do monopólio dos transportes ferroviários em nosso país.

Naquêles tempos, por não existirem as boas rodovias e serem precários o conforto e capacidade de carga dos veículos as ferrovias eram procuradas e até imploradas para a obtenção de uma passagem ou vagão para o despacho de mercadorias.

Esse ambiente gerou dentro delas uma mentalidade e uma hierarquia na importância das funções dentro da empresa que as estão liquidando pelo processo chamado deficit.

Os administradores consomem todo o seu tempo em obras de melhoria das linhas férreas, sinalização, magníficas estações, locomotivas, sempre reclamando maior número de vagões esquecendo-se de que estão à frente de uma empresa industrial e de que é importante à sua gerência a boa operação da ferrovia, isto é, a circulação rápida de seus vagões, proporcionando maior rendimento e rentabilidade, e mais importante, ainda, o êxito comercial da empresa.

Quanto à hierarquia, continuam a prevalecer os homens que fazem a operação de transporte vindo em segundo plano os que tratam do êxito financeiro da empresa.

Mas, como dissemos, a estrada de ferro é uma empresa industrial que VENDE FRETE, como resultado do transporte de passageiros e mercadorias.

E as mercadorias para serem transportadas?

Ah! estas, «nos bons tempos», estavam a cargo dos clientes das ferrovias que as procuravam para «conseguir» o seu transporte.

Porém os tempos foram mudando, as boas rodovias aparecendo, os veículos rodoviários melhorando o seu conforto e sua capacidade de carga e, assim, iniciando violenta concorrência pela preferência do transporte.

Hoje, nas ferrovias, vivemos ainda a mesma mentalidade e aquela mesma hierarquia, porém em outros tempos.

Os clientes já não as procuram com a mesma frequência e necessidade e, enquanto os vagões ficam nos desvios ou correm vazios em retorno, pululam nas rodovias, em itinerários paralelos, uma imensidão de caminhões. Veja-se por exemplo as Vias Anhanguera, Dutra e Anchieta.

De que adianta uma via permanente perfeita, uma sinalização automática, locomotivas modernas, tudo isso somando custos de investimentos e manutenção fabulosos, se passageiros e cargas seguem via rodoviária?

Os administradores de nossas ferrovias, se fizerem um exame de consciência, certamente considerar-se-ão culpados de não imprimirem às empresas que dirigem, uma orientação em bases verdadeiramente comerciais.

Reunem-se com seus auxiliares para saber como gastar suas verbas, porém descuidam do mais importante, que é como ganhar essas verbas.

Para a redenção do sistema ferroviário nacional devem os seus responsáveis encarar as estradas de ferro como empresas industriais cujo único produto a oferecer é o transporte e que os fretes sejam vendidos em livre concorrência, como uma mercadoria qualquer, num balcão de uma loja comercial.

JOSE SARTORIS NETTO

ANEXO B – “Hierarquia”, editorial da edição número 62, 1978.

EDITORIAL

HIERARQUIA

Eng.º José Ferreira

A Ferrovia, mais ainda que a grande maioria das empresas, necessita para seu funcionamento perfeito de uma escala hierárquica, onde se possa definir comando e responsabilidade.

Tal fato se contradiz pelo menos aparentemente com espírito de simplificação de cargos, que adotado para racionalizar e facilitar as operações administrativas na área de pessoal e finanças, é aplicado visando sem dúvida os interesses da empresa.

Cria-se assim, um dilema, pois ambas as funções, (hierarquia e simplificação), são do mais alto interesse da empresa e até agora não nos parece que a melhor solução para o momento atual tenha sido encontrada.

Muitas funções da área operacional que foram englobadas carecem de reestudo visando uma hierarquização para que se possa concentrar algumas decisões que devem ser tomadas por presteza e com responsabilidade bem definida, pois envolvem algumas vezes segurança de tráfego e quantas e quantas vezes o próprio interesse final da empresa.

É preciso que o PCC que foi criado com tanto esforço e boas intenções, continue se modificando, (como aliás foi a intenção de seus criadores), com a arte e criatividade que sabemos não faltarão aos ferroviários, procurando-se um caminho onde se possa estabelecer para as nossas ferrovias uma “Escala Hierárquica”, condizente com os dias “cibernéticos” de hoje, mas que cumpra também as funções da “Escala Hierárquica” dos anos de ouro da Ferrovia.

ANEXO C – “Palavra da presidente”, editorial da edição número 172, 2017.

150 Anos da São Paulo Railway - SPR

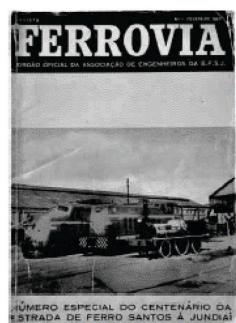
Palavra da Presidente



Eng. Maria Lina Benini

A São Paulo Railway (SPR), primeira estrada de ferro paulista - E.F. Santos a Jundiaí - completa 150 anos em 2017. Para celebrar esse fato, a Revista Ferrovia que chega em suas mãos está especial. A edição resgata lindas fotos históricas e traz artigos que nos fazem viajar pelos trilhos dessa sesquicentenária jornada. E não estamos falando de uma ferrovia qualquer! A “Ingleza” – ou também “SPR” - se destacou também por ser a estrada férrea mais rentável do Brasil, da América Latina e de todas as outras abaixo da linha do Equador, além de ser a ferrovia inglesa mais lucrativa do mundo fora da Inglaterra. Esses trilhos do progresso mudaram a economia, a geografia, a cultura e até a sociedade de São Paulo e do Brasil. Em fevereiro de 1967, a Revista Ferrovia lançou um número especial em comemoração ao centenário da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí (veja capa ao lado). Exatos 50 anos se passaram e hoje as linhas deste traçado ganharam importância ainda maior, mesmo se

considerarmos que a administração agora está subdividida entre duas empresas: MRS Logística S.A. e CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). Nada mal para uma estrada de ferro construída originalmente para escoar o café plantado no interior da província e ser exportado. Um verdadeiro contraste com o atual cenário ferroviário brasileiro, depois de erradicada boa parte das linhas férreas existentes à época da edição histórica da revista. Se os tempos encantados da tração a vapor e das máquinas fixas do maior sistema funicular construído no mundo são hoje nostalgia, nada apaga a realidade que seus quase 140 km de trilhos catapultaram São Paulo à condição de estado mais desenvolvido da nação e, portanto, nada tão apropriado como chamá-lo de “Locomotiva do Brasil”. Impossível imaginar como será a capa da edição do segundo centenário. As incertezas determinadas pelo transcorrer do tempo nos enchem de esperança e nos fazem crer na continuidade do transporte sobre a sesquicentenária via férrea sem que seu passado glorioso seja esquecido. Parabéns, SPR! Viva os 150 anos da primeira ferrovia paulista!



DISCURSIVE DIMENSION ASPECTS OF NOSTALGIC MEMORY: AN ANALYSIS OF *REVISTA FERROVIA* EDITORIALS¹

ASPECTOS DE LA DIMENSIÓN DISCURSIVA DE LA MEMORIA NOSTÁLGICA: UN ANÁLISIS
DE EDITORIALES DE LA REVISTA *FERROVIA*

ASPECTOS DA DIMENSÃO DISCURSIVA DA MEMÓRIA NOSTÁLGICA: UMA ANÁLISE DE
EDITORIAIS DA REVISTA *FERROVIA*

Alana Destri^{*}

Anselmo Lima^{**}

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

ABSTRACT: In the present work, we focused on the study of nostalgia manifestation in the discourse and on the delimitation of subjective aspects of it as a sign and an ideological phenomenon. The discursive study, by Bakhtin's Circle theory, establishes itself in the fact that nostalgia, universal and meaningful, cannot be shared nor lived but through signs and, consequently, utterances. In order to develop this research, a notoriously nostalgic *corpus* was used: 106 editorials of *Revista Ferrovia* published between 1935 and 2017. Among all of them, three had their analysis in detail in order to emphasize the link of nostalgic utterance and historical time in which the enunciator lives. The synthesis of this generates a powerful cathartic effect that perpetuates itself in the spheres of human activity as an instrument to bear a present of hardship.

KEYWORDS: Nostalgic memory. Ideological sign. Society.

¹ A preliminary version of this article was presented in the VII CÍRCULO - Rodas de Conversa Bakhtiniana (2018).

^{*} Master in Language Studies by Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: alanadestri@outlook.com.

^{**} PhD in Applied Linguistics and Language Studies by Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor of the Undergraduate Course in Languages and Literature and of the Programa de Pós-Graduação em Letras of Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: selmolima@hotmail.com.

RESUMO: No presente artigo, focamos-nos no estudo da manifestação da nostalgia no discurso e na delimitação de seus aspectos subjetivos como fenômeno sínico e ideológico. O estudo discursivo desse fenômeno, pelo viés teórico do Círculo de Bakhtin, firma-se no fato de que a nostalgia, universal e contundente, não pode ser compartilhada e tampouco vivida senão através de signos e, consequentemente, de enunciados. Para tanto, fez-se uso de um *corpus* de pesquisa notoriamente nostálgico que conta com 106 editoriais da *Revista Ferrovia* publicados entre 1935 e 2017. Dentre todos, três tiveram sua análise em detalhe a fim de ressaltar o vínculo do enunciado nostálgico com o tempo histórico em que se vive. A síntese disto gera um poderoso efeito catártico que se perpetua nas esferas da atividade humana como instrumento para suportar um presente de agruras.

PALAVRAS-CHAVE: Memória nostálgica. Signo ideológico. Sociedade.

RESUMEN El presente artículo se centró en el estudio de la manifestación de la nostalgia en el discurso y en la delimitación de aspectos subjetivos de la misma como fenómeno sínico y ideológico. El estudio discursivo de este fenómeno, desde el punto de vista teórico del Círculo de Bakhtin, se afianza en el hecho de que la nostalgia, universal y contundente, no puede ser compartida y tampoco vivida si no lo es a través de signos y, consecuentemente, de enunciados. Para estos fines, se hizo uso de un *corpus* de investigación notoriamente nostálgico que cuenta con 106 editoriales de la *Revista Ferrovia* publicados entre 1935 y 2017. De entre todos, tres tuvieron su análisis en detalle a fin de resaltar el vínculo del enunciado nostálgico con el tiempo histórico en que se vive. La síntesis de esto genera un poderoso efecto catártico que se perpetúa en las esferas de la actividad humana como instrumento para soportar un presente de penurias/amarguras.

PALABRAS CLAVE: Memoria nostálgica. Signo ideológico. Sociedad.

1 INTRODUCTION

Nostalgia is in vogue. Vintage design, Polaroid-style snapshots, resumption of great franchises, movie remakes of last century. The market increasingly uses the aesthetic ensemble of the past because – evidently – it is easy to sell. In a post-modern moment of constant – and sometimes chaotic – changes, the past is a source of stability, an oasis amidst quicksand. Nostalgia is a solution: perhaps imaginary, but with a clear and striking effect on subject's individuality and his/her social bonds. In fact, nostalgia is easy to sell because people *look for* it – in the broadest sense of the expression.

A notable example of the discursive manifestation of nostalgia as a social-political reflex can be observed in Portuguese *Saudosismo*. The feeling, in a nationalistic aspect, flooded the Lusophone life in such a way that longing came to be regarded as a typical trait of the nation. As a reflection, the same characteristic is observed in its literary productions in the early twentieth century, which perpetuated *saudosismo* as a literary movement. Today, globally, there is an increasingly fertile ground for nostalgic recollections. Therefore, it is expected that nostalgia would increasingly permeate discourses in the most diverse spheres of human communication – not just in the literature. Understanding this phenomenon and, above all, knowing how people are exposed to it, is a strong tool of self-knowledge that makes possible the paths for the conception of who we are in the society in which we live in.

Once justified the value of nostalgia as a research theme, it is emphasized that the present text composes the dissertation presented in 2018 for the *Programa de Pós-Graduação em Letras* of *Universidade Tecnológica Federal do Paraná* (UTFPR), under the title “Aspects of the Linguistic-Discursive Dimension of Nostalgic Memory: An Analysis of Editorials of Ferrovia Magazine.” This specific cut aims to deepen the manifestation of nostalgia in discourse and to trace subjective aspects of it as a sign and ideological phenomenon.

To this end, we used a research *corpus* of 106 *Revista Ferrovia* editorials published between 1935 and 2017, and, here, we focus on three editions: 2, 62 and 172. This magazine, *Revista Ferrovia*, was and continues to be published by the *Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí - AEEFSJ* with the purpose of promoting discussions and disseminating articles about the railway. It is directed to readers who work in the railway community, leaders and members of public and private companies. This *corpus* was selected for the study on nostalgia because the railway class, the collective responsible for the magazine, admits being nostalgic and it shows the nostalgia in its speech in a remarkable way. They often recall the already gone golden age of the railroad, in which such

funicular system possessed the monopoly of transportation in Brazil. This monopoly was frustrated, among other things, by American interest and influence over investments in the Brazilian highways (MATOS, 1990).

In view of this, the nostalgia concept and its related knowledge were mostly based on studies by Constantine Sedikides et al (2008); the memory and society studies by Ecléa Bosi (2003) and retrotopia by Zygmunt Bauman (2017). In the field of Linguistics and Socioideology, the research presents in a central way the theoretical basis by Mikhail Bakhtin (2016), and Valentin Volóchinov (2017). From Vygotsky (1999), the concept of catharsis is used and, finally, representing the sphere of human development, we have Anselmo Lima (2015) with the concept of regulatory activity.

The presented theoretical frameworks were mobilized, so that the analyses were possible. These were made seeking to understand how the information obtained is articulated to the point of forming a meaningful whole regarding the manifestation of the nostalgia phenomenon in discourse and its possible consequences.

2 IDEOLOGICAL SIGN, MEMORY AND SOCIETY²

Nostalgia is yearning for something from the past. The yearning can be for certain events, people, perspectives. In addition, nostalgia is a universal experience that manifests throughout life, regardless of age, gender, social class or ethnicity (SEDIKIDES; WILDSHUT; BADEN, 2004). It is even a feeling that tightens social ties. A group that shares the same nostalgic recollection ends up feeling more loved and protected, with lower levels of anxiety and dropout, which generates better interpersonal competence. Nostalgia, in an individual or shared way, assists in the construction of the meaning of life, which helps the person to cope with the existential conflicts of the present (SEDIKIDES *et al.*, 2008). In this new contemporary mindset, it is worth much more to invest in returning to a hazy but valuable past for its supposed stability and reliability than to hope for improvement policies that would guide the world into an uncertain future. The future is observed between expectation of failure and fear (BAUMAN, 2017).

Therefore, it is common that certain classes produce collective memory that “feeds on images, feelings, ideas and values that give identity to that class” (BOSI, 2003, p. 18)³. According to the author, when there is the social construction of memory within a particular group, it has “the tendency to create coherent schemes of narration and interpretation of facts, true ‘universes of discourse’, ‘universes of meaning’, which give the material base its own historical form, a consecrated version of events”⁴ (BOSI, 1994, p. 27). In doing so, individuals use ideology, stereotypes, and myths to construct and fix their own image for history. Thus, there is no “pure” memory of a fact, but a complex memory permeated with ideology. Thereby it is possible, in the research in this area, to reconstruct the behaviors and sensibilities of an era if the researcher is aware of the implied, implicit discourses (BOSI, 2003).

Discourses in real communication situations are composed of individual, unique and unrepeatable statements. This reflects the speaker individuality, his/her own style of composing the utterances. In addition, it is unique and unrepeatable, because the thematic treatment given to the object will never be given in the same way, even in identical situations of social communication (VOLÓCHINOV, 2017).

The utterances, in turn, are composed of linguistic signs. For Volóchinov, the sign is ideological, that is, it is a reality that refers to another reality. In this process, the sign as material reality reflects and refracts a reality that goes beyond it (VOLÓCHINOV, 2017). The ideology is in all fields of society and each field interprets and gives meaning to reality in a different way. Whether through symbols, laws, artistic pieces, etc., all ideological *phenomena* have in common the signic character. This is because the comprehension of a sign is only done in relation to other signs and this process of ideological comprehension is uninterrupted and based on social interaction. This is social even in the quality of inner sign because the individual consciousness only exists when it

² If the quotation has been translated by the authors of the article, its original version in Brazilian Portuguese will be found in the notes.

³ “[...] se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe”.

⁴ “[...] a tendência de criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos, verdadeiros ‘universos de discurso’, ‘universos de significado’, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos”.

has inserted in it ideological material, signs. And concomitantly, the sign only develops in the process of interaction between at least two socially organized individuals (VOLÓCHINOV, 2017).

In view of the ubiquity of the sign in every sphere of social communication, it is expected that the word is the sign that most sensitively shows up social changes. The word is an indicator of these changes, as it gradually accumulates the changes that may become a new ideological product. In order to understand these signs, Volóchinov reiterates that social psychology should not be viewed as something inward. It must be conceptualized as a material exchange of words, gestures, actions that outwardly permeate interpersonal relationships (VOLÓCHINOV, 2017).

Thus, formed by signs, the utterance is conceptualized as a chain or a belt: "utterances and their types [...] are chains in the transmission between history of society and the History of language"⁵ (BAKHTIN, 2016). In other words, they reflect in themselves the changes of society and "each utterance is a link in the complexly organized stream of other utterances"⁶ (BAKHTIN, 2016). In a real situation of communication, the statements are repeated and recreated in an unbroken chain, considering the previous statements and predicting the later ones (BAKHTIN, 2016).

Bakhtin calls *genres of speech* the relatively stable forms of utterances. The discursive genres are constituted by four cohesive and inseparable elements: thematic content, style, compositional structure and interlocutive relationship (BAKHTIN, 2016). The *thematic content* focuses mainly on the senses that are built on dialogic interactions between individuals on a given discourse object. Therefore, the utterance is always addressed to someone with a specific purpose (SOBRAL, 2009). With *style* there is the evaluation and adaptation of enunciation ways due to the individual process of modification given to the genre to better suit the actual situation of speech. The *compositional structure*, in turn, is all the grammatical and convention material linked to the structure of the genre. Finally, the *interlocutive relationship* is closely linked to the enunciator's situation and changes in relation to the one with whom he/she speaks. It deals with the specific social relationship between the subjects in dialogue, their perception of each other, their relationship with the theme of utterance, etc. Of course, such relationship changes according to the object of the utterance (SOBRAL, 2009).

According to this, Lima (2015) discusses the development of human affectivity, emotions and feelings. Lima explains that human activity *per se* is an inexhaustible source of contradictions. Continuously, the individual seeks to signify these contradictions and oscillates between two diametrically opposed points. In this phenomenon, coined as a *regulatory activity* (LIMA, 2015), the being oscillates in its activity until, due to repetitions in relatively stable circumstances, the oscillation decreases in amplitude until it reaches a point of minimum amplitude at which a "short circuit" occurs. Thus, both forms of activity combine and give rise to a third, different from the previous two. At this point, the individual experiences the cathartic effect, which is responsible for the accumulated psychic energy release, something pleasurable to pass through (LIMA, 2015). So, through regulatory activity, the individual seeks to go beyond himself, to grow in competence — whatever it may be.

Vygotsky also writes about the cathartic effect on the human being social and biological traits – but through art. This effect, for the author, is a discharge of living psychic energy, a general organic reaction in response to affection. In the case of a work of art appreciation, the discharge is as great as the commotion it promotes. The operational basis of everyday feeling and that caused by art is the same. However, they differ with regard to the external manifestation and intensity of the fantasy element. It is in the unity of feeling and fantasy that art is based. Because fantasy is the center of the emotional reaction of the artistic piece, when the subject feels from this emotion, the feeling is rendered in the cortex and, very commonly, it does not urge any action from this, unlike the everyday feeling (VYGOTSKY, 1999).

In art, the emotions provoked by the theme, the content, are always in antagonism with the emotions provoked by the way in which they are disposed. With that, in short, Vygotsky (1999, p. 270) affirms that "[...] the law of aesthetic reaction is one: it contains within

⁵ "[o]s enunciados e seus tipos [...] são correias na transmissão entre história da sociedade e a história da linguagem".

⁶ "[c]ada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados".

itself the emotion that develops in two opposite directions and finds destruction at its highest point, as a kind of short circuit⁷. It relates to this research because nostalgia is not only a feeling, but also because it is directly linked to catharsis. Moreover, both catharsis arising from nostalgia and that resulting from any aesthetic reaction are intrinsically linked with other human reactions. In this perspective, life lies in art.

3 DISCUSSION

From the basic concepts discussed above, it is understood that communication does not occur in a vacuum through a sterile linguistic code. All dialogical interaction reflects and refracts the social and historical moment in which it took place. The utterance is unique and unrepeatable, and so are the nostalgic utterances of the *corpus* of this research. All of them were studied considering that each of them is a link in a complex chain of other utterances, continually responding to previous utterances and predicting later ones. In this way, it can be observed that both editorials and nostalgia felt by the railway people are repeated and recreated over the years.

To highlight, therefore, the living character of nostalgia manifestation and its influence in the context of the social collective and in the human development, this session comments and relates three nostalgic *Revista Ferrovia* editorials. So, it was chosen the first nostalgic editorial of all: "Uma das causas do deficit [sic] nas ferrovias" (One of the causes of deficit in railways), of 1967, issue number 2, written by José Sartoris Netto (Annex A); The editorial located in the middle of the timeline of editorials, "Hierarquia" (Hierarchy), of 1978, number 62, written by José Ferreira (Annex B); and finally, the last of nostalgic editorial of all, "Palavra da Presidente" (President's word), 2017, number 172, written by Maria Lina Benini (Annex C).

Deficit. Editorial Number 2 begins a long tradition of editorials with this word as central thematic content. As well as 32% of the editorials (DESTRI, 2018), this brings adversity to the surface. Netto portrays the historical moment when the railroad is already weakened in Brazil's transports system. Netto's railroad is an already deficient railroad, which is losing more and more space to the highways. Thus, the author nostalgically remembers the Golden times, but states that the times have changed and that the mentality and hierarchy within the system should suit that. The big question, he said, is the decline in demand for freight and an administration that does not give the importance that this service deserves. The editorialist initiates the editorial by activating the reader mnemonically, sensitizing him/her:

<< The good times >> of the railway monopoly in our country live longingly in our memory.

In those days, because there were no good highways and the vehicles were precarious in terms of comfort and load capacity, the railways were sought and even people begged in order to obtain a ticket or a wagon for the dispatch of goods [...] ⁸ (FERREIRA, 1978, p. 5, translated by me).

While highlighting the good times, Ferreira contrasts in the same measure the present, clearly different, almost unrecognizable, and the past, glorious. He uses the first person plural, as in most of the editorials, in order to put himself in the same social group as the reader, to show that he shares the same difficult situation as him/her. In contrast to the pattern of editorial interlocutive relationship – the rail man/rail men – because he deals with problems that could be alleviated by the high level engineers, the author takes the position of engineer to talk to other engineers. That is, the interlocutive relationship of this editorial focuses on the engineer/engineer relationship. Later in the text, nostalgia continues:

⁷"[...] a lei da reação estética é uma só: encerra em si a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra a destruição no ponto culminante, como uma espécie de um curto-círcuito".

⁸"Vivem saudosos em nossa memória <<os bons tempos>> do monopólio dos transportes ferroviários em nosso país.

Naquêles[sic] tempos, por não existirem as boas rodovias e serem precários de conforto e capacidade de carga dos veículos, as ferrovias eram procuradas e até imploradas para a obtenção de uma passagem ou vagão para o despacho de mercadorias [...]."

What about the goods to be transported?

Ah! These. << In good times >> they were in charge of the railroad customers who were looking for them to <<get>> their transportation. But times have changed [...]. Today, on the railways, we still live the same mentality and that same hierarchy, but in other times⁹ (FERREIRA, 1978, p. 5, translated by me).

There is the repetition of the clear contrast between “bons tempos” (good times) and the "outros tempos" (other times), changed times. The author sighs in words as he precedes his description of the past with the expression “Ah!”. The change has clearly not been good and the past is fondly remembered. At the end of the text, the future is brought, claiming the “redemption of the rail system”. Evoking Benveniste's theory, chronic time is “[...] the time of events, which also encompasses our own life as a sequence of events”¹⁰ (BENVENISTE, 2016, p.71). In this perspective, time is the succession of groups of events tied to reference points on a conventional scale known to all people. Therefore, in the *corpus*, the chronic time is presented as a sequence of facts that did not benefit the railway class.

Everyone is an observer of the chronic time regarding the possibility of walking through this line of events occurring from the present to the past and from the past to the present. However, “we manifest the human experience of time by the language”¹¹ (2016, p. 74). Indeed, is through language that the editorialist has the total freedom of transiting indiscriminately between past and future. Thus, linguistic time is defined and organized according to the discourse. The center of the timeline is generated at the time of enunciation and new centers are generated to each response given or to each new editorial. By setting the today of 1967 as “other times”, Ferreira transits into a round-trip line to the past of the “good times” more than once. By enunciating, and only because he enunciated, the editorialist truly lived his past again. There was a tour through the collective history: the apparent nostalgia in the first paragraph fades with the description of the present, returns in the body of text and it is even in the final appeal for decisions regarding the freightage.

At the time of the enunciation of this utterance, the railway men already seem to have left the utopian idea of resuming the monopoly of transportation. In following editorials, it is evident that what they want at the moment is to return to work in a class that is not abused, which does not operate with short budget and deficit policies. All in all, they even gave up a future without deficit – but they call for a future in which the deficit is not seen as loss but investment. In the present where they live, they want the best for themselves — something that opposes to the best for the road industry. Here, therefore, is clearly seen the valuation given by rail man about railways in contrast with the valuation given by other sectors to it.

Sixty editorials later, there is the text that divides the *corpus* of nostalgic editorials into two parts. This is even the last nostalgic editorial before the search for the magazine “modernization”, which changed the formatting of the text from rectangular to triangular. “Hierarquia” by José Ferreira has the thematic content of structural change. It deals with the spirit of job simplification that has been adopted by the company and how this administrative maneuver seems to fail when hierarchies are lost in the decisions that will take the company into the future.

It is necessary that the CCP, which was created with such effort and good intentions, continues to change (as its creators intended), with the art and creativity that we know that rail men will not lack, looking for a way to establish for our railroads “Hierarchical Scale”, something consistent with today's “cybernetic” days, but also fulfilling the “Hierarchical Scale” functions of the Railroad's golden years¹² (NETTO, 1967, p. 5, translated by me).

⁹ “E as mercadorias para serem transportadas?

Ah! estas. <<nos bons tempos>>, estavam a cargo dos clientes das ferrovias que as procuravam para <<conseguir>> o seu transporte.

Porém os tempos foram mudando [...]. Hoje, nas ferrovias, vivemos ainda a mesma mentalidade e aquela mesma hierarquia, porém em outros tempos”.

¹⁰ “O tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos”.

¹¹ “É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo”.

¹² “É preciso que o PCC, que foi criado com tanto esforço e boas intenções, continue se modificando, (como, aliás, foi a intenção de seus criadores), com a arte e a criatividade que sabemos que não faltará aos ferroviários, procurando-se um caminho onde se possa estabelecer para as nossas ferrovias “Escala Hierárquica”, condizente com os dias “cibernéticos” de hoje, mas que cumpra também as funções de “Escala Hierárquica” dos anos de ouro da Ferrovia”.

He writes in the first person plural when he uses “nossas ferrovias” (our railroads), which attracts to him the position of engineer in front of the reader, who is probably also a rail man but who, above all, shares the position of engineer. It even uses the abbreviation CCP without introducing it, taking for granted the understanding of this word in a collective that shares the same semantic sphere as the author. Such attitude solidifies the social tone of this quarterly journal as a group survival tool. Saying that the railroad had its golden years is confirming the idea that it has legitimacy in claiming and gaining prestige again. In this process, citing Bosi (2003), the individual renews himself for the present, receives strength to continue. In this case, memory is decisive in the existence of the railway individual and his/her collective, since it allows them to make the relationship between the present *we* and the past *we* and, concomitantly, interferes in the course of the meanings of the railway sphere.

The center of the timeline is on “os dias ‘cibernéticos’ de hoje” (today’s “cybernetic” days) and Netto transits to an earlier past to that shown in the second publication. That is, however 1967 is passed at the time of this enunciation, the point in the past for which both come back is the same: “the good times”, “the golden times of the railroad”. This time the nostalgia was positioned at the end of the speech in order to solidify its presented arguments and motivate the reader.

The third commented editorial is the last issue published, and also the last of the *corpus* of nostalgic editorials. Number 172 is profoundly nostalgic and holds almost all nostalgic manifestation patterns found in complete *corpus* analysis (DESTRI, 2018).

This number is the fifth after the 2010-2015 *hiatus*. Celebrating the eighty years of publication, the magazine returns with an editorial focused on the magazine’s content, not as argumentative as the previous ones. Even so, the editorialist does not fail to show her own collective nostalgia for the rail sector. The magazine, published in the 150th anniversary of the first São Paulo railway, is full of nostalgic content and celebrates its historical past. So is the editorial: it recalls the creation, development and the unfortunate fall of the Brazilian railroad. It comments on the 2017 present, setting it up as the axiological center of the utterance and the text ends with a positive look at the future. To portray its nostalgic content, we have the following excerpt:

“Ingleza” — or also “SPR” — also stood out for being the most profitable railroad in Brazil, in Latin America and all others below the Equator [...]. This is a true contrast to the current railway scene, after the eradication of the most of the existing railways at the time of the magazine’s historical edition. If the enchanting times of steam traction and stationary machines in the world’s largest funicular system are nostalgia today, nothing erases the reality that its nearly 140 km of track catapulted São Paulo to the nation’s most developed state and, therefore, nothing as appropriate as calling it “Brazil Locomotive”¹³ (BENINI, 2017, p. 3, translated by me).

The author’s appraisal of the objects of discourse – past and present – is clear as in all other editorials with nostalgia manifestation. The past is always presented positively: “rentável” (profitable), “tempos encantados” (enchanting times), “Locomotiva do Brasil” (Brazil Locomotive). On the other hand, the current scenario is presented in contrast: the railroad is no longer profitable, the times are no longer enchanting, it does not participate in Brazilian progress.

Other general patterns of nostalgic editorials that can be observed in this editorial is that, as well as 55% of the other discourses, the nostalgia element is placed at text ending with the function of motivating the railway reader in the struggle for the improvement of the sphere. Moreover, the interlocutive relationship generated was rail man/rail men as well as 47% of the editorials (DESTRI, 2018).

Benini, as an editorialist and organization’s president, places herself as a member of a non-selected rail collective, that is, she does not direct the commentary to the group of railroad engineers or high-ranking workers. She simply places herself as a rail woman, communicating that the history of the glory belongs to all, whether they are great engineers, machinists or janitors.

¹³ “A “Ingleza” — ou também ‘SPR’ — se destacou também por ser a estrada férrea mais rentável do Brasil, da América Latina e de todas as outras abaixo da linha do Equador [...] um verdadeiro contraste com o atual cenário ferroviário brasileiro, depois de erradicada boa parte das linhas férreas existentes à época da edição histórica da revista. Se os tempos encantados da tração a vapor e das máquinas fixas do maior sistema funicular construído no mundo são hoje nostalgia, nada apaga a realidade que [sic] ou “de que” seus quase 140 km de trilhos catapultaram São Paulo à condição de estado mais desenvolvido da nação e, portanto, nada tão apropriado como chamá-lo de ‘Locomotiva do Brasil’ ”.

Remembrance in the collectives and, in this case, in the railroad's, is a primordial tool of class maintenance and nostalgia helps in construction of their identity and motivations. On the other hand, it is observed that the past that Benini reports is a past which she did not live. And even if she had lived, memories are complexly permeated with ideology (BOSI, 2003). In addition, observing the history of nostalgic editorials, the more the situation becomes difficult, the more the past seems distant, the more nostalgic memory is strengthened. And, with the various mnemonic upturns, it is likely to be biochemically modified in brain. That's because the memories obey the synaptic molecular alterations. Treating it succinctly, the evocation is *modulated* by neurotransmitters between synapses, according to the emotional factors at the time of recall (IZQUIERDO *et al.*, 2013).

It is not just who feels the loss of dislocation that is thrilled with nostalgia. Nostalgia is also a deeply nostalgic romance with one's own fantasy of the past. Thus, such a romance can only survive in a long distance relationship because when it tries to overlap the current nostalgic fantasy with the past that truly occurred, there is no exact match (BOYM, 2007). In Brazilian railway, the presidents changes, the coworkers move, the veterans die. However, memory does not *die* when there is no one else who has lived in physical time the chronic past that is remembered linguistically. Nostalgia remains as a component, as a characteristic trait of the collective. As Bauman reiterates (2017), the uncertain present of the turn of the century does not inspire confidence. It's worth a lot more investing in looking at a certain past than betting on the instability of the future.

It's more worthwhile because nostalgia is cathartic. The regulatory activity by Lima (2015) is even in the fact that people remember nostalgically. Here the individual oscillates between living in the past — something impossible — and living in the present — something unbearable. The short circuit occurs in the middle ground between the two cited elements: nostalgia. The synthesis is in living in the present seeking motivation in the past. At this point, the clash of these two opposite activities is responsible for the cathartic effect, something deeply pleasurable.

Nostalgia as a source of catharsis is observed not only in editorials, but in the very act of publication of the journal. In the first edition of 1935, there was no bitter taste of deficit, what caused the return with the magazine in 1967 — a magazine that was reborn nostalgic. Publishing it was a response to the effect of business failure, a way of manipulating an instrument that could help them go beyond themselves, to overcome the challenges that today's view presented.

In its structure, nostalgic memory also enjoys a dichotomous clash that ends in catharsis. Memory as content is surpassed by the semi-biographical narrative. That is, the narrative told to oneself in remembering does not represent the object of nostalgia as such - it is part truth, part creation/fantasy. The result is a cathartic pleasure similar to the artistic one: the destruction of content by form.

4 FINAL CONSIDERATIONS

Our aim with this research was to delve into the manifestation of nostalgia in discourse and to trace subjective aspects of it as a sign and ideological phenomenon. To reach it, we used a *corpus* of nostalgic editorials from *Revista Ferrovia*, we listed the necessary concepts for the theoretical basis as well as we investigated the historical and production context of the editorials. Along with these stages of research, an analysis was made of the editorials from issues 2, 62, and 172. This analysis unveiled the close bond between nostalgia and the historical time in which it is lived. Pervaded by ideology, the nostalgic recollection phenomenon reaches all spheres of human activity and is cultivated, communicated and perpetuated with each class' characteristic traits.

Nostalgia is sought for people who experience the hazy frontier of what *was* and what *is*. Thus, three different editorials representing three different moments of the railway's history were analyzed. Nostalgia was intensified as time went on. It was evoked in response to affects on the existence of the social group and, according to Sedikides *et al*, this is a fundamental human force, an important part of everyday life, which serves as a promoter of positivity, self-esteem, social connectedness and relief from the hardships of existing (2008). Because it is part memory and part authorial narrative, it can be said that the manifestation of nostalgia resembles the function of art. As much as such sentiment may influence art and the market, it is not a matter in museums, it is not selected or analyzed by critics, it is not classified as baroque or surrealistic. However, the memories are nostalgically tasted with the same fervor

with which people observe a great art piece or appreciate a good literary narrative. Nostalgia is both truth and creation, a universal human trait that culminates in a pleasurable cathartic effect.

But how does one indulge in the feeling of nostalgia if it is partially fantasy or even a delirium? The great attraction of this feeling is, precisely, that nostalgia is not entirely inventive or factual. Moreover, the fantastic part is hardly noticed since the past is not directly accessible. People can remember from videos, pictures, diaries, but undoubtedly the most common way to remember a nostalgic memory is to rely solely on the chemical storage of the memories themselves.

It is emphasized here that memory is not exactly reliable, as there is a belief that memories are “recorded” like any digital storage system. Memory fades and, mainly, changes. It is common for the nostalgic to be unaware of how altered that sweet memory of the past may be. Altered memory seems as true in memory as original memory, the contours are erased. Anyway, when there is a need to remember nostalgically in the face of the chaotic present, what is sought is stability. It is preferable to believe that what gives you security is not the result of chemical changes in succession. In the society of “every man for himself” and “I can only trust myself”, not being able to trust in our own memories is frightening. And, as in a cycle, to relieve itself of the troubles of a fickle present and in order to look for reasons to continue in it, the warm and cathartic lap of nostalgia is sought again.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In:— BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 9-70.
- BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENINI, M. L. Palavra da presidente. [Editorial]. *Revista Ferrovia*, n.172, p. 3, 2017.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOYM, S. Nostalgia and its Discontents. *Hedgehog Review*, Charlottesville – EUA, University of Virginia, n. IX. p. 7-18, 2007.
- DESTRI, A. *Aspectos da dimensão linguístico-discursiva da memória nostálgica: uma análise de editoriais da Revista Ferrovia*. 2018. Dissertação (Mestrado) –. Programa de Pós-graduação em Letras, Gerência de Ensino e Pesquisa, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2018.
- FERREIRA, J. Hierarquia. [Editorial]. *Revista Ferrovia*, n. 62, p. 5, 1978.
- IZQUIERDO, I. et al. Memória: tipos e mecanismos – achados recentes. *Revista USP*, São Paulo, n. 98, p. 9-16, 28 ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i98p9-16>. Acesso em: 31 maio 2019.
- LIMA, A. Desenvolvimento da afetividade, das emoções e dos sentimentos humanos no (e fora do) trabalho: uma questão de saúde coletiva e segurança pública. *Saúde Soc*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 869-876, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n3/0104-1290-sausoc-24-03-00869.pdf>. Acesso em: 31 maio 2019.
- MATOS, O. N. de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

NETTO, J. S. Uma das causas do deficit nas ferrovias. [Editorial]. *Revista Ferrovia*, n. 2, p. 5, ago. 1967.

SEDIKIDES, C *et al.* Nostalgia: Past, Present, and Future. *Current Directions in Psychological Science*, Washington – EUA, vol. 7, n. 5, p. 304-307, 2008. Disponível em: http://www.wildschut.me/Tim_Wildschut/home_files/Sedikides,%20Wildschut,%20Arndt,%20%26%20Routledge,%202008,%20CDir.pdf. Acesso em: 13 ago. 2018.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; BADEN, D. Nostalgia: Conceptual Issues and Existential Functions. In: GREENBERG, J.; KOOLE, S. L.; PYSZCZYNSKI, T. A. (org.). *Handbook of Experimental Existential Psychology*. New York - EUA: Guilford Publications, 2004. p. 200-215. Disponível em: <http://studylib.net/doc/8267824/nostalgia---university-of-southampton>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



Received in January 25, 2019. Approved in June 6, 2019.

ANNEX A – “Uma das causas do deficit [sic] nas ferrovias”, editorial from issue number 2, 1967

COMENTÁRIO

UMA DAS CAUSAS DO DEFICIT NAS FERROVIAS

Vivem saudosos em nossa memória «os bons tempos» do monopólio dos transportes ferroviários em nosso país.

Naquêles tempos, por não existirem as boas rodovias e serem precários o conforto e capacidade de carga dos veículos as ferrovias eram procuradas e até imploradas para a obtenção de uma passagem ou vagão para o despacho de mercadorias.

Esse ambiente gerou dentro delas uma mentalidade e uma hierarquia na importância das funções dentro da empresa que as estão liquidando pelo processo chamado deficit.

Os administradores consomem todo o seu tempo em obras de melhoria das linhas férreas, sinalização, magníficas estações, locomotivas, sempre reclamando maior número de vagões esquecendo-se de que estão à frente de uma empresa industrial e de que é importante à sua gerência a boa operação da ferrovia, isto é, a circulação rápida de seus vagões, proporcionando maior rendimento e rentabilidade, e mais importante, ainda, o êxito comercial da empresa.

Quanto à hierarquia, continuam a prevalecer os homens que fazem a operação de transporte vindo em segundo plano os que tratam do êxito financeiro da empresa.

Mas, como dissemos, a estrada de ferro é uma empresa industrial que VENDE FRETE, como resultado do transporte de passageiros e mercadorias.

E as mercadorias para serem transportadas?

Ah! estas, «nos bons tempos», estavam a cargo dos clientes das ferrovias que as procuravam para «conseguir» o seu transporte.

Porém os tempos foram mudando, as boas rodovias aparecendo, os veículos rodoviários melhorando o seu conforto e sua capacidade de carga e, assim, iniciando violenta concorrência pela preferência do transporte.

Hoje, nas ferrovias, vivemos ainda a mesma mentalidade e aquela mesma hierarquia, porém em outros tempos.

Os clientes já não as procuram com a mesma frequência e necessidade e, enquanto os vagões ficam nos desvios ou correm vazios em retorno, pululam nas rodovias, em itinerários paralelos, uma imensidão de caminhões. Veja-se por exemplo as Vias Anhanguera, Dutra e Anchieta.

De que adianta uma via permanente perfeita, uma sinalização automática, locomotivas modernas, tudo isso somando custos de investimentos e manutenção fabulosos, se passageiros e cargas seguem via rodoviária?

Os administradores de nossas ferrovias se fizerem um exame de consciência, certamente considerar-se-ão culpados de não imprimirem às empresas que dirigem, uma orientação em bases verdadeiramente comerciais.

Reunem-se com seus auxiliares para saber como gastar suas verbas, porém descuidam do mais importante, que é como ganhar essas verbas.

Para a redenção do sistema ferroviário nacional devem os seus responsáveis encarar as estradas de ferro como empresas industriais cujo único produto a oferecer é o transporte e que os fretes sejam vendidos em livre concorrência, como uma mercadoria qualquer, num balcão de uma loja comercial.

JOSE SARTORIS NETTO

ANNEX B – “Hierarquia”, editorial from issue number 62, 1978

EDITORIAL

HIERARQUIA

Eng.º José Ferreira

A Ferrovia, mais ainda que a grande maioria das empresas, necessita para seu funcionamento perfeito de uma escala hierárquica, onde se possa definir comando e responsabilidade.

Tal fato se contradiz pelo menos aparentemente com espírito de simplificação de cargos, que adotado para racionalizar e facilitar as operações administrativas na área de pessoal e finanças, é aplicado visando sem dúvida os interesses da empresa.

Cria-se assim, um dilema, pois ambas as funções, (hierarquia e simplificação), são do mais alto interesse da empresa e até agora não nos parece que a melhor solução para o momento atual tenha sido encontrada.

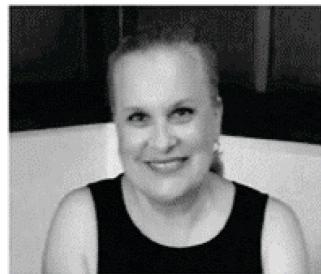
Muitas funções da área operacional que foram englobadas carecem de reestudo visando uma hierarquização para que se possa concentrar algumas decisões que devem ser tomadas por presteza e com responsabilidade bem definida, pois envolvem algumas vezes segurança de tráfego e quantas e quantas vezes o próprio interesse final da empresa.

É preciso que o PCC que foi criado com tanto esforço e boas intenções, continue se modificando, (como aliás foi a intenção de seus criadores), com a arte e criatividade que sabemos não faltarão aos ferroviários, procurando-se um caminho onde se possa estabelecer para as nossas ferrovias uma “Escala Hierárquica”, condizente com os dias “cibernéticos” de hoje, mas que cumpra também as funções da “Escala Hierárquica” dos anos de ouro da Ferrovia.

ANNEX C – “Palavra da presidente”, editorial from issue number 172, 2017

150 Anos da São Paulo Railway - SPR

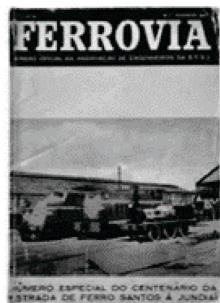
Palavra da Presidente



Eng. Maria Lina Benini

A São Paulo Railway (SPR), primeira estrada de ferro paulista - E.F. Santos a Jundiaí - completa 150 anos em 2017. Para celebrar esse fato, a Revista Ferrovia que chega em suas mãos está especial. A edição resgata lindas fotos históricas e traz artigos que nos fazem viajar pelos trilhos dessa sesquicentenária jornada. E não estamos falando de uma ferrovia qualquer! A “Ingleza” – ou também “SPR” - se destacou também por ser a estrada férrea mais rentável do Brasil, da América Latina e de todas as outras abaixo da linha do Equador, além de ser a ferrovia inglesa mais lucrativa do mundo fora da Inglaterra. Esses trilhos do progresso mudaram a economia, a geografia, a cultura e até a sociedade de São Paulo e do Brasil. Em fevereiro de 1967, a Revista Ferrovia lançou um número especial em comemoração ao centenário da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí (veja capa ao lado). Exatos 50 anos se passaram e hoje as linhas deste traçado ganharam importância ainda maior, mesmo se

considerarmos que a administração agora está subdividida entre duas empresas: MRS Logística S.A. e CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). Nada mal para uma estrada de ferro construída originalmente para escoar o café plantado no interior da província e ser exportado. Um verdadeiro contraste com o atual cenário ferroviário brasileiro, depois de erradicada boa parte das linhas ferreas existentes à época da edição histórica da revista. Se os tempos encantados da tração a vapor e das máquinas fixas do maior sistema funicular construído no mundo são hoje nostalgia, nada apaga a realidade que seus quase 140 km de trilhos catapultaram São Paulo à condição de estado mais desenvolvido da nação e, portanto, nada tão apropriado como chamá-lo de “Locomotiva do Brasil”. Impossível imaginar como será a capa da edição do segundo centenário. As incertezas determinadas pelo transcorrer do tempo nos enchem de esperança e nos fazem crer na continuidade do transporte sobre a sesquicentenária via férrea sem que seu passado glorioso seja esquecido. Parabéns, SPR! Viva os 150 anos da primeira ferrovia paulista!



O DISCURSO DE AMOR EM CANÇÕES: AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DA DOR E DA SAUDADE

EL DISCURSO DE AMOR EN CANCIONES: LAS FORMACIONES DISCURSIVAS DE LA
DOLOR Y DE LA NOSTALGIA

THE DISCOURSE OF LOVE IN SONGS: DISCURSIVE FORMATIONS OF PAIN AND
NOSTALGIA

Adelino Pereira dos Santos*

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO: Neste trabalho, tomamos como pressupostos teóricos a noção-conceito de formação discursiva, conforme proposta por Michel Pécheux (1997) e com base no artigo *Palavra de amor*, de Eni Orlandi (1990) para analisarmos, sob o ponto de vista da Análise de Discurso de linha francesa, fragmentos de canções em língua inglesa e em língua portuguesa. A análise das canções nos permitiu perceber as formações discursivas do amor enquanto dor ou sofrimento e do amor enquanto saudade como constitutivas dos textos, reveladas por regularidades enunciativas em funcionamento através de elementos linguísticos e características dos textos. Na impossibilidade de tratarmos aqui de todos os aspectos investigados sobre o discurso de amor, reiteramos a certeza de que a noção-conceito de formação discursiva, como teorizada por Pécheux (1997) ainda se faz bastante produtiva. Igualmente, reafirmamos a produtividade do artigo de Orlandi (1990), apesar de seus quase trinta anos de produção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de amor. Formação discursiva. Dor/sofrimento. Saudade.

RESUMEN: En este trabajo, tomamos como presupuestos teóricos la noción-concepto de formación discursiva, según propuesta por Michel Pécheux (1997), y con base en el artículo *Palavra de amor*, de Eni Orlandi (1990), para analizar, sobre el punto de vista del Análisis del Discurso de la línea francesa, fragmentos de canciones en inglés y en portugués. El análisis de las canciones nos permitió percibir las formaciones discursivas del amor como dolor o sufrimiento y del amor como nostalgia como constitutivas de los textos, reveladas por regularidades enunciativas en funcionamiento a través de elementos lingüísticos y características de los textos. Teniendo en cuenta la imposibilidad de tratar aquí de todos los aspectos investigados sobre el discurso de amor, reiteramos la certeza de que la noción-concepto de formación discursiva, como teorizada por Pécheux (1997), todavía se hace bastante

* Doutor em Letras. Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: adesantos@uneb.br.

productiva. Igualmente, reafirmamos la productividad del artículo de Orlandi (1990), a pesar de sus casi treinta años de producción de sentidos.

PALABRAS CLAVE: Discurso de amor. Formación discursiva. El dolor / sufrimiento. Nostalgia.

ABSTRACT: In this work, we take, as theoretical presuppositions, the notion-concept of discursive formation, as proposed by Michel Pêcheux (1997) and based on the article “Palavra de amor” (Word of Love), by Eni Orlandi (1990) to analyze, from the point of view of the French Discourse Analysis, fragments of songs in English and Portuguese languages. The analysis of the songs allowed us to perceive the discursive formations of love as pain or suffering and of love as nostalgia as constitutive formations of texts, revealed by enunciative regularities in operation through linguistic elements and characteristics of the texts. Due to the impossibility of dealing here with all the aspects investigated from the discourse of love, we reiterate the certainty that the notion-concept of discursive formation, as theorized by Pêcheux (1997), is still very productive. Likewise, we reaffirm the productivity of Orlandi's article (1990), despite its almost thirty years of meaning production.

KEYWORDS: Discourse of love. Discursive formation. Pain/suffering. Nostalgia.

1 INTRODUÇÃO

Que efeitos de sentido se produzem quando se diz *Eu te amo?* De que modo tais processos de significação podem ser percebidos em canções de estilos vários, em diferentes épocas? Que elementos linguísticos e discursivos são responsáveis pelos efeitos de sentido do discurso de amor em canções de língua inglesa e de língua portuguesa? Tomando como base pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, este artigo tem por objetivo buscar respostas para essas perguntas através da análise de canções que se constituíram no/pelo discurso de amor em língua inglesa e em língua portuguesa. Para tanto, consideramos o artigo *Palavra de Amor*, de Eni Puccinelli Orlandi (1990), como base de nossa reflexão, bem como a noção-conceito de formação discursiva, segundo Pêcheux (1997), como diretriz de nossa análise.

Parafraseando Orlandi (1990), ao abordarmos o discurso de amor em canções não nos referimos aos aspectos ligados à sexualidade, não discutimos relações amorosas e nem tampouco teorizamos sobre o amor, em suas diversas possibilidades, tais como nas relações sociais/familiares, nas epistemes filosóficas, antropológicas ou sociológicas, etc. Enfim, não tratamos de sexo e nem de amor em si, mas sobre o discurso de amor, isto é, processos simbólicos de significação, efeitos de sentido de amor ou *amor enquanto discurso*.

Nesse sentido, vale aqui a reiteração de uma diferença conforme apontada por Orlandi (1990): há por aí e desde sempre uma enormidade de materiais semióticos que materializam o discurso SOBRE o amor (páginas da Filosofia Universal, quadros, romances, poemas etc.). Mas não é dele que nos preocupamos neste trabalho, embora o discurso sobre o amor também se manifeste em canções, conforme podemos perceber nos fragmentos a seguir:

1 –

*Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria*

*O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer*

2 –

*Perhaps love is like a resting place
A shelter from the storm*

*It exists to give you comfort
It is there to keep you warm
And in those times of trouble
When you are most alone
The memory of love will bring you home*

*Oh, love to some is like a cloud
To some as strong as steel
For some a way of living
For some a way to feel
And some say love is holding on
And some say letting go
And some say love is everything
And some say they don't know*

O fragmento nº 1 são estrofes de uma canção brasileira do ano 1989, intitulada *Monte Castelo*, de autoria de Renato Russo e faixa do disco *Quatro Estações*, da banda de rock alternativo Legião Urbana. Essa canção foi composta a partir do capítulo 13 da carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, conforme se apresenta em versões nacionais da Bíblia Sagrada¹ e versos do Soneto 11 do poeta português Luís Vaz de Camões, de domínio público e disponível em diversas plataformas da *internet*. Já o fragmento nº 2 são estrofes da canção *Perhaps Love*, composição do norte-americano John Denver e interpretada em dueto com o cantor espanhol de ópera Plácido Domingo, faixa única do disco de mesmo nome, lançado nos Estados Unidos no ano 1981, sucesso de alcance mundial até os dias de hoje.

Embora tenham sido compostas quase na mesma época, fim e início dos anos 1980, respectivamente, as canções *Monte Castelo* e *Perhaps Love* não fazem parte de uma mesma temporalidade, já que a primeira traz citações de obras que se distanciam da canção em mais de cinco séculos a dois milênios, enquanto a segunda foi composta em homenagem à esposa do compositor, casal em crise de relacionamento e caminhando em direção a um divórcio conjugal, o que a coloca em sincronia com a composição. Esta última canção traz, em si, a memória de seu tempo. Contudo, o que há em comum nessas canções é que ambas se apresentam como tentativas de definição do amor, isto é, versam *sobre* o amor, têm o amor enquanto referência, objeto de seu discurso. Como se pode perceber nessas canções, as tentativas de definição do amor são sempre infrutífera.

Em *Perhaps Love* a impossibilidade de definição do amor se apresenta desde o seu título, já que *perhaps* (talvez) suscita a dúvida, em vez da certeza necessária à definição. Igualmente, os versos de ambas as canções tentam definir o amor através de sentidos contrários, em paradoxos. Sentidos que, ao se aproximarem, se distanciam e se anulam, conforme podem ser percebidos nos versos que livremente traduzimos da segunda estrofe do fragmento nº 2: “O amor para alguns é como uma nuvem, para outros é tão forte quanto o aço / Para alguns uma forma de viver, para outros uma forma de sentir / Alguns dizem que o amor é prisão, outros dizem que é liberdade / Alguns dizem que o amor é tudo / Outros dizem que não sabem”. Já em *Monte Castelo*, a impossibilidade está em um único ser humano falar uma língua comprehensível a todos os homens ou no humano falar a língua dos anjos. Como em *Perhaps Love*, as definições sobre o amor reciprocamente se anulam: “arde sem doer/ dói e não se sente / contentamento descontente / dor que desatina sem doer”. Concluímos, assim, que o discurso *sobre* o amor o tematiza através de paradoxos, imortalizando o sentido **único** de que o amor só se define por contrários ou a impossibilidade de definição do amor.

Já o *discurso de amor*, por outro lado, irrompe em inúmeros processos de significação e se produz por diferentes efeitos de sentido. Segundo Orlandi (1990) o discurso de amor é de natureza dúbia, móvel e contraditória. Analisar o discurso de amor, portanto, é “pensarmos o discurso como prática simbólica, no conjunto de práticas sociais determinadas historicamente [...]. O que nos interessa é a historicidade mesma desse discurso, ou seja, o processo pelo qual o seu modo de inscrição o configura” (ORLANDI,

¹ Cf. a versão *Bíblia Online* (2018).

1990, p. 76). Contudo, neste trabalho essa historicidade será analisada somente através do gênero canção, embora consideremos, como já o dissemos, temporalidades distintas, em duas línguas diferentes.

2 A FÓRMULA EU-TE-AMO E O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA

Segundo Orlandi (1990, p. 80) “a fórmula ‘eu-te-amo’ é o lugar em que se manifesta a possível ruptura de sentidos pelo discurso de amor: fragmentos do já-dito (interdiscurso, ritual, memória) tornam possível um sentido ainda não dito”. Em termos práticos, a fórmula eu-te-amo pode ser enunciada nas relações sociais sem necessariamente estar no discurso de amor. Fora do discurso de amor o eu-te-amo pode significar eu te oprimo, eu te engano, eu te faço sofrer, eu tiro a tua liberdade de ser... e tantos outros sentidos, contrários ao sentido de amor, que podem se esconder através da opacidade das palavras, em relações pessoais doentias. Mas, também pode significar, verdadeiramente, a expressão do amor entre os seres humanos.

Por outro lado, no discurso de amor se pode dizer eu te amo sem necessariamente fazer uso da fórmula-tipo. Em outras palavras, existem, no discurso de amor, muitas maneiras de dizer eu te amo, conforme Orlandi (1990, p.80, grifos da autora) nos faz pensar:

A fórmula “eu-te-amo” não está reduzida à imobilidade. Ficando nos detalhes de seu aparecimento, ou na descrição de seus modos de existir, não chegaremos a compreender o seu funcionamento. Para tal, consideramos providencial o recurso à noção de formação discursiva, noção que permite observar as regularidades dos processos semânticos. Como qualquer fragmento de linguagem, a fórmula “eu-te-amo”, portanto, pode significar qualquer coisa. No entanto, a tomaremos como etiqueta de uma formação discursiva, a do discurso de amor. O eu-te-amo é então o sintoma, a pista de processos de significação que se inscrevem nessa **formação discursiva**.

Na análise das canções, conforme procedemos na seção três deste trabalho, consideramos o conceito de formação discursiva e buscamos compreender, nos textos analisados, as suas regularidades. Contudo, diferente do posicionamento de Orlandi (1990), como se consegue entrever na citação acima, *não* consideramos o discurso de amor como constituído por uma única formação discursiva, de que a fórmula eu-te-amo seria o seu sintoma, como uma etiqueta. Ao contrário, ao buscarmos compreender os modos de funcionamento do discurso de amor nas canções, consideramos que cada conjunto de regularidades se constitui como uma formação discursiva específica, o que deixa evidente o caráter plural, múltiplo e heterogêneo do discurso de amor, que se manifesta, contraditoriamente, por diferentes formações discursivas: amor-arrependimento, amor-*nonsense*, amor-felicidade, amor-infinito, amor-eterno, amor-carnal ou sexual, amor de completude etc., como comprovam os resultados de nossa pesquisa. Contudo, por restrição de espaço, neste artigo nos atemos às formações discursivas do amor enquanto *dor ou sofrimento e saudade*.

Desse modo, a fórmula-tipo eu-te-amo ainda se aplica, mas para cada formação discursiva específica. Em outras palavras, isso se ajustaria do seguinte modo: há, nas canções analisadas, muitas maneiras de dizer eu te amo. Cada maneira de dizer eu te amo funciona como sintoma de uma formação discursiva específica, constituinte do discurso de amor. A fórmula-tipo eu-te-amo poderá ser, então, estendida em seus sentidos ou parafraseada: “Eu te amo, logo, sinto saudade” ou “Sinto saudade, logo, eu te amo”; “Eu te amo, por isso sofro” ou “Sofro, por isso afirmo que eu te amo” etc., a depender dos efeitos de sentido que possam ser percebidos nas canções que se constituíram a partir do discurso de amor.

Sentimo-nos autorizados à afirmação da tese de que o discurso de amor se constitui, contraditoriamente, em sua homogeneidade pela heterogeneidade e pluralidade de formações discursivas, quando consideramos o conceito de formação discursiva com o qual trabalhamos, apresentado por Pêcheux (1997, p.160): “Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)”.

A partir desse conceito de formação discursiva, consideramos, seguindo ainda Pêcheux (1997, p.161), que: “[...] uma palavra, uma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva

[...] De modo correlato, se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra”.

Esses jogos de atribuições, permanências e mudanças de sentidos das palavras no interior das formações discursivas podem ser percebidos nas análises das canções, como procedemos na seção 3, a seguir.

3 O DISCURSO DE AMOR ENTRE A DOR E A SAUDADE

As formações discursivas da dor e da saudade podem ser, talvez, as mais produtivas manifestações do discurso de amor em canções de diferentes épocas, estilos e espacialidades. Consideremos os fragmentos 3, 4, 5 e 6, a seguir, como materialidades de nossa análise do discurso de amor nas canções:

3 –

*Don't leave me in all this pain
Don't leave me out in the rain
Come back and bring back my smile
Come and take these tears away
I need your arms to hold me now
The nights are so unkind
Bring back those nights when I held you beside me*

*Un-break my heart
Say you'll love me again
Undo this hurt you caused
When you walked out the door
And walked out of my life
Un-cry these tears
I cried so many nights
Un-break my heart
My heart*

4 –

*Hoje, eu ouço as canções que você fez pra mim
Não sei por que razão tudo mudou assim
Ficaram as canções e você não ficou
Esqueceu de tanta coisa que um dia me falou
Tanta coisa que somente entre nós dois ficou
Eu acho que você já nem se lembra mais
É tão difícil olhar o mundo e ver
O que ainda existe
Pois sem você meu mundo é diferente
Minha alegria é triste
Quantas vezes você disse que me amava tanto
Tantas vezes eu enxuguei o seu pranto
E agora eu choro só sem ter você aqui*

5 –

*Nem sei porque você se foi
 Quantas saudades eu senti
 E de tristezas vou viver
 E aquele adeus, não pude dar
 Você marcou em minha vida
 Viveu, morreu na minha história
 Chego a ter medo do futuro
 E da solidão, que em minha porta bate*

*E eu
 Gostava tanto de você
 Gostava tanto de você
 Eu corro fujo desta sombra
 Em sonhos vejo este passado
 E na parede do meu quarto
 Ainda está o seu retrato
 Quero ver pra não lembrar
 Pensei até em me mudar
 Lugar qualquer que não exista
 O pensamento em você*

6 –

*Se a gente lembra só por lembrar
 O amor que a gente um dia perdeu
 Saudade inté que assim é bom
 Pro cabra se convencer
 Que é feliz sem saber
 Pois não sofreu*

*Porém se a gente vive a sonhar
 Com alguém que se deseja rever
 Saudade, entonce, aí é ruim
 Eu tiro isso por mim
 Que vivo doido a sofrer*

*Ai quem me dera vortar
 Pros braços do meu xodó
 Saudade assim faz roer
 E amarga qui nem jiló*

O fragmento nº 03 são estrofes da canção *Un-break my heart*, composição de Diane Warren e interpretada pela cantora norte-americana Toni Braxton. A canção do gênero entre o “pop” e o “soul”, figura como a segunda faixa do CD *Secrets*, de 1996 e continua como um grande sucesso de Braxton até os dias atuais. O fragmento nº 04 são estrofes de *As canções que você fez pra mim*, composição do gênero pop romântico brasileiro de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, do ano de 1968. Ao longo desses mais de cinquenta anos a canção recebeu várias interpretações, como a do próprio Roberto Carlos, do mesmo ano, a de Maria Bethânia e Erasmo Carlos, a de Sandy Lima, dentre outros.

O fragmento nº 05 são estrofes da canção *Gostava tanto de você*, composição de Edson Trindade e gravada por Tim Maia, no álbum *Tim Maia*, de 1973. De gênero híbrido entre a *soul music* e o samba, a canção brasileira teria sido composta ainda nos anos 1950, quando o compositor e o intérprete faziam parte do grupo *Tijucanos do Ritmo*. Ao longo dos anos, a canção ganhou outras interpretações, inclusive com alterações de ritmos e mudança para o gênero pop romântico. Já o fragmento nº 06 é uma composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, interpretada primeiramente pela artista paulista Marlene, no ano de 1950 e, posteriormente, pelo próprio Luiz Gonzaga. Essa canção tem o estilo baião, música e dança popular do Nordeste brasileiro².

Como se pode perceber, as canções elencadas nos fragmentos 3 a 6 são de autoria, estilos e épocas diferentes. Contudo, podemos dizer que pelo menos duas formações discursivas atravessam todas as canções: a formação discursiva da dor, aquela que nos permite paráfrases como “amo, por isso sofro” ou “sofro porque amo”; e a formação discursiva da saudade, aquela que permite as paráfrases “amo, por isso sinto saudade” ou “sinto saudade porque amo”. Esses ditos parafrásticos são outras possibilidades de expressão da fórmula-tipo *eu-te-amo*, conforme teorizada por Orlandi (1990). Nos fragmentos 3 a 6 o discurso de amor se manifesta enquanto sofrimento e saudade. Há, nessas canções, regularidades enunciativas que tornam possível a percepção dessas formações discursivas através dos elementos linguísticos e textuais, conforme elencamos abaixo:

- a) Verifica-se a predominância de verbos em tempos e modos no passado: “Bring back those nights when I held you beside me” / “When you walked out the door / And walked out of my life” (“Traga de volta aquelas noites de quando eu tinha você ao meu lado” / “Quando você saiu pela porta e se foi de minha vida”; “Quantas vezes você disse que me amava tanto / Tantas vezes eu enxuguei o seu pranto”;
- b) Na formação discursiva da dor, a presença de substantivos, adjetivos e locuções verbais que se associam semanticamente aos sentidos de dor e sofrimento: *pain; bring back my smile; tears; un-break my heart; hurt* (dor/sofrimento; traga de volta o meu sorriso; lágrimas; conserte ou “des-quebre” o meu coração; ferida/sofrimento/mágoa) / “saudade assim faz doer; e amarga qui nem jiló” / “E hoje eu choro só / Minha alegria é triste”;
- c) Em termos textuais ou narrativos, nessas canções a vida é sempre triste, pela perda do ser amado. Verifica-se, como constância, a presença das palavras *coração* e *adeus*, como símbolos de sofrimento: “Un-break my heart” / “Take back that sad word goodbye / Bring back the joy to my life / Don’t leave me here with these tears / Come and kiss this pain away” (“Conserte o meu coração / Apague aquela triste palavra adeus / Venha e me beije para passar esta dor”); “E de tristeza vou viver / E aquele adeus não pude dar” / “Porém se a gente vive a sonhar/ Com alguém que se deseja rever / Saudade, entonce, aí é ruim/ Eu tiro isso por mim/ Que vivo doido a sofrer”;
- d) Quanto à formação discursiva da saudade, percebe-se, como regularidade, a presença da palavra saudade ou de expressões equivalentes: “Não sei porque você se foi / Quantas saudades eu senti” / “Saudade inté que assim é bom / Saudade intonce assim é ruim”;
- e) Na formação discursiva da saudade são constantes, nas canções, a presença dos verbos *lembrar* e *esquecer* e/ou expressões verbais correspondentes: “Esqueceu de tanta coisa que um dia me falou / Eu acho que você já nem se lembra mais” / “Se a gente lembra só por lembrar” / “Pensei até em me mudar / Lugar qualquer que não exista / O pensamento em você”;
- f) Tanto na formação discursiva da dor, como hegemonicamente na formação discursiva da saudade, há, como constante, a presença de substantivos com o sentido de “coisas que fazem lembrar”, a narração de situações ou momentos, detalhes que fazem lembrar, isto é, trazer de volta a presença do ser amado: “E na parede do meu quarto ainda está o seu retrato” / “Hoje, eu ouço as canções que você fez pra mim” / “Eu corro fujo desta sombra / em sonhos vejo este passado” / “Bring back those nights when I held you beside me”.

² As letras e informações sobre autoria, ano de composição e intérpretes das canções foram buscadas a partir dos títulos, aleatoriamente, pelo site de busca Google.com.br, em 17 de out. de 2018. Muitas das informações estão na plataforma Wikipedia, disponível em: <https://pt.wikipedia.org>. Embora nem todos os dados dessa plataforma sejam plenamente confiáveis, para efeito das análises que aqui fazemos servem bem ao nosso propósito.

Além dessas regularidades, pode-se ainda perceber como característica do discurso de amor o fato de que quando se juntam estrofes de canções diferentes, se essas canções são atravessadas ou constituídas por uma mesma formação discursiva, quase não se perceberia a mudança de texto, senão pelos detalhes da mudança de língua ou de variação linguística. Em outras palavras, as estrofes, vindas de canções diversas, formam uma unidade de sentido, permanecendo, até no nível da textualidade, a coerência enquanto unidade de sentido:

*Nem sei porque você se foi
Quantas saudades eu senti
E de tristezas vou viver
E aquele adeus, não pude dar
Você marcou em minha vida
Viveu, morreu na minha história
Chego a ter medo do futuro
E da solidão, que em minha porta bate*

*Hoje, eu ouço as canções que você fez pra mim
Não sei por que razão tudo mudou assim
Ficaram as canções e você não ficou*

*Don't leave me in all this pain
Don't leave me out in the rain
Come back and bring back my smile
Come and take these tears away
I need your arms to hold me now
The nights are so unkind
Bring back those nights when I held you beside me*

*Ai quem me dera voltar
Pros braços do meu xodó
Saudade assim faz roer
E amarga qui nem jiló*

Perceber determinada formação discursiva em certas canções ajuda a compreender a *fórmula* para escrever/compor canções que revelam regularidades do discurso de amor, o que prova a asserção de Pêcheux (1997, p. 160), segundo a qual a formação discursiva “determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de... uma canção). No discurso de amor, os sentidos mudam de acordo com a formação discursiva em que a composição se origina. A fórmula-tipo *eu-te-amo* pode, assim, ser atualizada para *amar é.../ amo, logo...* como pudemos ver nos fragmentos analisados: amar é sofrer/amo, logo sofro; amar é sentir saudade / amo, logo sinto saudade. Igualmente, vimos como regularidade que são os elementos linguísticos das canções que dão as pistas para a percepção da formação discursiva, o que corrobora também a asserção de Pêcheux (1997, p.160) de que: “O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’(isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).”;

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as características do discurso de amor que não puderam ser analisadas neste trabalho, mas que permanecem como possibilidades de futuras publicações. Poderíamos comentar, por exemplo, sobre a *ludicidade* do discurso de amor (ORLANDI, 1990), que deixa suas marcas nas canções em silêncios, murmúrios, desconstruções sintáticas e expressões do *nonsense*: “I'll fall from the stars straight into your arms” (“Cairei das estrelas direto nos seus braços”) “And I...” (“E eu...”).

Poderíamos falar das figuras de linguagem que caracterizam certas formações discursivas: metáforas, hipérboles e comparações que expressam o exagero de amar “Nem mesmo o céu ou as estrelas / Nem mesmo o mar ou infinito / Nada é maior que o meu amor / Nem mais bonito” / “I've kissed the moon a million times / Danced with angels in the sky / But still haven't seen anything / That amazes me quite like you do” (Já beijei a lua um milhão de vezes / dancei com anjos no céu / Mas nunca vi nada / que me encante tanto quanto você”) etc.

Poderíamos descrever como cada formação discursiva projeta sobre o texto suas marcas, em elementos linguísticos que a caracterizam: advérbios e expressões adverbais de tempo e o tempo verbal do futuro, que sinalizam a formação discursiva da promessa do amor eterno: “I will always love you” (“Eu sempre te amarei”); “Eu sei que vou te amar / Por toda a minha vida eu vou te amar”; ou poderíamos discutir ainda como o amor enquanto arrependimento projeta nas canções um pedido de desculpa: “Sorry seems to be the hardest word” (“Sinto muito, parecem ser as palavras mais dificeis”) / “Desculpa, não é minha culpa”.

Na impossibilidade de tratar de tudo isso neste breve espaço, reiteramos a certeza de que a noção-conceito de formação discursiva, como teorizada por Pêcheux (1997), ainda se faz bastante produtiva, conforme percebemos na análise do discurso de amor enquanto dor/sofrimento e enquanto saudade.

REFERÊNCIAS

BIBLIA ON-LINE, 2018. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/13>. Acesso em 16 de out. 2018. Acesso em: 16 out. 2018.

ORLANDI, E. P. Palavra de amor. *Cad. Est.Ling.*, Campinas, n.19, p.75-95, jul./dez, 1990.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni. P. Orlandi. 3. ed. Campinas. Editora da UNICAMP, 1997.



Recebido em 26/05/2019. Aceito em 04/06/2019.

A CONSTRUÇÃO DO HUMOR PELA POLIFONIA E INTERTEXTUALIDADE NO VÍDEO “É PAU, É PEDRA”

LA CONSTRUCCIÓN DEL HUMOR A TRAVÉS DE LA POLIFONÍA Y INTERTEXTUALIDAD
EN EL VIDEO “É PAU, É PEDRA”

THE CONSTRUCTION OF HUMOR THROUGH POLYPHONY AND INTERTEXTUALITY IN
THE VIDEO “É PAU, É PEDRA”

Fernanda Trombini Rahmen Cassim*
Professora da Rede Particular

Bruno Franceschini**
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

RESUMO: Este artigo, pautado nos estudos de Bakhtin (2002) e de Ducrot (1987), tem como objetivo analisar a construção do humor por meio da polifonia e da intertextualidade no vídeo “É pau, é pedra”, do canal “Porta dos Fundos”. Por meio da análise do jogo argumentativo que se dá entre os personagens, compreensível no universo do humor, analisa-se a escala argumentativa dada pelos interlocutores, a qual traz a polifonia do texto: vozes que ora representam o desejo de virilidade, ora representam outros desejos sociais. O entrecruzamento de vozes ocorre em uma construção de exclusão: são questões impossíveis de serem conciliadas, pressupondo um diálogo que prevê preferências. O tamanho do pênis, nesse caso, representa a obsessão pelo papel viril. A intertextualidade inclui e exclui os interlocutores, fazendo referências intertextuais específicas. Assim como a polifonia, a intertextualidade é também geradora de humor no texto.

PALAVRAS-CHAVE: Polifonia. Humor. Escalas Argumentativas.

* Graduada em Letras e em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, possui Mestrado e Doutorado em Estudos Linguísticos também pela Universidade Estadual de Maringá. Atua como Professora do Ensino Básico na rede privada e como Psicóloga Clínica. E-mail: fer_trc_@hotmail.com.

** Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – no curso de Letras e também no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem nesta mesma instituição. E-mail: franceschini.bf@gmail.com.

RESUMEN: Este artículo, basado en los estudios de Bakhtin (2002) y Ducrot (1987), tiene como objetivo analizar la construcción del humor a través de la polifonía y la intertextualidad en el video "É pau, é pedra", del canal "Porta dos Fundos". A través del análisis del juego argumentativo que tiene lugar entre los personajes, comprensible en el universo del humor, se analiza la escala argumentativa dada por los interlocutores, que trae la polifonía del texto: voces que a veces representan el deseo de virilidad, a veces representan a otros deseos sociales. La intersección de las voces ocurre en una construcción de exclusión: estas son preguntas imposibles de conciliar, suponiendo un diálogo que prevea las preferencias. El tamaño del pene, en este caso, representa la obsesión con el papel viril. La intertextualidad incluye y excluye interlocutores, haciendo referencias intertextuales específicas. Al igual que la polifonía, la intertextualidad también genera humor en el texto.

PALABRAS CLAVE: Polifonía. Humor. Escalas argumentativas.

ABSTRACT: In this paper, based on the studies of Bakhtin (2002) and Ducrot (1987), we aim to analyze the construction of humor through polyphony and intertextuality in the video "É pau, é pedra", produced by "Porta dos Fundos" channel. Through the analysis of the argumentative game that occurs between the characters, comprehensible in the universe of humor, we analyze the argumentative scale given by the interlocutors, which brings the polyphony of the text: voices that represent the desire for virility, and sometimes represent other social desires. The intercrossing of voices occurs in a construction of exclusion: these are issues that cannot be reconciled, assuming a dialogue that foresees preferences. The size of the penis, in this case, represents the obsession with the manly role. Intertextuality includes and excludes interlocutors by making specific intertextual references. Like polyphony, intertextuality also produces humor in the text.

KEYWORDS: Polyphony. Humour. Argumentative scales.

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo discutir o humor em perspectiva polifônica, observando o funcionamento heterogêneo do discurso, assim como a argumentação que se apresenta na língua em um vídeo retirado de uma plataforma de vídeo digital. Para tanto, consideramos a língua e a linguagem como práticas dialógicas em que observamos, na primeira, a materialização de questões discursivas e, na segunda, o modo pelo qual essas mesmas questões também se materializam em outros suportes. Assim, vislumbramos o vídeo em estudo como um texto, um suporte para que seja possível a apreensão do nível discursivo inerente a este, tendo em vista o fato de que, por meio do dialogismo e dos mecanismos polifônicos, o sujeito que enuncia nessa materialidade se constitui como sujeito de discurso, caracterizando, desse modo, conforme Authier-Revuz (1982, 1990), as formas de heterogeneidade: a constitutiva – em que há, no enunciador, a ilusão de ser a origem do discurso – e a mostrada – na qual a voz do outro é explicitada por meio de mecanismos linguístico-discursivos que marcam essa inserção do discurso do outro.

Para este artigo, por meio da análise de como as questões argumentativas estão manifestadas na língua, pretendemos discorrer acerca das formas da heterogeneidade e de intertextualidade presentes na materialidade audiovisual "É pau, é pedra", que critica, de forma humorística, o universo masculino e sua relação com seu genital. Para além dessa leitura, discutimos também como esses elementos, em perspectiva discursiva, constituem o texto e são produtores de sentido, uma vez que o efeito de sentido se dá no sujeito e a produção desses sentidos necessita do conhecimento do leitor-interlocutor na apreensão do intertexto. Com vistas a cumprirmos com os objetivos estabelecidos, utilizamos os trabalhos de Authier-Revuz (1982, 1990) sobre heterogeneidade enunciativa, de Ducrot (1987) sobre as estratégias argumentativas do dizer e a polifonia, e dos estudos do Círculo de Bakhtin (1992, 1997) para a dimensão dialógica do discurso.

2 A DIMENSÃO DIALÓGICA E HETEROGENEIA DO DISCURSO

Por comungarmos da perspectiva dialógica do discurso, segundo o que é desenvolvido pelos estudos bakhtinianos, constatamos que todo discurso traz em suas palavras as palavras do outro. Nesse movimento, as questões discursivas, as quais englobam aspectos sociais, históricos e ideológicos, também são observadas, uma vez que o dialogismo pressupõe a interação entre sujeitos, um dos aspectos fundadores da linguagem. Neste artigo, observamos os processos discursivos postos em circulação na materialidade

audiovisual em estudo, almejando a descrição da construção do humor pelos mecanismos polifônicos, pela intertextualidade e pelo modo como as estratégias argumentativas estão organizadas na língua.

Para Bakhtin (1997), dadas as condições de produção, cada enunciado é único e resultado do estabelecimento de uma relação dialógica entre sujeitos, produto de uma teia de enunciados anteriores. Na análise de um enunciado em perspectiva discursiva, precisamos considerar elementos exteriores à língua, ou seja, as condições sociais e históricas que permitiram a efetivação desse discurso porque “[...] o todo do enunciado se constitui como tal graças a elementos extralingüísticos (dialógicos), e este todo está vinculado a outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 335).

O discurso como centro é, na teoria bakhtiniana, o ponto de partida de toda investigação sobre o homem, é um estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico. É, ainda, um produto da criação ideológica de uma enunciação, compreendendo o contexto histórico, social, cultural etc. No caso deste estudo, tomamos a materialidade audiovisual como um texto e analisamos seus aspectos linguístico-discursivos que colocam em circulação enunciados verbais e imagéticos em circulação, ou seja, problematizamos a argumentação realizada como não sendo feita de forma intencional e questionamos as condições históricas para que os enunciados fossem produzidos de modo a investigarmos os efeitos de sentido de humor produzidos pelo vídeo em estudo.

Para Barros (1999, p. 24), “O texto não existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzido à sua materialidade linguística ou dissolvido nos estados psíquicos daqueles que o produzem ou o interpretam”. Ou seja, não se deve reduzi-lo ao empirismo objetivo ou subjetivo. Ele deve ser analisado pelo caráter ideológico dos discursos. Nesses discursos, falam vozes diversas que mostram a compreensão que cada classe ou segmento de classe tem do mundo em um dado momento histórico.

O vídeo em estudo coloca em discurso um tema que existe socialmente, e julgamos ser necessária a análise de tal texto, uma vez que essa produção humorística ironiza as questões inerentes ao universo masculino heteronormativo, como o falocentrismo discursivizado no caso em análise: o tamanho do pênis. Assim, procuramos analisar as questões argumentativas presentes e como, por meio da argumentação, ocorre a produção de sentidos no batimento entre língua e história.

Consoante ao Círculo de Bakhtin, Barros (1999) demonstra que todo texto é dialógico, ou seja, define-se pelo diálogo entre interlocutores e pelo diálogo com outros textos (da situação, da enunciação), construindo a significação e produzindo sentidos. Para Bakhtin (2002), o enfoque dialógico da linguagem constrói o sujeito em um processo de interação no qual o indivíduo se vê e se reconhece através do outro, em um universo povoado por uma multiplicidade de sujeitos interdependentes e isônimos.

Pelo seu caráter dialógico, o discurso é sempre responsável, trazendo em si um conjunto de vozes e de ideologias outras que o constituem. Sendo assim, o dialogismo seria o princípio da constituição da linguagem e de todo discurso, partindo do princípio de que nenhuma palavra é própria do falante, mas traz em si a perspectiva da voz do outro, no enunciado em estudo: como os sujeitos presentes no vídeo são constituídos pelo discurso machista.

No âmbito da produção de sentidos, a compreensão textual também é dialógica e, como afirma Barros (1999), compreender é opor à palavra do interlocutor outra palavra: a compreensão é ativa e deve conter o germe de uma resposta. Por fim, para Bakhtin (1992, p. 90), “[...] a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta”. Concebemos a língua como um fato social e, ao considerarmos a interação com o outro, compreendemos a dimensão responsiva do discurso no funcionamento de um elo comunicativo em situações interacionais dadas.

Muitas vezes, esse dialogismo deixa-se entrever. Nos textos em que isso ocorre – chamados polifônicos –, são percebidas muitas vozes, opondo-se a textos monofônicos, os quais escondem os diálogos que os constituem sob a aparência de uma única voz (BARROS, 1994). Bakhtin (2002) entende que a polifonia se caracteriza pela posição do enunciador enquanto regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Esse regente, por sua vez, é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e que revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável.

Embora dialogismo e polifonia sejam termos algumas vezes utilizados como sinônimos nos escritos de Bakhtin, Barros (1994) deixa clara a oposição entre textos monofônicos e polifônicos. Mesmo sendo o dialogismo a condição fundamental da linguagem e do discurso, há textos predominantemente polifônicos ou monofônicos, dependendo das estratégias discursivas acionadas. Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos deixam-se ver ou entrever; nos textos monofônicos, eles se ocultam sob a aparência de um discurso único.

No texto em análise, analisamos a ocorrência do funcionamento polifônico e dialógico do discurso no que compete aos temas que são trazidos para a interação entre os sujeitos, tais como questões de saúde, sociais, econômicas e políticas, as quais têm como pano de fundo o desejo do enunciador por um pênis dois centímetros maior, desejo esse que analisamos como um princípio de um discurso machista centrado em um aspecto falocêntrico, que produz sentidos, de humor pela ironia, em sujeitos que compreendem a relação dialógica e polifônica estabelecida na materialidade audiovisual.

Dentre as características dialógicas da linguagem, Ducrot (1987) aprofundou os estudos de Bakhtin e formulou *A teoria polifônica da enunciação*. Como postula Ducrot (1987, p. 193), a polifonia é caracterizada quando um locutor L apresenta em seu enunciado dois enunciadores distintos, no entanto esse locutor L assume a responsabilidade pelo enunciado e os enunciadores pela posição adotada.

De acordo com Fávero (1999), a noção de dialogismo remete à explicitada por Kristeva ao sugerir que Bakhtin, ao falar de duas vozes coexistindo em um texto, teria apresentado a ideia de intertextualidade. Esse aspecto da intertextualidade, abordado por Bakhtin, prevê o diálogo entre os muitos textos da cultura. Nesse caso, há o primado do intertextual sobre o textual: a intertextualidade não é mais uma dimensão derivada, mas a dimensão primeira de que o texto deriva.

Salientamos, assim, que o discurso de humor solicita do leitor uma compreensão dos domínios linguístico e discursivo, ou seja, é requerido do interlocutor que recupere as pistas na materialidade deixadas pelo enunciador, as quais possibilitarão a apreensão da argumentatividade no texto, sendo que, por meio do funcionamento polifônico, é possível “[...] a indicação da operação argumentativa que está por trás da incorporação da voz do outro no discurso em pauta” (BENITES, 2002, p. 90), podendo essa operação produzir um efeito de sentido de humor. Como explica Brait (1996, p. 58), “[...] é possível observar alguns mecanismos de construção textual cujo conjunto pode produzir efeitos irônicos e humorísticos. [...] E é precisamente através desse mecanismo fundamental da linguagem que a ironia se concretiza”.

Porém, de acordo com Barros (1999), deve-se observar que a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade ‘interna’ das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos. Para Lopes (1999), a intertextualidade nasce da percepção da disjunção existente entre as vozes do texto e, para Fiorin (1999), o conceito de intertextualidade concerne ao processo de produção do sentido.

A intertextualidade é, então, o processo de incorporação de um texto a outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. A partir disso, entendemos que a intertextualidade é um processo constitutivo do texto, derivado da polifonia, em que as vozes presentes no texto transformam o seu sentido por referência a um intertexto. Conforme Brait (1996, p. 66),

De maneira bastante genérica, pode-se dizer que a transposição se dá na medida em que o enunciado, independentemente de sua extensão, será observado através das marcas que aí estão assinaladas, produtos de um processo que envolve as relações dialógicas necessariamente existentes entre a instância de produção e a instância de recepção, o que significa considerar no mínimo dois agentes responsáveis pela significação: enunciador e enunciatário. Se o enunciatário não se der conta das articulações entre os segmentos aí envolvidos, a significação irônica não terá lugar.

Assim, no estudo aqui realizado, procuramos descrever os modos pelos quais o locutor L se enuncia acerca de temas alheios à condição sócio-histórica de onde se encontrava: o mictório. Pela descrição da condição de produção do enunciado em análise, temos um primeiro delineamento acerca do humor, quando dois homens conversam no banheiro sobre o tamanho de seus pênis. Ao longo do diálogo travado, observamos como o locutor L estrutura o seu discurso e recorre à ironia e a mecanismos intertextuais para

fazer funcionar a argumentação na língua de modo a defender o seu ponto de vista, que é o de aumentar dois centímetros em seu genital. Já no domínio dos efeitos de sentido, analisamos que o vídeo produz humor ao recorrer a elementos externos, intertextuais, como já mencionado, e esse movimento de produção de sentido se dá na relação com o outro, corroborando, desse modo, o funcionamento dialógico do discurso.

2.1 O HUMOR

É difícil afirmar, hoje, que há uma teoria complexa sobre o humor. Possenti (1998) acredita que o humor não deve ser uma preocupação exclusiva da Linguística e que sequer há uma Linguística do humor. Porém, para Possenti (2001), o que se sabe sobre o discurso humorístico é que este perpassa questões contextuais, de conteúdo, ideológicas e culturais. É necessário ressaltar que, segundo o autor, o humor provém da combinação de elementos linguísticos e discursivos, do exterior à língua, ou seja, o que é dito, a forma do discurso e os elementos que estão fora do que é linguístico – dentre os quais podemos citar a história, a cultura e a sociedade – são igualmente determinantes para a forma de manifestação do discurso.

O humor é utilizado de formas variadas, podendo ser encontrado em gêneros que não sejam exclusivamente humorísticos, como na ironia de um artigo de opinião, por exemplo. Para Possenti (2000), o fato é que o discurso humorístico consegue dizer o que não pode ou não deve ser dito, provavelmente porque não há um juízo de valor sobre quem conta ou quem ouve o discurso humorístico. É como se o enunciador se despissem do caráter culposo de uma afirmação racista em uma piada, por exemplo; ou se ele se distanciasse do que pode ou não pode ser possível no mundo real.

Ao refletir sobre a função do texto e do leitor no processo de leitura e interpretação, Possenti (1998) explica que os textos humorísticos supõem uma espécie de controle de sua interpretação, isto é, se não acontecer a compreensão necessária do efeito humorístico, eles perderão sua função principal: serem percebidos como textos humorísticos.

O papel social do humor, portanto, pode variar, e também sua estrutura argumentativa, podendo levar o destinatário a aderir a diferentes perspectivas ideológicas. Como elucida Ducrot (1987, p. 193), “[...] de maneira análoga, o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes.” Desse modo, é por essa inserção do dizer do outro que o enunciador põe em circulação os discursos que produzirão efeitos de sentido distintos a depender do interlocutor.

Quanto aos temas, Possenti (1998) afirma que o texto humorístico não traz nada de novo, pois todo dito é um já-dito, ou seja, o humor retoma discursos existentes, assim como o fenômeno polifônico, quando retoma e introduz o dizer do outro, bem como o dialógico, ao estar em um elo com outros discursos. Esses discursos podem variar desde o âmbito crítico a crenças sociais carregadas de preconceito. Assim, o texto humorístico pode servir para contestar estruturas sociais, ressaltando seus absurdos, ou, por outro lado, reforçar comportamentos ridicularizantes. Têm-se como exemplo as piadas que constantemente ridicularizam os homossexuais, os nordestinos, as mulheres e os negros.

2.2 A ARGUMENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

A teoria polifônica auxilia na descrição do sentido dos enunciados. Ao analisar o entrecruzamento de vozes em um texto, é possível que se constitua uma imagem do enunciador do texto e de seu(s) destinatário(s). Para Ducrot (1987), esse fato gera uma identificação – ao menos parcialmente – dos enunciadores e destinatários, que advém da compreensão do sentido do enunciado. As significações do texto obrigam a reconstituir os debates que se encontram dentro do discurso. Já para Bakhtin (1992, p. 140),

[...] a todo instante se encontra nas conversas ‘uma citação’ ou ‘uma referência’ àquilo que disse uma determinada pessoa, ao que ‘se diz’ ou àquilo que ‘todos dizem’, às palavras de um interlocutor, às nossas próprias palavras anteriormente ditas, a um jornal, a um decreto, a um documento, a um livro.

Nesse ínterim, Ducrot (1987) demonstra que a argumentação é o fator essencial para a apreensão do sentido do enunciado. Para ele, a linguagem coloca a subjetividade do eu na interpretação, ou seja, o locutor expressa seu ponto de vista no discurso, por isso não é mais possível aceitar o caráter objetivo da linguagem. Assim sendo, a argumentação é uma subjetividade inevitável.

Essa argumentação é organizada por marcadores linguísticos ou operadores argumentativos (DUCROT, 1987). Para o autor em menção, a argumentação é inerente à língua e certas palavras da língua possuem força argumentativa, produzida, particularmente, por esses operadores. Os operadores são responsáveis pelo encadeamento dos argumentos em uma escala argumentativa (DUCROT, 1987), direcionando o argumento para essa ou aquela conclusão.

Segundo Ducrot (1987), as categorias da argumentação se dão por classe argumentativa e escala argumentativa. A primeira é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão. Assim, todos os argumentos têm o mesmo “peso” para levar o destinatário a alguma conclusão. Já a segunda é uma categoria usada para classificar os enunciados de acordo com sua força no discurso, com o auxílio dos operadores argumentativos, que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de uma determinada conclusão. Neste trabalho, buscaremos analisar a escala argumentativa utilizada no texto e como ela pode atuar produzindo humor.

3 DO HUMOR EM PERSPECTIVA POLIFÔNICA E AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS

Os vídeos postados no canal “Porta dos Fundos” contam com um título e uma descrição, e analisamos, neste texto, o material “É pau, é pedra”, cuja significação é uma referência intertextual à música “Águas de Março”, composta por Tom Jobim. Essa clássica canção da MPB é uma referência descritiva de uma série de elementos metafóricos, os quais levam a uma gama de significados possíveis. Porém, no contexto do vídeo em análise, chegamos à metaforização do termo “pau”, que, em nossa cultura, refere-se ao pênis. O termo “pedra” pode adquirir uma aproximação semântica relacionada à dificuldade que o personagem tem com seu pênis. O vídeo possui a seguinte descrição:

Homens são casados com o próprio pau. Na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, é ele que sempre estará lá pro que der e vier. O problema é que toda relação precisa de um desabafo, de uma DR. E isso normalmente acontece na hora da boa e velha mijada. Exceto quando você é divorciada como a Lea T.

A intertextualidade com a música de Tom Jobim constrói uma paródia na comparação de uma obra clássica da MPB com a relação entre o homem e seu pênis. Ao realizar essa intertextualidade, o enunciador espera que o destinatário reconheça o intertexto, criando a incompatibilidade humorística em universos textuais – entre a culta e clássica MPB e uma discussão banal sobre pênis. A respeito da intertextualidade e da incompatibilidade humorística, Authier-Revuz (1990, p. 31) explicita esse funcionamento em que o enunciador insere o discurso do outro e marca, assim, “[...] um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar”.

A descrição inicia com uma saudação informal entre os sujeitos discursivizados no vídeo, tendo como sequência uma pergunta categórica sobre a relação do homem com o pênis, já demonstrando o universo em que essa esquete humorística se insere:

- P2: E aí milão...
- P1: Fala vêio Velho ... você acha que meu pau é pequeno?

A partir deste enunciado, observamos como os locutores já dão início às estratégias argumentativas para colocar em discurso o estereótipo de homem viril sobre o qual o vídeo irá falar, que prioriza seu membro sexual com a seriedade de uma relação matrimonial – conforme vemos na intertextualidade com os dizeres típicos de uma cerimônia de casamento, no segundo período. É a partir desse universo que o leitor compreenderá o humor do vídeo, um universo onde o que impera é o estereótipo do homem alfa, do homem detentor da virilidade e do poder social e sexual. O pênis seria o representante maior dessa virilidade, da possibilidade sexual insaciável, poligâmica e reprodutora.

Essa identidade masculina se constrói diante de modelos previamente existentes, evidenciados pelo que Butler (1990) chama de biopolíticas regulatórias vistas em um sistema que produz sexismos. Para a autora, a educação dada ao homem, desde a infância, prevê que ele aja de forma que deva se afastar a todos os significantes que o levem ao universo feminino, especialmente no que tange a estar sempre com outros homens, fazendo com que a socialização masculina se dê de forma diferente da feminina. Isso se observa no discurso em análise, onde há uma interação masculina em que o único lugar que a mulher ocupa é o de objeto de desejo. Tudo isso constrói um modelo fechado de masculinidade para nossa sociedade, o qual define discursos específicos e relações de gênero já esperadas. O pênis, que pode ser tomado, nesse discurso, como representante maior desse desempenho de gênero e masculinidade a partir de uma perspectiva falocêntrica, gera um simbolismo que recupera a construção dessa masculinidade viril.

Segundo Bakhtin (2006), os simbolismos que se dão pela linguagem constituem-se como objetos ideológicos, refletindo uma realidade social e material. A palavra é a representação desses objetos, de modo a materializar práticas ideológicas. Nesse sentido, o falo se torna um simbolismo formador de material para análise, interpretação e compreensão da linguagem em suas mais variadas formas, fornecendo a possibilidade de pesquisa sobre a construção da identidade cultural – nesse caso, da identidade do homem viril.

Ao comparar a relação entre o homem e seu pênis com o casamento, há a afirmação de que “toda relação precisa de um desabafo, de uma D.R.”, popularmente conhecida como “discussão de relacionamento”, em que casais tratam de problemas decorrentes da relação. Essa comparação feita pelo autor faz com que imaginemos previamente que esse personagem tem problemas com seu pênis e precisa expô-los para resolvê-los – e é exatamente o que ocorre no vídeo.

Ao final da descrição, afirma-se que essa discussão ocorre em um momento específico (“na hora da boa e velha mijada”) e que a exceção está quando o homem é divorciado – novamente a referência ao casamento – do pênis, metáfora que remete à cirurgia de troca de sexo feita por transexuais. Para exemplificar, utiliza-se a figura pública de Lea T., uma estilista e modelo transexual brasileira.

O mais importante dessa descrição são as referências intertextuais com o casamento, a fim de deixar em foco a importância da relação entre o homem e seu pênis para, com isso, reforçar e antecipar o universo no qual a piada do vídeo deverá ser compreendida.

Nesse funcionamento discursivo da polifonia, observamos o jogo do humor colocado em circulação segundo dois aspectos: a conclusibilidade do enunciado e o caráter bivocal do discurso de humor, que apresenta um significante recoberto por dois significados (BRAIT, 1996). Sobre a conclusibilidade e a produção de sentido de humor, Bakhtin (2003, p. 275) escreve:

A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso, essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvissemos o “dixi” conclusivo do falante. Essa conclusibilidade é específica e determinada por categorias específicas.

O vídeo se inicia com a imagem de um homem, interpretado por Victor Leal, urinando em um banheiro, remetendo a um estabelecimento informal, quando o segundo personagem, interpretado por Antonio Tabet, chega com um copo de cerveja na mão para urinar ao lado do já conhecido colega, sendo que esta configuração cenográfica é analisada, por nós, em consonância com o pensamento de Bakhtin (2011), no todo arquitetônico do enunciado.

A esse respeito, a disposição do cenário organiza o tempo-espacó e fornece as condições necessárias para a produção dos enunciados e, por consequência, do sentido. Dito de outro modo, o diálogo em análise no vídeo se dá tendo em vista o local onde se passa – o mictório – e essa interação entre os sujeitos não se daria se estivessem em um box reservado. Portanto, na composição do enunciado, o todo arquitetônico se dá pela articulação do contexto da obra enquanto um objeto estético, bem como pela integração do verbo com a imagem, que significam e produzem sentidos acerca da virilidade masculina retratada no vídeo em uma perspectiva humorística.

O banheiro, o copo de cerveja, os cumprimentos “E aí, mijão”, “Fala, véio”, caracterizam não só o lugar físico onde os personagens se encontram, mas o lugar de onde falam, o estereótipo do universo masculino em nossa cultura. A configuração do humor já se dá nesse momento, na apresentação desse estereótipo, agindo como condição de possibilidade para a produção desse discurso, conforme explica Possenti (1998, p. 25), pois há uma questão contraditória neste espaço masculino: o banheiro e o modo como a conversa se desenrola ao longo do vídeo, porque, “[...] nesse sentido, as piadas são uma espécie de sintoma, já que, tipicamente, são relativas a domínios discursivos ‘quentes’”. Ou seja, trata-se de um assunto espinhoso em que o chiste, o humor, a piada, adquirem um mecanismo de proteção para os locutores. Diz-se “sintoma” porque, na impossibilidade, na vergonha ou no temor de falar sobre o assunto (o tamanho do pênis), criam-se mecanismos substitutos. Assim, criar a piada é sintomático no sentido de que ela substitui uma ação impossível de ser realizada de outra forma.

Também devemos considerar o universo heteronormativo em que se dá o diálogo. Os argumentos trazidos e a polifonia do texto remontam ao diálogo entre dois homens heterossexuais avaliando o tamanho de suas genitálias. Isso se comprova pelas referências que serão analisadas ao longo deste artigo, como “suruba com as Panicats” ou “figurinista gostosa”, aludindo ao desejo heterossexual em questão. Butler (1990), sobre a heterossexualidade, demonstra que a noção de matriz heterossexual se configura pela formação discursiva dominante cuja formação ideológica do sujeito observa a heterossexualidade normativa, a partir de um *continuum* entre sexo, gênero e desejo, em que o sexo anatômico seria normalizante da orientação sexual e do desejo.

Assim, o falocentrismo do diálogo aqui analisado remonta a essa normatização, uma vez que o discurso se volta para o desejo por mulheres enquanto os locutores falam do pênis e, doravante, faremos referência a eles como Locutor/Personagem 1 (P1) e Locutor/Personagem 2 (P2), respectivamente.

Cria-se, também, uma tensão nesse universo heteronormativo, quando há uma situação tão íntima entre dois homens heterossexuais falando sobre seus membros. O aparente desconforto, o forçoso “não olhar” para o pênis do outro também são ações geradoras do humor, pois revelam uma incapacidade constrangedora de lidar com o diálogo.



Imagen 1: Local, cumprimentos, personagens

Fonte: “É pau, é pedra” (2013)



Imagen 2: A bebida como marcadora do estereótipo masculino

Fonte: “É pau, é pedra” (2013)

Vejamos a seguir a transcrição do diálogo inicial do vídeo¹:

P2: E aí mijão...
 P1: Fala vêio Velho .. você acha que meu pau é pequeno?
 P2: Ah, peQUEno Não é grande não.
 P1: Mas não é preocuPAN::te...
 P2: Eu já vi menores...
 P1: Você acha que tem alguma providê::ncia, alguma coisa assim que eu possa fazer pa resolver esse negócio aqui?
 P2: Não não.. Pau grande ou cê tem ou cê num tem né
 P1: É né ..
 P2: Ah ..
 P1: E você?
 P2: Eu?
 P1: É.
 P2: Eu ganho mais na largura mesmo né
 P1: Ahm:: na bitola
 P2: Ta vendo a chapelota aqui vai descendo tipo um tacape
 P1: Ahm:: ta.
 P2: É no Peso, entendeu?
 P1: É mais gordinho. Parece um champignon só que maior assim né.
 P2: É, isso. De repente o teu duro aí dá uma alegria, dá não?
 P1: Éh... ...
 P2: Não né?
 P1: Éh n... éh num sei
 P2: .. Sei
 P1: Eu to te perguntando sabe por quê? Porque ó eu vou fazer .. quarENta agora mês que vem
 P2: Hm ..
 P1: Acho que não cresce mais não será que cresce?
 P2: ... não ... quarenta não vai crescer mais ..
 P1: Não né
 P2: Não De repente dar uma aparada né

¹ A transcrição foi feita alfabeticamente seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993), com algumas adaptações.

P1: Ahm:: pode crer, abaixar aqui assim o mato né
 P2: Pé direito aumenta um pouquinho:: parte branca ali ó
 P1: Ó já da um alô né
 P2: Na marquise ali
 P1: Verdade
 P2 Já reclamaram?
 P1: Não, reclamar não. Nunca.. reclamação assim formal reclaMA::R .. não
 P2: Também nenhuma mulher reclama né
 P1: Não né
 P2: Chegar assim ó na tua CARA .. falar essa tripa de mico seca veia aí... essa língua de gato .. esse Cheetos molhado pra cima de mim .. não vai falar isso pro cara..
 P1: Não é nem elegante né
 P2: É.. não..
 P1: Te falar o que eu queria .. Queria mais dois centímetros de PAU
 P2: É né...
 P1: É::
 P2: É, mas quem não queria, né?..
 P1: É?
 P2: É Dois centímetros de pau ou cem mil reais?
 P1: Dois centímetros de pau
 P2: Na lata, assim?
 P1: Na LA.. ih:
 P2: Dois centímetros de pau ou uma cobertura no Leblon?
 P1 Dois centímetros de pau
 P2: Dois centímetros de pau ou a cura do câncer?
 P1: Aí: se bem que célula tronco ta vindo com tudo aí, né.

O diálogo transscrito não só mostra a intimidade entre os personagens, mas também um assunto em comum: o tamanho do pênis. Podemos caracterizar o Locutor 2 como o enunciador da autoestima viril, pois em momento algum ele coloca em questionamento o tamanho do seu pênis, pelo contrário, valoriza-o: *Tá vendo a chapelota aqui vai descendo tipo um tacape*. Já o Locutor 1 assume a posição do enunciador inseguro, que busca no amigo respostas a respeito do tamanho do seu pênis.

Essa questão interfere diretamente em nossa análise, pois se trata das vozes que se entrecruzam e evocam outras vozes para construir a argumentação textual. Ao analisarmos esse funcionamento, observamos que há o agenciamento para a estruturação da argumentação pretendida e para a produção do efeito de humor. Como aponta Maingueneau (1983, p. 76-78), “[...] há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os enunciadores e os locutores. O locutor, então, é compreendido como o ser responsável pelo seu enunciado”.

A seguir, temos a transcrição do texto para nossa principal análise:

P2: É... Dois centímetros de pau ou cem mil reais?
 P1: Dois centímetros de pau
 P2: Na lata, assim?
 P1: Na LA.. ih:
 P2: Dois centímetros de pau ou uma cobertura no Leblon?
 P1: Dois centímetros de pau
 P2: Dois centímetros de pau ou a cura do câncer?
 P1: Aí: se bem que célula tronco ta vindo com tudo aí, né.
 [CRÉDITOS]

- P2: Dois centímetros de pau ou uma suruba com as Panicats?
- P1: Dois centímetros de pau
- P2: Dois centímetros de pau ou passe livre?
- P1: Dois centímetros de pau
- P2: Dois centímetros de pau ou um programa de viagem com o Luquita da Galera?
- P1: Dois centímetros de pau
- P2: Dois centímetros de pau ou aquela figurinista gostosa da Porta dos Fundos?
- P1: Dois centímetros de pau
- P2: Dois centímetros de pau ou cinco centímetros de pau?
- P1: Dois centímetros de pau

Observamos, então, que o Locutor 1 exprime seu desejo de ter um pênis maior e, diante disso, o Locutor 2 busca, por meio do resgate de outras vozes, testar o amigo, observar quanto grande é o seu desejo. Primeiramente, ele questiona ao amigo se ele prefere “2 centímetros de pau ou cem mil reais”. Assim, ele contrapõe o desejo expresso pelo Locutor 1 à questão financeira. Para trazer essa nova voz, ele utiliza o operador argumentativo “ou”, o qual se caracteriza, segundo Koch (2008), por ser um operador que serve para indicar conclusões alternativas, induzir argumentos alternativos, levando a conclusões opostas ou diferentes. Por isso, para trazer uma nova voz ao texto, o locutor utiliza-se desse operador argumentativo, deixando clara a oposição entre os argumentos e fazendo com que o Locutor 1 escolha apenas um deles.

Vendo que o Locutor 1 persiste no desejo inicial (2 centímetros de pau), o Locutor 2 busca outra voz para o contrapor, ainda mais valorizada em nossa cultura, o status, ofertando-lhe bens materiais (uma cobertura no Leblon). O telespectador deve, nesse momento, recorrer ao seu conhecimento de mundo para perceber que esse novo argumento é ainda maior ou melhor que o primeiro, tendo em vista que uma cobertura no Leblon, bairro nobre do Rio de Janeiro, custa em torno de trinta milhões de reais. Essa retomada intertextual é indispensável na instauração de argumentos. É através dela que percebemos a insistência do Locutor 2 em fazer o Locutor 1 desistir de seu desejo inicial.

Em terceira instância, o Locutor 2 invoca um novo *frame* para contestar seu amigo: a cura do câncer, a qual representa o altruísmo frente a uma doença grave que mata muitas pessoas mundialmente e que ainda não tem cura. Nesse sentido, entendemos que esse novo *frame* seria ainda mais relevante do que a questão financeira e de status, já negadas pelo Locutor 2. Ao trazer a voz da benevolência, o Locutor 2 espera que o Locutor 1 abdique de seu desejo por ter 2 centímetros a mais de pênis.

Obviamente, o cenário da discussão é absurdo, assim como as escolhas sistemáticas do Locutor 1. Ela só é possível se levarmos em conta que estamos em um lugar específico do humor, do absurdo, do comportamento machista sexualizado em demasia. Só é possível entender esse diálogo ao admitirmos o estereótipo dado pelo humor. A esse respeito, Brait (1996) explica que o jogo enunciativo entre os locutores é um fenômeno polifônico por jogar com uma lógica de elementos contraditórios e, para Ducrot (1987, p. 197), “Um enunciador irônico consiste sempre em fazer dizer, por alguém diferente do locutor, coisas evidentemente absurdas, a fazer, pois ouvir uma voz que não é a do locutor e que sustenta o insustentável”.

Vejamos, agora, a escala argumentativa dada pelo Locutor 2, a fim de contestar a escolha do Locutor 1 por um pênis maior:

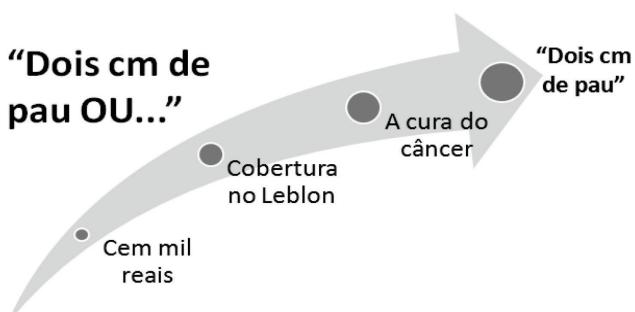


Diagrama 1: Primeira escala argumentativa dada pelo Locutor 2

Na escala argumentativa dada, o argumento primeiro, que traz à tona o dinheiro, tem menor valor. Por conseguinte, o status e a possibilidade de ter ainda mais dinheiro do que na proposta anterior também é superada pelo desejo de um pênis maior. Por fim, o altruísmo e o bem universal também são colocados com menor importância frente ao desejo de ter mais “2 centímetros de pau”, ainda que com ressalvas. O Locutor 1 hesita em fazer sua escolha no caso da cura para o câncer, comprovando a posição desse argumento na escala argumentativa, à frente do dinheiro e do status. Colocar o tamanho do pênis acima dos outros argumentos apresentados é o que gera o humor pelo exagero, pelo absurdo. Um fato absurdo que só caberia no contexto em questão. Sendo absurdo, o humor gera a crítica ao apego ao pênis, ao louvor excessivo pela virilidade masculina. Satiriza-se a forma como os homens que se encaixam nessa caricatura dão mais valor ao próprio órgão sexual do que ao dinheiro e à cura do câncer.

Nos créditos do vídeo, justamente pelo humor gerado pelo embate de vozes ao final, o autor continua com o mesmo processo, repetindo a forma de argumentação. A repetição insistente também é uma característica do humor, provoca riso pela reiteração absurda do Locutor 2. É importante destacar que, nos créditos, utiliza-se mais a intertextualidade.

Como explica Bakhtin (2011, p. 297),

Cada enunciado é repleto de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto etc.

A partir disso, observamos a construção dos enunciados como respostas sequenciais – ou ecos, de fato, como afirma Bakhtin (2011) – em que há uma avaliação para posterior rejeição. O “dado assunto”, nesse caso, poderia ser o universo viril e a sexualidade ou heteronormatividade posta em questão.

As escalas argumentativas dadas pela polifonia e pela intertextualidade continuam sendo exploradas pelo Locutor 2. Em seguida, ele opõe o desejo do Locutor 1 a “uma suruba com as Panicats”. Essa nova voz representa o sexo, um argumento por meio do qual o Locutor 2 poderia verificar se o desejo de um pênis maior tem como objetivo ter uma vida sexual mais ativa. Novamente, o Locutor 1 responde que prefere o pênis maior, mostrando que o homem estereotipado em questão é contraditório e foca seu desejo mais em si, no seu físico, do que na utilidade sexual de seu pênis. A crítica, nesse ponto, parte do questionamento dessa virilidade: esse homem deseja um pênis maior para satisfazer seu prazer sexual ou simplesmente por narcisismo? Como o Locutor 1 escolhe “2 centímetros de pau”, deixa claro seu narcisismo acima de seu desejo.

É imprescindível destacarmos a importância de se reconhecer o intertexto. Saber o quanto “vale” uma “suruba com as Panicats” nesse cenário faz com que se meça a escolha do Locutor 1. Ao perceber a intertextualidade, o telespectador comprehende que suruba significa sexo grupal, muito desejado pelos homens que querem afirmar sua virilidade, e comprehende que as Panicats são assistentes de palco, trabalhando seminuas e exibindo corpos de forma sexualizada em um programa de televisão. A partir disso, o peso da argumentação é dado ao telespectador, o qual pode, inclusive, concordar com todo o padrão estereotipado do vídeo, envolver-se na argumentação do Locutor 2, o que seria, também, uma crítica direta do “Porta dos Fundos” aos homens que se encaixam nessa crítica e estão assistindo ao vídeo.

Em seguida, o Locutor 2 traz outra voz ao texto, questionando se o Locutor 1 prefere “dois centímetros de pau ou passe livre”. Essa nova voz evocada representa questões socioeconômicas e políticas. Ao analisarmos a data de publicação do vídeo, reconhecemos o intertexto referente às mobilizações e aos protestos feitos especialmente em São Paulo pelo “Movimento Passe Livre”, o qual lutou por transporte público gratuito e fora da iniciativa privada. Novamente, o Locutor 1 opta por “2 centímetros de pau”, demonstrando que esse desejo é maior do que melhorar uma questão social para todo o país. Devemos nos questionar, aqui, por que o passe livre é escolhido como novo argumento para combater o desejo pelo pênis maior. Essa escolha busca criar o humor por meio de uma referência política e social polêmica, rebaixando-a a uma discussão sobre o pênis. Comparar a possibilidade de ter um pênis maior

à possibilidade de ter transporte público gratuito a todo país é absurdo, mas cabível no universo do texto em questão e, justamente pelo absurdo, gera o humor.

A próxima pergunta do Locutor 2 ao Locutor 1 é “2 centímetros de pau ou uma viagem com o Luquita da galera?”. “Luquita da galera” é uma referência ao ator global Bruno de Luca, taxado de “nerd” e “meio bobão” pelos usuários da internet, segundo o site *Yahoo Answers*. Porém, esse intertexto só teria seu conteúdo compreendido por uma parcela muito pequena da internet, aquela que está em contato com conteúdos de humor diariamente.

Esse novo argumento busca restringir a piada aos poucos telespectadores que estariam sempre em contato com o canal “Porta dos Fundos”. Nesse momento, a escala argumentativa faz sentido somente se o telespectador compreender o quanto seria “valioso”, para os humoristas do canal, fazer “uma viagem com o Luquita da galera”. Esse argumento ainda seria maior do que uma “suruba com as Panicats” ou do que os argumentos invocados anteriormente para contrapor o desejo pelo pênis maior. Novamente, o Locutor 1 afirma que prefere ter “2 centímetros de pau”, demonstrando que, para ele, isso seria mais importante que estar com uma personalidade do humor.

Por conseguinte, o Locutor 2 pergunta ao Locutor 1 se ele prefere “2 centímetros de pau ou aquela figurinista gostosa do Porta dos Fundos”. O primeiro elemento que provoca humor nessa declaração é a metalinguagem. Tratar do “Porta dos Fundos” em um vídeo do “Porta dos Fundos” gera um efeito humorístico bastante significativo, pois é inesperado. Ademais, ao tratar de uma “figurinista gostosa”, aqueles que assistem ao canal fazem suas próprias referências, pensando em determinada atriz do canal. Essa nova voz representa questões sexuais envolvendo o ambiente de trabalho (para os atores que se mostram nos personagens nesse momento) ou envolvendo as possibilidades que o próprio telespectador pode evocar, especialmente aquele que assiste com frequência ao canal “Porta dos Fundos” e conhece as atrizes que nele trabalham.

A cada nova voz evocada para contrapor o desejo de um pênis maior, o texto restringe progressivamente os telespectadores que compreenderiam a piada. Isso faz com que aquele que é fã do canal sinta-se especial, “por dentro” do intertexto. Somente aquele que conhece o canal “Porta dos Fundos”, o universo do humor, comprehende o intertexto e ri com as referências feitas pela constituição polifônica. Mais uma vez, o Locutor 1 mostra sua preferência por “2 centímetros de pau”, mantendo-se na sua escolha quase automaticamente. Essa repetição insistente, sem maior análise, também é geradora do humor, pois se vê a obstinação do Locutor 1 por “2 centímetros de pau”.

Por fim, o Locutor 2 traz uma pergunta inesperada para encerrar o vídeo: “2 centímetros de pau ou 5 centímetros de pau?”. A voz inicial, dada pelo desejo de ter um pênis maior, persiste no segundo argumento dado pelo Locutor 2, ou seja, não se alteram as vozes do texto, ambos tratam do desejo de ter mais “centímetros de pau”. O que se altera, nesse caso, é o quanto, em termos de tamanho, o Locutor 1 deseja ter a mais de pênis. Se adotarmos um pensamento lógico, no contexto do diálogo, do humor, do universo machista, imaginariamos que a resposta do Locutor 1 seria “5 centímetros de pau”. Porém, ele responde “2 centímetros de pau”. Nesse momento, o humor pode ser gerado por diversos motivos.

Primeiramente, porque a repetição insistente da resposta do Locutor 1 demonstra sua obsessão cega, sem pensar em qualquer outra possibilidade além dos “2 centímetros de pau”, uma obsessão tão intensa que é cômica. Em segundo lugar, porque é possível perceber que a questão não é apenas ter um pênis maior, mas ter um tamanho de pênis específico, dado como ideal para o Locutor 1, o que é inesperado para o telespectador, gerando humor. Terceiro, pela quebra inusitada da sequência argumentativa, pois até então outras vozes, outros valores estavam sendo trazidos para a composição do texto e, ao final, isso é quebrado inesperadamente. Por fim, pela resposta inusitada do Locutor 1, pois, já que ele queria um pênis maior, então ele escolheria a opção “5 centímetros de pau”, mas isso não acontece, justamente pela possibilidade do segundo motivo apresentado anteriormente: a questão não é apenas ter um pênis maior, mas um pênis ideal.

Todas essas questões levam ao humor e, agora, com o argumento final, novamente aquele telespectador que não compreendeu o intertexto dos argumentos anteriores acha graça no texto e é trazido novamente para o universo da piada. A seguir, a escala argumentativa que representa a polifonia do texto pós-créditos:



Diagrama 2: Segunda escala argumentativa dada pelo Locutor 2

Como é possível observar, a voz da virilidade, expressa pelo desejo de “2 centímetros de pau”, é mais forte que as outras apresentadas pelo Locutor 2, uma vez que foi o argumento escolhido pelo Locutor 1 nas alternativas apresentadas.

Essa escala demonstra que, dentro do universo em que o texto se insere, nada é mais importante que ter “2 centímetros de pau”. A composição de vozes, a intertextualidade utilizada e a repetição insistente formam um texto humorístico muito bem delineado e crítico, envolvendo especialmente os fãs do canal.

Para que haja a efetivação da argumentação pretendida, assim como a produção de sentido de humor no interlocutor, comprovando, então, o funcionamento dialógico do discurso, é preciso, portanto, que este interlocutor recupere “[...] os dois enunciatórios, o sério e o absurdo, para concretizar o processo de dupla leitura exigido pelo discurso irônico” (PASSETTI, 1995, p. 65), demonstrando a polifonia nas instâncias da produção e da recepção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, pudemos chegar a algumas considerações que não pretendem ser únicas, mas válidas o bastante para discutirmos a formação textual heterogênea do texto “É pau, é pedra”.

O Locutor 1 é o enunciador representante da insegurança e do desejo de ter “2 centímetros de pau” a mais, e o Locutor 2 é o enunciador representante da segurança viril, do insistente questionador e testador do colega. Vemos dois enunciadores em um jogo argumentativo, em que o Locutor 2 busca dar argumentos cada vez mais convincentes para compreender se o Locutor 1 quer, de fato, ter um pênis com 2 centímetros a mais. Esses estereótipos também funcionam como uma forma de julgamento de valor, uma crítica direta aos tipos retratados no vídeo.

Esse jogo argumentativo só é possível no universo contextual em questão: um encontro de dois homens, em um local informal direcionado a homens, em um momento íntimo, com personagens que, por seu discurso, mostram-se desejosos de uma aparência viril, inquestionável, ligada ao desempenho sexual heteronormativo.

Esse jogo argumentativo só é comprehensível no universo do humor. Só se leva em consideração a discussão dos locutores por se tratar de uma piada, esperada justamente pelo leitor/telespectador ao estar acessando um canal de humor.

A partir dessas considerações, podemos analisar alguns pontos específicos sobre a composição textual. Primeiramente, na escala argumentativa dada pelo Locutor 2, o “ou” apresenta outras vozes ao texto, colocando-as em relação de exclusão com a primeira voz (de ter mais “2 centímetros de pau”). O texto é polifônico porque é necessário que se busquem as outras vozes para compreender o sentido e o humor do texto. Enquanto a primeira voz traz o desejo de virilidade, travestido do desejo de um pênis 2 centímetros

maior, as vozes introduzidas pelo “ou” trazem outros desejos comuns do atual contexto sócio-histórico, dentre eles o sexo, o dinheiro, o status, o humor, o dever social e a espiritualidade. O entrecruzamento de vozes ocorre em uma construção de exclusão: são questões impossíveis de serem conciliadas, pressupondo um diálogo que prevê preferências.

Em segundo lugar, é indispensável compreendermos por que e para que essas novas vozes foram trazidas ao texto. Elas enfatizam o desejo inicial do Locutor 1, pois, qualquer que fosse a voz trazida para contrapô-lo – inclusive a mesma voz –, não seria suficiente para fazê-lo mudar de ideia. Ademais, demonstram a vontade do Locutor 2 em comprovar a obstinação do Locutor 1 por 2 centímetros a mais de pênis e realizam a crítica maior do vídeo: ao homem “viril”, “macho”, para o qual nada importa mais que o tamanho ideal do pênis. O tamanho do pênis, nesse caso, representa a obsessão por esse papel viril.

Por fim, todas essas vozes são trazidas ao texto para gerar o humor. É por meio da compreensão delas e das comparações e situações absurdas que o leitor/telespectador comprehende e ri da piada, ridicularizando os personagens estereotipados em questão. Tudo isso, com ajuda das expressões, dos elementos audiovisuais e das insistentes repetições, gera o riso, envolve o leitor/telespectador em uma situação cômica.

A intertextualidade também é fator decisivo nessa produção de humor. Por meio dela o leitor/telespectador resgata intertextos e comprehende as diversas vozes trazidas ao texto polifônico. A intertextualidade inclui e exclui os leitores/telespectadores, fazendo referências intertextuais específicas, sendo, também, geradora de humor no texto. Na esteira dessa conclusão, salientamos a observação que Bakhtin (1992, p. 140) realiza acerca do processo de enunciação da inscrição do outro no discurso:

[...] a todo instante se encontra nas conversas ‘uma citação’ ou ‘uma referência’ àquilo que disse uma determinada pessoa, ao que ‘se diz’ ou àquilo que ‘todos dizem’, às palavras de um interlocutor, às nossas próprias palavras anteriormente ditas, a um jornal, a um decreto, a um documento, a um livro.

Por fim, comprehendemos que, embora o texto em questão possa ser analisado de maneira mais abrangente (incluindo o excerto inicial do vídeo), uma análise de sua construção heterogênea foi realizada, especialmente no que se refere à sua composição polifônica e intertextual.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV, Valentin]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto et al. *Diálogos com Bakhtin*. 2. ed. Curitiba: Editora UFPR, 1999. p. 21-42.
- BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p.191-200.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

É PAU, É PEDRA. Direção: Ian SBF. Roteiro: Fabio Porchat. São Paulo: Porta dos Fundos, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0r64JMA1tMA>.

FÁVERO, L. Paródia e dialogismo. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo, SP: Edusp, 1999. p. 29-36.

KOCH, I. G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2008.

LOPES, E. Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 63-81.

PASSETI, M. C. C. *O discurso irônico: análise da argumentação irônica em textos opinativos da Folha de S. Paulo*. 1998 Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, 1995.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, S. Humor de circunstância. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 9, p. 333-344, 2000.

POSSENTI, S. A forma no discurso. In: POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 153-182.

PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.



Recebido em 13/04/2019. Aceito em 15/06/2019.

A POBREZA E SUAS FACES EM RETRATO NAS NOTÍCIAS: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA E CRÍTICO-DISCURSIVA

LA POBREZA Y SUS CARAS EN RETRATOS EN LAS NOTICIAS: UN ABORDAJE DIACRÓNICO
Y CRÍTICO-DISCURSIVO

POVERTY AND ITS FACES IN PORTRAITURE ON THE NEWS: A DIACHRONIC AND
CRITICAL-DISCURSIVE APPROACH

Fábio Fernando Lima*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO: Circunscrito ao quadro teórico da Análise Crítica do Discurso, o objetivo deste trabalho é o de analisar alguns recortes de notícias publicadas na grande mídia impressa paulista no decorrer dos séculos XIX, XX e XXI acerca de determinados segmentos excluídos em função de suas condições socioeconômicas, e que assim se encontram em situação de subordinação em relação a outro grupo, majoritário e dominante. Considerando que esses veículos de comunicação no mais das vezes estiveram sob o controle das classes dominantes, partimos do princípio de que encontraremos, nessas notícias, um preconceito de base, em consonância com a própria ideologia vigente nesses grupos, materializado mediante diversos procedimentos discursivos (muitas vezes camuflados) que buscam o estabelecimento de determinados consensos hegemônicos e a manutenção do *status quo*, sendo objetivo deste trabalho descrevê-los. O material para análise foi extraído dos jornais Correio Paulistano, A Província de São Paulo/O Estado de S. Paulo e Folha da Noite/Folha de S. Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso. Noticiário. Mudança Discursiva. Exclusão Social.

RESUMEN: Circunscrito al cuadro teórico del Análisis Crítico del Discurso, el objetivo de este trabajo es el de analizar algunos cortes de las noticias publicadas en los grandes periódicos paulistas a lo largo de los siglos XIX, XX y XXI acerca de determinados segmentos excluidos en función de sus condiciones socioeconómicas, y que así se encuentran en situación de subordinación con relación a otro grupo, mayoritario y dominante. Considerando que estos vehículos de comunicación estuvieron la mayor parte del tiempo bajo el control de las clases dominantes, partimos del principio de que encontraremos, en las noticias, un prejuicio de base, en consonancia con la propia ideología vigente en esos grupos, materializado mediante diversos procedimientos discursivos (muchas veces camuflados) que buscan el establecimiento de determinados consensos hegemónicos y el mantenimiento del *status quo*, siendo el objetivo de este trabajo describirlos. El material para el análisis se extrajo de los periódicos *Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo/O Estado de S. Paulo* y *Folha da Noite/Folha de S. Paulo*.

PALABRAS CLAVE: Análisis Crítico del Discurso. Noticiero. Cambio discursivo. Exclusión Social.

* Graduado em Letras pela USP (2001), possui Doutorado (2009) e Pós-Doutorado (2013) em Letras pela mesma instituição. Atualmente é Professor Colaborador e bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES na PUC-Rio. E-mail para contato: fabiofernandolima@uol.com.br.

ABSTRACT: Related to the theory of Critical Discourse Analysis area, our goal in this research is to analyze some news clippings published by printed media of São Paulo in the course of XIX, XX and XXI centuries about segments excluded according to their socioeconomic conditions and that they are thus subordinated to another majority and dominant group. Considering that the media the most of the time were in the hands of dominants groups, it is known that we are going to find in these newspapers a prejudiced discourse which agrees with the prevailing ideology. This kind of discourse can be structured in many ways of writing (different discursive methods), aiming to the maintenance of a consensual hegemony and *status quo*, being the objective of this work to describe them. The material for analysis was extracted from the newspapers Correio Paulistano, A Província de São Paulo/O Estado de S. Paulo and Folha da Noite/Folha de S. Paulo.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis. Newspaper. Discourse Change. Social Exclusion.

1 INTRODUÇÃO¹

A abordagem da exclusão social, da intolerância, do preconceito em geral e dos estereótipos em particular, em variados tipos de discursos, nos seus mais diversos aspectos e níveis de atuação, vem se constituindo, ultimamente, em objeto de estudo tanto de linguistas quanto de pesquisadores ligados a diversas áreas de conhecimento, no Brasil e no exterior, com ampla gama de pesquisas interdisciplinares e produção teórica de qualidade.

No entanto, analisando a produção bibliográfica decorrente desses estudos, observamos que os mesmos têm se centrado, exclusivamente, no eixo da sincronia. Este trabalho parte da premissa de acordo com a qual a adoção de uma perspectiva diacrônica, focalizando o que foi colocado em circulação pelas mídias acerca da exclusão social em geral e da pobreza em particular, pode trazer um ganho importante e complementar, haja vista que este material produz, certamente, efeitos na configuração contemporânea desses segmentos na sociedade brasileira.

Cumpre acrescentar que, em linhas bastante gerais, como resultados, os estudos acerca da materialização discursiva da exclusão social têm apontado para a constituição de discursos preconceituosos e intolerantes de diferentes tipos, nos mais variados tipos de materiais pesquisados. Nesse sentido, acreditamos que a adoção da abordagem crítica traz um ganho teórico e metodológico importante e complementar, justamente porque, conforme apontado por numerosos autores, tais como Fairclough (2001a, 2003), Wodak (2004), dentre tantos outros, o projeto político e genealógico da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) concerne exatamente em desnaturalizar e tornar transparentes as relações opacas de dominação e controle, exercidas, ideologicamente, *no e através* do discurso.

Na verdade, a ACD apresenta-se como um campo de investigação fundamentalmente interessado em propor uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar as relações estruturais, transparentes ou veladas, de poder e controle manifestos na linguagem (cf. WODAK, 2004). Assume-se, assim, como ponto central, a análise das maneiras pelas quais “[...] o discurso contribui para a reprodução da desigualdade e da injustiça social, determinando quem tem acesso a estruturas discursivas e de comunicação aceitáveis e legitimadas pela sociedade” (VAN DIJK, 1994, p. 4-5).

Dessa maneira, a ACD pode oferecer uma valiosa contribuição de linguistas para o debate de questões ligadas ao racismo, à discriminação baseada no sexo/gênero, ao controle e à manipulação institucional, à violência, à identidade nacional, à autoidentidade, enfim, à análise da exclusão social de modo geral.

2 A OPÇÃO PELA ANÁLISE DO JORNALISMO IMPRESSO

Tomando por pressuposto o que foi explicitado nos parágrafos anteriores, faz-se importante acrescentar que há um interesse primeiro, por parte da ACD, pelo discurso veiculado pelas mídias, na medida em que estas sempre se constituíram no canal

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

responsável pela transmissão da maior parte dos conhecimentos disponíveis e, simultaneamente, encontram-se, no mais das vezes, concentradas nas mãos das classes dominantes, detentoras da maioria absoluta do capital financeiro. Essas classes, por sua vez, têm a faculdade de exercer um controle ideológico sobre as classes dominadas, dirigindo-as da maneira como lhes convém, a fim de manter os seus interesses e o *status quo*.

Para Marshall (2003, p. 23), “[...] o jornalismo é a linguagem que codifica e universaliza a cultura hegemônica e legitima a lógica do mercado” na atual configuração do mundo social. De acordo com Thompson (2008), os meios de comunicação produzem e difundem *bens simbólicos* por meio da transmissão da informação, de modo que assumem papel preponderante na divulgação de ideias. Dessa forma, indubitavelmente, o jornalismo constitui-se em um lugar especial para a circulação e perpetração da desigualdade social e dos estigmas e estereótipos e particular, o que ressalta a importância da análise do tema em materiais advindos desse segmento.

Certamente o gênero mais buscado pelos leitores ao acessar os jornais, quando pretendem encontrar “informação”, a “notícia” se estabelece enquanto uma espécie de “essência” que particulariza, define e se institui no próprio objetivo-fim do jornalismo. No entanto, a mídia, de modo geral, transforma um acontecimento em “notícia” interpretada por um jornalista, que escreve tanto enquanto representante de determinada instituição de comunicação quanto enquanto membro de um grupo social, fatores que incidem, certamente, sobre suas ideologias e, por conseguinte, sobre o processamento de informações do fato a ser noticiado (cf. VAN DIJK, 2008). Nesse sentido o discurso produzido corresponde à possibilidade de se propagar crenças e estereótipos, muitas vezes camuflados por meio de diversas estratégias, legitimando o poder dos grupos dominantes.

Conforme destaca Van Dijk (2008), esse poder simbólico inclui a maneira de influenciar. Os jornalistas – e, por conseguinte, os grandes veículos de comunicação – podem determinar a agenda da discussão pública, a proeminência de determinados tópicos em detrimento de outros e controlar a quantidade e o tipo de informação, especialmente no que diz respeito a quais segmentos devem ganhar espaço e de que maneira. Nesse sentido, os jornalistas são considerados “os fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos. Portanto, seu poder simbólico é também uma forma de poder ideológico” (VAN DIJK, 2008, p. 45).

Se, no passado, a influência poderia ser exercida por ações pragmáticas diretivas, de acordo com Van Dijk (2008), no contexto atual, os meios de comunicação jornalísticos exercem o controle pela via persuasiva, mediante diversos mecanismos retóricos – muitas vezes camuflados – que tendem a influenciar as ações futuras dos receptores.

É partindo de um quadro assim configurado que este trabalho apresenta seu objetivo central, propriamente o de analisar e descrever, sob a ótica da ACD em geral e em particular sob a perspectiva do modelo de análise tridimensional proposto por Fairclough (1995, 2001a, 2003) e suas variações, notícias acerca de determinados segmentos excluídos em função de suas condições socioeconômicas publicadas na mídia impressa do Estado de São Paulo, observando a manifestação de ideologias, aqui entendidas como resultado de práticas sociais que incidem sobre a produção discursiva, direcionadas à imposição de determinados consensos hegemônicos.

Para tal, tomamos por princípio que, ao analisarmos as práticas discursivas manifestadas nas notícias em cada um dos recortes de períodos a serem analisados – os séculos XIX, XX e XXI – e estabelecermos as devidas comparações entre eles, poderemos depreender tanto continuidades quanto mudanças nas práticas sociais subjacentes, mediante transformações na representação, ideologias e posições hegemônicas acerca dos referidos grupos. Esperamos encontrar diferenças significativas entre os textos mais antigos e os contemporâneos, com uma preocupação maior, no caso dos textos atuais, em simular, mascarar a intolerância, em contraposição àqueles publicados no final do século XIX e início do XX, o que talvez se poderá atribuir às próprias transformações das práticas sociais vigentes.

Na verdade, tendo em vista as limitações que se impõem para esta pesquisa, selecionamos três tipos de textos representativos dos padrões que a “notícia” assumiu no período em questão: três deles foram publicados na segunda metade do século XIX, e a escolha de mais de um exemplo para ilustrar o período em questão assenta-se no fato de a “notícia” sofrer variações compostionais no jornalismo nascente. O segundo texto foi publicado na segunda metade do século XX, e sua escolha assenta-se no fato de ele se

apresentar representativo do período em que, após sofrer mudanças, a “notícia” toma definitivamente uma forma “industrial”, mas ainda sem o compromisso de se apresentar como “crítica” e “pluralista”. Por fim, analisamos um texto do início do século XXI, funcionando como amostra de um terceiro período, no qual a “notícia”, já devidamente construída sob uma estrutura baseada em um padrão industrial, é escrita já sob o prisma da chamada “sociedade do espetáculo”, pretendendo-se apresentar enquanto um gênero pretensamente “crítico” e “pluralista”, em busca de uma tentativa de construção da objetividade, o que implica novas mudanças em sua estrutura composicional.

A partir de uma análise exploratória, buscaremos descrever as transformações apontadas no parágrafo acima, relativas à estrutura composicional do gênero “notícia”, articulando-as à sinalização das maneiras pelas quais a ideologia opera no jornalismo impresso paulista em um corte diacrônico, em termos desse tema.

3 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Conforme mencionado anteriormente, o projeto teórico da ACD busca a desnaturalização de estruturas de poder que se encontram ocultas no discurso. Nas palavras de Fairclough (2001b, p. 35)

[...] por análise ‘crítica’ do discurso quero dizer análise do discurso que visa a explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre (a) práticas discursivas, eventos e textos, e (b) estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos; a investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas; e a explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia.

Na verdade, foi a partir dos estudos empreendidos por Norman Fairclough (1995, 2001a, 2003, dentre outros) que a ACD ganhou os contornos de um modelo teórico e analítico definido. Em sua proposta, o “discurso” é concebido, por um lado, como “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros”. Mas, a essa definição, o autor acrescenta que o discurso é também um modo de “representação”, o que “[...] implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como efeito da primeira” (FAIRCLOUGH, 2001a, p.91).

O modelo de análise *tridimensional* de Fairclough (2001a, 2003), caracterizado por sintetizar as concepções de discurso com orientação, ao mesmo tempo, social e linguística, veio a ser denominado “Teoria Social do Discurso”. Trata-se, na verdade, de uma abordagem caracterizada por apontar, para cada evento discursivo, três dimensões: uma constituição enquanto *texto falado ou escrito*; uma instância de *prática discursiva*, envolvendo a produção e a interpretação do texto e, por fim, o aspecto de *prática social*.

Ao conceber o discurso enquanto prática social, contextualizada em uma estrutura social mais ampla, materializado por textos que podem cumprir determinadas finalidades, tais como mudanças nos sistemas de conhecimentos e crenças, tanto no que se refere aos atores sociais em atividade discursiva quanto no que diz respeito ao mundo material, o autor evoca uma perspectiva funcionalista da linguagem, na medida em que postula que a língua possui funções externas ao sistema e que essas funções são as responsáveis pela organização interna do sistema linguístico. Dessa maneira, no que tange à orientação linguística de sua teoria, Fairclough faz uso da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) de Halliday (1985).

No modelo de 2003, Fairclough apresenta um conjunto articulado de três significados: o *representacional*, caracterizado por enfatizar a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos, aproximando-se da função ideacional de Halliday (1985) e, portanto, analisável a partir do sistema de transitividade; o significado *acional*, que focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais, com a ação legitimando/questionando relações sociais e, por fim, o significado *identificacional*, atinente à construção e à negociação de identidades no discurso. Os significados *identificacionais* e *acionais* estão associados à metafunção *interpessoal* de Halliday (1985)

A análise dos significados identificacionais e acionais permite ao analista observar as maneiras pelas quais o falante/escritor, inserido em um determinado contexto sócio-cognitivo, tanto atribui determinadas identidades sociais aos atores designados em seu texto quanto expressa seus posicionamentos e julgamentos. É por meio desses significados que são instanciadas as relações pessoais e sociais dos participantes dos eventos discursivos, tanto no aspecto de sua configuração identitária como da sua relação com os outros atores sociais envolvidos no processo.

No que diz respeito aos aspectos linguísticos propriamente ditos englobados pela constituição dos significados acionais e identificacionais, faz-se importante acrescentarmos que os estudos englobados pela ACD valem-se não apenas dos aspectos gramaticais concernentes ao modo e modalidade estabelecidos por Halliday (1985) para a mencionada função, mas também das contribuições advindas de outros estudiosos que têm trabalhado de perto com a proposta hallidayana. Para a pesquisa que aqui delineamos, levaremos em conta, sobretudo, a proposta de análise apresentada por Martin e White (2005), cujo mérito reside em sintetizar os demais estudos e propor uma categorização ainda mais abrangente dos mecanismos linguísticos acionados para o estabelecimento das relações interpessoais.

Partindo das propostas apresentadas por Fairclough para o modelo tridimensional, Martin e White (2005) procuram estabelecer categorias sóciossemióticas relacionadas à construção da distância, identidade, envolvimento, intimidade, e autoridade discursivas, realizadas, linguisticamente, por meio de recursos avaliativos. Segundo os autores, a *atitude*, o *engajamento* e a *gradação* podem ser concebidos como fenômenos linguísticos que atualizam posicionamentos intersubjetivos dos atores sociais em interação.

De acordo com esse ponto de vista, a *atitude* abrange significados graduáveis por meio dos quais o falante/escritor avalia entidades, estados de coisas e acontecimentos negativa ou positivamente. É subdividida em *afeto* (reações afetivas diante de uma situação ou comportamento específico), *julgamento* (avaliações acerca da capacidade, normalidade, tenacidade, propriedade e veracidade dos comportamentos ou atitudes humanas e/ou institucionais) e *apreciação* (avaliações de caráter estético acerca de elementos concretos da realidade, como objetos, ou de risco e importância, no que tange a nominalizações – processos, eventos, entidades abstratas).

A *gradação*, por sua vez, está relacionada ao modo pelo qual os falantes/escritores maximizam ou minimizam a força de suas asserções, tornando nítidas ou ofuscadas as categorizações semânticas com as quais operam. O *engajamento*, por fim, constitui-se no componente por meio do qual o autor se posiciona em relação a seu enunciado e aos enunciados potenciais de outros atores sociais envolvidos na interação. Por meio dela, objetiva-se descrever em que medida falantes/escritores avaliam as afirmações anteriores, qual o peso dessas afirmações em suas formulações e de que modo eles se engajam em relação a tais enunciados (em oposição, concordância etc.).

No entanto, Martin e White (2005) ressaltam que, para que o produtor do texto adquira, eficientemente, o comprometimento dos leitores e ouvintes, além das categorias apontadas, precisará contar com os argumentos dispostos e com o processo persuasivo de maneira geral, embora esse aspecto não seja explorado pelos autores.

Esse ponto de vista coaduna-se, aliás, com aquele assumido por Van Dijk (2008), de acordo com o qual, no contexto atual dos meios de comunicação jornalísticos, o controle é exercido pela via persuasiva, mediante diversos mecanismos retóricos que tendem a influenciar as ações futuras dos receptores. Para o autor (1994, p.6), a persuasão se constitui na “[...] maneira mais moderna de exercício do poder” e, ao invés de se prescrever o que os leitores/ouvintes devem fazer, os jornalistas “[...] argumentam, oferecendo justificativas econômicas, políticas, sociais e morais, e administrando o controle das informações relevantes” (DIJK, 2008, p. 53).

No entanto, apesar de toda a importância conferida à argumentação, não encontramos, nos modelos de análise crítica propriamente ditos, uma proposta capaz de associar definitivamente os aspectos retóricos com a análise e interpretação da linguagem em contexto sócio-histórico, caro à ACD. Por isso mesmo, buscarmos estabelecer pontos de contato entre a Teoria Social do Discurso e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), objetivando descrever as maneiras pelas quais cada um desses elementos, responsáveis por acionar relações interpessoais com o leitor – a saber, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença – acionam e se entrelaçam a determinadas estratégias argumentativas.

Essa perspectiva coaduna-se com a concepção de significado acional enquanto modo de ação sobre o mundo, característica da função interpessoal, e especialmente com a própria definição de discurso proposta por Fairclough (2001a, p. 91) enquanto “[...] um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros”.

Se o exercício do poder é operado discursivamente, com a finalidade de influenciar os demais grupos e estabelecer ou manter as hegemonias, entendidas, de acordo com Fairclough (2001a, p.43), como “[...] o domínio exercido pelo poder de um grupo” – e esse grupo é o grupo dominante – “sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força”, pode-se constatar um elo de ligação entre a própria definição de hegemonia apresentada pelo autor e a posição de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), na medida em que, para estes, a obtenção de um consenso constitui-se na finalidade de qualquer argumentação.

Assumindo, portanto, a persuasão como parte inerente à dominação, a associação proposta apresenta um ganho teórico e metodológico à ACD, uma vez que a análise e descrição das relações interpessoais e das intersecções destas com o desencadeamento de determinadas estratégias argumentativas tem o potencial de fortalecer a descrição e interpretação das relações de poder e controle manifestos no material analisado, trazendo um enfoque ainda mais amplo e acertado.

Cumpre-nos acrescentar, por fim, que nos referimos anteriormente à concepção, no modelo de análise tridimensional, de uma instância enquanto *prática social* para cada evento discursivo, que ao lado da constituição enquanto *texto falado ou escrito e prática discursiva* completa o quadro de análise. Com relação a esse propósito, faz-se importante destacar o trecho a seguir, em que Fairclough (2001a, p.29) apresenta a centralidade de sua concepção de discurso como prática social, distinguindo-a da dimensão da prática discursiva propriamente dita:

Minha formulação da análise na dimensão da prática social está centrada nos conceitos de ideologia e essencialmente de hegemonia, no sentido de um modo de dominação que se baseia em alianças, na incorporação de grupos subordinados e na geração de consentimento. As hegemonias em organizações e instituições particulares, e no nível societário, são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso. Além disso, pode ser considerada a estruturação de práticas discursivas em modos particulares nas ordens do discurso, nas quais se naturaliza e ganha ampla aceitação, como uma forma de hegemonia (especificamente cultural). É a combinação dos conceitos de intertextualidade e hegemonia que torna a teoria [...] útil para investigar a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural.

Pelo que se pode observar no trecho em destaque, os conceitos de “ideologia”, “dominação” e, por conseguinte, de “hegemonia”, adquirem um estatuto especial para o autor. Essa importância, no entanto, não se restringe a sua obra: está presente nas mais diversas modalidades de análise crítica. Trata-se da “*manufatura do consenso*” a que se refere Van Dijk (1994), do exercício do poder e controle social por parte dos grupos que têm sido legitimados e têm acesso ao discurso público, dos recursos de dominação utilizados pelas elites, detentoras do controle específico sobre o discurso público. Jornais e outras publicações, o rádio, a televisão, o próprio Estado, dentre outras instituições ou mesmo pessoas, podem contribuir nesse processo.

Dessa maneira, Fairclough (2001a) situa o conceito de discurso em relação à ideologia e ao poder partindo de uma concepção de poder enquanto hegemonia e de evolução das relações de poder como luta hegemônica. Define as ideologias como “significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 117). Quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de “senso comum”, as ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes para a manutenção de relações de dominação.

No quadro transdisciplinar da teoria crítica, podemos afirmar que a concepção de ideologia está fortemente assentada nos trabalhos empreendidos por Thompson (1995). Na verdade, filiando-se às concepções críticas sobre ideologia, Thompson tem buscado elaborar uma acepção aplicável à análise do uso das formas simbólicas de materialização das ideologias na sociedade, entendendo, por formas simbólicas, “[...] espectros de ações e falas, imagens e textos produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles como significativos” (THOMPSON, 1995, p. 79). De acordo com o autor,

“[...] o conceito de ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas – que eu chamarei de ‘relações de dominação’. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é sentido a serviço do poder” (THOMPSON, 1995, p. 15-16).

Dessa maneira, o autor considera ideológicas somente as formas simbólicas que, em determinados contextos, estabelecem/sustentam relações de dominação, sempre “a serviço das pessoas e grupos dominantes”, o que “[...] delimita o fenômeno da ideologia, dando-lhe especificidade e distinguindo-o da circulação das formas simbólicas em geral” (THOMPSON, 1995, p. 90-91). Para Fairclough (2001a, p. 94) “[...] as ideologias são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder”.

Na verdade, Thompson (1995) apresenta uma tipologia dos modos gerais de operação da ideologia, subdivididos em cinco categorias que operam discursivamente, dispostas da seguinte maneira: *legitimização, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação*. Cada *modus operandi* possui suas próprias estratégias de construção simbólica, que a depender da forma como são construídas, podem servir para manter ou subverter, estabelecer ou minar relações de dominação.

Acreditamos que a adoção dessa categorização e a proposta de diálogo com outras camadas do modelo tridimensional poderão fortalecer a análise dos dados e a descrição do evento discursivo no plano da *prática social*, desnudando as maneiras pelas quais, efetivamente, emergem, na tessitura textual, as estruturas responsáveis por sustentar a dimensão ideológica das relações de dominação.

No entanto, dada a ênfase da proposta teórica de Fairclough na “transformação” e na “mudança”, o autor (2001a, p. 117) afirma que a análise não deve estar focada apenas nas propriedades estáveis das ideologias, mas também na natureza da “luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação”. Assume-se, assim, que a ideologia está localizada tanto nas estruturas (ou seja, nas “ordens de discurso”) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais, quando reproduzem e/ou transformam as estruturas condicionadoras.

Neste ponto da explanação corrente, cumpre abrirmos um espaço para destacar que as considerações tecidas até o presente momento acerca dos conceitos de “ideologia” e “hegemonia” permitem antever uma necessidade indispensável, colocada por Fairclough (2001a, p. 126), de que a análise contemple a questão da “mudança discursiva em relação à mudança social e cultural”, colocada enquanto objetivo central de sua proposta. Nas palavras do autor há, em seu quadro de análise

[...] uma orientação forte para a mudança histórica: para as mudanças de práticas discursivas e seu lugar dentro de processos mais amplos de mudança social e cultural. *A mudança histórica deve, a meu ver, ser o foco e a preocupação primeira da Análise Crítica do Discurso*² [...]. A preocupação com a mudança tem uma orientação dupla: de um lado, em direção à especificidade dos eventos discursivos particulares, como tentativas de negociar circunstâncias sócio culturais instáveis e mutantes no meio da linguagem, baseando-se em práticas discursivas e ordens do discurso disponíveis, transformando-as frequentemente; de outro, em direção às ordens do discurso no prazo mais longo, em direção à mudança das práticas discursivas dentro e através dos domínios e instituições sociais como uma faceta da mudança social. (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 38)

A centralidade da mudança histórica na proposta do autor desloca o foco para a análise das relações de poder exercidas *no e através* do discurso, especificamente para as maneiras como essas relações moldam e transformam as práticas discursivas, sociais e institucionais. Paradoxalmente, no entanto, embora o autor focalize a questão da mudança histórica, discursiva e social, colocada como *central*, uma análise mais detida da bibliografia disponível em ACD permite antever a primazia absoluta de pesquisas centradas no eixo da sincronia em relação àquelas que focalizam o eixo diacrônico.

² Grifos nossos.

Considerando, portanto, a importância dessa abordagem e o fato de a mesma ter sido sistematicamente negligenciada nos modelos de análise crítica propriamente ditos, elegemos como objetivo primeiro desta pesquisa a descrição diacrônica de “notícias” acerca de determinados grupos excluídos socialmente em função de suas condições socioeconômicas. Para isso, conforme já mencionado neste artigo, partimos do princípio de que, ao analisarmos as práticas discursivas subjacentes a cada um dos períodos pré-selecionados – o século XIX, XX e XXI – poderemos depreender traços de permanência e mudança nas práticas sociais e discursivas, e assim observar possíveis transformações na representação das ideologias dos grupos dominantes em relação aos referidos grupos e na própria estrutura composicional do texto como um todo. Em se confirmando essa hipótese, caberá descrever quais os tipos de transformações ocorreram ao longo desses três séculos.

4 ANÁLISE DIACRÔNICA DAS NOTÍCIAS

Conforme bem aponta Sodré (1999, p. 1), a história da imprensa no Brasil corresponde, *stricto sensu*, “à própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. Na verdade, o jornalismo impresso paulista, nascente em especial no final do século XIX, já emerge sob o controle da elite aristocrático-burguesa de então, que passa a se expandir para o campo empresarial e político-administrativo. Tendo como pano de fundo a Revolução Industrial e a dificuldade do Governo Imperial em criar novos mercados consumidores, esses jornais adotam um posicionamento extremamente crítico em relação ao Governo Imperial.

No que diz respeito à história da pobreza no Brasil e das ações para superá-la, cumpre-nos afirmar que até 1930, ano em que é instituída a Legião Brasileira de Assistência (LBA), o trabalho social é concebido como “gesto de caridade para com o próximo” e os pobres são vistos como “grupos especiais, párias da sociedade, frágeis ou doentes, com a assistência se mesclando, dessa forma, com as necessidades de saúde”, o que veio a se refletir “na própria constituição dos organismos prestadores de serviços assistenciais, que manifestaram as duas faces: a assistência à saúde e a assistência social” (SPOSATI, 2007, p. 42). Nesse primeiro momento, estabelece-se portanto uma associação estereotipada entre “*pobreza*” e “*doença*”, o que veio a se refletir nas posições ideológicas do jornalismo da época, sob o controle da elite aristocrático-burguesa de então. Observe o exemplo a seguir, publicado na seção “Comunicados” do jornal *Correio Paulistano*:

(01) COMUNICADOS

O ECHO DA VERDADE

Principiamos a tarefa que nos temos imposto com a analyse do um fato escandaloso quo hebdomadariamente presenciamos nesta cidade— a procissão desses infelizes a quem a morféa tem accomettido, o que, sahindo de seus escondrijos aqui vem, horrorizando a população, pedir uma esmola para matar a fome. Cumpre ao estado zelar na guarda d'aqueles que o constituem — esta vigilancia é dupla, porque olha para o moral do cidadão e para a sua saude; no primeiro caso são as leis da instrucção publica. Pobre instrucção, áhi anda a ponta pés—mas em todo o caso sempre é bom ser chefe dessa corporação fantástica do nosso paiz, porque o grande numero do mestre-escolas das aldeas faz com quo se tenha a popularidade de um Demosthenes. Deixando porém a tal instrucção de quo tanto se falia, e de que nada se faz— diremos que o Estado vela na saúde do cidadão, estabelecendo leis hygienicas; Ah sim, leis hygienicas quo marcam quaes os títulos que deve ler o grande sacordoto da medicina —quaes os deveres que deve cumprir, mas que também entre nós são fábulas, porque qualquer *Monsieur* da estranja é um medico—depois que o dogma sciencia foi adoptado sem critério algum. Dizia o nosso patrício Penna na sua comedia—Noviço—que tudo se deslocava entre nós, e que as inclinações se torção; mas ele estava bem longe do pensar que qualquer sapateiro poderia ser um dia medico—e no entanto a realidade dos factos nol-o demonstra — qualquer com uma simples tintura de historia natural é proclamado—o primeiro de uma corporação tão respeitável. [...] ah! sim, leis hygienicas, antigamente ellas o diziam (porque hoje nos parece letra morta) que o medico não podia ser boticário, nem o boticário medico—entretanto é o que hoje não falta [...] Temos, dizem, um hospital para os lazarus, e entretanto ahi andam elles vagando. Qual será a causa? eis o misterio que-passamos a sondar. Lá para os districtos do bello e pitoresco bairro Paulistano, que se diz — da Luz—, bem perto das margens do formoso Tietê, encontrão-se uns casebres—que se dizem—hospital dos lázaros. [...] Quaes leis hygienicas devem reger sobre taes

estabelecimentos? [...] a primeira cousa quo indagamos, uma resposta negativa se nos dá [...]. Não cessaremos de pedir ao governo, que lance seus olhos e cuide de cumprir um dos mais sagrados deveres que lhe está imposto—a garantia da saúde do cidadão. Não só tratar do dar incremento ao desenvolvimento intelectual do um povo animando as companhias dramáticas, erigindo theatros que os governos desempenham sua missão. É isso sem duvida um bom desejo que não deixamos de applaudir— mas, quando a pobresa geme, quando o enfermo grita, o governo não deve ser surdo a esses gemidos, nem insensível á essas lagrimas. [...] Ainda, ha bem pouco tempo, se via entre nós um facto cruel o bárbaro, era a pratica do lançar nas enxovias da çadéa, de mistura com esses desalmados—o pobre e infeliz [...]. Quizeramos que o governo illustrado, que se acha ora á frente da administração, considerasse actualmente esta necessidade palpitante, visto que esta terrível enfermidade—a morphéa—se acha disseminada em grande escala pela província —e que a esses infelizes coubesse melhor sorte que não a mendicidade, e a pobresa: vexando continuamente a populaçāo, que demais se horrorisa com esses hediondos espetáculos.

Convém pois, que quanto antes seja estabelecido um edifício conveniente onde se possa dar um tratamento soffrivel á esses infelizes, que, achando os meios suaves de passar os tristes restos de seus dias, resignados irão vivendo, guardados e socorrido pela alta vigilância da autoridade. Taes são os votos que fazemos, á bem do infeliz, a quem esse terrível mal persegue, e em honra da sociedade, que não deve deixar de proteger a miséria e a enfermidade. Voltaremos a matéria se preciso fôr, com mais minuciosidade. (*Correio Paulistano*, 13/07/1854)

No que se refere ao texto em tela, observa-se que as marcas do(s) enunciador(es) estão claramente delineadas, aliadas à expressão de um determinado posicionamento a respeito do tema. É sob essa forma, de natureza fortemente opinativa, que a “notícia” emerge no jornalismo paulista nascente do século XIX.

Em (1) observamos ampla gama de recursos avaliativos; como eixo principal podemos apontar um conjunto de julgamentos negativos de sanção social. Para Martin e White (2005), os julgamentos dizem respeito às avaliações de caráter comportamental, relativas aos diversos modos de agir dos atores sociais. As avaliações de *estima social* relacionam-se a valores compartilhados pelos indivíduos em sua integração a diversas redes sociais e instituições, responsáveis por criar hierarquias de comportamentos práticos desejáveis e indesejáveis. Trata-se de valores ligados a comportamentos passíveis de admiração, estranhamento, menosprezo ou reconhecimento.

A *sanção social*, por outro lado, abarca avaliações codificadas pela cultura da escrituralidade, por meio de decretos, regras, regulamentos e leis, responsáveis pela vigilância institucional da sociedade. Nesse sentido, os valores compartilhados relacionam-se às obrigações morais e éticas, à cidadania e à filiação institucional. Por essas razões, os julgamentos de *sanção social* implicam atitudes não de admiração ou estranhamento, mas sim, de louvor/destaque ou condenação/recriminação.

No texto em análise, observamos que o enunciador procede a diversas avaliações, apresentando, nos termos de Martin e White (2005), julgamentos negativos de sansão social acerca das propriedades e qualidades do governo imperial e da categoria médica de então (*cumpre ao estado zelar na guarda d'aquelles que o constituem — esta vigilancia é dupla, porque olha para o moral do cidadão e para a sua saude; no primeiro caso são as leis da instrucção publica. Pobre instrucção, ah! ainda a ponta pé—mas em todo o caso sempre é bom ser chefe dessa corporação fantástica do nosso paiz, porque o grande numero do mestre-escolas das aldeas faz com quo se tenha a popularidade de um Demosthenes; diremos que o Estado vela na saúde do cidadão, estabelecendo leis hygienicas; ah sim, leis hygienicas quo marcam quaes os títulos que deve ler o grande sacordoto da medicina —quaes os deveres que deve cumprir, mas que também entre nós são fábulas, dentre outras*).

A essas estratégias acrescentam-se julgamentos de estima social, responsáveis por colocar em questão a capacidade da classe médica e reforçar a ideia da omissão do governo imperial (*qualquer Monsieur da estranja é um medico —depois que o dogma sciencia sem privilégios — foi adoptado sem critério algum; qualquer sapateiro poderia ser um dia medico—e no entanto a realidade dos factos nol-o demonstra; o primeiro de uma corporação tão respeitável, dentre outras*).

No plano argumentativo, as estruturas interpessoais estruturam-se por meio de um amplo discurso de justificação, cujas premissas baseiam-se em fatos. Essa trilha estabelece claramente, nos termos adotados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), um argumento pragmático, relacionado a uma ligação de sucessão, do tipo causa e efeito (sendo “*a ausência do estado na oferta de alternativas para coibir a mendicância e omissão na vigilância das ‘leis hygienicas’*” a causa e “*a proliferação da mendicância*”, o efeito). Atrelados a essa ideia central, observamos outros tipos de argumentos, responsáveis por sustentá-la em planos menores de generalidade: podemos apontar, por exemplo, no que tange à argumentação baseada na estrutura do real, outros vínculos do tipo causa e efeito (*temos, dizem, um hospital para os lazarus, e entretanto ahi andam elles vagando. Qual será a causa? eis o misterio que passamos a sonhar*), o argumento de autoridade (*dizia o nosso patrício Penna*), o recurso à descrição do real (*entanto a realidade dos factos nol-o demonstra*) e, no plano dos argumentos quase-lógicos, o recurso à definição e ao conflito definicional (*leis hygienicas quo marcam quae os títulos que deve ler o grande sacordoto da medicina —quaes os deveres que deve cumprir, mas que também entre nós são fábulas, porque qualquer Monsieur da estranja é um medico—depois que o dogma sciencia sem privilégios —foi adoptado sem critério algum*) e à transitividade (*o medico não podia ser boticário, nem o boticário medico—entretanto é o que hoje não falta*), dentre outros.

O parágrafo final do texto traz o argumento mais forte que o jornalista pretende destacar. Nesse contexto, o emprego da modalidade deôntica positiva (*Convém pois, que quanto antes seja estabelecido um edifício conveniente*) assume contornos autoritários, tendo em vista que o alvo da proposta é o próprio governo e os seus efeitos englobam a posição não só do próprio jornal, mas também de seus leitores.

Na verdade, a voz do jornal atrela-se à voz dos leitores, membros da elite aristocrático-burguesa da época, refletindo uma estratégia *interpessoal de envolvimento*. Essa estratégia é responsável por apresentar um texto engajado e disposto a representar os anseios do leitor, configurando-se como a “arma” de comunicação da comunidade e criando solidariedade com essa instância, de modo que os julgamentos apresentados tenham teor positivo (*não cessaremos de pedir ao governo, que lance seus olhos e cuide de cumprir um dos mais sagrados deveres que lhe está imposto; quizeramos que o governo ilustrado [...] considerasse actualmente esta necessidade palpitable,[...] e que a esses infelizes coubesse melhor sorte que não a mendicidade, e a pobreza: vexando continuamente a população, que demais se horrorisa com esses hediondos espetáculos; em honra da sociedade; voltaremos a matéria se preciso fôr, com mais minuciosidade*).

Chama a atenção os inúmeros recursos subjetivos que, destacados na superfície do texto, tanto reforçam o compromisso do enunciador em relação aos fatos que apresenta quanto se inscrevem em analogia às reações dos próprios leitores diante da mendicância. Referimo-nos às apreciações que se materializam em reações de impacto (“escandaloso”, “hebdomadariamente”, “aplaudir”, “geme”, “grita”, “hediondos”, “bárbaro”, “horrorizando”), de qualidade (“belo”) e de composição (“desordem”, “pitoresco”), que se juntam a componentes atitudinais de afeto (“pobre” e “infeliz”, “infelizes”, “tristes”).

Atrelados a alguns julgamentos de sansão social e também de estima social (“*illustrada*”, “*humanitária*”, “*desalmados*”; “*insensível*”, “*cruel*”, “*malvados*”), essas estruturas inscrevem no texto uma visada ideológica – também aquela da classe dominante, cuja voz corresponde à voz do próprio texto – fortemente assentada em um posicionamento intolerante em relação à população de rua e a outros representantes de classes subalternas em geral (*qualquer sapateiro poderia ser um dia medico; enxovias da cadêa, de mistura com esses desalmados*) e bastante baseada na associação estereotipada entre pobreza e doença (*esta terrível enfermidade—a morphéa—se acha disseminada em grande escala pela província —e que a esses infelizes coubesse melhor sorte que não a mendicidade e a pobreza: vexando continuamente a população, que demais se horrorisa com esses hediondos espetáculos; desses infelizes a quem a morféa tem accomettido, o que, sahindo de seus escondrijos aqui vem, horrorizando a população, pedir uma esmola para matar a fome; cumpre ao estado zelar na guarda d'aquelles que o constituem —esta vigilancia é dupla, porque olha para o moral do cidadão e para a sua saúde*), dentre outros

Nos termos de Thompson (1995), observamos a *legitimização* da perspectiva ideológica da classe dominante, especificamente através da estratégia de universalizar os seus interesses, os quais passam a ser exibidos como se fossem os interesses de todos. A esse respeito, aliás, cumpre ressaltar que não se aponta como alternativa a inclusão desse grupo excluído – que, ademais, não tem sua perspectiva

inscrita nas vozes do texto em questão – mas apenas a alternativa da plena segregação física em edifícios adequados e capazes de bani-los completamente do convívio com os demais extratos sociais, aqui apresentada para o “bem dos moradores de rua”.

Em algumas notícias publicadas no *Correio Paulistano*, no entanto, tais quais as publicadas na seção “Notícias das Províncias”, começamos a vislumbrar a emergência de textos curtos, destinados a noticiar acontecimentos de maneira breve. Partindo sempre de uma fonte exterior claramente marcada, a coluna “Notícias e factos diversos” se apresentava por demais pequena e não era publicada cotidianamente. Diferentemente do que se observou em (1), temos em (2) um texto cuja estrutura composicional está mais associada à tradição discursiva do *relatar* (Cf. COSTA, 2010). No entanto, em sintonia com o conjunto das notícias publicadas no jornal, mantém-se a mesma ligação com a elite aristocrático-burguesa da época e, por conseguinte, a adoção de uma postura explicitamente intolerante face à pobreza. Observe:

(02) Notícias das Províncias

Santa Rita do Passa Quatro - Escreve-nos dessa localidade o nosso correspondente: Ainda continuamos a sentir faltas de criadas [...]; consta-nos, porém, que a auctoridade local vai pôr couro ao mal, reprimindo activamente a ociosidade. —Brevemente fundar-se-há nesta villa, um bem montado collegio para o sexo feminino. A direcção ficará a cargo da exma. d. Maria do Carmo Gonçalves Leito (o corpo docente compõe-se do srs. dr. AT R. Guião, o dr. Cesario do Brito Travassos, Antonio Gonçalves Leilo, d. Êlvira Guião dr. Figueiredo e d. Maria do Carmo Gonçalves Leite. Estão a cooperarem para o engrandecimento do collegio, os prestigiosos cidadãos: Jeronymo Vieira de Andrade, Antonio Bernardino Velloso, José Garcia Bocha e muitos paes de família (*Correio Paulistano*, 3/2/1855).

(03) Notícias das Províncias

O Globo também noticia o seguinte de Codó:

«Nas immediações da fazenda do Sr. Vaz Júnior, de novo apparecou uma porção de indios, mas são Índios mais ou menos domesticados; juntos com alguns escravos fugidos, os quaes assim reunidos andam em correrias continuas, não tanto para matar, mas para roubar instrumentos próprios para agricultura. Espalhou-se que era uma horda de indios bravos; não ha tal. Não ha naquellas alturas indios que não tenham estado já em contado com a nossa sociedade. O que é certo é que desses, alguns mais indolentes, tomando da sociedade somente os vícios e os crimes, voltam para as maltas, e reunidos com escravos equilombados fazem excursões, cujo fim principal é o roubo.” (*Correio Paulistano*, 6/4/1855)

Em (2), estabelece-se um contraste, materializado pelo emprego de julgamentos positivos de estima social em relação à capacidade das pessoas referidas nominalmente no texto - “os(as) senhores(as)” e “doutores(as)” (*estão a cooperarem para o engrandecimento do collegio, os prestigiosos cidadãos [...]*) – e o julgamento negativo de estima social, que a nosso ver é empregado para fazer referência à descrição das atividades da classe trabalhadora (“*ociosidade*”), que se imiscui a outro julgamento negativo, de sansão social (*pôr couro ao mal, reprimindo activamente*).

No plano argumentativo, este julgamento negativo de sansão social manifesta-se sob a forma de um argumento alicerçado na estruturação do real, do tipo causa e efeito (Cf. PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996) (sendo a “*ociosidade*” a causa e a “*montagem do colégio*”, o efeito).

Nesse sentido, podemos afirmar que o texto não só se articula em torno da subserviência à elite aristocrático-burguesa de então, mas também coloca em tela apenas a perspectiva da classe dominante, adotada enquanto o ponto de vista do próprio jornal.

Considerando-se que o vínculo dominante de inserção na sociedade sempre foi o da integração pelo trabalho, com a transformação produtiva adquirindo preponderância nas trajetórias de exclusão social, podemos afirmar que em (2) o conjunto das estratégias acionais inscrevem, no plano identificacional, não apenas a retratação estereotipada daqueles que se encontram fora do mercado de trabalho como “vagabundos”, mas também a atribuição de uma suposta “baixa qualificação” a esse segmento, passando à esfera de “despreparados”, “incapacitados” – e daí de importância de “*um bem montado collegio para o sexo feminino*”. Encontramos, aqui,

as bases de uma constituição ideológica caracterizada por associar “gênero feminino” a “atividades domésticas” (*feminilidade ideal*) e “preguiça” à “pobreza”, ou seja, a constituição estereotipada do pobre enquanto “preguiçoso”, o que vem a justificar sua permanência inalterada na pirâmide social.

Em (3) ganha destaque uma série de julgamentos responsáveis por apresentar, no plano identificacional, uma posição caracterizada por associar índios e negros ao estereótipo de “animais”, que em função de suas condições precárias e subumanas em relação aos padrões “normais” de sociabilidade são concebidos enquanto seres perigosos, ameaçadores, marginais e, por isso mesmo “passíveis de serem eliminados” (OLIVEIRA, 1997, p. 32). É nesse contexto que se inscrevem os julgamentos de estima social, fazendo referência à normalidade e capacidade dos referidos segmentos (*domesticados, bravos, estado já em contato com a nossa sociedade*), imiscuídos a julgamentos negativos de sansão social, referentes à propriedade dos grupos em questão (*tomando da sociedade somente os vícios e os crimes; equilombados; excursões cujo fim principal é o roubo*), inscrevendo os dois segmentos – índios e negros equilombados – na categoria estereotipada de “ladrões”.

Tanto em (2) quanto em (3) a posição intolerante que justifica a estrutura ideológica e os estereótipos vem sustentada pelo modo da “fragmentação”. Nos termos de Thompson (1995), a fragmentação constitui-se de relações de dominação estabelecidas e mantidas no texto através da segmentação de indivíduos e grupos que possam ser uma ameaça aos grupos dominantes. Nos exemplos em tela, temos especificamente o caso do “expurgo do outro”, já que índios, negros e trabalhadoras “ociosas” são qualificados como “inimigos da sociedade”.

Mas é efetivamente após a Revolução de 1930 que, de acordo com Bahia (1990), a imprensa de massa começa a se delinear e a concepção de imprensa enquanto empresa tem suas origens, à medida que o país acelera a industrialização e as cidades crescem. A partir daí, a massa urbana seria, tanto informativa como publicitariamente, o mercado específico para as grandes tiragens, os grandes jornais. Como resultado, acentua-se a relação dos jornais com o poder econômico que, representado pelos mais diversos interesses, mas também identificado pelos mais sólidos anunciantes, desenvolve formas de pressão, influência e controle dos meios de comunicação. Nesse contexto, a “notícia” vai tomando forma industrial e as matérias recomendadas – aquelas indicadas por membros de cargos superiores da empresa jornalística, atendendo diretamente aos interesses dos grandes clientes e anunciantes do jornal – passa a ser uma das categorias de pressão econômica, dando “[...] à empresa a faculdade de manipular o que vai ser impresso, no interesse dos grupos de poder” (BAHIA, 1990, p. 232).

Nesse contexto, em (4), faz-se importante observar que se atribui ao próprio “Exército da Salvação” o papel de qualificar sua atuação em relação ao enfrentamento da pobreza, através de diversas estruturas interpessoais de *engajamento* por *atribuição*. Observe:

(04) Exército da Salvação angaria fundos com “Panelas de Natal”

“Salvo para Servir” é o lema do Exército da Salvação e com base nele aquela entidade religiosa-assistencial vem, a exemplo dos anos anteriores, colocar em vários locais do centro da cidade as tradicionais “Panelas de Natal” com o objetivo de angariar fundos para ajudar a necessitados.

O Exército da Salvação, que está comemorando este ano o seu centenário, pretende angariar neste natal aproximadamente Cr\$ 6 milhões em donativos que serão aplicados em benefício do Leprosário Pirapitingui, situado próximo a Sorocaba, e do Santuário dos Tuberculosos de São José dos Campos.

Parte dos donativos arrecadados será doado às famílias pobres da capital, que receberão vales de cinco mil cruzeiros para trocar por mercadorias em determinados estabelecimentos comerciais da cidade. Para essa distribuição, há um selecionamento prévio das famílias realmente necessitadas.

FINALIDADES

O Exército da Salvação foi fundado em 1865, quando William Booth declarou guerra à pobreza, vício e pecado num dos bairros mais miseráveis do leste de Londres. [...] No Brasil, o Exército da Salvação trabalha desde o ano de 1922.

[...] A organização é alicerçada em bases doutrinárias do Protestantismo e sua inspiração vem dos cultos, em seus templos, ou mesmo das pregações em praças públicas, dos Evangelhos e da tese de salvação para todos os homens.

O Exército, que procura colocar em prática a ação cristã, antes de tudo, promove também visitas a pessoas pobres, a hospitais e prisões. A fim de atingir diretamente as massas indiferentes à religião, o Exército realiza reuniões nas ruas e praças, utilizando bandas, cânticos e instrumentos musicais.

Sua ação se baseia nos três preceitos de seu fundador: “Ide aos pecadores e aos pobres, levando-lhes sopa do alimento do corpo, sabão para a reabilitação social e Salvação (a reabilitação social através de Cristo)”. (*Folha de S. Paulo*, 9/12/1965, p. 11)

Mediante o emprego, ora do discurso direto (*sua ação se baseia nos três preceitos de seu fundador: “Ide aos pecadores e aos pobres, levando-lhes sopa do alimento do corpo, sabão para a reabilitação social e Salvação (a reabilitação social através de Cristo)”*), ora do discurso indireto (*William Booth declarou guerra à pobreza, vício e pecado num dos bairros mais miseráveis do leste de Londres*, dentre outros), a voz da entidade “funde-se” à do jornal, mobilizando, no plano das relações interpessoais, a incorporação (cf. FAIRCLOUGH, 2001a) desse discurso. Nos termos de Martin e White (2005), esses recursos funcionam como estratégias de engajamento por concordância, mediante o endosso das declarações; no plano argumentativo, estabelecem uma argumentação alicerçada na estruturação do real, com argumentos do tipo causa e efeito (Cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996) (*A fim de atingir diretamente as massas indiferentes à religião, o Exército realiza reuniões nas ruas e praças, utilizando bandas, cânticos e instrumentos musicais*, dentre outros).

Conforme aponta Fairclough (1995), o argumento de autoridade, muitas vezes sustentado pelo discurso relatado, assume vasta importância para o estabelecimento de determinados consensos hegemônicos. Isso porque a representação do discurso sempre pressupõe um processo ideológico cuja relevância deve ser considerada: observar vozes ausentes e presentes no texto, e suas consequências para valoração ou depreciação do que foi dito e daqueles que pronunciaram o discurso relatado, evidencia questões de poder no uso da linguagem.

Na verdade, o relato sempre obedece à determinada decisão do jornalista de representar o que foi dito ou escrito em determinado caminho em detrimento de outro, embora se estabeleça frequentemente uma simulação de reprodução transparente daquilo que foi dito ou escrito por outra fonte. Ademais, a mídia é mais aberta aos setores socialmente dominantes, frequentemente retomados enquanto “fontes confiáveis” e como “vozes acessadas” que emergem no discurso reportado (cf. HARTLEY, 1982 *apud* FAIRCLOUGH, 1995, p. 63).

No plano identificacional, observamos que a representação das ações voltadas à pobreza segue, agora, um novo viés ideológico, em sintonia com a própria história do desenvolvimento do trabalho social no Brasil: após a década de 1940, à luz da criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), essas ações passam a ser marcadas por traços clientelistas, assistemáticos, conservadores, com “[...] programas sociais estruturados na lógica da concessão e da dádiva, contrapondo-se ao direito” (COUTO, 2006, p. 71).

Ao se tornarem beneficiários dessas ações, cobertas pelas obras de caridade, reforça-se o processo de exclusão, à medida que tais ações passam a ser entendidas enquanto “favor” prestado pelas classes dominantes às classes subalternas. Temos o embrião da origem da associação estereotipada responsável por associar *benefício social à dependência* e o fortalecimento da posição ideológica responsável por associar *pobreza à preguiça*.

Com a implantação definitiva da sociedade do espetáculo – vigente nos últimos quarenta anos, acompanhando as características das sociedades pós-modernas – os veículos de comunicação assumem, definitivamente, papel central. Desde então, passam a se definir como organismos especializados em responder a uma demanda social por justiça e cidadania, e os jornais começam a adotar, como premissas para suas linhas editoriais, um jornalismo pretensamente “crítico”, “apartidário” e “pluralista”. Como resultado, a estrutura composicional do gênero “notícia” sofre mudanças profundas, assentadas na tentativa de construção da objetividade.

O conceito de “espetáculo” se refere tanto à experiência prática da primazia dos desígnios da “razão mercantil” sobre os demais aspectos da vida social quanto “[...] às novas técnicas de governo usadas para avançar ‘o empobrecimento e a sujeição’, ‘conquistando o controle social por intermédio mais do consenso que da força’” (FREIRE FILHO, 2003, p. 37). Como resultado, a persuasão também assume papel central. Observe:

(05) **Bolsas para baixa renda extrapolaram o Orçamento**

Pilares da ação do Estado no país, os programas de transferência direta de renda às famílias contribuíram para a queda da pobreza e da desigualdade nos últimos anos, mas deixaram de caber no Orçamento federal.

Só nos anos de administração petista, benefícios previdenciários, trabalhistas e assistenciais saltaram do equivalente a 7,3% da renda nacional, em 2003, para 9,4% no ano passado.

Em valores de hoje, é como se a despesa anual do governo com essa finalidade tivesse crescido em cerca de R\$ 120 bilhões, sem um aumento correspondente da arrecadação tributária.

Com a recessão econômica, a receita total da União caiu de 18,9% do PIB, recorde atingido em 2011, para 17,6% no ano passado –quase os mesmos 17,4% de 2003.

Previdência Social, assistência a idosos e deficientes, seguro-desemprego, abono salarial e Bolsa Família respondem hoje por metade do gasto federal, excluindo da conta os encargos da dívida pública. E esse gasto deverá superar a receita deste ano em algo como R\$ 100 bilhões.

A escalada das despesas com esses programas começou com a Constituição de 1988, que fixou novos direitos; tornou-se mais visível quando o Plano Real, de 1994, derrubou a hiperinflação; ganhou impulso a partir da década passada com a formalização do emprego e o envelhecimento da população.

DESIGUALDADE

Do ponto de vista da distribuição e da melhora na renda, os programas sociais e a Previdência tiveram maior impacto entre os mais pobres. Mas, de modo geral, vieram do trabalho e da empregabilidade ao longo dos 13 anos do PT na Presidência as maiores contribuições para a queda na desigualdade.

No período, segundo dados do Centro de Políticas Sociais da FGV, todos os estratos da população tiveram melhora na renda acima dos índices de inflação: a dos 10% mais pobres aumentou 129%; a dos 10% mais ricos, 32%.

Quanto mais pobre, maior o impacto dos programas sociais e da Previdência. Mas, na média, foi a renda do trabalho que teve maior peso, de 78% para a melhora dos rendimentos. Previdência teve participação de 19%, e o Bolsa Família, de 3%.

No decil mais pobre, o peso do Bolsa Família sobe a 31%, a Previdência cai para 10%, e a renda do trabalho, para 59% (e é preponderante mesmo assim).

ADVERSÁRIOS

A atual recessão e o alto nível de desemprego (10,9% da força de trabalho) são hoje, portanto, os maiores adversários da melhora na distribuição de renda. Não por acaso, o último trimestre de 2015 foi o primeiro período desde 1999 (início da série) em que renda e desigualdade tiveram uma piora juntas no país. (*Folha de S. Paulo*, 15/05/2016)

Cumpre observar que os recursos avaliativos, bem como o processo persuasivo de forma geral, emergem de modo bastante camuflado, em contraposição aos textos anteriores. Em (05) observamos um texto construído basicamente sob tratamento “factual” dos temas em questão, como se os “fatos falassem por si mesmo”. Não por acaso, os recursos argumentativos utilizados fundam-se praticamente em argumentos baseados na estruturação do real, sobretudo por meio dos vínculos de sucessão, do tipo causa e efeito (no caso da grande relação central estabelecida, temos os *programas de transferência direta de renda às famílias de baixa renda elaborados ao longo dos anos* enquanto a causa de um efeito percebido nos dias de hoje, o *rombo no orçamento*).

Essas relações de sucessão vêm sustentadas por uma ampla gama de argumentos, como o argumento quase lógico da comparação (*em valores de hoje, é como se a despesa anual do governo com essa finalidade tivesse crescido em cerca de R\$ 120 bilhões, sem um aumento correspondente da arrecadação tributária*) e, sobretudo, o argumento de autoridade, balizado sob a forma de um conjunto de dados estatísticos que resultaram de pesquisas acerca do assunto, como os “dados do Centro de Políticas Sociais da FGV” e outros dados que não têm a fonte explicitada no texto.

Nesse sentido, é importante observar que se atribui a essas fontes confiáveis – no caso, a voz dos institutos de pesquisas econômicas

– sustentar a argumentação em curso, mediante diversas estruturas interpessoais de *engajamento por atribuição*. De forma análoga ao que observamos em (4), esses recursos funcionam como estratégias de *engajamento por concordância*, mediante o *endosso* dos dados apresentados.

A supressão de vozes dissonantes que contestam esse tipo avaliação econômica universaliza uma perspectiva particular e ajuda a constituir um determinado consenso hegemônico negativo acerca dos programas de transferência de renda, mediante a estratégia da “dissimulação” (cf. THOMPSON, 1995) da estrutura ideológica de dominação em curso, sustentada, neste caso, por uma “subjetividade antipública que segregá e elabora, por meio da comunicação midiática, uma ideologia antiestatal, fundada na ideia da dilapidação financeira do estado e na imagem do estado devedor” (OLIVEIRA, 1997, p. 32). Nesse sentido, os direitos sociais e trabalhistas, consolidados a partir da promulgação da Constituição de 1988, período em que assistência social deixa para trás seu caráter subsidiário e passa a ser entendida enquanto direito, integrando um tripé da seguridade social - juntamente com os direitos à saúde e à previdência social - são transformados em obstáculos ao desenvolvimento econômico do país: a proteção social se transforma em “custo Brasil” (p. 32).

Acentua-se, definitivamente, a relação estereotipada que une ideologicamente *pobreza e atraso*.

5 CONCLUSÃO

Mediante a breve comparação entre textos publicados no final do século XIX, ao longo do século XX e início do XXI, fica bastante clara a existência de um posicionamento ideológico fortemente vinculado às classes dominantes perpassando, de modo hegemônico e em uníssono, a elaboração das notícias por parte dos grandes jornais paulistas nos diferentes períodos da história brasileira acerca da pobreza e das ações necessárias para superá-la. Essa constatação ecoa a posição, sustentada pela ACD, que de acordo com a qual os veículos de comunicação se apresentam como mecanismos de controle ideológico das classes dominantes sobre as classes dominadas, “[...] desempenhando um papel essencial ao dar sustentação ao aparato ideológico que permite o exercício e a manutenção do poder” (VAN DIJK, 2008, p. 46).

No que se refere à evolução diacrônica do próprio gênero “notícia”, podemos afirmar que a são os breves relatos, correspondentes à *tradição discursiva do relatar* (Cf. COSTA, 2010) - caracterizados pela apresentação de sequências descritivas e marcados, muitas vezes, pelo argumento de autoridade - bastante raros no final do século XIX - que se impõe diacronicamente. Essa mudança vem determinada, sobretudo, por matizes ideológicos que, em sua essência, vão operando gradativamente a transformação para notícias escritas sob o prisma de um jornalismo pretensamente “objetivo”

Essa tentativa de construção da objetividade materializa-se através de diversas estratégias camufladas de persuasão e controle, as quais puderam ser verificadas com a breve análise dos recursos avaliativos e dos tipos de argumentos empregados. Se nos exemplares do final do século XIX e do início da segunda metade do século XX constatamos todo tipo de argumentos, aliados a uma série de avaliações, a análise do texto do início do século XXI ratifica, em primeiro lugar, a posição de Van Dijk (2008) de acordo com a qual, nas sociedades modernas, o poder exercido pelos jornais inclui maneiras mais sutis de influenciar.

Paralelamente, corrobora a importância da observação diacrônica das mudanças discursivas e sociais - ou, em outras palavras, a tese assumida por Fairclough (2001b) acerca da incidência das mudanças que incidem sobre a *prática social*, com suas determinações sócio-histórico-ideológicas – sobre o plano da *prática textual* das mudanças discursivas, inclusive no que diz respeito aos aspectos concernentes à própria estrutura composicional dos gêneros textuais/discursivos ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.

COSTA, A. *Tradições Discursivas em jornais paulistas de 1854 a 1901: gêneros entre a história da língua e a história dos textos.* Munich: Grin, 2010.

COUTO, B. *O Direito social e a assistência social na sociedade brasileira: uma equação possível?* São Paulo: Cortez, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: the critical study of language.* London and New York: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001a.

FAIRCLOUGH, N. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (org.). *Methods of critical discourse analysis.* London, Thousand Oaks, Nova Delhi: Sage, 2001b. p. 121-138.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research.* London: Routledge, 2003.

FREIRE FILHO, J. A sociedade do espetáculo revisitada. *Famecos*, Porto Alegre, n. 22, p. 33-46, 2003.

HALLIDAY, M. *An Introduction to functional grammar.* London: Edward Arnold, 1985.

MARSHALL, L. *O jornalismo na era da publicidade.* São Paulo: Summus, 2003.

MARTIN, J; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English.* New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

OLIVEIRA, F. Vanguarda do atraso e atraso da vanguarda: Globalização e neoliberalismo na América Latina. *Revista Praga*, São Paulo, n. 4, p. 31-33, 1997.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *O tratado da argumentação: a nova retórica.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SODRÉ, N. *História da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPOSATI, A. *A menina LOAS: um processo de construção da assistência social.* São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, J. *Ideología e cultura moderna: teoría social crítica na era dos medios de comunicación de massa.* Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, J. *Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia.* Petrópolis: Vozes, 2008.

VAN DIJK, T. A. Discurso, poder y cognición social. *Cuadernos*, Cali, año 2, 1994. Disponível em: www.discursos.org/Art/Discurso,%20poder%20y%20cognici%F3n%20social.pdf. Acesso em: 6 jun. 2018.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder.* São Paulo: Contexto, 2008.

WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. especial, p. 223-243, 2004.



Recebido em 28/02/2019. Aceito em 12/08/2019.

TRADUÇÃO | TRADUCCIÓN | TRANSLATION

ESTILÍSTICA DE CORPUS: UMA PONTE ENTRE OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS¹

Michaela Mahlberg*

Universidade de Birmingham

Tradução de Raphael Marco Oliveira Carneiro ** e Ariel Novodvorski***

Universidade Federal de Uberlândia

1 INTRODUÇÃO

¹ N.T.: Este texto é a tradução de um capítulo do livro *Text, Discourse and Corpora: Theory and Analysis* (2007) organizado por Michael Hoey, Michaela Mahlberg, Michael Stubbs e Wolfgang Teubert. Agradecemos à Profa. Dra. Michaela Mahlberg por ter gentilmente permitido a tradução do texto de sua autoria. Agradecemos também a Claire Weatherhead da editora Bloomsbury pela permissão de tradução e publicação deste texto. © Michaela Mahlberg, 2007, *Corpus stylistics: bridging the gap between linguistic and literary studies*, Continuum Publishing, an imprint of Bloomsbury Publishing Plc.

* Docente no Departamento de Língua Inglesa e Linguística da Universidade de Birmingham, RU. Doutora em linguística pela Universidade de Saarbrücken, Saarbrücken, Alemanha. Diretora do *Centre for Corpus Research* e editora chefe do periódico *International Journal of Corpus Linguistics*.

** Doutorando em linguística e linguística aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil. Professor substituto assistente (2016-2018) de Inglês na UFU. Mestre em linguística e linguística aplica pela mesma instituição. Graduado em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa (UFU). Email: raphael.olic@gmail.com.

*** Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto no Curso de Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: arivorski@ufu.br.

O termo ‘Estilística de *Corpus*’ está se tornando cada vez mais popular, mesmo com as dificuldades implicadas na tentativa de delimitação de um campo ou disciplina. O que parece ser característico da Estilística de *Corpus* é a combinação de diferentes abordagens. O presente texto concebe a Estilística de *Corpus* como um meio de aproximação entre os estudos da linguagem e da literatura. Argumentamos que a Estilística de *Corpus* pode fazer uso de ferramentas descritivas inovadoras, adequadas não só para investigações linguísticas, mas também para a apreciação de qualidades individuais de textos, integrando, assim, a interpretação literária. Este trabalho, portanto, amplia o contexto teórico de *corpus* desenvolvido no capítulo *Lexical items in discourse: identifying local textual functions of sustainable development* (MAHLBERG, 2007a), pela inclusão do estudo de textos literários. A segunda seção começa com a identificação de pressupostos comuns entre Estilística Literária e Linguística de *Corpus*, prévio à discussão feita na terceira seção quanto ao papel do conceito de colocação na Estilística Literária. A quarta seção aborda a aplicabilidade de funções textuais locais, como ferramentas da Estilística de *Corpus*, e introduz a noção de agrupamentos lexicais (*clusters*), como indicadores de funções textuais locais. Os exemplos discutidos no presente artigo provêm de um *corpus* de textos de Dickens. A quinta seção começa com agrupamentos lexicais longos, a sexta introduz cinco grupos funcionais de agrupamentos lexicais, para a descrição de traços estilísticos em Dickens, e a sétima seção aplica essas categorias funcionais para a análise de *Bleak House*.

2 LINGUÍSTICA DE CORPUS + ESTILÍSTICA (LITERÁRIA) = ESTILÍSTICA DE CORPUS?

Há um grande número de publicações que ilustram aplicações de conceitos e métodos da Linguística de *Corpus* para o estudo da literatura. Louw (1997) dá exemplos de como um *corpus* pode auxiliar na testagem de intuições e em como simbolismos podem ser discutidos em termos de colocações. Culpeper (2002) e Scott e Tribble (2006) analisam *Romeo and Juliet* em termos de palavras-chave. Adolphs e Carter (2002) estudam prosódias semânticas em Virgínia Woolf (cf. também ADOLPHS, 2006). Semino e Short (2004) investigam a representação da fala e do pensamento. Stubbs (2005) explora vários métodos quantitativos para estudar *Heart of Darkness* de Conrad e Starcke (2006) investiga sequências de três palavras em *Persuasion* de Austen. Apesar de essa lista fornecer apenas exemplos, é óbvio que abordagens de *corpus* aplicadas à literatura podem ser desenvolvidas de várias formas. Contudo, como Wynne (2006, p. 223, 225) observa, o potencial dos *corpora* é timidamente explorado no campo da Estilística Literária. No sentido de obter uma visão mais clara do que poderia ser considerado como características distintivas de uma disciplina chamada ‘Estilística de *Corpus*’, será útil examinar tanto a Linguística de *Corpus* quanto a Estilística.

‘Estilo’, o objeto de estudo em Estilística, pode ser definido em termos bem amplos como uma referência ao “modo em que a língua é usada em um dado contexto, por uma dada pessoa, para um dado propósito, e assim por diante” (LEECH; SHORT, 1981, p. 11).² Desse modo, quando o foco reside na variação de acordo com a situação, em vez de estilo também falamos de ‘registro’. Quando adotamos uma perspectiva sociolinguística, a variação estilística relaciona-se aos graus de formalidade. Quando o foco está nos textos literários, podemos falar em ‘Estilística Literária’, e distinções podem ser feitas em relação ao estilo de uma obra específica, de um autor específico, de um período e assim por diante. Independente do ponto de vista, um aspecto importante, conforme aponta Wales (2001, p. 371), estilo é visto como “distinto: em essência, o conjunto ou somatória de traços linguísticos que parecem ser características: seja de um registro, gênero, ou período etc”. Para descrever os traços característicos de uma porção de linguagem, a Estilística tem de fazer uso de categorias linguísticas. Assim, ao estudar textos literários, a Estilística parece fazer fronteira com duas disciplinas: “pode às vezes se assemelhar tanto à linguística quanto à crítica literária, dependendo de onde se estiver quando se olha para ela” (SHORT, 1996, p. 1). Essa posição, contudo, faz com que a Estilística Literária seja atacada de dois lados: críticos literários podem achar que não há espaço na Estilística para interpretação por causa da sistematização linguística empregada; linguistas, por outro lado, podem achar que análises estilísticas não são sistemáticas o suficiente, porque aparentemente elas incorporam interpretação demais (cf. também SHORT, 1996, p. 1).

Para além das opiniões controversas que a Estilística Literária em si já tem gerado, a situação se torna ainda mais complexa quando introduzimos o ponto de vista da Linguística de *Corpus*. Os métodos básicos da Linguística de *Corpus* abrangem a geração de informação quantitativa, a apresentação de palavras em seus contextos linguísticos de ocorrência para tornar visíveis os padrões e o gerenciamento de etiquetagem. Tais métodos podem ser aplicados em uma variedade de campos com objetivos e implicações

² N.T.: As traduções das citações diretas referenciadas neste texto foram realizadas com o intuito de facilitar o fluxo da leitura em língua portuguesa.

teóricas variadas, de modo que abordagens com base em *corpus* podem ser vistas como mais ou menos direcionadas por *corpus* (cf. também MAHLBERG, 2007a). Contudo, no livro intitulado *Corpus Stylistics*, Semino e Short (2004, p. 8) sugerem uma abordagem cooperativa para o uso da metodologia da Linguística de *Corpus* para o estudo de estilo. Os autores apontam a necessidade de combinar métodos com base em *corpus* com abordagens baseadas na intuição. Assim, parece ser útil examinar como ponto de partida os interesses conjuntos da Linguística de *Corpus* e da Estilística Literária.

Em Mahlberg (2007a), discuti funções textuais locais,³ como uma ferramenta que agrega uma dimensão textual maior, para uma abordagem direcionada por *corpus*, e sumarizei o que entendo como os pontos principais que podem compor um quadro teórico com base em *corpus*.⁴ A partir dessa fundamentação, uma conexão entre Linguística de *Corpus* e Estilística Literária pode ser vista da seguinte maneira: ambas estão interessadas na relação entre significado e forma. A Estilística põe ênfase em como dizemos o que dizemos; a Linguística de *Corpus* também afirma que o que dizemos depende da forma, isto é, dos padrões que são atestados nos *corpora*. O foco das duas disciplinas, todavia, tende a ser diferente. A Estilística concentra-se no que faz um texto, ou um grupo de textos, distintos, e investiga desvios das normas linguísticas que ocasionam efeitos artísticos e refletem maneiras criativas de se usar a linguagem. A Linguística de *Corpus*, por outro lado, foca principalmente nos usos repetidos e típicos não só em um texto, mas em um grande número de textos de um *corpus*. Apesar de os *corpora* de pequena extensão, especializados e compilados para fins específicos serem usados na Linguística de *Corpus*, o foco ainda prevalece nos padrões repetidos. Podemos ver uma conexão entre Linguística de *Corpus* e Estilística Literária na medida em que a ‘criatividade’ só pode ser reconhecida como tal quando há uma norma linguística contra a qual a linguagem ‘criativa’ sobressai. Uma questão crucial é então como mensurar, descrever e lidar com essa criatividade. Não podemos simplesmente pressupor que grandes *corpora* gerais constituem o que faz da linguagem ‘comum’, de modo a contrastar com a linguagem ‘criativa’ que sobressai em um texto individual, se comparado com um grande *corpus*, e que faz um fragmento de linguagem ser ‘literário’ como oposto à linguagem ‘comum’. O argumento seguinte de Leech e Short (1981) é crucial para a Estilística de *Corpus*, tal como proposta neste artigo:

Toda análise de estilo [...] é uma tentativa de encontrar princípios artísticos subjacentes às escolhas linguísticas do autor. Todos os escritores, e por esse motivo, todo texto, têm suas próprias qualidades individuais. Portanto, os traços que chamam a atenção em um texto não serão necessariamente importantes em outro texto do mesmo ou de um diferente autor (LEECH; SHORT, 1981, p. 74).

O que a Estilística de *Corpus* pode fazer além da óbvia provisão de dados quantitativos é auxiliar a análise de um texto individual, fornecendo várias opções para a comparação de um texto com grupos de outros textos para identificar tendências, relações intertextuais ou reflexões de contextos social e cultural. Conforme Carter (2004, p. 69), a distinção entre linguagem literária e linguagem não-literária não é útil: a linguagem literária deve ser vista como um *continuum*, “uma graduação de literariedade no uso da língua com certos usos marcados como mais literários do que outros em certos domínios e para certos juízes dentro desse domínio”. Falar de tal graduação implica vários pontos de comparação que a Linguística de *Corpus* pode fornecer através de diferentes conjuntos de *corpora* de referência. Tais comparações podem, então, contribuir para encontrar traços que chamem a atenção para uma análise mais cuidadosa em um texto individual.

Outro aspecto da Estilística de *Corpus* é a sua contribuição para o desenvolvimento de ferramentas descritivas, na identificação e caracterização de traços que fazem um texto ser distinto. Categorias estilísticas se baseiam em ferramentas pensadas por linguistas para descrição de características da linguagem. Leech e Short (1981), por exemplo, apresentam um conjunto de categorias úteis que podem ser usadas para conferir uma análise estilística. Essas categorias estão calcadas em conceitos linguísticos: uma análise estilística pode se referir ao alto número de adjetivos em um texto ou à predominância de períodos simples, o fato de substantivos tenderem a ser pós-modificados por sintagmas preposicionais e assim por diante. Se as evidências extraídas por meio da Linguística de *Corpus* sugerem que nossas descrições linguísticas precisam ser criticamente revisadas, essa revisão também tem implicações

³ N.T.: Mahlberg (2007a, p. 193) explica que “funções textuais locais são ‘textuais’ uma vez que descrevem significados de itens lexicais em textos. Estão intimamente relacionadas a similaridades entre itens lexicais e/ou significados em grupos específicos de textos. As funções são ‘locais’ porque elas não pretendem representar funções gerais, mas funções específicas a um (grupo de) texto(s) e/ou específicas a um (grupo de) item(ns) lexical(ais).”

⁴ N.T.: O quadro teórico com base em *corpus* aludido pela autora tem como base três pilares-chave: (1) linguagem enquanto fenômeno social; (2) significado e forma em associação recíproca; e (3) priorização do léxico na descrição linguística com base na Linguística de *Corpus*.

para as categorias estilísticas que são usadas. Uma categoria descritiva central para caracterizar a associação entre significado e forma é o conceito de colocação, que se refere à tendência de coocorrência das palavras. O conceito de colocação não é novo em Estilística. A Estilística de *Corpus*, contudo, confere a ele um novo papel.

3 COLOCAÇÕES E ESTILO

Um exemplo de estudo em larga escala de colocações como traços estilísticos é a investigação de Hori (2004) sobre o estilo de Dickens.⁵ Hori (2004) usa um *corpus* de 23 textos de Dickens e dados comparativos de ficção dos séculos XVIII e XIX, assim como testes com informantes nativos e informações do *Oxford English Dictionary*. Hori (2004) encontra a investigação de colocações em abordagens estilísticas já nos trabalhos de Firth (1957). Uma das afirmações de Hori (2004) é que: “[...] o estudo de colocações usuais com altas frequências em um *corpus* de textos pode revelar a preferência dos escritores por colocações específicas; e colocações usualmente repetidas nas obras deles poderiam ser consideradas parte dos idioletos das personagens” (HORI, 2004, p. 12).

Hori também está interessado em colocações inusitadas ou colocações criativas, as quais são examinadas dentro de oito categorias. Por exemplo, *glorious spider*, *aristocratic slowness* ou *wrathful sunset* (aranha gloriosa, lentidão aristocrática, pôr-do-sol irado) são exemplos de colocações metafóricas de acordo com suas categorias (HORI, 2004, p. 57). Outro tipo de colocações criativas são as colocações ‘oximorônicas’, como em *old infant* ou *comfortable wickedness* (infante velho ou perversidade confortável)⁶ (HORI, 2004, p. 77).

Apesar de Hori (2004, p. 26) destacar as vantagens de uma abordagem assistida por computador, ele enfatiza que sua abordagem é diferente da Estilística Estatística, como representada pelo trabalho de Hoover (2001). Hori (2004) atribui maior ênfase ao estudo qualitativo de colocações e faz uso de testes com informantes nativos para complementar a análise do *corpus*. Hori (2004) foca nas colocações de palavras de conteúdo como em combinações de adjetivos e substantivos. O autor exclui deliberadamente palavras funcionais e um grande número de outras palavras de seus dados (cf. HORI, 2004, p. 33), argumentando que essas palavras são muito frequentes e que “não apresentam traços distintivos entre textos específicos” (HORI, 2004, p.33).⁷ Frequência, contudo, não é uma questão tão simples. Nesse sentido, não empreenderei uma discussão aprofundada dos fatores envolvidos na análise de frequências, mas destacarei dois pontos aqui.

Primeiramente, a frequência é relativa e a comparação é um aspecto importante no trabalho com *corpus*. Muito útil para a comparação de frequências é a ferramenta *KeyWords* do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2004). A ferramenta *KeyWords* compara as frequências de palavras de um texto (ou de um grupo de textos) com as frequências de palavras em um grande *corpus* de referência. Isso torna possível a identificação de ‘palavras-chave’, ou seja, palavras que são mais frequentes (ou pouco frequentes) em um texto, quando comparadas ao *corpus* de referência. Há tipicamente três tipos de palavras-chave: substantivos próprios, palavras de conteúdo, que indicam a temática de um texto, e palavras funcionais. Scott (2004-2006, p. 116) aponta que palavras-chave funcionais podem indicar traços estilísticos. A importância de palavras funcionais para o estilo também é apontada no trabalho de Burrows (1987), que ilustra nuances estilísticas de palavras funcionais como *the* e *and* em Jane Austen. Essas questões sugerem que a exclusão deliberada de palavras funcionais de análises estilísticas resultará em análises parciais.

Em segundo lugar, as colocações descrevem como as palavras tendem a coocorrer com outras. Consequentemente, frequências de palavras individuais precisam ser analisadas em relação às palavras que coocorrem em seus contextos linguísticos. Mesmo que palavras funcionais sejam muito frequentes e possam coocorrer em uma variedade de textos, ainda podemos identificar tendências colocacionais e ver quão frequentemente as palavras compõem seus próprios padrões. Similarmente, quando descrevemos padrões

⁵ Para saber mais sobre trabalhos com base em *corpus* sobre Dickens, ver também as publicações de Tomoji Tabata, como Tabata (2002).

⁶ N.T.: As traduções das colocações criativas são traduções literais, feitas a título de ilustração, sem levar em consideração as traduções já existentes de Dickens para o português.

⁷ Para uma discussão mais detalhada de Hori (2004), ver Mahlberg (2007b).

colocacionais de palavras de conteúdo, haverá palavras funcionais em seus contextos que afetarão os seus padrões. Para verificar o modo como as palavras frequentes exercem um papel em colocações, é útil estender a noção de colocação para cobrir não só as coocorrências de duas palavras, mas também a coocorrência de palavras em sequência. As sequências ou agrupamentos lexicais, *out of the, as if he were, as if he had been* são os agrupamentos mais frequentes de três, quatro e cinco palavras no *corpus* de Dickens (o *corpus* será discutido com mais detalhes na seção seguinte). Cada uma dessas sequências é feita de palavras funcionais e cada uma das sequências pode ser analisada em relação a traços estilísticos. Em um pequeno capítulo sobre colocações e personagens em *Bleak House*, os exemplos de Hori (2004) incluem, ocasionalmente, sequências como *my dear friend, by my soul, Discipline must be maintained*, mas a natureza desses padrões merece receber mais atenção. A próxima seção tem como foco os agrupamentos lexicais. Sugere-se que agrupamentos lexicais sejam indicadores de funções textuais locais e, assim, de traços estilísticos.

4 AGRUPAMENTOS LEXICAIS COMO INDICADORES DE FUNÇÕES TEXTUAIS LOCAIS EM UM CORPUS DE DICKENS

Em Estilística Literária pressupõe-se que o efeito artístico de um texto é algo notável. Apreciação literária e análise linguística não são independentes. Na verdade, elas podem ser descritas como em movimento circular (cf. LEECH; SHORT, 1981, p. 13). Um conceito central em análise estilística é o de proeminência, que resulta no desvio de normas linguísticas, isto é, o efeito psicológico que o desvio linguístico exerce no leitor. Logo, parece razoável que Hori (2004) queira dar atenção especial ao uso incomum de colocações, colocações inusitadas de palavras de conteúdo parecem ser até mais surpreendentes do que colocações incomuns com palavras funcionais. Contudo, normas linguísticas e desvios dessas normas não podem ser necessariamente descritos em termos de contrastes aparentes, um ponto que é enfatizado por Carter (2004), que sugere uma graduação de literariedade. Mesmo que possamos notar um efeito especial em um texto, pode ser difícil descrever quais aspectos contribuem para a sua criação. A multifuncionalidade das palavras e a flexibilidade com a qual as palavras podem entrar em relações textuais com outras palavras possibilitam vários efeitos linguísticos. Além disso, normas linguísticas podem ser tão difíceis de serem identificadas quanto os desvios das normas. Os *corpora* podem revelar usos típicos e repetidos da língua que são tão comuns que não nos parecem importantes. Assim a Estilística de *Corpus* pode fazer uma contribuição importante para a investigação das relações entre padrões convencionais, idiossincráticos e criativos da língua em uso. A Estilística de *Corpus* também destaca que a intuição e processos automáticos deveriam trabalhar juntos e que as categorias descritivas, que são aplicadas à análise de estilo, deveriam ser flexíveis o suficiente para explicar significados em textos.

A definição de funções textuais locais é necessariamente flexível: funções textuais locais caracterizam (um grupo de) itens lexicais em relação às funções que ocupam em (um grupo de) textos (cf. MAHLBERG, 2005, 2007a). A definição é relacional e a quantidade de detalhes descritivos depende da escolha dos textos e/ou dos itens lexicais. A localidade pode ser de tipos diferentes. Em Mahlberg (2007a), foi analisado um *corpus* personalizado contendo artigos de jornais. Nesse trabalho, o foco é em funções textuais locais em um *corpus* de Dickens. O presente trabalho é parte de um projeto em andamento em Estilística de *Corpus* que lida com o estilo de Dickens. O *corpus* utilizado foi planejado para espelhar o *corpus* usado por Hori (2004) de modo a permitir a correferencialidade entre os estudos. O *corpus* cobre 23 textos e contém aproximadamente 4.5 milhões de palavras. No momento da escrita deste texto o *corpus* de Hori não estava publicamente disponível, então foram utilizados textos do Projeto Gutenberg. O fato de o Projeto Gutenberg não seguir padrões de preparação de textos eletrônicos pode gerar dúvidas quanto à qualidade dos textos, mas para estudos como este, esses problemas não são tão prejudiciais.⁸ Além dos textos de Dickens, foi utilizado um *corpus* de 29 romances de 18 autores do século XIX extraídos do Projeto Gutenberg. Esse *corpus* do século XIX contém aproximadamente 4.5 milhões de palavras, quase a mesma quantidade de palavras do *corpus* de Dickens. Apesar de a maioria dos textos no *corpus* de Dickens serem romances, nem todos os textos pertencem claramente a esse tipo de texto.

Como em Mahlberg (2007a), este trabalho parte de um pressuposto central de investigações em Linguística de *Corpus*: unidades de significado não são equivalentes a palavras individuais. O estudo de Mahlberg (2007a) começa a partir de *sustainable development*

⁸ Informações gerais sobre a criação dos textos do Project Gutenberg podem ser encontradas em www.gutenberg.org/howto/spd-howto. Para uma pesquisa de livros eletrônicos gratuitos ver Berglund *et al.* (2004).

para identificar conexões entre traços lexicais e textuais. Os exemplos no presente trabalho começam a partir de textos e objetivam identificar funções textuais locais como traços estilísticos de textos em um *corpus* de Dickens, particularmente em um romance de Dickens, *Bleak House*. Para identificar funções textuais locais, a afirmação de Leech e Short (1981, p. 74) sobre ‘qualidades individuais’ de cada texto é crucial (ver seção 2). Leech e Short (1981, p. 74) enfatizam que ‘não há nenhuma técnica infalível para selecionar o que é significativo. Temos de estar conscientes do efeito artístico total para cada texto e dos detalhes linguísticos que encaixam nesse todo’.

De uma perspectiva calcada na Estilística de *Corpus*, agrupamentos lexicais podem ser tomados como indicadores de significados e funções textuais. ‘Agrupamentos lexicais’ são sequências repetidas de palavras. Outros termos que têm sido usados são, por exemplo, ‘n-gramas’ ou ‘feixes lexicais’ (e.g. BIBER, et al, 1999). A hipótese é que as ocorrências de agrupamentos lexicais refletem a relevância funcional dessas sequências em textos. Argumentos relacionados podem ser encontrados, por exemplo, em Conrad e Biber (2005) para a interpretação de funções discursivas de feixes lexicais, em Mahlberg (2005) em relação às funções textuais de substantivos de alta frequência, e em Stubbs (2007). Contudo, unidades de significado não são equivalentes a sequências fixas. Padrões de palavras apresentam vários graus de flexibilidade. É essa flexibilidade que torna possível que padrões de palavras estejam ligados a outros padrões para formar textos coesos⁹. Agrupamentos lexicais são apenas um passo inicial, na direção de encontrar significados em textos e de identificar funções textuais locais.

O ponto de vista local deste artigo concebe um texto em relação a outros textos similares. O fato de que o conceito de funções textuais locais seja ‘relacional’ significa que a análise de agrupamentos lexicais em *Bleak House* pode ser mais detalhada, se relacionada a observações em outros trabalhos de Dickens, além de mais dados do século XIX. O ponto de vista local também afeta o tipo de agrupamento lexical, isto é, o comprimento de sequências repetidas que é considerado. Quando olhamos para os agrupamentos de três palavras no *corpus* de Dickens, os agrupamentos mais frequentes são os seguintes (com as frequências dadas entre parênteses¹⁰): *out of the* (1210), *as if he* (1158), *there was a* (1091), *it was a* (1050), *one of the* (1008), *I don't know* (1001), *that he was* (959), *the old man* (941), *that it was* (853), *that he had* (809). Conforme o comprimento dos agrupamentos aumenta, as frequências diminuem: os agrupamentos de cinco palavras mais frequentes são *as if he had been* (90) e *his hands in his pockets* (90). Adicionalmente, o comprimento de agrupamentos relaciona-se com as suas distribuições nos textos. Enquanto dos 25 agrupamentos de três palavras mais frequentes, por exemplo, 20 agrupamentos ocorrem em todos os 23 textos, nenhum dos 25 agrupamentos de cinco palavras mais frequentes ocorre em todos os textos, mas no máximo em 20 textos. A literatura sobre análise de agrupamentos lexicais e suas distribuições em diferentes textos sugere que um comprimento de agrupamento útil é geralmente de três a cinco ou seis palavras, (o limite do *WordSmith* até a escrita deste texto é de oito palavras¹¹). Quando olhamos para os agrupamentos lexicais em Dickens, contudo, também é útil levar em conta agrupamentos maiores.

5 AGRUPAMENTOS LEXICAIS LONGOS

A Tabela 1 contém os primeiros 25 de 51 agrupamentos lexicais de oito palavras no *corpus* de Dickens, que ocorrem um mínimo de cinco vezes. Com agrupamentos de oito palavras, a conexão de agrupamentos maiores a textos específicos se torna claramente visível.

⁹ Para um exemplo da abordagem da Linguística de *Corpus* na análise de traços coesivos em um único texto ver Mahlberg (2006).

¹⁰ Quando frequências são dadas é importante notar que no decorrer de mais pesquisas erros de digitação ou outras questões textuais de textos individuais do Projeto Gutenberg podem ser descobertas. Alguns desses achados podem ter impacto na precisão da informação quantitativa apresentada aqui, por exemplo, se erros de digitação evitaram que uma repetição fosse contada. Erros de digitação e outras questões relacionadas à qualidade dos textos podem ocorrer em todos os *corpora*, mas os efeitos serão mais sérios em *corpora* pequenos. Contudo, para as conclusões traçadas no presente artigo, o impacto de potenciais ajustes quantitativos não é tão prejudicial.

¹¹ *WordSmith* está em desenvolvimento contínuo e à época de impressão deste trabalho o limite para o tamanho de agrupamentos lexicais já havia subido para 12 palavras.

		Freq.	Textos
1	WITH THE AIR OF A MAN WHO HAD	15	9
2	NOT TO PUT TOO FINE A POINT UPON	14	1
3	TO PUT TOO FINE A PONT UPON IT	14	1
4	WITH HIS HANDS IN HIS POCKETS AND HIS	11	7
5	THE YOUNG MAN OF THE NAME OF GUPPY	10	1
6	WHAT HAVE YOU GOT TO SAY TO ME	9	5
7	THE WAITER WHO OUGHT TO WAIT UPON US	8	1
8	WHAT SHALL I DO WHAT SHALL I DO	7	4
9	HIM REMEMBER IT IN THAT ROOM YEARS TO	7	1
10	LET HIM REMEMBER IT THAT ROOM YEARS	7	1
11	REMEMBER IT IN THAT ROOM YEARS TO COME	7	1
12	MONOTONY OF BELLS AND WHEELS AND HORSES FEET	7	1
13	IT WAS AS MUCH AS I COULD DO	6	4
14	THE UNITED KINGDOM OF GREAT BRITAIN AND IRELAND	6	3
15	HE HAD HAD SOMETHING THE MATTER WITH HIS	6	2
16	HOT MUFFIN AND CRUMPET BAKING AND PUNCTUAL DELIVERY	6	1
17	IMPROVED HOT MUFFIN AND CRUMPET BAKING AND PUNCTUAL	6	1
18	METROPOLITAN IMPROVED HOT MUFFIN AND CRUMPET BAKING AND	6	1
19	MUFFIN AND CRUMPET BAKING AND PUNCTUAL DELIVERY COMPANY	6	1
20	UNITED METROPOLITAN IMPROVED HOT MUFFIN AND CRUMPET BAKING	6	1
21	OF ALL THE KING'S KNIGHTS TIS THE FLOWER	6	1
22	THE ANGLO-BENGALEE DISINTERESTED LOAN AND LIFE ASSURANCE COMPANY	6	1
23	VILLAGE OF DOTHEBOYS NEAR GRETA BRIDGE IN YORKSHIRE	6	1
24	I'M A DEVIL I'M A DEVIL I'M A	6	1
25	A DEVIL I'M A DEVIL I'M A DEVIL	5	1

Tabela 1: Os primeiros 25 de 51 agrupamentos lexicais de oito palavras em Dickens que ocorrem cinco vezes ou mais**Fonte:** a autoria

Por exemplo, o agrupamento *not to put too fine a point upon* ocorre 14 vezes em um romance, *Bleak House*, e está associado à personagem Mr Snagsby. O agrupamento *not to put too fine a point upon* e *to put too fine a point upon it* estão relacionados: há um agrupamento de nove palavras *not to put too fine a point upon it*, que ocorre 14 vezes em *Bleak House*. Uma linha de concordância de *too fine a point* também apontará a variação do agrupamento: *not to put too fine a point on it*, onde *on* aparece em vez de *upon*. Esse agrupamento ocorre apenas uma vez. Todas as 15 ocorrências, contudo, estão associadas ao Mr Snagsby. Em 14 casos é Mr Snagsby quem usa o sintagma, como no exemplo abaixo:

‘About a year and a half ago,’ says Mr. Snagsby, strengthened, ‘he came into our place one morning after breakfast, and finding my little woman (which I name Mrs. Snagsby when I use that appellation) in our shop, produced a specimen of his handwriting and gave her to understand that he was in want of copying work to do and was, *not to put too fine a point upon it*,’ a favourite apology for plain speaking with Mr. Snagsby, which he always offers with a sort of argumentative frankness, ‘hard up! My little woman is not in general partial to strangers, particular - *not to put too fine a point upon it*- when they want anything. But she... (*Bleak House*, Chapter 11)

O sintagma é repetido dentro de um curto espaço e o narrador até chama a atenção para ele, ao descrevê-lo como ‘a desculpa favorita para falar claramente com Mr Snagsby’ (*a favourite apology for plain speaking with Mr Snagsby*). O fato de esse sintagma ser característico de Mr Snagsby é também destacado quando o narrador, momentos depois no mesmo capítulo, alude ao hábito de Snagsby novamente:

It is anything but a night of rest at Mr. Snagsby's, in Cook's Court, where Guster murders sleep by going, as Mr. Snagsby himself allows – *not to put too fine a point upon it* – out of one fit into twenty. (*Bleak House*, Chapter 11).

Os números 16 e 20 na Tabela 1 também ilustram um agrupamento ‘maior’. Em *Nicholas Nickleby* encontramos o agrupamento de 12 palavras *United Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Company* seis vezes, e cinco dessas ocorrências são agrupamentos de 13 palavras com o artigo definido como a primeira palavra. Na sequência há um exemplo sem o artigo definido:

‘Pretty well!’ echoed Mr Bonney. ‘It’s the finest idea that was ever started. “*United Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Company*. Capital, five millions, in five hundred thousand shares of ten pounds each.” Why the very name will get the shares up to a premium in ten days.’ (*Nicholas Nickleby*, Chapter 2).

Parece que não só Mr Bonney sabe o valor de um nome comercial, mas Dickens também estava consciente do potencial de nomes ou das funções de etiquetas, como o sintagma favorito do Mr Snagsby, que estão associadas às personagens. Hori (2004) poderia ser criticado por dizer o óbvio quando investiga colocações incomuns, a investigação de agrupamentos ‘longos’ também está sujeita a críticas similares. Quando identificamos tais sintagmas a questão é: precisamos de um computador para isso? Um sintagma como o da expressão favorita de Mr Snagsby é proeminente e tais sintagmas têm sido objetos de análises críticas. A relação entre repetição e relevância funcional é descrita, por exemplo, por Brook (1970): “Dickens nunca teve medo de fazer uso excessivo de um modo de escrever que o atraía. [...] Um sintagma, seja descritivo, seja conversacional, uma vez associado a uma personagem específica, é repetido em intervalos ao longo de um romance, sempre que aquela personagem é introduzida” (BROOK, 1970, p. 36).

Sintagmas repetidos também são vistos em relação ao humor e ao efeito cumulativo da risada; eles criam um efeito bola de neve ou causam uma sensação de antecipação que desenvolve com a entrada de uma personagem específica:

Nossa memória constrói associações que podem agir reflexivamente e nos fazer rir sem aparente causa local. Dickens apela para essa risada reflexiva mais obviamente em seu uso de etiquetas que acompanham várias personagens (KINCAID, 1971, p. 16).

O fato de que métodos da Linguística de *Corpus* chamam a atenção para descobertas similares, como as identificadas por críticos literários, não é um problema. Stubbs (2005) aponta que: “Mesmo se a quantificação apenas confirma o que já sabemos, isso não é

algo ruim. De fato, ao desenvolver um novo método, é talvez melhor não encontrar nada muito novo, mas confirmar achados de muitos anos de estudo tradicional, já que isso dá confiança de que o método é confiável" (STUBBS, 2005, p. 6).

O ponto importante é que observações da Linguística de *Corpus* não começam com tantas restrições determinadas por pressupostos anteriores, de modo que a Estilística de *Corpus* pode contar com o potencial da Linguística de *Corpus* e da Estilística Literária de se complementarem mutuamente.

6 GRUPOS FUNCIONAIS DE AGRUPAMENTOS LEXICAIS DE CINCO PALAVRAS

Na comparação de textos, agrupamentos longos tendem a apontar mais claramente para textos individuais, enquanto agrupamentos curtos podem revelar tendências funcionais mais gerais encontradas ao longo de textos. Essas tendências podem então formar a base para um estudo detalhado de um único texto. O estudo de *Bleak House* na seção seguinte desenvolve cinco grupos funcionais de agrupamentos que parecem ser particularmente relevantes para o estilo de Dickens:

1. rótulos
2. agrupamentos com *falas* projetadas ou orações projetantes de *falas*
3. agrupamentos com *partes do corpo humano*
4. agrupamentos com *as if* (*como se*)
5. agrupamentos com referência a *tempo e lugar*

Esses grupos de agrupamentos foram identificados por meio da comparação de agrupamentos de cinco palavras no *corpus* de Dickens com agrupamentos de cinco palavras no *corpus* do século XIX (ver seção 4). Com a ajuda do *WordSmith*, Mahlberg (no prelo) identificou 66 agrupamentos-chave positivos e os classificou em grupos funcionais. A maioria dos agrupamentos-chave recobrem os primeiros quatro grupos acima. Apesar de haver agrupamentos de tempo e lugar encontrados entre os agrupamentos-chave, o grupo 5 explica principalmente o fato de que agrupamentos de tempo e lugar são frequentes tanto em Dickens quanto no *corpus* do século XIX. Mahlberg (no prelo) fornece detalhes de como esses grupos foram identificados. No presente artigo, as cinco categorias de agrupamentos são aplicadas ao estudo de *Bleak House*. A seguir apresento uma breve caracterização de cada grupo funcional.

O primeiro grupo, ‘rótulos’, inclui agrupamentos como *Mr Pickwick and his friends*, *the Lady of the caravan*, ou *man with the wooden leg*. Rótulos contêm um nome de uma pessoa (ou lugar), ou uma expressão nominal usada para se referir a uma pessoa, por exemplo, *one of the young ladies*. Um agrupamento também pode contar como um rótulo se for específico a um texto apenas, como o sintagma do Mr Snagsby discutido na seção 4. Partes desse sintagma são encontradas em agrupamentos de cinco palavras como *not to put too fine* ou *put too fine a point* (cf. também seção 7). Os agrupamentos de fala no grupo 2 contêm um pronome pessoal ou possessivo de primeira ou segunda pessoa que são interpretados como sinais de interação. Exemplos são *do me the favour to*, *all I can say is*. Além dos pronomes, sinais de interação que caracterizam agrupamentos de fala são formas imperativas e de tratamento. Se um agrupamento contém traços tanto de rótulos quanto de fala, o rótulo prevalece sobre a categoria de fala. Agrupamentos no grupo partes do corpo (grupo 3) contêm pelo menos um substantivo referente à parte do corpo humano, como em *with his hand to his*. Nesse grupo a presença de um substantivo de parte do corpo prevalece sobre os critérios de agrupamento de fala. O grupo 4 contém agrupamentos começando com *as if*, por exemplo, *as if he would have*. O último grupo, agrupamentos de tempo e lugar, inclui agrupamentos como *a quarter of an hour*, *at the bottom of the*, *the other side of the*, ou *up and down the room*. Uma preposição como essa não reflete necessariamente uma função adverbial, mas ela também pode introduzir uma pós-modificação como no caso de *of* em *the other side of the*. Essa classificação, contudo, não explora detalhes gramaticais.

Os critérios descritos aqui são amplos e as razões para que se classifiquem casos limítrofes em um grupo ou outro são apenas pontos de partida. As categorias fornecem um estágio inicial para a classificação de agrupamentos nos 23 textos do *corpus* de Dickens. O ponto chave é que os cinco grupos funcionais parecem ser capazes de explicar a maioria dos agrupamentos nos textos do *corpus* de Dickens e elas fornecem uma base útil para estudos mais detalhados. Nesse estágio inicial, os grupos caracterizam funções amplas: nomear e fazer referência a personagens (rótulos), interação entre personagens (falas), descrição de aparências e movimentos das

personagens (partes do corpo), criação de um mundo textual por comparação (*as if*, como se) e referências ao tempo e lugar (tempo e lugar). Com base nesses grupos podemos investigar, pelo menos, dois tipos de questões. Por um lado, podemos tomar textos individuais e olhar os grupos em mais detalhes, para identificar funções textuais dos agrupamentos que são ‘locais’ de um texto específico. Por outro lado, podemos comparar agrupamentos em Dickens com outras obras de ficção, para explorar diferenças funcionais e distribucionais. Desse modo, os cinco grupos funcionais são um ponto de partida para inspecionar os diversos graus de localidade. O restante do presente artigo se concentra em uma visão local de um único romance, *Bleak House*.

7 ANALISANDO AGRUPAMENTOS LEXICAIS DE CINCO PALAVRAS EM *BLEAK HOUSE*

Bleak House é um romance muito complexo, com duas linhas principais de enredo: o processo conduzido pelo Tribunal Chancery, chamado *Jarndyce and Jarndyce*, que tem se arrastado por anos a fio e cuja propriedade é eventualmente devorada pelos custos; e a história sobre o mistério do parentesco de Esther Summerson. A narração é dividida entre dois narradores, um narrador de terceira pessoa e Esther, com ligações complicadas entre as duas narrações. Ada e Richard estão sob custódia do tribunal e eles vivem juntos com Esther em *Bleak House*, casa de John Jarndyce, que é descendente do peticionário no caso *Jarndyce*. Várias personagens estão envolvidas em aspectos do caso do tribunal e com o passado misterioso de Esther. Descobre-se que Lady Dedlock, que agora é casada com Sir Leicester, é mãe de Esther. O segredo de Lady Dedlock é investigado pelo advogado dela, Mr Tulkinghorn e Inspetor Bucket. Ao mesmo tempo, Mr Guppy, um assistente judicial, que quer se casar com Esther, descobre uma conexão entre Esther e Lady Dedlock. Além da rede complexa de personagens que tem sido extensivamente discutida por críticos, o romance é famoso pelo retrato que produz de questões problemáticas da época.

Começarei com um panorama dos grupos funcionais delineados na seção 6. *Bleak House* contém aproximadamente 350 mil palavras e o *WordSmith* retorna 97 formas de agrupamentos que ocorrem pelo menos cinco vezes no romance. O ponto de corte de cinco foi configurado para a obtenção de uma amostra mais gerenciável. A Tabela 2 mostra como os 97 agrupamentos estão distribuídos pelos cinco grupos funcionais. O grupo ‘Outros’ inclui aqueles exemplos que não se encaixam facilmente em nenhum dos cinco grupos. A Tabela 4, no Apêndice, lista todos os agrupamentos juntamente com as categorias a eles atribuídas.

Rótulos (R)	Fala (F)	Partes do corpo (PC)	Como se (CS)	Tempo e lugar (TL)	Outros (O)
59	17	3	2	10	6

Tabela 2: Distribuição de tipos de agrupamentos lexicais

Fonte: a autoria

O panorama inicial apresentado na Tabela 2 segue critérios descritos na seção 6, mas há também outras questões a serem consideradas, devido ao ponto de vista local. Quando o *corpus* Dickens é comparado ao *corpus* do século XIX, os cinco grupos acima foram primeiramente identificados com base nos traços de superfície dos agrupamentos e em suas distribuições ao longo dos textos (a distribuição teve importância quando um agrupamento foi classificado como rótulo, porque ocorria apenas em um romance). Com foco em um romance, a classificação incorpora mais detalhes baseados em uma análise de concordâncias dos agrupamentos. Rótulos perfazem o maior grupo de agrupamentos. Rótulos que contêm nomes são, por exemplo, *of the name Guppy, old girl says Mr Bagnet*, ou *Sir Leicester Dedlock Baronet and*. Também contados como rótulos são os agrupamentos como *never own to it before*, quando eles estão associados a uma pessoa específica. O agrupamento de cinco palavras *never own to it before* é em cinco dos seis casos parte de um agrupamento *But I never own to it before her. Discipline must be maintained*. Em um dos casos encontramos *the old girl* ao invés de *her* no agrupamento: *But I never own to it before the old girl. Discipline must be maintained*. Todas essas ocorrências caracterizam a relação de Mr Bagnet com a esposa dele.

Com foco em um romance, agrupamentos que seriam contados como agrupamentos de fala ou de parte do corpo em uma visão mais geral, podem ser classificados como rótulos. Por exemplo, *when we came to the* é na superfície um agrupamento de fala pelo critério de que o agrupamento tem de conter pronomes de primeira ou segunda pessoa, mas em *Bleak House* é um rótulo, já que está associado ao *Mr Snagby*, *when we came to the* não está restrito a *Bleak House* apenas, mas também pode ser encontrado uma vez em *Great Expectations*, que tem um narrador de primeira pessoa também. Outro exemplo é *I ask your pardon sir*, que poderia ser

classificado como um agrupamento de fala por razões do uso do pronome *I* e do fato de que o agrupamento não está restrito a *Bleak House*. Ele ocorre em outros três textos também. Em *Bleak House*, contudo, todas as seis ocorrências pertencem ao Mr George, que usa o sintagma. Entre os agrupamentos que aparecem na superfície como agrupamentos de partes do corpo também foram encontrados dois rótulos: *his head against the wall* e *with his head against the*. Ambos ocorrem em outros textos além de *Bleak House*: o primeiro agrupamento ocorre em outros quatro textos, o segundo agrupamento em outros três textos, nos quais o segundo agrupamento não é seguido de *wall*, mas também uma vez de *parlour wall* e uma vez por *bars*. Os agrupamentos são, contudo, mais frequentes em *Bleak House*, e em cada caso referem-se ao Mr Jellyby, como no exemplo seguinte:

Poor Mr. Jellyby, who very seldom spoke and almost always sat when he was at home *with his head against the wall*, became interested when... (*Bleak House*, Chapter 30)

Os exemplos mostram que a categoria dos rótulos não contém apenas expressões com nomes, mas também contém agrupamentos que contribuem para a criação de personagens. Assim, o grande número de rótulos comparado com os outros grupos de agrupamentos não é surpreendente. A discussão seguinte, portanto, tem os rótulos como foco.

Rótulos como os de Mr Snagsby, Mr Bagnet e Mr Jellyby são proeminentes e não escapam à atenção do leitor. Esses sintagmas não são apenas repetidos, mas também é possível que a narração atraia a atenção para eles explicitamente, por exemplo, quando Esther comenta o hábito de Jellyby:

Her father released her, took out his pocket handkerchief, and sat down on the stairs *with his head against the wall*. I hope he found some consolation in walls. I almost think he did. (*Bleak House*, Chapter 30).

Tais expressões características têm sido discutidas por críticos literários, e a questão agora é quais intravissões podemos ganhar a partir da abordagem da Linguística de *Corpus*. Um ponto é que o computador pode nos ajudar a rastrear as expressões no romance, para analisá-las em mais detalhes. Adicionalmente, a análise de agrupamentos lexicais destaca diferentes modos de se caracterizar personagens e as relações entre eles. Snagsby, Bagnet e Jellyby aparecem como mais cômicos ou até mesmo personagens unidimensionais, e essa caracterização coaduna com rótulos mais surpreendentes. Agrupamentos associados a Chadband ilustram que um rótulo não tem necessariamente que ser longo para ser proeminente, mas ele pode também atrair a atenção quando é repetido em uma sequência curta, como é o caso do agrupamento *right that I should be*: todas as cinco ocorrências pertencem ao capítulo 19, quatro das quais aparecem no exemplo seguinte do sermão hipócrita de Chadband:

‘My friends,’ says Mr. Chadband with his persecuted chin folding itself into its fat smile again as he looks round, ‘it is *right that I should be humbled*, it is *right that I should be tried*, it is *right that I should be mortified*, it is *right that I should be corrected*. I stumbled, on Sabbath last, when I thought with pride of my three hours’ improving. The account is now favourably balanced: my creditor has accepted a composition. O let us be joyful, joyful! O let us be joyful! (*Bleak House*, Chapter 19).

Aspectos importantes da caracterização são as relações entre personagens. Um exemplo famoso é novamente Mr Bagnet e a esposa dele (cf. BUDD, 1994), mas há também outras relações. Os agrupamentos *my friend in the city* e *your friend in the city* são usados por Grandfather Smallweed e Mr George respectivamente quando eles conversam sobre o amigo de Samallweed. A ligação de Mr Guppy com Lady Dedlock é refletida pelo agrupamento *your ladyship says Mr Guppy*. Essa ligação se torna até mais proeminente quando levamos em conta as ocorrências de *your ladyship* também. O agrupamento de duas palavras *your ladyship* ocorre 77 vezes no total de três capítulos (capítulos 29, 33, 55); em todos os casos é usado por Guppy conversando com Lady Dedlock.

Outra conexão entre personagens é visível por meio do agrupamento *Sir Leicester Dedlock Baronet I*, que é usado por Bucket, quando ele conversa com Sir Leicester. Esse agrupamento ilustra que Bucket gosta de enfatizar o título *Baronet*. O agrupamento pode ser visto em relação a outro agrupamento: *Inspector Bucket of the Detective*, mostrando a ênfase que Bucket dá ao seu próprio título também. Das cinco ocorrências desse agrupamento, quatro fazem parte da fala de Bucket, quando ele se apresenta ou se refere a si

mesmo. Um dos agrupamentos mostra como o narrador faz uso da abordagem consciente de Bucket em relação a títulos, quando o capítulo 55 começa com a seguinte frase:

Inspector Bucket of the Detective has not yet struck his great blow, as just now chronicled, but is yet refreshing himself with sleep preparatory to his field-day, when through the night and along the freezing wintry roads a chaise and pair comes out of Lincolnshire, making its way towards London. (Bleak House, Chapter 55)

Os agrupamentos *your ladyship says Mr Guppy e Sir Leicester Dedlock Baronet I* mostram que alguns agrupamentos contendo nomes são não só um rótulo por causa do nome incluído, mas também por causa da pessoa que usa o agrupamento. Outro exemplo é o modo como Bucket se define por meio de sua relação com Sir Leicester. Bucket usa o agrupamento *by Sir Leicester Dedlock Baronet* quando alude ao fato de que ele tem relações de negócios com Sir Leicester. A seguir estão cinco exemplos desse agrupamento, todos em falas de Bucket:

[...] I tell you plainly there's a reward out, of a hundred guineas, offered by Sir Leicester Dedlock, Baronet. You and me have always been pleasant together; but I have got a duty to discharge; and if that hundred guineas is to be made, it may as well be made by me as any other man [...] (Bleak House, Chapter 49)

That is, I am deputed by Sir Leicester Dedlock, Baronet, to consider (without admitting or promising anything) this bit of business,' says Mr. Bucket... (Bleak House, Chapter 54)

'Very good,' says Mr. Bucket. 'Now I understand you, you know, and being deputed by Sir Leicester Dedlock, Baronet, to look into this little matter [...] (Bleak House, Chapter 54)

Now, Mr. Jarndyce, I am employed by Sir Leicester Dedlock, Baronet, to follow her and find her, to save her and take her his forgiveness. (Bleak House, Chapter 56)

'Then you keep up as good a heart as you can, and you rely upon me for standing by you, no less than by Sir Leicester Dedlock, Baronet. Now, are you right there?' (Bleak House, Chapter 57)

Os exemplos também mostram como os agrupamentos podem ser pontos de referência fixa para padrões mais flexíveis. Bucket não repete exatamente as mesmas palavras, mas usa *I am deputed* ou *being deputed*, mas também *I am employed*, ou outras paráfrases (no primeiro e último dos exemplos) para se referir a sua relação com Sir Leicester.

A flexibilidade do modo como os agrupamentos se adequam ao contexto também pode explicar a distribuição dos agrupamentos ao longo da fala de diferentes personagens. Exemplos são os agrupamentos *as well as anything else*, e *do as well as anything*, que são associados a Richard. Cinco das seis ocorrências de *as well as anything else* ocorre no capítulo 17, que contém todas as cinco instâncias de *do as well as anything else*. O excerto seguinte mostra como o sintagma é introduzido.

'Well enough?' I repeated.

'Yes,' said Richard, 'well enough. It's rather jog-trotty and humdrum. But it'll *do as well as anything else!*'

'Oh! My dear Richard!' I remonstrated.

'What's the matter?' said Richard.

'*Do as well as anything else!*'

'I don't think there's any harm in that, Dame Durden,' said Ada, looking so confidingly at me across him; 'because if it will *do as well as anything else*, it will do very well, I hope.' (Bleak House, Chapter 17)

Richard é o primeiro a usar o sintagma, que é então usado por Esther e, por último, Ada. Dessa forma, a atitude indiferente e displicente de Richard é enfatizada. Apesar de o agrupamento não ser restrito à fala de Richard, ele ainda o caracteriza nessa situação

e as outras três ocorrências de *as well as anything else* são ditas por Richard, duas no capítulo 17, novamente, e uma no capítulo 37. O agrupamento reflete o problema constante de Richard para encontrar a profissão certa para ele.

Os exemplos do sintagma de Mr Snagsby e *Inspector Bucket of the Detective*, discutidos anteriormente, são exemplos que ilustram como o narrador pode adicionar um ponto de vista diferente, comentando as personagens implicitamente. Por meio do narrador, o uso de rótulos para indicar conexões entre personagens pode se tornar complexo, o que é de relevância singular para a conexão entre Guppy, Lady Dedlock e Tulkinghorn. Um agrupamento que pertence a Guppy é *of the name of Gyppy* que ocorre 13 vezes em quatro capítulos: nove vezes no capítulo 29, duas vezes no 33, uma vez no 48 e uma no 55. Os capítulos 29, 33 e 55 são os mesmos que aqueles em que 77 instâncias de *your ladyship* ocorrem e que estão relacionados com as conversas entre Guppy e Lady Dedlock. A instância de *of the name of Guppy* que aparece no capítulo 48 lembra o leitor de conversas anteriores entre Guppy e Lady Dedlock:

My Lady sits in the room in which she gave audience to the young man *of the name of Guppy*. Rosa is with her and has been writing for her and reading to her. (*Bleak House*, Chapter 48)

Quando o agrupamento *of the name of Guppy* aparece pela primeira vez no capítulo 29, é usado por Mercury, um criado de Lady Dedlock, para anunciar a visita de Guppy. O agrupamento lexical está relacionado com os outros agrupamentos *man of the name of*, *young man of the name*, *the young man of the*, mas em cada caso as palavras não são exatamente repetidas. Pode haver um artigo definido ou indefinido, ou é possível que nem todas as palavras apareçam em sequência. O excerto seguinte ilustra cinco exemplos que contêm o agrupamento *of the name of Guppy*. Na apresentação de Mercury (1) *The young man, my lady, of the name of Guppy*, a sequência é interrompida por *my lady*. Na frase seguinte, o sintagma (2) *The young man of the name of Guppy* é usado por Sir Leicester, antes que o narrador também faça uso dele (3). Nesse ponto, o sintagma é percebido como a adição de um detalhe desnecessário e, então, adquire proeminência, que é sequenciada quando Sir Leicester fala novamente (4) e quando o narrador descreve como Mercury olha para (5) *the young man of the name of Guppy*.

Sir Leicester is reading with infinite gravity and state when the door opens, and the Mercury in powder makes this strange announcement, '(1) *The young man, my Lady, of the name of Guppy*'.

Sir Leicester pauses, stares, repeats in a killing voice, '(2) *The young man of the name of Guppy*?'

Looking round, he beholds (3) *the young man of the name of Guppy*, much discomfited and not presenting a very impressive letter of introduction in his manner and appearance.

'Pray,' says Sir Leicester to Mercury, 'what do you mean by announcing with this abruptness (4) *a young man of the name of Guppy*?'

'I beg your pardon, Sir Leicester, but my Lady said she would see the young man whenever he called. I was not aware that you were here, Sir Leicester.'

With this apology, Mercury directs a scornful and indignant look at (5) *the young man of the name of Guppy* which plainly says, 'What do you come calling here for and getting ME into a row?' (*Bleak House*, Chapter 29)

Ao apresentar Guppy desse modo, um elemento cômico é introduzido, mas também são introduzidas opções que podem ser exploradas no desenvolvimento da conversa. Guppy fala mais do que Lady Dedlock, que parece mais misteriosa com respostas curtas, ou as respostas dela são apresentadas de modo indireto, como no exemplo seguinte:

'[...] Consequently, I rely upon your ladyship's honour.'

My Lady, with a disdainful gesture of the hand that holds the screen, assures him of his being worth no complaint from her.

'Thank your ladyship,' says Mr. Guppy; (*Bleak House*, Chapter 29)

Quando o narrador então indica como Lady Dedlock sofre para manter o seu autocontrole, o agrupamento lexical destaca a relação especial entre Lady Dedlock e Guppy. O narrador compartilha o ponto de vista de Lady Dedlock, cujo tempo é desperdiçado pela intrusão de Guppy, e seu comportamento inapropriado parece ser refletido na desnecessária longa forma de tratamento:

Young man of the name of Guppy! There have been times, when ladies lived in strongholds and had unscrupulous attendants within call, when that poor life of yours would NOT have been worth a minute's purchase, with those beautiful eyes looking at you as they look at this moment. (*Bleak House*, Chapter 29)

No capítulo 33, quando Guppy chega à casa de Lady Dedlock, o leitor é lembrado da relação entre Lady Dedlock e Guppy:

[...] *the young man of the name of Guppy* presents himself at the town mansion at about seven o'clock in the evening and requests to see her ladyship. (*Bleak House*, Chapter 33)

Quando Guppy sai novamente, um paralelo entre Tulkinghorn é traçado. O que ambos os homens têm em comum é que eles estão investigando o segredo Lady Dedlock e a conexão entre eles é enfatizada com a ajuda do agrupamento *the young man of the name of Guppy*, que é contrastado com *an old man of the name of Tulkinghorn*:

And she rings for Mercury to show *the young man of the name of Guppy* out.

But in that house, in that same moment, there happens to be *an old man of the name of Tulkinghorn*. And *that old man*, coming with his quiet footstep to the library, has his hand at that moment on the handle of the door – comes in – and comes face to face with *the young man* as he is leaving the room. (*Bleak House*, Chapter 33)

Os exemplos de agrupamentos e caracterização que vimos até agora ilustram que a representação de personagens pode ter graus diferentes de complexidade. É importante notar que os agrupamentos lexicais são apenas indicadores de questões de análise mais detalhadas; agrupamentos lexicais isoladamente fornecem uma visão incompleta. Os padrões dos quais fazem parte podem ser muito flexíveis e podem fundir-se com seus contextos linguísticos de várias formas. Assim, está claro que a classificação na Tabela 2 é, de alguma forma, atribuída a decisões práticas que objetivam encontrar critérios sistemáticos. Não se trata de uma indicação de fronteiras claras entre funções de agrupamentos lexicais. Com base nos exemplos examinados, os critérios de classificação podem agora ser mais claramente observados. O grupo maior, rótulos, contém basicamente três tipos de rótulos. Há agrupamentos que contêm nomes ou expressões usadas para se referir a pessoas. Esses agrupamentos que são definidos por critérios de superfície podem funcionar como representação de dois modos: o agrupamento é sempre usado para caracterizar a mesma pessoa ou situação, ou o agrupamento pode ser usado para caracterização, mas ao mesmo tempo ocorrer em outros usos. Por exemplo, *now Sir Leicester Dedlock Baronet* sempre ocorre com Bucket, enquanto *Sir Leicester Dedlock Baronet and* é usado de forma típica por Bucket, mas também encontrado na fala de Boythorn, por exemplo. Finalmente, há rótulos que não contêm um nome, mas as expressões são típicas de apenas uma personagem, como no caso de *not to put too fine* ou *his head against the wall*. Esses critérios geram a seguinte lista de personagens (Tabela 3), que estão associadas a um rótulo, ao qual cada ocorrência adiciona um aspecto de caracterização ou especifica a relação com outras personagens. Onde os nomes são usados em diferentes situações e não claramente como caracterização, por exemplo, *Mr Jarndyce of Bleak House*, os agrupamentos não são incluídos na lista. Rótulos que se referem a lugares e coisas, por exemplo, *the rag and bottle shop*, também não são incluídos na lista.

A tabela mostra que uma análise de agrupamentos de cinco palavras em *Bleak House* fornece informações sobre 16 personagens no romance. Além dos rótulos na Tabela 3, encontramos características mais sutis, quando olhamos para o grupo de agrupamentos de projeções de fala. Um caso específico é a caracterização de Esther. Na Tabela 3, Esther tem dois rótulos: *I thought it best to* e *when we came to the*. Apesar de eles caracterizarem apenas Esther, é mais sutil como eles podem ser completados de várias formas e não fazem parte de agrupamentos maiores fixos. Na superfície, esses rótulos parecem agrupamentos de projeções de falas. Encontramos mais traços sutis de Esther com os agrupamentos *I don't know what I*, e *I don't know how it*; em ambos os casos duas das cinco ocorrências aparecem na fala de Esther. Essa observação encaixa com o retrato que é criado de Esther, como alguém que é muito atenciosa e tenta fazer o seu melhor, mas pode nem sempre ser muito confiante. Nesse sentido, *I don't know what I* e *I don't know how it*¹² são similares ao rótulo *I thought it best to*.

¹² O modo como agrupamentos lexicais são gerados não leva pontuação em consideração, e um dos exemplos de *I don't know how it* contém uma vírgula: *I don't know how, it*.

Personagem	Agrupamentos associados às personagens
Mr Snagsby	NOT TO PUT TOO FINE
	PUT TOO FINE A POINT
	TO PUT TOO FINE A
	FINE A POINT UPON IT
	TOO FINE A POINT UPON
Mr Guppy	MAN OF THE NAME OF
	OF THE NAME OF GUPPY
	YOUNG MAN OF THE NAME
	THE YOUNG MAN OF THE
	CIRCUMSTANCES OVER WHICH I HAVE
	OVER WHICH I HAVE NO
	WHICH I HAVE NO CONTROL
	YOUR LADYSHIP SAYS MR GUPPY
Mr Bagnet	OLD GIRL SAYS MR BAGNET
	BUT I NEVER OWN TO
	I NEVER OWN TO IT
	NEVER OWN TO IT BEFORE
	BEFORE HER DISCIPLINE MUST BE
	HER DISCIPLINE MUST BE MAINTAINED
	IT BEFORE HER DISCIPLINE MUST
	OWN TO IT BEFORE HER
	THE OLD GIRL SAYS MR
	TO IT BEFORE HER DISCIPLINE
Mr Jellyby	HIS HEAD AGAINST THE WALL

	WITH HIS HEAD AGAINST THE
Mr Bucket	SIR LEICESTER DEDLOCK BARONET I
	BY SIR LEICESTER DEDLOCK BARONET
	NOW SIR LEICESTER DEDLOCK BARONET
	INSPECTOR BUCKET OF THE DETECTIVE
Mr George	YOUR FRIEND IN THE CITY
	I ASK YOUR PARDON SIR
Richard	AS WELL AS ANYTHING ELSE
	DO AS WELL AS ANYTHING ELSE
Esther	I THOUGHT IT BEST TO
	WHEN WE CAME TO THE
Mr Vholes	IN THE VALE OF TAUNTON
Mr Jarndyce	HAVE SOMETHING TO SAY ABOUT
	SOMETHING TO SAY ABOUT IT
	WILL HAVE SOMETHING TO SAY
Miss Flite	I EXPECT A JUDGMENT SHORTLY
Charley	IF YOU PLEASE MISS SAID
Chadbond	IN A SPIRIT OF LOVE
	RIGHT THAT I SHOULD BE
	YOU ARE TO US A
Grandfather Smallweed	MY FRIEND IN THE CITY
	TO LOOK AFTER THE PROPERTY
Krook	MY NOBLE AND LEARNED BROTHER
Jo	WOS WERY GOOD TO ME

Tabela 3: Personagens e rótulos associados a eles

Fonte: a autoria

Um olhar mais atento aos agrupamentos lexicais de fala de Esther que não são contados como rótulos sugere uma relação entre Esther e Lady Dedlock. Lady Dedlock usa o agrupamento *I don't know how it* uma vez, e das cinco coocorrências de *you will allow me to*, três são usadas por Lady Dedlock e uma por Esther. Essa evidência até agora só pode ser tomada como indicação de direções para pesquisas futuras, mas pode ser que a caracterização de personagens mais complexas e misteriosas coaduna com uma rede de agrupamentos lexicais mais complexa. Apoio para essa afirmação vem da descrição da personagem Tulkinghorn. Com base na presente análise nenhum dos agrupamentos de cinco palavras surpreendentemente caracteriza Tulkinghorn,¹³ mas observamos uma conexão com Guppy. Tulkinghorn é uma personagem mais quieta e misteriosa e os agrupamentos lexicais que parecem apontar para a sua caracterização são *his hands behind him* e *his hands in his pockets*. Seis das oito ocorrências de *his hands behind him* e duas das cinco ocorrências de *his hands in his pockets* descrevem Tulkinghorn. Uma investigação mais detalhada será necessária, para ver como diferentes padrões atuam juntos para caracterizar o advogado de Lady Dedlock.¹⁴

No espaço do presente trabalho, a análise teve de ser interrompida nos aspectos selecionados, mas podemos ver implicações mais amplas para o trabalho em Estilística de *Corpus*. As cinco categorias de agrupamentos lexicais (rótulos, agrupamentos de fala, agrupamentos de partes do corpo, agrupamentos com *as if*, agrupamentos com tempo e lugar) esboçam grupos básicos para a descrição de funções textuais locais em Dickens. O exemplo de *Bleak House* mostra como o foco em um romance leva à identificação de funções mais específicas. Em *Bleak House*, o grupo maior de agrupamentos são os rótulos que parecem desempenhar um papel importante para caracterização. É importante enfatizar que tal abordagem não pode pretender fornecer uma visão completa de um romance. O que ela pode fazer é destacar os traços que são feitos visíveis com a ajuda de ferramentas da Linguística de *Corpus* e que pode, então, formar a base para uma discussão crítica mais detalhada. Os resultados do presente estudo sugerem conexões interessantes a leituras pós-estruturalistas de *Bleak House*, como proposto no ensaio influente de Miller (1971). Miller (1971) aponta correspondências entre personagens, além de semelhanças e referências cruzadas entre cenas e temas. Correspondências entre personagens podem, em certo grau, ser identificadas com a ajuda da análise de agrupamentos lexicais. O fato de que agrupamentos lexicais são, por definição, repetições, coaduna com leituras textuais do romance, que discutem referências cruzadas e conexões entre cenas. Seria interessante investigar em mais detalhes como as recorrências que têm sido identificadas por críticos literários correspondem a funções textuais locais e de que maneira elas podem ser identificadas, com a ajuda de agrupamentos lexicais. Além disso, mais trabalhos são necessários para relacionar achados de romances individuais a tendências gerais em Dickens e obras de outros autores.

8 CONCLUSÕES

A relação entre forma e significado exerce um papel crucial, tanto em Linguística de *Corpus* quanto em Estilística Literária. O presente artigo enfatiza que a Estilística de *Corpus* pode fazer mais do que simplesmente aplicar procedimentos metodológicos computacionais para o estudo da literatura. A Estilística de *Corpus* pode contribuir para a exploração e desenvolvimento de ferramentas descritivas que objetivem caracterizar significados em textos. Para a análise de uma obra literária, as qualidades individuais do texto e suas relações com outros textos são importantes. O conceito de funções textuais locais apresenta possibilidades para explorar configurações textuais desde vários pontos de vista. Com grupos funcionais de agrupamentos lexicais e os exemplos de *Bleak House*, espero ter demonstrado a aplicabilidade e o potencial de funções textuais locais, no campo crescente da Estilística de *Corpus*.

¹³ Pode ser que haja agrupamentos lexicais que ocorram menos do que cinco vezes e que coocorram apenas com Tulkinghorn, mas mesmo assim eles poderiam ser considerados menos surpreendentes no sentido de que eles ocorrem menos vezes do que aqueles discutidos neste trabalho.

¹⁴ Para mais detalhes sobre padrões com a formação *his hands...pockets*, ver Mahlberg (2007c).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer Anna Čermáková e Matthew Brook O'Donnell pela leitura e comentários em versões anteriores deste texto e, Mike Scott, em particular, pelos conselhos e discussões preciosos sobre o *WordSmith Tools*. Também sou grata pelo apoio da Academia Britânica na apresentação dos resultados iniciais deste trabalho no evento ICAME 27, 2006, em Helsinki.

REFERÊNCIAS

- ADOLPHS, S. *Introducing Electronic Text Analysis: a Practical Guide for Language and Literary Studies*. London: Routledge, 2006.
- ADOLPHS, S.; CARTER, R. Point of view and semantic prosodies in Virginia Woolf's *To the Lighthouse*. *Poetica*, n. 58, p. 7-20, 2002.
- BERGLUND, Y; MORRISON, A.; WILSON, R.; WYNNE, M. *An investigation into free eBooks*, 2004. Disponível em: www.ahds.ac.uk/litlangling/ebooks/report/FreeEbooks.html. Acesso em: dez. 2005.
- BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S.; FINEGAN, E. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow: Longman, 1999.
- BROOK, G. L. *The Language of Dickens*. London: Andre Deutsch, 1970.
- BUDD, D. Language Couples in Bleak House. *Nineteenth-Century Literature*, v. 49, n. 2, p. 196-220, 1994.
- BURROWS, J. F. *Computation into Criticism: a study of Jane Austen's Novels and an Experiment in Method*. Oxford: Clarendon, 1987.
- CARTER, R. *Language and Creativity. The Art of Common Talk*. London: Routledge, 2004.
- CONRAD, S.; BIBER, D. The frequency and use of lexical bundles in conversation and academic prose. In: TEUBERT, W.; MAHLBERG, M. (ed.). *The Corpus Approach to Lexicography*. Thematic Part of Lexicographica. Internationales Jahrbuch fuer Lexikographie, v. 20, 2004. p. 56-71.
- CULPEPER, J. Computers, language and characterisation: an analysis of six characters in Romeo and Juliet. In: MELANDER-MARTTALA, U.; OSTMAN, C.; KYTO, M. (ed.). *Conversation in Life and in Literature*. Uppsala: Universitetstryckeriet, 2002. p. 11-30.
- FIRTH, J. R. Modes of meaning. In: FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics, 1934-51*. London: OUP, 1957, p. 190-215.
- HOOVER, D. Statistical stylistics and authorship attribution: an empirical investigation. *Literary and Linguistic Computing*, n. 16, p. 421-44, 2001.
- HORI, M. *Investigating Dickens' Style: a Collocational Analysis*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- KINCAID, J. R. *Dickens and the Rhetoric of Laughter*. London: Oxford University Press, 1971.
- LEECH, G.; SHORT, M. *Style in Fiction: a Linguistic Introduction to English Fictional Prose*. Harlow: Pearson Education, 1981.

LOUW, B. The role of corpora in critical literary appreciation *In: WICHMAN, A.; FLIGELSTONE, S.; MCENERY, T.; KNOWLES, G. (ed.). Teaching and Language Corpora.* Longman: Harlow, 1997, p. 240-51.

MAHLBERG, M. *English General Nouns: a Corpus Theoretical Approach.* Amsterdam: John Benjamins, 2005.

MAHLBERG, M. Lexical cohesion: corpus linguistic theory and its application in ELT. *International Journal of Corpus Linguistics,* v. 11, n. 3, p. 363-83, 2006.

MAHLBERG, M. Lexical items in discourse: identifying local textual functions of sustainable development. *In: HOEY, M.; MAHLBERG, M.; STUBBS, M.; TEUBERT, W. (ed.). Text, Discourse and Corpora: Theory and Analysis.* London: Continuum, 2007a. p. 191-218.

MAHLBERG, M. Review of M. Hori. 2004. Investigating Dickens' Style: A Collocational Analysis. *Language and Literature,* v. 16, n. 1, p. 93-6, 2007b.

MAHLBERG, M. Corpora and translation studies: textual functions of lexis in Bleak House and in a translation of the novel into German. *In: INTONI, V.; TODISCO, G.; GATTO, M. (ed.). La Traduzione: Lo Stato del VArte.* Ravenna: Longo, 2007c. p. 115-35.

MAHLBERG, M. Clusters, key clusters and local textual functions in Dickens. *Corpora.* [no prelo].

MILLER, J. H. *Interpretation in Bleak House.* Reprinted in Victorian Subjects, 1991. Durham, NC: Duke University Press, 1971, p. 179-99.

PROJECT GUTENBERG (2003-2006). Disponível em: www.gutenberg.org/. Acesso em: jul. 2006.

SCOTT, M. *WordSmith Tools.* Version 4.0. Oxford: OUP, 2004.

SCOTT, M. *WordSmith Tools.* Version 4.0. Manual. Oxford: OUP, 2006.

SCOTT, M.; TRIBBLE, C. *Textual Patterns: Key Words and Corpus Analysis in Language Education.* Amsterdam: John Benjamins, 2006.

SEMINO, E.; SHORT, M. *Corpus Stylistics: Speech, Writing and Thought Presentation in a Corpus of English Writing.* London: Routledge, 2004.

SHORT, M. *Exploring the Language of Poems, Plays and Prose.* Harlow: Pearson Education, 1996.

STARCKE, B. The phraseology of Jane Austen's Persuasion: phraseological units as carriers of meaning. *ICAME Journal,* n.30, p. 87-104, 2006.

STUBBS, M. Conrad in the computer: examples of quantitative stylistic methods. *Language and Literature,* v. 14, n. 1, p. 5-24, 2005.

STUBBS, M. Quantitative data on multi-word sequences in English: the case of the word world. In: HOEY, M.; MAHLBERG, M.; STUBBS, M.; TEUBERT, W. (ed.). *Text, Discourse and Corpora: Theory and Analysis*. London: Continuum, 2007. p. 163-190.

TABATA, T. Investigating stylistic variation in Dickens through correspondence analysis of word-class distribution. In: SAITO, T.; NAKAMURA, J.; YAMAZAKI, S. (ed.). *English Corpus Linguistics in Japan*. Amsterdam: Rodopi, 2002. p. 165-82.

WALES, K. *A Dictionary of Stylistics*. Harlow: Pearson Education, 2001.

WYNNE, M. Stylistics: corpus approaches. In: BROWN, K. (ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006. p. 223-6.



Recebida em 06/09/2019. Aceita em 09/09/2019.

APÊNDICE A – Tabela 4: Agrupamentos lexicais de cinco palavras em *Bleak House* que ocorrem cinco vezes ou mais (R = Rótulos, F = Fala, PC = Parte do corpo, CS = *as if* (como se), TL = Tempo e lugar, O = Outro)

Posição	Agrupamento lexical de 5 palavras	Frequência	Capítulos	Grupo Funcional
1	NOT TO PUT TOO FINE	15	8	R
2	PUT TOO FINE A POINT	15	8	R
3	TO PUT TOO FINE A	15	8	R
4	FINE A POINT UPON IT	14	8	R
5	TOO FINE A POINT UPON	14	8	R
6	MAN OF THE NAME OF	13	4	R
7	OF THE NAME OF GUPPY	13	4	R
8	YOUNG MAN OF THE NAME	12	4	R
9	BE SO GOOD AS TO	11	11	F
10	IN THE COURSE OF THE	10	9	TL
11	THE YOUNG MAN OF THE	10	4	R
12	AS IF IT WERE A	9	8	CS
13	HIS HEAD AGAINST THE WALL	9	3	R
14	AS IF HE WERE A	8	8	CS
15	HIS HEAD AGAINST THE WALL	8	4	R
16	WITH HIS HANDS BEHIND HIM	8	6	PC
17	IS RIGHT THAT I SHOULD	7	3	F
18	IT IS RIGHT THAT I	7	3	F
19	SIR LEICESTER DEDLOCK BARONET AND	7	5	R
20	SIR LEICESTER DEDLOCK BARONET I	7	3	R
21	THE FACE OF THE EARTH	7	6	O
22	THE MISTRESS OF BLEAK HOUSE	7	4	R
23	WITH HIS HEAD AGAINST THE	7	4	R
24	YOUR FRIEND IN THE CITY	7	3	R
25	AS WELL AS ANYTHING ELSE	6	2	R
26	BUT I NEVER OWN TO	6	4	R
27	CIRCUMSTANCES OVER WHICH I HAVE	6	3	R
28	DON'T KNOW BUT WHAT I	6	3	F
29	HA HA HA HA HÁ	6	2	F
30	HEARD OF SUCH A THING	6	6	O
31	I ASK YOUR PARDON SIR	6	4	R
32	I DON'T KNOW BUT WHAT	6	4	F

33	I NEVER OWN TO IT	6	4	R
34	I THOUGHT IT BEST TO	6	6	R
35	IN THE VALE OF TAUNTON	6	4	R
36	MY DEAR MISS SUMMERSON SAID	6	3	R
37	NEVER HEARD OF SUCH A	6	6	O
38	NEVER OWN TO IT BEFORE	6	4	R
39	OVER WHICH I HAVE NO	6	3	R
40	SIR LEICESTER AND LADY DEDLOCK	6	4	R
41	THE BRILLIANT AND DISTINGUISHED CIRCLE	6	1	R
42	THE RAG AND BOTTLE SHOP	6	5	R
43	WHAT DO YOU SAY TO	6	3	F
44	WHEN WE CAME TO THE	6	5	
45	WHICH I HAVE NO CONTROL	6	3	R
46	YOUR LADYSHIP SAYS MR GUPPY	6	2	R
47	A QUARTER OF AN HOUR	5	4	TL
48	A YEAR AND A HALF	5	2	TL
49	AM MUCH OBLIGED TO YOU	5	5	F
50	AT THE CORNER OF THE	5	5	TL
51	AT THE TOP OF THE	5	5	TL
52	BEFORE HER DISCIPLINE MUST BE	5	3	R
53	BY SIR LEICESTER DEDLOCK BARONET	5	4	R
54	DO AS WELL AS ANYTHING	5	1	R
55	EARLY IN THE MORNING AND	5	5	TL
56	FOR A MINUTE OR TWO	5	5	TL
57	GALAXY GALLERY OF BRITISH BEAUTY	5	3	R
58	HAD THE PLEASURE OF SEEING	5	5	O
59	HAVE SOMETHING TO SAY ABOUT	5	1	R
60	HER DISCIPLINE MUST BE MAINTAINED	5	3	R
61	HIS HANDS IN HIS POCKETS	5	4	PC
62	HOW DO YOU DO MR	5	5	F
63	I AM GLAD TO HEAR	5	4	F
64	I AM MUCH OBLIGED TO	5	5	F
65	I AM NOT AT ALL	5	4	F
66	I DON'T KNOW WHAT IT	5	5	F
67	I DON'T KNOW WHAT I	5	5	F
68	I EXPECT A JUDGMENT SHORTLY	5	3	R
69	I MADE UP MY MIND	5	4	F

70	IF YOU PLEASE MISS SAID	5	4	R
71	IN A SPIRIT OF LOVE	5	3	R
72	IN COOK'S COURT	5	4	R
73	IN THE MIDDLE OF THE	5	5	TL
74	INSPECTOR BUCKET OF THE DETECTIVE	5	3	R
75	IT BEFORE HER DISCIPLINE MUST	5	3	R
76	LEANING BACK IN HIS CHAIR	5	3	O
77	MR JARNDYCE OF BLEAK HOUSE	5	2	R
78	MRS PIPER AND MRS PERKINS	5	3	R
79	MY DEAR DAIS MR JARNDYCE	5	4	R
80	MY FRIEND IN THE CITY	5	2	R
81	MY NOBLE AND LEARNED BROTHER	5	2	R
82	NOW SIR LEICESTER DEDLOCK BARONET	5	1	R
83	ON THE OTHER SIDE OF	5	5	TL
84	OWN TO IT BEFORE HER	5	3	R
85	RIGHT THAT I SHOULD BE	5	1	R
86	SOMETHING TO SAY ABOUT IT	5	1	R
87	THE GREATER PART OF THE	5	5	O
88	THE OLD GIRL SAYS MR	5	3	R
89	THE OTHER SIDE OF THE	5	5	TL
90	TO IT BEFORE HER DISCIPLINE	5	3	R
91	TO LOOK AFTER THE PROPERTY	5	1	R
92	WILL HAVE SOMETHING TO SAY	5	1	R
93	WITH HIS BACK TO THE	5	5	PC
94	WOS WERY GOOD TO ME	5	4	R
95	YOU ARE TO US A	5	1	R
96	YOU BE SO GOOD AS	5	4	F
97	YOU WILL ALLOW ME TO	5	5	F

FÓRUM LINGÜÍSTICO

DOSSIÊ

ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS DO DISCURSO

VOLUME 17, NÚMERO 1, JAN./MAR. 2020

ORGANIZAÇÃO:

ADAIR BONINI*

A Análise Crítica de Gêneros do Discurso (doravante ACG) é uma perspectiva de estudo da linguagem que foi se formando em dois lugares, de forma simultânea, mas não necessariamente interligada: no Brasil, a partir dos trabalhos de José Luiz Meurer (2000, 2002, 2005), e na China (Hong Kong), a partir das publicações de Vijay Bhatia (2004, 2008).

A ACG, como perspectiva do campo crítico, estuda os gêneros em termos do modo como eles participam da produção de práticas sociais (representações do mundo, relações sociais, e identidades), enfocando especialmente o estudo, a conscientização e a intervenção sobre práticas sociais desiguais, injustas e naturalizadas. Como abordagem interdisciplinar, a ACG aproxima teorizações sobre gêneros (BAKHTIN, 2003 [1952/53]; BAZERMAN, 1994; SWALES, 1990, dentre outros) da perspectiva crítica do discurso, em especial a teoria de Fairclough (2003).

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e Pesquisador do CNPq, nível 2. E-mail: adair.bonini@gmail.com.

No Brasil, A ACG se desenvolveu principalmente a partir da rede de contatos aberta por Meurer e de seu trabalho realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) entre os anos 90 e a primeira década do século XXI, com núcleos fortes na Universidade Federal de Santa Maria (MOTTA-ROTH, 2011, 2013) e na própria UFSC (BONINI, 2010, 2013; HEBERLE, 2004).

O presente dossiê põe em relação trabalhos produzidos na Argentina e no Brasil.¹ Os primeiros deles (produzidos por Carrancio, Martínez e Mazur) são estudos realizados como trabalho de conclusão de disciplina “Análisis crítico de géneros del discurso”, ministrada na Universidade de Buenos Aires no ano de 2017². O segundo grupo (compreendendo trabalhos de Borges Junior, Ferretti e Flores) diz respeito a pesquisas desenvolvidas no interior de um projeto de ACG. Ambas as experiências foram conduzidas pelo organizador do presente dossiê.

Os artigos estão aqui agrupados por temas. Os dois primeiros tratam de práticas na esfera política. Em **Los recordatorios de los desaparecidos durante la última dictadura argentina (1976-1983): análisis crítico del género**, Graciela Mazur Geinses analisa o percurso histórico do gênero “recordatório”, utilizado como forma de marcar politicamente os desaparecimentos produzidos na ditadura argentina dos anos 70 e como forma de expor uma face do terrorismo de estado desse período. O próximo artigo, **O programa eleitoral em um plebiscito de divisão do estado do Pará e o uso do discurso patriótico para a construção simbólica do território e dos agentes envolvidos**, de autoria de Carlos Borges Junior, evidencia como o discurso patriótico ultraconservador se materializa no “programa eleitoral” como forma de convencimento.

Os dois artigos seguintes tratam das práticas de construção indenitária no campo das masculinidades. Vanessa Arlesia de Souza Ferretti, no artigo **A (re)construção de masculinidades na sessão de grupo socioeducativo**, estuda o modo como homens ajustam e negociam seu discurso de masculinidade durante as “sessões” de um grupo voltado para a reflexão sobre a violência contra a mulher. No texto seguinte, **A publicidade da Johnnie Walker e a construção de identidades masculinas na modernidade tardia**, Ana Paula Flores mostra como a masculinidade é construída e renaturalizada através de uma campanha publicitária que usa o gênero “publidorial” como forma de representar o êxito na história profissional de diversos homens.

Os dois artigos que vêm na sequência discutem práticas digitais. O primeiro deles (**La alfabetización digital en el ‘escritorio familia’ del programa conectar igualdad: entre el manual de la netbook y el gobierno de la familia** de Maite Martínez Romagosa) analisa o gênero “manual eletrônico”, nessa caso, as instruções apresentadas aos pais de estudantes que receberam netbook do programa de letramento digital do governo argentino. A análise de Martínez evidencia uma relação assimétrica de comando entre governo e participantes do programa. O segundo artigo (**Firmá esta petición: discursos a favor y en contra del voto exterior para uruguayos en Change.org** de Noelia Carrancio Pasilio) também analise um gênero digital, o “a petição eletrônica”, e o modo o discurso patriótico ultraconservador é utilizado como argumento para bloquear o direito ao voto a uruguaio que vivam no exterior.

Os textos aqui apresentados permitem visualizar a teorização em ACG e a mobilização desses construtos teóricos nos estudos de objetos específicos em dois contextos distintos, Argentina e Brasil. Assim, a expectativa com a publicação desse dossiê é que ele possa ajudar nos debates sobre gêneros do discurso, em especial para estudiosos/as que buscam desenvolver uma perspectiva crítica nesse campo.

¹ Um agradecimento especial vai para os/as colegas do campo crítico que tão gentil e abnegadamente contribuíram com pareceres para a avaliação e o aprimoramento dos textos aqui publicados.

² O curso, com carga horária de 32 horas, comprendia a seguinte organización: Unidad I. Género, soporte y medio/ Unidad II. Escuelas teóricas del análisis de géneros/ Unidad III. Enunciado, contexto, acción retórica/ Unidad IV. Análisis Crítico de Géneros y Análisis Crítico del Discurso/ Unidad V. Perspectivas multidimensional y contextual del Análisis Crítico de Géneros/ Unidad VI. Perspectiva “transitiva” del Análisis Crítico de Géneros/ Unidad VII. Temas de estudio y actuación social en Análisis Crítico de Géneros.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/53]. p. 261-306.
- BAZERMAN, C. Systems of genres and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWEY, P. (ed.). *Genre and the new rhetoric*. Londres: Taylor & Francis, 1994. p. 79-101.
- BHATIA, V. K. Towards Critical Genre Analysis. In: BHATIA, V. K.; FLOWERDEW, J.; JONES, R. H. (ed.). *Advances in discourse studies*. London; New York: Routledge, 2008. p. 166-177.
- BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse*: a genre-based view. London; New York: Continuum, 2004.
- BONINI, A. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L., PINHEIRO, N. (org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.
- BONINI, A. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. *Linguagem em (dis)curso*, v. 10, n. 3, p. 485-510, 2010.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- HEBERLE, V. M. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? *Linguagem em (dis)curso*, v. 3, p. 40-55, 2004.
- MEURER, J. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. San Pablo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.
- MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (ed.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: Subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 17-29.
- MEURER, J. L. O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. *Ilha do Desterro*, n. 38, p.155-171, 2000.
- MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros com foco em notícias de popularização da ciência. In: SEIXAS, L., PINHEIRO, N. (org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 121-145.
- MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 153-171.
- SWALES, J. *Genre Analysis*: English in academic and research settings. United Kingdom: Cambridge University Press, 1990.

LOS RECORDATORIOS DE LOS DESAPARECIDOS DURANTE LA ÚLTIMA DICTADURA ARGENTINA (1976- 1983): ANÁLISIS CRÍTICO DEL GÉNERO

OS RECORDATÓRIOS DOS DESAPARECIDOS DURANTE A ÚLTIMA DITADURA
ARGENTINA (1976-1983): ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO

THE REMINDER OF THE MISSING PEOPLE DURING THE LAST ARGENTINE DICTATORSHIP
(1976-1983): CRITICAL ANALYSIS OF THE GENRE

Graciela Mazur Geinses*

Universidad de Buenos Aires

RESUMEN: En este artículo, se analiza un género discursivo que surgió, aproximadamente, en el año 1988: el recordatorio de los desaparecidos durante la última dictadura argentina (1976-1983). Se utiliza el enfoque presentado por Meurer (2005), el cual analiza el género desde las categorías propuestas por Fairclough (1992) para el Análisis Crítico del Discurso. El recordatorio de los desaparecidos es un género híbrido, ya que posee algunas de las características de varios géneros discursivos. Estos son en primer lugar, los tradicionalmente relacionados con la circunstancia de la muerte, en segundo lugar, los que podríamos denominar “géneros de la memoria”, asociados al recuerdo de las víctimas del terrorismo de estado; y en tercer lugar, los avisos de búsqueda de

*Licenciada en Letras y Profesora de Enseñanza Media y Superior en Letras por la Universidad de Buenos Aires (U.B.A.). Actualmente es profesora del I.S.F.D. N° 1 de Avellaneda y del I.S.P. Joaquín V. González de la Ciudad de Buenos Aires. Inscripta en la Maestría de Análisis del Discurso (U.B.A.) E-mail: graciela.mazurgeinses@yahoo.com.ar.

paradero de personas, fuera del contexto de una dictadura. El análisis que aquí se realiza se centra especialmente en los recordatorios que Estela Barnes de Carlotto, la presidenta de la Asociación “Abuelas de Plaza de Mayo”, escribió para su hija Laura Carlotto, detenida-desaparecida durante el último gobierno militar en Argentina.

PALABRAS CLAVE: Recordatorio de desaparecido. Análisis Crítico de Géneros. Género híbrido.

RESUMO: Neste artigo, analisa-se um gênero discursivo surgido aproximadamente no ano 1988: o recordatório de desaparecido durante a última ditadura argentina (1976-1983). Utiliza-se a abordagem apresentada por Meurer (2005), que analisa o gênero desde as categorias propostas por Fairclough (1992) para a Análise Crítica do Discurso. O recordatório de desaparecidos é um gênero híbrido, pois possui algumas das características de vários gêneros discursivos. Estes são, em primeiro lugar, aqueles tradicionalmente relacionados à circunstância da morte e, em segundo lugar, o que poderíamos chamar “gêneros da memória”, associados à memória das vítimas do terrorismo de Estado; além disso, apresentam a busca de informações sobre o paradeiro de pessoas, fora do contexto de uma ditadura. A análise realizada aqui enfoca especialmente nos recordatórios que Estela Barnes de Carlotto, presidente da Associação “Avós da Plaza de Mayo”, escreveu para sua filha Laura Carlotto, detida-desaparecida durante o último governo militar na Argentina.

PALAVRAS CHAVE: Recordatórios de desaparecidos. Análise crítica de gênero. Gênero híbrido.

ABSTRACT: In this article we analyze a discursive genre emerged approximately in the year 1988: The reminder of the missing people during the last argentine dictatorship (1976-1983). We use the approach presented by Meurer (2005), which analyzes the genre from the categories proposed by Fairclough (1992) for a critical discourse analysis. The reminder of the missing people is a hybrid genre, since it possesses some of the characteristics of several discursive genres. First, these are those traditionally related to the circumstances of death; secondly, those which are called “memorial genres”, associated with the remembrance of the victims of state terrorism; and, thirdly, the search for notices of a persons' whereabouts, outside the context of a dictatorship. The analysis carried out here focuses especially on the reminders that Estela Barnes de Carlotto, president of the association “grandmothers of plaza de mayo”, wrote for her daughter Laura Carlotto, a disappeared-detainee who vanished during the last military government in Argentina.

KEYWORDS: Reminders of missing people. Critical genre analysis. Hybrid genre.

1 INTRODUCCIÓN

El recordatorio de los desaparecidos es un género que surge en Argentina aproximadamente en el año 1988, cuando los parientes de los desaparecidos durante la última dictadura militar (1976-1983), varios años después del fin de esta, empiezan a publicar en el diario *Página 12* pequeños recuadros que los recuerdan y los honran. El objetivo del artículo es analizar las características y particularidades del recordatorio de desaparecido como género, basándonos en el enfoque de Meurer (2005), el cual analiza el género desde las categorías propuestas por Fairclough (1992) para el Análisis Crítico del Discurso. Es decir, teniendo en cuenta que el recordatorio como género no sólo supone un conjunto de convenciones relativamente estables, sino también representa una actividad social, e implica cuestiones sociales en su producción, distribución, consumo e interpretación (FAIRCLOUGH, 1992 p.161 *apud* MEURER, 2005, p.81)¹.

La fundamentación para trabajar con el enfoque de Meurer (2005) se encuentra en la afirmación que este autor realiza: “Una razón esencial para la integración del Análisis Crítico del Discurso a los estudios de géneros textuales son las posibilidades teóricas y metodológicas que crea para ir más allá de las regularidades de los géneros y explorar también su relevancia con respecto a lo social” (FREEDMAN; MEDWAY, 1994b; MEURER, 2005, p. 105).

Los recordatorios que vamos a analizar dan cuenta del genocidio ocurrido en el país, y por eso mismo, son contestarios, cuestionadores del “*statu quo*”, de la impunidad, de las versiones hegemónicas de la historia. En ese sentido, como afirma Bonini

¹ Todos los textos citados escritos en portugués tienen traducción mía.

(2013, p. 114) veremos que el Análisis Crítico del Género también puede ser pensado como una forma de investigar las prácticas de liberación.

En este artículo nos centraremos en los recordatorios publicados en el diario *Página 12* por la presidenta de la Asociación “Abuelas de Plaza de Mayo”, Estela Barnes de Carlotto, para recordar a su hija, Laura Carlotto, así como reclamar por justicia y por la aparición de su nieto, nacido en cautiverio.

La selección de este corpus se basa en varias cuestiones, una de índole práctica se relaciona con que los lectores pueden acceder en la web a la totalidad de los recordatorios publicados por Carlotto debido a su notoriedad pública (veintisiete recordatorios, de 1988 a 2014), a diferencia de los recordatorios de otros desaparecidos, donde sólo es posible hallar algunos de los publicados. Además, es interesante este recorrido diacrónico, que nos permite seguir de alguna manera la biografía de Laura Carlotto, que más allá de sus particularidades, también es representativa de las historias de muchos desaparecidos, y de la misma historia del país. Asimismo, en esa selección de recordatorios es posible encontrar una muestra de la mayoría de las variantes de este género discursivo. Según la perspectiva adoptada para abordar este género: “El Análisis crítico del discurso desarrollado por Fairclough propone que cada evento discursivo sea analizado desde tres ángulos o dimensiones que se complementan: como texto, como práctica discursiva, y como práctica social, buscando respectivamente una descripción, una explicación y una interpretación” (MEURER, 2005, p. 93).

Además, en el mencionado texto se afirma que: “Una ventaja del abordaje tridimensional de Fairclough es que el análisis de los textos puede tener diferentes ‘puntos de entrada’, podemos iniciar el análisis por cuestiones de cuño textual, como de prácticas discursivas, o de prácticas sociales. Lo más importante todavía es que esos tres niveles de análisis se complementan y no deben, por lo tanto, ser vistos como compartimentos estancos” (MEURER, 2005, p. 101).

Esto significa que podemos iniciar el análisis por cualquiera de las tres dimensiones, que son separadas para el análisis, pero remiten unas a otras, y funcionan simultáneamente. Por ejemplo, la identidad social de los desaparecidos, y especialmente de Laura Carlotto se relaciona con la práctica social, pero este tema lo desarrollaremos más que todo en lo referente a lo textual porque nos interesa observar cómo los recordatorios como textos construyen esa identidad a través de breves narraciones biográficas. Hemos decidido comenzar por el análisis de los recordatorios como práctica discursiva, seguir con el análisis de estos como texto y concluir con el análisis de estos como práctica social, pero teniendo en cuenta que esta tripartición es sólo con fines analíticos, ya que las tres dimensiones están interrelacionadas.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS Y CONTEXTO DEL PRIMER RECORDATORIO

El 24 de marzo de 1976 se produjo en Argentina el golpe de estado más brutal de todos los ocurridos durante el siglo XX en este país. Si bien todos los gobiernos de facto anteriores fueron autoritarios y violentos, teniendo en su haber muchos muertos; nunca se había organizado un aparato represivo tan sistemático y abarcador como en la última dictadura. En esta se montó, en todo el país, un plan de persecución y secuestro de militantes y opositores, que en la mayoría de los casos estuvieron cautivos en condiciones infrumanas en distintos centros clandestinos de detención, y muchos de ellos aún continúan desaparecidos.

En los primeros días o semanas de su desaparición, los familiares confundidos, sin experiencia, y desconociendo la magnitud del aparato represivo, fueron a buscarlos a comisarías y hospitales sin obtener respuesta. Recién casi un año después del golpe empezaron algunas madres a reunirse en la Plaza de Mayo, frente a la Casa de Gobierno, para pedir la “Aparición con vida”. Era el inicio de la agrupación que se llamó Madres de Plaza de Mayo².

Al principio demandaban saber dónde estaban sus hijos, si estaban presos o si habían sido asesinados. Sin embargo, la consigna

² Hubo también varias agrupaciones defensoras de los derechos humanos, donde se congregaron los familiares en esos años iniciales de la dictadura, que más adelante se detallan.

“Aparición con vida”, se fue diluyendo con los años, se remplazó por el pedido de justicia, al asumir muchos familiares que no volverían, que los habían matado y hecho desaparecer a todos. Pero hasta el año 1983, cuando terminó la dictadura, y asumió el presidente elegido democráticamente, muchos padres y madres tenían la esperanza de que aún estaban vivos e iban a ser liberados.

Sin embargo, transcurrido el tiempo, hoy en día existen personas que aún no reconocen la muerte de sus seres queridos por no tener el cuerpo. Panizzo (2012) realizó entrevistas a familiares que afirmaron que no pudieron hacer el duelo hasta recibir los restos identificados, varios años después de la desaparición. Igualmente, a varios les costaba asumir que esos huesos “eran” su pariente. La detención sin proceso judicial, la tortura, el asesinato de opositores y disidentes son prácticas ilegales, contrarias a la constitución y a los derechos humanos. No obstante la desaparición, además de tener todas esas características, resultó aún más cruel y perversa porque significó, durante muchos años para los familiares, la falta de certeza de la muerte del desaparecido. Esta incertidumbre se refleja en algunas de las características de los recordatorios que expondremos..

El 15 de diciembre de 1983, ni bien asumió Raúl Alfonsín, presidente elegido democráticamente, , se formó la CONADEP (Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas), un órgano constituido por personalidades de la cultura, la ciencia, y representantes de las distintas religiones, así como del parlamento nacional (varios de ellos con militancia en los derechos humanos), y que tenía como objetivo no juzgar, sino investigar los crímenes cometidos por el terrorismo de estado en la recientemente terminada dictadura. Se proponía saber qué había pasado con los desaparecidos, y dónde estuvieron cautivos. Durante 280 días los miembros de la CONADEP recibieron miles de declaraciones de familiares de los desaparecidos y sobrevivientes, y trató de localizar los centros clandestinos de detención. El informe final de la Conadep, denominado “Nunca más” es una descripción detallada, que prueba que existió un plan sistemático de exterminio llevado a cabo por el gobierno dictatorial.

En 1985 se realizó el Juicio a las Juntas Militares de la dictadura (nueve militares), que habían cometido graves violaciones a los derechos humanos: dos militares fueron condenados a reclusión perpetua (Videla y Massera), otros tres fueron condenados a distinta cantidad de años de prisión y cuatro fueron absueltos.

En diciembre de 1986 el presidente Alfonsín promulgó la “Ley de punto final”, que fijaba “el fin de los juicios [a los mandos militares intermedios involucrados en las violaciones a los derechos humanos en la última dictadura] a todos aquellos que no fueron llamados a declarar antes de los sesenta días corridos a partir de la fecha de promulgación de la presente ley” (D'ALESIO, 2018). El 8 de junio de 1987, se supone como parte de un pacto para que los militares depongan un levantamiento, Alfonsín firmó la “Ley de obediencia debida”, que absolvía de responsabilidad en el terrorismo de estado a los militares que tenían grado inferior a coronel, en virtud de que se afirmaba “que obedecían órdenes”. Ambas leyes, junto con los indultos dictados por el presidente siguiente, Carlos Menem (1989 a 1999), son conocidas como “Leyes de impunidad”. En el año 2003, durante la presidencia de Néstor Kirchner, el congreso votó la nulidad de las “Leyes de impunidad”, lo que permitió reactivar muchos juicios por crímenes de lesa humanidad, cometidos durante la última dictadura, y encarcelar a muchos represores, no sólo a los altos mandos militares.

3 LOS RECORDATORIOS COMO PRÁCTICA DISCURSIVA

Analizaremos, siguiendo las propuestas de Fairclough (referidas en MEURER, 2005), la producción, distribución y consumo de este género del discurso, centrándonos en el corpus.

El periódico *Página 12* comenzó a publicarse en mayo 1987 y en agosto de 1988, ya pasados cinco años de la vuelta a una democracia, amenazada y frágil, se publicó sin costo alguno, el primer recordatorio de un desaparecido, firmado por Estela de Carlotto. Ella fue seguida por una gran cantidad de familiares, que, durante más de treinta años, generalmente en todos los aniversarios de la desaparición de sus parientes, publicaban un recordatorio ¿A quién están y estaban destinados los recordatorios? Esta pregunta reúne de alguna manera las distintas dimensiones de análisis propuestas por Fairclough (1992). En el análisis de la dimensión textual veremos que predominan en los recordatorios de Laura Carlotto la apelación directa a ella, pero la podemos pensar como una forma simbólica de comunicación, no es la destinataria real, dado que ya había sido secuestrada y asesinada.

El propósito de los recordatorios es rendir homenaje a las víctimas del terrorismo de estado y pedir justicia, pero también creemos que se busca interpelar, a través de los lectores del diario, a toda la sociedad, dar a conocer lo ocurrido (que por esos años iniciales de publicación se empezaba a conocer), y que la sociedad se una al reclamo de justicia. De alguna manera los recordatorios permiten que “reaparezcan” simbólicamente los desaparecidos en la sociedad, que lo ocurrido esté presente socialmente a través de este género discursivo, y así, como de otros “géneros de la memoria”, que después se enumerarán. Y en consecuencia, que a partir de eso se pueda llegar a encontrar a los hijos de los desaparecidos nacidos en cautiverio y/o apropiados, que en definitiva son desaparecidos que aún están vivos e ignorando su verdadera historia e identidad, como ocurrió en el caso del nieto de Estela de Carlotto,

El periódico *Página 12* puede ser caracterizado como de centroizquierda o progresista, con bastante afinidad con los gobiernos kirchneristas. Es decir, fue crítico de las leyes de impunidad y de las políticas neoliberales. Estuvo dirigido por varios famosos periodistas de izquierda, siendo el último de ellos un dirigente de los organismos de Derechos Humanos. Actualmente, es propietario del periódico la Fundación Octubre, que es una empresa de multimedios, que tiene, además, revistas y una radio, y es dirigida por el sindicalista kirchnerista Víctor Santamarina, que hace veinte años creó esta fundación con objetivos de capacitación y culturales.

El diario siempre se caracterizó por su periodismo de investigación, por las denuncias y críticas, sobre todo de los gobiernos de derecha o centro derecha. El estilo del diario preveía desde el comienzo un lector informado, politizado y culto, obviamente con una postura progresista: en general las notas tienen más desarrollo y profundidad que las de los otros diarios; los titulares, tanto de la portada como del interior presentan en general intertextualidad, con referencias, muchas veces irónicas, a textos literarios, películas o refranes. Los estudios de mercado³ avalan estas afirmaciones al sostener que: “El 58 por ciento de ellos [los lectores] tiene entre 18 y 52 años y pertenecen al nivel socioeconómico Medio y Medio Alto: AB y C1/C2”.

En Van Dembroucke (2010, p. 39), se realiza una entrevista a Estela Barnes de Carlotto en el año 2005, donde afirma que, el día anterior al décimo aniversario del asesinato de su hija, “sintió la necesidad de hacer algo”. Esto confirma el principio del Análisis Crítico del Discurso (ACD), que sostiene que los individuos realizan acciones a través del lenguaje (MEURER, 2005, p. 87). Es decir, ella tuvo la iniciativa de publicar el primer recordatorio, y eligió un diario relativamente nuevo, que no había colaborado con la dictadura, como Clarín y La Nación⁴.

En el nombrado texto de Van Dembroucke (2010, p. 44) se afirma que, en el año 1988, veinte familias siguieron a la Presidenta de “Abuelas de Plaza de Mayo” y publicaron sus recordatorios. A partir del año siguiente, se hizo bastante masivo entre los familiares de desaparecidos, tanto que tuvieron que destinar un empleado para que se ocupe de ellos. De todas maneras, las integrantes de la asociación “Madres de Plaza de Mayo” (liderada por Hebe de Bonafini), decidieron no publicar recordatorios, los denominaron “anuncios muertos” y afirmaron que los recordatorios significaban no solo reducir su lucha colectiva a un nivel personal, sino también admitir públicamente que los desaparecidos estaban, de hecho, muertos, circunstancia que parte de los familiares se niega admitir.⁵

El periódico, es un hipergénero, es decir, un agrupamiento de géneros para componer una unidad mayor (BONINI, 2011, p. 691). Los géneros que lo componen son: noticias, artículos de opinión, entrevistas, críticas de cine y libros, historietas, y recordatorios, entre muchos otros. Sin embargo lo peculiar de estos últimos, es que no son producidos por los periodistas que trabajan para el

³ Citado en la página web del diario.

⁴ La presidenta de “Abuelas de Plaza de Mayo”, Estela de Carlotto me confirmó en una entrevista (MAZUR GEINSES, 2019) que hubo un antecedente de la publicación del primer recordatorio en *Página 12*: ella publicó algunos recordatorios en el efímero diario *La Voz*, a fines de los ‘80 durante un breve tiempo. No recuerda fechas, ni cantidad de recordatorios publicados, pero ella misma afirma que no fue consecuente con esa publicación, como después lo fue con la del diario *Página 12*.

⁵ En 1986, hubo una escisión de la agrupación “Madres de Plaza de Mayo” debido a discrepancias: en torno a la política de derechos humanos del gobierno de Alfonsín, a la concurrencia o no a testimoniar frente a la cuestionada Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas, y la aceptación de la reparación monetaria que ofrecía el gobierno, entre otras cuestiones y se formó otra organización, llamada “Madres de Plaza de Mayo, Línea Fundadora”, cuyos miembros sí publicaron recordatorios.

diario, sino que los que los elaboran y mandan a publicar son familiares, o a veces, amigos, de los desaparecidos (con la modalidad similar a los avisos pagos, aunque en este caso no tiene costo alguno). Esto, veremos en relación con la práctica social, implica una identidad diferencial en la producción.

Fairclough (1992 *apud* MEURER, 2005, p.81) define el género como:

Un conjunto de convenciones relativamente estables y que están asociadas con, y parcialmente realizan, un tipo de actividad socialmente aprobada, como una conversación informal, una compra de productos en una tienda, una entrevista de empleo, un documental televisivo, un poema o un artículo científico.” y agrega: “Un género implica no solamente un tipo particular de texto sino también procesos particulares de producción, distribución y consumo de textos.

Además de la edición impresa en papel, el diario *Página 12* desde el año 2000 tiene una edición digital, es decir, que sale en dos soportes. Esto es importante en relación con la distribución y acceso, en función de que cada vez más vastos sectores de la población, sobre todo juveniles, pero también de otras edades, leen sólo la edición web. De todas maneras, hay que resaltar que los recordatorios sólo salieron en la edición impresa en papel hasta agosto de 2018, a partir de ese momento también están disponibles en la web.

Los recordatorios se publican en cada aniversario de la desaparición, pero específicamente, Estela de Carlotto decidió dejar de publicarlos en 2014, escribiendo una especie de despedida en ese último recordatorio. Veinte días antes, había conocido a su nieto, que vivía bajo el nombre de Ignacio Hurban, y que, por dudas sobre su identidad, se había presentado en la asociación “Abuelas de Plaza de Mayo” y realizado un análisis de ADN, a partir del cual había recibido la confirmación de que era el hijo, nacido en cautiverio, de Laura Carlotto y de Walmir Oscar Montoya⁶.

En ese último recordatorio, R. 2014,⁷ se sostiene: “[...] Pero la vida nos ha premiado con su encuentro y el 5 de agosto pudimos abrazarlo. Quiero entonces, hija recordarte viva. Tendré que despedirme de estos recordatorios. Este será el último porque estás viva en Guido, hoy estás con nosotros porque regresaste en él [...]”. Con esta afirmación corrobora nuestra hipótesis acerca de que los recordatorios, más allá de la ambivalencia que implica la desaparición forzada, se relacionan en parte con los géneros asociados a la muerte. Laura, está simbólicamente viva en su hijo recuperado, por lo tanto, los recordatorios pierden su razón de ser. El hallazgo del nieto de Estela de Carlotto⁸, buscado por treinta y seis años, significó un cierre, en cierto sentido feliz, para esa historia trágica, y por eso se decidió dejar de publicarlos.

En otras circunstancias, ante el hallazgo de huesos y su posterior identificación por el Equipo de Antropología Forense, como perteneciente a un desaparecido, algunas familias también decidieron dejar de publicarlos⁹. Actualmente, se observa una menor cantidad de recordatorios de desaparecidos publicados debido a estos factores, presumimos que sumados a que en algunos casos las madres o padres de los desaparecidos murieron, sin dejar otra familia. También, con la aparición y masividad de las redes, algunas familias optaron por realizar su homenaje a través de blogs y otros sitios web.

No obstante, otra vez surge la ambigüedad asociada con este género, y relacionada con la duda que implica la desaparición, ya que

⁶ En el último recordatorio se lo describe como el esposo de Laura, cuando estrictamente hasta la aparición de su hijo y su análisis de ADN nadie tenía datos sobre esta relación. No sabemos si en la clandestinidad tuvieron un encuentro ocasional o forjaron una relación estable, de todas maneras, en el último recordatorio se insiste: “Amaste y fuiste amada y por amor concebiste a tu hijo Guido, dentro de tu proyecto de vida junto a Walmir [...]”.

⁷ En el anexo se presentan tres de los veintisiete recordatorios publicados por Estela de Carlotto, que se identifican como: R. (Recordatorio) y el año de la publicación. Se puede encontrar los recordatorios en las Referencias(Un espacio de la Memoria (2014) el siguiente enlace (citado): <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-252667-2014-08-10.html>

⁸ Él prefiere que lo llamen con el nombre que le pusieron sus padres adoptivos y con sus apellidos originales: Ignacio Montoya Carlotto. En adelante al citar los recordatorios mantendremos el nombre que aparece en ellos, Guido, pero cuando nos referiremos a él lo llamaremos: Ignacio (Guido).

⁹ El hermano del desaparecido Yves Domergue, cuyos huesos fueron hallados e identificados en 2010, me confirmó en un intercambio de mails que tuvimos, que dejó de publicar los recordatorios en 2012.

se presume que están muertos, pero más allá de lo peculiar del caso de Laura Carlotto, (que más adelante se detalla) no hay cuerpo ni tumba. Parece ser que estas conclusiones o cierres: el hallazgo del hijo un desaparecido nacido en cautiverio o la identificación de los huesos de un desaparecido son como un punto final para esas búsquedas. Esto es lo que diferencia a los recordatorios de los epitafios, mientras estos últimos son permanentes, los recordatorios tienen una publicación periódica (generalmente se publican en los aniversarios de la desaparición) y a veces, ante los mencionados hechos los recordatorios dejan de publicarse. Asimismo, la posibilidad de dejar de publicarse vincula a los recordatorios con los avisos de búsqueda de personas perdidas o desaparecidas, fuera del marco del terrorismo de estado.

Por otro lado, la intertextualidad e interdiscursividad la trataremos en relación con las características textuales.

4 LOS RECORDATORIOS COMO TEXTO

En esta dimensión “Fairclough (1992) privilegia la descripción del léxico, las opciones gramaticales, la cohesión y la estructura del texto... [y] enfatiza en las implicaciones ideológicas, a las que él llama “relexicalización” (MEURER, 2005, p. 95)

El recordatorio de los desaparecidos es un género que surge en Argentina, hacia fines de la década del '80 del siglo pasado, interrelacionado con tres sistemas de géneros, “que pueden ser vistos como elementos de una secuencia de prácticas y acciones sociales” (BONINI, 2011, p.693), que se enumeran a continuación:

- 1) los relacionados tradicionalmente con la muerte (epitafios, discursos de homenaje en los funerales, avisos fúnebres, artículos necrológicos, recordatorios en los aniversarios del fallecimiento de una persona, fuera del terrorismo de estado);
- 2) los que denominamos “géneros de la memoria”, que surgen como una necesidad social de recordar y rendir homenaje a los desaparecidos, gestionados por sobrevivientes, familiares y amigos de desaparecidos durante la última dictadura, así como distintas asociaciones de derechos humanos. Entre los muchos “géneros de la memoria” que podemos mencionar, los más importantes, además de los recordatorios son: las páginas web o blogs dedicadas a un desaparecido, el Archivo Biográfico Familiar de “Abuelas de Plaza de Mayo”¹⁰, las “Baldosas por la Memoria”, ubicadas en distintos puntos de la ciudad de Buenos Aires y de otras ciudades del país, que señalan donde vivieron o estudiaron los desaparecidos y el Monumento a las Víctimas del Terrorismo de Estado del Parque Nacional de la Memoria. Este último está compuesto por una lista de las víctimas¹¹ que se podrían asimilar a una serie de miles de epitafios en un soporte de mármol, pero sin cuerpos;
- 3) el tercer género, más acotado, se relaciona con los avisos o anuncios de búsqueda de personas desaparecidas fuera del contexto dictatorial, ya sea el caso de personas extraviadas, objeto de delitos, o que ellos mismos hayan cometido delitos.

Es decir, que tanto los que llamamos “géneros de la memoria”, como otros géneros tradicionalmente relacionados con la circunstancia de la muerte, junto con los de búsqueda de paradero, constituyen tres sistemas de géneros, que confluyen en parte en los recordatorios de los desaparecidos, conforme explica Bazerman (1994 *apud* BONINI, 2011, p. 693) “[...] en un sistema ordenado secuencialmente, un género crea condiciones para la existencia de otro”. El recordatorio, como género híbrido, justamente al presentarse la desaparición en el contexto del terrorismo de estado como un hecho que genera incertidumbre, en los familiares está en un punto de intersección entre estos tres sistemas de géneros. Al ir enumerando las características del recordatorio, estableceremos semejanzas y diferencias con los géneros mencionados.

¹⁰ Archivo preparado por “Abuelas de Plaza de Mayo” y colaboradores con datos biográficos, narraciones de familiares y amigos, fotos, biogramas, etc., con el objetivo de entregarle, a los niños apropiados, hoy adultos, para que cuando recuperen su identidad conozcan la historia de sus padres desaparecidos y sus familias.

¹¹ Donde consta el nombre, apellido, edad, el año de desaparición y eventualmente algún dato, por ejemplo: en el caso de Laura Carlotto, dice “embarazada”.

El recordatorio como texto presenta un recuadro de aproximadamente diez centímetros de ancho y ocho de alto¹², que aparece en las páginas de noticias nacionales del diario *Página 12*. Tiene un encabezamiento, una parte central o “cuerpo” del recordatorio, y suele tener una o varias firmas. A veces antes o después de estas hay una frase de cierre.

El encabezamiento es muy similar a los epitafios, un género discursivo que aparece en las lápidas de las tumbas, aunque presenta algunas diferencias. Como en los epitafios aparece la foto¹³, el nombre y el apellido. Mientras en los epitafios aparece la fecha de nacimiento y de muerte, como delimitando la vida, en los recordatorios de Laura Carlotto (y es similar lo que presentan los de otros desaparecidos) aparecen fechas, pero a veces van fluctuando en las distintas publicaciones. En particular, en los recordatorios de Laura Carlotto, esto se debe a que ella fue secuestrada cuando estaba en la clandestinidad, estuvo cautiva durante, aproximadamente, nueve meses en un centro clandestino de detención y fue asesinada por las fuerzas represivas. Sus padres fueron notificados y concurrieron a una comisaría donde fueron citados. Allí les comunicaron su muerte en un “enfrentamiento”, y reconocieron el cuerpo, que les fue entregado. Se trata de uno de los pocos casos en que el cuerpo de un desaparecido fue devuelto a sus familiares durante la dictadura¹⁴. Por eso en sus recordatorios, sobre todo los de los primeros años de publicación, se observa una oscilación entre su fecha de desaparición o secuestro, entre la fecha del asesinato (en que les entregaron el cuerpo), la fecha que según versiones de los sobrevivientes nació el nieto de Carlotto, incluso en algunos, aparece la fecha de la publicación, y a veces presentan varias o todas estas fechas.

Esas oscilaciones, que relacionan íntimamente el recordatorio como texto y como práctica social se basan en la ambigüedad, ya mencionada, que implica la desaparición, especialmente para los familiares, aunque también socialmente. Habiendo pasado tantos años, no sólo ahora, sino desde la publicación de los primeros recordatorios, ¿que esté desaparecido significa que esté muerto? Si no hay cuerpo, ni ceremonias o rituales fúnebres, ¿se puede reconocer que murió? Si se hallan restos de una persona desaparecida que son identificados por el equipo de Antropología Forense por ese solo hecho, ¿el que era desaparecido deja de serlo para ser denominado “asesinado”? O en el caso en el que nos centramos: una persona que estuvo desaparecida por varios meses, si su cuerpo se lo entregan a sus familiares después de ser asesinada, ¿deja de ser identificada como desaparecida? Estas y otras preguntas, profundas, existenciales se hicieron los familiares y los organismos de derechos humanos, y los fueron respondiendo de diversas maneras, en la medida que lo iban elaborando, procesando mentalmente.

Aunque hay distintas posturas al respecto, en este caso, y en otros donde, en general, después de muchos años se lograron identificar los huesos, creemos que las víctimas no pierden la característica de desaparecidos por esta aparición de sus restos, más que todo porque estuvieron desaparecidos y fueron asesinados en ese contexto. De todas maneras, la identidad social del desaparecido se fue construyendo con el tiempo, pues, en el primer recordatorio escrito por Estela de Carlotto para su hija Laura (R. 1988) , debajo del nombre y el apellido dice: “A diez años de su asesinato por la dictadura militar”. Y a al año siguiente, en R. 1989, aparece la fecha del asesinato y dice: “A 11 años del asesinato de Laura Carlotto”. Y más abajo, aparecen entre paréntesis los adjetivos calificativos: “(Detenida-desaparecida embarazada)”. Es decir, recién se asume, en este segundo recordatorio, esas condiciones, de todas maneras no en todos los recordatorios siguientes vuelve a aparecer la palabra compuesta detenida-desaparecida. Esta palabra implica que no es cualquier desaparición, sino una en el marco de una detención y secuestro realizado en el contexto del terrorismo de estado, aunque a veces se usa sólo la palabra “desaparecida”. En R. 1990, debajo del nombre dice: “Desaparecida el 20-11-77/ Asesinada el

¹² Estos parámetros fueron fijados por el diario con el tiempo, los primeros recordatorios pueden presentar distintas medidas.

¹³ En los recordatorios de algunos desaparecidos no aparecen fotos. Los recordatorios de Laura Carlotto, R. 1999 y R. 2003, tampoco tienen foto.

¹⁴ En la entrevista que le hice (MAZUR GEINSES, abril 2019), Estela de Carlotto refiere que fue a ver a uno de los altos mandos del ejército, el general Bignone, al que pudo acceder por haber sido compañera de trabajo de su hermana, y al cual le pidió por su hija, Laura. “No la maten”, le dijo. “Si cometió un delito para ustedes, júzguenla”. Bignone le respondió que los iban a matar a todos, que no querían que pase como con los Tupamaros en Uruguay, que se fortalecían en las cárceles. Ante esto Estela de Carlotto pensó que su hija ya estaba muerta y le pidió que por lo menos le entreguen el cuerpo. A este pedido le atribuye Estela de Carlotto que le hayan entregado el cuerpo y que hayan simulado un enfrentamiento.

25/08/78". En R. 1991, debajo del nombre, "Secuestrada el 26 de noviembre de 1977¹⁵. Embarazada. Su bebé Guido nació el 26 de junio de 1978. En Cautiverio. Asesinada el 25 de agosto de 1978".

No vamos a extendernos más porque los otros recordatorios, aunque con variantes, construyen, en el encabezamiento, su identidad de forma similar a estos tres últimos mencionados. Como si en el primero no se hubiese asumido, tal vez por el hecho de que les entregaron el cuerpo, ella también era una detenida-desaparecida, que lo sería siempre.

Las frases finales son otro rasgo que vincula este género a ciertos epitafios, que poseen una frase o dedicatoria e incluso a veces la firma de familiares del fallecido. Analizaremos las características de estas frases finales más adelante.

También podemos ver similitudes con los avisos fúnebres publicados en los diarios, especialmente por la aparición del nombre y la circunstancia o datos de la muerte. Aunque los avisos fúnebres son muy breves y tienen como objetivo dar a conocer la muerte de una persona y dónde serán velados o enterrados sus restos. Además, suelen presentar un símbolo religioso, como la cruz o la estrella de David, al igual que muchos epitafios, elementos que no aparecen en los recordatorios de los desaparecidos. Otra cuestión que resulta significativa es que el diario *Página 12* no tiene, ni nunca tuvo, una sección dedicada a los avisos fúnebres comunes (como sí tienen los diarios Clarín y La Nación), pero es el único donde aparecen los recordatorios de los desaparecidos de la última dictadura. Por otro lado, los avisos fúnebres se encuentran en las últimas páginas de esos diarios en una sección aparte, mientras que los recordatorios de los desaparecidos se encuentran en el diario *Página 12* en páginas centrales.

Si bien actualmente, en los diarios Clarín y La Nación, se publican menos avisos fúnebres que en otra época debido a que se comunica el fallecimiento en las redes sociales, también aparecen, en el mismo formato de avisos fúnebres, algunos recordatorios por el aniversario de la muerte de personas que murieron en circunstancias ajenas al terrorismo de estado. Estos son más breves, algunos apelan directamente al fallecido, pero la gran diferencia con los recordatorios de los desaparecidos es que no presentan ni una síntesis biográfica apologética, ni pedidos de justicia, ni referencias al contexto de la publicación, como encontramos en ellos.

Además, los recordatorios de los desaparecidos se emparentan con los avisos de búsqueda de paradero, publicados por las familias y/o la policía para la búsqueda de personas, pero fuera del marco de una dictadura. Estos dan datos para la identificación de la persona con vida (vestimenta, datos físicos), en cambio, en los recordatorios (más allá de las diferentes posturas sobre el tema), los familiares parecen haber asumido, si no la muerte, la desaparición¹⁶. A pesar de eso, hay algunos recordatorios que piden datos sobre el cautiverio del desaparecido, como un deseo de reconstruir la historia, se apela a los que tengan información sobre esas cuestiones para que se comuniquen con los familiares.

La identidad de Laura Carlotto también se va construyendo en el "cuerpo" o parte central del texto, donde en la mayoría de los recordatorios se narran circunstancias biográficas, generalmente con verbos en pretérito, centrándose en elogiar su lucha, muchas veces apelando directamente a Laura, mediante el uso de la segunda persona en verbos y pronombres: Por ejemplo: en R.1989: "Te quitaron la vida por luchar por un país mejor, queriendo así borrar tu presente. Te quitaron a tu niño nacido en cautiverio, para borrar tu futuro [...]" . En R. 2000: "Cada día crece tu presencia en tu ausencia. Vives junto a nosotros en tus convicciones y compromiso por conseguir un país sin desamparo con justicia e igualdad para todos" . En R. 2014: "Creciste y viviste como apurada, querías modificar el destino de tu Patria. Luchar por la justicia social fue tu lema [...]" .

La voz de Laura, como recurso polifónico e intertextual aparece en la parte central de varios recordatorios, a través de la cita de cartas, que ella escribió a su familia desde la clandestinidad, antes de ser secuestrada. Por ejemplo: en R 1999, Laura, en una carta, apela a su mamá: "Tené presente que toda la lucha que llevamos adelante los Montoneros es dura muchas veces, pero a la vez hermosa, ya que peleamos por amor, por amor al pueblo, a la justicia y la libertad". A través de esas cartas también se construye la

¹⁵ Estela de Carlotto, en la entrevista (MAZUR GEINSES, 2019), afirmó que la fecha del secuestro o desaparición (26/11/77) es una estimación, ya que Laura estaba en la clandestinidad. De todas maneras, le atribuye a un error tipográfico del diario la fecha del 20/11/77, que solo aparece en el tercer recordatorio, R. 1990 (el primero en que se fija una fecha de desaparición o secuestro).

¹⁶ Recordemos que los recordatorios se empiezan a publicar diez o más años después de la desaparición, según los casos.

identidad de Laura como una luchadora por la liberación del pueblo, y en este recordatorio, por primera vez se asume que ella pertenecía a la organización Montoneros, que participó en la lucha armada, y fue demonizada, especialmente a partir del golpe de estado¹⁷. En R. 2009, cita otra vez a su hija desaparecida: “Nadie quiere morir. Todos tenemos un proyecto de vida. Pero miles de nosotros moriremos y nuestra muerte no será en vano”. En este texto se agrega la dimensión de mártir. Esta frase también es citada en R. 2011.

El otro recurso polifónico que aparece es la cita de un sobreviviente que habló con Estela de Carlotto: En R. 1995: “A esta hora la sacaron del campo -me dijo recordando hoy Luis, un sobreviviente - A mí me dio el último beso [...]”.

La intertextualidad también se manifiesta en la parte central de algunos recordatorios con la cita de textos literarios, que por su estilo grandilocuente y hasta religioso o profético rompen con la isotopía estilística de los recordatorios de otros desaparecidos¹⁸. Por ejemplo: en R. 1989: “A qué pueblo bueno habéis emborrachado de sangre...!! Qué venganza estáis fraguando [...]”¹⁹. En R. 1990: “Llegan con la aurora, a Laura/los pulpos de colmillos grandes [...]”²⁰. En R. 1996: “La sombra de Caín un día regresará carníbero [...]”²¹. Estas citas contrastan con las de recordatorios de otros desaparecidos, que suelen citar a escritores de izquierda, como Galeano y Benedetti, entre otros y que tienen un estilo más llano y directo.

Lo dicho hasta aquí sobre la parte central del texto guarda, en cierto sentido, similitudes con dos géneros discursivos relacionados tradicionalmente con la muerte: discursos de homenaje en los funerales²² y artículos necrológicos que aparecen en los periódicos cuando muere alguna personalidad conocida. En ellos se realiza un panegírico de la persona muerta, a veces pueden presentar intertextualidad, incluyendo frases dichas o escritas por el fallecido o anécdotas. En cambio, en los recordatorios de los que nos ocupamos, en la síntesis biográfica ocupa un lugar central la identidad social de desaparecido y las características de esa desaparición. Es decir, la biografía incluye, y en los de Laura cada vez se va acentuando más en la medida en que se nota en los recordatorios, una toma de posición política (o al menos su explicitación), la apología de su lucha, correlativa con la denuncia de represores y el pedido de justicia, así como alusiones al contexto social de la publicación.

En R. 1988 se denuncia: “A diez años de su asesinato por la dictadura militar”. En R. 1991: “Laura permaneció 9 meses secuestrada en el campo de concentración ‘la Cacha’ de la Plata, Área Operacional 113. / **Responsables**²³: Ejército, Marina, Policía de la Pcia. de Bs. As. Laura tuvo su hijo en el Hospital Militar./ **Responsables**: Ejército. Laura fue asesinada en La Matanza, Pcia. de Bs. As. Área Operacional 114 /**Responsables**: Ejército, Policía de la Pcia. de Bs. As. [...]”. Y finaliza: “Todos ellos son responsables del secuestro y muerte de Laura y ellos deberán responder sobre su hijito Guido”.

En los recordatorios, al narrar y denunciar el secuestro, tortura, desaparición y muerte de Laura, así como el nacimiento en cautiverio de su hijo y su apropiación, se identifican otros actores sociales, que son los represores. Si bien en el segundo recordatorio (R. 1989) aparece un sujeto tácito: “Te quitaron la vida [...]”, en la mayoría se los denuncia como colectivo: en R. 1991, recién citado, donde se dan bastantes precisiones, en R. 1988 se refiere en general a la “dictadura militar”, en R. 2002 “dictadura militar genocida”, en R. 2012 y R. 2013 “dictadura cívico-militar”, en R. 2006 “los asesinos”, en R. 2008 “los genocidas”.

En varios recordatorios se pide justicia: en R. 1991, “Año tras años estas fechas son recordadas y denunciadas por quienes buscamos: Verdad, Justicia y un nieto robado [...]”; en R. 1992, “No dejaremos de reclamar justicia hasta que esta incline su balanza contra los

¹⁷ Varios sectores de izquierda realizaron también críticas a Montoneros por cuestiones estratégicas, éticas y políticas.

¹⁸ Estela de Carlotto, en una entrevista (MAZUR GEINSES, 2019), reconoce su formación religiosa y se asume como católica. Afirma que cuando mataron a Laura “se enojó con Dios”, pero asevera que para enojarse con Dios hay que creer en él.

¹⁹ No está aclarado en el recordatorio, pero pude averiguar que se trata de una poesía escrita por el cuñado de Laura.

²⁰ Firmado por “Noel, Santiago de Cuba”.

²¹ Se aclara en el recordatorio: “Illegal rap. Escrito en Cerdeña, Italia”.

²² No es un género usual en Argentina.

²³ En negrita en el recordatorio.

asesinos con quienes nos obligan a convivir. Y esa Justicia debe alcanzar para que tu hijito Guido, al igual que centenares de pequeñas víctimas de la dictadura, deje de ser cautivo del siniestro proyecto que lo secuestró”; en R. 2008: “Qué puede reparar en algo semejante crimen sino la Verdad y la Justicia que implacablemente debe condenarlos”.

En diversos recordatorios hay referencias al contexto social y político del momento de la publicación. En R. 1989: “Esos mismos que hoy quieren borrar su pasado de su accionar de secuestros, torturas y muertes” (en referencia a las leyes de Impunidad). En R. 2001: “Cuanta falta nos hace tu presencia y la de tus compañeros de militancia en estos tiempos en que se cumplen inexorablemente los pronósticos de injusticia social” (en plena crisis política y económica, que llevó a la caída de un gobierno neoliberal). En R. 2003: “Un viento de esperanza despierta en nuestra tierra para dar paso a tus ideales. Un nuevo sol alumbría a los que sobrevivieron para no olvidar las palabras VERDAD Y JUSTICIA²⁴ [...]” (la esperanza se relaciona con las políticas de derechos humanos implementadas por Néstor Kirchner). En R. 2010: “los herederos de ella [tu lucha] están reconstruyendo el país soñado para alcanzar aquellos ideales de justicia social” (en el contexto de gobiernos kirchneristas). Incluso en el último recordatorio (R. 2014) se menciona el contexto político del nacimiento de Laura: “Marcó el año de tu nacimiento, 1955, un nuevo y aberrante atentado a la democracia por parte de los civiles y militares apátridas. Bombardeos, fusilamientos, proscripciones”.

La creciente toma de posición política que se observa en los recordatorios se debe a la conciencia que fue adquiriendo Estela de Carlotto al luchar contra las arbitrariedades e injusticias de la dictadura y de los distintos gobiernos neoliberales, así como al reconocer las políticas de memoria, verdad y justicia, y de cierta redistribución de la riqueza del kirchnerismo. También es probable que sus otros tres hijos hayan influido ideológicamente, ya que no sólo trabajaron por los derechos humanos, sino uno fue funcionario y el otro legislador de los gobiernos kirchneristas²⁵.

Los firmantes y frases finales a lo largo de los años son variados, a pesar de que Estela de Carlotto sostuvo, en la entrevista que le hice (MAZUR GEINSES, 2019), que ella redactó todos los recordatorios. En R. 1988 firman: “Tus padres, tus hermanos, tu familia, tus amigos y los demás (aunque no lo sepan) no te olvidamos”. En R. 1989 y R. 1991: “Estela Barnes de Carlotto”. En R. 1992 no hay firmantes. En R. 1997: “Estela, Guido²⁶ y los tuyos”. En R. 1998: “Tus padres, hermanos, tu familia, y tu hijo Guido desde donde esté”. En R. 1999 incluye una frase final que da cuenta de su radicalización al referirse intertextualmente a una conocida frase que el Che Guevara le escribió a Fidel Castro (“Hasta la victoria siempre”): “Hasta la victoria ¡LAURA!²⁷ Tu familia y todos los que no olvidamos”. Otras frases finales, en R. 1994: “Tu ejemplo y el de 30.000 compañeros será sin duda el faro que guíe las banderas por la justicia social. Y tu pequeño Guido que te-nos robaron encontrará que estás viva y lo estás esperando en ellos y nosotros”. En R. 1995: “Esta es la posición inoclaudicable de tus padres, Laura, tus hermanos, tu familia y todos aquellos que no ahorran un segundo de sus vidas para que triunfe la verdad”.

Si bien, en los recordatorios de Laura, predomina la apelación a ella, esta aparece, a veces, combinada con la función expresiva del lenguaje. En el que más se evidencia es en R. 1993, donde se utiliza la primera persona en verbos y pronombres para hablar del dolor de su familia, con verbos en presente, combinado con el uso de impersonales en la oración, para referirse a Laura: “Se nos desgarra el alma para siempre, como una copa de cristal que se hace añicos, dispersos los pedazos algo nos falta adentro, queda un vacío. Duele el solo pensarla, se extraña su presencia, se la imagina, se la llama, se la clama...”. En este y otros fragmentos se observan distintos recursos retóricos o literarios, en el recién citado, la comparación y la metáfora, en R. 1988, R. 1989 y las anáforas (repeticiones del comienzo de oraciones). En R. 2012 no sólo el lenguaje, si no la composición misma del recordatorio parece poética, con recursos como paralelismos sintácticos: “Sigo tus pasos y tú me acompañas/tus ideales me guían/tu valor me contagia/avanzo contigo en un camino que no tiene retorno”.

²⁴ Con mayúsculas en el recordatorio.

²⁵ Consultada sobre esto en la entrevista (MAZUR GEINSES, 2019) afirmó que también en la historia institucional de la Asociación Abuelas de Plaza de Mayo hubo a lo largo de los años una mayor conciencia política, que “al principio eran muy ingenuas”.

²⁶ Guido, además de ser el nombre que Laura le puso a su hijo nacido en cautiverio, era el nombre de su padre (el esposo de Estela de Carlotto), así como el de uno de sus hermanos.

²⁷ Con mayúsculas en el recordatorio.

Estableciendo una comparación con los recordatorios de otros desaparecidos se encuentran bastantes similitudes con los que Estela de Carlotto elaboró para su hija. De todas maneras, como es obvio, no hay uniformidad absoluta entre ellos. En los recordatorios de Laura predominaba la narración de su historia y la reivindicación de su lucha, a través de la apelación directa a ella. Además encontramos el recurso polifónico de la cita de sus cartas, así como el pedido de justicia y de aparición de su hijo, nacido en cautiverio. Sin embargo en algunos de los recordatorios de otros desaparecidos se observa otras variantes: en unos se destaca la cita de textos literarios, en otros aparece más la función expresiva para dar cuenta de cómo sufren o extrañan al desaparecido los familiares. También hay variantes de extensión y estilísticas. Pero esto no solo varía de familia en familia, sino, como en el caso que nos ocupa, a través del tiempo. Incluso a lo largo de los años empezaron a aparecer recordatorios colectivos, especialmente para compañeros de trabajo o estudio, que fueron secuestrados, o personas que compartieron el cautiverio. También se comenzó a ver más alusiones al contexto social y político de la publicación, así como la convocatoria a distintos homenajes a través de los recordatorios, por ejemplo: la colocación de una “baldosa por la memoria” en el lugar donde vivió, estudió, trabajó o fue secuestrada una persona.

5 LOS RECORDATORIOS COMO PRÁCTICA SOCIAL

Conforme a lo afirmado por Meurer (2005, p. 100), “Fairclough procura relacionar los textos con prácticas sociales más amplias, de las cuales el texto es una parte”. Se propone examinarlo en términos de ideología y hegemonía, pero también podemos hacerlo a través de las identidades sociales (MEURER, 2000), y del concepto de comunidad discursiva²⁸ (SWALES, 2009, p. 7).

Si bien no podemos considerar que los familiares y amigos que publican los recordatorios forman una única comunidad discursiva (SWALES, 2009), se puede afirmar que constituyen una red de comunidades discursivas interconectadas. La inmensa mayoría de los familiares y amigos que los publica pertenece a alguna de las siguientes entidades defensoras de los derechos humanos: “Abuelas de Plaza de Mayo”, “Madres de Plaza de Mayo, Línea Fundadora”, “Familiares de Desaparecidos y Detenidos por Motivos Políticos”, APDH (“Asamblea Permanente por los Derechos Humanos”) e HIJOS (“Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio”), entre los principales organismos, aunque hay varios más.

Habría que hacer una investigación sobre el tema, que excede el objetivo de este trabajo, pero se presume por el conocimiento social que se tiene sobre estos organismos, que cada uno de ellos posee las características de una comunidad discursiva, descripta por Swales (2009, p. 7): poseen un conjunto de objetivos perceptibles, tienen mecanismos de intercomunicación entre sus miembros, usan mecanismos de participación para una serie de propósitos, utilizan una selección creciente de géneros en relación con sus objetivos y mecanismos participativos, poseen una terminología específica (en este caso, hay un campo discursivo relacionado con estas entidades de derechos humanos), y por último poseen una estructura jerárquica. Lo que habría que investigar es si las interconexiones entre estas comunidades discursivas son homogéneas y/o sistemáticas. Es público y notorio que algunos miembros de “HIJOS” tienen un fluido y cordial contacto con la asociación “Abuelas de Plaza de Mayo”, así como “Abuelas de Plaza de Mayo” tiene una buena relación con “Madres de Plaza de Mayo, Línea Fundadora”. Sin embargo también es manifiesta la distante relación entre “Madres de Plaza de Mayo” y la mayoría de las agrupaciones mencionadas

Cada una de estas agrupaciones presenta una identidad diferencial, la mayoría incluye en su nombre como dato identitario la relación de parentesco que tenían con un desaparecido: “Madres...”, “Abuelas...”, “HIJOS”, “Familiares”, pero, además de esto, cada agrupación ha fijado su postura en relación con diversas cuestiones antes mencionadas, y en algunos casos han tenido intensos debates y hasta rupturas.

Por otro lado, podemos decir que los familiares manifiestan una postura progresista, algunos (como la misma Estela de Carlotto) han contado que, hasta el momento de la desaparición de sus hijos, tenían una postura de derecha o de “centro”, pero que al iniciar la búsqueda y advertir las injusticias y arbitrariedades de la dictadura, su postura política cambió totalmente, se volvieron

²⁸ La comunidad discursiva podría ser tratada también en la dimensión correspondiente a la práctica discursiva, pero preferimos tratarlo en relación con la práctica social.

cuestionadores del “statu quo” y del gobierno militar, saliendo en muchas ocasiones a pedir por su hijo o hija y poniendo en riesgo su vida (de hecho hay varias mujeres pertenecientes a “Madres de Plaza de Mayo” desaparecidas). Hebe de Bonafini, la presidenta de la mencionada entidad, tiene una frase reveladora: “Nuestros hijos nos parieron”. Es decir, ella, Estela de Carlotto y miles de familiares deben su identidad social a esa desaparición y a esa búsqueda.

En nuestro recorte sólo nos vamos a centrar en la identidad de Estela de Carlotto, ya que, si bien los miembros de su familia aparecen como firmantes de muchos de los recordatorios, ella afirma que fue la única redactora. Estela de Carlotto fue maestra, era directora de una escuela y ama de casa, cuando su hija Laura fue secuestrada en noviembre de 1977²⁹. Desde entonces, su identidad tiene que ver con la desaparición de su hija y con esa búsqueda. Desde el año 1977 la Asociación Abuelas de Plaza de Mayo lucha por la restitución de los niños secuestrados junto a sus padres o nacidos en cautiverio. La mayoría de estos niños (se presume que 400) fueron apartados de sus padres y apropiados por familias de los militares o allegados a ellos. En algunos pocos casos, como el de Ignacio (Guido), el nieto de Carlotto, fueron adoptados, ilegalmente, por familias que desconocían que esos bebés habían nacido en cautiverio y habían sido separados de sus madres, que en la actualidad continúan desaparecidas.

Estela de Carlotto ya poseía una identidad y reconocimiento público como defensora de los derechos humanos en 1988, cuando publicó el primer recordatorio. No obstante su figura se ha hecho más importante con el tiempo. En 1983, cuando volvió la democracia, había 12 nietos restituidos. En la década del ‘80 las Abuelas visitaron academias y universidades del exterior para pedir ayuda a científicos, y lograron obtener lo que se llamó el “índice de abuelidad” ya que hasta el momento el análisis de ADN sólo se podía hacer de padres a hijos, y los primeros estaban desaparecidos. Este fue un hallazgo científico impulsado por “Abuelas de Plaza de Mayo”, que permite que hoy se haya restituido la identidad a 129 nietos, la última fue a principios de abril de 2019³⁰. Ya son hombres y mujeres, que deben procesar mentalmente que vivieron bajo una identidad falsa, que no son quienes creían que eran, ni los que creían que eran sus padres son su padres. La restitución de cada nuevo nieto implica una conferencia de prensa de la Asociación Abuelas de Plaza de Mayo con la presencia ineludible de Estela de Carlotto, así como otras abuelas miembros, sus nietos ya restituidos y familiares, y se trata de un hecho cubierto por los medios de comunicación, pero la restitución del nieto de Carlotto, en el año 2014, fue un acontecimiento nacional.

La construcción de la identidad social de Laura Carlotto como desaparecida, así como la de los represores, ya fue tratada en relación con las características textuales de los recordatorios.

El hijo de Laura, Ignacio (Guido) Montoya Carlotto fue apropiado desde su nacimiento en cautiverio y vivía con una identidad que no era la suya, Ignacio Hurban. Es decir, era un desaparecido que estaba con vida. Él mismo concurrió a “Abuelas de Plaza de Mayo” para hacerse los exámenes de ADN ante dudas que le habían surgido sobre su identidad. A diferencia de otros niños apropiados nacidos en cautiverio, él no fue llevado por la familia de un militar, sino que el dueño de una estancia en la Provincia de Buenos Aires se lo entregó siendo bebé a una pareja que cuidaba sus campos y que no podía tener hijos. Con ellos él no padeció ni los maltratos ni el “lavado de cerebro” que padecieron otros niños apropiados, que se criaron con militares. Su padre biológico, era un compañero de Laura, que está también desaparecido, Walmir Oscar Montoya, militante misionero nacido en Comodoro Rivadavia, Provincia de Chubut y criado en la localidad de Cañadón Seco, en la provincia de Santa Cruz. Conoció a Laura Carlotto en La Plata, cuando fue a estudiar a la universidad. Por testimonios se sabe que ambos estuvieron cautivos en el centro clandestino de detención “La Cacha”. Lo peculiar es que Estela de Carlotto no sabía que su hija estaba embarazada, ni conocía esa relación cuando su hija desapareció. Por declaraciones de sobrevivientes pudo enterarse del parto, que fue corroborado por el equipo de Antropología Forense por ciertas modificaciones óseas en las caderas que tenían los restos de Laura. Desde ese momento empezó la búsqueda, sin tener certezas de quién era el padre. Con el análisis de ADN, al contrastarlas con las muestras de los Familiares en el Banco Nacional de Datos Genéticos, Ignacio (Guido) pudo descubrir su verdadera identidad, no sólo quien era su madre, sino también su padre. Actualmente, sigue viviendo en la ciudad de Olavarría en la Provincia de Buenos Aires, dando clases de música y

²⁹ En agosto de 1977, su marido, que iba encontrarse con su hija Laura, estuvo veinticinco días desaparecido y fue posteriormente liberado. Desde ese momento, percibiendo que estaba en riesgo, Laura pasó a la clandestinidad.

³⁰ Cuando estaba escribiendo este artículo, se produjo la restitución de la nieta número 127, cuando lo estaba reescribiendo para su publicación, ya habían restituido la nieta 129. Es probable que hasta el momento de la publicación se produzcan nuevas recuperaciones.

tiene un contacto fluido con su familia materna y paterna de origen, y especialmente con su abuela, Estela de Carlotto.

6 CONCLUSIÓN

Los recordatorios de los desaparecidos conforman un género híbrido, con características de varios géneros discursivos. Se encuentran en un punto de intersección entre los géneros discursivos relacionados con la circunstancia de la muerte, los que denominamos “géneros de la memoria” y los que se utilizan para la búsqueda de una persona, fuera del marco de una dictadura. La hibridez del género tiene relación con la ambigüedad, la incertidumbre que implica la desaparición forzada para los familiares, que son los productores de estos textos. Los recordatorios de los desaparecidos son y no son epitafios, son y no son discursos de homenaje en los funerales, son y no son anuncios de búsqueda de paradero. A la vez, a través de los recordatorios como “género de la memoria” los familiares realizan varias acciones con valor social: recuerdan, rinden homenaje a los desaparecidos, piden justicia, y por la aparición de los niños nacidos en cautiverios (hoy adultos), denuncian a los represores, convocan a actividades de homenaje e interpelan a la sociedad sobre estos temas.

REFERENCIAS

- BONINI, A. *Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 11, n. 3, p 679-704, 2011.
- BONINI, A. *Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas*. In: Seixas, Lia, Pinheiro, Najara Ferrari. (org.), *Gêneros: um diálogo entre comunicação e Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p 103-120.
- D' ÁLESIO, R. *Ley de Punto Final: el camino hacia la impunidad. La izquierda diario*. Buenos Aires, 22 feb. 2018. Disponible en: <http://www.laizquierdadiario.com/Ley-de-Punto-Final-El-camino-hacia-la-impunidad>.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992
- MAZUR GEINSES, G. *Entrevista a Estela de Carlotto*, Buenos Aires [sin publicar], abril, 2019.
- MEURER, J. L. *O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais*. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 38, p.155-171, 2000..
- MEURER, J. L. *Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough*. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106
- PANIZZO, L. Ausencia y desaparición el caso de los desaparecidos de la última dictadura militar en Argentina. *Argos*, Caracas, v. 29, n. 57, p 94.-125, 2012.

SWALES, J. M. Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. C. (org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009 [1992]. p. 197-220.

UN ESPACIO de memoria. *Diario Página 12*, Buenos Aires, 10 ago. 2014. Disponibles en:
<https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-252667-2014-08-10.html>.

VAN DEMBROUCKE, C. *Absent yet still present: family pictures in Argentina's Recordatorios*. Texas: Thesis Presented to the Faculty of the Graduate School of The University of Texas at Austin, 2010.



Recibido el 29/11/2019. Aceptado el 29/01/2020.

ANEXO A – Primer recordatorio (R. 1988)

SOLICITADA

LAURA ESTELA CARLOTTO

A diez años de su asesinato por la dictadura militar



Diez años es demasiado tiempo para no verte. Diez años es demasiado tiempo para que no vivas, amando y sufriendo entre nosotros, envejeciendo como es la ley de Dios.

Diez años de búsqueda de tu justicia (con memoria para la historia) es demasiado tiempo para no haberla obtenido. Diez años buscando el hijito que te robaron es demasiado tiempo para que aún no nos acompañe el clamor general en la demanda.

Diez años no son demasiados para seguir tu ejemplo.

**Tus padres, tus hermanos, tu familia,
tus amigos y los demás (aunque no lo
sepan) no te olvidamos.**

25-8-88

ANEXO B – Recordatorio N° 11 (R.1998)



LAURA ESTELA CARLOTTO

Secuestrada embarazada el 26/11/77. Despojada de su hijo en cautiverio.

Asesinada el 25 de agosto de 1978.

20 años de ausencia - 20 años de presencia

Tu valor nos convoca día a día a vivir junto a tu rebeldía por las injusticias que soporta el pueblo. Nada mitiga el dolor, en cambio el tiempo refuerza nuestras convicciones. Y por estar convencidas y creer como dijiste que tanta muerte no sería en vano es que luchamos por la justicia social, la verdad histórica y la implacable justicia para los responsables de tanto despojo.

Nada ha sido en vano, Laura.

Tu y todos los compañeros están presentes en este pueblo por el que dieron la vida.
Nunca olvidaremos. Nunca te olvidaremos.

Tus padres, hermanos, familia y tu hijo Guido desde donde esté.

ANEXO C – Último recordatorio publicado - N° 27 (R.2014)

LAURA ESTELA CARLOTTO

Detenida desparecida embarazada el 26 de noviembre de 1977,
junto a su esposo Walmir Oscar Montoya.
Asesinada el 25 de agosto de 1978.



Se cumplen 36 años de tu muerte injusta pero hoy quiero recordar tu vida. Marca el año de tu nacimiento, 1955, un nuevo y aberrante atentado a la democracia por parte de los civiles y militares apátridas. Bombardeos, fusilamientos, proscripciones.

Creciste y viviste como apurada, querías modificar el destino de la Patria. Luchar por la justicia social fue tu lema. Amaste y fuiste amada, y por amor concebiste a tu hijo Guido, dentro de un proyecto de vida junto a Walmir, tu compañero de militancia e ideales.

Cautiva por nueve meses, diste a luz a tu hijo Guido el 26 de junio de 1978 al que acunaste por sólo cinco horas. Lo arrebataron para un destino incierto. Pero la vida nos ha premiado con su encuentro y el 5 de agosto pudimos abrazarlo.

Quiero entonces, querida hija, recordarte viva.

Tendré que despedirme de estos recordatorios. Este será el último porque estás viva en Guido, hoy estás con nosotros porque regresaste en él y desde alguna estrella brillará tu sonrisa y dirá tu destello: "¡Mamá, hermanos, misión cumplida!"

Estela y familia
25-8-14

O PROGRAMA ELEITORAL EM UM PLEBISCITO DE DIVISÃO DO ESTADO DO PARÁ E O USO DO DISCURSO PATRIÓTICO PARA A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DO TERRITÓRIO E DOS AGENTES ENVOLVIDOS

EL PROGRAMA ELECTORAL EN UN PLEBISCITO/REFERENDO DE DIVISIÓN DEL ESTADO DE PARÁ Y EL USO DEL DISCURSO PATRIÓTICO PARA LA CONSTRUCCIÓN SIMBÓLICA DEL TERRITORIO Y DE LOS GRUPOS DE INTERÉS INVOLUCRADOS

THE ELECTORAL PROGRAM IN PARÁ STATE DIVISION PLEBISCITE AND THE USE OF PATRIOTIC DISCOURSE FOR THE SYMBOLIC CONSTRUCTION OF THE TERRITORY AND AGENTS INVOLVED

Carlos Borges Junior*

Universidade Federal do Tocantins

* Doutor em Linguística e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: borges-junior@hotmail.com.

RESUMO: Este trabalho discute a construção do discurso patriótico na representação do território e dos agentes dominantes em um programa eleitoral da campanha dos plebiscitos de divisão do estado do Pará. O programa foi exibido durante o Horário Eleitoral Gratuito de televisão, no ano de 2011. O estudo é alicerçado na teoria da Análise Crítica de Gêneros (BONINI, 2011, 2013) que enfoca os gêneros em termos de sua participação na configuração da realidade social e seu papel na manutenção de relações de poder assimétricas no contexto das práticas sociais. A abordagem também se vale dos aportes teóricos e metodológicos da Análise Crítica do Discurso, com base nos estudos de Fairclough (2008) e Chouliaraki e Fairclough (1999). Os resultados da análise evidenciam: o uso da identidade paraense tradicional e hegemônica para o alinhamento à posição não favorável à separação, somando-se ao elemento patriótico também o discurso do medo, o discurso militante e o discurso de usurpação. Ao cidadão pró-separação, é atribuída a imagem do “outro”, do “separatista”, em oposição a um “nós/a gente”, defensores do “Pará por inteiro”.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas sociais e Gêneros do discurso. Programa Eleitoral. Discurso patriótico.

RESUMEN: Este artículo debate sobre la construcción del discurso patriótico en la representación del territorio y los agentes dominantes en un programa electoral de la campaña del plebiscito de la división del estado de Pará. El programa analizado se presentó en el Horario Electoral Gratuito de la televisión, en el año 2011. El estudio se basa en las teorías del Análisis Crítico de Género (BONINI, 2011, 2013), que se centran en los géneros en términos de su participación en la configuración de la realidad social y su papel en el mantenimiento de relaciones de poder asimétricas en el contexto de las prácticas sociales. El enfoque también se basa en las contribuciones teóricas y metodológicas del Análisis Crítico del Discurso, basándose en los estudios de Fairclough (2008) y Chouliaraki y Fairclough (1999). Los resultados del análisis muestran: el uso de la identidad *paraense* tradicional y hegemónica para defender la posición no favorable a la separación, agregándose al elemento patriótico también el discurso del miedo, el discurso militar y el discurso de la usurpación. Al ciudadano favorable a la separación se le atribuye la imagen del “otro”, el “separatista”, en oposición a un “nosotros”, defensores del “Pará en su totalidad”.

PALABRAS CLAVE: Prácticas sociales y géneros del discurso. Programa electoral. Discurso patriótico.

ABSTRACT: In this paper, we discuss the construction of patriotic discourse to represent the territory and the dominant agents in an electoral program of the campaign for the division plebiscites of the Pará state. The program was broadcasted during the Free Electoral Time in television, in 2011. The study is grounded on the Critical Genre Analysis theory (BONINI, 2011, 2013), which focuses on genre in terms of its participation in shaping social reality and its role in maintaining asymmetrical power relations in context of social practices. The approach also draws on the theoretical and methodological contributions of Critical Discourse Analysis, based on the studies developed by Fairclough (2008) and those of Chouliaraki and Fairclough (1999). The results of the analysis show: the use of traditional and hegemonic Pará identity to defend the “no separation” position, adding to the patriotic discourse the discourse of fear, the militant discourse and the usurpation discourse. The pro-separation citizen is attributed the image of the “other”, the “separatist”, as opposed to “we”, defenders of “full Pará”.

KEYWORDS: Social practices and genres of discourse. Electoral Program. Patriotic discourse.

1 INTRODUÇÃO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) ressalta que todo uso da linguagem está permeado por posições e discursos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Em alguns gêneros, tais elementos/aspectos ocorrem cada vez mais “disfarçados”. É o que acontece nas campanhas eleitorais. Essas práticas sociais são eventos que mobilizam posições e discursos. Não raro, os discursos mais estáveis e dominantes são utilizados para benefícios de manutenção do *status quo* dos mesmos poderosos de sempre. O modo como as campanhas funcionam, portanto, segue sendo um objeto nobre de estudos, haja vista a necessidade de democratização do processo central pelo qual a democracia se faz: o sufrágio.

Neste artigo, constituído a partir do extrato de um estudo mais abrangente (SILVA JÚNIOR, 2017), produz-se um debate sobre o modo como o discurso patriótico é utilizado em um dos programas eleitorais do plebiscito de divisão do estado do Pará (o

plesbírito envolvendo a possível criação do estado do Carajás). Além de evidenciar a organização constitutiva do hipergênero¹ programa eleitoral, busca-se aqui mostrar como, na disputa entre a imagem do Pará e do possível novo estado, o território e os próprios cidadãos desse território são construídos discursivamente.

A análise focaliza três aspectos: 1) os discursos mobilizados na constituição do objeto de discurso (o território) e dos sujeitos participantes (frentes, eleitores); 2) a predicação dos objetos de discurso e das pessoas do discurso; e 3) a constituição das pessoas do discurso.

2 O CONTEXTO DA PROPAGANDA ELEITORAL E DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA

Em 11 de dezembro de 2011, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) realizou os Plebiscitos² que consultaram os eleitores do Pará sobre as propostas de divisão do estado em três unidades federativas: Tapajós, Carajás e Pará. A resolução do TSE nº 23.342³ (BRASIL, 2011c), determinou que toda a população do estado, afetada pelo desmembramento, deveria ser consultada. Então, “por sufrágio universal e voto direto e secreto” (BRASIL, 2011c, p. 1), a maioria dos eleitores que foram às urnas decidiu que o Pará não deveria ser dividido. Portanto, eles responderam NÃO às duas perguntas dos plebiscitos: “a) Você é a favor da divisão do Estado do Pará para a criação do Estado de Carajás⁴? e b) Você é a favor da divisão do Estado do Pará para a criação do Estado do Tapajós?” (BRASIL, 2011c, p. 1, grifos do autor). Ambas as questões tinham como alternativas de voto as palavras responsivas SIM e NÃO, registradas nas urnas eletrônicas com os números (77) e (55)⁵, respectivamente. A proposta de desmembramento é ilustrada na figura a seguir: em verde, Tapajós; em laranja, Pará; e em marrom, Carajás.



Figura 1: Limites territoriais

Fonte: Frente Contra a Criação do Estado de Carajás

(Programa 1)

¹ Hipergênero é um gênero constituído por vários outros, segundo a definição de Bonini (2011).

² Consulta sobre a criação de dois estados: Carajás (o projeto aprovado para votação foi o PDL n.º 52/2007, de autoria do Leomar Quintanilha, à época senador do estado do Tocantins, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)); e Tapajós (projeto PDL 19/1999, que foi criado por Mozarildo de Melo Cavalcanti, do Partido Popular Socialista (PPS), então deputado (BRASIL, 1999). Vale acrescentar também que projetos anteriores com a mesma pauta não foram aprovados). Os projetos foram aprovados em 2011 e numerados com o n.º 136/2011 e n.º 137/2011, respectivamente. Depois foram publicados na forma de decretos legislativos, Brasil (2011a) e Brasil (2011, b).

³ O documento foi assinado, no original, pelos ministros Ricardo Lewandowski (presidente), Arnaldo Versiani (relator), Cármem Lúcia, Marco Aurélio, Nancy Andrighi, Gilson Dipp e por Marcelo Ribeiro.

⁴ Conforme sorteio realizado pelo TSE, no dia 9 de agosto de 2011, em sessão administrativa, ficou estabelecido que a primeira pergunta registrada na urna eletrônica para consulta à população seria relativa à criação do estado do Tapajós e, após a escolha e confirmação do eleitor, seria realizada a pergunta sobre a criação do estado do Carajás.

⁵ Números sorteados em sessão administrativa plenária realizada pelo TSE. Pela ordem do sorteio: 77 (SIM) e 55 (NÃO).

A prática eleitoral do plebiscito foi orientada pela resolução n.º 23.342. O documento determinou que poderiam ser formadas quatro frentes de trabalho:

- a) A favor da criação do Estado do Carajás [liderada pelo Deputado Estadual João Salame Neto (do Partido Republicano da Ordem Social – PROS)];
- b) Contra a criação do Estado do Carajás [presidida pelo Deputado Federal Zenaldo Rodrigues Coutinho Júnior (do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB)];
- c) A favor da criação do Estado do Tapajós [liderada pelo Deputado Federal Joaquim de Lira Maia (do Democratas – DEM)];
- d) Contra a criação do Estado do Tapajós [presidida pelo Deputado Estadual Celso Sabino de Oliveira (do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB)]. (BRASIL, 2011c, p. 2)

Essas frentes lideraram as campanhas eleitorais nos programas de televisão, sendo representadas como *Frente Pró Estado do Tapajós* (Programa do Sim), *Frente Pró Estado do Carajás* (Programa do Sim), *Frente Contra a Criação do Estado do Tapajós* (Programa Não e Não Tapajós), *Frente Contra a Criação do Estado de Carajás* (Programa Não e Não Carajás). As frentes foram definidas em relação às novas macrorregiões: Tapajós (Sim à divisão em relação ao Pará); Carajás (Sim à divisão em relação ao Pará) e Pará (Não à divisão em relação a Tapajós e a Carajás).

A resolução nº 23.354 (BRASIL, 2011d) definiu que a *propaganda eleitoral gratuita no rádio e televisão* começasse trinta dias antes da data de realização dos plebiscitos, portanto, no dia 11 de novembro de 2011, e deveria terminar no dia 7 de dezembro daquele ano, quatro dias antes da votação. Essa resolução estipulou o regulamento para as campanhas eleitorais no horário eleitoral gratuito de rádio e televisão. Nas emissoras de televisão, os programas foram exibidos duas vezes ao dia – no começo da tarde e também à noite “das 13h às 13h10 e das 20h30 às 20h40” (BRASIL, 2011d, p. 12), tendo dez minutos de duração, já que cada programa foi produzido com cinco minutos. A resolução nº 23.354, determinou que “[...] a propaganda gratuita no rádio e na televisão [fosse] veiculada às segundas, terças, quartas, sextas-feiras e aos sábados” (BRASIL, 2011d, p. 12). Assim, foram vinte dias de exibição, sendo alternados entre as frentes dos estados de Tapajós e Carajás. Por esta razão, cada frente ocupou apenas dez dias de exibição dos programas.

Os programas eleitorais de cada um dos plebiscitos (a favor e contra a divisão) foram exibidos em dias alternados, conforme o artigo 30 da resolução nº 23.354 (BRASIL, 2011d). Os primeiros materiais exibidos para todo o estado pertenciam às Frentes Pró e Contra Carajás, alternados no dia seguinte pelos programas das Frentes Pró e Contra Tapajós e, assim, sucessivamente. Também ficou definido que seriam alternadas as ordens na transmissão; ora o horário eleitoral gratuito iniciaria com a veiculação das campanhas favoráveis à divisão, ora começaria com a exibição dos programas das frentes contrárias à separação, sem privilégio de nenhuma das partes, conforme determinou o TSE.

Esses contextos regimentares (com base em resoluções e leis específicas para realização dos plebiscitos) são consubstanciais para a organização legal do gênero, visto que as determinações foram definidas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), cujas práticas regimentares regulamentaram a produção do gênero, determinando tempo de duração dos programas, horário de exibição na televisão, entre outros aspectos. Além disso, os contextos políticos e sociais também influenciaram na formação das frentes de trabalho dos plebiscitos, sobretudo na seleção, organização e constituição dos programas eleitorais; afinal os discursos evidenciados nesses materiais reverberam práticas de todos esses campos de interação, por isso tais contextos são fundamentais para compreender a natureza social do gênero programa eleitoral de um plebiscito de divisão territorial.

3 INCURSÕES TEÓRICAS: GÊNEROS DO DISCURSO E PRÁTICAS SOCIAIS

Os gêneros do discurso organizam e reorganizam, de modo contínuo, as formas de interação nas práticas sociais de uso da linguagem. Por esse motivo, é importante compreender que eles têm um papel importante nas práticas, sobretudo na construção de discursos. Portanto, os gêneros podem contribuir para a manutenção ou mudança nas/das relações sociais, em razão dos múltiplos processos que ocorrem no momento da interação verbal ou resultantes dela.

Chouliaraki e Fairclough (1999) destacam que a Modernidade Tardia apresenta mudanças significativas relativas à linguagem e ao discurso. Os autores relacionam discurso à prática social. Essa concepção está alicerçada na abordagem de Harvey, que entende e “[...] propõe uma visão dialética do processo social em que o discurso é um ‘momento’ entre seis: discurso/linguagem, poder, relações sociais, práticas materiais, instituições/rituais; e crenças/valores/desejos” (HARVEY *apud* CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 6, tradução nossa). Nesse sentido, o discurso é entendido como um modo de ação e de representação. “Essa concepção de discurso possibilita inserções de contextos sócio-históricos, em que relações de poder, lutas, práticas de dominação e desigualdades são identificadas como constituintes de significação e estão sempre em disputa na vida social” (SILVA JÚNIOR, 2017, p. 32-33).

Ao investigar essas práticas, a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Análise Crítica de Gênero (ACG) possibilitam a construção de aportes teóricos de análise social que evidenciam “[...] o fato de que o exercício da linguagem ocorre no interior do embate de posições de classes e grupos sociais” (BONINI, 2013, p. 109). Essa intervenção crítica dos estudos contribui para a desmistificação dos processos de construção e uso da linguagem no contexto social, já que eles não se constituem apenas no *hic et nunc* da enunciação, mas no processo histórico de lutas e embates sociais.

O alerta de que tais estudos não se direcionem especificamente à linguagem em si, mas ao papel que ela (e, portanto, também o gênero) desempenha no contexto social (por exemplo, em práticas de abuso de poder, construção de relações assimétricas, entre outras) torna-se relevante porque as mudanças que ocorrem no uso da linguagem e nas próprias práticas sociais se baseiam em discursos e são justificadas por eles. Problematisando esse processo, Bonini defende que “[...]o analista crítico de gênero lance um olhar engajado sobre seu objeto, forjado no histórico de lutas de um povo” (2013, p. 109). O engajamento a que o autor se refere é concebido a partir da pedagogia de Paulo Freire (FREIRE; MACEDO, 2013), cuja perspectiva se abre para o empoderamento (*empowerment*⁶) de sujeitos, a partir de práticas que orientam uma ação pedagógica social libertadora (GIROUX, 2013, p. 33).

Esses estudos mostram que certas práticas favorecem discursos dominantes e relações de poder e de dominação no contexto social, além de reproduzirem as ideologias das classes hegemônicas, naturalizando-as para manutenção do poder dos grupos dominantes. Nesses processos de embates e de configuração da realidade social, podemos perceber que, em um movimento bidirecional, as práticas sociais organizam e reorganizam as ações com a linguagem e, por sua vez, a linguagem age sobre as práticas. Tomando “[...] a língua como exemplo, podemos verificar que a estrutura linguística impõe limites aos falantes. Porém, dentro dos limites que a língua impõe, os falantes podem usar de sua criatividade para atingir diversos fins”, seja para conformação, confronto ou alteração das práticas (FERNANDES, 2014, p. 77). Isso acontece de forma complexa na vida social, sobretudo, via discursos.

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a ‘doença mental’, a ‘cidadania’ ou o ‘letramento’) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos e pacientes) (FAIRCLOUGH, 2008, p. 22).

⁶ Termo cunhado por Henry A. Giroux (2013) para se referir à pedagogia proposta por Paulo Freire. O termo em inglês *empowerment* é a tradução mais próxima à palavra empoderamento.

Discursos e práticas sociais possuem relações estreitas. Eles refletem, representam, constroem e constituem entidades e relações sociais e se associam por uma série de eventos na vida social. São eventos que se articulam como modos de agir (significado acional), modos de representar (significado representacional) e como modos de ser (significado identificacional) (FAIRCLOUGH, 2008).

Resende e Ramalho (2014, p. 60), com base em Fairclough (2008), explicam que “[...] o significado acional focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais, aproxima-se da função relacional, pois a ação legitima/questiona as relações sociais”; já “[...] o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos, aproximando-se da função ideacional”, e o significado identificacional, por sua vez, “[...] refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso”.

O objeto de estudo da ciência social crítica “[...] é a conexão existente entre as esferas da vida social e as atividades de ordem econômica, política e cultural” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 20, tradução nossa) e essas relações alcançam todos os campos das atividades humanas na sociedade. A ciência social crítica entende práticas sociais como “[...] hábitos cristalizados, ligados a diferentes tempos e espaços, nos quais as pessoas empregam recursos (materiais ou simbólicos) para atuarem juntas na sociedade. Esses hábitos são constituídos por meio da vida social” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21, tradução nossa).

Os autores destacam que práticas sociais são pontos de conexão entre “estruturas abstratas” e seus “mecanismos e eventos concretos” entre sociedade e pessoas que vivem seu cotidiano. As práticas interligam elementos e eventos específicos da vida; relaciona-os a muitas outras ações e acontecimentos; articula-os aos incontáveis contextos sociais das atividades humanas. Enfim, práticas constituem redes de momentos sociais específicos. Assim,

[...] o momento discursivo de qualquer prática dá-se pela mudança quanto à articulação dos recursos simbólicos disponíveis (tais como gêneros, discursos, pessoas), os quais são articulados dentro de instâncias como o momento do discurso e a sua consequente transformação nesse processo constitutivo. Os formatos particulares gerados a partir de um determinado momento discursivo são moldados pelas suas relações com outras instâncias, tais como o próprio efeito de sua assimilação em outros momentos de produção discursiva. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21, tradução nossa)

As discussões de Chouliaraki e Fairclough (1999) apontam também para uma ambiguidade de sentido vinculada ao termo prática. Ela pode ser entendida como uma “ação social” (o que é feito em um tempo e um espaço particular) e também no sentido de ser uma maneira habitual de agir. Quando associada a uma ação social, a prática se efetiva enquanto processo na vida social.

Tomamos a prática como detentora de três características principais. A primeira: elas são produções da vida social, e não apenas uma produção de ordem econômica, antes uma produção refratária dos campos culturais e econômicos. Segunda: cada prática é oriunda de uma cadeia de relações de outras práticas, essas ‘relações externas’ acabam por influenciar e determinar as ‘relações internas’. Terceira: as práticas são sempre dimensões reflexivas, sendo que as pessoas sempre tendem a gerar representações acerca do que elas fazem como parte do que elas fazem. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 22, tradução nossa)

As práticas podem ser caracterizadas segundo os três aspectos apontados na citação: como formas de produção/eventos da vida social, segundo se relacionem com outras e por possuírem o caráter de gerar/constituir uma dimensão reflexiva.

Chouliaraki e Fairclough (1999) ainda afirmam que “[...] qualquer prática de produção discursiva envolve determinados sujeitos em determinadas relações e usando recursos específicos – utilizando ‘tecnologias’ para ‘materiais’ contextualizados a determinadas relações sociais de produção” (1999, p. 23, tradução nossa). Portanto, mapeando essas práticas particulares e levantando como elas se organizam foi possível, por exemplo, identificar como elas contribuem, via gênero, para construção de relações de dominação, e mais especificamente em termos deste estudo, de relações de dominação no plebiscito eleitoral sobre a divisão do estado do Pará.

Em consideração a esses apontamentos teóricos de Chouliaraki e Fairclough (1999), entende-se que as campanhas eleitorais e o gênero programa eleitoral constituem práticas discursivas de natureza complexa em razão de suas formas e relações sociais de produção, distribuição e consumo. A *produção* de um programa eleitoral de televisão, por exemplo, envolve o trabalho de especialistas da área de comunicação no tratamento da linguagem, bem como a produção de imagens, ângulos e textos diversificados, que estão na maior parte das vezes direcionados a certas possibilidades de interpretação e construção de sentidos. A *distribuição* se efetiva em rede de transmissão e retransmissão e o *consumo* se dá a partir de práticas particulares que se estabelecem entre produtores e telespectadores, via mídia televisiva, posteriormente, essa distribuição também ocorre via *internet*.

Enquanto gênero do discurso, o programa eleitoral faz parte das práticas sociais/ discursivas das campanhas eleitorais, neste caso, produzido para exibição na televisão. É um acontecimento singular e específico de uso da linguagem no contexto social, constituído por unidade temática, estilo e forma composicional singulares, conforme Bakhtin (2011). É formado por práticas regimentares e discursivas das esferas jurídica, política, midiática (propaganda, *marketing*, jornalismo), artística, entre outras (SILVA JÚNIOR, 2017).

O objetivo e a finalidade discursiva dos programas podem ser associados às propagandas eleitorais, em aspectos gerais, possuindo, quanto a seu conteúdo temático, “[...] três funções simultâneas no debate eleitoral: reforçar seu eleitorado, conquistar o eleitorado do adversário e ganhar os indecisos” (FIGUEIREDO; ALDÉ, 2003, p. 4). O estilo observado nos programas eleitorais agrupa características de uma “[...] linguagem didática, informativa [e]/ou panfletária” (FIGUEIREDO; ALDÉ, 2003, p. 8, grifo dos autores). Também constroem um “[...] apelo (pragmático, ideológico, político, emocional ou de credibilidade das fontes)”, bem como aspectos “**retóricos**” relativos à “[...] sedução, proposição, crítica, valores ou ameaça” (FIGUEIREDO; ALDÉ, 2003, p. 8, grifos dos autores). Já a forma composicional de um programa eleitoral pode ser constituída, segundo Figueiredo e Aldé (2003, p. 7), “[...] alternativamente [por] pronunciamento do candidato; documentário/ telejornal/reportagem; entrevista ou debate com o candidato”, e mais: “[...] videoclipe/vinheta; ilustração/aniimação; dramatização/ficção/publicidade; ‘povo fala’; depoimento; chamada”; jingles; imagens (FIGUEIREDO; ALDÉ, 2003, p. 7).

Como as campanhas em questão foram midiatizadas, caracterizam-se pela *quase-interação midiática* (cf. THOMPSON, 2002), cujas relações de tempo e espaço no processo de interação são apenas simuladas (não há interação face a face, mas a co-presença), configurando-se na forma de simulacro da interação verbal face a face. “A mídia projeta e constrói discursos, reitera concepções dominantes de exploração e age no sentido da manutenção de práticas sociais assimétricas, disseminando ideologias hegemônicas e legitimando assimetrias entre grupos sociais diferentes” (SILVA JÚNIOR, 2017, p. 32-33). Sendo os gêneros do discurso enunciados no mundo da vida, as relações que eles estabelecem com as práticas sociais são constituídas enquanto modos de agir no mundo e, nos programas eleitorais sobre o plebiscito de divisão do estado do Pará, agem na construção de práticas discursivas, pondo em evidência, no contexto social, as relações de dominação na construção do discurso patriótico, conforme evidenciado adiante nas análises. A análise de cada momento de uma prática contribui para entender a rede de relações que ela detém e articula no contexto das atividades humanas na vida social. Nesses termos, Chouliaraki e Fairclough afirmam que:

Toda prática está situada dentro de uma rede de práticas as quais determinam, ‘a partir do contexto’ as suas ‘propriedades internas’. Os conceitos (articulação e internalização) que tomamos e aplicamos sobre a análise de ‘práticas internas’ e suas particularidades momentâneas podem ser extendidos para analisar as relações entre as próprias práticas. As práticas são articuladas em conjunto com a finalidade de constituírem redes pelas quais elas próprias tornam-se eventos de modo que possam também transformar a si mesmas assim como a rede discursiva a qual constituíram. (1999, p. 23, tradução nossa)

Ou seja: *a vida social é constituída por redes de práticas sociais articuladas*. E, portanto, é possível dizer com base no que afirma Archer *et al.* (1998), que na vida social, somente as relações perduram; isto é, as práticas sociais entre pessoas nunca cessam por definitivo; ao contrário, elas se mantêm. Podem apresentar, às vezes, em certas especificidades e relações pontuais (um evento de interação em dado tempo), o caráter momentâneo de provisoriação, contudo, na dinâmica da vida social, as relações se reelaboram (e também os gêneros do discurso). Se o gênero pode ser entendido como um dos momentos da prática social, ele também pode se constituir enquanto uma rede de “tipos relativamente estáveis” de enunciados em práticas de linguagem que é

acionada mediante as diversas situações de interação verbal (BAKHTIN, 2011; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Tal caráter pode fundamentar a natureza da práxis social do gênero. Portanto, se práticas sociais constituem gêneros do discurso, por analogia, gêneros do discurso, da mesma forma, podem ser entendidos como práticas sociais articuladas e/ou um momento dessas práticas.

4 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DA PRESENTE ANÁLISE

O material analisado neste artigo consiste em um extrato de um *corpus* e de um estudo mais abrangente relatado em Silva Júnior (2017) que discutiu os plebiscitos de divisão do estado do Pará a partir da análise dos programas eleitorais exibidos no horário eleitoral gratuito de televisão. Foram considerados apenas os programas relativos à proposta de criação do estado de Carajás, sendo o *corpus* da pesquisa composto, portanto, pelos programas eleitorais da *Frente Pró Estado do Carajás* (Programa do Sim) e da *Frente Contra a Criação do Estado de Carajás* (Programa Não e Não Carajás).

Dos vinte programas exibidos, foram transcritos seis de cada frente. A escolha do *corpus* contemplou uma distribuição longitudinal dos programas (percurso de *início*, *meio* e *fim* das campanhas de TV), sendo selecionados dois representativos de cada período. Na sequência, esses programas foram transcritos de acordo com o método de transcrição proposto por Rose (2008), mais especificamente, a partir da adaptação de Soares (2013), método ao qual também agregamos elementos. A transcrição (cf. SILVA JÚNIOR, 2017), compreendeu as seguintes categorias: (1) *enunciador*, (2) *dimensão visual* (número da cena, tipo de enquadramento da imagem, localização inicial do tempo em minutos, descrição da cena, localização final do tempo em minutos), (3) *tipo de gênero* (classificação da cadeia de gêneros, tipo de gênero do discurso) e (4) *dimensão verbal* (registro da dimensão verbal).

Com base nessas transcrições, selecionou-se, para este artigo, o primeiro programa eleitoral da *Frente Contra a Criação do Estado de Carajás* (Programa Não e Não Carajás). Buscou-se observar nesse material o modo como os gêneros do discurso (o programa eleitoral e os gêneros que ele mobiliza) são utilizados para a *representação do território e dos agentes dominantes especialmente através do discurso patriótico*.

O programa analisado é constituído pelos seguintes gêneros e nessa sequência: *jingle*, *jingle/hino*, *vinheta/narração em off*, *slogan/logotipo*, apresentação, *vinheta/infográfico*, *vinheta/imagem*, depoimento, legenda e *jingle/slogan/logotipo*.

A análise, considerando as representações produzidas para os interlocutores e para os espaços territoriais em disputa no primeiro programa eleitoral da *Frente Contra a Criação do Estado do Pará*, ateve-se às seguintes categorias: 1) os discursos mobilizados na constituição do objeto de discurso (o território) e dos sujeitos participantes (frentes, eleitores); 2) a predicação dos objetos de discurso e das pessoas do discurso; e 3) a constituição das pessoas do discurso.

5 A REPRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO E DOS AGENTES DOMINANTES

Nos programas eleitorais contra a divisão do estado do Pará, é possível destacar que a construção do objeto de discurso, isto é, o **estado do Pará**, é valorativa e há um evidente *apagamento do outro no discurso* – uso de vocábulos/expressões que apagam os sujeitos. As práticas discursivas analisadas em que se mapeou os recursos lexicogramaticais demonstram que esses elementos apagam tanto os sujeitos que apoiam a frente pró-divisão (moradores da região de Carajás) como também os representantes políticos que as coordenam. Os sujeitos da frente contra a divisão (representantes da frente e os eleitores que os apoiam) são constituídos com uma visão positiva. Além disso, as *relações de superioridade constituídas no discurso* põem em evidência a diferença de poder entre os dois grupos de discussão envolvidos no plebiscito (grupo que defende a não divisão considera-se superior).

O apagamento do outro no discurso e a construção de relações de superioridade na linguagem constituem práticas que configuram processos assimétricos de poder no sentido de dominação. Se esses acontecimentos de linguagem são evidenciados em gêneros discursivos midiáticos, eles representam uma preocupação aos estudos críticos de mídia e gênero, visto que, como a mídia televisiva opera com distribuição de discursos em massa, tais aspectos podem ser legitimados nessas práticas, sendo considerados, com o tempo, *estáveis e inquestionáveis* nas relações sociais.

A transcrição⁷ das dimensões verbo-visuais do gênero *jingle* e parte do gênero *jingle/hino*, relativos ao primeiro programa contra a divisão (quadro 1), fornece dados para caracterização e análise tanto do objeto de discurso quanto dos sujeitos participantes, conforme anteriormente destacados relativos aos aspectos de apagamento do outro no discurso e de relações de superioridade. Eis os dados a seguir:

En.	Dimensão Visual	Gn.	Dimensão Verbal
♪♪ Banda	[1. Panorâmica] 00:01 A imagem mostra um rio. No horizonte ocorre o pôr do sol. A luz do sol espelha um rastro luminoso no rio. [00:05]	Jin.	Te quero Pará por inteiro.
♪♪ Banda	[2. Close-up] 00:06 A imagem mostra em um aperto de mãos de perfil. No polegar de uma das mãos há uma aliança. [00: 08]	Jin.	Amigo, parceiro, irmão.
♪♪ Banda	[3. Panorâmica] 00:09 A câmera gira em torno de uma mulher negra (de trás para frente). Ela está enrolada na bandeira do Pará e sorri. Ao fundo o céu e a copa de uma árvore. [00:12]	Jin.	Unidos num só coração brasileiro.
♪♪ Banda	[4. Close-up] 00:13 A imagem mostra o rosto de três pessoas (um homem e duas mulheres). A mulher ao fundo vira o rosto para a câmera. Todos sorriem. [00:17]	Jin.	Semente e flor do mesmo chão.
♪♪ Banda	[5. Close-up] 00:18 Close-up na bandeira do Pará. Ela balança com o vento. Ao fundo vê-se a imagem de galhos de árvores com folhas verdes. [00:20]	Jin.	Ninguém vai separar meu Pará, meu irmão
♪♪ Banda	[6. Close-up. Corte à altura da barriga] 00:21 A imagem mostra uma mulher que junta as mãos fazendo o desenho de um coração. Ao fundo há imagens embaçadas de plantas. [00:23]	Jin.	com a força e fé no coração.
♪♪ Banda	[7. Panorâmica] 00:24 Mostra-se o pôr do sol. Uma ave aparece de asas abertas planando sobre a imagem do sol. Do lado direito do vídeo há o mastro de um barco à vela. A vela não aparece. [00:26]	Jin.	Não e não
♪♪ Banda	[8. Panorâmica] 00:27 Mostra-se a baía de Belém à noite. Vê-se a lua no canto esquerdo superior do vídeo. A cidade aparece no centro da imagem. Tem-se a fotografia do rio e da cidade iluminada a partir de pontos de luz. [00:30]	Jin.	ninguém divide o meu Pará.

⁷ A transcrição completa do programa pode ser encontrada em Silva Júnior (2017).

 Banda	<p>[9. Panorâmica] 00:31 A câmera registra a imagem de um jovem em uma mercearia. Ele usa boné. Ao fundo há produtos dispostos em prateleiras. A câmera faz o movimento da direita para esquerda. Inicia com imagem de produtos no balcão e vai focar o jovem. Em cima do balcão há uma bandeira pequena do estado do Pará. A câmera passa por essa bandeira antes de focalizar o jovem. Ele faz sinal de negativo balançando o dedo da mão. [00:34]</p>	Jin.	É não e não. É não e não.
 Banda	<p>[10. Panorâmica] 00:35 A câmera focaliza uma sacada de baixo para cima. No muro da sacada, está a bandeira do Pará. Pessoas aparecem com os braços sobre o muro e olham para baixo na direção da câmera. Ao fundo o céu e o galho de uma árvore com folhas. A estrela da bandeira aparece no centro do vídeo. [00:36]</p>	Jin.	Vamos votar.
 Banda	<p>[11. Panorâmica] 00:37 A câmera registra uma mulher a meio corpo. Ela aparece com a mão aberta próximo à lente da câmera, representando o número cinco. A outra mão também está aberta mais junto ao corpo. Quando a imagem segue ela faz movimento com as mãos, trazendo a que não estava junto a câmera e recuando a outra. Ela está na feira Ver-o-peso. Ao fundo há uma das bancas de vendas. Nela há prateleiras com muitos produtos (garrafas e sacos com ervas) em exposição. Ela sorri e se empolga. [00:39]</p>	Jin.	Eu vou votar.
 Banda	<p>[12. Panorâmica] 00:40 A imagem mostra a praia de Alter-do-Chão. Água azul. Uma ponta de terra que avança em direção à água. É a margem de um rio. Nos cantos da parte superior do vídeo há galhos de árvores. Ao fundo céu azul e parte de terra com muitas árvores (floresta). [00:42]</p>	Jin.	É 55 minha gente.
 Banda	<p>[13. Close-up] 00:43 A câmera focaliza o rosto de uma menina. No canto esquerdo do vídeo, ela gira uma bandeira do Pará, fixada em um pedaço de madeira. [00:47]</p>	Jin.	e a nossa estrela vai brilhar.
 Banda	<p>[14. Panorâmica] 00:48 A câmera focaliza uma mulher na sacada. Ela está com os braços abertos segurando uma bandeira do Pará aberta. A mulher estende a bandeira sobre o muro da sacada. [00:51]</p>	Jin.	num só Pará.
 Banda	<p>[15. Close-up. Corte à altura do busto] 00:52 Focaliza-se três mulheres. Elas estão de perfil e com a mão esquerda fazem sinal de não com o dedo. As duas que estão à direita do vídeo usam óculos escuros. A do meio um colar de bolinhas. [00:55]</p>	Jin.	<u>É não e não.</u>
 Banda	<p>[16. Panorâmica] 00:56 A câmera filma uma mulher de baixo para cima. Ela está de frente e segura a bandeira do Pará com os braços abertos. Ela sorri. Ao fundo há a copa de uma árvore vista de baixo para cima. A bandeira está nas costas da mulher. [00:59]</p>	Jin./Hino	Ó Pará quanto orgulho ser filho
 Banda	<p>[17. Panorâmica] 01:00 Imagem aérea de uma cidade. Vê-se casas, uma rótula à direita do vídeo e uma torre ao lado esquerdo da rótula. [01:03]</p>	Jin./Hino	de um colosso
 Banda	<p>[18. Panorâmica] 01:04 A câmera mostra a imagem aérea de um turbilhão de água, que jorra. [01:07]</p>	Jin./Hino	tão belo e tão forte.

 Banda	<p>[19. Panorâmica] 01:08 Imagens de três montanhas com mesma dimensão e altura. Ao fundo um céu em tons de azul, roxo e amarelo (de cima para baixo). Aparece uma neblina que corta as montanhas na horizontal e embaça a imagem dos montes. [01:11]</p> <p>[20. Panorâmica] 01:12 Imagem aérea da Casa das 7 janelas e do forte de Belém em seu entorno. A câmera se movimenta da direita para esquerda, isto é, da Casa ao Forte onde se visualiza barcos atracados no canto esquerdo na parte inferior do vídeo. [01:14]</p>	Jin./Hino	Juncaremos de flores teu trilho.
---	--	------------------	---

Quadro 1: Construção do objeto do discurso e dos sujeitos participantes

Fonte: Silva Júnior (2017, p. 153-155)

Esse trecho do programa foi acionado para exemplificação especialmente por evidenciar algumas categorias de análise, com as quais se pretende trabalhar. O *jingle* faz referência ao *objeto de discurso* e aos *sujeitos participantes* dos programas eleitorais (adiante identificados em outro quadro). Para significar o processo eleitoral e o posicionamento *a favor* ou *contra a divisão*, os elementos léxicos são organizados para produção de sentidos no discurso.

Quanto ao sentido global do enunciado produzido no primeiro programa do Não, pode-se destacar o uso de *discursos ufanistas* de louvor ao estado do Pará, mormente evidentes em *substantivos empregados que recuperam aspectos geográficos, naturais e/ou socioculturais*, como podem ser evidenciados em: “um colosso tão belo e tão forte”. A palavra “colosso”, que faz parte do gênero *jingle/hino* constrói um intertexto com o Hino do estado do Pará. Essa relação ativa processos de construção identitária com o telespectador. As referências ao passado supostamente heróico de um povo, no momento em que há o questionamento quanto ao desmembramento do estado, expõe os sujeitos a um discurso sentimental de pertencimento e a perda da segurança ontológica.

Os *adjetivos* também são acionados com função estratégica. Em “tão grande quanto o Pará é o orgulho que a gente tem dele” é possível observar que a escolha dos elementos lexicogramaticais destaca o discurso ufanista de superioridade, ao associar o adjetivo “grande” ao substantivo “orgulho”, numa tentativa discursiva de envolver o telespectador no discurso que é construído pelo programa ao se valer da expressão “a gente”. A expressão “a gente” é acionada para levar o público a fazer a mesma associação de sentido que os enunciadores do discurso.

A *transposição de posicionamentos individuais para o plano das ideias coletivas* é constituída pelo uso dos pronomes (cf. exemplo anterior com a expressão “a gente” equivalendo a nós). No enunciado “O estado do Tapajós ficaria com 87% das nossas florestas” é possível destacar que o pronome possessivo *nossa* possibilita identificar o posicionamento do enunciador do discurso. Ele constrói o enunciado enquanto sujeito que participa do grupo que exerce o poder, que projeta o discurso como se detivesse a posse do território (as florestas são *nossas* e não *deles*). A relação eu/outro é construída a partir de uma perspectiva assimétrica, afinal o uso de certos termos são específicos para demarcar espaços, sejam eles sociais, culturais, econômicos etc.

O advérbio “não” constrói o *posicionamento taxativo quanto ao plebiscito*: “É não e não”. O discurso duplica o *não* como uma forma de resposta fatídica. Já as *locuções verbais introduzem declarações de voto contra a divisão e também convoca os telespectadores para agir da mesma forma*: “Vamos votar. Eu vou votar”. Fairclough (2008) destaca que as relações de poder são constituídas por significados tomados como tácitos, já que a busca pela hegemonia/poder/dominação requer a universalização de perspectivas particulares. O objeto de discurso em disputa (a representação do território) e os sujeitos que habitam ou podem habitar esse território (a imagem projetada dessas pessoas) são construídos de modo relacionado. O quadro 2 organiza sinteticamente todos os elementos lexicogramaticais que são acionados no discurso do programa eleitoral para compor essas representações.

Construção do objeto do discurso	Construção dos sujeitos participantes	Gn.
REFERÊNCIA AO TERRITÓRIO	REFERÊNCIA AOS DEFENSORES DA NÃO DIVISÃO	REFERÊNCIA AOS DEFENSORES DA DIVISÃO
Substantivo	Substantivo	Substantivo
Rio bandeira copa de uma árvore galhos de árvores com folhas verdes plantas põe do sol ave barco a vela baía de Belém prateleiras sacada estrela da bandeira feira Ver-o-peso praia de Alter-do-Chão Água azul	aperto de mãos mulher negra três pessoas (um homem e duas mulheres) mãos fazendo o desenho de um coração jovem em uma mercearia rosto de uma menina mulher na sacada três mulheres <i>sinal de negativo</i> balançando o dedo da mão <i>mão aberta</i> , representando o número cinco	<i>sinal de negativo</i> balançando o dedo da mão mão Jin.
Adjetivo	Adjetivo	Pronome
Inteiro amigo, parceiro, irmão	Unidos semente e flor	Ninguém
Advérbio	Pronome	Advérbio
Não	Eu meu minha nossa	Não
	Locução Verbal	Locução Verbal
	Vou votar Vamos votar	Vai separar Jin.
	Locução Adverbial	Verbo
	com a força e fé	Divide
	Adv.	
	Não	

Quadro 2: Categorização do objeto do discurso e dos sujeitos participantes

Fonte: Silva Júnior (2017, p. 157-158)

A relação de poder assimétrica pode ser evidenciada no *apagamento dos sujeitos* que apoiam a divisão. Enquanto o estado recebe caracterização por meio de substantivos e adjetivos, a construção dos sujeitos participantes do discurso é constituída por dois sentidos: 1) quando se referem ao enunciador (eu) e o interlocutor (tu), supostamente partícipes do mesmo grupo, é caracterizada de modo positivo; e 2) quando há referência à terceira pessoa do discurso (ele/eles – referência aos grupos pró-separação), ela recebe caracterização negativa, havendo o apagamento e/ou construção de sentido vago, impreciso, indeterminado ou indefinido, aspectos entendidos enquanto ideia de apagamento. Assim, por exemplo, o pronome indefinido ninguém (nos enunciados: “Ninguém vai separar meu Pará, meu irmão” e “Não e não, ninguém divide o meu Pará”) é acionado para a construção dessa relação de sentido, apagando/indeterminando o sujeito/interlocutor que apoia a divisão do estado.

Na dimensão visual dos dados, nota-se também que o “sinal de negativo” que se faz com o dedo é endereçado ao grupo defensor do projeto de cisão. Como esse dado constrói o sentido de nomear sinais no mundo, foram entendidos como substantivos e, por isso, analisado na dimensão visual, que é a transcrição do que pode ser visto na cena. A dupla negação “não e não” revela também a relação de poder assimétrica, pois evidencia o poder que se tem nas mãos, sendo a região de Belém, norte do estado, o maior colégio eleitoral do Pará. Assim, bastaria apenas um não.

A locução verbal “vai separar” e o verbo “divide” constituem ações de um sujeito indeterminado (ninguém). Esse apagamento do sujeito, mesmo sendo um sujeito agente, diminui a visibilidade do grupo opositor no programa e, com isso, ao omiti-lo ou usar termos que não o identificam, contribui para não dar a ele respaldo. Em contrapartida, a posição da frente do não se evidencia e se intensifica com o uso de recursos de identificação com a audiência, como a repetição do pronome possessivo “meu” (por exemplo, “meu Pará”).

5.1 O(S) TERRITÓRIO(S)

O discurso produzido pelo programa do Não é uma tentativa de *naturalização e manutenção* constante da estrutura de poder do Estado e de justificá-la, pois à medida que esses agentes reiteram que o Pará não precisa ser dividido, também ratificam a ideia do grupo político que o governa. Portanto, os programas do Não são produzidos para justificar a permanência das instâncias de poder e estruturas sociais conforme sua organização política atual. O contraste entre o uso da locução verbal para se referir ao grupo favorável à divisão e as locuções verbais que se referem às pessoas contrárias ao desmembramento deve ser observado também quanto ao fato de “vai separar” se constituir um julgamento de valor pejorativo, visto que, durante os programas do Não, os apoiadores da divisão são denominados “separatistas”; enquanto as locuções verbais que fazem referência aos contrários à separação se efetivam como um posicionamento do enunciador do programa, declarando seu voto e incitando/conclamendo os telespectadores a fazerem o mesmo, conforme foi dito anteriormente.

Essas referências contrastivas na constituição do discurso põem em relação e marcam os territórios em disputa. O quadro a seguir demonstra como o uso da predicação direta e indireta constrói a relação de poder entre os territórios do Pará, Carajás e Tapajós:

Objeto de discurso	Predicação direta		Predicação indireta		
	Adjetivo	Verbo	Advérbio	Subst.	Verbo em fun. Adjetiva
Pará	por inteiro amigo, parceiro, irmão de irmãos um colosso tão belo e tão forte sentinela do Norte Tão grande Gigante Delicado	Perder perderia sobraria não teria	Entre sete milhões de pessoas que vivem aqui	E a deixar de manter esse brilho preferimos...	Ó Pará quanto orgulha ser filho de...

	pronto e por fazer único e diverso trabalhador um sexto do que é hoje com pouca terra e nenhum recurso			
Carajás		Ø (levaria) Levaria		
Tapajós		Levaria ficaria com		

Quadro 3: Território(s) em disputa

Fonte: Silva Júnior (2017, p. 160-161)

Os dados tabulados demonstram que a descrição do objeto de discurso gera uma relação binária de disputa (nós e eles) e a inclusão do espectador (eu/você) em um dos lados (a gente/nós). Essa é a representação que se verifica, por exemplo, na frase “entre 7 milhões de pessoas que vivem aqui, uma delas é você”. Nota-se que a identificação com o público se dá com a finalidade de o incluir no grupo que se posiciona contra a divisão do estado. Portanto, o enunciado cumpre a função de fazer a localização do espectador. Esse processo de construção identitária (enunciador-interlocutor), realizada pelo discurso midiático, de certa forma, orienta ideologicamente o telespectador, levando-o à mesma concepção do programa.

Outro aspecto passível de ser analisado quanto ao plebiscito relaciona o adjetivo e a adjetivação indireta, de modo geral, à organização de um discurso patriótico. Entre os aspectos possíveis de serem identificados nos dados, o discurso patriótico tem o papel de constituir a representação de povo, nação, identidade paraense etc., conforme discutido anteriormente. Portanto, aspectos relacionados à ideia de união, não separação, corroboraram para a estabilidade territorial, governamental, política, de poder e dominação vigente no estado. No enunciado, “Ele [o Pará] é ao mesmo tempo gigante e delicado” (predicação direta) os adjetivos *gigante* e *delicado* possibilitam relacionar a ideia de identidade, das características paraenses que, segundo essa visão, precisam ser mantidas ou preservadas.

Quanto aos verbos, é perceptível o caráter de vitimização e/ou passividade quando relacionados ao estado do Pará, visto que nesse discurso, que é uma espécie de discurso do medo, o estado seria prejudicado com a divisão: “perderia riquezas, não teria a mesma dimensão, sobrando apenas uma mínima parte de seus recursos”. O uso dos verbos constrói uma oposição entre nós (Pará) versus eles (Tapajós/Carajás), mediante, portanto, o *discurso do medo*, tão intensificado pelos programas do Não ao longo do período eleitoral de televisão. Os verbos “levaria” e “ficaria” formam a ideia de saqueamento, como se os possíveis novos estados fossem usurpar o que é ou pertence a outro, que é identificado como dono. Nesse sentido, pode-se entender que a predicação indireta reforça e naturaliza as representações construídas no discurso, favorecendo os grupos dominantes mediante relações de poder em favor da manutenção das práticas sociais assimétricas.

5.2 OS SUJEITOS

A relação entre nós *versus* eles se torna mais evidente no quadro a seguir, que focaliza a pessoa do discurso quando na constituição da predicação direta e predicação indireta. A primeira ocorre quando o sentido está linearizado na frase (predicação direta); a segunda quando é necessária uma inferência para que o efeito de predicação ocorra (predicação indireta).

Pessoa do discurso	Predicação direta		Predicação indireta		
	Adjetivo	Verbo	Advérbio	Pronome	Vocativo
(Nós) Nós				nosso Pará nossa estrela	
Eu, minha mulher, minha filha, meus parentes todinhos	Unidos	Juncaremos Vamos votar	num só coração com a força e fé	a nossa bandeira é uma só É nosso rio, floresta. Nosso minério então. Tudo da nossa gente. Todos do mesmo chão.	Minha gente
Nós					
A gente		Tem			
Eu		vou votar sou a favor digo não sou contra			
Você		é uma delas vai entender			irmão
Ninguém		vai separar divide			
Eles		querem tirar			
Ø		Tem é dá			

Quadro 4: Nós e Eles

Fonte: Silva Júnior (2017, p. 163)

A relação construída entre os participantes do discurso, *a priori*, é de oposição. Ela se dá pela diferença Nós versus Eles. A análise da categoria pessoas do discurso, quando na predicação direta e na predicação indireta demonstra que os constituintes acionam a formação de um discurso patriótico. Corroboram com essa prática, o adjetivo e os verbos, bem como as demais categorias. No uso do verbo, essa relação é construída em dois sentidos, ao constituir 1) um discurso patriótico militante versus 2) um discurso da usurpação. O primeiro aspecto pode ser ilustrado quando o enunciador é incluído no grupo contrário à divisão do estado. Portanto, a “nós, a gente, eu e você”, conforme os dados tabulados, é dado o mesmo tratamento no discurso, uma vez sendo eles integrantes do grupo que desaprova a cisão do estado, militando pela mesma causa; são valorizados positivamente no discurso com caracterização semelhante: “Nós vamos votar não, não e não”, “É o orgulho que a gente tem por ele”, “Eu sou a favor do Pará grande, forte e unido” e “Você vai entender por que é tão importante votar 55 contra a divisão do Pará”. Já o discurso da usurpação é construído em relação aos que apoiam a divisão do estado. Usurpar no sentido de separar, dividir, querer tirar proveito da divisão, como em: “Nínguem vai separar meu Pará”, “Querem tirar 83% das terras do Pará”. Acerca dessas construções de linguagem é possível dizer que “[...] são os indivíduos, inseridos em práticas sociais, que corroboram para a manutenção ou transformação de estruturas sociais” (RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 45).

O uso do vocativo produz o sentido de coesão relacionando pátria com família, como em: “É isso aí, o meu Pará ninguém divide, irmão”, estabelecendo a inclusão do “eu” no conjunto do “nós”. Alguns enunciados são elaborados sem a pessoa do discurso: “É nosso rio, floresta”, “Dá pra gostar disso?”. Esses eventos específicos naturalizam o sentido do “eu” como “nós” e da ação que o “nós” realiza (“votar não”). Os advérbios e pronomes na seção da predicação indireta também constituem representação patriótica. Além desses aspectos, enunciados com pessoa do discurso apagada (com uma voz supostamente universal) também são utilizados para construir sentidos bastante naturalizados que, nesses termos, ganham o lugar de verdades consensuadas. São exemplos: “Não tem porque dividir...”, “Dia 11 de dezembro é dia de voto”, “É igual a tirar o jambú⁸ do tacacá...”. Tais construções de senso comum ganham ainda mais força como argumentos quando são expostas como verdades universais (neutras, objetivas) nesses programas midiáticos e quando são postas em uma linguagem que se aproxima da que é utilizada no cotidiano das pessoas, contruindo uma simulação de interação verbal, uma simulação de intimidade.

6 APONTAMENTOS FINAIS

A análise da prática discursiva produzida no gênero programa eleitoral quanto ao objeto de discurso e aos sujeitos participantes aponta que as predicações direta e indireta constroem relações de disputa de território, reforçando discursos naturalizados de teor fundamentalistas (principalmente os discursos patrióticos). Somam-se ao discurso patriótico (identitário), o discurso do medo, o discurso militante e o discurso de usurpação.

Além dos aspectos destacados, outras relações de poder e dominação são evidenciadas nas práticas discursivas analisadas neste artigo, tais como as de apagamento dos sujeitos; relações de superioridade; construção de discursos ufanistas; projeção de discursos individuais como universais e manipulação do discurso mediante a usurpação do lugar do interlocutor. As relações destacadas foram identificadas a partir de recursos lexicogramaticais que põem em evidência enunciados que exaltam certa identidade paraense, o discurso patriótico, relações de construção do objeto de discurso, construção dos sujeitos envolvidos e das referências de território. Destarte que o gênero programa eleitoral viabiliza a construção discursiva dos sujeitos, do território e dos agentes dominantes mediante sua organização temática, estilística e composicional. Sendo um dos momentos das práticas sociais, os gêneros contribuem no sentido de viabilizar a produção de discursos, operando ou não no sentido da legitimação desses discursos, em processos de manutenção e/ou mudanças sociais.

As relações de poder e dominação que foram problematizadas ocorrem no contexto das práticas sociais dos programas e nos recursos lexicogramaticais dos enunciados. Suas evidências se localizam nas entrelinhas do discurso, isto é, em práticas discursivas que se deixam ver menos (BOURDIEU, 2010), para que constituam zonas de força e reforcem valores das classes dominantes em favor da dominação. Com o passar do tempo, tais relações podem alcançar maior domínio sobre as mentes, visto que certas práticas acabam sendo naturalizadas por conta de relações que foram se estabelecendo historicamente.

Como as relações sociais se constituem a partir de processos históricos, questionar o momento em que o discurso se organiza pode repercutir diretamente na vida social, a ponto de que as práticas sejam reorientadas para promover mudanças. Segundo Chouliaraki e Fairclough (*apud* RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 41), “[...] a vantagem de se focalizar as práticas sociais é a possibilidade de se perceber não apenas o efeito de eventos individuais”, e acrescentam: “[...] mas de séries de eventos conjunturalmente relacionados na sustentação e na transformação de estruturas, uma vez que a prática social é entendida como um ponto de conexão entre estruturas e eventos”.

⁸ Jambú é uma planta cultivada na região norte do Brasil. É muito utilizada na culinária paraense, principalmente no preparo do tacacá. É um dos ingredientes essenciais desse prato, garantindo uma sensação de formigamento nos lábios e na língua, devido à ação anestésica peculiar da planta. Na cultura paraense, o jambú é considerado afrodisíaco.

REFERÊNCIAS

- ARCHER, M. S. *et al.* *Critical realism: essential readings*. London: Routledge, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BONINI, A. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 57-71.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRASIL. Congresso. Senado. Decreto Legislativo n. 136, de 2011. Dispõe sobre a realização de plebiscito para a criação do Estado do Carajás, nos termos do inciso XV do art. 49 da Constituição Federal. *Legislação*. Brasília, DF, 26 maio 2011a. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=538263&id=14368456&idBinario=15839519&mimeType=application/rtf>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- BRASIL. Congresso. Senado. Decreto Legislativo n. 137, de 2011. Convoca plebiscito sobre a criação do Estado do Tapajós. *Legislação*. Brasília, DF, 02 jun. 2011b. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2011/decretolegislativo-137-2junho-2011-610722-publicacaooriginal-132714-pl.html>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Resolução nº 23.342, de 30 de junho de 2011. Dispõe sobre os plebiscitos a serem realizados no Estado do Pará. *Coordenadoria de Jurisprudência*. Brasília, DF, 2011c. Disponível em: <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/resolucao-23342-instrucao-116326>. Acesso em: 01 nov. 2015.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Resolução nº 23.354, de 18 de agosto de 2011. Dispõe sobre a propaganda plebiscitária e as condutas ilícitas nos plebiscitos no Estado do Pará. Propaganda Plebiscitária e as condutas ilícitas nos plebiscitos no estado do Pará. *Coordenadoria de Jurisprudência*. Brasília, DF, 2011d. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/arquivos/tse-propaganda-plebiscitaria-e-as-condutas-ilicitas-nos-plebiscitos-no-estado-do-pará-res-23.354/view>. Acesso em: 02 nov. 2015.
- BRASIL. Congresso. Senado. Projeto de Decreto Legislativo n. 19, de 1999. Convoca plebiscito sobre a criação do Estado do Tapajós. *Legislação*. Brasília, DF, 1999. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3606918&ts=1547999409817&disposition=inline>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasilia: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- FERNANDES, A. C. *Análise de discurso crítica: para leitura de textos da contemporaneidade*. Curitiba: Intersaber, 2014.
- FIGUEIREDO, M.; ALDÉ, A. Intenção de voto e propaganda política: efeitos e gramáticas da propaganda eleitoral – notas para um debate. In: Encontro Anual da Compós, 12., 2003, Recife. *Anais...* Recife: [s.n.], 2003. Disponível em: <<http://doxa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2014/03/FigueiredoeAlde.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2017.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIROUX, H. A. Alfabetização e a pedagogia do *empowerment* político. In: FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p. 33-77.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2014.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 343-364.

SILVA JÚNIOR, C. B. *Relações de dominação em programas eleitorais do plebiscito de divisão do estado do Pará*. 2017. 431 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PLLG0699-T.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SOARES, V. A. S. F. *A série televisiva O Sagrado e a prática de publicidade institucional indireta da rede globo: uma análise crítica de gênero*. 2013. 280 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/123003/325522.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 abr. 2015.

THOMPSON, J. B. *O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.



Recebido em 17/01/2020. Aceito em 01/04/2020.

A (RE)CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES NA SESSÃO DE GRUPO SOCIOEDUCATIVO

LA (RE)CONSTRUCCIÓN DE LA MASCULINIDAD EN LA SESIÓN DEL GRUPO
SOCIOEDUCATIVO

THE (RE)CONSTRUCTION OF MASCULINITY AT THE SOCIO-EDUCATIONAL
GROUP SESSION

Vanessa Arlesia de Souza Ferretti*

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

RESUMO: O presente artigo discute a relação entre a participação em sessões de grupo socioeducativo (como um gênero discursivo) e a (re)construção de masculinidades de homens autores de violência contra a mulher. Para tanto, agencia o arcabouço teórico da Análise Crítica de Gêneros e analisa 12 sessões do referido grupo, em termos de horizonte temático, estrutura estilístico-composicional e funcionamento. Trata-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, desenvolvida ao longo de 12 meses numa cidade da região sul do Brasil. Os resultados apontam para disputas acerca dos significados da violência e a (des)naturalização desta última como aspecto constituinte de masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero discursivo. Masculinidades. Violência contra a mulher.

RESUMEN: Este artículo discute la relación entre la participación en sesiones de grupo socio educativo (como un género discursivo) y la (re)construcción de masculinidades, de hombres autores de violencia contra la mujer. Con este fin, se establece el marco teórico del Análisis Crítico de Géneros y se analiza 12 sesiones de dicho grupo, en términos de horizonte temático, estructura estilística y compositiva y funcionamiento. Esta es una investigación etnográfica, desarrollada durante 12 meses en una ciudad del sur de Brasil. Los resultados apuntan una disputa sobre los significados de la violencia y su (des)naturalización como un aspecto constitutivo de las masculinidades, un proceso que ocurre a través de una disputa sobre los casos de constitución del género discursivo.

*Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Integra o Núcleo de Estudos Bakhtinianos (NEBA) e o Grupo de pesquisa Educação, Cultura e Diversidade. Doutora em Linguística Aplicada (UFSC/NELA). E-mail: vanessa.arlesia@gmail.com.

PALABRAS CLAVE: Género discursivo. Masculinidades. Violencia contra la mujer.

ABSTRACT: In this work, we take, as theoretical presuppositions, the notion-concept of discursive formation, as proposed by Michel Pêcheux (1997) and based on the article “Palavra de amor” (Word of Love), by Eni Orlandi (1990) to analyze, from the point of view of the French Discourse Analysis, fragments of songs in English and Portuguese languages. The analysis of the songs allowed us to perceive the discursive formations of love as pain or suffering and of love as nostalgia as constitutive formations of texts, revealed by enunciative regularities in operation through linguistic elements and characteristics of the texts. Due to the impossibility of dealing here with all the aspects investigated from the discourse of love, we reiterate the certainty that the notion-concept of discursive formation, as theorized by Pêcheux (1997), is still very productive. Likewise, we reaffirm the productivity of Orlandi's article (1990), despite its almost thirty years of meaning production.

KEYWORDS: Discursive genre. Masculinity. Violence against women.

1 INTRODUÇÃO

A masculinidade é uma dimensão das autoidentidades que integra centralmente as narrativas de si, constituindo modelos a partir dos quais homens e mulheres se narram. Ela se configura nas dinâmicas entre estrutura, prática e eventos sociais, sendo ela mesma compreendida, em sua versão hegemônica, como uma determinada configuração de práticas em termos de relações de gênero social (*gender*).

As práticas sociais, de maneira geral, têm sido focalizadas nas análises discursivas críticas, pois intermedeiam o que é sempre novo (evento) e o que é mais estável (estrutura). Relacionados à dimensão das práticas estão os gêneros discursivos (*genres*), que as realizam via tipificações semióticas orientadoras de formas de significar e agir, integrando *habitus*¹. Como a vida é uma entidade aberta, o tensionamento de qualquer um desses aspectos traz também a possibilidade de novas configurações, um dos propósitos centrais da Análise Crítica de Gêneros (ACG).

Considerando tais pressupostos, a pesquisa aqui reportada² tem por objetivo analisar como o gênero *sessão de grupo socioeducativo* para homens autores de violência contra a mulher se relaciona com a (re)configuração discursiva de masculinidades. Para tanto, discuto nas seções seguintes as relações entre autoidentidade, práticas sociais e gêneros discursivos; apresento o percurso metodológico da pesquisa reportada e, por fim, explícito a análise de 12 sessões do referido grupo em termos de: i) horizonte temático, ii) estrutura estilístico-compositional e iii) modo de funcionamento.

2 AS PRÁTICAS SOCIAIS COMO LUGAR DA CONSTITUIÇÃO DE SI

A autoidentidade – tomada aqui como sendo o contínuo processo de constituição de si – pode ser entendida “não [como] um traço distintivo, ou mesmo uma pluralidade de traços, possuído pelo indivíduo”, mas como sendo o “eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia” (GIDDENS, 2002, p. 54). Tal processo de compreensão, por sua vez, só é possível por meio da linguagem (VOLOCHINOV, 2014). Isso ocorre porque a “[...] compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico [...]. Aliás, [...] a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material dos signos [...] a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” (VOLOCHINOV, 2014, p. 33-4). Nesse sentido, a linguagem, então, assume um papel primordial na constituição das autoidentidades.

¹ *Habitus* está sendo entendido aqui como “[...] sistemas de disposições [relativamente] duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como um princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ ou ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras [...]” (BOURDIEU, 1994, p. 60-1)

² Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, sob o Parecer n. 1.599.474.

Além disso, a linguagem não é só material da consciência, é também material concreto da comunicação e só existe saturada por todo o contexto que integra as interações sociais. Nas palavras de Volochinov (2014, p. 45), “[...] as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece”. Em outros termos, “[...] a palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função [de signo], nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social” (VOLOCHINOV, 2014, p. 36). Portanto, aspectos da vida social passam a constituir as autoidentidades via reflexão e refração da linguagem.

Na esteira dessa discussão, as relações sociais (constituídas pela linguagem), por sua vez, não se dão num vácuo sócio-histórico, mas em contextos marcados por um cronotopo específico (RODRIGUES, 2004), no interior das práticas sociais. Aliás, para Fairclough (2003), as relações sociais são um dos aspectos constituidores das práticas, ao lado da própria linguagem (ou Discurso, como o autor nomeia) e das atividades materiais, por exemplo. Todas essas dimensões são sobredeterminadas/significadas pela linguagem e agem, portanto, recursivamente na constituição de práticas e autoidentidades.

De maneira geral, as discussões de Giddens (1991, 1993, 2002) acerca das transformações da intimidade a partir das mudanças sócio-históricas da modernidade tardia ilustram o modo como estruturas sociais constituem as práticas (lócus do encontro entre os aspectos potenciais e empíricos da existência) e, consequentemente, as autoidentidades (ou o modo como autoidentidades se constituem a partir das práticas).

Conforme aponta o autor (GIDDENS, 1991, 2002), transformações na ordem pós-tradicional – como o surgimento dos Estados-nação, o industrialismo, as mudanças nas relações de espaço-tempo, a introdução de sistemas abstratos entre outros – desencadearam mudanças nas relações da intimidade e na própria constituição do eu, de modo que a *reflexividade* torna-se um dos elementos cada vez mais central desse contexto, relacionado não só com mudanças estruturais, mas principalmente com as mudanças na autoidentidade. Giddens explica que “[...] a contínua incorporação reflexiva do conhecimento não apenas se introduz na brecha, ela proporciona precisamente um ímpeto básico às mudanças que ocorrem nos contextos pessoais, e também globais, da ação” (GIDDENS, 1993, p. 39).

Na modernidade tardia, esse conhecimento é incorporado a partir de sistemas abstratos, isto é, sistemas de conhecimentos que “[...] penetram na vida cotidiana [e] normalmente oferecem múltiplas possibilidades em vez de fornecerem guias e receitas fixas de ação” (GIDDENS, 2002, p. 82). Assim, questões como “quem sou eu?”, “qual o sentido de minha existência nesse mundo?”, “como devo conduzir minha vida?” têm emergido como efeitos estruturados em *habitus* (BOURDIEU, 1994) e aspectos estruturantes das/nas práticas sociais, culminando em transformações das autoidentidades a partir de uma multiplicidade de práticas das quais os sujeitos participam, sendo estas cada vez mais marcadas por transformações amplas, intensificando a relação global-local e gerando, segundo Giddens (2002), medo, insegurança e contínua necessidade de escolhas diante de inúmeros estilos de vida³.

Em termos de masculinidades e feminilidades, essa problemática está presente, por exemplo, nos questionamentos de Betty Friedman sobre aquilo que ela rotulou de “[...] problema que não possui nome”, ou seja, no modo como determinadas formas de compreensão de si (ou de papéis sociais, para usar termos da época) são postas em questão a partir da reflexividade (GIDDENS, 1993).

Na modernidade tardia, essas questões de natureza ontológica têm de ser respondidas não apenas cotidianamente, mas pressupõem uma ininterrupta interpretação de si, “[...] no desdobrar temporal da autoidentidade” (GIDDENS, 2002, p. 20). Nesse sentido, a identidade “[...] não é algo simplesmente apresentado, como resultado das continuidades do sistema de ação, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo” (GIDDENS, 2002, p. 54).

Tais atividades, embora sempre inéditas, não se dão como forma primeira de interação, ou seja, elas se dão a partir de tipificações históricas e pressupõem conhecimentos práticos – aspectos incorporados em *habitus*, que possibilitam (como conhecimento dado)

³ Estilo de vida está sendo entendido aqui como “[...] um conjunto mais ou menos integrado de práticas que o indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da autoidentidade” (GIDDENS, 2002, p. 79).

a emergência das próprias atividades, ou seja, as atividades só ocorrem como práticas sociais, marcadas por determinadas dinâmicas relacionais.

Sendo um dos aspectos que constituem as autoidentidades, as masculinidades se articulam com esses modos de configuração relacional na medida em que dizem respeito justamente a modos específicos de configuração das práticas em termos de relações de gênero social. Diversos autores (CONNELL, 2003; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; KIMMELL, 1998; WELZER-LANG, 2001 entre outros.) têm apontado para o fato de as masculinidades (e feminilidades) não serem uma espécie de [...] entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos, [mas] configurações de práticas que são realizadas na ação social [...]” (CONNELL, 2003, p. 72). Especificamente, as masculinidades [...] são configurações de práticas estruturadas pelas relações de gênero [social]. Elas são inherentemente históricas e se fazem e refazem como um processo político que afeta o equilíbrio de interesse da sociedade e a direção da mudança social” (CONNELL, 2003, p. 72).

Considerando o jogo de forças históricas, no entanto, há a emergência do que Connell (2003) nomeia de *masculinidade hegemonic* – resultado da incorporação da forma historicamente mais “honrada” de ser homem num determinado tempo-espacó. Ela exige, nas palavras de Connell e Messerschmidt (2013, p. 245), “[...] que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; KIMMELL, 1998; WELZER-LANG, 2001). Isso se dá por meio de símbolos (SCOTT, 1989), por construções que nem sempre dizem respeito a possibilidades reais de vivências, uma vez que [...] a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade [...], símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263). Nesse caso, a masculinidade como um aspecto da autoidentidade se relaciona também com a linguagem na medida em que é constituída pelo processo de significação no interior das práticas.

Essas práticas, como atividades tipificadas, pressupõem formas típicas de acabamento discursivo da realidade, para além das masculinidades, ou seja, pressupõem tipificações discursivas estruturais, temáticas e estilísticas relacionadas à determinada atividade no âmbito de determinada esfera de atuação humana. Resumidamente: pressupõem determinados gêneros do discurso. Esses inscrevem posições discursivas as quais os sujeitos ocupam, mas podem também reconfigurá-las, recriá-las, dado o caráter sempre aberto da existência. É sobre a dimensão dos gêneros discursivos nas práticas que trata a próxima seção.

3 OS GÊNEROS DO DISCURSO COMO DIMENSÃO DISCURSIVA DA REALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS

O conceito de gêneros discursivos é substancial para o tratamento das práticas sociais e a relação destas com a linguagem, que, aliás, lhe é intrínseca, e tem sido retomado por diversos campos de estudo (BAZERMAN, 2009; BAWARSCHI; REIFF, 2013). No âmbito da Linguística, Meurer (2002), por exemplo, precursor da perspectiva crítica de análise de gêneros no Brasil, mostra como uma narrativa pessoal como gênero tem desdobramentos sobre os modos de conceber o mundo, as relações sociais e a autoidentidade. Além disso, ele propõe que o estudo crítico dos gêneros seja um meio de reconstruir essas instâncias sociais.

Nesse viés, recentemente, no âmbito da Análise Crítica de Gêneros (ACG), Bonini tem agenciado o quadro teórico bakhtiniano para o tratamento do fenômeno, ação cada vez mais presente entre outros autores (Conf. MOTTA-ROTH; MERCUZZO, 2010; MOTTA-ROTH, 2013 entre outros), bem como a perspectiva faircloughiana e freireana para a definição do caráter crítico das análises em ACG (BONINI, 2013; 2014; 2017). Nessa perspectiva, o gênero tem sido entendido como uma unidade tipificada em termos de horizonte temático e estilístico-composicional na efetivação das práticas sociais.

Assim, a tipificação temática de um gênero diz respeito ao domínio de sentido que o gênero comprehende, sendo este caracterizado pelo [...] contato entre significação e realidade concreta em circunstâncias típicas” (BAKHTIN, 2003, p. 293). Em outras palavras, o tema se relaciona com “a realidade que dá lugar à formação de um signo” (VOLOCHINOV, 2014, p. 46). No âmbito do gênero, o tema é [...] determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (VOLOCHINOV, 2014, p. 133). Ainda, o tema só existe como um recorte da realidade, sendo, por isso, saturado da expressão valorativa daquele que recorta (o autor) e,

consequentemente, da esfera da qual emerge (MEDVIÉDEV, 2016). Esse aspecto é substancial frente às lutas pela hegemonia, uma vez que a luta por determinados recortes da realidade é também pela efetivação de determinadas configurações das práticas sociais.

Já a tipificação estilístico-composicional diz respeito às escolhas lexicais, fraseológicas e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsável ativa do enunciado. Diz respeito também à organização típica de determinado gênero em termos da relação entre interlocutores. Segundo Bakhtin (2003, p. 266), a estrutura composicional se refere à determinada unidade da composição, ou seja, determinados tipos de construção do conjunto, tipos de acabamento, tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva. Essas “unidades”, esses “tipos de acabamento”, podem ser entendidos como espécies de fronteiras da atividade dialógica. Nas palavras de Bakhtin, “[...] o início e fim de uma obra, do ponto de vista da unidade da forma, são o início e o fim de uma atividade: sou eu quem começo e quem termino” (BAKHTIN, 1988, p. 63). Os limites formais de um enunciado são dados, assim, a partir do acabamento dado ao enunciado pelo seu autor, endereçado ao(s) interlocutor(es).

Segundo Bonini (2004), em termos de delimitação de fronteiras enunciativas para a caracterização de um gênero discursivo, é possível considerar ainda a autoria compartilhada de diferentes sujeitos que, conjuntamente, construiriam um único enunciado tipificado a partir de/em um gênero. É o caso da “audiência pública”, da “aula”, da “entrevista de rádio” etc. Nesse caso, trata-se do que Bonini (2004) nomeia de enunciado-recorte, isto é, fenômenos que pressupõem fronteiras não marcadas pela troca de turno de fala, mas por instâncias enunciativas mais abrangentes.

A delimitação do enunciado-recorte, segundo Bonini (2004), se dá a partir, não de um interlocutor que interage no interior de uma conversa, por exemplo, mas de um observador que delimita o enunciado por meio de critérios a partir dos quais traça o início e fim de um ritual interativo. Assim, tem-se, de um lado, o que Bonini (2004, p. 9) chama de “texto-ritual”, ou seja, “uma unidade produzida por meio de uma rede de trocas entre enunciadores individuais”, materializando o enunciado-recorte; e de outro lado, um texto simples (com apenas um enunciador) ou texto complexo (como uma unidade com uma cadeia hierárquica de enunciadores), materializando um enunciado-pleno (enunciado no sentido bakhtiniano).

Embora heterogêneas, tais formas de recortar e materializar os enunciados não prescindem dos aspectos constitutivos apontados por Bakhtin e discutidos até aqui, sobretudo no que tange às relações entre enunciado, gêneros discursivos, práticas sociais e autoidentidades. Em verdade, apenas apontam para a complexidade do fenômeno discursivo quando entendido em relação às práticas sociais. Aliás, as relações até aqui aventadas acerca da relação entre auto-identidades, práticas sociais e gêneros discursivos justificam a centralidade deste último conceito na ACG.

Assim, o conceito de gêneros discursivos se mostra substancial na análise de auto-identidades e especificamente de masculinidades enquanto tanto uma configuração de práticas quanto um modelo de “ser homem” (CONNELL, 2003). Afinal, sendo as masculinidades atravessadas por todas essas dimensões (inerentes às práticas), de sua análise podem emergir inteligibilidades tanto sobre as formas de existir como homem, quanto dos modos de inscrição dessas formas na estrutura social (que ocorre via estabilizações relativas de enunciados/eventos concretos).

4 METODOLOGIA

Estando sob o guarda-chuva das pesquisas em Linguística Aplicada, o presente estudo se debruça sobre problemas socialmente relevantes que têm a linguagem como um aspecto central (MOITA LOPES, 2006), buscando intervir sobre tais problemas a partir da reflexão crítica, da pesquisa científica. Especificamente, assume-se a perspectiva qualitativa (MASON, 1998) e agenciam-se instrumentos etnográficos para a geração de dados (observação participante, gravações em áudio, notas e diário de campo), que são descritos e interpretados (FAICLOUGH, 2003) à luz das postulações teóricas assumidas.

Assim, o problema social relevante é a recorrência dos diversos tipos de violência contra a mulher e sua relação com os modos de dar sentido às relações de gênero (*gender*) a partir de padrões hegemônicos de masculinidades e feminilidades (centrados em

diversos tipos de violência). A partir disso, a reflexão se debruça sobre as práticas sociais que buscam intervir sobre o problema. Nesse caso, trata-se da prática do grupo socioeducativo para homens autores de violência contra a mulher, proposta como uma política pública fomentada pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e realizada pelo Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), gerido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEMUDES), numa cidade⁴ da região Sul do Brasil.

Essa política funciona no município desde 2004 e atende homens com idades e profissões variadas (Conf. Quadro 01), que tenham protagonizado situações de violência contra a mulher (especialmente no âmbito conjugal) e que acessam o SUAS por diferentes frentes. Desde 2014, o grupo atende também homens encaminhados compulsoriamente pelo Sistema Judiciário, em cumprimento de pena ou de medida protetiva de urgência. Ao longo dos 12 meses de pesquisa de campo, 45 homens passaram pelo grupo, sendo que desses, 31 participaram das sessões que compõem os dados de análise.

Nome	Idade	Ocupação	Natureza do encaminhamento
Alan	43	Segurança (desempregado)	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Alberto	43	Fiscal de transporte escolar	Juizado Criminal (Revisão processual/ Compulsória)
Alcides	64	Microempresário (aposentado)	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência vinculada à liberação de prisão preventiva/ Compulsória)
Alexandre	51	Jardineiro (desempregado)	Centro de Referência em Assistência Social/ CRAS (Espontânea)
Álvaro	43	Pedreiro autônomo	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Anderson	24	Garçom	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Arthur	NI*	NI	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Bernardo	NI	NI	Centro de Reabilitação para Dependentes Químicos (Espontânea)
Beto	30	Mecânico	Juizado Criminal (Execução de pena/ Compulsória)
Caio	NI	NI	NI
Carlos	43	Pedreiro	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
César	67	Aposentado	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Cláudio	28	Auxiliar de cozinha	NI
Diogo	NI	NI	Centro de Reabilitação para Dependentes Químicos (Espontânea)
Edson	NI	Zelador	Conselho tutelar (Espontânea)
Edvan	34	Motorista	Juizado Criminal (Revisão processual/ Compulsória)
Gean	33	Operador em empresa de transformadores de energia	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Ilma	35	Psicóloga - facilitadora	Não se aplica
Ivan	43	Motorista em licença-saúde	Juizado Criminal (Execução de pena/ Compulsória)
Jaime	29	Empresário	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)

⁴ O nome da cidade não será divulgado devido ao acordo firmado com os participantes em Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE).

Jaime	29	Empresário	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Lucas	56	Pedreiro	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência vinculada à liberação de prisão preventiva/ Compulsória)
Maicon	32	Mecânico (desempregado)	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Marcos	48	Motorista	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Matheus	NI	NI	NI
Murilo	NI	NI	Centro de Reabilitação para Dependentes Químicos (Espontânea)
Pietro	NI	Estudante	Outro** (Espontânea)
Roberto	40	Assistente Social e professor universitário (coordena o abrigo de mulheres) - facilitador	Não se aplica
Robson	NI	NI	Centro de Reabilitação para Dependentes Químicos (Espontânea)
Sandoval	53	Pedreiro autônomo	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência)
Saulo	31	Representante comercial	Juizado Criminal (Medida Protetiva de Urgência/ Compulsória)
Silvia	39	Psicóloga (Coordenadora do CREAS) - facilitadora	Não se aplica
Silvio	NI	NI	NI
Vanessa	32	Professora - pesquisadora	Não se aplica
Vicente	44	Zelador	Programa de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e Intrafamiliar (Espontânea)
* Não informou			
** Acompanha o pai (Ivan) que cumpre execução de pena.			

Quadro 1: Participantes (com nomes fictícios) por idade, ocupação e natureza do encaminhamento

Fonte: elaboração da autora com base em Soares (2018, p. 143)

Em termos organizacionais, o grupo é planejado a partir de um bloco de 12 sessões com cerca de 1h30min cada, que ocorrem a cada 15 dias e cujas temáticas compreendem desde a “Lei Maria da Penha”, passando por “Paternidade” até chegar a, explicitamente, “Questões de gênero (*gender*)”. As sessões são planejadas para ocorrerem de maneira cílica, de modo que os temas se repetem. No entanto, os dados apontam para um replanejamento constante a depender dos acontecimentos internos ao grupo e do próprio contexto social mais amplo. O grupo em pauta foi acompanhado via observação participante durante 12 meses, período em que se realizou a gravação em áudio de um bloco de 12 sessões consecutivas, que foram posteriormente transcritas, conforme Quadro 02, e constituem os dados centrais da análise. Esses são referenciados ao longo da discussão da seguinte forma: *Alexandre_S10L124-135*, em que “Alexandre” diz reperito ao interlocutor (quando há mais de um interlocutor, esses são identificados no corpo do próprio excerto e na referência uso o termo “Vários”); “S10” se refere ao número da sessão (sessão 10) e “L124-135” diz respeito ao intervalo de linhas da transcrição dessa sessão (linha 124 até a 135). Por fim, esclareço que os nomes dos participantes foram alterados em atendimento ao TCLE.

...	pausa não medida ou interrupção de fala
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente (pergunta)
,	pausa, entonação de continuidade
<u>palavra</u>	ênfase
MAIÚSCULA	
ºpalavraº	fala em voz alta ou muita ênfase
>palavra<	palavra ou trecho em voz baixa
<palavra>	fala mais rápida
:: ou :::	fala mais lenta
[palavra]	alongamentos
((incompreensível))	falas sobrepostas
(palavra)	fala não compreendida
(())	fala provável
“palavra”	comentário do analista, descrição de atividade
((risos))	não verbal
((riso))	fala relatada, reconstrução de um diálogo
	riso não discreto ou gargalhada
	riso discreto

Quadro 2: Notações de transcrição do *corpus*

Fonte: Soares (2018) adaptado de Jefferson, em Garcez, Bulla e Loder (2014)

6 A SESSÃO DE GRUPO SOCIOEDUCATIVO

A prática do grupo socioeducativo para homens autores de violência contra a mulher (HAV) se organiza a partir do gênero *sessão de grupo socioeducativo*. Nesse caso, trata-se de um enunciado-recorte (BONINI, 2004): um bloco interativo regular (texto-ritual) realizador de uma determinada prática e no qual, no caso da sessão, são encaixados outros gêneros (enunciado-plenos), como notícias, lista de presença, documentário etc. Nesta discussão, então, apresentarei as dimensões temática e estilístico-composicional desse gênero, bem como seu modo de funcionamento, apontando para a relação entre tais configurações e a (re)construção de autoidentidades, especialmente de masculinidade(s).

6.1 A DIMENSÃO TEMÁTICA

Segundo Bakhtin (2003, p. 261), os gêneros discursivos refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo de atividade humana. Isso se dá também a partir de seu conteúdo temático, isto é, das formas de dar acabamento ao aspecto da vida que é trazido ao/construído no enunciado (MEDVIÉDEV, 2016, p. 195). Isso implica a orientação para esse aspecto da realidade a partir de um determinado lugar, de um horizonte de valores (MIEDVEDEV, 2016; VOLOCHINOV, 2014; BAKHTIN, 2003). Nesse caso, a finalidade da assistência social de intervir no contexto de vidas das pessoas deriva do entendimento de que essa intervenção é possível, necessária e legítima, sendo, portanto, a orientação para a mudança nas relações de gênero social o recorte temático do grupo em análise.

Em outras palavras, considerando que as finalidades da esfera da Assistência Social dizem respeito ao préstimo de assistência a famílias/indivíduos, é possível identificar essas finalidades materializadas na tematização de aspectos relativos à vida dessas pessoas e, no caso do grupo, especialmente suas formas de convívio com as mulheres (colegas de trabalho, filhas, irmãs e especialmente ex/esposas e/ou ex/namoradas). Assim, a dimensão temática da sessão diz respeito à necessidade de mudança nas relações de gênero (social) pautadas na dominação masculina, especialmente aquelas das quais os HAV participa(ra)m.

Essa orientação deriva da esfera e também do acabamento discursivo que é dado pelos facilitadores do grupo: um assistente social e duas psicólogas, conforme ilustram os excertos abaixo:

(1)

Porque a pessoa casou, tem filho... daí de repente... aí em 10 anos reavaliou e... agora quero trabalhar, fazer outra coisa... né? Quero outra coisa... ((incompreensível)) a gente muda as prioridades na vida em determinados momentos da vida, né?... não é porque fez uma coisa uma vez que vai continuar semp... daquele jeito... até morrer... né?... (Roberto_S01L226-232)

(2)

[...] trazer isso pra nossa realidade, né? Que que... qual é a nossa interação com o outro dentro de casa que pode também tá contribuindo pra, ter uma relação tensa ou uma relação de harmonia ou de tranquilidade, né? [...] como que a gente pode, tá, mudar e pra gente também poder ressignificar essa história, qual é o nosso papel, qual é a nossa responsabilidade e qual é o nosso lugar diante disso, né? (Roberto_S04L241-244;256-260).

No excerto (1), Roberto, um assistente social que é funcionário do CREAS e facilitador do grupo, enfatiza que a mudança é uma possibilidade na vida. Ao reforçar que “a gente muda as prioridade na vida” a partir de uma “reavaliação” da própria vida, Roberto aponta também para o caráter reflexivo da constituição de si, algo relacionado diretamente com os estilos de vida e escolhas que se faz ao longo da própria trajetória (GIDDENS, 2002). Nesse sentido, valora positivamente a mudança a partir de um discurso que legitima a possibilidade de agir sobre a própria vida, de (re)construí-la. No excerto (2), ele apela para que os homens reflitam acerca de sua própria responsabilidade nas situações de violência, construindo um discurso que vai de encontro àquele que culpa exclusivamente a mulher pelas situações de violência (por não ter feito comida, não ter cuidado dos filhos, ter usado roupa curta etc.).

Esse horizonte mostra-se também nos assuntos elencados para discussão ao longo das sessões, já que apontam para a necessidade de mudanças nas relações de gênero social e, consequentemente, nas autoidentidades. Assim, em cada uma das sessões, o tema das relações de gêneros sociais, sob orientação da necessidade de mudanças daquelas pautadas na dominação, é tratado a partir de um aspecto. Nesse caso, quando se propõe discutir frases de cunho sexista que mulheres ouvem numa cultura pautada na dominação masculina, por exemplo, discutem-se as concepções de feminilidades e sua relação a masculinidades. Abaixo, estão listados os assuntos elencados pelos organizadores do grupo em cada uma das sessões.

1. Clichês acerca das relações de gênero;
2. Estereótipos e preconceitos de gêneros e outros papéis sociais;
3. Igualdade de gêneros, masculinidades e feminilidades;
4. Violência contra a mulher, racismo e ciúme;
5. Planejamento de vida;
6. Lei Maria da Penha, Violência contra a mulher;
7. Masculinidade(s), feminilidade(s), Relações de gênero;
8. Violência contra a mulher;
9. Violência contra a mulher;
10. Violência contra a mulher e Masculinidades;
11. Gênero e religião;
12. Educação e gênero;

O modo como esses assuntos são abordados no grupo centra-se principalmente na conversa, que estrutura a sessão e explora aquilo que Giddens (1991, p. 45) nomeia de *reflexividade*⁵, isto é, o fato de que “[...] as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”, aspecto ilustrado também pelos excertos (1) e (2), proferidos por peritos de sistemas abstratos (GIDDENS, 2002). Embora esse seja um aspecto inerente à relação entre práticas sociais e linguagem, por exemplo, conforme se entende com Chouliaraki e Fairclough (1999), na modernidade tardia há, segundo Giddens (1991), a sua radicalização.

⁵ Veja-se que muitos desses grupos no Brasil e no mundo recebem o nome de “grupo reflexivo”, ressaltando justamente o teor reflexivo da prática.

No âmbito do grupo, esse processo é fomentado de diferentes formas pelos facilitadores, vinculado-se à estruturação arquitetônica da sessão. A principal forma dessa intensificação é o questionamento de discursos que legitimam certas masculinidades e feminilidades centradas em relações de dominação. Isso ocorre tanto por meio de perguntas diretas e indiretas quanto por meio de enunciados em tom explicitamente avaliativo, tom de contra-argumentação e de co-construção de narrativas pessoais dos participantes, interpretando com eles a própria história⁶.

Esses discursos entram em pauta por meio dos gêneros e assuntos presentes nos materiais (outros gêneros) utilizados como disparadores de discussão durante as sessões e, nesse caso, articulam-se diretamente como a estrutura estilístico-compositonal do gênero. Assim, em cada uma das sessões, o tema das relações de gêneros sociais, sob orientação da necessidade de mudanças das relações pautadas na dominação, é tratado a partir de certo aspecto. Isso se dá por meio das atividades que visam justamente à reconfiguração dessas relações. É sobre essa estruturação que trata a seção seguinte.

6.1 A ESTRUTURA ESTILÍSTICO-COMPOSICIONAL

Conforme apontei anteriormente, a sessão de grupo socioeducativo é estruturada centralmente por meio da conversa. Essa é organizada pelo/as facilitador/as, que ocupam o lugar de peritos (GIDDENS, 2002), planejando e conduzindo o diálogo. Nesse caso, as posições desses interlocutores são dadas pelas posições que esses ocupam na esfera de atividade na qual se encontram (assistente social, psicólogas e assistidos), também pela posição de gênero social que perfomatizam nesse contexto (homens e mulheres) e pelas classes sociais a que pertencem⁷.

Em termos relacionais, entre participantes e facilitador/as, há uma assimetria constitutiva, que é figurada, por exemplo, pelo fato de a organização e a condução da sessão serem sempre realizadas pelo/as facilitador/as e pelo fato de os participantes se dirigirem em vários momentos mais ao/às facilitador/as do que aos pares do grupo (seja pelo direcionamento corporal seja mais explicitamente por meio de réplicas no diálogo). Essa hierarquia é apontada, inclusive, pelos HAV, quando avaliam o modo de participação assumido na interação, conforme ilustra o excerto abaixo, no qual Ivan justifica a interrupção da fala de Ilma pela posição que esta, na avaliação de Ivan, ocuparia na sessão de grupo.

(3)

979		((Ilma ajeitou a postura para falar, mas foi interrompida por Ivan))
980		O meu que eu separei aqui...
981	Ivan	((incompreensível))((risos))
982		(((risos)))
983		(((conversas sobrepostas)))
984		[(passou é?) ((rindo))]
985	Vicente	[(rindo)]
986	Ivan	Mas você é a professora, o que que cê quer falar? É pra nós falar. ((rindo))
987		
988	Ilma	Professora? Sou? Então tá. ((rindo))

(Vários_S14L979-988)

Embora não se descarte a possibilidade de estar ocorrendo aqui aquilo que comumente se nomeia de *manerrupting*, ou seja, a prática de interrupção pelos homens das falas das mulheres em interações mistas, baseadas na naturalização da dominância dos primeiros sobre as segundas, inclusive sobre os turnos de fala; essa interrupção específica aponta também para certa significação das posições que cada um ocupa no grupo, o que pode ser percebido pela justificativa dada por Ivan para a interrupção.

⁶ Por motivos de espaço, apenas alguns desses aspectos serão mais bem abordados na seção 5.3, quando analiso mais detalhamento um excerto maior da sessão.

⁷ Veja-se que a maioria dos participantes pertence a estratos socioeconômicos inferiores, considerando suas ocupações e a renda média atrelada a tais atividades (Conf. Figura 1).

Ivan parece acreditar que Ilma, mesmo estando na vez de falar⁸, não o faria, haja vista que estava conduzindo a sessão como profissional do CREAS (psicóloga), e não falando de si, como os demais participantes (HAV). Ele a chama de “professora” (linha 986), uma nomeação que pode ser sustentada pelas ações que o/as facilitador/as exercem no grupo, cujos aspectos retomam a prática escolar, especialmente porque há a condução do grupo em atividades planejadas com objetivos definidos, semelhantemente ao que ocorre na instituição escolar tradicional. Tal nomeação aponta para a relação professor(a)/aluno(a), na qual Ivan seria, então, o aluno. Daí também se justifica, por exemplo, o termo “socioeducativo” na nomeação do grupo.

Veja-se, no entanto, que Vicente, o participante mais antigo – já mais familiarizado com as práticas da sessão – ri da situação e aponta para o equívoco de Ivan (*passou é?* – linha 985). Tal fato mostra que Vicente, tal como Ilma, esperava que esta última falasse, uma vez que, apesar das posições definidas pela esfera para cada um dos/as envolvidos/as no grupo, a lógica hierárquica das relações é constantemente tensionada pelo modo de efetivar a prática em cada uma das sessões, ou seja, pelos eventos singulares dessa prática, fato com o qual Vicente está familiarizado por ser um membro mais experiente, o que marca também diferenças de posicionamentos entre os próprios HAV como interlocutores.

No desenvolvimento desse diálogo, ao final das falas dos participantes, Ilma retoma a palavra e fala sobre suas brincadeiras de infância, efetivando a prática do grupo de modo a colocar-se como alguém também atravessada pelas questões discutidas com os participantes (HAV). Essa é também uma estratégia de aproximação assumida pelo/as facilitador/as e figura aquilo que Fairclough (2001) nomeia de *democratização*, isto é, estratégia discursiva que busca reconfigurar nas interações certas hierarquias sociais.

Ao longo das sessões, essa estratégia é recorrente. Conforme notas de campo (17/08/2016), em outra sessão, Ilma questiona, por exemplo, por que ela, Silvia, Roberto e também eu não fazemos as atividades que os participantes estão fazendo, mostrando-nos como quem também possui representações acerca do que estava sendo discutido.

Esse caráter democrático constitui ainda o modo de relação do/as facilitador/as entre si, o que é figurado, por exemplo, pela negociação sobre a condução do grupo, conforme discuto adiante acerca da *abertura* da sessão.

Por fim, a relação dos participantes (HAV) entre si é marcada pelo fato de todos compartilharem a vivência de situações de violência contra a mulher e estarem no grupo justamente devido a isso, seja de modo voluntário ou compulsório. Apesar disso, estar de modo voluntário ou compulsório mostrou-se um marcador de diferenciação entre os participantes no que tange à adesão ao grupo, à orientação às/ao facilitador/as e à valoração dessa prática, conforme ilustram os excertos (4) e (5).

(4)

- | | | |
|-----|---------|---|
| 665 | Marcos | Ele disse que faz oito anos que ele acompanha |
| 666 | | aqui... ((para Vanessa)) |
| 667 | César | Só por causa do café, né? |
| 668 | Arthur | Só por caus:: ((risos)) ((repetindo a fala de César)) |
| 669 | Alcides | O café que é preto eu não ((incompreensível)) |
| 670 | Vicente | Não não, porque eu sou bem-vindo aqui |
| 671 | | ((incompreensível)). |

(Vários_café inicial_S07L665-671)

(5)

E a gente só tamo nessa... na verdade todos os home tão aqui eles só tão aqui porque tem um juiz lá em cima que determinou uma ordem, né?

(Álvaro_S10L1855-1857)

⁸ Todos estavam sentados em roda e cada um ia falando seguidamente sobre suas brincadeiras de infância.

Nos excertos, respectivamente, Vicente (participante voluntário) enfatiza estar no grupo pelo sentimento de acolhimento e amizade que tem principalmente com o/as facilitador/as (linha 670) ao passo que Álvaro (participante compulsório) demonstra sua não adesão ao grupo, vinculando sua frequência (e dos demais encaminhados) apenas ao cumprimento de uma ordem judicial.

Além dessas valorações categóricas, os dados apontam para outras que congregam modalizações acerca da positividade e negatividade do grupo e da rede de práticas que o circundam; as da esfera judicial, por exemplo. Nesse caso, o excerto (6) ilustra a valoração acerca da Lei Maria da Penha (11.340/2006). Embora se articule com a ideia de punição, a execução legal, a imputação da lei cria também um discurso de legitimidade do Poder Judiciário.

(6)

((...)) hoje é isso que tô aprendendo... entã::o em tudo para e... e quando cê::: o que que tá dando mais... o que que a lei hoje, a::: (que) funciona? Realmente, é a Maria da Penha. ...o casal, hoje é::: Maria da Penha. (...) (Robson_S14L1691-1695)

Ao afirmar que a lei que funciona hoje é a Maria da Penha, Robson reconhece indiretamente as demandas das mulheres por respostas institucionais como legitimadas socialmente. Além disso, atrelada à medida protetiva, como é o caso da maioria dos encaminhamentos ao grupo, essa resposta judicial é vista como rápida, fazendo com que se transcendia, ao menos no nível discursivo e imediato, a questão da morosidade da justiça, que desencadeia quase sempre na prescrição processual (LEITE; LOPES, 2013, p. 24).

Além das relações entre os interlocutores, compreender a estrutura estilístico-composicional implica traçar as fronteiras enunciativas da sessão de grupo, que podem ser mensuradas em termos de estruturação ritual (BONINI, 2004). Nesse sentido, é possível recortar a sessão, traçando suas fronteiras na abertura e no fechamento, que são indicialmente marcados, podendo ser recuperados por meio das marcas linguísticas que mantêm uma relação de contiguidade real como contexto mais imediato da situação (HANKS, 2008, p. 95). Entre essas fronteiras, a sessão é constituída por outros dois momentos: a apresentação de si e a atividade, sendo esse último o que ocupa mais tempo e pode ser subdividido em i) apresentação/explicação e ii) execução/discussão. Em termos sequenciais, o texto-ritual se organiza, então, em: i) abertura, ii) apresentação de si, iii) atividades e iv) fechamento (conf. quadro 3 adiante).

Aspectos composticionais da sessão de grupo socioeducativo		Marcadores indiciais
Abertura		“Podemos começar?” (Roberto_S2L1)
Apresentação de si		“Acho que é legal a gente fazer uma apresentação” (Roberto_S02L8) °Meu nome é Cláudio°. (Cláudio_S02L53)
Atividades	Apresentação/explicação	“Hoje a atividade ela tá direcionada pra questão dos nossos preconceitos, né?” (Roberto_S02L82-83)
		“Então hoje o tema do grupo é trabalhar um pouco isso. Pra <u>isso</u> , tá, a gente vai... vai... é... distribuir uma tarja... tá... pra colocar na testa e a pessoa que receba essa tarja não vai saber o que tá escrito.” [...] (Roberto_S02L91-92)
	Execução/ discussão	Roberto: Dá pra sobreviver com o que tu ganha? ((para Alan)) Alan: Cara, deve dá, né? Roberto: Éh? Alan: [Eu sou uma pessoa pulso firme. Profissional ((risos)) (Vários_S02L254-257)]

	E daí se colocando no lugar do homossexual, como que é:: sentir esse preconceito das pessoas? ((para Edson)) (Silvia S02L429-430)
	[Tá.] Assim a gente já tá no prazo, um minutinho, dois no máximo. (Silvia S02L1613)
Fechamento	Então... Até daqui a quinze dias ... hã:: será que vai ter feriado? Vai, né? (SilviaS02L1690-1693)
	Então é isso, gente. (Roberto_S03L825)

Quadro 3: Aspectos composticionais da sessão e seus marcadores indiciais

Fonte: Soares (2018, p. 274)

A **Abertura** acontece geralmente com um chamamento dos participantes pelo/as facilitador/as, com expressões que marcam o “início oficial” da sessão do grupo (*Podemos começar?; Acho que começa então etc.*). Conforme mostram os excertos abaixo, isso é sempre “negociado” entre Silvia e Roberto, os facilitadores mais ativos na direção da sessão.

(7)

- 1 Roberto Podemos começar?
 2 Silvia Sim ((incompreensível))
 3 Alan ((incompreensível)) por ((Nome de uma cidade vizinha)). É mais tranquilo. Mais barato.
 4
 5 Roberto Então tá, gente, boa tarde.
 6 ((Todos os presentes respondem “boa tarde” alternadamente.))
 7

(Vários_S02L1-7)

(8)

- 1 Silvia Vocês já assinaram a lista?
 2 ((conversas de fundo inaudíveis))
 3 Beto Não sei... ((incompreensível))três?
 4 Silvia A gente pode começar, viu?
 5 Roberto Po::de.
 6 Roberto Deixa eu pegar ((incompreensível))

(Vários_S04L1-6)

Essa negociação entre Roberto e Silvia ilustra um tipo de relação democrática possível entre diferentes sujeitos (nesse caso, entre homens e mulheres, a partir do ponto de vista dos HAV). Veja-se que, sendo ambos facilitadores e ocupando a mesma posição hierárquica no grupo, estão sempre negociando suas decisões. Na abertura nem ele nem ela iniciam a sessão sem o “aval” do/a companheiro/a.

A inserção dos HAV em práticas em que haja relações de gêneros sociais que não se pautem na dominação masculina via violências de diversos tipos pode ser positiva e contribuir para que esses percebam esse tipo de relação como possível. Se práticas sociais são sempre significadas a partir de outras práticas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), então é possível que os significados acerca das relações na prática do grupo sejam levados a atuar em outras práticas, ressignificando-as.

O segundo momento da sessão, isto é, a **Apresentação pessoal**, ocorre quando há novos integrantes no grupo. Nele, cada um dos participantes se apresenta, dizendo seu nome e, caso queira, mais alguma informação que julgar importante. Dentre doze sessões que constituem os dados de análise, esse tipo de apresentação correu em sete delas. Em quatro dessas sessões as apresentações começaram pelo/as facilitador/as e nas outras três por diferentes participantes do grupo. As informações focalizadas foram (das mais às menos recorrentes): i) nome, ii) ocupação profissional, iii) motivo/tempo de vinculação ao grupo iv) idade, v) endereço, vi) expectativa/avaliação do grupo, conforme ilustram os excertos abaixo.

(9)

Meu nome é Marcos, trabalho de motorista, e::: é o segundo dia que eu tô vindo aqui, segunda vez... tô gostando. É bom. Tá limpando a::: memória (digamos assim). (Marcos_S07L364-366)

(10)

Isso aí pessoal, boa tarde, meu nome é Alexandre, moro na ((nome do bairro)) e:: já... já tô uns... uns três meses, acompanhei ano passado e agora tô voltando aí, né? E os novatos que sejam bem-vindos, né? Possa tirar o melhor aproveito possível, né... porque é muito importante. (Alexandre_S06L41-46)

(11)

- | | | |
|-----|------------------------|---|
| 117 | Arthur | Meu nome é Arthur, trabalho numa transportadora |
| 118 | | de noite... tô aqui, simplesmente porque minha ex- |
| 119 | | mujer me meteu uma me... uma medida... como é |
| 120 | | que é...? |
| 121 | Ilma, Vanessa e Silvia | Protetiva? |
| 122 | Arthur | Protetiva. Sem mais, sem menos... mas vou dizer o |
| 123 | | quê? Inocente ninguém é, alguma culpa a gente vai |
| 124 | | ter, uma palavra, um, num calor duma discussão, tu |
| 125 | | vai se atravessar uma palavra que a pessoa vai |
| 126 | | entender errado. |
| 127 | Silvia | Ham... |
| 128 | Arthur | Entendeu? Nós nem um momento... eu tive intenção |
| 129 | | de fazer nenhum mal pra ela, muito menos pra meus |
| 130 | | filhos. Agora eu tenho que vir aqui três meses, eu |
| 131 | | acho que que nem a senhora falou pra mim... |
| 132 | Silvia | Sim. |
| 133 | Arthur | Então vou tentar <u>provar</u> , que não é só... tu quer |
| 134 | | conhecer tua mulher, se separa dela... <u>aí</u> tu vai |
| 135 | | conhecer... ela faz de tudo pra te prejudicar ... <u>tudo</u> , |
| 136 | | tudo... sabe? |
| 137 | | ((silêncio – 3 segundos)) |
| 138 | Silvia | Vamos seguir então? |

(Vários_S07L117-138)

Embora o fato de os facilitadores iniciarem as apresentações de si em algumas sessões pudesse configurar em um modelo do que poderia ser dito, em nenhum momento houve a definição explícita do que deveria ser dito, de modo que as informações focalizadas pelos participantes ilustram aquilo que esses julgam pertinente dizer sobre si nesse contexto.

A recorrência da informação profissional mostra que esse é um aspecto de identificação para esses sujeitos e responde à estruturação social capitalista. Se comparado à história das masculinidades (conf. CONNELL, 2003; NOLASCO, 1993), escrever-se como trabalhador é um modo de construção positiva de si, já que o discurso de “homem trabalhador” constitui uma masculinidade valorizada socialmente, especialmente a partir da Modernidade.

O quarto momento da sessão é o que nomeei de **Atividade**. Este é organizado em dois blocos, um de apresentação da proposta e outro de execução. O primeiro consiste numa explicação do que será feito, explicitando também, algumas vezes, objetivos e justificativas da atividade e esclarecendo dúvidas. O segundo bloco é a execução da atividade. Essas ações centram-se, principalmente, na discussão sobre algum tema desencadeado por uma atividade de leitura de um texto (escrito em linguagem verbal, em vídeo etc.) e compreende a maior parte da sessão. Durante esse momento é quando mais ocorrem reenquadramentos de outros gêneros, de diferentes esferas, ou seja, ocorre a *reenunciação*, em termos bakhtinianos.

Os dados apontam que os gêneros trazidos como desencadeadores das atividades são recorrentemente de esferas especializadas (Lei, notícia, documentário...), gêneros secundários (BAKHTIN, 2003). Já os gêneros que emergem na interação, que não são fruto do

trabalho de planejamento da sessão, dizem respeito principalmente a contextos de conversas cotidianas, não institucionalizadas (piada, clichê, o ditado popular e a narrativa pessoal), gêneros primários (BAKHTIN, 2003). Esse momento será explorado com mais detalhes adiante, quando discuto o funcionamento da sessão.

Por fim, o **Fechamento** ocorre ao final da atividade e é marcado geralmente por expressões específicas (“É. Temos que encerrar...”; “Então... Até daqui a quinze dias...”). Tal “marcação”, às vezes, inicia por meio de gestos, como levantar-se, guardar o material usado ou tomar café (S04L1662, abaixo), embora esses sempre sejam acompanhados por falas que apontam para o fim da sessão (e para o “planejamento” da próxima – S04L1663), conforme ilustrado abaixo.

(12)

1661	Vicente	E ela é assim ((rindo))
1662		((alguns vão se levantando para tomar café))
1663	Silvia	Gente, dia 7 de dezembro é o último dia. Não
1664		falem, por favor, vai ser bem legal.

(Vários_S04L1661-1664)

Com intuito de mostrar mais detalhadamente a dinâmica do gênero sessão de grupo socioeducativo, materializado em texto-ritual, objetivo discutir um excerto mais longo de uma das sessões do grupo, apontando para o modo de funcionamento dos aspectos temático e estilístico-compositonal apresentados até aqui e sua relação com a constituição de masculinidades, violência contra a mulher e práticas sociais. Nesse caso, explorarei principalmente a estratégia de reenquadramento de gêneros discursivos que é assumida no funcionamento do grupo.

6.2 O FUNCIONAMENTO

A recontextualização (FAIRCLOUGH, 2003) é a ação mais recorrente na sessão. Os gêneros estrategicamente recontextualizados são escolhidos pelos facilitadores como disparadores de discussão e trazidos das diversas esferas de atividade (judiciária, midiática, familiar etc.) para a esfera da assistência social, para a prática do grupo socioeducativo e, especificamente, para dentro do gênero sessão de grupo socioeducativo. Esse processo de recontextualização, ou de renúncia (em termos bakhtinianos), é constitutivo da linguagem, já que caracterizado pelo dialogismo (BAKHTIN, 2003; VOLOCHINOV, 1929), mas se torna um aspecto ainda mais substancial na Modernidade tardia.

Afinal, explica Giddens (2002), com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, a recontextualização tem sido usada, inclusive, como uma tecnologia de exercício de poder para ação em tempo e espaços estendidos (FAIRCLOUGH, 2003). No entanto, pode também, contradiatoriamente, fazer emergir novas formas de resistência que agem igualmente em tempos e espaços estendidos (FAIRCLOUGH, 2001). O excerto analisado a seguir, no qual a notícia “Globo não consegue combater machismo explícito de Marcos dentro do BBB”⁹ é recontextualizada, aponta para os efeitos desse processo em relação aos sentidos acerca da violência contra a mulher e de masculinidades. Vejamos.

(13)

⁹ Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/blogs/odair-braz-jr/criticas/globo-nao-consegue-combater-machismo-explicito-de-marcos-dentro-do-bbb-06-04-2017/>. Último acesso em 19 jan. 2018.

- 1143 Edvan [A minha notícia é sobre o Big Brother, aquele cara.]
 1144 Ilma [como a gente reproduz isso ainda...]
 1145 Roberto Tá, vamo lá.
 1146 Ivan Ah isso que queria.
 1147 Silvia [Vamo seguir então], a outra.
 1148 Roberto [Vamo lá.]
 1149 Edvan O Marcos, né, do Big Brother, ele também é médico acho esse cara,né?
 1150 Ivan Ele é::: cirurgião plástico.
 1151 Ilma Eu nem sei.
 1152 Edvan Eu não::: eu não acompanho Big Brother, mas eu vi na...
 1153 Ilma Eu também não.
 1154 Edvan propaganda que ele era médico e daí que ele... acho que o a Globo tirou ele, né, do::: por ele ter sido...
 1155 Ilma [A delegada que tirou .]
 1156 Ivan [Ele saiu, é.]
 1157 Ilma Uma delegada foi buscar ele.
 1158 Edvan Ah, a delegada foi buscar?
 1159 Ivan É, ele foi, é que::: agrediu, ele não agrediu , mas ele... é:::::
 1160 Vanessa Coagiu?
 1161 Ilma [(incompreensível)]
 1162 Edvan [Coagiu ela], diminuiu ela ele disse que... que era feio mulher tá segurando uma garrafa, bebendo que::: isso era coisa...
 1163 Álvaro Re... na verdade repreendeu.
 1164 Vanessa [Na verd...]
 1165 Edvan [E aí ele...]
 1166 Ilma ((conversas sobrepostas))
 1167 Edvan ((incompreensível))pras as outras meninas também ele aprontou pra todas elas lá e... e depois ele andou::: quase que, não, só não bateu acho que porque ele sabia que tava na TV, né, mas ele::: ele segurou ela pela mão lá num canto...
 1168 Ivan >E meteu o dedo na cara dela.<
 1169 Edvan e::: fazia com o dedo assim ((encena o que diz)) na cara dela e daí::: pessoal caiu em cima, né?, e tiveram que tirar ele porque...
 1170 Álvaro °Nã(o), ele repreendeu.^
 1171 Ilma Todos vocês viram essa notícia?
 1172 Álvaro Eu não vi, mas eu já vi por cima no face assim.
 1173 Ilma É. É... uma repreensão é:: é uma coisa diferente se a gente for pensar, né, a repreensão é o que a gente faz com os nossos filhos, né? ["não faz isso, não faz aquilo"].
 1174 Edvan [Sim, mas ali::] agrediu com uma repreensão, [né?]
 1175 Ilma [É.]
 1176 Álvaro [“não faz...”]
 1177 Ilma Ele agrediu com a repreensão. É que (que nem eu vou querê) parar você.
 1178 Edvan É uma violência, né?

- 1196 Álvaro É uma violência eu querer parar você, para você se
 1197 eu não parar verbalmente eu vou tentar te por
 1198 [uma:::]
 1199 Ilma [I:::ssó]
 1200 Álvaro imposição de macho ali pra:: tu.
 1201 Edvan É.
 1202 Ilma E isso é uma violência .
 1203 Álvaro Isso é uma violência.
 1204 Ilma Exato, exat...
 1205 Álvaro Violência como repreensão.
 1206 Ilma De um sobre o outro... [tanto de um quanto o outro.]
 1207 Álvaro [E é uma violência que não, pra repreender você,]
 1208 pra você não passar dali.
 1209 Vanessa Mas aí o fat... pelo fato de ser repreensão, o senhor
 1210 tá assim... tá dif... diferenciando, né? Que tem
 1211 violência que daí não seria pra repreensão e outras
 1212 que seriam pra repreensão?
 1213 Álvaro Sim.
 1214 Vanessa Então as que servem pra repreensão, como pra
 1215 educar os filhos, se justificam então?
 1216 Álvaro Não... você justifica o teu filho é diferente como
 1217 essa atitude dele. Ali ele quis se impôr, no meio da
 1218 sociedade que ele go... governava o bagulho ali.
 1219 Ilma [Hãm:: ah, lógico.]
 1220 Vanessa [Então não faz diferença] se for pra repreender ou
 1221 não, né? A questão é que houve uma agressão, né?
 1222 Álvaro [Houve.]
 1223 Edvan [Éh::]
 1224 Ilma É, e até bem importante o senhor falou agora que, o
 1225 que que eu penso? “Ele qui... ele quis se impor”...
 1226 ótimo, eu concordo que ele também quis se impor,
 1227 porque ele quis diminuir o outro...
 1228 Álvaro Sim::.
 1229 Ilma Ela não foi como uma repreensão ... ele qui... queria
 1230 estar a... acima [dela.]
 1231 Álvaro [Acima] dela... a qualquer preço.
 1232 Ilma Exatamente... entende qual é a diferença? Se fosse
 1233 repreensão não, repreensão é pra, auxiliar o outro,
 1234 ajudar o outro a se comportar de uma maneira
 1235 melhor...
 1236 Álvaro >Mas tem gente que não entende assim.<
 1237 Ilma É. É por isso que a gente tá aqui, justamente pra
 1238 isso, pra gente abrir... né? o âmbito, pensar uma
 1239 coisa, será que não é... será que é dessa forma? Será
 1240 que essa é a melhor forma de agir? Será que a gente
 1241 faria a mesma coisa se tivesse no lugar?
 1242 Edvan É, as vezes até faria porque acha que... que é isso ali
 1243 que tem que ser [feito.]
 1244 Ilma [Óh.] É. É isso?
 1245 Álvaro Só que assim, quando eles, acho uma coisa que eles
 1246 deveriam ter visto ali, porque daí caiu na mídia,
 1247 pessoal, porque quando eles assinaram esse papel lá
 1248 em cima, ele assinaram, de livre espontâneo... tanto
 1249 ela quanto ele, que haveria conflitos... tendeu? Eles
 1250 não assinaram o papel só: que nem aqui, lá a
 1251 assinatura deles quando eles entraram lá, des(de) os,
 1252 dos sexos que eles fazem debaixo do edredom... até
 1253 tudo eles são responsáveis pelos seus atos... eles
 1254 assinaram um termo de responsabilidade... [só
 1255 que:::...]
 1256 Roberto [Só que::]
 1257 Silvia [Mas mesmo] lá dentro funciona::: a mesma
 1258 legislação [que funciona aqui fora, né?]
 1259 Álvaro [Não, eu concordo com a senhora .]
 1260 Silvia E aí é: até o que [ficou é:::...]
 1261 Edvan [Tem que pensar nos atos também.]

Em termos genéricos, a recontextualização implica a intercalação de um gênero secundário da esfera midiática (notícia) na composição de outro gênero secundário, da esfera assistencial (sessão de grupo socioeducativo). Esse processo envolve um tratamento do tema da notícia atravessado pelo (a serviço do) tema da sessão, de modo que este é quem determina a maneira como aquele será focalizado, havendo, portanto, via gênero discursivo, a articulação entre masculinidades regionais (figuradas no âmbito da mídia, via notícia) e masculinidades locais (figuradas no âmbito da prática do grupo, via sessão de grupo socioeducativo).

Note-se, assim, que a orientação dada pelos autores da notícia não é contemplada na leitura desta no contexto da sessão. Se, conforme é possível verificar na notícia (Conf. Anexo A), o horizonte temático são as atitudes machistas de Marcos, participante de um Reality Show, e a omissão da Rede Globo, canal que produz e veicula o programa, diante do caso; na sessão, apenas as atitudes de Marcos são focalizadas (*A minha notícia é sobre o Big Brother, aquele cara* – linha 1143-1144).

Esse aspecto vai orientar todos os enunciados seguintes, nos quais se discute, então, a atitude do participante do programa televisivo. Note-se que o enunciado de Edvan também não reporta a ideia de machismo, presente na crítica feita pela notícia. De fato, é justamente a categorização do que ocorreu no âmbito do programa televisivo o assunto que pautará todo o embate discursivo na sequência da sessão, mostrando o quanto a linguagem é capaz de registrar as fases mais transitórias, mais efêmeras das mudanças sociais (VOLOCHINOV, 2014, p. 42).

O modo como os participantes se colocam na discussão do fato (para além de Edvan, o único que leu a notícia inteira) demonstra que eles já estavam cientes do ocorrido (ou porque acompanham o programa em questão ou porque têm acesso aos veículos que o publicizam). Veja que os participantes apontam detalhes que não estavam na notícia (*O Marcos, né, do Big Brother, ele também é médico acho esse cara, né?* – Edvan_S10L1150-1151; *Ele é:: cirurgião plástico.* Ivan_S10L1152; *A Globo tirou ele, né, [...] Edvan_S10L1158; [A delegada que tirou.]* – Ivan_S10L1159).

A partir da linha 1163, o embate acerca do que teria ocorrido no âmbito do programa é intensificado. Nesse caso Edvan explica o motivo que levara uma “delegada buscar ele [Marcos]”. Em sua explicação, percebe-se a dificuldade de nomear a atitude de Marcos. Primeiramente, Edvan a nomeia de “agressão”, mas logo reformula sua fala, negando que Marcos tenha agredido Emilly (*É, ele foi, é que:: agrediu, ele não agrediu, mas [...]* – linhas 1163-1164). No entanto, Edvan tem dificuldade de encontrar uma palavra que signifique o fato. Isso é claro pela pausa e prolongamento que marcam sua fala (*[...] ele... é::::* – linha 1164).

Na sequência, o sentido para a violência sofrida por Emilly passa a ser co-construído mais explicitamente entre os integrantes da sessão. Assim, eu sugiro o termo “coação”, que marca um dos aspectos de violência psicológica previstos na Lei Maria da Penha ([...]) controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento [...] – BRASIL, 2010, p. 14). Edvan o reenuncia em tom de concordância e acrescenta mais um termo: “diminuição” (*[...] [Coagiu ela], diminuiu ela [...]* – linha 1167). Álvaro, então, nos “corrigé”, enfatizando que Marcos “na verdade repreendeu” (linha 1170).

Após essa última fala, a tensão que o tema suscita nos integrantes da sessão é marcada pela emergência de conversas sobrepostas (a partir da linha 1171). Tal tensão deriva em grande medida do embate entre o reconhecimento e o não reconhecimento desse tipo de violência enquanto tal. Diante disso, os participantes buscam modos de discursivizar o acontecido e detalham não só o fato, mas também aspectos das atitudes de Marcos em outros momentos do programa que sustentariam alguma coerência em sua biografia diante do episódio em discussão ([...]) ((incompreensível)) *pras as outras meninas também ele aprontou pra todas elas lá e... e depois ele andou::: quase que, não, só não bateu acho que porque ele sabia que tava na TV, né, mas ele::: ele segurou ela pela mão lá num canto...* – Edvan_S10L1174-1178; >*E meteu o dedo na cara dela.*< [...] – Ivan_S10L1179; [...] e::: fazia com o dedo assim ((encena o que diz)) [...] Edvan_S10L1180).

Os horizontes axiológicos de Ivan e Edvan parecem convergir dado que ambos detalham o fato como violento e buscam tornar esse sentido coerente a partir da biografia de Marcos. Assim, embora não explicitem com o termo “violência”, parecem compreender a agressão de Marcos como um tipo de violência. Isso aponta para deslocamentos importantes, especificamente para o fato de a violência (ao menos a do outro) tornar-se percebida pelos que ocupam posições de dominação de gênero social (KIMMEL, 1998).

Além disso, o próprio Edvan reconhece mais adiante (linha 1242), que poderia ter feito o mesmo naquelas circunstâncias. Esse fato demonstra em alguma medida o reconhecimento de seu lugar a partir de um excedente de visão, de um outro contra o qual Edvan se coloca (no caso, Marcos). A “descoberta” é então uma forma de perceber a si mesmo, exotopicamente, a partir desse outro. O outro é ele mesmo.

É contra esse horizonte axiológico que Álvaro novamente se enuncia. Veja-se que ele reitera o termo “repreensão” e nega os sentidos derivantes da avaliação de Ivan e Edvan (*“Nã(o)... ele repreendeu.”* – Álvaro_S10L1183). A postura de Álvaro contrasta com a de Edvan, na medida que encarna esse outro (Marcos) e o defende. Intersubjetivamente, Álvaro defende a si mesmo.

Álvaro se distancia de seus pares, reitera seu posicionamento, ainda que de forma modalizada, já que fala em tom baixo. No entanto, seu enunciado é retomado por Ilma, que reitera a disputa pelo significado do ato noticiado (*“É... uma repreensão é: é uma coisa diferente [...]”* – Ilma_S10L1186). Essa disputa, conforme afirma Fairclough (2001; 2003), não é simplesmente por uma ou outra palavra, mas pela forma de dar acabamento a uma realidade (BAKHTIN, 2003; MEDIVIÉDEV, 2016; VOLOCHÍNOV, 2014), cujas implicações alcançam pessoas na realidade de práticas cotidianas.

Ainda, tal disputa ilustra a complexidade das relações dialógicas participantes da cadeia complexamente organizada da vida, aspecto intensificado pela estrutura composicional da sessão como gênero discursivo organizador dessa prática e pelas relações dialógicas na rede de práticas da qual a sessão participa. A disputa que se segue ao longo da sessão pode ser sistematizada assim: há modos de acabamento que i) legitimam o ato noticiado como violência; ii) encaminham-se para a compreensão deste como violência e iii) negam-no como violência e o vinculam a uma atitude de “macheza”, “ajuda à mulher”. Há, portanto, neste último caso, formas de conceber masculinidade e feminilidade, vinculando esta à infantilização e dependência e aquela ao domínio.

No excerto em análise, o primeiro modo de acabamento é construído por Ilma e por mim; o segundo, por Ivan e Edvan; o terceiro, por Álvaro. As diferenças entre esses horizontes são marcadas, obviamente, pela orientação temática da sessão e o cerceamento (HANKS, 2008) que a esfera de atividade exerce sobre aqueles que dela participam, bem como pelas posições dos participantes e facilitador/as no âmbito do gênero sessão de grupo socioeducativo.

Esse fato poderia explicar a aproximação de Ivan e Edvan a Ilma e seu distanciamento de Álvaro, podendo ser uma estratégia de criar uma autoidentidade positiva diante dos/as facilitador/as; mas não explica o posicionamento de Álvaro, que estaria, então, criando “estrategicamente” (?) uma autoidentidade negativa de si. Apesar disso, Álvaro explicita a pressão da esfera quando enuncia concordância com Ilma ([*Sim, mas ali:*] – linha 1190; *É uma violência. [...]* – linha 1196; *Isso é uma violência.* – linha 1203; [*Houve.*] – linha 1222), embora reitere recorrentemente seu posicionamento discordante em seguida.

O horizonte axiológico, recorte da realidade feito por Álvaro aponta, ainda, para a vinculação entre violência e masculinidade (hegemônica). Veja-se que ele explica a agressão, enunciada como “repreensão”, como uma “imposição de macho” (linha 1200) para limitar as ações da mulher ([*E é uma violência que não, pra repreender você, pra você não passar dali.* – linhas 1207-1208; *se eu não parar verbalmente eu vou tentar te por [uma::]* [...] *imposição de macho ali pra: tu.* – linhas 1196-1198; 1200]). Nesse caso, sua explicação se pauta na naturalização da relação “ser macho-ser violento” (WELZER-LANG, 2001). Além disso, se pauta num quadro interpretativo que separa a violência verbal da física, sendo esta última entendida como uma ação “de macho”, pois “macho não conversa, ele agride”.

A naturalização da relação entre masculinidade e violência apareceu, em outros momentos, em discursos de outros participantes, não ocupando o foco de sua atenção discursiva. São pressupostos não problematizados e apontam o quanto a dominação masculina via violências é mesmo parte do *habitus* social (BOURDIEU, 2010). Nesse caso, quando Jaime narra o momento em que seu tio, vendo-o cozinar, reprovou sua atitude, iniciando uma discussão, utiliza a expressão “chegou virando homem” para dar conta da atitude violenta ([...] *Meu tio chegou virando homem “Isso é coisa de mulher.” [...] Aí ele chegou e falou “Isso é coisa de mulher, pra fazer... isso não se faz e não sei quê e não sei quê.”* - Jaime_S01L1515-1520).

De modo mais explícito, essa vinculação fez-se presente também nos enunciados de outros participantes, num tom algumas vezes de justificativa para suas ações no presente, mas também de crítica e reprovação desse tipo de ação. Ivan, por exemplo, ao falar das brincadeiras de infância, aponta para o modo como os brinquedos “de meninos”, objetos substancialmente relacionados à constituição de masculinidades e feminilidades (CALDAS-COULTHARD; VAN LEEUWEN, 2004), se relacionavam com brincadeiras violentas. ([...] *cê tinha um carrinho ali... o carrinho tinha que bater pra quebrar o carrinho do outro... é verdade ou não é? O homem não é criado pra proximidade...* [...] – Ivan_S14L395-398).

No caso de Álvaro, ainda, além dessa vinculação entre violência e masculinidade, a ideia de repreensão está atrelada à de “ajudar a mulher”, “educá-la”, assim como se educam os filhos, sentido atrelado ao ato de Marcos “corrigir” Emilly quanto ao uso de álcool (Conf. notícia). É visível que Álvaro assume o ponto de vista de Marcos e busca sustentar a coerência do ato deste último, a partir de um posicionamento paternalista ilustrado em outros momentos de seus enunciados, como quando ele defende que uma mulher mais jovem “cairia fácil na lábia de um homem mais velho” ([...] *eu sou o pai de uma menina, de vinte e um ano... co... será que eu gostaria de ver ela com um velho de trinta de quarenta ano? Porque ela também tem que analisar... eu não quero vamos dizê assim, se aproveitar da situação... porque pode ser que no momento ela teje carente... precisando de uma conversa de uma palavra... aí tu chega ali porque uma pessoa mais madura ele tem a palavra disposta na boca... queira ou não queira tem...* [...] Álvaro_S10L2446-2445).

Por fim, outra implicação relacionada com o processo de recontextualização, via intercalação de gêneros, e o modo de ressignificar masculinidade e violência diz respeito a mais uma explicação de Álvaro sobre a ocorrência do fato noticiado. Nesse caso, após a fala de Edvan, reconhecendo modalizadamente que também poderia agir como Marcos nas circunstâncias em que este estava, Álvaro explica que tanto Marcos quanto Emilly assinaram um contrato para participar do reality show, de modo que deveriam aceitar tudo o que ali ocorresse (linhas 1245-1254).

Essa explicação diz respeito ao tema da notícia recontextualizado dentro da sessão e, portanto, lança respostas tanto à notícia quanto à sessão. No primeiro caso, constrói-se o sentido de que a Rede Globo não deveria ser criticada pelas ações que ocorreram no reality show, já que estas eram de responsabilidade dos participantes via assinatura de contrato. No segundo caso, de que a assinatura de um contrato (metáfora para o contrato de casamento) pressupõe a liberdade irrestrita na relação, inclusive a de agressão, tendo os cônjuges – centralmente a mulher – que suportá-la sem a interferência de alguém de fora (metaforizada pela expressão “porque daí caiu na mídia, pessoal”, em que Álvaro aponta essa interferência como o problema da situação). Essa metáfora do casamento é uma resposta ao horizonte temático da sessão, segundo o qual, uma interferência de fora (o que a própria política pública do grupo significa) seria necessária, legítima.

Há ainda a legitimação do discurso segundo o qual o contrato de casamento divide a vida entre privado e público, sendo que entre tais ambientes não haveria mútua interferência, bem aos moldes das relações burguesas emergentes na modernidade, conforme Giddens (1993).

Em resumo, a recontextualização via intercalação de gêneros implica (re)acentuação de aspectos da dimensão temática do gênero reportado (notícia) a serviço do tema do gênero aglutinador (sessão). Assim, há leituras e respostas preferenciais. No caso da notícia recontextualizada na sessão de grupo, houve o apagamento de aspectos da esfera midiática (a crítica à empresa de mídia concorrente) e a acentuação do fato noticiado (a violência contra mulher cometida por um homem no âmbito de um programa televisivo).

Tal fato, porém, foi significado à luz da heterogeneidade axiológica que marca o contexto da sessão de grupo, figurada na relação “violência X não-violência/repreensão”. Nesse caso, indiretamente age-se sobre o tema da própria notícia, que enquadrou o fato a partir de um determinado horizonte axiológico. Assim, os sentidos que a notícia buscou fechar (machismo/violência) foram discutidos justamente nos pontos que tornavam o significado aberto, ou seja, agiu-se sobre a potencialidade semiótica e sua articulação com a realidade (o fato noticiado), algo possibilitado pelos aspectos que constituem a sessão como gênero discursivo, sobretudo seu horizonte temático e sua estrutura estilístico-composicional.

Nesse sentido, a sessão aparece aqui como lócus que possibilita encontro entre diferentes horizontes axiológicos e, consequentemente, emergência de modos diversos de significar a realidade, modos de inscrever na história e na linguagem masculinidades outras, para o que o reconhecimento de si, por exemplo, a partir de um outro (caso de Edvan), é significativo. Esse aspecto de alteridade se mostrou relevante em outras circunstâncias do grupo, sobretudo pela busca de compreender a realidade a partir do ponto de vista da mulher, vista, então, não como objeto, mas como um sujeito com motivos, vontades e independência. No excerto abaixo, por exemplo, numa conversa na recepção, Vicente responde a Arthur, que questiona a imputação da medida protetiva pedida pela ex-mulher. Veja que Vicente se coloca no lugar da mulher a fim de levar Arthur a ler a situação de um modo diferente.

(14)

- | | | |
|-----|---------|---|
| 383 | Vanessa | Mas teve... mas deve ter tido alguma motivação pra pedir a medida, será que nenhuma? [No momento...] |
| 384 | | [não não:::] |
| 385 | Arthur | Que as vezes no momento acontece alguma coisa... |
| 386 | Vanessa | [a discussão de bo...] |
| 387 | Arthur | [depois passa e:::] |
| 388 | Vanessa | discussão de boca. mas jamais nunca... a mãe das minhas filha, jamais ia... ter coragem de fazer alguma coisa contra ela. Aí eu faço alguma coisa contra ela, ela vai pro cemitério eu vou pra cadeia e as minhas filhas? É duas pequena, né? [e eu penso nisso.] |
| 389 | Arthur | [É que as histórias assim] hoje em dia são tão:: comum essas de acontecer isso assim, né, então:: por medida de segurança a justiça acaba colocando [esse tipo de:::] |
| 390 | | |
| 391 | | |
| 392 | | |
| 393 | | |
| 394 | | |
| 395 | Vanessa | [Não mas não tem nada a ver...] como é que ela vai?... Como é que eu vou ver as meninas com essa medida protetiva? Como é que eu vou chegar perto d::: Então ela já fez isso já com caso pensado , entendeu? |
| 396 | | |
| 397 | | |
| 398 | | |
| 399 | Arthur | Você já não tá causando:: medo nela? |
| 400 | | Nã::o, [medo de quê?] |
| 401 | | [Não... Sab...] Sabe que o próprio:: medo:: [ajuda fazer isso, né?] |
| 402 | | |
| 403 | | |
| 404 | Vicente | [Não não:::] |
| 405 | Arthur | Uhum::: |
| 406 | Vicente | O próprio medo... <u>Não é que, [o senhor tem culpa,</u> |
| 407 | | entendesse? Não é que o senhor <u>tem culpa...</u>] |
| 408 | Arthur | [Às vezes os próprios filhos falam às vezes também |
| 409 | Vanessa | cê fala alguma coisa...] |
| 410 | Vicente | Não tô definindo sua pessoa, que o senhor tem culpa, só que eu tô falando o lado <u>dela</u> , entendeu? |
| 411 | | De tanta de tanta [discur...] |
| 412 | Vanessa | [nã:::] |
| 413 | | |
| 414 | Vicente | de tanta discussão que teve, talvez nesse momento |
| 415 | | ela... tirou um::: um momento que ela decidiu “vou pegar uma medida protetiva porque ele::: tá::: ele |
| 416 | | pode fazer alguma coisa pra mim” |
| 417 | Arthur | [((incompreensível))] |
| 418 | Vicente | |
| 419 | | |
| 420 | | |
| 421 | | |
| 422 | | |

(Vários_recepçãoS07L383-422)

No excerto acima, Arthur afirma que a mulher solicitara a medida protetiva como forma de afastá-lo das filhas (linha 402-403). Ele não significa a discussão que teve com a ex-mulher como violência. Então, Vicente se coloca no lugar da mulher ([...] só que eu tô falando o lado dela, entendeu? – linhas 415), de modo a tentar fazer Arthur compreender que possa ele ter provocado medo na mulher. Veja-se que Vicente coloca Arthur como motivador do que gerou a medida (Você já não tá causando:: medo nela? – linha

404). Ele aloca, então, os sujeitos da situação de violência em posições diferentes das narrativas comuns daqueles que chegam ao grupo (de vitimização própria, de culpabilização da mulher, de negação da violência).

Vicente legitima também a imputação judicial e, consequentemente, busca mostrar, embora não tenha informações claras do caso, a validade do pedido da ex-mulher de Arthur, sua ação enquanto sujeito de direito. Vicente usa, inclusive, o discurso direto, retomando a voz da mulher (linhas 419-421), trazendo-a para a discussão e ilustrando os efeitos da sessão de grupo socioeducativo na rede de práticas sociais nas quais os homens que por ali passa(ra)m se engajam.

6 CONCLUSÃO

A sessão de grupo socioeducativo se relaciona com as práticas (re)reconstrução de masculinidades na medida em que tematiza justamente a necessidade de mudanças nas relações pautadas na violência de homens sobre mulheres e sobre outros homens que não atendam ao padrão hegemônico. A estruturação estilístico-composicional do gênero discursivo sob escrutínio, um texto-ritual, possibilita a emergência de disputas sobre os modos de acabamento da realidade social, especialmente pelo fato de centrar-se na conversa entre sujeitos com distintos horizontes axiológicos. Nesse sentido, masculinidades hegemônicas são problematizadas em prol da emergência de formas outras de constituir-se. Assim, a violência contra a mulher é trazida ao discurso a fim de ser desnaturalizada e separada das formas valoradas de masculinidade.

Por fim, o modo de funcionamento da sessão, no momento da atividade de grupo, torna inteligível a complexa relação entre linguagem e prática social, especialmente em termos de (re)acentuação de aspectos da dimensão temática de gêneros reportados (notícia) a serviço do tema do gênero aglutinador (sessão). Tal processo implica apagamento de aspectos de uma esfera, midiática no caso analisado (a crítica à empresa de mídia concorrente), e a acentuação do fato noticiado (a violência contra mulher cometida por um homem no âmbito de um programa televisivo), mostrando o caráter aberto da constituição da realidade social e o modo como a disputa por determinados aspectos dos gêneros discursivos (horizonte temático, modos de estruturação) é a disputa sobre as formas de constituição da realidade.

Longe de estar restrito à sessão, esse aspecto é constitutivo dos gêneros como instância realizadora das práticas, o que pode lançar subsídios teóricos para que se (re)pense os modos de tensionamento das práticas nas diferentes esferas de atividades e na constituição da realidade social, das autoidentidades.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec, 1988[1975]. p. 13-70.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/53]. p. 261-306.
- BARWASHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gênero: história, teoria e pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2013
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificações e Interação*. São Paulo: Cortez, 2009
- BONINI, A. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (org.). *Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.
- BONINI, A. Gênero textual/discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (org.). *Gêneros textuais: teoria e prática*. Londrina, PR: Moriá, 2004. p. 3-17.

BONINI, A O jornal escolar como mídia contra-hegemônica: jornalismo de escola não modelado pelo jornalismo comercial dominante. *Linguagem em (Dis)curso* (impresso), Tubarão, v. 17, p. 165-182, 2017.

BONINI, A. et al. *Os gêneros do jornal*. Florianópolis: Insular, 2014.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: BOURDIEU, P. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994. p. 46-81.

BRASIL. [Lei Maria da Penha (2006)]. *Lei Maria da Penha*: Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

CALDAS-COULTHARD, C. R.; VAN LEEUWEN, T. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 11-33, 2004.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CONNELL, R. W. *Masculinidades*. México: Univerdidad Nacional Autónoma de México, 2003

CONNELL, R. W.; MESSERSCHIMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.21, n.1, p. 441-282, jan./abr. 2013.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: EditoraUnB, 2001[1992].

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HANKS. W. *Língua como prática social*: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

KIMMELL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LEITE; F. LOPES, P. V. L. Serviços de educação e responsabilização para homens autores de violência contra mulheres: as possibilidades de intervenção em uma perspectiva institucional de gênero. In: LOPES, P.V. L.; LEITE, F. *Atendimento a homens autores de violência doméstica: desafios à política pública*. Rio de Janeiro: Iser, 2013. p. 17-44.

MASON, J. *Qualitative Researching*. London: SAGE Publications, 1998.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. Introdução. In: MEURER, J. L; MOTTA-ROTH, D. Bauru. (org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 09-14.

MIEDVIÉDEV, P. N. Os elementos da construção artística. In: MIEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2016 [1928]. p. 193-207.

MOITA-LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros com foco em notícias de popularização da ciência. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (org.). *Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 121-145

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.10. n. 3, p. 511-538, 2010

NOLASCO, S. A. O trabalho como base para a identidade. In: *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 50-72

RODRIGUES, R. H. Análise de gênero do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1989. Versão em português: *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Tradução de Maria Betânia Ávila. 2005. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 20 fev. 2016.

VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem* 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

WELZER-LANG, D. *Les hommes violents*. Paris: Payot, 1991.



Recebido em 28/11/2019. Aceito em 07/01/2020.

ANEXO A - Notícia "Globo não consegue combater machismo explícito de Marcos dentro do BBB". **Fonte:** material apresentado em Soares (2018).

Globo não consegue combater machismo explícito de Marcos dentro do BBB



Marcos durante a festa desta noite no BBB (Foto: Reprodução/Globo)

Já rolaram algumas provas do machismo latente de Marcos, basta lembrar o "surto" que o fez sair gritando e apontando o dedo para todas as mulheres da casa. E nesta noite de quarta para quinta rolou mais um de seus absurdos. Marcos soltou a seguinte pérola: "evita pegar a garrafa, que é muito feio mulher segurando garrafa. Uma das cenas mais feias que eu vi na vida foi uma noiva se servindo com um copo de cerveja". Emily retrucou: "mas se não tem homem pra servir, a gente tem que se servir". Marcos encerrou a conversa: "calma, isso é secundário. Vamos curtir a festa".

Deve ser complicado para a Globo alguém como Marcos dentro do BBB. Do lado de fora, o canal tem de lidar com o caso de José Mayer e com a fala machista de Otaviano Costa no Vídeo Show (ele se desculpou no ar). O canal sempre reforça de que não apoia este tipo de atitude e daí vem o Marcos dentro de um programa da casa soltando todo o tipo de machismo e sexism. Só que nesse caso, a Globo nem pode fazer nada a respeito, a não ser que haja agressão.

Difícil, né? De um lado coíbe o machismo, mas de outro tem um programa que fica propagando isso fortemente.

A PUBLICIDADE DA JOHNNIE WALKER E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES MASCULINAS NA MODERNIDADE TARDIA

LA PUBLICIDAD DE JOHNNIE WALKER Y LA CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADES
MASCULINAS EN LA MODERNIDAD TARDÍA

JOHNNIE WALKER'S ADVERTISING AND THE CONSTRUCTION OF MALE IDENTITIES IN
LATE MODERNITY

Ana Paula Flores*

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Neste trabalho, são analisados seis publiefitoriais de uma campanha da empresa de whisky *Johnnie Walker*, veiculados em revistas da Editora Abril, durante o ano de 2009. O objetivo principal é explicar a relação entre as práticas publicitárias e jornalísticas e a construção de identidades masculinas na modernidade tardia. Utiliza-se o escopo teórico da Análise Crítica de Gênero (ACG) aliado à perspectiva bakhtiniana. A campanha analisada selecionou homens, supostamente bem-sucedidos, para associarem uma imagem considerada positiva à marca, reforçando a representação do consumidor usual da bebida e da classe social a qual ele pertence. A narrativa característica desses textos põe em cena uma representação de sucesso masculino centrado no perfil de herói e em várias características provenientes do discurso neoliberal: o centro no indivíduo e em seu sucesso pessoal, o culto ao mercado empresarial e a valorização das ações empreendedoras.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Publicidade. Masculinidade.

RESUMEN: En este trabajo se analizan seis anuncios de una campaña de la empresa de whisky *Johnnie Walker*, publicada en revistas de la Editorial Abril, durante el año de 2009. El objetivo principal es explicar la relación entre las prácticas publicitarias y periodísticas y la construcción de identidades masculinas en la modernidad tardía. Se utiliza el alcance teórico del Análisis Crítico de Género

*Jornalista e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: anapflores86@gmail.com.

(ACG) combinado con la perspectiva de Bakhtin. La campaña seleccionó a hombres supuestamente exitosos, para asociar una imagen positiva a la marca, reforzando la representación del consumidor habitual de la bebida y la clase social a la que pertenece. La narrativa característica de estos textos retrata una representación del éxito masculino centrado en el perfil del héroe y en diversas características derivadas del discurso neoliberal: centrado/el centro en el individuo y en su éxito personal, el culto al mercado empresarial y la valorización de las acciones emprendedoras.

PALABRAS CLAVE: Periodismo. Publicidad. Masculinidad.

ABSTRACT: In this work, we analyzed six advertorials of Johnnie Walker's company, that were published in four Brazilian magazines during the year 2009. The main objective is to explain the relation between advertising and journalistic practices and the building of masculinity in late modernity. We use as reference the theoretical approaches of Critical Genre Analysis (CGA), associated with Bakhtin's theoretical framework. The Johnnie Walker selected individuals that are supposedly successful men, to associate an alleged positive image to the brand, reinforcing the usual representation of the beverage's consumer and the social class to which he belongs. The story characteristically shows a representation of male success linked to a heroic profile and to several characteristics coming from the neoliberal discourse: the individual and his success as the central aspect, reverence for businesses activities, and appreciation of entrepreneurship.

KEYWORDS: Journalism. Advertising. Masculinity.

1 INTRODUÇÃO

Textos que reúnem jornalismo e publicidade são cada vez mais comuns em diversas ordens de discursos institucionais da sociedade contemporânea (FAIRCLOUGH, 1992 [2001]). Para Fairclough (1992 [2001], p. 151), a profusão desses textos demonstra um movimento “[...] colonizador da publicidade do domínio do mercado de bens de consumo, num sentido estrito, para uma variedade de outros domínios”. Na avaliação de Gomes (2005; 2006; 2007) e Marshall (2003), esse fenômeno se deve a um movimento pós-industrial de inserção da publicidade em vários domínios, que acaba por produzir gêneros híbridos. O publiefitorial¹, como gênero jornalístico que é colonizado pela prática publicitária, pode ser considerado, no contexto da modernidade tardia, como resultante desse processo de hibridização e é o objeto de análise desta pesquisa.

Este trabalho procura enfocar as práticas sociais que estão na base do gênero jornalístico denominado “publiefitorial”, que pode aparecer de forma similar a uma reportagem, ou a outro gênero jornalístico, que seja colonizado pela prática publicitária. Neste trabalho, são analisados seis exemplares do gênero de uma campanha da empresa de whisky *Johnnie Walker*, coletados a partir das revistas *Superinteressante*, *Você S/A*, *VIP* e *Playboy*. O objetivo principal é explicar o gênero publiefitorial correlativamente às práticas sociais publicitárias e jornalísticas que ele constitui nessa campanha publicitária da *Johnnie Walker*. Para isso, busca-se responder à seguinte questão de pesquisa: Como o publiefitorial da campanha “Aonde um passo pode te levar” da *Johnnie Walker* se constitui como gênero e prática social, e como constitui identidades (particularmente a masculinidade) no contexto da modernidade tardia?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Análise Crítica de Gênero (ACG), abordagem teórica aqui adotada, tem sido discutida, principalmente, por Bhatia (2004), Bonini (2010, 2011) e Motta-Roth (2004, 2008, 2011) e pode ser entendida, em sua fase inicial (MEURER, 2005; BHATIA, 2004), como uma aproximação de duas áreas de estudos, a Análise de Gênero de orientação sociorretórica, tendo como principal representante John Swales (1990), e a Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposta por Fairclough (1992, 2001, 2003). Nesses termos, a ACG propunha a execução combinada da análise de elementos linguísticos e retóricos do texto (como na Análise de Gênero estrita) com a análise dos elementos ideológicos do contexto (como a Análise Crítica do Discurso) (MOTTA-ROTH, 2008). Conforme ainda pontua Motta-Roth (2008), a ACG promove uma análise que é, “[...] ao mesmo tempo, detalhada, porque explica e localiza os elementos linguísticos no tempo e no espaço, e problematizadora, porque desnaturaliza os valores que estão postos [...]” (2008, p. 370). Além disso, a teoria de gêneros combina, ao mesmo tempo, as vantagens de uma visão geral dos usos da língua com sua

¹ Contracção usada para se referir a um “editorial publicitário”, em inglês *advertisorial*.

realização mais específica. Nesse sentido, Bhatia afirma que a análise de gêneros é “[...] estreita em seu foco e ampla em sua visão” (2009, p. 164).

Lima (2013) discute como ocorre essa aproximação entre a ACD e a ACG. Para ele, enquanto a Análise de Gênero vem se movendo em direção a questões discursivas mais amplas, a Análise Crítica do Discurso mostra cada vez mais interesse em tomar o gênero como uma ferramenta teórica fundamental para a compreensão das práticas sociodiscursivas.

Noutras palavras, se por um lado, os analistas de gênero se mostram cada vez mais preocupados em investigar os aspectos do contexto social que incidem nas práticas discursivas genéricas [...] por outro, os analistas do discurso se mostram cada vez mais interessados em desvendar o papel do gênero nas construções e ações do discurso. (LIMA, 2013, p. 32)

A ACD detém uma visão multidisciplinar dos estudos da linguagem e de práticas sociais, buscando estudar diferentes fenômenos discursivos que estão relacionados, sobretudo, a questões de poder, ideologia e discriminação.

Motta-Roth (2008) assevera que Fairclough (1995, 2003) contribui de forma especial para o pensamento crítico, porque ele revela um objetivo intervencionista e emancipador ao buscar “[...] desvelar os elementos do sistema de relações sociais presentes no discurso e tentar avaliar os efeitos desses elementos sobre as relações sociais [...]” (p. 362). Fairclough (2003) entende os discursos como formas de representar aspectos do mundo: os processos, relações e estruturas do mundo material, o mundo dos pensamentos, dos sentimentos, e das crenças e o mundo social. Além de representação, o discurso se materializa na sociedade na forma de relações sociais e identidades:

Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, e eles estão associados a diferentes relações que as pessoas têm no mundo, as quais dependem das suas posições no mundo, das suas identidades sociais e pessoais e das relações sociais nas quais elas interagem com outras pessoas. Discursos não apenas representam o mundo como ele é (ou melhor, como é visto), eles são também projetivos, imaginários, representam possíveis mundos que podem ser diferentes do mundo real, e articulados a projetos de mudança do mundo em direções particulares. As relações entre os diferentes discursos são um elemento das relações entre as diferentes pessoas – elas podem se complementar, competir entre si, uma pode dominar as outras e assim por diante – manter-se separadas um das outras, cooperar, competir, dominar – e buscar mudar os meios através das quais se relacionam entre si. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124, tradução da autora)

Como esclarece Meurer (2005), com relação ao gênero, entretanto, Fairclough não desenvolve uma teoria consistente. Essa limitação, no entanto, salienta Meurer, não invalida as vantagens que o modelo oferece “[...] em termos do seu avanço em direção à integração de uma teoria linguística e de uma teoria social” (2005, p 103).

Por conta dessa lacuna, tanto Bonini (2012) quanto Motta-Roth e Marcuzzo (2010) acrescentam a perspectiva bakhtiniana ao quadro teórico da ACG, no que tange ao conceito de gênero. Utilizando-se, por exemplo, além de outros aportes teóricos, do conceito de polifonia de Bakhtin², Motta-Roth e Marcuzzo (2010) fazem uma análise do modo como diferentes vozes se manifestam em 30 exemplares de notícias de popularização científica coletados em dois sites: *BBC News* e *Scientific American*. As autoras consideraram que, ao mobilizar diferentes posições enunciativas (pesquisador, colegas e entidades, governo, público, o próprio jornalista), a mídia desempenha três funções discursivas: informa sobre novas descobertas, explica conceitos científicos e esclarece a relevância da pesquisa para a sociedade. Os resultados demonstraram a hegemonia da voz da ciência e a presença tímida da perspectiva dos cidadãos na análise da relevância das pesquisas para a sociedade. Para Motta-Roth (2008), a referência aos escritos de Bakhtin nos estudos de gêneros discursivos favorece a contextualização do discurso e os aspectos externos da constituição do gênero:

² Compreende-se que existe uma polêmica que envolve a autoria dos trabalhos de outros autores que integravam o grupo de estudos de Bakhtin. No entanto, não é objetivo deste trabalho entrar no mérito dessa questão, por esse motivo, optou-se por adotar a menção à teoria de Bakhtin.

[...] o conceito de gênero é cada vez mais expandido para além dos limites do léxico e da gramática, para abarcar o contexto social, o discurso e a ideologia... Tal expansão demanda que as análises considerem as condições de produção, distribuição e consumo do texto, e focalizem os textos que circulam na sociedade contra o pano de fundo do momento histórico. Olham-se as finalidades e a organização econômica dos grupos sociais, em termos de vida cotidiana, negócios, meios de produção, formações ideológicas, etc., que determinam o conteúdo, o estilo e a construção composicional dos gêneros. (MOTTA-ROTH, 2008, p. 351)

Na ACG, o gênero assume um papel de destaque, sob a perspectiva de que ele realiza um conjunto de práticas sociais (BONINI, 2010). Dessa forma, o gênero é analisado para atingir uma compreensão crítica da(s) prática(s) social(ais) de que ele se constitui. Para Motta-Roth (2008), a ACG considera as condições de produção, distribuição e consumo do gênero, o momento histórico e lança um olhar para o texto com o objetivo de interpretar a prática social da qual ele faz parte. Ao preocupar-se com as práticas sociais, afirma a autora, a ACG “[...] esclarece o significado dos textos para a vida individual e grupal e o papel estruturador dos gêneros para a cultura” (p. 370).

2.1 JORNALISMO, PUBLICIDADE, MANIPULAÇÃO E MODERNIDADE TARDIA

Para analisar os mecanismos de hibridização dos discursos jornalístico e publicitário, realizados pelo gênero publieditorial, faz-se necessário compreender a manipulação da mídia impressa no contexto da modernidade tardia. Esse conhecimento dos mecanismos de funcionamento da mídia é essencial para saber como ler e compreender o que vemos e ouvimos.

A modernidade tardia (inicialmente discutida em GIDDENS, 1991) é considerada uma nova fase da vida social que é resultado, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), de um período de profundas transformações econômicas, políticas e sociais, em escala global, que se iniciou na década de 80:

Economicamente, tem havido uma mudança do modelo ‘Fordista’ de produção e consumo de bens em massa para a “acumulação flexível”. [...] Ao mesmo tempo, as unidades de produção são cada vez mais transnacionais. Politicamente, o ‘neo-liberalismo’ se estabeleceu internacionalmente. Essas mudanças econômicas profundas têm sido descritas como a introdução de uma nova era “pós-industrial” na organização do capitalismo moderno. [...] Os avanços na tecnologia da informação, principalmente os meios de comunicação, estão subjacentes as duas transformações econômicas e culturais, abrindo-se novas formas de experiências e conhecimentos e novas possibilidades de relacionamento com os outros através da televisão ou da internet. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 3, aspas conforme original, tradução da autora)

Nesse contexto social é que Abramo (2003) constata que os órgãos de comunicação, como parte integrante da indústria cultural, estão inegavelmente submetidos à lógica econômica do capitalismo: “Mas o capitalismo opera também com outra lógica – a lógica política, a lógica do poder – e é aí, provavelmente, que vamos encontrar a explicação da manipulação jornalística” (ABRAMO, 2003, p. 43). O poder oculto do discurso da mídia, segundo Fairclough (1989 [2001]), aliado à capacidade dos detentores de poder do capitalismo de exercer esse poder, depende das tendências sistemáticas das notícias e de outras atividades da mídia. Para o autor, um texto isolado é insignificante: “Os efeitos do poder da mídia são cumulativos, funcionando por meio da repetição de modos particulares de manipular causalidade e agência, modos particulares de posicionar o leitor e assim por diante” (FAIRCLOUGH, 1989 [2001], p. 45).

A manipulação é uma prática social discursiva de grupos dominantes que serve à reprodução do seu poder. Van Dijk (2010) considera que esses grupos dominantes podem fazer isso de várias formas: “[...], por exemplo, através da persuasão, fornecendo informações, educação, instrução e outras práticas sociais que objetivam influenciar o conhecimento, as crenças e (indiretamente) as ações dos receptores” (VAN DIJK, 2010, p. 237).

O gênero publieditorial, caracterizado pela hibridização entre as esferas do jornalismo e da publicidade, ou seja, entre informação e promoção, pode conter elementos de manipulação, já que influencia seus interlocutores a perceberem a empresa de uma determinada maneira.

Além disso, percebe-se que a empresa veiculou uma campanha publicitária com aparência de perfil jornalístico para atingir maior aceitação do público leitor das revistas e criar identificação entre o consumo do produto e o sucesso profissional. Esse aspecto será analisado com mais detalhes nos itens 4.1 e 4.2 a seguir.

3 METODOLOGIA

O objetivo desse trabalho é explicar o gênero publidorial correlativamente às práticas sociais publicitárias e jornalísticas que ele constitui no interior de uma campanha publicitária da *Johnnie Walker*, verificando como essas práticas constroem a identidade masculina. Para atingir esse objetivo, delineou-se uma análise que vai do gênero às práticas sociais que ele (re)produz (a campanha publicitária, a representação do produto, a representação do consumir, etc.). Em especial, foram propostos procedimento para focalizar dois aspectos:

- 1) para explorar o aspecto da hibridização do gênero, procedeu-se à descrição da organização do gênero e à análise da(s) prática(s) social(is) que lhe serve(m) de base (notadamente, a campanha publicitária). Em um segundo momento, foram elencados e classificados os elementos que compõe essa campanha;
- 2) para lançar luz sobre os modos de constituição da masculinidade, passou-se na sequência a uma análise do discurso presente nesses textos.

Dos seis publidoriais analisados, dois foram coletados da revista *Você S/A*, outros dois da *VIP*, um da *Superinteressante* e outro da *Playboy*³. O período de publicação desses textos vai de novembro a dezembro de 2009 (Quadro 1). A seleção foi feita por meio de pesquisa no acervo de periódicos da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, da Biblioteca do Estado e em um sebo de Florianópolis. Após a busca no acervo foi feito o escaneamento em formato *Portable Document Format* (PDF) dos exemplares do gênero.

Título	Revista	Edição
A água nossa de cada dia	Superinteressante	Dezembro/2009
Céu de brigadeiro	Você S/A	Novembro/2009
No caminho dos astros	Você S/A	Dezembro/2009
Um expert das baladas	VIP	Novembro/2009
Game over? Sem chance!	VIP	Dezembro/2009
Uma conquista com sabor	Playboy	Novembro/2009

Quadro 1: Lista de exemplares coletados nas revistas

Fonte: Criação da autora

4 ANÁLISE

A campanha intitulada “Aonde um passo pode te levar” é formada por diversos relatos, e nesta pesquisa, de forma não exaustiva, teve-se acesso a seis deles (conforme listados no Quadro 1). Antes da publicação da campanha, a empresa veiculou nas revistas um anúncio conclamando seus leitores a enviarem histórias sobre “trajetórias, coragem e inspiração” (Figura 1).

³ A autora teve acesso a todas as revistas Superinteressante e Você S/A de 2009 e 2010, por meio do acervo da UFSC e da Biblioteca Pública do Estado. Em relação às revistas VIP e Playboy houve uma dificuldade maior em localizar os exemplares, já que se tratam de revistas com conteúdo erótico/pornográfico e não estão disponíveis para consulta em bibliotecas. A autora precisou comprar os exemplares em um sebo da capital, mas não teve acesso à revista Playboy de dezembro de 2009, o que poderia ampliar o *corpus* para a análise, pois não a encontrou em nenhum sebo para adquirir. Desse modo, salienta-se que a coleta do *corpus* para a análise não foi feita de forma exaustiva.

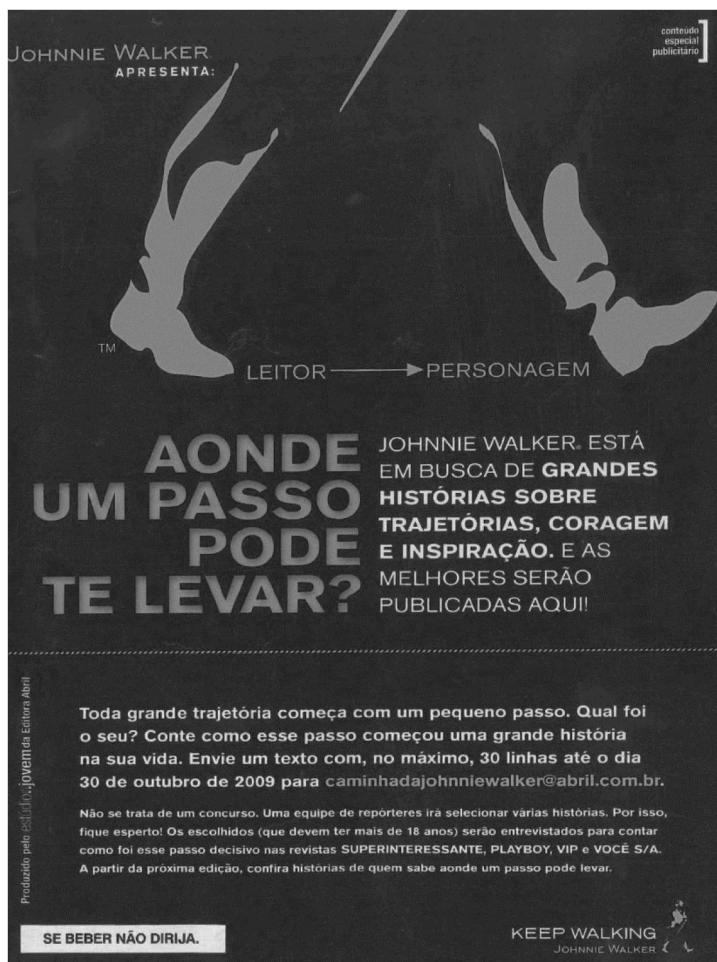


Figura 1: Apresentação da campanha

Fonte: Revista Superinteressante (Outubro/2009)

O texto inicial é estruturante da campanha, pois cumpre a função de, ao mesmo tempo, anunciar a campanha e criar meios para que os demais textos sejam produzidos. Os textos centrais são, portanto, os que se seguem a esse primeiro (eles foram reproduzidos nos anexos deste trabalho). Neles é que aparecem as histórias de vida (marcadamente de superação) conformadas como o gênero publiefitorial. Trata-se de um tipo de configuração possível, pois o publiefitorial pode fazer uso de diversos gêneros e mecanismos discursivos, tanto da publicidade quanto do jornalismo.

Verificou-se que a campanha compõe-se basicamente de dois conjuntos de elementos verbais: os jornalísticos e os publicitários. Esses elementos estão destacados respectivamente em azul e vermelho (Figura 2). No conjunto jornalístico (que nos interessa nesta análise) encontram-se quatro elementos (LAGE, 2005): o título, que é padrão em todos os exemplares do gênero (*Aonde um passo pode te levar?*); o subtítulo, que abre o texto; o perfil, texto que ocupa de 20 a 26 linhas, escrito em um parágrafo único e o olho, elemento de edição que traz um depoimento de uma pessoa e é colocado em destaque no lado esquerdo da página. O agrupamento publicitário reúne outros quatro elementos. O primeiro é a marca da *Johnnie Walker*, que aparece em dois locais: no topo e no pé da página. No topo, ela serve como apresentação do conteúdo, demarcando claramente que a página é publicitária. No pé da página, a marca é usada com seu *slogan* (*Keep walking*), que está diretamente relacionado à imagem do sujeito retratado e perpassa todo o conjunto de textos do gênero. O segundo elemento é um rótulo que diz respeito à produção do material e aparece no canto direito da página (Produzido pelo estúdio NJovem da Editora Abril). No canto superior direito, há outro rótulo, que define o conteúdo como sendo de caráter publicitário. O terceiro item é um letreiro com a frase “Se beber não dirija”, que aparece no pé da página e é uma advertência de caráter obrigatório, determinada por uma resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)⁴.

⁴ A resolução determina que nas propagandas em jornais e revistas a advertência deva ser inserida em retângulo de fundo branco, emoldurada por filete interno, em letra de cor preta, padrão Humanist 777 Bold ou Frutiger 55 Bold caixa alta. Fonte: http://www.anvisa.gov.br/propaganda/consulta_minuta.pdf.

Finalmente, considera-se como um item intertextual e híbrido⁵ a imagem do sujeito caminhando, à semelhança da logomarca da empresa de bebidas. Dessa forma, essa imagem, no perfil, serve de elo entre a esfera publicitária e a jornalística (CARDOSO, 2008).

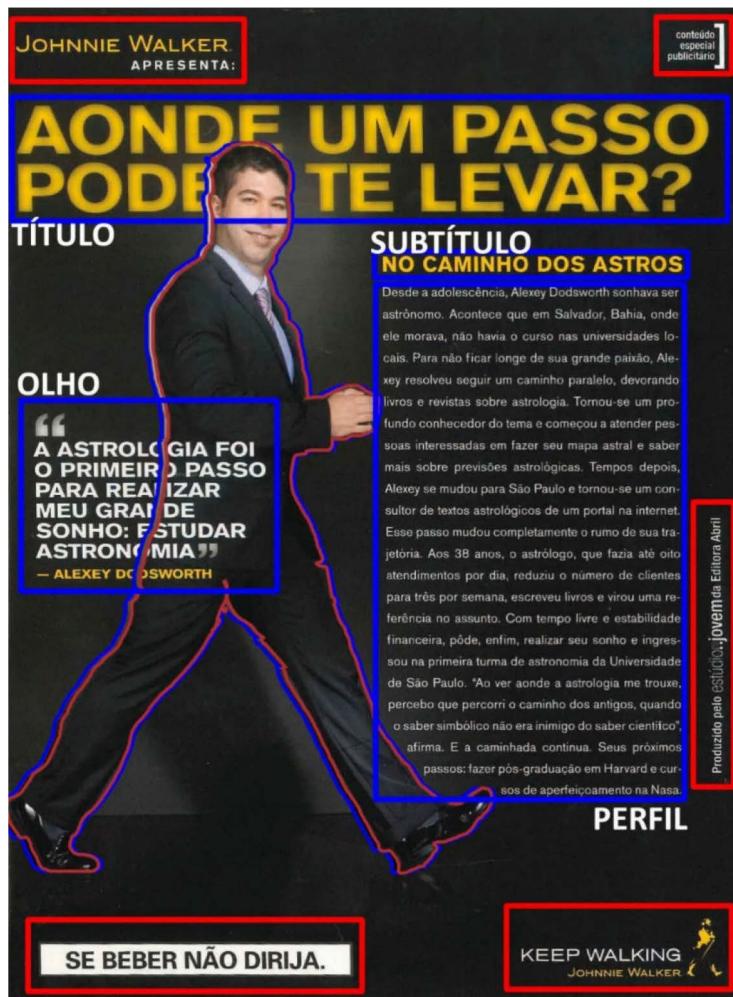


Figura 2: Conjunto de elementos da campanha

Fonte: Você S/A (Dezembro/2009)

A campanha demonstra ter como objetivo primordial a divulgação da marca de whisky *Johnnie Walker*. Para compreender o funcionamento dos anúncios publicitários selecionados, é fundamental recorrer à legislação que trata da publicidade de bebidas alcoólicas no Brasil. A propaganda desse tipo de produto é restringida pelo fato de se configurarem como itens de consumo restrito e impróprios para determinados públicos e situações. A lei nº 9.294/1996 (BRASIL, 1996) é a principal regulamentação brasileira que estabelece os princípios nos quais a propaganda comercial de bebidas alcoólicas deve se basear. Ao serem proibidas de utilizar na propaganda meios que induzem diretamente ao consumo, as empresas de bebidas alcoólicas podem optar por criar peças publicitárias que disfarçem a situação, apelando para um alto nível de tecnologização do discurso⁶. Dessa forma, a maioria delas investe na chamada propaganda de imagem, cujo foco é no estilo de vida do usuário do produto, em vez de abordar o valor do produto em si. Conforme Moreira Júnior (2005), a propaganda de imagem, “[...] com graus variados de sutileza, sugere que os estilos de vida mostrados podem ser alcançados por meio do uso da mercadoria anunciada. Nesse tipo de publicidade, raramente se faz alguma menção à qualidade do produto [...]” (2005, p. 17). Isso leva a publicidade do álcool a explorar temas relacionados à sexualidade, virilidade e ao sucesso pessoal. Os dois primeiros estão muito presentes nas propagandas de cerveja; já o terceiro tema pode ser claramente visualizado no conteúdo veiculado nas peças da *Johnnie Walker*, objeto de estudo deste trabalho.

⁵ Por esse motivo, a imagem do perfilado aparece contornada com as cores azul e vermelha.

⁶ Uma estratégia similar é descrita no estudo de Ramalho (2009), quando um *mídia card* é usado para anunciar indiretamente um remédio, para o qual a publicidade também é proibida no Brasil.

Fairclough (1992 [2001], p. 143) identificou esse processo de tecnologização do discurso como uma importante dimensão do consumismo e como uma mudança no poder dos produtores sobre os consumidores: “[trata-se] de uma tendência mais ampla para os produtores comercializarem suas mercadorias em formas que maximizem sua adaptação aos estilos de vida e as aspirações de estilos de vida dos consumidores (embora eu acrescente que eles estão buscando construir as pessoas como consumidores e os estilos de vida a que elas aspiram)”.

Concebido essencialmente como instrumento de autodisciplina da atividade publicitária, o Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária foi instituído em 1980, por diversas entidades representativas do mercado brasileiro de publicidade. O documento apresenta, em um anexo que se ocupa das categorias especiais de anúncios, diversos tópicos relacionados ao que denomina “Princípio do consumo com responsabilidade social”. Esse princípio postula que não sejam utilizadas “[...] imagens, linguagem ou argumentos que sugiram ser o consumo do produto sinal de maturidade, ou que ele contribua para maior coragem pessoal, êxito profissional ou social [...]” (FAIRCLOGH, 1980, p. 35). A campanha da *Johnnie Walker* parece ir de encontro a esse princípio, ao associar o passo que representa sua identidade corporativa à caminhada que levou os sujeitos das histórias descritas ao que consideram sucesso (Figuras 3 e 4). Vejamos os exemplos textuais abaixo:

- (1) “Este ano, Mauro deu outro grande passo [...]”
(Céu de brigadeiro)
- (2) “Esse passo mudou completamente o rumo de sua trajetória”
(No caminho dos astros)
- (3) “[...] ele e os sócios deram outro passo importante em sua trajetória [...]”
(A água nossa de cada dia)

Além do elemento verbal, essa vinculação também está evidenciada na imagem do sujeito caminhando, que se constitui em uma metáfora visual, pois atrela o ato de superação do consumidor à marca, ou seja, indiretamente impelindo-o a beber para superar, ou a superar para beber.



Figura 3: Recorte da foto do sujeito caminhando
Fonte: Recorte do anúncio



Figura 4: Marca da empresa situada no canto direito da página
Fonte: Recorte do anúncio

4.1 O GÊNERO PUBLIEDITORIAL E A HIBRIDIZAÇÃO JORNALÍSTICO-PUBLICITÁRIA

Apesar de o gênero selecionado nas revistas ser visivelmente rotulado de “conteúdo especial publicitário”⁷, pode-se afirmar que os textos da campanha da *Johnnie Walker* constituem-se como um gênero híbrido, o publieditorial. Ao mesmo tempo em que esses textos pretendem divulgar e promover a marca, buscam construir uma abordagem mediadora de eventos por meio do discurso jornalístico e, no caso dessa campanha da *Johnnie Walker*, expõe-se a trajetória de um determinado sujeito, por meio de um texto jornalístico conhecido como perfil.

O perfil é geralmente um texto de extensão curta, publicado em jornais e revistas, que focaliza determinados momentos da vida de uma pessoa. Outra expressão que também se aplica ao perfil, proveniente das pesquisas em Ciências Sociais é “histórias de vida”. Como esclarece Vilas Boas (2003), o perfil é uma narrativa sobre a vida de um indivíduo e, nesse sentido, busca “[...] humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea. Na sua versão mais abreviada, a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista [...]” (2003, p. 16). Para o autor, o ponto central do perfil é a experiência humana do personagem real⁸. Dessa forma, o perfil expressa uma trajetória, por mais sintética que seja. Ainda de acordo com Vilas Boas (2003), foi a partir da década de 1930 que jornais e revistas passaram a retratar, com mais frequência, figuras humanas de forma jornalística e literária.

Conforme Sodré e Ferrari (1986), o perfil enfoca uma pessoa - seja uma celebridade, um tipo popular - mas sempre o focalizado é o protagonista da história de sua própria vida. Na visão dos autores, o personagem pode ser visto de três formas: como *personagem indivíduo* – quando o texto centra-se na descrição da atitude do sujeito perfilado; como *personagem tipo* – quando se trata de pessoa notória; e como *personagem caricatura* – quando o que está em foco é o grotesco. Essa classificação dá alguma base para se pensar as formas do gênero, mas, para a visão crítica aqui adotada, mostra-se insuficiente, já que a perspectiva dos autores é a de um discurso jornalístico transparente, que apenas relataria fatos entendidos como “reais”. Nesse sentido, por exemplo, eles afirmam sobre o “personagem-caricatura”: “É natural que, de vez em quando, encontremos sujeitos estranhos, de gestos grotescos e atitudes mirabolantes, com acentuada tendência à exibição” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 136). Esse tipo de posicionamento, típico do discurso jornalístico hegemônico, não incorpora conceitos como representação e construção simbólica da realidade. Desse modo, faz parecer que termos como “estranho”, “grotesco”, “mirabolante” não sejam construções do discurso, mas expressões de um suposto real. Reproduz-se assim, também, a representação do jornalismo como isento e imparcial.

Na prática cotidiana, contudo, o perfil é muitas vezes mobilizado para enaltecer ou, ao contrário, para desconstruir a imagem positiva de determinado sujeito social, ou apenas para reproduzir os discursos dominantes, nesse caso pondo em cena os mesmo sujeitos já legitimados sob as mesmas lentes previsíveis, de acordo com os valores e práticas dominantes em determinado momento histórico.

Uma leitura crítica do perfil deve colocar em questão as partes do mundo que nele são retratadas, investigando essa ocorrência em função de determinadas ideologias, discursos e práticas. No caso dos perfis da campanha em questão, tem-se narrativas de superação de seis sujeitos, apresentadas de forma muito semelhante: iniciam-se com o relato de uma dificuldade do passado, algum desejo ou vontade do sujeito retratado; em seguida, é descrita a “luta enfrentada” por ele para superar o desafio e, finalmente, chega à “vitória”, apresentada como a conquista de uma suposta posição de destaque no setor profissional. Essas narrativas são perpassadas por expressões relacionadas a determinados passos representados como “decisivos”, que remetem aos degraus de uma trajetória considerada bem-sucedida. Vejamos os exemplos abaixo:

- (4) “Foi o passo que mudou sua vida
(Céu de brigadeiro)

⁷ Esse rótulo pode ser visualizado no canto superior direito de todos os exemplares do gênero, que estão anexados em formato jpg no final deste trabalho.

⁸ Ao afirmar que o perfil relata um personagem real, o autor demonstra possuir uma visão pautada no discurso jornalístico hegemônico, mas, em uma perspectiva sócio-histórica, se poderia dizer que todo personagem é criado; é efeito de um discurso.

- (5) “Esse passo mudou completamente o rumo de sua trajetória”
(No caminho dos astros)
- (6) “[...] ele deu outro grande passo rumo a sua independência [...]”
(Game over? Sem chance!)
- (7) “[...] Luis deu o primeiro passo de sua jornada para o sucesso [...]”
(Um expert das baladas)

Pode-se dizer que a inclusão de determinados passos, caracterizados nas narrativas como decisivos, remete ao *slogan* da própria marca, que afirma, no modo imperativo: “Continue caminhando”. Ao mesmo tempo em que descreve a natureza da dificuldade envolvida na conquista do sucesso, a existência dos passos homogeneiza os perfis e simplifica a trajetória dos sujeitos, criando um modelo de homem a ser imitado: um homem apresentado como liberal, guerreiro e sofisticado. As histórias, contudo, apagam qualquer traço das opressões sociais ou das possibilidades de transformação por meio da organização coletiva, ou seja, reforçam o mito disseminado na sociedade moderna capitalista de que a solução para os problemas depende apenas do esforço e comprometimento individuais.

Outro aspecto que fica evidente nos publieditoriais analisados é a adjetivação. No jornalismo, uma vez que diversos manuais de redação, como o de O Estado de São Paulo (MARTINS FILHO, 1997), orientam os profissionais a não usarem adjetivos⁹, é incomum que os textos dessa esfera tenham farta adjetivação. Já em textos publicitários, esse recurso é utilizado com mais frequência, o que reforça o caráter de hibridização do gênero. Esses adjetivos qualificam positivamente as ações dos sujeitos. Vejamos abaixo:

- (8) No ano seguinte, ele fundou a Cavok, pioneira em operações para aviação executiva no país.
- (9) [...] numa grande companhia aérea.
- (10) [...] para tornar a Cavok mais competitiva no mercado internacional.
- (11) Este ano, Mauro deu outro grande passo.
(Céu de brigadeiro)
- (12) Hoje, é uma referência em moda, entretenimento, cultura, comportamento e turismo. A revista é um sucesso não só por aqui [...]
(Expert em baladas)
- (13) [...] se impôs metas ambiciosas, como trabalhar no hotel Ritz-Carlton, em Paris.
(Conquista com sabor)
- (14) [...] criar um software barato para monitorar o nível dos reservatórios [...] (A água nossa de cada dia)

Nos excertos destacados, por meio da adjetivação, o produtor do texto atribui a determinados objetos ou conceitos qualidades que são subjetivas, ou seja, não são objetivamente verificáveis. Por exemplo, uma grande companhia aérea comparada com quais? Qual o parâmetro para afirmar que uma revista é referência em cinco áreas tão diferentes? O que determina o sucesso da revista? Sua tiragem? Número de leitores, assinantes? Uma meta é ambiciosa para quem? Quem afirmou isso? O próprio entrevistado, ou o produtor do texto inferiu que, como se trata de trabalhar no restaurante de um hotel de luxo, a meta é ambiciosa, quando se trata de

⁹ Essa recomendação faz com que o discurso jornalístico simule um efeito de imparcialidade.

um cidadão brasileiro? O que significa ser um software *barato*? Barato comparado ao quê? Alguns adjetivos estão relacionados ainda a atributos que são considerados desejáveis no âmbito do discurso empresarial, como *competitiva* e *pioneira*. O que se observa é que os discursos mobilizados nos textos são valorados positivamente e sempre acabam enaltecedo a ação individual dos sujeitos, colocando-os como modelos a serem seguidos. Esse aspecto será mais detalhadamente tratado no próximo tópico.

4.2 A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA FRONTEIRA ENTRE JORNALISMO E PUBLICIDADE

A identidade é uma construção discursiva e cultural que se evidencia como a marca caracterizadora de determinado sujeito. Consiste, segundo Castells (2006), em um “[...] processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” (2006, p. 22). Esse autor aponta três formas pelas quais a identidade se mostra em relação aos discursos aos quais se relaciona: a legitimadora, que reproduz o discurso de base (por exemplo, o nacionalismo do estado-nação); a de resistência, que aparece como uma deriva e um questionamento do discurso que lhe dá base (o islamismo que questiona o estado-nação e se coloca como uma identidade supraterritorial); e a identidade de projeto, que aparece no bojo de discursos recriadores da realidade e das relações sociais (o feminismo lesbo, por exemplo).

Assim como os feminismos são tipos de identidade, também as masculinidades o são. Elas se modificam conforme a época, mas é possível perceber uma masculinidade de longa duração, a que Connell (2003 [1995]) chamará de masculinidade hegemônica, ligada ao poder patriarcal.

Nos textos analisados nesta pesquisa, as masculinidades – ainda que em sintonia com um período recente/contemporâneo (a modernidade tardia) – estão bastante relacionadas a essa masculina hegemônica. Também, justamente por esse motivo e por reproduzir o discurso dominante na atualidade (o neoliberalismo), a masculinidade da campanha de *Johnnie Walker* tende a ser uma identidade legitimadora.

Voltando à campanha, a empresa, conforme já mencionado acima, veiculou um anúncio pedindo que os leitores enviassem um texto relatando um episódio de sua vida que tivesse sido marcante. Depois disso, segundo o anúncio, algumas histórias seriam selecionadas por repórteres, que posteriormente iriam entrevistar os escolhidos. O objetivo, nesses textos, parece ser transformar o sujeito representado em um personagem, promovendo a expectativa de um mundo que vai além do cotidiano imediato. Isso fica evidenciado na figura 5, extraída desse anúncio.

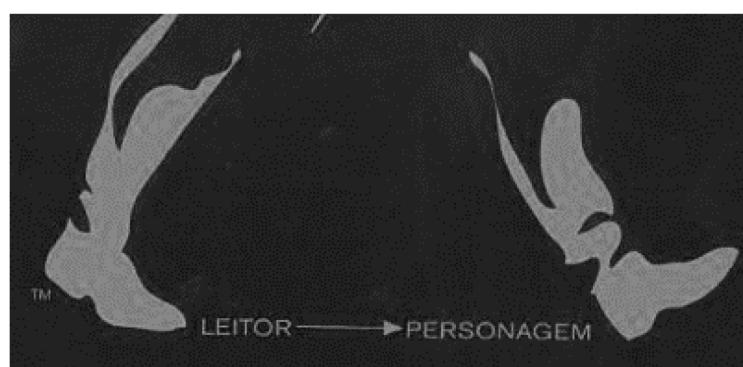


Figura 5: Recorte do primeiro anúncio da marca *Johnnie Walker*¹⁰.

Fonte: Recorte do anúncio

O resultado são perfis jornalísticos que trazem uma narrativa de superação de desafios, a partir do que denominam ser um “passo decisivo”. O que se observa como característica geral dos exemplares é o fato de terem sido selecionados homens, supostamente bem-sucedidos para associarem uma imagem entendida como positiva à marca, reforçando a representação do consumidor usual

¹⁰ O anúncio completo pode ser visualizado nos anexos deste trabalho.

da bebida e da classe social a qual ele pertence. Essa postura acaba por converter a pessoa em uma marca. Ao expor uma trajetória individual fortemente associada com valores considerados positivos na sociedade contemporânea, o sujeito acaba se colocando no mesmo plano da marca e tornando-se, ele mesmo, um objeto de culto e, portanto, de consumo. Além disso, os sujeitos são sempre do sexo masculino, e, portanto, caracterizados como agentes (em oposição à mulher, que, nas propagandas de cervejas, geralmente é mostrada como objeto de contemplação e consumo). A forma como a mulher é retratada em comerciais de cerveja foi investigada por Ouverney (2008). A pesquisa sobre os componentes não verbais em comerciais televisivos mostrou que não se vende somente a cerveja, mas também uma imagem estereotipada da mulher: “[...] fútil, que é constantemente denotada como sexy, provocativa, atraente ao extremo, uma mulher cujo objetivo centra-se em seduzir o homem” (OUVERNEY, 2008, p. 61).

No caso do *corpus* enfocado nesta pesquisa, a seleção dos personagens do sexo masculino, além de criar uma identificação com o público leitor das publicações, coloca em destaque determinados perfis identitários e os apresenta como verdadeiros símbolos de sucesso na sociedade do novo capitalismo. Esses personagens fazem pressupor outros, que lhes são opostos e que não aparecem.

Um caso emblemático é o do texto intitulado “*Game Over? Sem chance!*”, que traz a história de Rafael, que começou a trabalhar aos 14 anos porque não queria depender dos pais. Por trás do relato de um jovem que escolheu ingressar no mercado de trabalho, há inúmeras histórias silenciadas de jovens que começam a trabalhar não por opção, mas porque precisavam contribuir financeiramente para ajudar no sustento da família. Outro sujeito que teve oportunidade de escolha é Peter Katzenbeisser, que tinha 16 anos quando decidiu não seguir a carreira do pai, que trabalhava em uma grande montadora de veículos. Peter é um jovem chef de cozinha, apresentado no texto intitulado “*Uma conquista com sabor*”. O perfil identitário é de um profissional que trabalha com gastronomia, o que pode ser considerado um item de distinção de classe; o pobre come sanduíche ou leva marmita de casa para o horário de almoço, já quem é apresentado como bem-sucedido se vê no direito de ser conhedor de vinhos, de cervejas artesanais e de especialidades culinárias.

Esse discurso neoliberal do sucesso e da superação está fortemente vinculado ao discurso empresarial do empreendedorismo, como se pode ver no texto intitulado “*Céu de brigadeiro*”, que explora a história de um cidadão que abriu a própria empresa em um nicho de mercado inexistente no Brasil.

(15) “Como a empresa não se interessou, decidi seguir por conta própria”

(16) “Resolvi que era hora do meu vôo solo”

Outro exemplo da recorrência desse discurso pode ser visto no exemplar “*Um expert das baladas*”:

(17) “[...] largou as boas comissões e criou a revista *Lounge*”.

O texto “*Game over? Sem chance!*” também destaca as ações de um sujeito na trajetória rumo ao que é considerado sucesso empresarial:

(18) “[...] ele deu outro grande passo rumo a sua independência: criou uma marca própria [...]”

Finalmente, ainda se observa o destaque positivo à ação empreendedora no texto “*Uma conquista com sabor*”. Depois de trabalhar em restaurantes na Europa, o sujeito retornou ao Brasil para abrir seu próprio negócio:

(19) “Hoje é dono do Ello Gastronômico [...]”

Outro discurso evidenciado nos exemplares do gênero é o ecológico, a exemplo do texto “*A água nossa de cada dia*”, no qual o desafio parece ser “salvar o planeta” e, ao mesmo tempo, ser bem-sucedido profissionalmente. Isso pode ser percebido no seguinte trecho: “A idéia deles era ajudar o planeta e criar algo rentável [...]. A partir dessa associação entre ‘ajudar’ (discurso ecológico) e ‘algo rentável’ (discurso empresarial), percebe-se que o herói atual não precisa mais ser alguém abnegado; são os traços do heroísmo

sendo conduzidos para o discurso do mercado. De acordo com essa visão de mundo não é preciso nem sair da cadeira para ajudar o planeta. É o que indica uma das frases finais do texto: “Hoje, Diogo promove a sustentabilidade em frente ao computador”.

Um termo que contribui para compreender o papel dos sujeitos retratados no gênero é o conceito de ator social. Van Leeuwen (1996) usa a expressão para se referir à representação social dos sujeitos na linguagem: “Representações incluem ou excluem atores sociais para atender seus interesses e propósitos em relação aos leitores para quem eles se destinam” (1996, p. 38 – tradução da autora). Para ele, as práticas sociais envolvem conjuntos específicos de atores sociais que desempenham papéis nessas representações, por exemplo, “[...] quem é representado como agente (ator), quem é como paciente (objetivo) com respeito a uma dada ação?” (VAN LEEUWEN, 1996, p. 42-43 – tradução da autora). Com base nessa teoria, observa-se que os atores sociais representados no gênero aqui selecionado desempenham o papel de agentes. Isso pode ser constatado pelo uso constante de verbos na voz ativa e que demonstram a vontade/desejo do sujeito. O uso de verbos na primeira pessoa do presente do indicativo também demonstra o foco no agente:

(20) “Quero ser referência em redução de consumo de água”.

(A água nossa de cada dia)

(21) “[...] quero ter meu próprio bistrô”.

(Uma conquista com sabor)

(22) “Hoje fabrico mais de 50 acessórios para games”.

(Game over? Sem chance!)

Trata-se de um discurso que coloca esses sujeitos como exemplos para outros. Daí suas identidades serem representadas com agência, destacada pelo uso de determinados verbos.

Além disso, observa-se a utilização constante de outros verbos de ação que reforçam o aspecto empreendedor, supostamente positivo, dos atores sociais, e que estão diretamente ligados à esfera empresarial, como, por exemplo:

(23) “[...] negociou o controle acionário da Cavok [...]”

(Céu de brigadeiro)

(24) Hoje, Diogo promove a sustentabilidade [...]

(A água nossa de cada dia)

(25) “Passei a desenvolver as ideias aqui [...]”

(Game over? Sem chance!)

(26) “Agora, ele planeja seu próximo passo [...]”

(Uma conquista com sabor)

O discurso empresarial do empreendedorismo ainda é explicitamente marcado no trecho final de quatro dos seis publicados. Nesses excertos, é destacado o desejo dos atores sociais de continuarem sua suposta trajetória de sucesso no futuro, reforçando, novamente, a ação do indivíduo em detrimento de uma possível ação na sociedade, e seu posicionamento como modelo a ser seguido:

(27) “Agora, ele planeja seu próximo passo: Em cinco anos, quero ter meu próprio bistrô”

(Uma conquista com sabor)

- (28) “Luis, claro, quer ir mais longe e pretende lançar revistas de gastronomia, negócios e decoração”
(Um expert das baladas)
- (29) “Seus próximos passos: fazer pós-graduação em Harvard e cursos de aperfeiçoamento na Nasa”
(No caminho dos astros)
- (30) “[...] ele está prestes a realizar um sonho antigo: pilotar seu próprio avião”
(Céu de brigadeiro)

Observa-se pelos vários exemplos destacados que uma metáfora ocupa o plano central. Trata-se do “passo” que, tanto representa a anunciada “superação” dos sujeitos convocados, denominados personagens, quanto representa o produto anunciado, na medida em que se trata da logomarca desse produto.

O tratamento como personagem coloca os sujeitos em um plano idealizado que os glamuriza e, ao mesmo tempo, os descompromete das implicações de ceder o nome e a própria história a uma transação comercial. Elabora-se também um discurso romântico a partir de adjetivações como: “[...] grandes histórias sobre trajetórias, coragem e inspiração [...]”. Considera-se o discurso como romântico, pois ele cria uma aura “dourada” para histórias que não apresentam, efetivamente, grandes superações ou situações de extrema privação, exploração ou opressão. São perfis de profissionais liberais que apresentam certa representação de sucesso e que se enquadram nos parâmetros do discurso neoliberal: individualismo, valorização do mercado empresarial, das ações empreendedoras, da ciência ocidental positivista e, nesse caso, essencialmente voltada ao fazer tecnológico e à visão ecológica (com certa tonalidade alarmista).

5 CONCLUSÃO

A partir da análise realizada foi possível responder à questão de pesquisa lançada no início do trabalho: Como o publieditorial da campanha “Aonde um passo pode te levar” da *Johnnie Walker* se constitui como gênero e prática social, e como constitui identidades (particularmente a masculinidade) no contexto da modernidade tardia? Para dirimir esse questionamento, apontou-se dois objetivos. O primeiro objetivo foi explorar a hibridização jornalístico-publicitária do gênero publieditorial. Nesse aspecto, constatou-se que a campanha se compõe basicamente de dois conjuntos de elementos verbais: os jornalísticos e os publicitários, que se apresentam intercalados na formatação do gênero. No conjunto jornalístico, que foi o foco dessa pesquisa, verificou-se regularidades nas narrativas da história de vida dos sujeitos, que se evidenciam como forma de relacionar a marca a uma trajetória considerada bem-sucedida, atrelando-a a um indivíduo que se pretende que sirva de modelo para os demais. Outro aspecto pontuado foi a legislação que regulamenta a propaganda de bebidas alcoólicas. Percebeu-se que, ao ser proibida de utilizar meios que induzam diretamente ao consumo, a empresa aqui enfocada optou por criar peças publicitárias que disfarçem a situação, explorando temas relacionados ao sucesso pessoal.

O segundo objetivo foi detalhar os modos de constituição da identidade masculina na fronteira entre jornalismo e publicidade no contexto da modernidade tardia. A identidade dos sujeitos representados é construída, sobretudo, por meio de perfis jornalísticos que descrevem sua trajetória profissional, que é pontuada por supostas dificuldades, apresentadas como determinados “passos”. A estruturação da narrativa em passos demonstra a necessidade de reafirmar a identificação com a marca e o *slogan* da empresa. Finalmente, a pessoa atinge seu objetivo e alcança uma posição considerada de destaque. Mas, ainda assim, a trajetória não termina: o sujeito salienta seu desejo de atingir novas conquistas, reforçando o estereótipo do homem herói que sempre pode alcançar uma façanha maior. Dessa forma, mostra-se, por meio de exemplos, que a trajetória dos profissionais trazida nos perfis apresenta uma representação de sucesso que se enquadra nos parâmetros do discurso neoliberal: individualismo, valorização do mercado empresarial, das ações empreendedoras, da ciência ocidental positivista e essencialmente voltada ao fazer tecnológico e visão ecológica alarmista.

Considera-se, nesse sentido, que esta pesquisa contribuiu para compreender a natureza dos textos que reúnem informação e publicidade, já que, como afirma Fairclough (1992 [2001])), eles são cada vez mais comuns em diversas ordens de discursos institucionais da sociedade contemporânea. Por conta do movimento de hibridismo cultural, social e discursivo que vem se aprofundando nas últimas décadas, certas fronteiras de discurso estão sendo diluídas, o que causa uma profusão de gêneros com contornos pouco nítidos. O publidelitorial, assim como outros textos veiculados na mídia, é resultado dessa indefinição de fronteiras. A ascensão desse gênero nas mídias impressas se dá, sobretudo, pela necessidade, percebida pelo marketing das empresas, de valorizar seu produto, apresentando-o por meio de textos jornalísticos, que detêm, muito provavelmente em função do discurso jornalístico da objetividade e da imparcialidade, maior credibilidade e legitimidade perante os leitores que a propaganda explícita, veiculada na forma de anúncios pagos. Por esse motivo, a atuação publicitária da atualidade, cada vez mais competitiva e compulsiva, estimula seus profissionais a criarem gêneros híbridos, incorporando aos gêneros institucionalizados elementos promocionais.

Considera-se que a pesquisa aqui empreendida demonstra que o estudo dos gêneros jornalísticos e publicitários em uma perspectiva crítica pode oportunizar a ampliação dos conhecimentos sobre essas práticas que se dão de forma cada vez mais hibridizada, e ainda favorece o debate e a formação do cidadão para uma visão crítica das mídias e de seus produtos culturais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London; New York: Continuum, 2004.
- BONINI, A. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 10, n. 3, p. 485-510, 2010.
- BONINI, A. Mídia, suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Rev. bras. linguist. apl.* [online], vol.11, n.3, p. 679-704, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982011000300005&script=sci_abstract&tlang=pt. Acesso em: 02 nov. 2012.
- BONINI, A. *Análise Crítica de Gêneros Jornalísticos*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10, 2012, Curitiba. *Anais...* Pontifícia Universidade Católica do Paraná , 2012.
- BRASIL. Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996. Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumígeros, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9294.htm. Acesso em: 10 mar. 2014.
- CARDOSO, J. R. A imagem como recurso persuasivo da propaganda. In: ALMEIDA, D. B. L. de (org.). *Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008. p. 54-70.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006. v. 2.
- CONNELL, R. *Masculinidades*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003 [1995].
- CHEONG, Y. Y. The construal of ideational meaning in print advertisements. In: O'HA LLORAN, K. L. (ed.). *Multimodal discourse analysis: systemic functional perspectives*. London/New York: Continuum, 2004. p. 164-195.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh University Press: 1999.

CONSELHO NACIONAL DE AUTORREGULAMENTAÇÃO PUBLICITÁRIA. Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária. (1980). Disponível em: <<http://www.conar.org.br/codigo/codigo.php>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. 2. ed. Pearson Education Limited: 1989 [2001].

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992 [2001].

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: papers in the critical study of language*. London: Routlegde, 1995.

FAIRCLOUGH, N. Technologisation of discourse. In: COULTHARD, C.; COULTHARD, M. (ed.). *Texts and practices: readings in critical discourse analysis.* London & New York: Routledge, 1996. p. 71-78.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routlegde, 2003.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GOMES, M. C. A. A questão do hibridismo na relação entre gêneros discursivos e mudança social. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 13, n.1, jan/jun.2005. p.155-170. Disponível em: <http://www.relin.letras.ufmg.br/revista/upload/07-Maria-Carmen-Aires.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2013.

GOMES, M. C. A. Discutindo as identidades sociais no gênero discursivo híbrido reportagem-publicidade. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida; MENEZES, Wiliam. (org.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. 1.ed. Belo Horizonte: NAD, UFMG, POSLIN, 2006, v. 1, p. 200-213. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/E-Livros/An%C3%A1lise%20do%20Discurso%20-%20G%C3%AANeros,%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Sociedade.pdf>

GOMES, M. C. A. Gêneros da Mídia: configurando o gênero reportagem-publicidade. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS - SIGET, 4, 2007, Tubarão. *Anais...* Tubarão: Unisul, 2007. v. 1. p. 1344-1356. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/80.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2012.

LAGE, N. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2005.

LIMA, S. C. de. *Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado*. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, , 2013.

MARSHALL, L. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.

MARTINS FILHO, E. L. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

MOREIRA JÚNIOR, S. *Regulação da publicidade de bebidas alcoólicas*. Consultoria Legislativa do Senado Federal. Coordenação de estudos. Textos para discussão. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-20-regulacao-da-publicidade-das-bebidas-alcoolicas>. Acesso em: 01 abr. 2014.

MOTTA-ROTH, D. *Questões de metodologia em análise de gêneros*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS, 2, , União da Vitória, PR: FAFI. 06 de agosto de 2004.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *DELTA*, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (RBLA), Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010.

OUVERNEY, J. R. *A mulher retratada em comerciais de cerveja: venda de mulheres ou de bebidas?* In: ALMEIDA, D. B. L. de (org.). *Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008. p. 37-53.

RAMALHO, V. Análise crítica da publicidade: um estudo sobre anúncios de medicamento. *Cadernos de linguagem e sociedade*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 152-182, 2009.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

SWALES, J. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1990.

Van DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

Van LEEUWEN, T. *The representation of social actors*. In: COULTHARD, C.; COULTHARD, M. (ed.). *Texts and practices: readings in critical discourse analysis*. London & New York: Routledge, 1996. p. 32-70.

VILAS BOAS, S. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.



Recebido em 14/12/2019. Aceito em 13/01/2020.

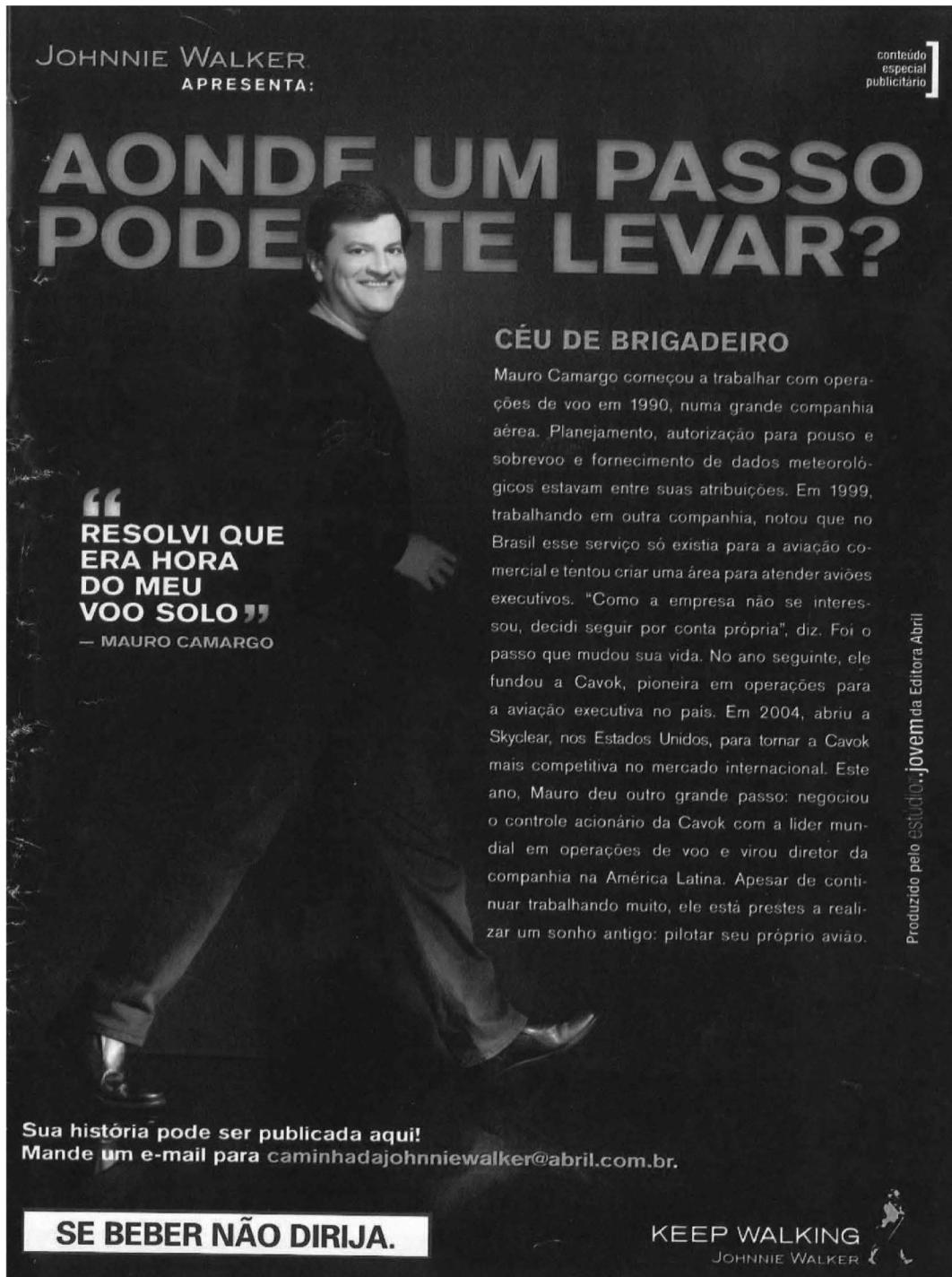
ANEXO A – CAMPANHAS EM REVISTA

VOCÊ S/A Novembro 2009

JOHNNIE WALKER
APRESENTA:

conteúdo especial publicitário

AONDE UM PASSO PODE TE LEVAR?



CÉU DE BRIGADEIRO

Mauro Camargo começou a trabalhar com operações de voo em 1990, numa grande companhia aérea. Planejamento, autorização para pouso e sobrevoo e fornecimento de dados meteorológicos estavam entre suas atribuições. Em 1999, trabalhando em outra companhia, notou que no Brasil esse serviço só existia para a aviação comercial e tentou criar uma área para atender aviões executivos. "Como a empresa não se interessou, decidi seguir por conta própria", diz. Foi o passo que mudou sua vida. No ano seguinte, ele fundou a Cavok, pioneira em operações para a aviação executiva no país. Em 2004, abriu a Skyclear, nos Estados Unidos, para tornar a Cavok mais competitiva no mercado internacional. Este ano, Mauro deu outro grande passo: negociou o controle acionário da Cavok com a líder mundial em operações de voo e virou diretor da companhia na América Latina. Apesar de continuar trabalhando muito, ele está prestes a realizar um sonho antigo: pilotar seu próprio avião.

RESOLVI QUE ERA HORA DO MEU VOO SOLO
— MAURO CAMARGO

Sua história pode ser publicada aqui!
Mande um e-mail para caminhadajohnniewalker@abril.com.br.

SE BEBER NÃO DIRIJA.

KEEP WALKING
JOHNNIE WALKER

Produzido pelo estúdio jovem da Editora Abril

VOCÊ S/A Dezembro 2009

JOHNNIE WALKER
APRESENTA:

conteúdo
especial
publicitário

AONDE UM PASSO PODE TE LEVAR?

NO CAMINHO DOS ASTROS

Desde a adolescência, Alexey Dodsworth sonhava ser astrônomo. Acontece que em Salvador, Bahia, onde ele morava, não havia o curso nas universidades locais. Para não ficar longe de sua grande paixão, Alexey resolveu seguir um caminho paralelo, devorando livros e revistas sobre astrologia. Tornou-se um profundo conhecedor do tema e começou a atender pessoas interessadas em fazer seu mapa astral e saber mais sobre previsões astrológicas. Tempos depois, Alexey se mudou para São Paulo e tornou-se um consultor de textos astrológicos de um portal na internet. Esse passo mudou completamente o rumo de sua trajetória. Aos 38 anos, o astrólogo, que fazia até oito atendimentos por dia, reduziu o número de clientes para três por semana, escreveu livros e virou uma referência no assunto. Com tempo livre e estabilidade financeira, pôde, enfim, realizar seu sonho e ingressou na primeira turma de astronomia da Universidade de São Paulo. "Ao ver aonde a astrologia me trouxe, percebo que percorri o caminho dos antigos, quando o saber simbólico não era inimigo do saber científico", afirma. E a caminhada continua. Seus próximos passos: fazer pós-graduação em Harvard e cursos de aperfeiçoamento na Nasa.

**“
A ASTROLOGIA FOI
O PRIMEIRO PASSO
PARA REALIZAR
MEU GRANDE
SONHO: ESTUDAR
ASTRONOMIA”**

— ALEXEY DODSWORTH

SE BEBER NÃO DIRIJA.

KEEP WALKING
JOHNNIE WALKER

Produzido pelo estúdio jovem da Editora Abril

VIP Novembro 2009

JOHNNIE WALKER
APRESENTA:

conteúdo
especial
publicitário

AONDE UM PASSO PODE TE LEVAR?

**“
MEU SONHO
É CRIAR
UM IMPÉRIO
JORNALÍSTICO”**

— LUIS MAIDA

UM EXPERT DAS BALADAS

Luis Maida viu sua juventude mudar depois que seu pai, vítima de um assalto, ficou paraplégico. "Eu me senti jogado no mercado e na vida", relata. Nessa época, ele foi trabalhar como contato publicitário em uma grande revista e começou a se dedicar totalmente à realização de um sonho: criar um império jornalístico. Ele sabia que teria um caminho cheio de obstáculos, mas não se intimidou e viu que estava certo quando os bons resultados e as propostas de emprego começaram a aparecer. Duas décadas depois, em 2002, Luis deu o primeiro passo de sua jornada para o sucesso quando largou as boas comissões e criou a revista *Lounge*. Hoje, é uma referência em moda, entretenimento, cultura, comportamento e turismo. A revista é um sucesso não só por aqui mas também em Portugal, Espanha, Itália e Inglaterra e já teve na capa celebridades brasileiras e internacionais. Luis, claro, quer ir mais longe e pretende lançar revistas de gastronomia, negócios e decoração.

Produzido pelo estúdio jovem da Editora Abril

Sua história pode ser publicada aqui!
Mande um e-mail para caminhadajohnniewalker@abril.com.br.

SE BEBER NÃO DIRIJA.

KEEP WALKING
JOHNNIE WALKER

VIP Dezembro 2009

JOHNNIE WALKER.
APRESENTA:

conteúdo
especial
publicitário

AONDE UM PASSO PODE TE LEVAR?

**“
HOJE FABRICO MAIS
DE 50 ACESSÓRIOS
PARA VIDEOGAMES.
COMECEI COM TRÊS”**

— RAFAEL ALBERTO BORN



GAME OVER? SEM CHANCE!

Rafael Alberto Born começou a trabalhar com 14 anos porque não queria depender dos pais. Era o início da sua caminhada. Aos 18, deu seu primeiro passo e abriu uma importadora para vender acessórios para videogames produzidos na China. Com o número de clientes aumentando e enxergando as oportunidades desse mercado, ele deu outro grande passo rumo a sua independência: criou uma marca própria, a Neotronics. "Passei a desenvolver as ideias aqui e, depois de pesquisar muito, selecionei fabricantes chineses para montar lá meus produtos", explica. Em três anos, a Neotronics se tornou a marca de acessórios para games mais vendida no Brasil. Mas esse sucesso não veio de graça. Rafael trabalhou duro e estudou cada peça. Tanto que, quando abre um controle remoto ou um joystick, por exemplo, sabe como torná-lo mais barato sem alterar seu desempenho e durabilidade. Ele já recebeu propostas de compra da sua empresa, mas recusou todas — sem hesitar. Tal qual um gamer, ele está ainda no início da sua jornada e, com certeza, de olho nos próximos níveis.

Produzido pelo estúdio Jovem da Editora Abril

SE BEBER NÃO DIRIJA.

KEEP WALKING
JOHNNIE WALKER



Superinteressante Dezembro 2009

JOHNNIE WALKER
APRESENTA:

conteúdo
especial
publicitário

AONDE UM PASSO PODE TE LEVAR?

**“
QUERO SER
REFERÊNCIA
EM REDUÇÃO
DE CONSUMO
DE ÁGUA”**

— DIOGO CARBONARI

A ÁGUA NOSSA DE CADA DIA

Em 2004, Diogo Carbonari e três amigos que cursavam engenharia civil entraram no Programa de Uso Racional de Água da Universidade de São Paulo para fazer um estágio. Isso permitiu que tivessem uma nova visão sobre o assunto e, principalmente, fez com que dessem o primeiro passo de sua caminhada. Lá, eles tiveram a possibilidade de criar um software barato para monitorar o nível dos reservatórios de água, evitando o desperdício. A ideia deles era ajudar o planeta e criar algo rentável, mas esse caminho não seria fácil. Dois anos mais tarde, depois de algumas dificuldades e da ajuda de uma consultoria especializada, o projeto dos três virou realidade: eles fundaram a Sharewater, uma empresa especializada no consumo hídrico sustentável. Com o tempo, vieram outros desafios. "Percebemos que a racionalização do uso da água é um campo muito limitado de atuação. "O importante é buscar fontes alternativas", diz Diogo. Por isso, com a mesma tecnologia, ele e os sócios deram outro passo importante em sua trajetória e criaram um meio de reaproveitar a água da chuva em aparelhos de ar condicionado para regar jardins e lavar calçadas, entre outros usos. Hoje, Diogo promove a sustentabilidade em frente ao computador. A cada pingo economizado, a natureza agradece.

Produzido pelo estúdio jovem da Editora Abril

SE BEBER NÃO DIRIJA.

KEEP WALKING

JOHNNIE WALKER



Playboy Novembro 2009

**JOHNNIE WALKER
APRESENTA:**

**AONDE UM PASSO
PODE TE LEVAR?**

UMA CONQUISTA COM SABOR

Filho de austriacos, Peter Katzenbeisser tinha 16 anos quando decidiu não seguir a carreira do pai, que trabalhava em uma grande montadora de veículos. "Eu precisava de algo diferente", explica. Como sempre gostou de cozinhar, foi fazer um curso no interior de São Paulo. Esse passo determinou o que queria: se tornar um chef. Peter estudou numa faculdade de gastronomia da Áustria e se impôs metas ambiciosas, como trabalhar no hotel Ritz-Carlton, em Paris. E conseguiu. Começou lavando pratos até o dia em que substituiu um funcionário da cozinha e mostrou o que sabia. Na volta ao Brasil, depois de alguns anos na Europa, emprestou seu talento a grandes hotéis e restaurantes. Hoje é dono do Ello Gastronômico, um espaço para disseminar a cultura da boa mesa. Uma conquista recente foi integrar a equipe que preparou o jantar de gala de abertura da Copa do Mundo de 2006. Agora, ele planeja seu próximo passo: "Em cinco anos, quero ter meu próprio bistrô".

"FIZ MEU PRIMEIRO ARROZ AOS 7 ANOS. SER CHEF ERA O MEU CAMINHO"

— PETER KATZENBEISSE

Sua história pode ser publicada aqui!
Mande um e-mail para caminhadajohnniewalker@abril.com.br.

SE BEBER NÃO DIRIJA.

KEEP WALKING
JOHNNIE WALKER

conteúdo especial publicitário

Produzido pelo Estúdio Jovem da Editora Abril

**LA ALFABETIZACIÓN
DIGITAL EN EL
“ESCRITORIO FAMILIA”
DEL PROGRAMA
CONECTAR IGUALDAD: ENTRE EL
MANUAL DE LA NETBOOK Y
EL GOBIERNO
DE LA FAMILIA**

**ALFABETIZAÇÃO DIGITAL NA “ÁREA DE TRABALHO DA FAMÍLIA” DO PROGRAMA
CONECTAR IGUALDAD: ENTRE O MANUAL DO NETBOOK E A GOVERNANÇA DA
FAMÍLIA**

**DIGITAL LITERACY IN THE “FAMILY DESKTOP” OF CONECTAR IGUALDAD PROGRAM:
BETWEEN THE NETBOOK USER MANUAL AND THE FAMILY’S GOVERNANCE**

Maite Martínez Romagosa*
Universidad de Buenos Aires

*La autora es Licenciada y Profesora en Letras por la Universidad de Buenos Aires, doctoranda en Lingüística en la misma universidad y becaria doctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. E-mail: maite.m.romagosa@gmail.com.

RESUMEN: En este trabajo, estudiamos cómo, mediante la articulación de diversos géneros y discursos, se delinea, discursivamente, la práctica de la “alfabetización digital” en una política pública argentina de “inclusión digital”. Específicamente, trabajamos sobre un corpus de textos producidos en el marco del Programa Conectar Igualdad (2010-2018). Insertamos nuestro trabajo en la perspectiva teórico-metodológica del Análisis Crítico del Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1992a, 2003), e incorporamos los aportes del Análisis Crítico de Géneros (MOTTA-ROTH, 2011; BONINI, 2010), para estudiar los modos en que se articulan diversos rasgos genéricos en estos textos y para problematizar la práctica social que estos géneros recontextualizan. Los resultados apuntan a que, en la articulación entre el género libro de texto y el de gobierno (FAIRCLOUGH, 2003), se construye una relación jerárquica de poder/saber entre la institución y los beneficiarios de la política pública, que se cimenta en el mayor control sobre la esfera privada y la instrumentalización del discurso público.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización digital. Interdiscursividad. Géneros. Programa Conectar Igualdad.

RESUMO: Neste trabalho, estudamos como, através da articulação de diferentes gêneros e discursos, discursivamente se delineia a prática da "alfabetização digital" numa política pública argentina de "inclusão digital". Especificamente, trabalhamos em um corpus de textos produzidos no âmbito do Programa Conectar Igualdad (2010-2018). Inserimos nosso trabalho na perspectiva teórica e metodológica da Análise Crítica do Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1992a, 2003), e incorporamos as contribuições da Análise Crítica de Gêneros (MOTTA-ROTH, 2011; BONINI, 2010) para estudar as maneiras pelas quais diversas características genéricas são articuladas nesses textos e para problematizar a prática social que esses gêneros recontextualizam. Os resultados sugerem que, na articulação entre o gênero o manual didático e o texto de governança (FAIRCLOUGH, 2003), se constrói uma relação hierárquica de poder/saber entre a instituição e os beneficiários da política pública, que está ancorado num maior controle sobre a esfera privada e na instrumentalização do discurso público.

PALAVRAS CHAVE: Letramento digital. Interdiscursividade. Gêneros. Programa Conectar Igualdad.

ABSTRACT: Our aim, in this paper, is to study how, through the articulation of different genres and discourses, the practice of "digital literacy" is discursively outlined in an Argentine public policy of "digital inclusion". Specifically, we analyze a corpus of texts produced for the Conectar Igualdad Program (2010-2018). We inscribe our work within the theoretical-methodological perspective of the Critical Discourse Analysis (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1992a, 2003). Moreover, we have incorporated the contributions of the Critical Analysis of Genres (MOTTA-ROTH, 2011; BONINI, 2010) to study the ways in which diverse generic features are articulated in these texts and to problematize the social practice that these genres recontextualize. The results suggest that, in the articulation between the genres textbook and text of governance (FAIRCLOUGH, 2003) a hierarchical power/knowledge relationship is constructed between the institution and the beneficiaries of public policy, which is based in a greater control over the private sphere and the instrumentalization of public discourse.

KEYWORDS: Digital literacy. Interdiscursivity. Genre. Conectar Igualdad Program.

1 INTRODUCCIÓN

En las últimas décadas, mucho se ha discutido sobre las posibilidades de la alfabetización digital como vía para la inclusión social (TRAVIESO; PLANELLA, 2008; RIVOIR, 2009; WARSCHAUER, 2010; LAGO MARTÍNEZ, 2016). A mediados y fines de la década del 2000, se pusieron en marcha, en América Latina y el Caribe, políticas de alfabetización digital en el marco del modelo 1 a 1, basados en el programa "One Laptop Per Child", creado por Nicholas Negroponte en 2005 (MOGUILLANSKY; FONTECOBA; LEMUS, 2016). En líneas generales, estos programas sostuvieron la concepción de que la alfabetización digital y la incorporación de tecnologías a la educación pública implicaría también "el uso con sentido y la apropiación social de estas, con la posibilidad de un acceso democrático a recursos tecnológicos e información para toda la población" (MANCEBO; DIEGUEZ, 2015, p. 64). En esta línea, en el 2010, se creó, en Argentina, el Programa Conectar Igualdad (PCI, en adelante), con el objetivo de llevar a cabo una política pública de "inclusión digital educativa" y "reducir la brecha digital". El programa tenía por finalidad la distribución de netbooks y la alfabetización digital de todos los estudiantes y docentes de escuelas secundarias públicas, y estudiantes de institutos de formación

docente. A diferencia de otras políticas de “inclusión digital” implementadas en los años 2000 en Latinoamérica, el PCI es el único que incluyó a las familias de los estudiantes como destinatarias de esta política pública (LAGO MARTÍNEZ, 2012)¹.

En este trabajo, buscamos analizar este aspecto específico de la práctica social de la alfabetización digital, que se puso en marcha con el PCI: la alfabetización de las familias de los estudiantes beneficiarios del PCI. Específicamente, nos interesa estudiar las estrategias mediante las que se delinea discursivamente la práctica de la “alfabetización digital” a partir de la constitución de la relación social entre la institución PCI y sus beneficiarios en el discurso pedagógico de este programa (BERNSTEIN, 1996), por medio de la articulación de diversos géneros y discursos. Para ello, seleccionamos como corpus de análisis dos textos publicados en el “Escritorio Familia” de la página web del PCI. Se trata de la sección introductoria de dos textos que tematizan el papel de la familia en la llamada “inclusión digital”: *Manual de Internet y Uso responsable de las TIC*.

Inscribimos nuestro trabajo en la perspectiva teórico-metodológica del Análisis Crítico del Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1992a, 2003), e incorporamos los aportes del Análisis Crítico de Géneros (MOTTA-ROTH, 2011; BONINI, 2010). En esta línea, un análisis crítico de los géneros y del discurso implica entender las formas por las cuales los textos constituyen, reconstituyen y/o alteran prácticas discursivas y sociales (MEURER, 2000, p. 159). Partimos de la consideración de que las prácticas sociales no se realizan “en” un género particular, sino que hacen uso de los recursos socialmente disponibles de los géneros en formas potencialmente complejas y creativas. En este sentido, es nuestro objetivo estudiar las formas de la intertextualidad e interdiscursividad en el discurso pedagógico del PCI, siguiendo la propuesta de Bhatia (2008), para atender a la hibridación de los géneros (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), en relación con la práctica de la alfabetización digital, en el cruce entre el libro de texto (TOSI, 2011) y el género de gobierno² (FAIRCLOUGH, 2003), entre el discurso didáctico de las TIC y el discurso institucional (WODAK, 1997)³.

2 LA “BRECHA” Y LA ALFABETIZACIÓN DIGITAL. EL CASO DEL PROGRAMA CONECTAR IGUALDAD

En la forma del capitalismo actual, es dominante la interpretación que entiende que la producción, el acceso y el manejo eficiente de las tecnologías de la información y la comunicación son un elemento clave para la expansión capitalista (CASTELLS, 1995). De acuerdo con Mastrini y de Charras (2005), esta lectura, sustentada en una forma de determinismo tecnológico, posibilitó la sedimentación de iniciativas políticas que ponían en la tecnología todas las expectativas de recomposición económica.

Desde la década de los ochenta, como señala Winner (1997), los pensadores de la denominada “sociedad de la información” se encargaron de dotar a las tecnologías digitales de tintes democratizadores. Desde esta perspectiva, la tecnología constituiría una

¹ De este modo, el PCI se inscribe en una misma línea con otras políticas sociales argentinas recientes que propusieron una revalorización del espacio familiar y la comensalidad hogareña (Aguilar, 2014), como la Asignación Universal por Hijo y el Programa Crédito Argentino del Bicentenario para la vivienda única familiar” (PRO.CRE.AR).

² Nos referimos aquí a lo que Fairclough (2003: 32) denomina “genre of governance”, es decir, géneros que sostienen la estructura institucional de la sociedad contemporánea, si entendemos por “governance” cualquier actividad dentro de una institución dirigida a regular redes de prácticas sociales. El autor se refiere, de este modo, a los cambios que se suceden en las formas de gobierno en la globalización y, específicamente, a la colonización de diversos ámbitos de la vida social por el mercado y los géneros promocionales. Se emplea para señalar, en textos que regulan áreas de la vida social contemporánea, el corrimiento de las relaciones institucionales hacia formas menos impositivas y jerárquicas y más negociadas.

³ De acuerdo con Bernstein (1996), el discurso pedagógico es un principio recontextualizador que se apropiá, recoloca, recentra y relaciona selectivamente otros discursos para establecer su propio orden. Mediante esta recontextualización, se selecciona y crea el “qué” (qué discurso se debe convertir en materia y el contenido de la práctica pedagógica) y el “cómo” (la teoría de la instrucción de esos discursos recontextualizados). Desde este marco teórico, el discurso pedagógico, en tanto principio de apropiación de otros discursos, carece de especificidad. Desde una perspectiva lingüístico-discursiva, Tosi (2011) propone que, si bien el discurso pedagógico realiza una (re)construcción de otros discursos, puede estudiarse su especificidad y, por lo tanto, constituye un discurso particular con sus propios rasgos y singularidades. Es en este sentido que podemos identificar recursos genéricos y prácticas propias del discurso pedagógico en nuestro corpus, en particular, en relación con el género libro de texto.

garantía para el crecimiento económico y la reducción de desigualdades en el acceso a la información⁴. Esta concepción se impuso como dominante, especialmente a partir de las Cumbres Mundiales para la Sociedad de la Información (CMSI) de 2003 y 2005. La “brecha digital” aparece como uno de los términos en boga para referir a las asimetrías en la conectividad y se construye, desde los centros geopolíticos de poder, como un problema político central para los países periféricos (MASTRINI; DE CHARRAS, 2005). A partir de las mencionadas cumbres, organismos y agencias internacionales, como el Banco Interamericano de Desarrollo y el Banco Mundial, han promovido la implementación de políticas públicas para la alfabetización digital y la incorporación de tecnologías digitales en la educación en distintos países de Latinoamérica (MORALES, 2015).

Desde las CMSI, se han propuesto reconceptualizaciones para la “brecha”, que se pasa a caracterizar no solo por la desigualdad debida al acceso a computadoras y conectividad, sino también por el acceso a recursos adicionales que permitan a las personas usar la tecnología correctamente (WARSCHAUER; NIIYA, 2014). En los últimos años, según señala Rivoir (2009), se comenzó a emplear el término “inclusión digital” para remitir a una multiplicidad de dimensiones vinculadas con la redistribución de los beneficios del desarrollo de las TIC. Esta reconceptualización le da importancia a la apropiación social de las TIC y a la generación de contenidos, como un modo de aumentar las oportunidades de aprovechamiento y uso de las TIC por parte de las comunidades, en relación con el desarrollo social.

En los años 2000, las administraciones públicas de diversos países en América Latina y el Caribe elaboraron políticas que entienden el acceso y manejo de las tecnologías digitales como una forma de medir la exclusión social, junto con un amplio espectro de carencias en relación a la inserción social y laboral y la materialización de derechos sociales (LAGO MARTÍNEZ, 2016). En este contexto, en 2010 se crea el Programa Conectar Igualdad (PCI). Entre el 2010 y el 2015, el PCI otorgó una gran importancia a la incorporación de dispositivos y herramientas informacionales en la educación. Conforme lo expresado en el decreto presidencial de creación, las circunstancias en que se lanza el PCI configuran un “escenario de inclusión”, que “constituye un gran desafío y una oportunidad histórica para promover la inclusión digital y hacer efectivo el derecho a la igualdad”, con el objeto de “mejorar la situación de la educación” (ARGENTINA, 2010). Se dispuso el “modelo 1 a 1”, en tanto se entendía la distribución de computadoras a estudiantes y docentes de forma individual como modo de “potenciar las oportunidades de mejorar la distribución social de la información” (CONSEJO FEDERAL DE EDUCACIÓN, 2010). En distintos documentos institucionales del PCI, se presenta la “alfabetización digital” como relacionada directamente con “los objetivos de desarrollo, crecimiento e inclusión social” (MOGUILLANSKY; FONTCOBA; LEMUS, 2016). De acuerdo con el discurso oficial del programa, la alfabetización aparece como central para la pretendida “democratización” del acceso al conocimiento, como un aprendizaje que podría producir transformaciones en las formas de producción del conocimiento, en la distribución del poder en relación con el saber en el aula y en el hogar.

En este trabajo, nos interesa problematizar la práctica de la alfabetización digital tal como aparece en una serie de textos del PCI. Retomamos, para ello, la perspectiva de autores que han señalado el paradigma tecnologicista popularizado por las CMSI, fundado en una relación lineal entre el acceso a la tecnología y el desarrollo y la modernización del país (STILLO, 2012; MOGUILLANSKY; FONTCOBA; LEMUS, 2016), que omite el hecho de que la “brecha” original es socioeconómica y que, por lo tanto, la desigualdad digital debe entenderse como producto de esta desigualdad primera (MASTRINI; DE CHARRAS, 2005). En definitiva, desde estas perspectivas críticas, el acceso a los dispositivos tecnológicos no garantiza cerrar otras “brechas” sociales ni la apropiación conceptual e instrumental de esta herramienta para fines transformadores o emancipatorios.

3 MARCO TEÓRICO Y METODOLÓGICO

Partimos de la premisa de que existe una relación dialéctica entre el discurso y lo social: los discursos construyen o reconstituyen lo social, lo reproducen y transforman (CHOULIARAKI Y FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1992a). Desde esta perspectiva,

⁴Siguiendo a Winner (1997), podemos considerar a esta concepción como mágica y optimista, dado que no reconoce a las tecnologías como fenómeno político, es decir, no toma en consideración las circunstancias sociales, organizativas y políticas en las que las tecnologías están insertas.

entendemos que la producción de sentido implica la percepción de relaciones entre texto, práctica social y contexto, y la relación entre experiencia individual, experiencias sociales y condiciones socio-históricas de producción, distribución y consumo de los textos en la sociedad (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; MOTTA-ROTH, 2011, 2013).

Para realizar el análisis, nos basamos en el modelo analítico tridimensional propuesto por Fairclough (1992a), que procura analizar cualquier evento discursivo de acuerdo con tres dimensiones interrelacionadas: el discurso como texto, como práctica discursiva y como práctica social. En este trabajo, nos centraremos en la segunda dimensión, para centrarnos en el análisis del género discursivo. Siguiendo la corriente denominada Análisis Crítico del Género, concebimos al género como formas recurrentes y significativas de actuar en conjunto, como formas de vida que se manifiestan en juegos de lenguaje, de forma que el lenguaje es parte integral de una actividad, y los géneros se vuelven fenómenos estructuradores de una cultura (MOTTA-ROTH, 2013). Retomamos la propuesta de Bhatia (2008) sobre la potencialidad de un análisis intertextual e interdiscursivo para indagar en la interacción entre las prácticas discursivas y las prácticas sociales en el contexto de culturas institucionales específicas. En este sentido, estudiamos qué voces, qué discursos y qué géneros son recontextualizados para llevar a cabo la práctica social de la “alfabetización digital” en el corpus seleccionado. Resulta central establecer conexiones que expliquen la relación existente entre los modos (normativos, innovadores, etc.) en que los géneros son reunidos e interpretados y la naturaleza de la práctica social en términos de su relación con las estructuras y conflictos sociales (FAIRCLOUGH, 1992a).

Fairclough (1992b) propone dos formas de la intertextualidad: el discurso referido y las presuposiciones. Mientras que en la primera forma se relaciona el pensamiento o dicho citado con la persona que lo pensó o dijo, en el segundo caso, “lo dicho” no es atribuido ni atribuible a un texto específico: se alude al “mundo de textos”, asumiendo que los lectores/oyentes ya conocen a qué se está haciendo referencia. Para Fairclough (1992b), una diferencia importante entre estas dos formas de la intertextualidad es que, mientras la primera acentúa el dialogismo del texto introduciendo voces ajenas, la última disminuye el diálogo entre la voz del autor y otras voces, asumiendo un conocimiento compartido. Así, los textos pueden diferir por su orientación hacia el dialogismo: aquel que se asume como dialógico se vuelve relativo, explicita la existencia de otros textos que compiten en la definición de las mismas cosas (FAIRCLOUGH, 2003). Por el contrario, aquel que reduce su dialogismo se presenta como autoritario, absoluto. Nos valdremos, en este sentido, de los aportes de la Teoría de la Valoración (KAPLAN, 2004) para distinguir entre formas de la intertextualidad que permiten la apertura del texto a otras voces (expansión dialógica) y formas que clausuran las voces que introducen (contracción dialógica).

El análisis de la interdiscursividad, por su parte, destaca la normal heterogeneidad de los textos como constituidos por combinaciones de diversos géneros y discursos (Fairclough, 1992a). Para identificar y caracterizar los discursos que se traen a colación, Fairclough (2003) propone identificar las áreas del mundo que son representadas y cómo, es decir, desde qué perspectiva son representadas. En este sentido, una de las entradas de análisis es rastrear el vocabulario empleado y la colocación, en términos de patrones de co-ocurrencia de palabras en los textos, como formas de clasificación (HODGE; KRESS, 1993), a través de los cuales se generan visiones de mundo particulares.

El análisis de la hibridez interdiscursiva en los textos provee de un recurso valioso para analizar los límites imprecisos o vagos entre las prácticas sociales de la vida social contemporánea e identificar el trabajo potencialmente creativo e innovador de la textualización. De acuerdo con Bhatia (2008), en la reapropiación de convenciones establecidas, podemos estudiar los intentos innovadores de creación de constructos híbridos, como una forma de colonización de algunas prácticas o discursos por otros.

Sostenemos que un análisis crítico de los géneros y del discurso puede aportar a los estudios sociales sobre el PCI, en particular, y la alfabetización digital, en general. De acuerdo con Figueiredo y Bonini (2017), la problematización de ciertos géneros, como por ejemplo el libro de texto escolar, puede convertirse en una problematización de las prácticas sociales que estos representan y recontextualizan, y de su papel en la estructuración social. Un análisis como este tiene como objetivo la explicación del funcionamiento del discurso para asumir, reforzar o resistir relaciones de poder (MOTTA-ROTH, 2013). Así, pretendemos estudiar en nuestro corpus, si la alfabetización procura desarrollar en los individuos una conciencia crítica de su contexto social y una capacidad para percibir las distintas funciones del nuevo lenguaje que está aprendiendo, “[...] aumentando sua potencialidade de

participar da construção de seu mundo de forma mais ativa” (MEURER, 2000, p. 162). En definitiva, indagaremos en qué medida esta práctica se construye discursivamente como una práctica de liberación (FREIRE, 1997).

4 CORPUS DE ANÁLISIS

Seleccionamos como corpus de análisis la sección introductoria de dos textos tomados del “Escritorio Familia” de la página web del PCI: “Manual de Internet” y “Uso responsable de las TIC”⁵. Estos textos fueron producidos por instituciones estatales y no están firmados: la responsabilidad de la producción cae sobre un sistema de expertos anónimo (GIDDENS, 1993) dependiente del Programa Conectar Igualdad. Están dirigidos a “las familias”, lo que nos permite hipotetizar que fueron pensados para ser consumidos en el ámbito doméstico, no escolar, por padres e hijos. Por último, la distribución es por medio de la página web del Programa Conectar Igualdad. Son textos multimodales e hipervinculares⁶.

5 ANÁLISIS

Los textos que analizamos recontextualizan un discurso de las tecnologías de la información y la comunicación, pero también un discurso sobre “lo doméstico” (AGUILAR, 2014). Para hacerlo, movilizan recursos genéricos de diversa índole, que remiten al género libro de texto, y también a los géneros promocionales y géneros de gobierno (FAIRCLOUGH, 2003, p. 76).

Desde la perspectiva del análisis interdiscursivo, encontramos que en estos textos se da una hibridación de recursos de distintos géneros y prácticas. En efecto, además de la actividad de socializar un conocimiento e instruir sobre la forma de utilizar una computadora portátil, estos textos funcionan como documentos de una política pública especializados en la regulación, control y gobierno de redes de prácticas sociales. No tratan únicamente de instruir y regular las prácticas escolares, sino también las extraescolares. La institución PCI se dirige a sus beneficiarios en su calidad de educandos, pero también como padres y ciudadanos responsables. Así, se regulan las prácticas y relaciones de los padres e hijos que reciben la computadora, y de estos padres con la institución. En este sentido, podemos pensar la articulación entre el género del libro de texto y el “género de gobierno” (FAIRCLOUGH, 2003).

5.1 EL MANUAL DE LA NETBOOK

Los textos que analizamos tienen como principal objetivo la sistematización y transmisión de una serie de “ideas, conceptos y recomendaciones para usar la tecnología en forma provechosa y segura” (ARGENTINA, 2011b). No encontramos referencias directas ni citas textuales de la fuente original del conocimiento. Por el contrario, resulta elocuente que el saber sobre las tecnologías aparece referido en forma de aseveraciones declarativas absolutas, que permiten ignorar la diversidad de voces que se ponen en juego en todo acto de comunicación (KAPLAN, 2004). Este recurso, empleado en el 74% de las cláusulas del corpus, genera el efecto de que el conocimiento socializado está constituido por verdades absolutas y neutras, cerrando el texto al dialogismo. Veamos algunos ejemplos:

1. [TIC] Es una sigla que engloba todo lo referido a las herramientas informáticas que permiten almacenar, organizar, sintetizar y compartir información disponible en distintos formatos (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)

⁵Analizamos las secciones “Las familias y Conectar Igualdad” (<http://escritoriorfamilias.educ.ar/datos/familias-conectar-igualdad.html>) e “Introducción” (<http://escritoriorfamilias.educ.ar/datos/uso-responsable-tic-intro.html>). Todas las citas son tomadas de estos textos. En adelante, usaremos la referencia *Manual de Internet* (2011), para distinguir las citas tomadas del primero, y *Uso responsable de Internet* (2011), para las del segundo.

⁶ En este trabajo, sin embargo, nos centraremos en las condiciones de producción y pospondremos la cuestión de la distribución y el consumo para futuras investigaciones.

2. Internet permite buscar información en diarios, revistas, sitios oficiales, blogs, bibliotecas, bases de datos, galerías de imágenes, catálogos, etcétera (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)
3. Las nuevas generaciones conviven desde muy pequeños en este contexto. La mayoría de los jóvenes se acerca a la tecnología con gran naturalidad (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)
4. Es la primera vez que la educación secundaria pone al alcance de los docentes y los alumnos una innovación tecnológica que les permitirá, a ambos a un mismo tiempo, profundizar y ampliar sus aprendizajes, facilitar el acceso a fuentes múltiples de conocimiento y a novedosos modos de comunicarse adentro y afuera de la escuela (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

De este modo, se produce el efecto de que el conocimiento socializado está constituido por verdades absolutas, el texto se cierra a la diferencia, es decir, se intenta borrar la heterogeneidad constitutiva⁷.

Las preguntas retóricas (ver ejemplos 5 y 6) también sirven a la transmisión de conocimiento, en la medida en que no operan como pedidos de información, sino, antes bien, como aseveraciones.

5. ¿Cómo ayudar a los chicos? (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)
6. ¿Cómo será la escuela? (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

Aun cuando se evoca una conversación (WHITE, 2003), estas preguntas no implican una apertura a la diferencia, sino una reafirmación de la imagen de experto del emisor, que confirma la verdad irrefutable de que la escuela se va a modificar, que a los chicos hay que ayudarlos. Así, se orienta la lectura del texto, controlando las preguntas que pueden y deben ser hechas.

Otra marca de intertextualidad muy frecuente en el corpus es la presuposición. Recuperando la propuesta de Hodge y Kress (1993), Fairclough (1992b, p. 283) entiende a las nominalizaciones como marcas textuales de la presuposición. En nuestro corpus, el 23% de las cláusulas del corpus contienen procesos nominalizados. En tanto forma reificada de un proceso, las nominalizaciones posibilitan que se asuma la existencia de estos procesos como cosas, que se naturalicen, se legitimen y puedan funcionar como presupuestos. Así, por ejemplo, la nominalización “convivencia e interacción” presupone participantes que ya están interactuando (¿Alumnos con docentes? ¿Niños con computadoras?), sin que sea necesario explicitar de quién se trata. Como se observa en los ejemplos que siguen, se presupone que existe “un nuevo entorno” en que las computadoras e Internet tienen un rol central y que los destinatarios de la política pública ya interactúan con las tecnologías en su vida cotidiana.

7. [El uso de internet] facilita y expande las posibilidades de búsqueda de información (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)
8. [El uso de internet] Favorece el intercambio multicultural (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)
9. Investigando junto a sus hijos **los beneficios y ventajas** de las nuevas herramientas tecnológicas que fortalecen y colaboran a mejorar la educación de los niños (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)

⁷ Fairclough (2003), de acuerdo con Bajtín, considera que todos los textos son inevitablemente dialógicos. El cierre o la apertura a la diferencia refiere al grado de “dialogización” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 42), es decir, al modo en que los enunciados reconocen o niegan voces y perspectivas alternativas, que dan cuenta de la relatividad de lo que se afirma. Un texto cerrado a la diferencia produce el efecto de que sus afirmaciones son absolutas, en la medida en que suprime la diversidad de voces.

10. Se está generando **un nuevo entorno de convivencia e interacción** que como tal necesita reglas. Es por ello que los niños y adolescentes deben recibir **educación y asesoramiento** acerca del **manejo** de estas nuevas tecnologías que rigen la vida cotidiana (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)

Las nominalizaciones dan por “hecho” la existencia de abstracciones como “uso de internet”, “desarrollo de aprendizajes”, “manejo”, “convivencia e interacción”, que, por otra parte, pueden realizar acciones y afectar a su vez otros procesos. Así, por medio de esta impersonalización (VAN LEEUWEN, 2008), se borra a los actores sociales responsables de la educación, de la creación de las reglas y de la imposición en la vida cotidiana de las tecnologías. Además, se da por sentado que las herramientas tecnológicas hacen cosas que eventualmente afectarán al desarrollo personal de los usuarios y la educación de las familias (ver ejemplos 11 a 13).

11. A los habituales cuadernos, carpetas y textos se agregan todas las **posibilidades** que **brinda** la computadora y la internet, para producir trabajos educativos (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

12. En casa, la búsqueda de información, la lectura de un libro, la posibilidad de disfrutar de un documental, escuchar música, o conocer noticias de otros países del mundo son acciones posibles para realizar en familia y que **facilitan** las TIC y en particular el acceso a contenidos en internet (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)

13. La computadora portátil **va a permitir** el desarrollo de mayores aprendizajes, la búsqueda autónoma de conocimientos; y también **va a enriquecer** la comunicación entre docentes, padres, estudiantes y amigos (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

Asimismo, se emplean recursos de intertextualidad que permiten introducir y refutar voces ajenas, como las negaciones (ejemplo 14) y las construcciones adversativas (ejemplo 15). Mientras que el primer caso implica invocar una alternativa positiva para refutarla, mediante el segundo se incluye la contraexpectativa de la posición dialógica opuesta (KAPLAN, 2004).

14. **Aunque** su expansión **no** ha llegado a todos los hogares, la mayoría de los niños, niñas y adolescentes acceden a internet desde distintos lugares y espacios como su casa, la casa de un amigo, un ciber o la escuela (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

15. En síntesis, como toda herramienta y desarrollo técnico/tecnológico, las TIC **no** son neutras. **Pero** también es cierto que para los más pequeños pueden representar una posibilidad para aprender y explorar conocimientos, gracias al uso de las mismas en los procesos de aprendizaje de cualquier materia (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

De este modo, se refutan voces que afirman posiciones alternativas tales como: 1) las TIC no son neutras y, por lo tanto, podrían no ser una buena herramienta para los más chicos; 2) las TIC sólo pueden usarse con acceso a Internet y realizar las tareas por Internet podría ser complicado, dado que no todos los alumnos tienen fácilmente acceso a este recurso. En consecuencia, aun cuando el texto introduce voces discordantes con la posición que defiende acerca de la productividad de las TIC y el uso generalizado de las mismas, lo hace para refutarlas y ponerlas en cuestión. Así, los textos fortalecen su postura: la computadora portátil del PCI es una óptima oportunidad para mejorar la educación.

Como señalamos en Martínez Romagosa (2018), se presenta a la computadora portátil como agente de procesos materiales en mayor medida que otros actores que aparecen representados y los niños y sus padres son representados como afectados por las máquinas (o realizan acciones sobre la computadora como “utilizar”, “mantener”, “preservar”). Este rol agentivo de las computadoras aparece valorado positivamente: es incuestionable que las máquinas favorecen, facilitan, brindan oportunidades a las familias, ofrecen ventajas (para desarrollarse, para conseguir trabajo, para aprovechar su tiempo libre). Bajo el supuesto de que existe una nueva forma de interacción (¿Entre quiénes? ¿Padres e hijos? ¿Estudiantes y docentes? ¿Estudiantes y máquinas?) y que

toda interacción necesita reglas para que los participantes puedan convivir, se afirman las posibles dificultades en la interacción. El argumento, por lo demás, es circular: para poder convivir en este nuevo contexto, debemos aprender a manejar las tecnologías que son, en definitiva, las que rigen la vida. Se trata de un discurso determinista sobre la tecnología digital (basta el acceso y uso de las TIC para estar “incluido”) que supone usuarios pasivos, que no producen nada con las computadoras, sino que son modificados por ellas (WINNER, 1997). Este discurso participa del discurso de la globalización, relacionado con los cambios y las novedades en las interacciones, pero también con las proposiciones generalizadas e impersonalizadas (como “El uso de Internet genera muchos beneficios”), que suprimen las diferencias entre los usos particulares de la computadora: la alfabetización digital promete la inserción en prácticas sociales a nivel global, aplica a cualquier uso en el mundo.

Pero además de una transmisión de información, los textos analizados están orientados a ordenar la acción extraverbal del destinatario en función del aprendizaje de ese conocimiento. En efecto, interpelan a los destinatarios en tanto usuarios de las TIC: deben adecuarse a las reglas de la inserción en la nueva práctica, presentadas como una lista organizada de requerimientos. Veamos algunos ejemplos:

16. **Mantener** las condiciones de integridad e higiene del equipo, preservándolo de golpes y daños durante su uso, guarda o transporte. No **manipular** alimentos, bebidas o materiales que puedan deteriorar el equipo (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)
17. **Ingresar** exclusivamente con la clave de acceso y no **facilitársela** a extraños para que la utilicen, controlando con el antivirus todo dispositivo que sea conectado a la computadora y sus archivos (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)
18. Los niños y adolescentes **deben recibir** educación y asesoramiento acerca del manejo de estas nuevas tecnologías que rigen la vida cotidiana (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)

De acuerdo con Silvestri (2010), el derecho del emisor a dar órdenes y a dirigir las acciones del receptor descansa en la relación asimétrica que surge justamente de la evidencia de que es un experto, alguien que conoce completamente el procedimiento, mientras que el receptor lo desconoce y quiere conocerlo. Así, se subraya una relación jerárquica de poder, que surge de la desigual distribución del saber. El emisor, que sabe, ordena al destinatario lego que realice una serie de acciones, que se presentan en forma de una lista organizada de requerimientos. Las formas usadas para dar órdenes, infinitivos y locuciones modales (ver ejemplos 14 a 16), corresponden a un grado alto de obligación, lo que enfatiza la relación marcadamente asimétrica (GUTIÉRREZ, 2008). Además, estas formas colaboran en la impersonalización (VAN LEEUWEN, 2008) que señalamos anteriormente en la representación del discurso tecnologicista, en la medida en que también el destinatario es generalizado, abstracto: podría ser cualquier usuario de cualquier computadora y no necesariamente un destinatario del PCI, o un estudiante de una escuela pública argentina.

Señalamos, hasta aquí, rasgos que nos permiten considerar a los textos de nuestro corpus como inscriptos en el género libro de texto. De acuerdo con Tosi (2011), diversas investigaciones en el ámbito del análisis del discurso señalan la esquematización que opera en los libros de texto con el fin de mostrar un saber legítimo, sin ambigüedades, sobre la disciplina que se recontextualiza. La regulación de la inserción en el nuevo saber es fuertemente obligativa (GUTIÉRREZ, 2008) y el saber que se transmite se presenta como no sujeto a negociación, por medio de definiciones absolutas y el borrado de las voces que se reformulan. En nuestro corpus, observamos que se presenta el saber sobre las TIC por medio de declarativas absolutas y presuposiciones, al tiempo que se construye una relación interpersonal asimétrica entre experto y aprendiz.

5.2 GOBERNAR LA FAMILIA

Como se dijo anteriormente, los textos analizados no realizan únicamente la actividad de transmisión de conocimiento, sino que, por medio de estos, la institución PCI se comunica con sus beneficiarios. Se evidencia en estos textos que no fueron pensados para

su uso en la escuela, en tanto se construye una relación entre la institución, beneficiaria, y sus destinatarios como ciudadanos que deben ser “responsables”. De este modo, entendemos los textos del corpus como “géneros de gobierno” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 76), esto es, documentos de una política pública especializados en la regulación, control y gobierno de las conductas de los destinatarios de dicha política. El discurso pedagógico de las TIC aparece articulado, entonces, con el discurso institucional (WODAK, 1997), en la medida en que aparece ligado a instituciones, como sistemas históricamente constituidos de reglas, relacionados directamente con la producción y reproducción social.

El discurso institucional se incorpora por medio de proposiciones declarativas monoglósicas y presupuestos proposicionales y de valor (FAIRCLOUGH, 2003), que generan que los textos se cierren a la diferencia y al dialogismo: la información aparece como “dada”, naturalizada. Presentamos algunos fragmentos para ilustrar:

19. El Programa Conectar Igualdad es una herramienta educativa para **fortalecer** a las escuelas públicas. Introduce tecnologías de última generación para **innovar** los procesos de **aprendizaje** de la enseñanza pública mediante la **distribución** de equipamiento, **capacitación** y nuevos contenidos a 3.000.000 de usuarios de la comunidad educativa durante los próximos 30 meses (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)
20. Pronto sabremos de las **oportunidades de inclusión social** que **han mejorado** los **aprendizajes** de los estudiantes, y que a la vez **han transformado** las vidas de sus familias (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)
21. De esta manera el Ministerio de Educación de la Nación construye una alianza con cada familia en el marco del Programa conectar igualdad juntos un camino, a través de la educación pública, para transitar de **integración familiar** que **fortalezca** los lazos entre los miembros de cada familia; y de cada familia con su entorno social para el **desarrollo de mejores oportunidades** para todos en cada uno de los territorios (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

Así, el PCI se presenta como un programa innovador, que “fortalece” las escuelas públicas y “amplía las posibilidades” de las familias y el entorno social. Estas oportunidades que ofrece el PCI tienen que ver con la “inclusión social”, que no se explica ni necesita mayor explicación, sino que se naturaliza: el PCI mejora y transforma la vida de sus destinatarios. Resulta interesante que aquí se manifiesta una tensión entre este discurso institucional y el discurso sobre las TIC: en el apartado anterior, mostramos cómo se naturaliza el hecho de que la computadora “brinda posibilidades”. Aquí, en cambio, es la institución, el PCI, la que ofrece derechos clasificados como “oportunidades de inclusión social”. Se trata de iguales “oportunidades” de consumir y de “acceder a fuentes de conocimiento” a través de las computadoras.

Además, se establece una relación directa entre la integración familiar (dada por el fortalecimiento de los lazos entre miembros de la familia) y el desarrollo de mejores oportunidades (ver ejemplo 21). Lo que establece la coherencia entre el deficiente desarrollo de oportunidades y la integración familiar es el supuesto de que si las oportunidades de hoy no son tan buenas se debe al funcionamiento desintegrado de las familias. De este modo, se responsabiliza a las familias por esta desintegración y la falta de buenas oportunidades. Esto justifica que sean un destinatario de este tipo de discursos oficiales: el Estado viene a colaborar ante un comportamiento deficitario de los individuos. Así, se evidencia el trabajo ideológico del texto y del discurso que realizan las presuposiciones incorporadas por medio de nominalizaciones en tanto construyen representaciones sobre el mundo y se inculcan en identidades sociales (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

La apropiación de rasgos del género de gobierno resulta clara, sin embargo, cuando, a la señalada indeterminación de los participantes y el predominio de afirmaciones fácticas y presupuestos, se le opone la “dialogización” (FAIRCLOUGH, 2003) mediante la interpellación directa al destinatario (ejemplos 22-24), esto es, a los adultos en su carácter de “familias” y ciudadanos “responsables”.

22. Este Programa educativo brindará a cada familia grandes satisfacciones, pero a la vez significa una responsabilidad por recibir bienes adquiridos con dinero público. Por eso **tenemos que comprometernos** a cuidar, juntos, el patrimonio que es de todos. Es preciso que **respetemos** normas de uso y de seguridad indispensables que **decidimos** sintetizar en el siguiente decálogo. (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

23. **Nuestra alianza** es con cada comunidad de la Argentina. Pronto **sabremos** de las oportunidades de inclusión social que han mejorado los aprendizajes de los estudiantes, y que a la vez han transformado las vidas de sus familias (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

24. ¿**Les** parece buena idea hacer un cartel y ubicarlo en un lugar visible del hogar y también de la escuela? (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

Con la incorporación de la voz institucional (“esperamos”, “nuestra alianza”, “decidimos”) y la individualización de los destinatarios (“les pedimos”, “les parece”), el texto escolar se transforma en un contrato (“alianza”) entre la institución y la familia del estudiante que recibe la computadora en comodato. Se construye una relación jerárquica entre ambos, marcada por la desigualdad de poder. Así, encontramos que la relación jerárquica entre experto/inexperto, que señalamos en el apartado anterior, se resignifica, en algunos pasajes de los textos, como una relación contractual entre la institución y sus beneficiarios en tanto ciudadanos que deben ser “responsables”.

Vemos que la utilización de la primera persona del plural para algunas demandas (“tenemos que comprometernos”, “respetemos”, en el ejemplo 22), en lugar de la segunda persona, es una forma de mitigación de la jerarquía en la relación de poder. Sin embargo, el “nosotros inclusivo” se distingue del “nosotros exclusivo” que refiere únicamente a la institución: la institución ofrece (información, cumplimiento de derechos), pero, sobre todo, demanda; los beneficiarios deben responder a la orden.

La institución otorga y defiende el cumplimiento de ciertos derechos y, como contrapartida, los destinatarios de la política deben asumir ciertas responsabilidades. Las recomendaciones de uso de la máquina, como objeto valioso que promueve la inserción en el mundo globalizado, aparecen entrelazadas con frases contractuales que presentan a la máquina como un patrimonio público puesto a disposición por la institución, lo que implica responsabilidades de los beneficiarios en tanto ciudadanos. Así, la alfabetización digital se instrumentaliza, se presenta como una serie de reglas que deben cumplirse para llevar a cabo exitosamente la “inclusión”. Si antes señalamos que aparecen recomendaciones sobre cómo cuidar y conservar la máquina en buenas condiciones, que tenían un destinatario no determinado (cualquier potencial usuario de una computadora), resulta interesante que los textos recortan un destinatario específico respecto de los consejos sobre cómo deben comportarse las familias en el hogar:

25. A **los mayores** les corresponde la tarea de guiarlos, acompañarlos y descubrir con ellos esta ventana al mundo, detectando qué contenidos serán los más adecuados para enriquecer su desarrollo personal (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)

26. Navegar por Internet con cuidado, protegiendo a los chicos de contactos con personas inconvenientes y contenidos no aptos para su edad (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

27. Son **los adultos** quienes deben acompañar este proceso de aprendizaje y reconocimiento, pues solo a partir de su conocimiento y desde la acción se podrá comprender, guiar y propiciar el diálogo abierto, razonable y constructivo (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011b)

Los beneficiarios son interpelados directamente en su doble carácter de ciudadanos responsables y de padres, tutores o encargados de estudiantes que reciben las computadoras del PCI. El discurso determinista tecnológico y el discurso institucional se hibridan, de este modo, atravesados por el discurso reflexivo sobre la familia: los padres son los responsables de cuidar de sus hijos y de sus bienes

dentro y fuera de casa, aún en las nuevas interacciones virtuales. Los consejos remiten al discurso de “lo doméstico”, sobre cómo deben comportarse los padres con sus hijos, ligados a la reflexión intra-familiar (“acompañar”, “guiar”, “estar atentos”, “propiciar un diálogo abierto, razonable y constructivo”). Los problemas relativos al “nuevo entorno de interacción” pueden resolverse por medio de la reflexión entre padres e hijos, al interior del núcleo familiar. Además, la práctica social de “usar la computadora en el hogar” aparece racionalizada, procedimentalizada, transformada en un método con distintos pasos, como formas legítimas para llevar a cabo la “inclusión digital”.

En lo que refiere a los usos familiares, el avance de las máquinas está ligado al consumo de bienes y servicios. Aquí el PCI se representa como programa de intervención estatal en la educación de los niños y adolescentes, y también como interventor en la programación del ocio de las familias. Por otra parte, la educación (o el “asesoramiento”, la “capacitación”), como clave para la prosperidad, se entiende en términos de responsabilidades de los adultos para lograr mejores oportunidades de “desarrollo personal”, individual, y no de formas de transformar colectivamente (ver ejemplo 25). El cambio empieza en la casa, para reproducirse a distintas escalas: solo si los lazos familiares se refuerzan, pueden lograrse mejores oportunidades para todos. El “diálogo” abierto y constructivo queda como una tarea a futuro, a realizarse puertas adentro de la casa (ejemplo 27).

En este mismo sentido, resulta interesante puntualizar en las preguntas que aparecen en el *Manual de Internet* organizadas en forma de lista y antecedidas por una orden presentada como deseo “Querremos escuchar sus relatos cuando les preguntemos”. A continuación, algunos ejemplos:

28. ¿Ofrecen a los vecinos sus servicios y oficios a través de un blog? (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

29. ¿Encontraron empleo a través de un aviso electrónico? (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

30. ¿Sacaron sus pasajes de ómnibus por vía virtual? (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

A diferencia de las preguntas retóricas analizadas anteriormente, aquí se evoca una escena de futuro interrogatorio: el destinatario tendrá que responder correctamente, y para ello deberá ser y actuar de una determinada forma, es decir, convertirse en un consumidor de bienes y servicios a través de la computadora.

Los adultos están obligados a realizar determinados actos para lograr la inclusión: los padres son los responsables de cuidar de sus hijos y de sus bienes dentro y fuera de casa, aún en las nuevas interacciones virtuales. La responsabilidad de la respuesta final sobre si las computadoras producirán un cambio positivo en el aula y en el hogar recae sobre las familias.

31. Finalmente es la creatividad de cada alumno y su grupo familiar lo que dará respuesta más exacta a la pregunta que todos nos formulamos hoy ¿qué cambia? (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011a)

De este modo, la personalización tanto de la institución como de los destinatarios simula una relación conversacional, personal, informal, solidaria y equitativa, pero, en oposición a esto, presenta una forma legítima de accionar, a modo de un “mandated course of action” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 53). Así, la conversacionalización es la contracara de la reglamentación, siendo ambos rasgos característicos de los géneros de gobierno, penetrados por relaciones sociales simuladas que, podemos argumentar, tienden a mistificar la jerarquía y la distancia social (FAIRCLOUGH, 2003, p. 76). Entendemos el “gobierno” de la familia en dos sentidos: por un lado, se desplaza la responsabilidad de la alfabetización a la esfera privada, individual; al mismo tiempo, sin embargo, es una marca de cómo los sistemas expertos de educadores, pedagogos, psicopedagogos extienden su control sobre la vida privada de las personas volviéndolas más dependientes de las clases directivas y profesionales, y erosionando su capacidad de invención social (LASCH, 1977). El éxito de la alfabetización familiar, privada, depende de cómo se adapte cada familia a los preceptos de los expertos.

6 CONCLUSIONES

Las herramientas teórico-metodológicas del Análisis Crítico del Discurso y el Análisis Crítico de los Géneros nos permitieron analizar los modos de la intertextualidad y la interdiscursividad en dos textos tomados de la página web del PCI para indagar en la interacción entre las prácticas discursivas y las prácticas sociales que configuran la alfabetización digital de las familias.

Los textos analizados explotan recursos genéricos asociados típicamente al libro de texto escolar, pero se apropián (BHATIA, 2008) también de convenciones de otros géneros (como los géneros de gobierno descriptos por FAIRCLOUGH, 2003), que remiten al ámbito político-institucional. Así, los límites entre la práctica de enseñar y la práctica de gobernar aparecen difusos en los textos que analizamos: la práctica de la alfabetización digital, en consecuencia, no implica únicamente instruir sobre la computadora que se entrega, sino también regular comportamientos de los ciudadanos. Los textos analizados convierten en materia de la práctica pedagógica, antes que el aprovechamiento de la tecnología, el “ser buen parente”, por medio de la construcción de una relación jerárquica entre el Estado y los ciudadanos.

La hibridación genérica se evidencia en la tensión entre la abstracción y colectivización de los actores implicados en la alfabetización mediante afirmaciones fácticas que cierran los textos al dialogismo, por un lado, y la apertura al dialogismo mediante la personalización del destinatario, por el otro. No obstante, demostramos que esta personalización sintética (FAIRCLOUGH, 1992) no es resultado de una apertura a la incorporación de otros puntos de vista, sino que se emplea para simular una relación solidaria en las secciones instructionales de los textos.

En la simulación de una relación cercana, la institución se atribuye la reglamentación de la acción de los padres y madres que reciben las computadoras en los hogares, regulando la inserción en la sociedad y en el mundo de los ciudadanos. Sin embargo, predomina en nuestro corpus la representación de la alfabetización digital a partir del cierre a la diferencia (por medio de afirmaciones fácticas), la generalización y la impersonalización, lo que permite que se representen las relaciones interpersonales que constituyen la alfabetización digital como más allá de la relación local entre el PCI y las familias que efectivamente reciben la computadora portátil. No serían las familias argentinas las que ingresan al “nuevo entorno de interacción y convivencia” global, sino “los adultos”, “los niños y adolescentes”, colectivos indeterminados de usuarios y consumidores de tecnología; no sería el Estado argentino, sino Internet, las máquinas mismas, las que amplían “oportunidades de inclusión” a la vez que disponen nuevas reglas para interactuar.

Aquí radica la productividad de la apropiación, por parte del libro de texto, de recursos propios del género de gobierno. Por un lado, se construye a la práctica de la alfabetización como una transmisión de un saber incuestionable de expertos a inexpertos, sobre cómo las máquinas dominan la vida cotidiana de adultos y chicos. Por el otro, se legitima la relación contractual por la cual “los padres” son responsables de cuidar por los equipos portátiles y por la educación de sus hijos en pos del gobierno del hogar por parte de los expertos estatales. Se trata de construir una relación jerárquica de poder/saber que se cimenta en el mayor control sobre la esfera privada y la instrumentalización del discurso público (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Finalmente, el análisis realizado nos permite explorar el papel del discurso en la reproducción o resistencia de relaciones de poder. La “alianza” del emisor institucional con sus destinatarios no implica una relación horizontal, activa, dialogal y crítica entre los actores sociales de la educación (FREIRE, 1997). La pretendida “creatividad” de las familias está subordinada a demandas y reglas que impone el Estado, o que determinan las máquinas. De acuerdo con lo analizado en los textos del corpus, en ningún caso las familias o los estudiantes son agentes más que de reflexiones al interior del hogar, que llevan a su “desarrollo personal”, o en tanto usuarios/consumidores de la tecnología. No se trata de una transformación colectiva, ni una concientización orientada a una relación horizontal, activa, dialogal y crítica entre los actores sociales de la educación (FREIRE, 1997). Antes bien, aparece un discurso marcado por la homogeneización, la monoglosia, la impersonalización y la abstracción, lo que hace que las relaciones entre el lenguaje y las estructuras sociales se vuelvan opacas, poco visibles (MEURER, 2005). En suma, la “alfabetización digital” tal como aquí aparece representada, como una actividad educativa atravesada por el gobierno (de la vida privada/“globalizada”) y la promoción de máquinas para usar y consumir, no constituye sujetos activos, sino espectadores de la “ventana al mundo” que se les ofrece por medio del PCI.

REFERENCIAS

- AGUILAR, P. *El hogar como problema y como solución*. Una mirada genealógica de la domesticidad a través de las políticas sociales. Argentina 1890-1940. Buenos Aires: Ediciones del Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2014.
- ARGENTINA. Decreto 459/2010, de 6 de abril de 2010. Créase el Programa "Conectar Igualdad. Com. Ar" de incorporación de la nueva tecnología para el aprendizaje de alumnos y docentes. Buenos Aires: Presidencia de la Nación, 2010. Disponible en: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/165000-169999/165807/norma.htm>. Último acceso: 10 oct. 2019.
- BERNSTEIN. B. *Pedagogía, control simbólico e identidad*. Madrid: Morata, 1996.
- BHATIA, V. K. Towards critical genre analysis. In: BHATIA, V. K.; FLOWERDEW, J.; JONES, R. (ed.). *Advances in discourse studies*. London; New York: Routledge, 2008. p. 166-177.
- BONINI, A. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 485-510, set./dez. 2010.
- CASTELLS, M. *La ciudad informacional: tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano regional*. Madrid: Alianza, 1995.
- CHOULIARIKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- CONSEJO FEDERAL DE EDUCACIÓN. Resolución CFE N° 123/10. Anexo I. Las políticas de inclusión digital educativa. El Programa Conectar Igualdad. Buenos Aires: Ministerio de Educación, 2010. Disponible en: http://168.83.90.80/consejo/resoluciones/res10/123-10_01.pdf. Último acceso: 10 oct. 2019.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992a.
- FAIRCLOUGH, N. Intertextuality in Critical Analysis Discourse, *Linguistics and Education*, Oxford, v. 4, p. 269-293, 1992b.
- FIGUEIREDO, D. de C.; BONINI, A. Recontextualização e sedimentação do discurso e da prática social: como a mídia constrói uma representação negativa para o professor e para a escola pública. *DELTA - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 759-786, 2017.
- FREIRE, P. *La educación como práctica de la libertad*. México: Siglo XXI, 1997.
- GIDDENS, A. *Consecuencias de la modernidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- GUTIÉRREZ, R. M. El género manual en las disciplinas académicas: Una caracterización desde el sistema de la obligación. *Revista Signos*, Valparaíso, v. 41, n. 67, p. 177-202, 2008.

HODGE, R.; KRESS, G. *Language as ideology*, Londres: Routledge, 1993.

KAPLAN, N. Nuevos desarrollos en el estudio de la evaluación en el lenguaje: la teoría de la valoración, *Boletín de Lingüística*, Caracas, v. 22, p. 52-78, jul./dic. 2004.

LAGO MARTÍNEZ, S. Inclusión digital en la educación pública argentina. El Programa Conectar Igualdad. *Revista Educación y Pedagogía*, Medellín, v. 24, n. 62, p. 205-218, 2012.

LAGO MARTÍNEZ, S. La inclusión digital como inclusión social: el papel de las políticas de Estado. *Revista Horizontes Sociológicos*, Buenos Aires, v. 4, n. 8, p. 79-90, 2016.

LASCH, C. *Haven in a heartless world: the family besieged*. New York: Basic Books, 1977.

MANCEBO, P. F; DIEGUEZ, S. Inclusión digital y ciudadanía en el nuevo orden capitalista: el Programa Conectar Igualdad en perspectiva. In: LAGO MARTÍNEZ, S. (coord.). *De tecnologías digitales, educación formal y políticas públicas: aportes al debate*. Buenos Aires: Teseo, 2015. p. 53-81.

MARTÍNEZ ROMAGOSA, M. El valor del signo netbook en el discurso del programa Conectar Igualdad. *Hipertextos. Capitalismo, Técnica y Sociedad en debate*. Buenos Aires, v. 6, n. 10, p. 151-176, 2018.

MASTRINI, G.; DE CHARRAS, D. 20 años no es nada: Del NOMIC al CMSI. *Anuario Ininco*, v. 17, n. 1, p 217-240, 2005.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

MEURER, J. L. O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 38, p. 155-171, jan./jun 2000.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN. Escritorio Familia de Conectar Igualdad. *Manual de internet*. Buenos Aires, Argentina, 2011a. Disponible en <http://escritoriodefamilias.educ.ar/datos/familias-conectar-igualdad.html>. Último acceso: 20 jun. 2017.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN. Escritorio Familia de Conectar Igualdad. *Uso responsable de las TIC*. Buenos Aires, Argentina, 2011b. Disponible en <http://escritoriodefamilias.educ.ar/datos/uso-responsable-tic-intro.html>. Último acceso: 20 jun. 2017.

MOGUILLANSKY, M.; FONTECOBA, A.; LEMUS, M. Contexto de emergencia de los modelos de inclusión digital Uno a Uno en América Latina. In: BENÍTEZ LARGHI, Sebastián; WINOCUR IPARRAGUIRRE, Rosalía (coord.). *Inclusión digital: una mirada crítica sobre la evaluación del modelo Uno a Uno en Latinoamérica*. Buenos Aires: Teseo, 2016. p. 17-46.

MORALES, S. La apropiación tecno-mediática: acciones y desafíos de las políticas públicas en educación. In: LAGO MARTÍNEZ, Silvia. (coord.). *De tecnologías digitales, educación formal y políticas públicas: aportes al debate*. Buenos Aires: Teseo, 2015. p. 27-52.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros com foco em notícias de popularização da ciência. In: SEIXAS, L., PINHEIRO, N. F. *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 121-145.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 153-171.

RIVOIR, A. Las políticas para la Sociedad de la Información y el Conocimiento en América Latina. Desde una mirada tecnologicista a un enfoque para el complejo. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 27, 2009, Buenos Aires. *Actas*. Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009. p. 31-54.

SILVESTRI, A. *Discurso instruccional*. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

STILLO, M. Los discursos sobre la inclusión digital. Reconsideraciones sobre la Brecha Digital como categoría de desarrollo, *Commons*. Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital, Cádiz, v. 1, n. 1, p. 36-54, 2012.

TOSI, C. El texto escolar como objeto de análisis. Un recorrido a través de los estudios ideológicos, didácticos, editoriales y lingüísticos. *Lenguaje*, Cali, v. 39, n. 2, p. 469-500, 2011.

TRAVIESO, J. L.; PLANELLA, J. La alfabetización digital como factor de inclusión social: una mirada crítica. *UOC Papers*. Revista sobre la sociedad del conocimiento, Barcelona, n. 6, pp. 1-9, abr., 2008.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and Practice*. New York: Oxford, 2008.

WARSCHAUER M.; NIIYA, M. Medios digitales e inclusión social. *Revista Peruana de Investigación Educativa*, Lima, v. 6, p. 9-32, 2014.

WARSCHAUER, M.; AMES, M. Can One Laptop Per Child save the world's poor? *Journal of International Affairs*, v. 64, n. 1, p. 33-51, 2010.

WHITE, P. Beyond modality and hedging: A dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text*, Sydney, v. 23, n. 3, p. 259-284, 2003.

WINNER, L. Cyberlibertarian myths and the prospects for community. *ACM Sigcas Computers and Society*, v. 27, n. 3, p. 14-19, 1997.

WODAK, R. Critical Linguistics and the Study of Institutional Communication. In: STEVENSON, P. (ed). *The German Language and the Real World. Sociolinguistic, Cultural, and Pragmatic Perspectives on Contemporary German*. Nueva York: Oxford University Press, 1997. p. 207-232.



Recibido el 20/11/2019. Aceptado el 03/03/2020.

**FIRMÁ ESTA PETICIÓN:
DISCURSOS A FAVOR Y
EN CONTRA DEL VOTO
EXTERIOR PARA
URUGUAYOS EN
CHANGE.ORG**

**ASSINE ESTE ABAIXO-ASSINADO: DISCURSOS A FAVOR E CONTRA O VOTO
ESTRANGEIRO
PARA OS URUGUAIOS EM CHANGE.ORG**

**SIGN THIS PETITION: FOR AND AGAINST DISCOURSES ON EXTERNAL VOTING
FOR URUGUAYANS ON CHANGE.ORG**

Noelia Carrancio Pasilio*

Universidad de Buenos Aires

RESUMEN: En el presente trabajo analizamos las cinco peticiones digitales sobre el voto exterior para uruguayos, que encontramos en la plataforma Change.org. Desde la perspectiva del Análisis crítico de géneros discursivos (BAZERMAN, 1994; BHATIA, 2004; BONINI, 2011), nos proponemos describir e interpretar el género PETICIÓN DIGITAL como una herramienta de ciberciudadanía actual (CROVI, 2013). En este sentido, sostenemos que las peticiones digitales se asemejan al mecanismo constitucional de iniciativa popular, aunque no posean el mismo poder performativo. Observamos también que son una práctica discursiva *hipergerérica* ya que, además de relacionarse con otros géneros discursivos, se inscriben dentro de un marco mayor de discursividades donde las representaciones sociales esgrimidas en otros ámbitos circulan, influyen y sirven como explicación y justificación de posiciones discursivas en disputa.

* Licenciada en Lingüística de la Universidad de la República (Uruguay), tesista de la Maestría en Análisis del Discurso de la Universidad de Buenos Aires (Argentina), docente de inglés como lengua extranjera. E-mail: noeliacarrancio@gmail.com.

PALABRAS-CLAVE: Petición digital. Voto exterior. Análisis crítico de géneros discursivos.

RESUMO: Neste documento, analisamos as cinco petições digitais sobre o voto dos uruguaios no exterior que encontramos na plataforma Change.org. Da perspectiva da Análise Crítica dos Gêneros Discursivos (BAZERMAN, 1994; BHATIA, 2004; BONINI, 2011), propomos descrever e interpretar o gênero petição digital como uma ferramenta para a ciber-cidadania atual (CROVI, 2013). Nesta linha, mantemos que as petições digitais são semelhantes ao mecanismo constitucional de iniciativa popular, embora não detenham o mesmo poder performativo. Observamos também que são uma prática discursiva hiper-genérica já que, além de estarem relacionadas a outros gêneros discursivos, estão inscritas dentro de um quadro maior de discursividade onde as representações sociais empunhadas em outras esferas circulam, influenciam e servem como explicação e justificação de posições discursivas disputadas.

PALAVRAS-CHAVE: Petição digital. Votação externa. Análise crítica de gêneros discursivos.

ABSTRACT: In this paper, we analyze the five digital petitions on external voting for Uruguayans that we found on Change.org. From the perspective of the Critical Genres Analysis (BAZERMAN, 1994; BHATIA, 2004; BONINI, 2011), we aim to describe and interpret the digital petition genre as a tool for current cyber-citizenship (CROVI, 2013). Thus, we argue that digital petitions are similar to the constitutional mechanism of popular legislative initiative, although they do not hold the same performative power. We also observe that they are a hyper-generic discursive practice since, in addition to being related to other discursive genres, they are inscribed within a greater framework of discursiveness where the social representations wielded in other spheres circulate, influence and serve as an explanation and justification of other discursive positions in dispute.

KEYWORDS: Online petition. External voting. Critical Genre Analysis.

1 INTRODUCCIÓN

En este trabajo articulamos dos temas de renovada vigencia: la habilitación al voto para uruguayos residentes en el exterior y la cibermilitancia en la plataforma digital Change.org. A través del análisis de cinco peticiones, y desde la perspectiva Análisis crítico de géneros discursivos (BAZERMAN, 1994; BHATIA, 2004; BONINI, 2011), procuramos describir e interpretar el género petición digital como una herramienta de expresión de la ciberciudadanía actual (CROVI, 2013). Para ello, tomamos como punto de partida el mecanismo constitucional de iniciativa popular para su comparación. Asimismo, analizamos los discursos que emergen en estas peticiones para indagar acerca de las representaciones sociales sobre los migrantes y el “ser uruguayo” allí presentes para, así, tratar de entender los argumentos a favor y en contra sobre el voto exterior para uruguayos.

La literatura especializada sobre el voto exterior, proveniente de disciplinas como la ciencia política y la sociología, establece que el voto transnacional¹ cristaliza un debate profundo en torno a los elementos constitutivos de la nación —territorio, población y gobierno— (CHELIUS, 2003, 2010; PELLEGRINO, 2003; MORAES MENA, 2009; STUHLDREHER, 2012) en el nuevo escenario de la globalización, lo que obliga a la clase política a reflexionar acerca del alcance de la noción de territorialidad. A esto se suma la discusión sobre la legitimidad de la democracia pluralista y del principio constitucional de igualdad ante la ley. Actualmente, más de la mitad de las democracias del mundo tienen algún mecanismo de voto para sus ciudadanos en el exterior; en América del Sur, solo Surinam y Uruguay no extienden el voto exterior, según indica International IDEA².

En Uruguay, el proyecto más notable y promisorio fue el que culminó con un plebiscito en octubre de 2009, que a su vez coincidía con las elecciones presidenciales nacionales y otro plebiscito de alto impacto histórico y social que proponía la nulidad parcial de la “Ley de Caducidad de la Pretensión Punitiva del Estado”, que impide juzgar las violaciones a los derechos humanos cometidas por

¹ Aunque con especificidades distintas, usaremos a lo largo de nuestro trabajo los sintagmas *voto externo*, *voto en/desde el exterior*, *voto extraterritorial*, *voto transnacional*, *voto consular*, *voto por correspondencia* o *voto epistolar* para dar cuenta al derecho al sufragio a los uruguayos residentes en el exterior.

² El Instituto Internacional para la Democracia y la Asistencia Electoral (IDEA Internacional), en esta ocasión en colaboración con el Instituto Federal Electoral (IFE) de México, disponible en su sitio web <https://www.idea.int/>.

militares y policías durante la dictadura (1973-1985)³. En esa ocasión, la ciudadanía manifestó, a través de las urnas, si estaba a favor o en contra de una enmienda constitucional que habilitara el voto epistolar, o sea, el voto por correspondencia. Los números fueron insuficientes: solo hubo un 37,42 % de votos a favor de la enmienda constitucional. Lejos de aquietar las aguas, la negativa del pueblo uruguayo en la consulta popular de octubre de 2009 disparó una serie de acciones por parte de las organizaciones representativas de los uruguayos residentes en el exterior —llamados Consejos Consultivos (C. C.)— a partir de la Ley 18.250 sancionada en 2008⁴. Desde las principales ciudades europeas, los C. C. se organizaron para presentar, difundir y demandar apoyo de la comunidad internacional, en especial, de las Naciones Unidas y de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos (MERENSON, 2015). Asimismo, en 2011 se creó el colectivo Ronda Cívica por el Voto en el Exterior, se realizaron por primera vez las Jornadas Ciudadanas en Montevideo y se instituyó la plataforma Coordinadora por el Voto en el Exterior/Uruguay, con gran presencia en las redes sociales y en la prensa para incorporar el tema en la agenda política nacional uruguaya.

En suma, la discusión sobre la habilitación al voto para uruguayos residentes en el exterior ha tenido una presencia recurrente en la agenda política uruguaya en los últimos años, a través de las propuestas del partido de coalición Frente Amplio y el colectivo de migrantes Ronda Cívica, aunque el consenso político-legislativo no ha podido ser establecido. En este contexto, nuestra investigación procurará desarrollar una línea de trabajo novedosa en torno al voto exterior. Queremos, a través de nuestro análisis, realizar aportes sobre una polémica en curso y vigente. Nos abocaremos al estudio de una temática poco explorada en su materialidad discursiva, como es la extensión del voto en el exterior en medios digitales para lograr, a su vez, reafirmar la importancia y actualidad del tema de los derechos políticos de los ciudadanos uruguayos en el exterior.

2 LA PERSPECTIVA DEL ANÁLISIS CRÍTICO DE GÉNEROS

Según Bonini (2013), el Análisis crítico de géneros del discurso (de ahora en más, ACG), surge a partir de los aportes teóricos y metodológicos de dos campos: el análisis de géneros (BAZERMAN, 1994) y el Análisis crítico del discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 1995). Bajo esta perspectiva, analizar el lenguaje implica un acto comprometido por parte del analista, quien discute y propone interpretaciones de su objeto de estudio con el fin de atender a la realidad estudiada. Es justamente porque la adjetivación “crítico” proviene de una base marxista que en este marco se presupone un sujeto social con conciencia histórica y, por ende, con una posición política (BONINI, 2013, p. 103).

La noción de género es discutida por gran cantidad de autores y perspectivas teóricas, como el encuadre dialógico, el sistémico funcional y el retórico, por nombrar algunos⁵. En el presente trabajo definimos género según Bajtin ([1997]1953), es decir, como un conjunto de enunciados relativamente estables y convencionales, asociados a una actividad en sociedad. Para el ACG, el género discursivo no está dado a priori; por el contrario, es una práctica en desarrollo. Así, Bathia (2004, pp. 18-22) analiza el discurso a partir de tres dimensiones constitutivas y dialécticamente conectadas: como texto, como género y como práctica social. En palabras de Bathia (2004, p. 20), la noción de discurso como género “[...] extends the analysis beyond the textual to incorporate context in a broader sense to account for not only the way text is constructed, but also for the way it is often interpreted, used and exploited in specific institutional or more narrowly professional contexts to achieve specific disciplinary goals”.

Por lo tanto, según el autor, el tipo de interrogantes dentro de este marco traspasa los límites de lo lingüístico e incorpora factores sociocognitivos y etnográficos. Para Bonini (2011, p. 690), por su parte, el género puede verse como un término medio entre los conceptos de práctica social de Fairclough (2003) y el proyecto enunciativo de Bajtín (1953).

Destacamos dos conceptos usados por el ACG: la *intertextualidad* y la *interdiscursividad* (FAIRCLOUGH, 1992) para dar cuenta de la naturaleza heterogénea de los textos. Mientras que la intertextualidad se detiene en la configuración interna al texto (léxico, gramática, cohesión), la interdiscursividad apunta a la incorporación de los recursos externos al texto, como las prácticas

³ En dichas elecciones, José “Pepe” Mujica logró pasar al balotaje, que un mes después lo consagraría como el nuevo presidente de los uruguayos. Asimismo, ninguna de las dos consultas populares fue aprobada.

⁴ Ley N.º 18.250 en torno a la migración, disponible en <https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp851299.htm>.

⁵ Ver Bajtin (1997 [1953]), Halliday (1985) y Swales (1992), entre otros.

profesionales, culturales y sociopragmáticas, para su estudio. Según Bathia (2007, p. 391-392), tradicionalmente se han analizado los géneros con relación a su naturaleza intertextual; sin embargo, poca atención se les ha dado a los factores externos al texto que nos permiten ofrecer un análisis interpretativo y no únicamente descriptivo. Así, el ACG propone establecer el vínculo entre lo intertextual y lo interdiscursivo para poder explorar más cabalmente las implicancias que la elección de los géneros discursivos como prácticas sociales tienen. Esta perspectiva nos permite vislumbrar que la elección de géneros discursivos no es inocua, sino que es una práctica social en sí misma y por lo tanto persigue propósitos y establece relaciones con instituciones y actores políticos y sociales. Nos interesa también saber/entender cómo esos procesos están relacionados con la producción, distribución y consumo de los textos, particularmente de los géneros (MEURER, 2005).

Como ejemplo de análisis propuesto por el ACG y antecedente pertinente a nuestro trabajo, retomamos brevemente el análisis sobre los discursos de recaudación de fondos (*fundraising discourse*) realizado por Bhatia (2004, 2007) en comparación con los discursos de la publicidad comercial (*commercial advertising*). En dicho estudio se arguye que, si bien ambos parten de ideologías y culturas empresariales distintas, los dos tipos discursivos apuntan a la recaudación de capitales, uno por razones de ayuda social y otro, por lucro. En otras palabras, el discurso filantrópico se mueve a partir de motivaciones desinteresadas y morales, mientras que el comercial es visto como un negocio. No obstante, el autor nos hace notar que, a pesar de estas diferencias de base, existen géneros (por ejemplo, las propuestas de subvención o *grant proposal*) que los ponen en relación, una interdiscursividad que es evidente por varias semejanzas en el uso de los recursos léxicos, gramaticales y retóricos. Este estudio antecedente nos permite preguntarnos acerca de la naturaleza, los límites y tensiones que evoca el género petición. Como ya mencionamos anteriormente, para Bhatia el análisis de la interdiscursividad debe ser central para el ACG.

3 CUESTIONES DE GÉNERO: LAS PETICIONES DIGITALES

Las peticiones son un tipo de texto legal relacionadas al Derecho constitucional, producto del derecho que toda persona individual o jurídica, grupo, organización o asociación ostenta para solicitar o reclamar ante los poderes públicos, por razones de interés público (ENCICLOPEDIA JURÍDICA, 2014). En la actualidad, las peticiones pueden ser creadas y difundidas por internet a través de los servicios de distintas plataformas digitales como Change.org, Avaaz.org, Care2.com o Fundacion38grados.org, por nombrar algunas. En nuestro trabajo nos centraremos en las peticiones de Change.org porque es la plataforma más conocida.

En términos generales, creemos que las peticiones digitales se asemejan a las *iniciativas legislativas populares* (también llamadas iniciativas ciudadanas), mediante las cuales los ciudadanos, amparados por la Constitución, pueden presentar iniciativas de ley ante el parlamento o bien luchar por la preservación o derogación de alguna ley ya existente. Estas iniciativas populares son avaladas por un conjunto de firmas de los ciudadanos de ese país, recolectadas a través del boca en boca, el acercamiento a los ciudadanos en espacios públicos o la invitación de parte de los colectivos organizadores. En Uruguay, los artículos 79⁶ y 331 inciso A⁷ de la Constitución regulan el mecanismo de iniciativa popular. Se establece que la Constitución podrá ser reformada por la iniciativa del diez por ciento de los ciudadanos uruguayos inscriptos en el Registro Cívico Nacional. Las adhesiones al proyecto se recaban mediante la firma de los ciudadanos. Si la Corte Electoral constata que se ha superado ese diez por ciento de adhesiones y que las firmas son válidas, el proyecto podrá ser presentado ante el presidente de la Asamblea General y podrá plebiscitarse en las próximas elecciones nacionales.

⁶ Artículo 79: “El veinticinco por ciento del total de inscriptos habilitados para votar, podrá interponer, dentro del año de su promulgación, el recurso de referéndum contra las leyes y ejercer el derecho de iniciativa ante el Poder Legislativo. Estos institutos no son aplicables con respecto a las leyes que establezcan tributos. Tampoco caben en los casos en que la iniciativa sea privativa del Poder Ejecutivo. Ambos institutos serán reglamentados por ley, dictada por mayoría absoluta del total de componentes de cada Cámara”.

⁷ Artículo 331: “La presente Constitución podrá ser reformada, total o parcialmente, conforme a los siguientes procedimientos: A) Por iniciativa del diez por ciento de los ciudadanos inscriptos en el Registro Cívico Nacional, presentando un proyecto articulado que se elevará al Presidente de la Asamblea General, debiendo ser sometido a la decisión popular, en la elección más inmediata. La Asamblea General, en reunión de ambas Cámaras, podrá formular proyectos sustitutivos que someterá a la decisión plebiscitaria, juntamente con la iniciativa popular”. (Publicada el 02/02/1967).

La semejanza entre la iniciativa popular y la petición digital se da, principalmente, por su poder performativo, ya que se entiende que estas han sido exitosas, en primera instancia, solo si llegan al primer objetivo impuesto: recolectar *n* cantidad de firmas. No obstante, constituyen géneros distintos porque implican prácticas (o actos) diferentes, pues el alcance de su poder performativo no es el mismo. Por un lado, la iniciativa popular es ampliamente reconocida y validada como un mecanismo de las democracias semidirectas; por otro lado, el valor de las firmas digitales puede ser cuestionado por no estar refrendado en textos oficiales de ordenamiento jurídico como la Constitución o los códigos, por nombrar algunos. Como ya dijimos, la Constitución uruguaya requiere un mínimo del diez por ciento de firmas con base a la cantidad de ciudadanos uruguayos inscriptos en el Registro Cívico Nacional. En Uruguay el único tipo de firma electrónica reconocida es la denominada “Firma electrónica avanzada” según la Ley N.º 18.600 de 2009⁸, que implica requisitos electrónicos específicos como son la criptografía asimétrica y los tokens. Es decir, el hecho de acreditar la identidad de un usuario firmante implica complejos sistemas electrónicos no disponibles en plataformas como Change.org. Creemos que este dato no es menor ya que para que el género “exista”, sea un acto discursivo con fuerza performativa, debe ser reconocido como tal y el conjunto de firmas recolectadas en plataformas digitales no contaría con el aval de la ley. En palabras de Bazerman (1994, p. 80): “A textual form which is not recognized as being of a type, having a particular force, would have no status nor social value as a genre. A genre exists only in the recognitions and attributions of the users”.

Para entender las peticiones digitales cabe preguntarse acerca de Change.org. En la sección “Sobre Change.org” de su sitio web, la plataforma se presenta a sí misma como un espacio en el cual “personas de todo el mundo inician campañas, movilizan a otros ciudadanos y colaboran con tomadores de decisiones, para promover soluciones”. De esta presentación se desprenden algunas de sus características: 1) es un espacio de uso público y abierto —ya que los usuarios se autoconvocan para iniciar una demanda, sin restricciones aparentes de género, nacionalidad o inscripción política—, 2) funciona como herramienta de presión social sobre temas diversos y de alcance general o particular, que muchas veces escapan a la agenda política de un barrio, ciudad, país o región⁹, 3) plantea relaciones entre un emisor y varios destinatarios: por un lado, exhorta a la ciudadanía general a tomar partido y acción con su firma y divulgación de la demanda, y por otro lado, vincula la demanda a un destinatario con poder de decisión, ya sea empresas, instituciones o autoridades (“tomadores de decisiones” o “decisores”); y 4) expone metas concretas, cuantificables en firmas. La cantidad de firmas necesaria no está preestablecida, sino que el creador de la petición puede declarar la victoria cuando lo deseé. La plataforma recomienda que sea con más de cinco firmas y cuando se haya “alcanzado un cambio concreto”, según sus “Guías de uso” (<https://guide.change.org/comousarchange>). Cabe notar que esta guía cuenta con seis apartados para orientar al usuario en la creación y difusión de su petición, a saber: “1. Crea tu petición, 2. Comparte tu petición, 3. Construye impulso, 4. Llega a los medios de comunicación, 5. Entabla una conversación con el destinatario de tu petición y 6. Declara victoria”. En los pasos 3, 4 y 5, se recomienda, por ejemplo, preparar fotos, videos y eventos para impulsar la demanda, conseguir la publicación de notas y entrevistas en diarios y revistas sobre la petición, escribir cartas a la edición de un diario o conseguir una entrevista directamente con las organizaciones mencionadas como “decisores”. Así, vemos con claridad dos rasgos de las peticiones digitales: son *hipergénéricas e interdiscursivas*, pues, ponen en acción a múltiples actores, medios de distribución y consumo de las peticiones. Se proyecta que una petición alcanzará su meta solo si se relaciona con otros géneros discursivos, otros actores y otros espacios de discusión. Es decir, a las peticiones digitales subyacen otras voces, otros discursos y, principalmente, otros géneros, que le anteceden o le suceden.

Un análisis crítico del género nos obliga a preguntarnos por las relaciones de poder y dominación que se configuran con el uso de Change.org como una práctica discursiva. Tal y como denuncia la revista *Wired*, Change.org es un negocio lucrativo, que funciona como un motor de búsqueda para empresas interesadas en establecer contacto con potenciales clientes según sus intereses: “Change.org uses this data to serve you petitions you're more likely to be interested in. And, in many cases, it also uses the stuff as a way of pairing you with paying sponsors you're more likely to give money to” (FINLEY, 2013). Uno de los mecanismos utilizados es el envío esporádico de correos electrónicos a las cuentas personales de todos aquellos registrados en la plataforma bajo la premisa: *Aquí hay algunas peticiones populares que quizás te interesen* para fomentar que los usuarios firmen otras peticiones, las compartan en sus redes sociales y elaboren su propia petición, lo que garantiza el flujo de visitas a la plataforma. Esto se materializa intertextual

⁸ Disponible en <https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp3297139.htm>.

⁹ Change.org propone una lista predeterminada de temas para las peticiones, a saber: salud, animales, medioambiente, derecho de las mujeres, justicia económica, tu ubicación, justicia penal, derechos humanos, política, educación, entretenimiento, inmigrantes, derechos LGBT, tecnología, otra.

e interdiscursivamente, por ejemplo, en los criterios para la creación de una petición que vimos más arriba en las “Guías de uso”. Cabe aclarar que, si bien las peticiones se suben gratuitamente, según la explicación de Finley (2013), la empresa hace una gran cantidad de dinero de todos los datos que recoge sobre sus denuncias y los usuarios y lo compara con las estrategias de Google: Change.org da lugar a que las organizaciones se dirijan a potenciales donantes de la misma manera que Google permite a sus clientes dirigirse a los usuarios a través de la publicidad contextual. Y aclara: Change.org trabaja con grandes organizaciones sin fines de lucro que, paradójicamente, manejan grandes cantidades de dinero. Dicho esto, a continuación, analizaremos nuestro corpus para esbozar una idea de las peticiones digitales y delinear las relaciones interdiscursivas que acarrean.

4 FIRMÁ ESTA PETICIÓN: ANÁLISIS DE CORPUS

Nuestro corpus se compone de cinco piezas obtenidas mediante la búsqueda por palabras clave en la plataforma Change.org en octubre de 2018. Ingresamos sintagmas relacionados al eje temático político-electoral que nos interesa, a saber: *voto exterior uruguayo*, *voto exterior Uruguay*, *voto epistolar uruguayo*, *voto epistolar Uruguay*, *voto consular uruguayo* y *voto consular Uruguay* y la búsqueda nos devolvió cinco únicos resultados, dos a favor y tres en contra del voto exterior para uruguayos. (Ver Tabla 1).

N.º	Iniciativa	Título	Publicado por	Dirigido a	Estado	N.º firmas
#1	A favor	<i>Los uruguayos TODOS tenemos derecho al voto</i>	Ronda Cívica por el Voto en el Exterior	Presidencia del Uruguay, Ministerio de Relaciones Exteriores, Comisión de Constitución, Códigos y Legislación	Victoria	5010
#2	A favor	<i>Sí al Voto Consular de Uruguayos en el Exterior</i>	Marta Silveira	El gobierno uruguayo	Cerrada	2529
#3	En contra	<i>No al voto de los uruguayos en el exterior</i>	Cambiar Uruguay	Parlamento uruguayo	Abierta	2697 (al 23/06/2018)
#4	En contra	<i>No al voto exterior en Uruguay</i>	Jorge Azar Gómez	Poder Ejecutivo, Parlamento uruguayo y a los legisladores de los partidos políticos tradicionales	Cerrada	1723
#5	En contra	<i>No al voto consular y/o epistolar</i>	Jorge Azar Gómez	Poder Ejecutivo, Parlamento, partidos políticos y ciudadanos uruguayos	Cerrada	711

Tabla 1: Descripción de corpus

Fuente: Elaboración propia

Si bien nuestro corpus es acotado, al momento de realizar la presente investigación, encontramos la totalidad de casos posibles en las peticiones: tres de ellas están *cerradas* (es decir, ya no pueden ser firmadas), una logró la *victoria* (o sea, alcanzó el objetivo de

firmas) y otra sigue *abierta* (la petición está activa y puede ser firmada). Asimismo, notamos que, si bien las peticiones pueden ser elaboradas por sujetos en forma independiente, sin aparente inscripción política (como en las peticiones #2, #4 y #5) o por agrupaciones políticas (como en las peticiones #1 y #3), siempre son dirigidas a colectivos grandes y abstractos como el gobierno, el parlamento o la ciudadanía. Ahora veamos en detalle algunos rasgos de las peticiones de nuestro corpus.

En todas las piezas de nuestro corpus distinguimos una sección principal y otra periférica. Como base rutinaria de este género, se imponen cuatro secciones, que se corresponden con los pasos a seguir a la hora de subir una petición, a saber: 1) el título, que suele ser corto y conciso y que en sí mismo postula la urgencia del problema y la solución pretendida por el autor de la petición; 2) una foto o video, que representa la demanda a través de recursos extralingüísticos; 3) los interlocutores, es decir, quién propone y a quién se dirige la petición; y 4) el texto, en el que se pretende describir, argumentar y convencer a los lectores con el fin de obtener su adhesión a la petición.

Asimismo, reconocemos dos partes adicionales pero distintivas de este género: 5) el estatus de la petición, es decir, si la petición está abierta o cerrada, cuántas firmas deben juntar o si ya se alcanzó la victoria y 6a) el botón *Firmá esta petición*, mediante el cual se confirma la adhesión a la iniciativa; opcionalmente, se puede argumentar la adhesión (bajo la consigna *Firmo porque...* y mostrar públicamente la firma y el comentario) o 6b) los hipervínculos para compartir la petición con otros usuarios (Facebook, Twitter, correo electrónico o link web). La diferencia entre las opciones 6a y 6b es el estatus de la petición: solo se puede firmar la iniciativa si está abierta y, si ya la petición cerró o el usuario la firmó, puede compartirla. Por último, en la parte inferior de cada petición se abre un espacio de debate, en el que otros usuarios escriben comentarios u opiniones. Estas últimas secciones se imponen una vez creada la petición, sin intervención de su autor.

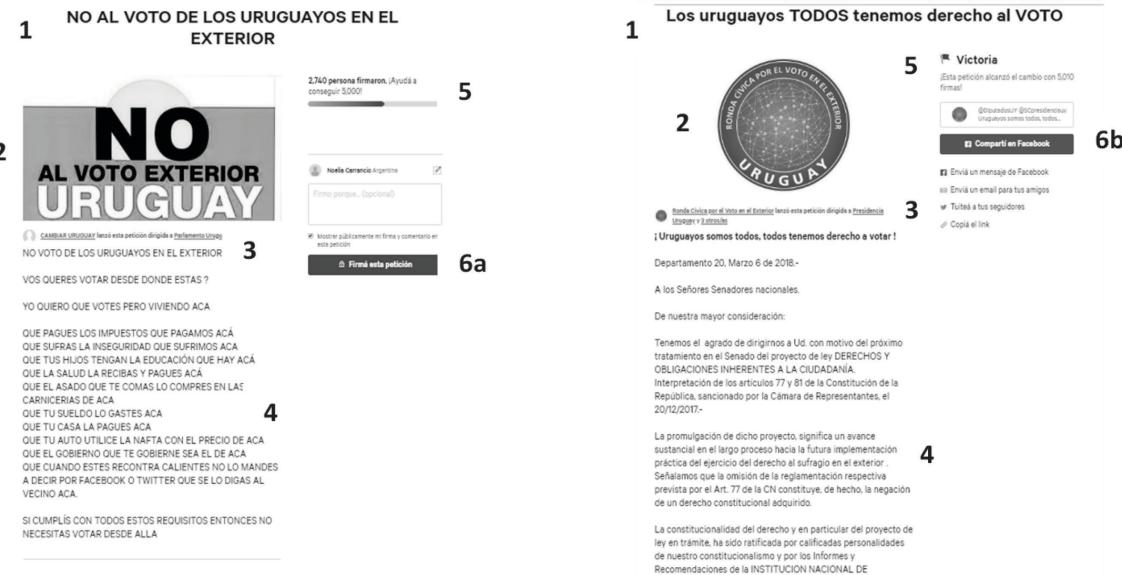


Imagen 1: Partes constitutivas del género petición digital (ejemplo: petición 3 y petición 1)

Fuente: Change.org

Una vez que el usuario firmó, la petición le brinda dos nuevas opciones: puede compartirla en sus redes sociales o donar dinero a la causa, como vemos en las imágenes 2 y 3:

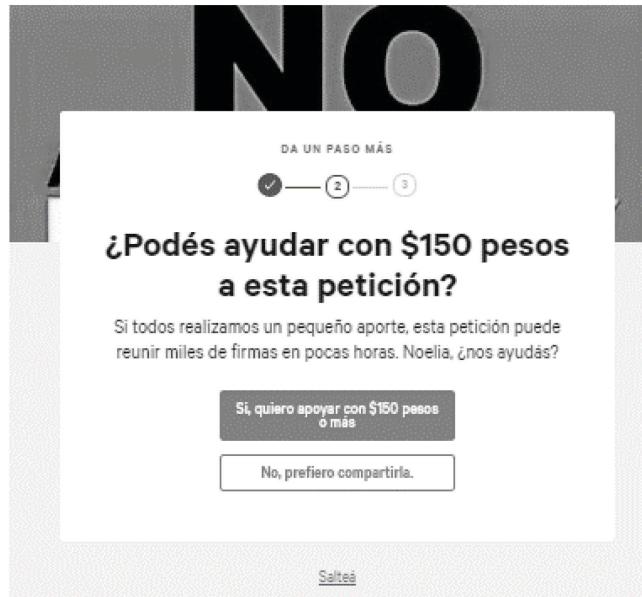


Imagen 2: Opción de donación

Fuente: Change.org

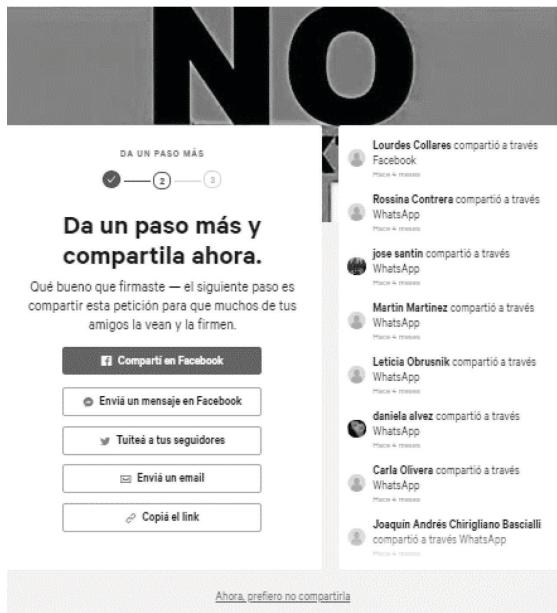


Imagen 3: Opción de compartir

Fuente: Change.org

Cabe aclarar que estas dichas secciones son de suma importancia para el género porque dan la pauta de cómo este y la demanda (en simultáneo) circulan, con el fin de juntar adhesiones, adquirir visibilidad y, paralelamente, brindarle datos a la plataforma. De alguna manera, la práctica de compartir en redes sociales se asemeja a la práctica del boca en boca típica de las iniciativas ciudadanas, que mencionamos más arriba.

Como ya dijimos, las peticiones de la plataforma Change.org se hacen exclusivamente en el ámbito virtual, generando vínculos y adhesiones a través de las diversas maneras que la web nos ofrece (correo electrónico, plataformas, redes sociales) y es justamente la

disponibilidad y el fácil acceso lo que hace que estas peticiones se sigan creando y difundiendo. La cuestión del soporte de un género merece un escrito entero, pero en este trabajo nos limitaremos a resaltar la importancia del soporte digital para nuestro género. El soporte elegido es imprescindible para que el género circule. Queda la pregunta pendiente sobre si este género, dadas las condiciones actuales, exige y determina el soporte, o si es justamente el soporte el que establece la distinción de género (MARCUSCHI, 2003, p. 9). En nuestro análisis entendemos al género petición digital como un *hipergénero*, es decir, un conjunto de géneros que componen una unidad mayor (BONINI, 2011). Por un lado, Bazerman (1994, p. 95-96) hace notar que la actividad legal implica una red de géneros interrelacionados, en el cual uno surge en respuesta de otro(s). Entendemos entonces que, desde su concepción, las peticiones digitales involucran interdiscursivamente otra serie de géneros porque le subyacen otras voces, otros discursos y, principalmente, otros géneros, que tanto le anteceden o le suceden (independientemente del éxito de la petición), por ejemplo, cartas, manifiestos, textos argumentativos y polémicos. Recordemos que estas peticiones juntan firmas como un paso necesario para poder luego hacerles conocer un hecho o un estado de cosas a los poderes públicos (en este caso) e incluso reclamar su intervención, acto que implicará nuevos géneros discursivos. Por otro lado, la relación con otros géneros discursivos se da al interior de las peticiones digitales ya que, si bien hay ciertos elementos rutinarios y estables como explicamos en la imagen 1, la parte argumentativa puede adoptar las formas y contenidos que cada usuario desee y considere más adecuado para lograr su objetivo. Así, algunos pueden optar por imágenes contundentes, otros por una carta a la ciudadanía y otros, por una anécdota personal. Veamos esta parte en detalle en nuestro corpus.

N.º	Iniciativa	Título	Premisa	Características discursivas generales	Ejemplos
#1	A favor	Los uruguayos TODOS tenemos derecho al voto	“¡Uruguayos somos todos, todos tenemos derecho a votar!”	<ul style="list-style-type: none"> • Ethos de objetividad y experiencia. • Actitud legitimadora para funcionar como garante. • Uso de fuentes constitucionales y legislativas. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Señalamos que la omisión de la reglamentación respectiva prevista por el Art. 77 de la CN constituye, de hecho, la negación de un derecho constitucional adquirido.” • “La constitucionalidad del derecho y en particular del proyecto de ley en trámite, ha sido ratificada por calificadas personalidades de nuestro constitucionalismo y por los Informes y Recomendaciones de la INSTITUCION NACIONAL DE DERECHOS HUMANOS Y DEFENSORIA DEL PUEBLO.” • “El derecho a sufragar es patrimonio de toda la ciudadanía, no tiene divisas , es de todos los orientales sin distinción de pertenencias partidarias, ni lugar de residencia.”
#2	A favor	Sí al Voto Consular de Uruguayos en el Exterior	“Yo no pude votar”	<ul style="list-style-type: none"> • Oscilación entre sujeto colectivo e individual. • Vacilación entre ethos de objetividad y ethos de afectividad. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Más de 300.000 uruguayas y uruguayos, desde hace 30 años a cada elección democrática NO PUEDEN VOTAR, siendo obligatorio el voto.” • “Yo declaro ser una de las personas, que no puede votar por falta de dinero.” • “El Uruguay debe poner fin a esta escandalosa discriminación y violación del principio republicano de igualdad.”

#3	En contra	No al voto de los uruguayos en el exterior	"Yo quiero que votes pero viviendo acá"	<ul style="list-style-type: none"> • Argumentación por el pathos. • Proyección de sentimientos de hartazgo, ira e injusticia. • Uso de recurso tipográfico para modalizar los enunciados. • Ejemplos de la vida cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> • “QUE PAGUES LOS IMPUESTOS QUE PAGAMOS ACÁ.” • “QUE SUFRAS LA INSEGURIDAD QUE SUFRIMOS ACA.” • “QUE TUS HIJOS TENGAN LA EDUCACIÓN QUE HAY ACÁ.” • “QUE LA SALUD LA RECIBAS Y PAGUES ACÁ.”
#4	En contra	No al voto exterior en Uruguay	"El pueblo ya se manifestó en contra"	<ul style="list-style-type: none"> • Argumentación polémica y descalificadora del otro. • Uso recurrente de subjetivemas de polaridad negativa. • Ejemplos de la vida cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> • “PISOTEANDO LA CONSTITUCIÓN Y NUESTRA DECISIÓN SOBERANA , AHORA QUIEREN IMPOSER EL VOTO DESDE EL EXTERIOR POR LEY.”
#5	En contra	No al voto consular y/o epistolar	"El pueblo ya se manifestó en contra"	<ul style="list-style-type: none"> • Argumentación polémica y descalificadora del otro. • Uso recurrente de subjetivemas de polaridad negativa. • Ejemplos de la vida cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> • “El gobierno y su partido político, caprichosamente insiste en imponer el voto consular y epistolar, pese a que el pueblo ya se manifestó en contra del mismo.” • “Ya debimos soportar la embestida de los uruguayos que viven en el exterior y llegaron a Uruguay para depositar el ‘Voto Buquebús’ y de inmediato retornar para disfrutar su residencia fuera del Uruguay.” • “LUCHEMOS DESDE YA CONTRA ESTE ATROPELLO A NUESTRA DECISIÓN SOBERANA YA LAUDADA. ¡¡¡ JUNTOS PODEMOS !!!”

Tabla 2: Posiciones discursivas en disputa

Fuente: Elaboración propia

En la petición #1 se propone una carta con un gran despliegue de conocimientos legales dirigidos hacia su destinatario (el parlamento uruguayo) y no a quienes adhirieran a la demanda con su firma. La carta se dirige a los Senadores uruguayos y está firmada no solo por los Consejos Consultivos y los colectivos que adhirieron a la demanda, sino también por individuos (con nombre y apellido) que avalan la iniciativa. El sujeto de la enunciación proyecta un ethos de objetividad y de experiencia jurídica y política al citar artículos concretos de la Constitución uruguaya y desplegar una serie de argumentos de corte constitucional. En este sentido, apoyarse en la Constitución uruguaya como justificación de sus argumentos funcionaría como una presentación irrefutable de sus aseveraciones dado que el mandato constitucional, en un Estado de derecho, es la norma de más alta jerarquía. Este hecho no es azaroso, sino que intenta posicionar al colectivo Ronda Cívica¹⁰ como una voz válida para presentar una petición ante los distintos

¹⁰ Los representantes de Ronda Cívica son, en su mayoría, hombres de más de 50 años que residen legalmente en el exterior hace más de veinte años, como mínimo un promedio de dos décadas de residencia legal en el exterior, quienes tienen la posibilidad real “de entrevistarse con funcionarios estatales y políticos de alto rango.

organismos que mencionan como decisores: presidencia, Ministerio de Relaciones Exteriores y el parlamento. Resulta interesante que la petición de Ronda Cívica sea firmada por un colectivo en forma de coalición, integrada no solo por los ciudadanos uruguayos residentes en el exterior, sino por una larga lista de asociaciones y plataformas que adhieren y legitiman su demanda. Pero para que la demanda cobre aún más fuerza, apelan a organismos de mayor porte internacional como las Naciones Unidas, la Institución Nacional de Derechos Humanos y Defensoría del pueblo, y se inscriben en luchas internacionales con reivindicaciones similares, como la articulación con la Red Chilena por el Voto Sin Condiciones, mencionados al pie de la petición. Notamos que grupos como Ronda Cívica se ven ante la necesidad de identificar e inscribir su demanda en marcos institucionales y geográficos mayores afines a su propia demanda. Creemos que esta actitud legitimadora puede servir de garante para todos aquellos que firman la petición y la embiste de la seriedad necesaria para una recolección de firmas dirigida al parlamento. No en vano, esta es la única de las peticiones analizadas que alcanzó el objetivo planteado de recolectar más de 5000 firmas.

En la petición #2 la parte argumentativa adopta rasgos del género manifiesto que se mueve entre la primera personal singular “yo no pude votar” y la primera persona plural “nosotros los uruguayos que no podemos votar”. Más allá de moverse en un mundo afectivo de pasiones, el sujeto se muestra conocedor de la demanda y la situación de los uruguayos en el exterior, ubicándose a sí mismo dentro de este último grupo. Su interlocutor es claro: el Estado uruguayo, a quien acusa de marginalizar a los migrantes uruguayos al no reconocer su derecho al voto. A pesar de que no cita sus fuentes como en la petición #1, en este texto se presentan cifras y se apela a los derechos ciudadanos inherentes a todos los uruguayos. Este es un texto oscilante, ya que por un lado varía entre la identificación con un sujeto colectivo y uno individual y por el otro, se mueve entre un ethos de objetividad y otro de afectividad.

Las peticiones #3, #4 y #5, todas en contra del voto exterior, se parecen más a una proclama política o una lista de requisitos necesarios para poder votar. La petición #3, por ejemplo, recurre a la intimación directa del ciudadano residente en suelo uruguayo y propone imágenes con las que fácilmente los firmantes de la petición puedan identificarse. Bajo la premisa “Yo quiero que votes pero viviendo aca”, el texto enumera una serie de derechos, obligaciones y experiencias en apariencia vinculantes con la idea de ciudadanía: ganar un sueldo, pagar los impuestos, ir a la escuela, comprar en la carnicería, sufrir inseguridad. Se proyecta la idea de “vivir” y “sufrir” como formas de ganarse el derecho al voto. Si bien afirma en la primera cláusula de su premisa que desea el voto para todos, este se presenta como un deseo con restricciones de índole territorial, que lingüísticamente se vislumbra en la conjunción *pero*. Subyacen dos discursos a esta enumeración: por un lado, que los derechos y obligaciones ciudadanas (y sus consecuencias) están arraigadas en un territorio pensado desde el punto de enunciación del emisor, “acá”, es decir, en suelo uruguayo; por otro lado, los que están “allá” viven mejor que los que están “acá” y por eso sería injusto que votasen en un lugar y no “sufrieran” las consecuencias de su voto. Creemos que no es arbitrario que en la lista se enumeren temas como la salud, la educación, la economía y la seguridad, ya que son temas sensibles y que preocupan a la sociedad uruguaya actual. Más que por la vía del logos, se persuade con recursos pathémicos que buscan suscitar en el lector sentimientos de ira e indignación que lo identifiquen y lo lleven a firmar la petición. Desde el inicio del texto, ciertos sintagmas y perífrasis verbales aspectuales proyectan un sentimiento de hartazgo, enojo y hasta indignación del sujeto que enuncia, que se refuerza tipográficamente por el uso exclusivo de mayúsculas. Los textos #4 y #5, muy similares entre sí y propuestos por el mismo ciudadano (que llamaremos por sus iniciales J.A.Z), son más extensos y se asemejan más a textos de opinión, que optan por la descalificación y el repudio del otro. A lo largo de los dos textos, hay un gran número de subjetivemas expresivos y evaluativos de polaridad negativa (“pisotear”, “caprichosamente”, “paradoja”, “embestida”, “atropello”). Sin embargo, no todos los enunciados del discurso son descriptivos de un estado de cosas o de sus juicios de valor; la proclama posee un grado de performatividad dada por los verbos que intiman al destinatario, que en este caso es el usuario que firma (y no los parlamentarios a quien la petición se dirige), a tomar acción, a modo de eslogan: “LUCHEMOS DESDE YA CONTRA ESTE ATROPELLO A NUESTRA DECISIÓN SOBERANA YA LAUDADA. ¡¡¡JUNTOS PODEMOS!!!”. Así, el sujeto carga afectivamente sus aserciones, convirtiéndose en actos de intimación a través de formas perifrásicas en modo subjuntivo que pueden ser interpretadas por un lado como una expresión de deseo, pero, sobre todo, como un imperativo. Creemos que la repetición de las estructuras gramaticales, el uso exclusivo de las mayúsculas y la presentación de imágenes de la vida cotidiana de cualquier ciudadano (pagar impuestos, comprar en la carnicería, cargar nafta al auto) son recursos lingüísticos y tipográficos usados en

visitar instituciones públicas y empresas privadas y de debatir en talleres y reuniones plenarias una serie de iniciativas en materia de comunicación, gestión cultural y cooperación internacional” (MERENSON, 2015b, p. 220). De esta descripción se desprende que no cualquier sujeto uruguayo y migrante puede participar de esos encuentros. Al ser un hecho de porte político se requiere de recursos económicos (que les permitan, por ejemplo, financiar sus viajes) y de un “estatus legal que, en principio, reúnen quienes evidencian grados significativos de incorporación a las ‘sociedades receptoras’”.

función del pathos, como manifestación de las emociones, cuya fuerza enunciativa busca deslegitimar la demanda a favor del voto exterior.

5 PETICIONES DIGITALES Y CIBERCIUDADANÍA

Ahora bien, ¿qué papel juegan las peticiones digitales en la demanda por el voto exterior? En otras palabras, ¿son las peticiones en línea una nueva forma de participación ciudadana? Para reflexionar sobre esta cuestión, retomaremos las ideas de la investigadora mexicana Delia Crovi (2013, p. 16), quien distingue cuatro parámetros básicos de la ciudadanía digital (o ciberciudadanía o e-ciudadanía): 1) el acceso a la tecnología; 2) la alfabetización digital; 3) el ejercicio de las responsabilidades como e-ciudadano, y 4) el ejercicio de la ciudadanía dentro del marco tecnológico.

Asimismo, Crovi (2013, p. 19) sostiene que para que la ciberciudadanía tenga lugar hay que

[...] recuperar todas las voces, representar a distintos grupos, intereses y temas, más allá de los límites del Estado, y confrontar con sus discursos a los sistemas mediáticos hegemónicos. De manera destacada, [se] debe también propugnar por eliminar inequidades en el acceso tecnológico y cultural a los nuevos medios, ya que de no hacerlo estaría creando espirales de exclusión sobre otros temas y prácticas que incidirán en el ejercicio libre y democrático de la ciudadanía.

Change.org se presenta a sí mismo como una herramienta ideal para el ejercicio de la ciudadanía digital ya que funciona como un espacio que aglutina y fomenta la discusión pública, o sea, la argumentación y la polémica sobre temas de interés para los ciudadanos con presencia digital. Esta herramienta, al igual que otras redes sociales, permite construir la idea de acción comunitaria a base de *likes* o, en este caso, de firmas que otorgan victorias. Se visibilizan temas desde el punto de vista ciudadano, quien no necesariamente está representado por una agrupación política. En este sentido, Crovi (2013, p. 19) explica que “el modelo comunicativo de los nuevos medios digitales no solo ha alcanzado el viejo anhelo de lograr una comunicación de doble vía, participativa, con alternancia en los lugares que ocupan emisor y receptor, sino que, al obviar la antigua dependencia de los medios tradicionales, crea al margen de ellos circuitos efectivos para comprender y explicar la realidad”.

No obstante, para algunos círculos no sería una herramienta central de las democracias participativas, ya que, como dijimos anteriormente, podría carecer de la fuerza performativa que sí ostentan otras prácticas de participación popular. Es cuestionable el alcance y penetración de los temas propuestos en las peticiones, así como la receptividad que obtienen por parte del sistema político, que suele ser conservador y reticente a nuevos géneros como este, más que nada, porque no está regulada por instituciones o documentos nacionales (la Corte Electoral o la Constitución, respectivamente), como sucede con las iniciativas legislativas populares. En otras palabras, el contexto sociopragmático (actores, lugares y objetivos) es determinante a la hora de identificar el género petición digital y diferenciarlo de otras herramientas avaladas constitucionalmente.

Desde la perspectiva del ACG las peticiones digitales pueden analizarse como una herramienta para reafirmar la identidad de los sujetos y compartirla con quienes piensan como ellos. De esta manera, encontramos distintos discursos sobre qué es ser uruguayo y qué derechos cívicos se puede tener según se esté a favor del voto exterior o no. Así, podemos ver a este tipo de espacios de la misma manera que Bazerman (2002) analiza los sitios web políticos amateurs: como una manera de imaginarse a sí mismo como un sujeto políticamente participativo, que no tiene que estar demasiado atento a las consecuencias concretas de su participación; en muchos casos ni siquiera las hay. Según este autor, “The locale of such talk is clearly outside more official political talk, outside the beltway so to speak, but it is clearly contextually and intertextually related to the public circulation of news and commentary” (BAZERMAN, 2002, p. 28). Y también de demandas sociales. No obstante, en casos como el del colectivo Ronda Cívica, Change.org sería una herramienta más de difusión de su demanda y no la única vía de llegada a los círculos de poder donde las cuestiones que afectan a la

sociedad se debaten y se deciden. Otras de sus herramientas incluyen redes sociales como Facebook¹¹, cartas abiertas en prensa o reuniones con sectores políticos, entre otros.

6 URUGUAYOS ¿SOMOS TODOS? REPRESENTACIONES ENTORNO A LOS MIGRANTES URUGUAYOS EN LAS PETICIONES DE CHANGE.ORG

Finalmente, vale preguntarse acerca de las representaciones sociales que se establecen en las peticiones, es decir, sobre quién tiene o no tiene derecho al voto. Someramente, podemos decir que la constante negativa a la iniciativa por parte del pueblo uruguayo en las urnas obligó a los colectivos a revisar y subrayar los aportes que la comunidad residente en el exterior hace al Uruguay en general. Por un lado, las peticiones en contra del voto exterior propician una mirada “demonizadora” del estatus de los ciudadanos uruguayos residentes en el exterior. Así en las peticiones #3, #4 y #5 se apela a la doxa, poniendo en funcionamiento una idea de migrante como un desertor, alguien a quien ya no conoce “la realidad” de su país de origen, no sufre las consecuencias de su voto y vive mejor que los que se quedaron. Este eje argumentativo, de algún modo, se apoya en un aspecto del *lugar de la persona* de la Retórica clásica. Cuando Quintiliano organiza el tópico de la persona, señala que uno de los rasgos es el del pueblo al que pertenece la persona: “El pueblo: toda raza tiene sus costumbres y no es creíble que el comportamiento de un bárbaro sea idéntico al de un romano o griego” (V, X, 23), y establece que no es lo mismo el que se queda en el territorio que el que se va. Hay un fuerte discurso nacionalista, territorial y defensivo al exterior que subyace a la postura del no, que se traslucen en la serie de características exigidas al ciudadano residente en el exterior: no alcanza con haber nacido en Uruguay, sino que tiene que “padecer”, “sufrir” y llevar determinado estilo de vida, que no podría ser mejor al de los uruguayos residentes en el país. Así, cada enunciado crea una representación de ciudadano residente en el exterior “ideal”, que impone una visión del deber ser del residente en el exterior y pretende dar cuenta de sus obligaciones primero, para poder luego determinar si son “merecedores” del derecho al voto. Desde un análisis crítico entendemos que son argumentos mistificadores marcados por un interdiscurso fuertemente patriótico y nacionalista.

Por otro lado, las peticiones a favor de la demanda proponen una mirada positiva de los uruguayos residentes en el exterior, reivindicando su estatus de ciudadanos uruguayos, así como su rol agente y de promotores de cultura e intercambio comercial. El eslogan “uruguayos somos todos, todos tenemos derecho a votar” de la petición #1 puede analizarse en dos partes. La primera, “uruguayos somos todos”, diluye la demanda primordial del voto porque pone el énfasis en una idea más abstracta y “abarcativa”, con la cual otros colectivos y, principalmente, la ciudadanía general pueda sensibilizarse. Observamos entonces que el eslogan escogido revela discursos en tensión acerca del “ser uruguayo”, idea que intenta ser salvada a través de operaciones hegemónicas por parte de los colectivos de migrantes apoyados por el gobierno uruguayo, que buscan “completar el vacío” con su perspectiva ideológica, que cuestiona los límites de la territorialidad de la nación uruguaya y el alcance de la legislación. Es recién en la segunda parte del eslogan, “todos tenemos derecho a votar” en donde la demanda se hace efectiva. Insistimos en el hecho de que el orden de estos sintagmas es significante. Con el primero, se establecen los límites de la identidad del colectivo y de la demanda; con el segundo, se materializa la causa. Recordemos que la identidad se concibe en este marco como un efecto del discurso. El sujeto aparece como actor político en la medida en que va construyendo su discurso con relación a otros. Bien sabemos que lo opinable y lo argumentable está regulado: no se puede decir u opinar cualquier cosa, sino que existen modos legítimos y legitimados para los temas y las ideas que se discuten en el ámbito social. Sin lugar a duda, el eslogan analizado da cuenta de discursos y contra discursos, a partir de los argumentos del sí y los argumentos del no al voto exterior. En esa medida, el discurso se convierte en un elemento determinante de las acciones sociales y en la emergencia de los movimientos sociales que las llevan a cabo. En estas peticiones, por lo tanto, no se discute el voto exterior en sí mismo desde un punto de vista jurídico o administrativo, sino que debaten y construyen representaciones de fondo sobre los migrantes y el “ser uruguayo”, los límites y alcances de la nación y la ciudadanía.

¹¹ Ver <https://www.facebook.com/groups/rondacicavotoexterior/>

7 CONSIDERACIONES FINALES

En nuestro análisis intentamos acercarnos a una descripción e interpretación de las peticiones digitales de la plataforma Change.org en el contexto de la demanda por el voto exterior para uruguayos, que actualmente se encuentra en debate. El trabajo desde la perspectiva del ACG nos permitió entender al género en sí mismo como una práctica discursiva dentro de un marco mayor que implica relaciones con otros géneros. En particular, trazamos semejanzas y diferencias entre las peticiones digitales y las iniciativas legislativas populares y concluimos que, como géneros discursivos distintos, su mayor diferencia radica en el alcance de su fuerza performativa en Uruguay: mientras que las iniciativas legislativas populares están definidas en la Constitución Nacional Uruguaya y tienen poder como mecanismo de acción política, podemos cuestionar el alcance y el reconocimiento de las peticiones digitales a la hora de ser presentadas a los grupos decisores por no contar con aval legislativo o constitucional. Esto implica que se relacionen de forma distinta con las instituciones y sujetos políticos y, por ende, constituyan otro tipo de práctica social. No obstante, entendemos que la elección del género discursivo petición digital no es azarosa: los usuarios pueden adoptarla como una herramienta de la ciberciudadanía para reafirmar su identidad e intereses y compartirlos con quienes piensan como ellos.

En nuestro recorrido, observamos que las piezas que componen nuestro corpus ostentan un grado de performatividad ya que interedian al lector y buscan que este no solo tome partido sobre la causa (a favor o en contra del voto exterior) sino que actúe firmando la petición y difundiéndola con su red de contactos. Para lograrlo, se nota una clara presencia de la subjetividad, que se traduce lingüísticamente en las marcas de primera persona singular y plural en verbos y pronombres, en la construcción de una isotopía marcada por los conceptos de hartazgo y enojo y subjetivemas expresivos y emocionales, sobre todo para construir las representaciones de sus adversarios, en las demandas en contra y en la defensa de derechos constitucionales en las que están a favor. Lejos de constituir rasgos particulares de las peticiones digitales, dichas características dan cuenta de la relación hipergénérica de las peticiones digitales; es decir, las relaciones que un género establece con otros para componer una unidad mayor. Las peticiones digitales involucran interdiscursivamente otra serie de géneros porque le subyacen otras voces, otros discursos y, principalmente, otros géneros, que tanto le anteceden o le suceden.

Muchas interrogantes nos quedan, principalmente sobre las relaciones hegemónicas que el uso de este tipo de plataformas (privadas y con intereses económicos) impone. Nos preguntamos, por ejemplo, si las peticiones que allí se albergan representan a un sector en particular de la sociedad (los cibermilitantes o agrupaciones políticas ya constituidas) y si efectivamente son reconocidas como un mecanismo de presión social por las autoridades a las que estas peticiones son dirigidas, más allá de carecer de estatus legislativo. Sin embargo, resaltamos su valor como herramienta de la ciberciudadanía, práctica que creemos aún sigue en desarrollo, al menos en Uruguay.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. Por una retórica del dissensus: las funciones de la polémica. In: MONTERO, A. S. (comp.). *El análisis del discurso polémico. Disputas, querellas y controversias*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2016. p. 25-38.
- BAZERMAN, C. Systems of genres and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWEY, P. (eds.). *Genre and the new rhetorics*. Londres: Taylor & Francis, 1994.
- BAZERMAN, C. Genre and Identity: Citizenship in the Age of the Internet and the Age of Global Capitalism. In: COE, R. LINGARD, L. TESLENKO, T (ed.). *The Rhetoric and Ideology of Genre. Strategies for Stability and Change*, 2002. p. 13-37.
- BHATIA, V. K. Towards critical genre analysis. In: BHATIA, V. K.; FLOWERDEW, J.; JONES, R. H. (ed.). *Advances in discourse studies*. Londres; Nueva York: Routledge, 2008. p. 13-37.

BHATIA, V. K. Interdiscursivity in Critical Genre Analysis. In: BONINI, A., FIGUEREIDO, D. C., RAUEN, F. (org). *In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON GENRE STUDIES (SIGET), 4. Proceedings from the...* Tubarão: UNISUL, v. 1, 2007.

BHATIA, V. K. Perspectives on written discourse. In: BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse: A genre-based view*. Londres: Continuum International, 2004. p. 3-26.

BONINI, A. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L., PINHEIRO, N. (org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.

BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista brasileira de linguística aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

CALDERÓN CHELIUS, L. *Votar en la distancia: la extensión de los derechos políticos a migrantes, experiencias comparadas*. México: Instituto Mora, 2003.

CANO, C. Change.org: Participación y ciudadanía digital. *Revista Zócalo*, 2015. Disponible en: <http://www.revistazocalo.com.mx/archivo/45-zocalo/7040-change-org-participacion-y-ciudadania-digital.html>. Recuperado el: 4 jun. 2018.

CHANGE.ORG. Disponible en: https://www.change.org/start-a-petition?source_location=homepage_large_button.

CROVIDRUETTA, D. Escenarios para pensar la ciudadanía digital. *Estudios de comunicación y política*, 31, 11-20, 2013. Disponible en: <http://ccdoc.iteso.mx/acervo/cat.aspx?cmn=browse&id=6651>. Recuperado el: 17 jun. 2018.

ENCICLOPEDIA JURÍDICA, 2014. Disponible en: <http://www.encyclopedia-juridica.biz14.com/inicio-encyclopedia-diccionario-juridico.html>. Recuperado el: 23 jun. 2018

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FINLEY, K. Meet Change.org, the Google of modern politics. *Wired business*, 2013. Disponible en: <https://www.wired.com/2013/09/change-org/>. Recuperado el: 4 de jun. 2018.

MERENSON, S. El “exilio” uruguayo en Argentina: intersecciones entre memoria, ciudadanía y democracia. *Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, n. 98, 2015a.

MERENSON, S. Del “exilio” a la “diáspora”. Lenguajes y mediaciones en el proceso de diásporización uruguaya”. *Horizontes antropológicos*, n. 43, 2015b. Disponible en: <http://horizontes.revues.org/905>. Recuperado el: 27 dic. 2017.

MEURER, J. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. San Pablo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

MORAES MENA, N. "El voto que el alma no pronuncia": un análisis de las movilizaciones y los discursos sobre el derecho al voto de los uruguayos en el exterior. In: ESCRIVÁ, Á., et al. (ed.). *Migración y participación política. Estados, organizaciones y migrantes latinoamericanos en perspectiva local-transnacional*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2009. p. 103-123.

QUINTILIANO, M. F. *Instituciones oratorias*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004. Disponible en: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/instituciones-oratorias--0/html/fffbc2d6-82b1-11df-acc7-002185ce6064_45.html#I_74_. Recuperado el: 23 jun. 2018.

URUGUAY. Constitución de la República. Montevideo: Centro de Información Oficial (IMPO), 1967. Disponible en: <https://www.impo.com.uy/bases/constitucion/1967-1967>. Recuperado el: 23 jun. 2018.



Received on 26/11/2019. Accepted on 13/02/2020.